



**SOCIEDADE BRASILEIRA
DE PATOLOGIA**

A HISTÓRIA DA PATOLOGIA NO BRASIL

EDITORES

**MARCELLO FABIANO DE FRANCO
FERNANDO AUGUSTO SOARES**

**1ª EDIÇÃO
2001**



Biogen Ltda.
Tel.: (0xx11) 3097-9757



Livraria Científica Ernesto Reichman
Tel.: 0800.12.14.16



**LUPE – Indústria e Comércio de
Equipamentos Hospitalares Ltda.**
TEL.: (0XX11) 3271-7559 / 3277-1888



Metalúrgica OMA Ltda.
TEL.: (0XX11) 3862-6427

Os Editores agradecem o apoio destas empresas,
fundamental para a viabilização deste livro.

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NO BRASIL

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA

EDITORES

Marcello Fabiano de Franco

Professor Titular

Departamento de Patologia

Escola Paulista de Medicina – Universidade Federal de São Paulo

Fernando Augusto Soares

Professor Doutor e Médico Patologista

Diretor do Departamento de Anatomia Patológica

do Centro de Tratamento e Pesquisa do Hospital

do Câncer A.C. Camargo. São Paulo, SP

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NO BRASIL
SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA

Editores

Marcello Fabiano de Franco
Fernando Augusto Soares

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro
sem a permissão escrita da Sociedade Brasileira de Patologia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A História da patologia no Brasil / editores

Marcello Fabiano de Franco, Fernando Augusto
Soares. -- São Paulo : Sociedade Brasileira
de Patologia, 2001.

Vários colaboradores.
Bibliografia.

1. Patologia - Brasil - História I. Franco,
Marcello Fabiano de. II. Soares, Fernando
Augusto Soares.

01-2109

CDD-616.070981
NLM-QZ 11

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Patologia : Medicina : História
616.070981

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA
GESTÃO 1999-2001

Diretoria Executiva (Biênio 1999-2001)

Presidente: Fernando Augusto Soares (SP)

Vice- Presidente para Assuntos Acadêmicos: José Vassallo (SP)

Vice- Presidente para Assuntos Profissionais: Luiz Fernando Bleggi Torres (PR)

Secretário Geral: Evandro Sobroza de Mello (RS)

Secretário Adjunto: Alexandre de Oliveira Salles (RN)

Tesoureiro: Maria Betânia Mahler Araújo (SP)

Tesoureiro Adjunto: Alfredo José Afonso Barbosa (MG)

Departamentos

Comunicação Social: Gilles Landman (SP)

Informática: Renato Lima de Moraes Jr. (SP)

Ensino: Maria do Carmo de Abreu-e-Lima (PE)

Especialidades: Carlos Thadeu S. Cerski (RS)

Científico: Luiz Antônio Rodrigues de Freitas (BA)

Defesa Profissional: João Péricles da Silva Jr. (SC)

Controle de Qualidade: Joel Takashi Totsugui (PR)

Conselho Fiscal

Paulo Sérgio Zoppi (SP)

Consuelo Antunes Barreto Lins (PE)

Joel Takashi Totsugui (PR)

Conselho Consultivo:

Marcello Fabiano de Franco (Presidente)

Geraldo Brasileiro Filho

Hélcio Miziara

Secretaria

Carmen Sílvia Leite Varoli

Dirce Marforio

Rodrigo Gabriel Guerra

Sidnei de Oliveira Souza

Sueli de Abreu Kurche

COLABORADORES

Adonis Reis Lima de Carvalho

Professor Titular e Emérito, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pernambuco, Recife

Alexandre de Oliveira Sales

Professor Doutor, Departamento de Patologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.

Anadil Roselli

Ex-Professora Titular, Faculdade de Medicina Souza Marques. Emérita. Médica patologista do Hospital dos Servidores do Estado do Rio de Janeiro e do Hospital de Ipanema.

Athanase Billis

Professor Titular, Departamento de Patologia, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, UNICAMP, Campinas

Carlos Alberto Basílio de Oliveira

Professor Titular, Departamento de Patologia, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro

Edison Reis Lopes

Professor Titular, aposentado, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais

Edmundo Chapadeiro

Professor Titular, aposentado, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade do Triângulo Mineiro, Uberaba, Minas Gerais

Francisco Duarte

Ex-Professor Titular, Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Emérito. Pesquisador do CNPq.

Evandro Pimenta de Campos

Patologista, Serviço de Anatomia Patológica, Hospital das Clínicas, FMUSP. São Paulo

Fernando Augusto Soares

Professor Doutor e Médico Patologista. Diretor do Departamento de Anatomia Patológica do Centro de Tratamento e Pesquisa do Hospital do Câncer A.C. Camargo. São Paulo, SP

Geraldo de Sousa Tomé

Professor Titular, Departamento de Patologia, Universidade Federal do Ceara, Fortaleza

Heitor Franco de Andrade

Pesquisador, Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, São Paulo

Hélcio Luiz Miziara

Professor Adjunto, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília

Heleno Pinto de Moraes

Professor Doutor, Departamento de Patologia, Universidade Federal Fluminense, Niteroi, Rio de Janeiro

Henrique Leonel Lenzi

Pesquisador, Departamento de Patologia, Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro

Jane Guilherme Arnt Lenzi

Pesquisadora, Departamento de Patologia, Fundação Oswaldo Cruz, FIOCRUZ, Rio de Janeiro

Jeronymo Stecca

Professor Regente, Departamento de Patologia, Faculdade de Ciências Médicas, PUC, Sorocaba, São Paulo

José Donato de Próspero

Professor Titular, Departamento de Patologia, Faculdade de Ciências Médicas, Santa Casa de São Paulo, São Paulo

Jorge Michalany

Professor Titular, aposentado, Departamento de Patologia, Escola Paulista de Medicina (EPM), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo

José Alberto Mello de Oliveira

Professor Titular, aposentado, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Campus de Ribeirão Preto, USP, São Paulo

José Carlos Prates Campos

Patologista, Ribeirão Preto, São Paulo

José Lopes de Faria

Professor Titular e Emérito, Departamento de Patologia, Faculdade de Ciências Médicas, Universidade de Campinas, UNICAMP, Campinas

Kalil Madi

Professor Titular, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro

Kunie Iabuki Rabello Coelho

Professora Doutora, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), Botucatu, São Paulo

Leila Chimelli

Professora Titular, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro

Luiz Carlos da Costa Gayotto

Professor Titular. Diretor da Divisão de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas. Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, USP

Luiz Fernando Bleggi Torres

Professor Titular, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Paraná, Curitiba

Marcello Fabiano de Franco

Professor Titular, Departamento de Patologia, Escola Paulista de Medicina (EPM), Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo

Professor Emérito, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), Botucatu, São Paulo

Maria do Carmo Carvalho Abreu-e-Lima

Professora Doutora, Departamento de Patologia, Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Pernambuco, Recife

Mario Rubens Guimarães Montenegro

Professor Titular e Emérito, Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade do Estado de São Paulo (UNESP), Botucatu, São Paulo

Roberto Junqueira de Alvarenga

Professor aposentado. Catedrático de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

Sonia Gumes Andrade

Professora Doutora, aposentada, Departamento de Patologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador: Pesquisador, FIOCRUZ, Salvador, Bahia

Thales de Brito

Professor Titular, aposentado, Departamento de Patologia, FMUSP. São Paulo

Venâncio Avancini Ferreira Alves

Pesquisador CNPq. Instituto de Medicina Tropical de São Paulo. Professor Associado. Departamento de Patologia. Instituto Adolfo Lutz e Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, FMUSP

Zilton de Araújo Andrade

Professor Titular, aposentado, Departamento de Patologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador: Pesquisador, FIOCRUZ, Salvador, Bahia

AGRADECEMOS A COLABORAÇÃO DOS SEGUINTE PATROCINADORES QUE TORNARAM A PUBLICAÇÃO
DESTE LIVRO VIÁVEL



ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE PATOLOGIA
Curitiba – PR



**ASSOCIAÇÃO DOS PATOLOGISTAS DO ESTADO
DE SÃO PAULO - APESP**
SÃO PAULO – SP

CONTRIBUIÇÃO PLATINA

**CEPON – CENTRO DE PATOLOGIA ONCOLÓGICA S/C LTDA.
HOSPITAL DO CÂNCER A.C. CAMARGO**
São Paulo – SP

AGRADECEMOS A COLABORAÇÃO DOS SEGUINTE PATROCINADORES QUE TORNARAM A PUBLICAÇÃO
DESTE LIVRO VIÁVEL

CONTRIBUIÇÃO OURO

DIAGNOSE LABORATÓRIO DE PATOLOGIA E CITOLOGIA

Caxias do Sul – RS

**INSTITUTO DE PATOLOGIA DO CEARÁ
LABORATÓRIO PROCITO LTDA.**

Fortaleza - CE

**LABORATÓRIO CARLOS CHAGAS LTDA.
ANATOMIA PATOLÓGICA E PATOLOGIA CLÍNICA**

Fortaleza – CE

MM LABORATÓRIO DE PATOLOGIA E CITOLOGIA LTDA.

Ribeirão Preto – SP

LABORATÓRIO DR. SÉRGIO FRANCO

Rio de Janeiro - RJ

AGRADECEMOS A COLABORAÇÃO DOS SEGUINTE PATROCINADORES QUE TORNARAM A PUBLICAÇÃO
DESTE LIVRO VIÁVEL

CONTRIBUIÇÃO PRATA

IDAP – INSTITUTO DE DIAGNÓSTICO ANÁTOMO PATOLÓGICO
Florianópolis – SC

SERVIÇO DE PATOLOGIA E CITOLOGIA
Petrópolis – RJ

CECARD – AMAZON LAB – ANATOMIA PATOLÓGICA E CITOPATOLOGIA
Manaus – AM

SCREENLAB LABORATÓRIO DE CITOLOGIA E PATOLOGIA CIRÚRGICA
Dourados – MS

LABORATÓRIO DE PATOLOGIA E CITOLOGIA DE SOROCABA S/C LTDA.
Sorocaba – SP

HUGO SILVIANO BRANDÃO
ANATOMIA PATOLÓGICA – CITOPATOLOGIA – IMUNOHISTOQUÍMICA
Belo Horizonte - MG

PREFÁCIO

A edição da “História da Patologia no Brasil” representa a concretização de mais um antigo sonho da Sociedade Brasileira de Patologia.

Já há anos que tínhamos como meta resgatar o passado da Especialidade no nosso país, o papel dos pioneiros, a contribuição dos primeiros centros de pesquisa, a formação e o desenvolvimento dos Departamentos de Patologia, o crescimento da Patologia Cirúrgica, os núcleos de formação dos novos patologistas, etc.

O que mais desejamos é que os dados históricos aqui relatados possam servir de exemplo, estímulo, caminho, norte, para todos nós, e em particular para os jovens patologistas, em início da carreira, para que construamos o presente e o futuro com a ousadia, determinação, idealismo e sapiência daqueles que nos precederam.

O livro não cobre toda a história da Patologia em todos os centros do nosso imenso país. Porém este é o primeiro documento que avalia criticamente a significativa contribuição que a Patologia, como método investigativo e diagnóstico, deu para o desenvolvimento da vida científica do nosso país, desde a caracterização e descrição da anatomia-patológica das doenças endêmicas, no passado, até a introdução e desenvolvimento na nossa prática, dos métodos de Patologia Molecular, a fronteira de nossa especialidade.

A viabilização do presente projeto só foi possível pela generosa colaboração de muitos: os autores e co-autores dos capítulos; Os funcionários da SBP: Carmen Sílvia Leite Varoli (secretária executiva), Dirce Marforio e Sueli de Abreu Kurche (secretárias), Sidnei de Oliveira Souza (auxiliar de escritório) e Rodrigo Gabriel Guerra (secretário de informática), Dr. Hércio Miziara, que em Brasília, colaborou na escolha da casa publicadora; aos nossos patrocinadores.

Marcello Franco

Fernando Soares

Editores

SUMÁRIO

	Página
1. História da Sociedade Brasileira de Patologia Marcello Franco & Dr. Fernando Soares	01
2. História da Patologia no Paraná Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres & Colaboradores	10
3. Um Século de Patologia em um Laboratório de Saúde Pública. A Experiência do Instituto Adolfo Lutz Dr. Vênancio Avancini Ferreira Alves & Dr. Evandro Pimenta de Camargo	24
4. Formação e Desenvolvimento da Associação dos Patologistas do Estado de São Paulo (APESP) Dr. José Carlos Prates Campos	33
5. História da Patologia na Escola Paulista de Medicina Dr. Jorge Michalany	39
6. História do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto Dr. José Alberto Mello de Oliveira	55
7. História do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo Dr. Luiz Carlos da Costa Gayotto	77
8. História da Patologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) em Sorocaba Dr. Jeronymo Stecca	91
9. História da Patologia na Santa Casa de São Paulo Dr. José Donato de Próspero	99
10. História da Patologia na Faculdade de Medicina de Botucatu – UNESP Dr. Mario Rubens Guimarães Montenegro & Dra. Kunie Iabuki Rabello Coelho	106
11. História do Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) Dr. José Lopes de Faria & Dr. Athanase Billis	116
12. História da Anatomia Patológica nas Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro Dr. Francisco Duarte, Dr. Kalil Madi, Dra. Leila Chimelli, Dr. Heleno Pinto de Moraes, Dr. Carlos Alberto Basílio de Oliveira	120
13. História do Departamento de Patologia do Instituto Oswaldo Cruz – FIOCRUZ Dr. Henrique Leonel Lenzi & Jane Guilhermina Arnt Lenzi	135
14. História da Patologia Cirúrgica no Estado do Rio de Janeiro Dra. Anadil Roselli	144

15.	História da Anatomia Patológica em Brasília – Um Ensaio Autobiográfico (1961-1999) Dr. Hélcio Luiz Miziara	150
16.	Escola do Prof. Luigi Bogliolo na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte – Núcleos no Interior do Estado Dr. Edmundo Chapadeiro & Dr. Edison Reis Lopes	160
17.	História da Patologia Cirúrgica em Minas Gerais Dr. Roberto Junqueira de Alvarenga	184
18.	História da Patologia na Bahia Dr. Zilton de Araújo Andrade & Dra. Sônia Gumes de Andrade	192
19.	História da Patologia em Pernambuco Dr. Adonis Reis Lira de Carvalho & Dra. Maria do Carmo Abreu-e-Lima	202
20.	História da Patologia no Ceará Dr. Geraldo de Sousa Tomé	225
21.	Breve História da Patologia no Rio Grande do Norte Dr. Alexandre de Oliveira Sales	241
22.	Dados Biográficos dos Ex-Presidentes da Sociedade Brasileira de Patologia	252

HISTÓRIA DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA

Marcello Fabiano de Franco & Fernando Augusto Soares

I. A Fundação da Sociedade Brasileira de Patologia

A Sociedade Brasileira de Patologia (SBP) foi fundada no dia 5 de agosto de 1954, durante o Seminário Brasileiro de Anatomia Patológica, na sala de Reunião da Associação Médica do Paraná, em Curitiba. A mesa fundadora foi constituída pelo Professores Amadeu Fialho, Luigi Bogliolo, Moacyr de Freitas Amorim, Paulo de Queiroz, Telles Tibiriçá e Atys Quadros da Silva, na finalidade de secretário. A presidência foi exercida pelo Prof. Amadeu Fialho que declarou solenemente fundada a “Sociedade Brasileira de Patologistas”, nome este que perdurou até o ano de 1993 quando por mudança estatutária passou a se chamar SBP. Trinta e dois patologistas assinaram a ata oficial de fundação, tornando-se sócios fundadores da SBP: Anchises Marques de Faria, Armando Tramuja, Arthur Pereira e Oliveira, Athayde Soares de Almeida, Augusto Colle, Aureliano Ferreira, Célio Belizario Ramos, Constantino Mignone, Dario Velludo, Eduardo Mac Clure, Edmundo Chapadeiro, Francisco Fialho, Francisco Monteiro Salles, Gorki Macking de Lima, Hildebrando Portugal, Humberto Menezes, Humberto Torloni, Joaquim Marinho de Queiroz, Lysandro Santos Lima, Manoel Barretto Netto, Marcio Octávio Agnese, Nilton Costa, Paulo Daccorso Filho, Raimundo Barros Coelho, Ruy Leal, Walter Edgard Maffei, Zilton de Araújo Andrade.

A consulta aos arquivos do SBP permite observar interessantes passagens do trabalho da fundação. O grande articulador da organização da SBP foi o Dr. Atys Quadros da Silva. É impressionante o número de cartas escritas a bico de pena a todos os patologistas em atividade e, principalmente aos principais professores de patologia do país. Cumpre ressaltar que mesmo antes da fundação da SBP, havia vários grupos organizados de patologistas. Em 1953, o Departamento de Patologia da Associação Paulista de Medicina era bastante ativo e havia também reuniões anuais de patologia veterinária, desde 1944. O trabalho do Dr. Atys iniciou-se com um questionário enviado para todos os patologistas brasileiros em agosto de 1953, sendo que ao final do ano cerca de 80 colegas tinham respondido de forma positiva à idéia da realização de um seminário. É muito interessante que a lista de patologistas de cada estado está preservada nos arquivos, podendo-se estabelecer o primeiro cadastro de patologistas do país. Uma vez estabelecidos estes primeiros passos, o Dr. Atys passou a organizar o evento científico, que foi patrocinado pela Reitoria da Universidade do Paraná com nome de Semana de Debates Clínico Patológicos, 1º. Seminário Brasileiro de Anatomia Patológica (Fig. 1).



Dentre o material de nosso arquivo há algumas cartas muito preciosas. Há trocas de missivas entre o Dr. Atys Quadros e alguns dos mais ilustres professores brasileiros que mereceriam toda a revisão especial. Salientamos aqui os diálogos entre o Dr Atys e o Prof. Amadeu Fialho, inicialmente renitente com a idéia do seminário e fundação da SBP, mas que resultou na Presidência da Mesa Fundadora para o Prof. Amadeu Fialho. O espírito associativo do Dr. Atys pode ser testemunhado quando ele escreve em carta datada de 9 de fevereiro de 1954 e endereçada ao Prof. Amadeu Fialho: ... dos muitos que desejam ver uma sociedade brasileira de patologia, eu sou, possivelmente, um dos que dispõe de mais tempo para escrever, anotar, insistir e por aí fora. Assim, fiquei com o encargo que me é prazeroso, de tentar juntar os patologistas brasileiros numa organização que se faz necessária. É possível que não tenha sido muito gentil, ou muito delicado, ou que não tenha tido muito tacto aqui e

acolá (isto já expliquei para o Prof. Bogliolo que é seu grande amigo). Entretanto a intenção não é de magoar ou criar casos. Antes, é a de fazer a aproximação de uma classe de especialistas...”.

Dentre as muitas preocupações com a nova Sociedade emergente, havia sugestões que lembram muito a que ainda hoje discutimos em nossas reuniões de Diretoria Executiva como o valor da anuidade, a formação de uma revista científica de mérito científico indiscutível, o programa do congresso, a representação junto a outras Sociedades de Patologia do Exterior e outros. É impressionante a quantidade de mudanças do programa original pelas impossibilidades de última hora dos palestrantes, da recusa de outros e ainda exigências de outros professores.

O balanço financeiro da formação da Sociedade traz outras informações interessantes. A inscrição na jornada custou Cr\$50,00 por participante e somente em material de organização, sem contar com os custos do evento, foi gasto Cr\$3649,80. Infelizmente não conseguimos encontrar o registro de quantos participantes estiveram presentes no Seminário, mas a julgar-se pelas cartas de felicitação o sucesso do esforço foi alcançado. A primeira anuidade da SBP foi estabelecida em Cr\$ 300,00.

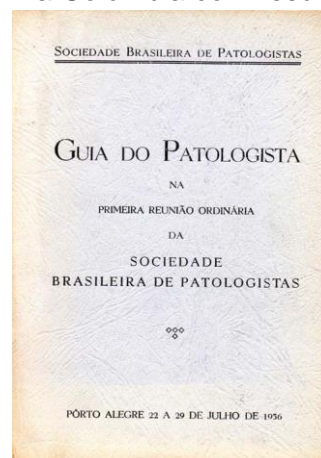
A eleição da primeira diretoria ocorreu no dia 6 de agosto de 1954. Uma vez instalada a Assembléia pediu a palavra o Prof. Barretto Netto que, segundo a ata original, “... *historiou as atividades profissionais do Prof. Amadeu Fialho, dizendo da sua condição de pioneiro da anatomia-patológica no Brasil, das dificuldades e obstáculos que o mesmo encontrou para a disseminação da especialidade no País e, também, do sucesso obtido apesar de todos os óbices existentes, sucesso este que possibilitou a propagação da especialidade e o interesse de nossos médicos pela mesma e que condicionou, obviamente, o sucesso da reunião inicial em Curitiba e a fundação da Sociedade Brasileira de Patologistas. Propôs então, o Prof. Barretto Netto que, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados pela Prof. Amadeu Fialho a causa da Patologia no Brasil, fosse o mesmo aclamado Presidente Honorário da Sociedade Brasileira de Patologistas. A proposta foi recebida e aceita por longa salva de palmas pela Assembléia, a qual, assim significou sua aprovação irrestrita à proposta feita...*”. Em seguida, a Assembléia elegeu a primeira Diretoria da SBP que ficou assim constituída: Presidente: Dr. Paulo Tibiriçá; Vice-Presidente: Dr. Manoel Barretto Netto; Secretário Geral: Dr. Atyls Quadros da Silva; Tesoureiro: Dr. Armando Tramujas; Conselho Consultivo: Prof. Moacyr de Freitas Amorim, Prof. Constantino Mignone e Prof. Luigi Bogliolo; Conselho Fiscal Prof. Raymundo Barros Coelho, Prof. Walter Maffei e Prof. Augusto Colli. Uma vez empossado o Dr. Paulo Tibiriçá nomeou o Dr. Gorki Mecking de Lima para o cargo de Secretário. Finalmente, a Assembléia aprovou a proposta do Prof. Moacyr de Freitas Amorim de tornar o Prof. Rocha Lima como sócio honorário da SBP. A fundação da SBP foi reconhecida pela Associação Médica Brasileira em carta de 24 de novembro de 1954.

II. O Desenvolvimento da SBP nos primeiros anos

Após o conclave de Curitiba e a fundação da SBP várias ações que demonstraram o entusiasmo dos patologistas Brasileiros com a sua nova SBP. O I Congresso Brasileiro de Patologia passou a ser organizado pelo Dr. Paulo Tibiriçá, sendo previsto para julho de 1956. Logo após a fundação, o cadastro de patologista constava com 190 nomes, fato contestado pelo Sr Presidente em carta para o Secretário Geral: “... *Acho o número de 190 patologistas por demais elevado. Deve haver muito exagero por parte dos informantes...*”. Também as preocupações do Presidente não eram muito diferentes das que enfrentamos atualmente: “...*Acho bom você dizer ao Tramujas (tesoureiro) para cobrar as anuidades de 1955 pelo banco, enviando com antecedência aos sócios uma carta explicativa que o Presidente achou necessário considerar a anuidade paga em Curitiba como de 1954 apenas, pois a Sociedade precisa de dinheiro...*”.

A SBP imediatamente criou um boletim informativo, mas que infelizmente não foram preservados pelos nossos arquivos. Outra participação efetiva na fundação da Sociedade Latinoamericana de Patologia, organizada pelo Dr. Isaac Costero, do México. Também a nossa situação na época em relação aos nossos parceiros latinoamericanos é muito similar a agora observada. Escreve o Dr. Costero: "... Como notara Ud. Brasil es el pais de moneda mas baja y de mayores dificultades econômicas; al mismo tiempo, el que tiene mayor número de patólogos. Sólo la Sociedade Brasileira de Patologistas hay 90 asociados!...". Representaram oficialmente a SBP no primeiro Congresso Latinoamericano de Patologia os Profs. Jorge Michalany e Monteiro Salles. Neste Congresso também o Dr. Jorge Michalany foi eleito secretario da SLAP para o triênio 1955-58 e São Paulo foi escolhida como sede do II Congresso Latinoamericano de Patologia, em eleição disputada com a Colômbia com resultado da votação de 32x27 votos pró-São Paulo.

Os atos seguintes da SBP foram no sentido da organização de seu primeiro Congresso. Este foi nomeado de I Reunião Ordinária da SBP e foi realizado de 22 a 28 de julho de 1956 (Fig. 2). Nesta reunião foram apresentados 29 temas livres, contou com 38 participantes e com as conferências do Prof. Moacyr de Freitas Amorim, do Prof. Ludgero da Cunha Motta, além do seminário de lâminas de patologia do gânglio linfático ministrado pelo Prof. Fritz Köberle. Neste Congresso foi eleita a nova diretoria da SBP, sob a presidência do Prof. Moacyr de Freitas Amorim, e como vice-Presidente o Prof. Luigi Bogliolo. Esta Diretoria foi a responsável pela organização do segundo Congresso de Patologia da SBP e II Congresso da SLAP, realizados em São Paulo de 7 a 13 de setembro de 1958 (Fig. 3).



Neste encontro foram ainda reconhecidas as primeiras seccionais estaduais da SBP: Bahia, sob a presidência do Professor José Falcão, Pernambuco, sob a presidência do Professor Raymundo Barros Coelho e secretariada pelo Professor Adonis Carvalho, e Minas Gerais, sob a presidência do Professor Luigi Bogliolo e secretariada pelo Dr. Roberto Alvarenga. Ainda foi aclamado como Presidente Honorário da SBP o Professor Ludgero da Cunha Motta.

A SBP teve sede em Curitiba até 16 de maio de 1992, quando a sede permanente foi transferida para São Paulo, inicialmente em prédio alugado, na Rua Cubatão, e recentemente desde 7 de maio de 1999 em prédio próprio, na Rua Ambrosina de Macedo, 79 (Fig. 4).



III - Congressos da SBP

Desde sua fundação, a SBP tem procurado realizar congressos nacionais, a cada dois anos, como abaixo relacionado:

- I Congresso Brasileiro de Patologia: Porto Alegre, Julho de 1956, Presidente: Dr. Paulo Tibiriça.
- II Congresso Brasileiro de Patologia: São Paulo, Setembro de 1958, Presidente: Dr. Moacyr de Freitas Amorim.
- III Congresso Brasileiro de Patologia: Recife, Julho de 1960, Presidente: Dr. Raimundo de Barros Coelho.
- IV Congresso Brasileiro de Patologia: Belo Horizonte, Julho de 1962, Presidente: Dr. Luigi Bogliolo.
- V Congresso Brasileiro de Patologia: Rio de Janeiro, Julho de 1964, Presidente: Dr. Manoel Barretto Netto.
- VI Congresso Brasileiro de Patologia: Salvador, Julho de 1966, Presidente: Dr. Zilton de Araújo Andrade.
- VII Congresso Brasileiro de Patologia: Ribeirão Preto, Julho de 1968, Presidente: Dr. Fritz Koberle.
- VIII Congresso Brasileiro de Patologia: Fortaleza, Julho de 1970, Presidente: Dr. Livino Virginio Pinheiro.
- IX Congresso Brasileiro de Patologia: Rio de Janeiro, Julho de 1972, Presidente: Dr. Paulo Dacorso Filho.
- X Congresso Brasileiro de Patologia: Curitiba, Setembro de 1974, Presidente: Dr. Anchises Marques de Faria.
- XI Congresso Brasileiro de Patologia: Recife, Novembro de 1975, Presidente: Dr. Ageu Magalhães Filho.
- XII Congresso Brasileiro de Patologia: Campinas, Julho de 1977, Presidente: Dr. José Lopes de Faria.
- XIII Congresso Brasileiro de Patologia: Brasília, Fevereiro de 1979, Presidente: Dr. Humberto Torloni.
- XIV Congresso Brasileiro de Patologia: Belo Horizonte, Julho de 1981, Presidente: Dr. Moacyr de Abreu Junqueira.
- XV Congresso Brasileiro de Patologia: Rio Grande do Norte, Janeiro de 1983, Presidente: Dr. Getúlio de Oliveira Sales.
- XVI Congresso Brasileiro de Patologia: Ribeirão Preto, Julho de 1985, Presidente: Dr. José Carlos Prates Campos.
- XVII Congresso Brasileiro de Patologia: Salvador, Julho de 1987, Presidente: Dr. Zilton de Araújo Andrade.
- XVIII Congresso Brasileiro de Patologia: Rio de Janeiro, Julho de 1990, Presidente: Dr. Manoel Barretto Netto.
- XIX Congresso Brasileiro de Patologia: Santos, Junho de 1993, Presidente SBP: Dr. Jesus Carlos Machado; Presidente do Congresso: Dr. Marcello Fabiano de Franco.
- XX Congresso Brasileiro de Patologia: Belo Horizonte, Julho de 1995, Presidente da SBP: Dr. Marcello Fabiano de Franco; Presidente do Congresso: Dr. Geraldo Brasileiro Filho.
- XXI Congresso Brasileiro de Patologia: Brasília, Abril-Maio de 1997, Presidente da SBP: Dr. Marcello Fabiano de Franco; Presidente do Congresso: Dr. Hélcio Luiz Miziara.
- XXII Congresso Brasileiro de Patologia: Curitiba, Junho de 1999, Presidente da SBP: Dr. Fernando Augusto Soares; Presidente do Congresso: Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres.
- XXIII Congresso Brasileiro de Patologia: Salvador, Junho de 2001, Presidente da SBP: Dr. Fernando Augusto Soares; Presidente do Congresso: Dr. Marco Antonio Cardoso de Almeida.

IV - Regionais e Congressos Regionais

As Seções Regionais da SBP foram criadas em 1962, durante o IV Congresso Brasileiro de Patologia, em Belo Horizonte, e divididas em Seção A, Sul, Seção B, Centro-Leste, e Seção C, Norte-Nordeste.

A Seção Sul realizou três Congressos Regionais, em Julho de 1965, Piracicaba, Presidente: Dr. Carlos R. R. Liberalli, em Julho de 1969, Porto Alegre, Presidente: Dr. Luiz Alberto Fagundes, e em Julho de 1973, São Paulo, Presidente: Dr. Jorge Michalany.

A Seção Centro-Leste realizou cinco Congressos Regionais, em Abril de 1964, Uberaba, Presidente: Dr. Edmundo Chapadeiro, em Setembro de 1965, Juiz de Fora, Presidente: Dr. Paulo Torres, Julho de 1967, Volta Redonda, Presidente: Dr. Nalmir Santos Prado, em Julho de 1971, Vitória, Presidente: Dr. José Leal Filho, em Julho de 1973, Brasília, Presidente: Dr. Helcio Miziara.

A Seção Norte-Nordeste realizou três Congressos Regionais, em Julho de 1967, Maceió, Presidente: Dr. Roland Simon, em Julho de 1969, Aracajú, Presidente: Dr. Nestor Piva, em Julho de 1971, Campina Grande, Presidente: Dr. Luiz Ribeiro.

V - Presidentes da SBP

A SBP teve 20 presidentes, sendo que três tiveram dois mandatos, o que perfaz no conjunto 23 presidências. O livro tem um capítulo voltado a biografia dos presidentes.

VI - Seccionais da SBP

Atualmente a SBP tem 20 Seccionais estruturadas e funcionando, o que tem servido para alavancar as atividades dos patologistas em todo o país.

Atualmente, as Seccionais têm os seguintes presidentes:

- Alagoas: Dra. Virginia Bohrer
- Amazonas: Dr. Augusto Feliciano Castilho
- Bahia: Dr. Luiz Antonio Rodrigues de Freitas
- Brasília: Dra. Leonora Maciel de Souza Vianna
- Ceará: Dra. Denise Nunes Oliveira
- Espírito Santo: Dr. Christiano Moraes de Resende
- Goiás: Dr. Maurício Barcelos Costa
- Maranhão: Dr. José Anselmo Cordeiro Lopes
- Mato Grosso: Dr. Paulo César de Figueiredo
- Mato Grosso do Sul: Dr. Maçanori Odashiro
- Minas Gerais: Dr. Roberto Junqueira Alvarenga
- Pará: Dr. Leônidas Braga Dias
- Paraná: Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres
- Pernambuco: Dra. Maria do Carmo C. de Abreu-e-Lima
- Piauí: Dra. Teresinha Castello Branco Carvalho
- Rio de Janeiro: Dr. Paulo Antônio Silvestre de Faria
- Rio Grande do Norte: Dra. Maria Auxiliadora Carvalho da Rocha
- Rio Grande do Sul: Dr. Carlos Thadeu Schmidt Cerski
- Santa Catarina: Dr. Godofredo Gomes de Oliveira
- São Paulo: Dra. Carmen Lúcia Penteado Lancellotti
- Sergipe: Dr. Nestor Piva

VII - Publicações

Recentemente, a SBP tem procurado publicar manuais, boletins e livros que visam integrar a comunidade de patologistas do país, assim como fornecer ferramentas de controle de qualidade para a prática da Patologia.

Salientamos as seguintes publicações:

1. “Manual de Padronização de Laudos Histopatológicos”, editado pelos Drs. Carlos Eduardo Bacchi, Paulo Cardoso de Almeida e Marcello Franco. O Livro já teve duas edições (1995 e 1999) e contém orientação de como devem ser seguidas e laudadas as peças cirúrgicas dos processos neoplásicos de 33 órgãos e sistemas.

O Manual foi traduzido para o espanhol e distribuído pela Sociedade Argentina de Patologia aos patologistas argentinos.

2. “Manual de Imuno-Histoquímica”, editado pelos Drs. Venâncio Avancini Alves, Carlos Eduardo Bacchi, José Vassallo e pelo Clube de Imuno-Histoquímica. O livro já teve duas edições (1995 e 1999) e abrange em 10 capítulos, todos os aspectos importantes das técnicas e suas aplicações.

3. “Programa de Residência Médica em Patologia no Brasil” contendo informações sobre os programas de Residência em Patologia, suas ênfases, peculiaridades, características do centro, corpo de docentes e médicos, etc.

4. “Consultoria em Anatomia Patológica”, contendo informações sobre os patologistas que se voluntariam em receber casos em consultas, nas diferentes áreas de especialização da Patologia, assim como obrigações e deveres do patologista que consulta e do patologista consultor.

5. “Livro de Sócios da SBP”, distribuídos segundo os estados com endereços e telefone, visando facilitar e estimular o contato e a troca de informações dos patologistas entre si.

6. “História da Patologia no Brasil”, editados pelos Drs. Marcello Franco e Fernando Soares, contém a breve narração dos dados históricos dos principais centros de Patologia do país. Elaborada por patologistas que vivenciaram esta história. O livro tem 22 capítulos e está em fase final de editoração.

7. “O Patologista”, jornal-boletim, trimestral da SBP, desde fevereiro de 1982. No início, o Boletim era o órgão informativo da Associação dos Patologistas do Estado de São Paulo (APESP). A partir de 1991, em sua 26ª edição, passou a ser o Órgão Informativo da SBP, tendo sido uma doação de seu Fundador, o colega Dr. Paulo Grimaldi.

8. “Jornal Brasileiro de Patologia” (JBP), a revista científica da SBP, que nasceu de uma proposta de nos associarmos à revista da 'Sociedade Brasileira de Patologia Clínica', para, em conjunto com a Sociedade Brasileira de Citopatologia, criar uma revista científica brasileira que agrupasse as três patologias. Assim nasceu então em 1999, o JBP, que substituiu o volume 31 da antiga revista de Patologia Clínica.

VIII - Título de Especialista

A SBP mantém uma Comissão Especial para a elaboração e realização dos concursos de concessão do título de especialista em Patologia. Os concursos têm sido realizados regularmente quando em congressos nacionais de especialidade, a cada dois anos, e frequentemente também nos anos intermediários.

Assim, no momento, 967 patologistas brasileiros possuem o título de especialista.

Recentemente, após ampla consulta entre todos os sócios, a SBP lançou o programa da revalidação do título. A revalidação será avaliada a cada 5 anos, baseado no conjunto de pontos acumulados pelo sócio, no período, levando em consideração várias atividades, tais como, a prática da patologia diagnóstica, por frequência em atividades da educação continuada, incluindo congressos, cursos, seminários, etc.

IX- Alguns aspectos históricos recentes relevantes para o desenvolvimento da SBP.

1. A transição entre a SBP acadêmica e a SBP acadêmica e profissional.

Durante muitos anos, a SBP, seus congressos e atividades, estiveram coordenadas e centradas em torno de uma visão acadêmica, universitária, da Patologia. Isto aconteceu porque a Patologia, como especialidade, estava fundamentalmente sediada nas Escolas Médicas, sob a supervisão dos professores e dos catedráticos.

Progressivamente, com o crescimento da Patologia Cirúrgica diagnóstica e da Citopatologia, os programas de Residência Médica passaram a formar grande número de patologistas diagnósticos que foram instalando seus laboratórios nas cidades de médio e grande porte, pelo país afora.

Criou-se então a necessidade da SBP e dos congressos desenvolverem e incluírem atividades de educação continuada e reciclagem sobre os avanços da patologia diagnóstica.

Esta transição entre o passado acadêmico da SBP e seu presente acadêmico profissional ocorreu em dois momentos históricos importantes. Inicialmente, durante a gestão como presidente do Dr. José Carlos Prates Campos, que percorreu praticamente o país inteiro, estimulando a fundação das Seccionais, visando agrupar os patologistas profissionais em torno de atividades de educação continuada e reciclagem. Em consequência, o XVI Congresso Brasileiro de Patologia, realizado em Ribeirão Preto, em 1985, teve importante ênfase diagnóstica, inclusive com a participação do Dr. Juan Rosai.

Mais tarde, o segundo momento ocorreu durante o XVIII Congresso Brasileiro de Patologia, no Rio de Janeiro, em 1990, quando a Assembléia Geral não conseguiu definir uma chapa para a nova diretoria da Sociedade que contemplasse os interesses de todos os associados. Em decisão inédita, decidiu-se então delegar a uma comissão de patologistas acadêmicos e profissionais a incumbência de montar uma chapa e viabilizar a continuidade da Sociedade. Esta Comissão foi presidida pelo Dr. Jesus Carlos Machado e teve como participantes, entre outros, do lado acadêmico, Marcello Franco e Venâncio Alves, e do lado profissional, Luís Vitor de Lima Salomão e Paulo Sergio Zoppi.

Como fruto de um amplo entendimento e conciliação, foi formado um pacto que mudou os rumos da Patologia Brasileira, com a união de forças do pessoal docente universitário, mas voltado à investigação e à pesquisa, e do grupo de patologistas práticos, lutando no dia a dia nos laboratórios privados, de patologia cirúrgica.

A nova diretoria eleita da SBP, sob a presidência do Dr. Jesus, incluiu os nomes do Marcello, Salomão e Zoppi. Coube ao Dr. Marcello, como vice-presidente, organizar o próximo congresso, realizado em Santos, em 1993, e ao Salomão e Zoppi, montar a sede em São Paulo, com toda a infra-estrutura para atender as necessidades dos patologistas práticos. O congresso de Santos foi revolucionário no sentido de incluir número significativo de conferencistas estrangeiros e de incluir seminários de lâminas, cursos curtos e longo sobre os vários aspectos da patologia cirúrgica. O arcabouço deste congresso tem sido mantido e aperfeiçoado com êxito nos congressos subsequentes.

2. Abertura internacional da Sociedade – em consequência da integração entre a patologia investigativa e diagnóstica, no dia a dia da Sociedade, a participação de eminentes patologistas estrangeiros nas inúmeras atividades de educação continuada e dos Congressos da SBP tem trazido uma importante contribuição para o crescimento de nossa Patologia.

Para esta abertura internacional da Sociedade, muito é devido a atuação do Dr. Adonis de Carvalho, inicialmente como vice-presidente para a América do Sul e posteriormente como presidente da International Academy of Pathology (IAP).

Durante os mandatos do Dr. Adonis, ele estimulou a fundação da Divisão Brasileira da IAP que passou a organizar atividades de educação continuada com a participação de convidados estrangeiros. Logo a seguir, com a re-estruturação da SBP, a Divisão Brasileira da IAP passou a desenvolver todas suas atividades em conjunto com a SBP, o que fortaleceu nossa Patologia, garantindo uma posição de destaque no cenário internacional de nossa especialidade.

3. A SBP como portadora de serviços – desde que a SBP foi re-estruturada e passou a atuar em sua sede própria, a Sociedade tem procurado oferecer aos seus associados uma série de eventos e serviços, que visam facilitar e ampliar a atuação dos anátomo-patologistas.

Para a definição destes novos objetivos foi muito importante a viagem que alguns membros da nova diretoria (Zoppi e Marcello) fizeram aos USA e Europa para conhecer a realidade e a prática da Patologia nestes continentes.

Esta viagem incluiu visitas ao College of the American Pathologists (CAP), em Chicago, ao Royal College of Pathologists, em Londres, e à Sociedade Européia de Patologia, em Turim e Bonn.

Frutos imediatos destes contatos foram: **i) A preocupação com a garantia e o Controle de Qualidade em Patologia** – seguindo modelo do CAP, a SBP introduziu o PIQ em nosso meio, que depois foi aperfeiçoado para o PICQ, e divulgou as normas e os requisitos para o credenciamento dos laboratórios de Anatomia Patológica; **ii) Aperfeiçoamento do exame do título de especialista em Patologia** – apoiando-se nos procedimentos do Royal College, que vem atuando em conjunto com a Sociedade Européia de Patologia, aperfeiçoamos o exame para a concessão do título de especialista, incluindo questões dissertativas, tanto em Patologia Básica como Aplicada, além da ampliação das provas práticas de micro e macroscopia. **iii) Escola Brasileira de Patologia** – a EBRAPA foi criada tendo como modelo a Escola Européia de Patologia, sediada em Turim; a EBRAPA tem como finalidade fornecer cursos de educação continuada nos quais o patologista possa ter acesso a amplo material de lâminas e de estudo para um aperfeiçoamento em imersão em uma subespecialidade de Patologia diagnóstica; **iv) Empréstimo de seminários de lâminas e handouts** – como realizado pela Sociedade Européia de Patologistas, a SBP passou a receber dos congressos internacionais da IAP, dos congressos anuais da USCAP e dos seus próprios congressos e eventos, seminários de lâminas com os respectivos handouts. Este acervo didático extraordinário está à disposição dos associados para empréstimo e estudo; **v) Recredenciamento do título de especialista** – a preocupação com o credenciamento do título de especialista nasceu com contatos com a Patologia americana e européia; após processo de ampla discussão entre nossos associados foi democraticamente instituído o programa de certificação continuada (PCC), baseado em sistema de créditos pela participação principalmente em programas de reciclagem e educação continuada em Patologia.

Lista do Sócios Eméritos

Prof. Adonis Reis Lima de Carvalho	Pernambuco
Prof. Affonso Coelho	Paraná
Prof. Ageu de Godoy Magalhães Filho	Pernambuco
Prof. Aluizio Bezerra Coutinho	Pernambuco
Prof. Anadil Vieira Roselli	Rio de Janeiro
Prof. Antonio Luisi	São Paulo
Prof. Antônio M. Cardoso de Almeida	São Paulo
Prof. Aparecida Gomes Pinto Garcia	Rio de Janeiro
Prof. Carlos Marigo	São Paulo
Prof. Edmundo Chapadeiro	Brasília
Prof. Francisco Duarte Guimarães Neto	Rio de Janeiro
Prof. Getulio de Oliveira Sales	Rio Grande do Norte
Prof. Gilda Kasting	Paraná
Prof. Humberto de Queiróz Menezes	São Paulo
Prof. Humberto Torloni	São Paulo
Prof. José Carlos Prates Campos	São Paulo
Prof. José Donato de Próspero	São Paulo
Prof. José Lopes de Faria	São Paulo
Prof. José Monteiro Leite	Pará
Prof. Jorge Michalany	São Paulo
Prof. Livino Virginio Pinheiro	Ceará
Prof. Manoel Barretto Netto	Rio de Janeiro
Prof. Mário Augusto Pinto de Moraes	Pará
Prof. Mario Rubens G. Montenegro	São Paulo
Prof. Raimundo de Barros Coelho	Pernambuco
Prof. Dr. Roberto Junqueira de Alvarenga	Minas Gerais
Prof. Ruy Leal	Paraná
Prof. Sérgio Santana Filho	Bahia
Prof. Thales Fickentscher de Brito	São Paulo
Prof. Washington Luiz Tafuri	Minas Gerais
Prof. Zilton de Araújo Andrade	Bahia

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NO PARANÁ

Luiz Fernando Bleggi Torres & Colaboradores

1. A história da Patologia em Curitiba

1.1. A Patologia na Universidade Federal do Paraná⁽¹⁾

A história da Patologia em Curitiba está ligada ao desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná (UFPR), fundada oficialmente em 1912, e considerada a mais antiga do Brasil. O sonho de fundar esta universidade em Curitiba iniciou-se com Rocha Pombo e Ribeiro de Macedo em 1892, quando Curitiba era uma pequena cidade com cerca de 25.000 habitantes. Entretanto somente no início deste século, a dedicação de vários médicos incluindo Vítor do Amaral, Nilo Cairo, Petit Carneiro e Assis Gonçalves, culminou com a abertura da Faculdade de Medicina do Paraná.

O ensino da Patologia, como disciplina e especialidade médica, passou por períodos distintos na Universidade do Paraná.

Na primeira fase, iniciada em 1913, a então denominada cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas teve diversos docentes teóricos não patologistas, sendo ministrada de maneira irregular e com pouca atividade prática. O primeiro docente foi o Dr. Franco Carini, nascido em Palermo, Itália. De 1917 a 1920 a docência ficou sob responsabilidade do Dr. Gabriel Novicki, nascido em Katta-Kurgan, Rússia. Em 1921, devido a não reapresentação do Dr. Novicki após período de licença, foi designado o Dr. Ismar Tavares Nutel originário de Barra Mansa, RJ. Em 1923 o Dr. Nutel solicitou licença, sendo substituído pelo Drs. Luiz Osmundo de Medeiros, natural da Bahia, sucedido pelo Dr. Antônio Mariano, de Fortaleza. De 1926 até 1930, a cadeira foi novamente regida pelo Dr. Ismar Tavares Nutel de modo descontínuo. O Dr. Frederico de Marco, originário de São Paulo, ocupou a cadeira até 1932, sucedido pelo professor Milton Carneiro, responsável pela cadeira de Biologia Geral e Parasitologia desta universidade, até 1934.

Nesta primeira fase⁽¹⁾ observa-se que o ensino da Patologia foi irregular, interrompido por licenças e ministrado por docentes que não tinham sido treinados especificamente como patologistas. Esta preocupação também se verifica no relatório da Direção da Faculdade de Medicina onde se lê *“havia deficiências no ensino prático da Anatomia Patológica. Através da ação dos Governos dos Estados do Paraná e de São Paulo, foi solicitada a presença de um técnico para instalar tão importante serviço”*.

Com o objetivo de corrigir as distorções oriundas do ensino da Patologia por médicos não patologistas, a Universidade do Paraná, em 1935 contratou o Dr. Paulo de Queiroz Telles Tibiriça, da Universidade de São Paulo, para organizar um novo Departamento de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Com a contratação do Dr. Tibiriça inicia-se a segunda fase do ensino da Anatomia Patológica, isto é, caracterizado pela presença de professor especializado em Patologia. O Dr. Tibiriça organizou o departamento com a criação de museu de peças anatômicas para o ensino da macroscopia, diapositivos para projeção em aulas teóricas e práticas, coleções de lâminas para o uso dos alunos nas práticas de microscopia, reuniões clínico-patológicas com a presença de clínicos e cirurgiões, com a discussão de achados de necropsia ou de biópsias. O departamento foi inaugurado em 7 de setembro de 1935 com instalações adequadas e com trinta novos microscópios importados, para o uso dos alunos. O Dr. Tibiriça, preocupado com a formação de novos médicos anatomopatologistas e com a continuidade do ensino da Patologia em Curitiba, iniciou o treinamento de dois assistentes: o

(1) **extraído em parte de “Coelho, Affonso. Anatomia e Fisiologia Patológicas. In: Costa, IA; Lima, EC. O ensino da Medicina na Universidade Federal do Paraná. Curitiba: Ed. Da UFPR, 1992, p.100-104”*.

Dr. Moacyr Garcez que demitiu-se em janeiro de 1936, e o Dr. Augusto Colle que foi seu sucessor, após o término de seu período de contrato em 1936.

O Dr. Augusto Colle, nascido em Curitiba em 1905, fez concurso para docente livre em 1937 e para catedrático em 1939 com a tese “Estruma Proliferante de Langhans”. Permaneceu ativo na docência até sua aposentadoria em 1968, sendo agraciado com o título de Professor emérito em 1970, vindo a falecer em 1989. Durante os anos em que regeu a cadeira teve como assistentes o Dr. Theodorico Veiga Picanço admitido em 1936 e o Dr. Ruy Leal admitido em 1944. O Dr. Leal, nascido em Piraquara em 1917, graduou-se em medicina pela UFPR em 1940. Prestou concurso para Docente Livre em 1946 com a tese “Contribuição ao estudo da Anatomia e Fisiologia Patológicas das endocardites”. Este trabalho original de pesquisa experimental revela a preocupação sobre o conhecimento da patogenia e etiologia comparadas para o melhor entendimento da Patologia em humanos. Em 1966 o Dr. Leal foi promovido a professor adjunto e, quando da aposentadoria do professor catedrático Augusto Colle, assumiu a chefia da agora denominada Disciplina de Anatomia Patológica, aposentando-se em 1981, e falecendo ao final de 1996. O professor Colle teve ainda outro assistente, o Dr. Armando da Cunha Tramuja nascido em Curitiba em 1912. Recebeu treinamento na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e foi admitido como assistente em 1945. Permaneceu ativo na docência até seu falecimento em 1963.

A terceira fase do ensino da Anatomia Patológica se inicia com a mudança do Departamento de Anatomia e Fisiologia Patológicas para o Hospital de Clínicas em 1961. Esta mudança foi fundamental para o ensino, pois, aproximou a Anatomia Patológica das Clínicas universitárias. A Anatomia Patológica, agora instalada no Hospital de Clínicas, contava com o Dr. Augusto Colle, professor catedrático, Dr. Ruy Leal, professor adjunto e Dr. Armando da Cunha Tramuja, professor assistente. No ano de 1962, a Dra. Gilda Kasting foi contratada como Instrutora de Ensino Superior. A Dra. Kasting nasceu em Joinville, Santa Catarina em 1923, graduou-se em 1954 na UFPR, estagiou no Serviço de Anatomia Patológica da 5ª Cadeira de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina, durante o ano de 1955, sob a orientação do Prof. Manoel Barreto Netto. Nos anos de 1958 a 1959 estagiou na Alemanha, e após seu regresso permaneceu na atividade docente até janeiro de 1989, vindo a falecer em 1999. Ocupou a Chefia da disciplina de Anatomia Patológica e dedicou-se principalmente à Patologia Pediátrica e Neo-Natal.

Em 1964 o Dr. Affonso Coelho, médico contratado do Hospital de Clínicas atuou como instrutor voluntário da Anatomia Patológica. O Dr. Coelho, nascido em Lages, SC, formou-se em Medicina pela UFPR em 1962, fez residência no Serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, sob a orientação do Professor Manoel Barreto Netto. Em 1965 foi contemplado com uma bolsa da Fundação Kellog, na Universidade de Maryland, Baltimore, Estados Unidos, retornando a Curitiba em 1967 ocupando diversos cargos de docência na Patologia. Obteve o título de docente Livre na Universidade Federal de Santa Catarina, tendo elaborado tese denominada “Histopatologia do apêndice vermicular incidentalmente removido no decurso de operações cirúrgicas abdominais”. Em 1978 tornou-se Professor Titular, por concurso público, com tese denominada “Síndrome nefrótica primária em adultos. Estudo histopatológico pela biópsia renal”.

Em 1967 foi admitido o Dr. Marco Aurélio de Quadros Cravo, nascido em Porto Alegre, e formado pela UFPR 1965. Em 1966 e 1967 foi residente do Serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, sob a orientação do Professor Manoel Barreto Netto. Estagiou em Tóquio e Londres, concentrando suas atividades em Patologia gastrointestinal. Realizou pós-graduação, mestrado e doutorado, na Escola Paulista de Medicina com tese intitulada “O câncer coloretal nos jovens não é pólipó-dependente, mas sim novo”, aposentando-se em 1995.

Este núcleo inicial de patologistas compostos pelo Dr. Affonso Coelho, Dr. Ruy Leal, Dra. Gilda Kasting e Dr. Marco Aurélio Quadros Cravo, permitiu a criação da Residência Médica

em Anatomia Patológica, sendo o primeiro residente o Dr. Luiz Carlos Vieira Ugliano, no ano de 1968. Desde aquela época, há mais de 30 anos atrás, consolidou-se a residência médica em Anatomia Patológica com a formação de vários médicos patologistas que hoje labutam em Curitiba, interior do Paraná, outros estados do Brasil e até no exterior (anexo 1). Este grupo de dedicados patologistas também contribuiu para solidificar o Serviço de Anatomia Patológica, ligado diretamente ao Hospital de Clínicas, no qual as atividades de extensão e atendimento comunitário são executadas, incluindo rotinas cirúrgicas, citologia e autópsia. Além disto, desenvolvia-se a Disciplina de Anatomia Patológica, atualmente vinculada ao Departamento de Patologia Médica do Setor de Ciências da Saúde da UFPR, que continuaria a responder pela atividade didática da Patologia nos cursos de graduação e pós-graduação. Esta dicotomia no exercício da Patologia nesta universidade existe somente em caráter organizacional e estrutural sendo todas as atividades de ensino, pesquisa e extensão gerenciadas por todos os médicos patologistas, e alocadas fisicamente nas diversas salas do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital de Clínicas da UFPR.

A quarta fase do ensino e desenvolvimento da Patologia no Hospital de Clínicas da UFPR, em Curitiba, iniciou-se após a aposentadoria precoce do Dr. Affonso Coelho, em 1991,



Laboratório Dr. Affonso Coelho

então ocupando a posição de professor titular de Anatomia Patológica. O Dr. Giovanni Loddo, nascido em Serrenti, Itália, formado médico pela UFPR em 1972, com estágios em hematopatologia na Itália e Estados Unidos, assumiu a difícil missão de continuar o crescimento do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital de Clínicas da UFPR, exercendo a chefia desta unidade com dedicação e trabalho. Iniciou-se, então, um período de profunda reformulação na filosofia de trabalho de todos os médicos e docentes deste serviço. Havia a necessidade de preparar a Anatomia Patológica para a virada do milênio, dando a este serviço ainda maior competitividade, produtividade e expressão

universitária. Ampla reforma nas instalações físicas e modernização de aparelhos desta unidade foi iniciada. A solidificação de linhas de pesquisa próprias deste departamento foi uma das principais conseqüências de seu mandato com o desenvolvimento de diversas atividades colaborativas com outras unidades, destacando-se o Serviço de Transplante de Medula Óssea. Em 1991, o Dr. Giovanni Loddo completou mestrado na Escola Paulista de Medicina com a tese "Valor da biópsia de pele na doença do enxerto contra hospedeiro, no transplante de medula óssea", solidificando esta parceria que viria a contribuir para a publicação de diversos trabalhos científicos internacionais. Neste período o Dr. Sérgio Ossamu Ioshii conclui tese de doutorado na Universidade de Mie, Japão, em 1993, intitulada "*The organization of calsequestrin-positive sarcoplasmic reticulum in rat cardiomyocytes in culture*". A disciplina de Anatomia Patológica foi conduzida pelas professoras Lubomira Veronika Oliva e Vanda Fátima Rebuffi, ambas contribuindo para a modernização do ensino da Patologia, sempre considerada, desde seu início, uma das melhores disciplinas do curso de Medicina da UFPR.

A quinta fase da Patologia no Hospital de Clínicas inicia-se em 1994, quando assume a chefia do Serviço de Anatomia Patológica o Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres, nascido em Curitiba e formado pela UFPR. Após residência médica neste serviço o Dr. Luiz Fernando desenvolveu Ph. D. em Neuropatologia na Universidade de Londres, Inglaterra, entre 1983-87 com tese intitulada "*Muscle, motor end-plate and nerve in hereditary and experimental myopathies in the mouse*". Ao regressar ao Brasil em 1987, iniciou um programa de iniciação científica contribuindo diretamente para a formação de dezenas de acadêmicos de Medicina, vários dos quais seguiram a carreira de médicos patologistas e tem contribuído na atualização constante deste serviço. Em 1999, o Dr. Luiz Fernando passou a ocupar a posição de professor

titular da Disciplina de Anatomia Patológica do Departamento de Patologia Médica, após ter sido aprovado em concurso público com a tese “A Neuropatologia no transplante de medula óssea”. Várias linhas de pesquisa em neuropatologia foram estabelecidas no serviço incluindo doenças neuro-musculares e marcadores prognósticos em tumores cerebrais. Neste mesmo período o Dr. Giovanni Loddo passou a chefiar o Departamento de Patologia Médica e em conjunto com o Dr. Luiz Fernando, e demais professores e médicos da Patologia, vieram a reforçar ainda mais a representatividade dos médicos patologistas junto às lideranças desta universidade.

Durante esta quinta e atual etapa a Anatomia Patológica continua estimulando a formação acadêmica de todos os seus funcionários com o objetivo de reforçar a titulação e massa crítica desta unidade. Nesta etapa o Dr. José Ederaldo Queiroz Telles concluiu doutorado na Escola Paulista de Medicina, em 1996, com tese intitulada “Estudo da correlação do índice de proliferação celular e o grau de malignidade histológica em linfomas malignos não Hodgkin”; Dr. Luiz Martins Collaço concluiu mestrado na UFPR em 1997 com tese “Avaliação da punção aspirativa com agulha fina como método diagnóstico em nódulos palpáveis de mama: análise de 276 casos”; a Dra. Lúcia de Noronha concluiu mestrado na UFPR, em 1998, com tese intitulada “Embriologia, histologia e epidemiologia das doenças da pele em crianças”. Já recentemente, ao final de 1999, o Dr. Joel Takashi Totsugui concluiu mestrado na UFPR com a tese “Avaliação do Programa de Prevenção do câncer ginecológico do estado do Paraná” e o Dr. Álvaro Piazzetta Pinto concluiu tese de doutorado na USP com a tese “Influência da presença de DNA de papiloma vírus e de achados anatomopatológicos no prognóstico do carcinoma escamoso vulvar”.

A Disciplina de Anatomia Patológica, sob a coordenação da Dra. Lubomira Veronika Oliva, agora definitivamente alocada no 5º período do Curso de Medicina da UFPR, continua a desenvolver suas atividades didáticas com grande excelência contando com dedicado grupo de professores e colaboradores.

O envolvimento dos médicos patologistas em diversos cargos representativos vem progressivamente aumentando com o objetivo de incrementar nossa influência em todas as esferas universitárias; nesta situação destacam-se Dr. José Ederaldo Queiroz Telles, pró reitor de graduação da UFPR, Dr. Giovanni Loddo – diretor clínico do Hospital de Clínicas da UFPR, Dr. Gilberto Antunes Sampaio – Chefe do Departamento de Patologia Médica da UFPR. O exercício representativo extra-universitário também é objetivo dos médicos patologistas destacando-se, entre outros, o Dr. Marco Aurélio de Quadros Cravo – presidente da Unimed-Curitiba, Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres – vice-presidente da Sociedade Brasileira de Patologia e Dr. Joel Takashi Totsugui – diretor do departamento de qualidade da Sociedade Brasileira de Patologia.

Diante da precariedade de recursos nos hospitais públicos e universidades federais, o Serviço de Anatomia Patológica do Hospital de Clínicas da UFPR desenvolveu mecanismos alternativos para captação de recursos incluindo elaboração de cursos de extensão universitária e prestação de serviço comunitário. Esta nova metodologia de gerenciamento administrativo e científico contribuiu para que este serviço viesse a conceber, juntamente com os técnicos da Secretaria Estadual da Saúde do Paraná, o Programa de Prevenção do Câncer Ginecológico do Paraná, iniciado em 1997. Este programa vem contribuindo na implementação contínua das instalações e aparelhos desta unidade através de termo de convênio firmado entre a Sociedade Brasileira de Patologia, Associação Paranaense de Patologia e o Serviço de Anatomia Patológica da UFPR. A reforma da área física iniciada na gestão anterior foi concluída, implementando-se diversos setores incluindo microscopia eletrônica e imuno-histoquímica. Além disto este convênio contribui para a realização de diversos cursos de reciclagem profissional com convidados nacionais e estrangeiros de renome, destacando-se nestes cinco últimos anos, Dr. B. Nathwani (EUA), Dr. A Llombart Bosch (Espanha), Dr. Manoel Sobrinho-Simões (Portugal), Dr. Juan Lechago (EUA), Dr. Athanase Billis (Campinas), Drs. Manoel

Sobrinho-Simões, Fátima Carneiro, Fernando Carlos Schmitt, José M. Lopes e Clara Sambade - IPATIMUP (Portugal), Dr. Paulo Faria (Rio de Janeiro), Dr. David Elder (EUA), Dra. Marluce Bibbo (EUA), Dr. Carlos Bedrossian (EUA), Dr. José Vassalo (Unicamp), Dr. Marcello Franco (UNIFESP), Dr. Luiz Antônio Ribeiro de Moura (UNIFESP) entre outros. Este contacto profissional com colegas de outros centros veio a fortalecer intercâmbios técnicos e científicos com o IPATIMUP (Portugal), Mayo Clinic (EUA) e Departamento de Patologia da Universidade de Miami (EUA).

Atualmente a Anatomia Patológica da UFPR dispõe de excelente rotina diagnóstica em todas as sub-áreas da especialidade acrescida de diversas seções, unidades de pesquisa e laboratórios de apoio gerenciados por profissionais médicos e técnico-administrativos possuidores de grande competência, estímulo, dedicação e envolvimento na rotina de ensino, pesquisa e extensão desta universidade, todos indispensáveis para a consolidação da posição de destaque que ocupamos no cenário acadêmico em nossa comunidade.

1.2. A Patologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Antônio Pádua Gomes da Silva e Lúcia de Noronha

O ensino da Patologia na cidade de Curitiba recebeu importante contribuição com a instituição da Disciplina de Patologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) ao redor de 1958 pelo Dr. Ruy Leal. Deste período até cerca de 1980, esta disciplina funcionou nas instalações da Praça Rui Barbosa sob a tutela cuidadosa do Dr. Ruy e Dr. Antônio Pádua Gomes da Silva, admitido em 1974. No período de 1980 a 1985 a disciplina foi transferida para o prédio do antigo Colégio Santa Maria no centro da cidade de Curitiba, sendo finalmente sediada no Centro de Ciências Biológicas e da Saúde localizado no Campus I, Prado Velho. Com o progressivo aumento do interesse na Patologia, a carga horária de aulas foi aumentado e novos docentes foram incorporados ao quadro de professores, hoje composto por: Dr. Antônio Pádua Gomes da Silva, Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres, Dr. Sérgio Ossamu Ioshii, Dra. Lúcia de Noronha, Dr. Joel Takashi Totsugui, Dra. Mara Rejane Segalla e Dr. Marco Aurélio de Quadros Cravo (licenciado). Além disto, em 1997, a PUC-PR decidiu implantar o Laboratório de Patologia Experimental, sob tutela do Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres e Dra. Lúcia de Noronha, com objetivo de apoiar atividades de iniciação científica e pós graduação; esta unidade de pesquisa foi delineada em consonância com parâmetros internacionais de qualidade e hoje representa um dos setores mais produtivos da área da saúde desta universidade, da qual participam de forma ativa todos os docentes atuantes na Disciplina de Patologia auxiliados por diversos monitores e alunos de iniciação científica.

1.3. A Patologia na Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná.

Luiz Martins Collaço e Acir Mulinari

No início de 1963, seguindo tendência da época onde os grandes hospitais de Curitiba começavam a organizar Serviços de Anatomia Patológica, o Hospital Evangélico de Curitiba (HEC) implantou seu serviço tendo como médico patologista Dr. Acir Mulinari, nascido em Curitiba, formado pela UFPR em Medicina no ano de 1957, residência médica no Serviço do Prof. Manoel Barretto Neto no Rio de Janeiro, com cursos de especialização nos EUA, entre 1958 e 1963. Dr. Acir trabalhou sozinho naquela instituição até 1974 quando criou um grupo de patologistas para atendimento que contava com os Drs. Dalto Gulin, formado pela UFPR com especialização nos Estados Unidos, e Dr. Roberto Carlos Ribeiro com especialização na França. Em 1994, Dr. Roberto Ribeiro foi substituído pelo Dr. Luiz Martins Collaço, formado pela FEMPAR com residência médica na UFPR e especialização na Suécia.

Em 1968 a Sociedade Evangélica Beneficente criou a Faculdade Evangélica de Medicina do Paraná (FEMPAR), onde a disciplina de Anatomia e Fisiologia Patológicas é ministrada no terceiro ano médico, contando até hoje com o Dr. Mulinari como professor titular, Dr. Collaço como professor assistente, Dras. Lismary Mesquita e Paula F. Schmidt como professoras auxiliares. Além dos patologistas do HEC que também se tornaram professores da FEMPAR, na década de 70 participou do quadro de professores Dr. Marco Aurélio de Quadros Cravo.

Atendendo ao crescimento das especializações médicas no HEC, em 1989 foi criada a residência em Anatomia Patológica, com 2 anos de duração, contando com 1 vaga para preenchimento. A primeira residente foi a Dra. Paula F. Schmidt oriunda da própria FEMPAR. Os preceptores da residência consistiam nos médicos patologistas atendentes do hospital, o que ainda hoje ocorre. Após a Dra. Paula seguiram-se no programa deste serviço a Dra. Lismary F. Mesquita, Dra. Ana Paula Martins Sebastião, Dra. Cristina Zanellato, Dra. Cleusa Pachiniki, Dr. Marcos Baba e atualmente o Dr. Fernando Oliva.

2. A história da Patologia em Cascavel

Rikia Himauari e Alexandre Galvão Bueno

A Anatomia Patológica foi implantada em Cascavel no ano de 1976 com dois laboratórios concomitantes no mesmo ano, um do Dr. Ricardo e outro com Dr. Luis Enio Sella e Dr. Antônio Camata. Na época, Cascavel contava com 80 médicos e cerca de 100 mil habitantes. O mercado era pequeno e o Dr. Ricardo desistiu. A partir de 1976 o laboratório *Anatom* permaneceu com o Dr. Camata e Dr. Rikia Himauari que ingressou em 1977. O Dr. Sella desistiu da Patologia tornando-se clínico geral. Desde 1977 até 1988, os Drs. Camata e Rikia foram os responsáveis. Em 1988 ingressou o Dr. Alexandre Galvão Bueno, 1989 implanta-se outro laboratório com o Dr. Carlos F. Moraes. Cascavel já conta com 200 mil habitantes e fundamenta-se como centro de referência médica para o Sudoeste do Estado, com profissionais de alto padrão de qualidade e especialidades. Em 1992 o Dr. Camata muda-se para Londrina permanecendo o Dr. Rikia e o Dr. Alexandre à frente do laboratório *Anatom*. Em 1999 ingressa o Dr. Fábio Negretti para o laboratório APC junto com o Dr. Carlos Moraes. Cascavel, nesta época, conta com 300 mil habitantes aproximadamente, 343 médicos e com todas as áreas de atendimento médico até radioterapia, ressonância nuclear, medicina nuclear e outros procedimentos altamente especializados. A região num raio de 250Km drena serviços para estes dois laboratórios de Patologia com 4 patologistas.

3. A história da Patologia em Maringá

Hugo Meister

O primeiro patologista da cidade de Maringá foi o colega Teodorico Gomes de Oliveira Júnior. Fundou o LAPAM - Laboratório de Patologia de Maringá no ano de 1973. Formado pela Universidade Federal do Paraná com residência no Hospital das Clínicas da UFPR. O Dr. Robson Souza chegou em Maringá poucos meses após, ainda no ano de 1973. Residência em Patologia na Bahia. O Dr. Hugo Meister, residência médica no Serviço de Anatomia Patológica da UFPR, iniciou suas atividades profissionais em 1986. Atualmente existem 4 profissionais, na ordem de chegada à cidade: Robson Souza, Hugo Meister, José Carlos da Silva e Eloísa de Brida Tormena. Estão ligados ao ensino da Patologia na Universidade Estadual de Maringá os Drs. Hugo Meister e José Carlos da Silva, ambos atuando na Disciplina de Anatomia Patológica do Departamento de Medicina e o Dr. Robson Souza atuando na Disciplina de Patologia Geral do Departamento de Análises Clínicas.

4. A história da Patologia em Londrina

Dora Maria Grimaldi

A idéia de criar a Faculdade de Medicina em Londrina foi efetivada em 1965, com a liderança do Dr. Assencio Garcia Lopes entre outros. Após isto, o Dr. Kiyoshi Irya, durante dois anos, viajava de São Paulo a Londrina atendendo, na qualidade de Professor Visitante, a Patologia da Faculdade de Medicina de Londrina onde teve a oportunidade de realizar as primeiras biópsias e autópsias nesta instituição. Outros colaboradores, com passagens breves, foram o Dr. Rodolfo Rache e Dr. Raul Negrão Fleury.

Em 1971 chegou à Londrina a Dra. Dora Maria Grimaldi, da Faculdade de Medicina PUC, Sorocaba. Também veio para Londrina a Dra. Irma Seixas Duarte, na época médica residente, e atualmente professora Titular da USP, São Paulo.

Vindo da Bahia, e com residência em Ribeirão Preto, chegou o Dr. Elias Moutinho dos Passos. Ex aluno de Curitiba, com residência com o Prof. Barreto Neto, foi o terceiro docente o Dr. Glauco Vian Borba. O Dr. Walid Ben Kauss já era o patologista da cidade desde os idos de 1950, e lecionava Patologia Oral na Faculdade de Odontologia.

Nos meados de 1970, por força legal, foi obrigada a separação entre a Patologia Geral e a Especial. Foi optado pela mudança para o Hospital Universitário onde poderiam ser exercidos diagnósticos. Havia muito trabalho para os três patologistas, as autópsias cresceram de 50 para 300/ano, as biópsias de 500 a 3000. O Serviço de Citologia era separado da Patologia, sob a direção do Dr. Walid Ben Kauss, que formou os primeiros citotécnicos, já no Hospital de Câncer de Londrina, onde era feita a Patologia Cirúrgica.

Com a presença do Dr. Raimundo de Barros Coelho, de Recife, as residentes Alda Losi e Sônia Maculam tiveram o apoio do experiente professor, em 1976 foram agregadas como docentes. E, 1978 outro ex-aluno completa a residência e é contratado como docente. Em 1984 o Dr. Glauco desliga-se da Universidade. A Dra. Marina Kishima transfere-se da Patologia Geral do Campus e integra o Serviço.

A Dra. Alda Losi introduziu na comunidade médica de Londrina as técnicas imunológicas para detecção viral em biópsia hepática e imunofluorescência renal visto que, desde 1970, Londrina já era um centro pioneiro em transplantes renais. Da mesma forma, em 1984, a Dra. Dora Grimaldi introduziu a técnica da Punção Aspirativa por Agulha Fina, depois de um treinamento em Botucatu, passando a puncionar pessoalmente inúmeros pacientes com nódulos de tireóide ou tumores de outros órgãos.

Muito importante foi a liderança do Dr. Kazuhiro Ito para implantar o PBL no Curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina (UEL), através de intercâmbios importantes com a Holanda e Austrália, que culminaram com o reconhecimento atual deste curso como um dos melhores do Brasil.

Ex-alunos da UEL que optaram pela patologia: Alda Losi Guembarovski, Sônia Adum, Marina Kishima, Odécio Pissai (R. Preto), Silvio H. da Rosa (R. Preto), Luzia Seco (Apucarana), Liria Massuda Mello (Cuiabá), Kazuhiro Ito (Londrina), Antônio Camata (Londrina), Daniela Derossi (Londrina).

5. A Sociedade Brasileira de Patologia e o Paraná

Luiz Fernando Bleggi Torres

5.1. A fundação da SBP em Curitiba

Um marco que muito orgulha os médicos patologistas do Paraná foi a fundação da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP) em Curitiba, em 1954. Como é de conhecimento de todos, um grupo de patologistas ousados e visionários fundou a SBP. Dentre estes visionários

estavam alguns médicos atuantes em Curitiba, destacando-se o Dr. Athys Quadros Da Silva nascido em Irati, no interior do Paraná, formado médico pela UFPR com especialização em Patologia em Indiana, Estados Unidos. Após sua especialização, o Dr. Athys retornou a Curitiba em 1952 iniciando uma profunda reformulação no exercício desta especialidade em nossa cidade. De temperamento agradável, simples e cordial, o Dr. Athys exercia grande influência entre os médicos cirurgiões e clínicos, incluindo Dr. Lysandro Santos Lima, sendo suas reuniões anatomo-clínicas randemente apreciadas. Solidificava-se, assim, o médico patologista como profissional indispensável no atendimento à saúde comunitária.

De 1952 a 1954 o Dr. Athys exerceu a função de um dos coordenadores e catalisadores da fundação da SBP, ladeado pela excelência profissional e grande conceito acadêmico do Prof. Amadeu Fialho, Prof. Luigi Bogliolo, Prof. Moacyr de Freitas Amorim e Prof. Paulo de Queiroz Telles Tibiriça entre outros. Inúmeros documentos e correspondências entre estes baluartes da fundação da SBP foram gerados, vários dos quais, verdadeiras relíquias, encontram-se nos arquivos históricos na sede própria da SBP. Naquele período a influência da patologia européia atingida pelo período pós guerra declinava e os intercâmbios com os Estados Unidos e outros países do continente americano sofriam progressivo incremento. Estes elementos dentre tantos outros, aliados ao sentimento coletivo da necessidade de uma sociedade nacional de médicos patologistas, contribuíram para a semente da SBP que veio a germinar no dia 5 de agosto de 1954 durante o Seminário Brasileiro de Anatomia Patológica realizado na sede da Associação Médica do Paraná, em Curitiba, conforme documentado na placa comemorativa da fundação da SBP afixada na sede própria de nossa entidade que diz:

“SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGISTAS - Data de Fundação: 5 de agosto de 1954, durante o Seminário Brasileiro de Anatomia Patológica, Reunião realizada na A.M.B. do Paraná. Presidiu a Mesa o Prof. Dr. Amadeu Fialho, Secretariada pelo Dr. Athys Quadros da Silva e contando com os Profs.: Luigi Bogliolo, Moacyr de Freitas Amorim e Paulo de Queiroz Telles Tibiriça.

Assinaram ainda a Ata como Fundadores os Drs. Anchises Marques de Faria, Armando Tramujas, Arthur Pereira e Oliveira, Athayde Soares de Almeida, Augusto Colle, Aureliano Ferreira, Célio Belizario Ramos, Constantino Mignoni, Dario Velludo, Eduardo Mac Clure, Edmundo Chapadeiro, Francisco Fialho, Francisco Monteiro Salles, Gorki Macking de Lima, Hildebrando Portugal, Humberto Menezes, Humberto Torloni, Joaquim Marinho de Queiroz, Lysandro Santos Lima, Manoel Barretto Netto, Márcio Octávio Agnese, Nilton Costa, Paulo Daccorso Filho, Raimundo Barros Coelho, Ruy Leal, Walter Edgard Maffei, Zilton de Araújo Andrade”.



Hospital de Clínicas da UFPR, sede da 1ª Secretaria da SBP

período curitibano da história da SBP, a sede de nossa sociedade nacional passou inicialmente pelo Serviço de Anatomia Patológica do Hospital de Clínicas da UFPR,



Hospital de Clínicas da UFPR

após veio a ocupar instalações no prédio histórico da UFPR considerado um dos mais belos exemplos de arquitetura neo-clássica de nosso país para, finalmente, alugar-se no laboratório particular do Dr. Affonso Coelho. Importante salientar que a dedicação e doação do Dr.



Prédio Histórico da UFPR antes da reforma de ampliação

Armando Tramuja, Dr. Ruy Leal e Dr. Affonso Coelho entre outros patologistas atuantes em Curitiba, foi indispensável para o sustento e manutenção da secretaria da SBP neste interstício curitibano. A estes colegas nossa sociedade deve parte de sua sobrevivência numa época difícil, com poucos recursos, porém muito amor à causa da patologia brasileira.

O Dr. Athys Quadros Da Silva, após auxiliar na fundação da SBP e contribuir para o desenvolvimento da Patologia curitibana, retornou aos Estados Unidos, em 1958, para radicar-se definitivamente na cidade de Austin, Texas, atuando no *Brackenridge*

Hospital até seu falecimento há cerca de 5 anos. Durante sua estadia nos Estados Unidos o Dr. Athys foi o embaixador paranaense naquele país, tendo recebido diversos médicos estagiários e auxiliado no tratamento de vários pacientes que a ele recorreram.

5.2. A fundação da seccional do Paraná da SBP

Após o estabelecimento dos diversos serviços de Patologia na cidade de Curitiba e interior do estado nas décadas de 1960 e 1970, amadurecia entre os patologistas paranaenses a idéia de criar uma associação estadual representativa dos interesses dos patologistas e que contribuísse para a aproximação e reciclagem profissional de todos os que atuavam no Paraná. Sendo assim ao redor de 1978 criou-se o Departamento de Patologia e Citologia da Associação Médica do Paraná (AMPR). O primeiro presidente foi Dr. Affonso Coelho, sucedido pelo Dr. Giovanni Loddo, Dra. Vanda Fátima Rebuffi e Dr. Avelino Hass. Este departamento desenvolveu diversas reuniões para discussão de casos anatomopatológicos além de contribuir como palco para discussão de assuntos profissionais incluindo valores de honorários médicos. Entretanto, a manutenção deste departamento junto a Associação Médica do Paraná era difícil visto que contava com estrutura limitada e poucos recursos, sendo muitos eventos financiados pelos próprios dirigentes do departamento.



Prédio Histórico da UFPR após ampliação, sede da 2ª secretária da SBP

Desta forma, após assumir este departamento ao final de 1994, o Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres passou a buscar mecanismos de sustentação alternativos para a associação estadual os quais eram considerados indispensáveis ao fortalecimento da seccional do Paraná e para sua autonomia gerencial. Algum novo elemento aglutinador era necessário. Diante disto, após trabalho conjunto com a Secretaria Municipal de Saúde, foi inaugurado em agosto de 1995 o Programa de Prevenção do Câncer do Colo Uterino de Curitiba, objetivando reestruturar o atendimento aos usuários do sistema único de saúde (SUS). Este programa permitiu regulamentarmos o acesso democrático a credenciamentos do SUS para todos os patologistas de Curitiba com divisão eqüitativa de quotas entre todos e, principalmente bloqueando a

entrada de paramédicos no exercício da citopatologia. Esta iniciativa representou o início de um processo de reaproximação entre todos os patologistas de Curitiba para prestação de serviço numa forma cooperada ⁽²⁾. Nascia assim o embrião da Associação Paranaense de Patologia.

5.3. A fundação da Associação Paranaense de Patologia

O sucesso do projeto de prevenção de câncer na cidade de Curitiba fez o Departamento de Patologia e Citologia da AMPR, através de seus dirigentes, sonhar com a ampliação desta prestação de serviço a todo estado do Paraná. Como na primeira vez, contatamos a Secretaria



Prédio Histórico da UFPR, sede da 2ª secretaria da SBP

de Estado da Saúde e oferecemos a possibilidade deste intercâmbio profissional. O Secretário da Saúde do Paraná, Dr. Armando Raggio, médico patologista com residência no Serviço de Anatomia Patológica da UFPR e toda sua equipe de assessores, acolheram a idéia a qual parecia ousada porém exequível. Num determinado momento destas negociações, Dr. Armando demonstrou algum receio na capacidade de aglutinação dos médicos patologistas do Paraná em torno desta idéia, sendo entretanto desafiado, em tom de brincadeira, com a seguinte proposta “se a Secretaria da Saúde do Paraná

viabilizar os recursos, o departamento de Patologia e Citologia da AMPR responsabiliza-se por convencer e agregar os médicos patologistas”. Desta forma a proposta do Programa de Prevenção e Controle do Câncer ginecológico no estado do Paraná foi aprovada pelos médicos patologistas paranaenses, sendo um termo de cooperação técnica assinado entre o Governo do Estado do Paraná e a Sociedade Brasileira de Patologia, na pessoa de seu procurador no Paraná Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres, viabilizando o repasse de recursos no valor aproximado de R\$ 430.000,00 mensais de acordo com plano de aplicação, incluindo assessoria técnica e controle de qualidade. Este recurso foi fundamental para a viabilização definitiva da Associação Paranaense de Patologia (APP) oficialmente inaugurada, em sua sede própria, em 8 de dezembro de 1997, congregando virtualmente todos os patologistas atuantes neste estado (anexo 2) ⁽³⁾. Este programa estadual vem transcorrendo com pleno sucesso, gerenciado pela Secretaria Estadual da Saúde com apoio da Associação Paranaense de Patologia. Seus fundamentos foram importantes como modelo para a Campanha Nacional de Prevenção do Câncer de Colo Uterino, executada pelo INCA/MS em agosto/novembro de 1998, a qual propiciou recursos para aquisição da sede própria da SBP na cidade de São Paulo.

Hoje, quase três anos após a fundação oficial da APP, esta seccional da SBP encontra-se plenamente desenvolvida sendo conduzida em segundo mandato, por unanimidade de votos de seus participantes, pelo Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres como presidente, Dr. Luiz Martins Collaço como vice-presidente, Dr. Samuel Régis Araújo como tesoureiro e Dr. Joel Takashi Totsugui como tesoureiro, todos profundamente comprometidos com a continuidade e excelência desta entidade. A APP continua lutando pelos direitos de seus associados, viabilizando e defendendo mercado de trabalho para médicos patologistas, executando controle de qualidade dos exames citológicos colhidos neste programa em parceria com o Serviço de Anatomia Patológica do Hospital de Clínicas da UFPR, e principalmente estimulando seus associados à reciclagem profissional e educação continuada em todas as áreas da Anatomia

(2) **extraído em parte de* “Bleggi Torres, LF. Projeto de Prevenção do Câncer de colo uterino em Curitiba. Um sistema cooperativo de prestação de serviço. **Jornal O Patologista**, Ano 14, No 43, p.11”.

(3) **extraído em parte de* “Bleggi Torres, LF. Paraná desenvolve ambicioso programa para popularização do exame citológico. **Jornal O Patologista**, Ano 16, No 51, p.3-5”.

Patológica e Citopatologia através de inúmeros cursos e encontros de atualização desenvolvidos periodicamente em Curitiba.

Este profundo entrosamento dos patologistas do Paraná, após a fundação da APP, culminou com a escolha de Curitiba como sede do XXII Congresso Brasileiro de Patologia, em votação histórica realizada na Assembléia Extraordinária durante o XXI Congresso em Brasília, 1997. O congresso de Curitiba foi o maior congresso de nossa especialidade até este momento, realizado em junho de 1999, o qual teve amplo sucesso e grande repercussão nacional e internacional contando com mais de 1000 inscritos. Estes elementos científicos, administrativos e gerenciais solidificam a APP como uma das mais atuantes seccionais da SBP, modelo alternativo que pode contribuir na criação de outras seccionais em nosso país.

ANEXO 1: RELAÇÃO DE MÉDICOS PATOLOGISTAS FORMADOS NA RESIDÊNCIA MÉDICA EM ANATOMIA PATOLÓGICA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (1968-2000):

1968-69	Dr. Luiz Carlos Vieira Ugliano, professor auxiliar da Anatomia Patológica e da disciplina de Deontologia Médica do Departamento de Medicina Forense e Psiquiatria, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR;
1970-71	Dr. Godofredo Gomes de Oliveira, ex-professor da Faculdade de Medicina de Marília, patologista do Hospital Santa Izabel e professor da Faculdade de Medicina de Blumenau, SC;
1970	Dr. Antônio Plácido Pereira, patologista em Presidente Prudente, SP;
1970	Dr. Marciano A. Rojas Ayala, patologista em Pato Branco, PR;
1971-1972	Dr. Teodorico Gomes de Oliveira, patologista em Maringá, PR e ex-professor da Faculdade de Medicina de Marília, SP;
1971-7972	Dr. Avelino Ricardo Hass, patologista em Curitiba, PR;
1972-1973	Dr. José Fillus Neto, patologista em Curitiba, professor adjunto, Patologia Básica, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, PR;
1973-1974	Dra. Vera Lúcia Leite de Paula e Silva, patologista em Campo Grande e professora na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, MS;
1973-74-75	Dr. Giovanni Loddo, patologista em Curitiba, do Instituto Médico Legal, professor adjunto da Disciplina de Anatomia Patológica, Departamento de Patologia Médica, Universidade Federal do Paraná, PR;
1974	Dr. Flávio Cavallante, patologista em São Paulo, SP.
1974-1975	Dr. Nizan Pereira de Almeida, patologista em Curitiba, professor assistente, Patologia Básica, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, PR;
1974	Dra. Ligia Antunes Barbosa, patologista em Curitiba, PR;
1975-76-77	Dra. Zênia Maria Pastorello Scarpari Hatschbach, patologista em Curitiba, PR;
1976-1977	Dra. Vanda Fátima Rebuffi, patologista em Curitiba, professora assistente da Disciplina de Anatomia Patológica, Departamento de Patologia Médica, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, PR;
1976-1977	Dr. Hugo Meister, patologista em Maringá, PR;

1976-1977	Dr. Miguel Noel Nascentes Burnier Jr., professor titular de Anatomia Patológica, Escola Paulista de Medicina e professor de Patologia oftálmica da Universidade McGill, Montreal, Canadá;
1977-78	Dr. Armando Martinho Raggio, professor auxiliar, Disciplina de Patologia Básica, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR;
1977-1978	Dr. Antônio Carlos Scaramello, professor de Anatomia Patológica, Universidade Federal de Santa Catarina, SC;
1978-79-80	Dr. Gilberto Antunes Sampaio, patologista em Curitiba, Professor Assistente, Anatomia Patológica, Departamento de Patologia Médica, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, PR;
1978-1979	Dr. Dante Luis Gubert, patologista em Ponta Grossa, PR;
1978-1979	Dr. Josué Lopes de Souza, professor assistente, Anatomia Patológica, Universidade Federal de Santa Catarina, SC;
1979-1980	Dr. Hercílio Fronza Jr. patologista em Joinville, SC;
1979-1980	Dra. Joyce Tarnowski Leitão, patologista em Florianópolis, SC;
1980-1981	Dr. José Ederaldo de Queiroz Telles, patologista em Curitiba, professor adjunto da Disciplina de Anatomia Patológica, Departamento de Patologia Médica, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, PR;
1980-1981	Dr. Luiz Carlos da Silva, professor assistente, Anatomia Patológica, Faculdade de Medicina de Marília, SP;
1981-1982	Dr. Luiz Fernando Bleggi Torres, professor titular Disciplina de Anatomia Patológica, Departamento de Patologia Médica, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, PR;
1981-1982	Dr. João Péricles da Silva Jr., professor adjunto, Anatomia Patológica, Universidade Federal de Santa Catarina, SC;
1982-1983	Dr. José Rogério D. Zimmermann, patologista em Tupã, SP;
1982-1983	Elizabeth Schneider Gugelmin, patologista em Curitiba, Hospital Nossa Senhora das Graças, PR;
1983-1984	Dr. Luiz M. Collaço, Professor Assistente, Disciplina de Anatomia Patológica, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, PR;
1983-84-85	Dra. Rosemary Aparecida Camilo, Patologista em Joinville, SC;
1984-1985	Dra. Beatriz Moreira Leite, patologista em Blumenau, SC;
1984-85-86	Dr. Sérgio Ossamu Ioshii, professor adjunto, Disciplina de Anatomia Patológica, Departamento de Patologia Médica, Universidade Federal do Paraná, PR;
1985-86-87	Dra. Tereza Cristina Santos Cavalcanti, patologista do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, PR;
1985-86-87	Dra. Suzana N. Z. Kolbe, patologista em Rio Negro, PR;
1986	Dr. Luiz Fabiani, desligou-se no primeiro ano de Residência;

1986-1987	Dra. Mara R. Segalla, patologista do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, PR;
1988-89-90	Dra. Nádia Aparecida Lorencette, patologista em Joaçaba, SC;
1988-89-90	Dr. Álvaro Piazzetta Pinto, professor adjunto, Disciplina de Anatomia Patológica, Departamento de Patologia Médica, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná, PR;
1989-90-91	Dra. Rosemery Kuhl Svoboda, patologista em Curitiba, PR;
1989-90	Dra. Tânia Maria Pereira, desligou-se no segundo ano de residência;
1990	Dra. Raquel Wal, desligou-se no primeiro ano transferindo-se para a Faculdade de Medicina de Botucatu, atualmente médica do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital de Clínicas da UFPR, PR;
1990	Dra. Mariella de Lourdes Vasquez Villareal, desligou-se no primeiro ano da residência;
1991	Dr. Luis Alberto Hartmann Cury, desligou-se ao final do primeiro ano da residência, transferindo-se para a Faculdade de Medicina de Botucatu, SP; atualmente patologista em Paranaguá, PR;
1992	Dr. João Carlos Silveira Simoneto, desligou-se no primeiro ano de residência;
1992-94	Dra. Lídia Izabel Vaz, atualmente médica do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital de Clínicas da UFPR;
1993-95	Dra. Maristela Romanel Berbecka, abandonou o exercício da Patologia e está praticando medicina geral na Região de Curitiba;
1993-96	Dr. Joel Takashi Totsugui, professor assistente, Disciplina de Anatomia Patológica e Patologia Clínica, Departamento de Patologia Médica, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná;
1994-96	Dra. Ana Cláudia S. C. Hidalgo, patologista em Registro, SP;
1995-96	Dra. Lúcia de Noronha, professor assistente, Disciplina de Anatomia Patológica e Patologia Clínica, Departamento de Patologia Médica, Setor de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Paraná;
1995-97	Dra. Fernanda Narciso de Souza, patologista em Paranavaí, PR;
1996-98	Dra. Regina de Paula Xavier Gomes, patologista em Curitiba, PR;
1996-98	Dra. Teresa Maria da Silva Figueiredo, Patologista em Curitiba, PR
1997-99	Dra. Patrícia Stremel, patologista em Curitiba, PR;
1997-98	Dr. Danilo Nakao Odashiro, patologista em Campo Grande, MS
1998-	Dra. Betina Werner; R3 em estágio no Departamento de Patologia da Universidade de Miami, EUA.
1998-	Dr. Ewerton Marques Maggio; R3 em estágio no Departamento de Patologia da Universidade de Groningen, Holanda
1999-	Dr. Jorge Sérgio Reis Filho; R2 em Patologia;

- 1999- Dr. Mário Rodrigues Montemór Netto; R2 em Patologia;
 2000- Dra. Leonora Zozula Blind Pope; R1 em Patologia;
 2000- Dra. Maria Fernanda Soares. R1 em Patologia.

ANEXO 2: ATA DE FUNDAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE PATOLOGIA.



UM SÉCULO DE PATOLOGIA EM UM LABORATÓRIO DE SAÚDE PÚBLICA A EXPERIÊNCIA DO INSTITUTO ADOLFO LUTZ

Venâncio Avancini Ferreira Alves & Evandro Pimenta de Campos

Introdução

A criação do Instituto Adolfo Lutz (IAL), inicialmente com o nome de Laboratório de Bacteriologia e, a seguir, Instituto Bacteriológico, ocorreu no contexto de ações iniciais da República, com marcante intervenção do poder público no campo da saúde coletiva.

Na segunda metade do século XIX, São Paulo era a capital de uma Província emergente, com o progresso econômico e político associados ao modelo agro-exportador baseado no café. O crescimento populacional foi vertiginoso nesta época: no censo de 1855, registraram-se 15.471 habitantes e, já em 1872, este total subiu para 23.243, em 1886 para 44.030 e em 1893, atingindo 192.409 habitantes (1). Tal crescimento, às custas principalmente de intenso movimento imigratório, tornou fundamental a estruturação de um Sistema de Saúde, que teve como um de seus mais importantes marcos a criação do Hospital de Isolamento da Capital, hoje Instituto de Pesquisa Emílio Ribas, inaugurado em 8 de janeiro de 1880 no número 1 da Estrada do Araçá, atual avenida Dr. Arnaldo.

Como parte da re-estruturação da Província de São Paulo para Estado de São Paulo, foi instituído o Serviço Sanitário em 28 de outubro de 1891, através da Lei Estadual nº 12, regulamentado a seguir pela Lei nº 43, de 18 de julho de 1892, que definiu as três missões do Serviço: orientar o governo nos assuntos de higiene e salubridade pública; projetar e aplicar planos de melhoramento da saúde coletiva; executar o regulamento sanitário (que foi promulgado pelo Decreto 233, em 2 de março de 1894). O artigo 9 da Lei nº43 previa a instalação de quatro novos estabelecimentos de saúde:

- I) O Laboratório de Análises Químicas, para acompanhar a qualidade sanitária de alimentos
- II) O Laboratório de Bacteriologia, renomeado Instituto Bacteriológico em 1893, dedicado ao estudo da etiologia das epidemias, endemias e epizootias
- III) O Instituto Vacinogênico
- IV) O Laboratório Farmacêutico, que deveria suprir a demanda por medicamentos das instituições públicas de saúde. Ainda em 1893, o Hospital de Isolamento da Capital foi incorporado ao Serviço Sanitário.

Conforme a cuidadosa revisão de Antunes, recentemente publicada (2), o Laboratório de Bacteriologia do Estado instalou-se provisoriamente, em meados de 1892, em dependências do consultório do Dr. Marcos Arruda, onde também funcionava o Serviço Sanitário passando, a seguir, para a casa nº 25 da Rua Direita e, logo, para o segundo andar o edifício vizinho, nº 35. Em novembro de 1896, passou a ocupar um prédio de dois andares e edículas, construído especialmente para abrigá-lo, em terreno do Hospital de Isolamento, já visando a um entrosamento nas ações de ambas as instituições. Em 1940, a fusão do Instituto Bacteriológico



Prédio antigo do Instituto Adolfo Lutz

com o Laboratório de Análises Químicas e Bromatológicas, através do Decreto 11.526, deu origem à atual denominação Instituto Adolfo Lutz.

O Período de Adolfo Lutz



Prédio principal do Instituto Adolfo Lutz

Para a instalação do Laboratório de Bacteriologia, o governo paulista solicitou apoio à França, tendo Louis Pasteur indicado Felix Alexandre le Dantec para a Direção do Instituto. Este, no entanto, permaneceu no Brasil apenas quatro meses, deixando Adolpho Lutz para substituí-lo. Lutz, médico carioca com extenso treinamento na Europa, foi homem de extraordinária cultura geral, poliglota, sendo um dos pioneiros na pesquisa médica no Brasil.

Além das responsabilidades de Direção, Adolpho Lutz liderou um grupo de pesquisadores que revolucionou a Medicina Brasileira do final do século. Além de sua internacionalmente reconhecida contribuição à Bacteriologia, Lutz desenvolveu importantes estudos na paracoccidiodomicose, que passou a ser conhecida como Doença de Lutz. Seus seguidores prosseguiram os estudos, destacando-se, entre eles, Splendore, Almeida e Lacaz.



*O médico
Adolfo Lutz
(1918)*



*Adolfo Lutz e seus assistentes
em seus estudos de microscopia*

Ainda que nem sempre seja devidamente destacado, Lutz e seus colaboradores, além dos estudos relacionados à morfologia e à biologia dos próprios agentes infecciosos, estudaram com denodo a Anatomia Patológica das doenças de interesse em Saúde Pública. As análises macro e microscópicas de tecidos em busca de alterações morfológicas que caracterizem lesões, bem como a resposta do hospedeiro a agressões, além de, em muitos casos, permitir a identificação de agentes causais ou de seus efeitos deletérios, foram, desde o início das atividades do Instituto Bacteriológico, um dos mais importantes recursos laboratoriais para o esclarecimento de causas e avaliação das conseqüências das epidemias e endemias que afetavam a população paulista. De fato, o primeiro regulamento do Instituto (3), publicado em 28 de fevereiro de 1893 definia, em seu art. 1º, como primeiro objetivo "O estudo de microscopia e microbiologia em geral e especialmente o estudo da etiologia das epidemias, endemias e epizootias mais freqüentes no nosso meio sanitário".

Já em 1893, o surto de cólera surgido na Hospedaria dos Imigrantes foi estudado por Adolpho Lutz através de métodos microbiológicos e de autópsias, permitindo-lhe fazer a afirmação conclusiva em seu relatório ao Corpo Médico da Imigração com referência ao primeiro caso investigado: "Em conseqüência, tanto dos resultados da autópsia, como do exame bacteriológico, chegamos à conclusão que a menina faleceu de cólera asiática legítima." No relatório do ano de 1893, analisado posteriormente por Cerqueira Lemos (4) já se encontravam relatórios histopatológicos de casos de tumores "".

Os arquivos da atual Divisão de Patologia guardam, até hoje, relatos de muitas das autópsias que colaboraram na elucidação de surtos de moléstias infecciosas de grande importância, assinados de próprio punho pelos Drs. Adolpho Lutz, Carlos Meyer e Adolfo Lindenberg. Relata o próprio Adolpho Lutz no relatório apresentado à Diretoria do Serviço Sanitário referente aos Trabalhos do Instituto Bacteriológico de 1892 a 1908 (5): "Até 31 de julho de 1908, o número de autópsias feitas pelo pessoal do Instituto atinge a 443. Havendo interesse, nesses casos, de se chegar rapidamente ao resultado desejado, muitas vezes estas autópsias eram praticadas à noite. Eram levados microscópio, materiais corantes e tubos de cultura ao próprio necrotério, fazendo-se imediatamente preparações microscópicas e culturas

e quando havia necessidade de experiências em animais e exames histológicos, eles eram feitos com a maior rapidez possível, independentemente das horas regulares do serviço" (conduta exemplar a ser aprendida ainda pelos patologistas de hoje).

Eis a lista dos principais diagnósticos resultantes das autópsias e estudos consecutivos que constam no referido relatório 1892- 1908: febre amarela 121 casos, Cholera morbus 62 casos, peste bubônica 28, difteria 13, varíola 1 caso, sarampo 3 casos, malária 3, tuberculose (várias formas) 15 casos , hanseníase 5, tifo exantemático 5, meningite 5 casos, enterite amebiana 3 casos, atrofia do fígado (provavelmente correspondente à atual necrose hepática maciça) 2 casos, hidrofobia 1 caso, equinococose supurada de fígado 1 caso, além de 92 casos de febre tifóide. Esta foi uma memorável contribuição de Lutz, esclarecendo a origem das "febres paulistas" que tanta polêmica causaram no meio médico paulista, até que culturas fossem encaminhadas para o próprio Professor Eberth, que confirmou os diagnósticos de Lutz. Na verdade, Lutz conhecia profundamente esta doença desde seus tempos de doutorando em Medicina, quando estagiou com o grande patologista Weigert, período em que o próprio Lutz sofreu febre tifóide, possivelmente contaminando-se ao fazer autópsias. Segundo Lutz (5), "a primeira prova de tratar-se de um caso de tifo abdominal foi obtida no exame histológico de vísceras provenientes de uma autópsia feita por um dos ajudantes. O caso tinha sido comunicado como sendo de febre amarela, mas o quadro anatomopatológico indicava um erro de diagnóstico: encontraram-se nos rins, no fígado e no baço focos característicos de bactérias de forma típica, como são observadas nos casos de febre tifóide. Depois deste foram autopsiados mais de 90 casos onde o diagnóstico foi confirmado pelas lesões microscópicas revelando as culturas isoladas o bacilo de Eberth em vários órgãos e também na bile, tendo 3 culturas sido remetidas ao próprio descobridor do bacilo, que atestou tratar-se de culturas puras do bacilo da febre tifóide."

Período Após Lutz

Com a mudança de Lutz para o Rio de Janeiro, em fins de 1908, Carlos Meyer substituiu-o na direção do Instituto Bacteriológico. Os exames microscópicos continuaram a ser efetuados em elevada qualidade e quantidade, totalizando 3022 análises apenas no ano de 1913 (6), entre as quais destacamos 549 exames de sangue, 313 de escarro, 219 de urina, 12 de "sucos ganglionares", 33 de liquor, 3 de secreção nasal, 1 de líquido pleural, 2 de tumores sarcomatosos, além de 1500 exames de ratos, sendo, na verdade, de grande importância na época as autópsias de animais recolhidos em logradouros públicos ou mortos no Biotério do Instituto.

Com a saída do Dr. Meyer em 1916, as atividades de Anatomia Patológica perderam seu vigor, em paralelo a várias outras atividades de nossa instituição. Em 1931, quando houve a reestruturação do Instituto, a Cátedra de Patologia da então Faculdade de Medicina de São Paulo, atual Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), incorporou a Seção da Anatomia Patológica do Instituto Bacteriológico, sendo transferido para aquela Faculdade o então assistente anatomopatologista Dr. Lourival Santos.

A Recriação da Seção de Anatomia Patológica

A recriação da Seção de Anatomia Patológica, em 1933, inaugurou novo período de intensa atividade, com a contratação do Dr. João Batista de Freitas Montenegro, médico formado pela Universidade da Pennsylvania, docente de Patologia e Cirurgia da FMUSP. A Seção tornou-se centro de desenvolvimento de tecnologia histoquímica, com importante participação da técnica Ana Faraco, além de estudos sobre a morfologia da esquistossomose, micetomas, salmonelose (7), tuberculose, leptospirose (8) e de neoplasias (9,10). O desenvolvimento de técnica para inoculação de amostras de mucosas lesadas em testículos de

cobaias permitiu grande avanço na avaliação etiológica em casos de paracoccidiodomicose (11). A contribuição do Dr. Montenegro ao conhecimento da leishmaniose cutâneo-mucosa foi fundamental, incluindo-se, entre outras, a publicação de pesquisas sobre seus aspectos anatomopatológicos a nível diagnóstico (12) e experimental (13), além do desenvolvimento da intradermorreação que, até hoje amplamente utilizada e conhecida como Intradermorreação de Montenegro (14).

Em 1937, através do Serviço Especial da Febre Amarela foram contratados para o Instituto Bacteriológico diversos funcionários entre os quais o Dr. Augusto D' Escragnole Taunay, que além de relevantes serviços prestados posteriormente como Bacteriologista e Diretor Geral do Instituto, efetuou considerável número de autópsias e de viscerotomias para a elucidação das causas de óbitos das icterícias febris, sendo que na época apenas o Instituto Adolfo Lutz e o Instituto de Manguinhos, no Rio de Janeiro, foram escolhidos para tais procedimentos, de extrema utilidade em Saúde Pública.

O Período do Dr. Evandro Pimenta de Campos

Em 1951, assumiu a Seção de Anatomia Patológica o Dr. Evandro Pimenta de Campos, também assistente do Departamento de Patologia da FMUSP. Nesse período, a atuação da Seção foi de grande valia para o esclarecimento de diversos surtos, como os de febre maculosa em Piedade e Pilar, poliomielite em vários pontos do interior do Estado, gripe asiática e encefalite viral do Litoral. Sob o comando do Dr. Pimenta de Campos, a Seção, bem como os demais laboratórios incluídos na agora Divisão de Patologia (criada no Decreto de Reestruturação do Instituto em 1970) (15) experimentou grande expansão de atividades, com a criação do Setor de Citologia Oncótica, pilar do Sistema de



*Da E para D:
Evandro Pimenta e
Campos; Mário Centala;
Ariosto Büller Souto;
Zeferino Vaz; Morato
Proença; Álvaro de
Souza Sanches*

Prevenção e Detecção Precoce do Câncer Uterino, e do Laboratório de Cancerologia Experimental, para os quais muito contribuiu o Dr. Antonio James Brandi, também professor do Departamento de Patologia da FMUSP e posteriormente da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo. Neste laboratório experimental, foram desenvolvidas diversas técnicas histoquímicas, destacando-se a ação conjunta dos médicos patologistas e de técnicas de escol , como Ana Faraco e Adriana Manginelli

Massignani. A ativa interação com a FMUSP deu origem a vários estudos, incluindo-se a Tese de Cátedra de Urologia defendida por Jerônimo Geraldo de Campos Freire.

A atuação científica da equipe da Seção de Anatomia Patológica baseava-se no princípio altamente salutar da integração com as demais especialidades deste Instituto, especialmente com a Virologia, sendo também desenvolvida frutuosa linha de pesquisa em conjunto com os colegas da FMUSP e da Escola Paulista de Medicina (EPM). O trabalho conjunto com a equipe de Virologia relacionado à Meningo-encefalite pós-vacinal foi publicado no JAMA (16) e o estudo de varíola fetal em conjunto com os colegas da EPM estão publicados na Helvetica Paediatrica Acta (17), enquanto o trabalho “A complicação do quadro clínico das viroses recebeu o Prêmio” Azevedo Sodré “da Academia Nacional de Medicina em 1958. Estudos histopatológicos das infecções virais do fígado continuaram merecendo destaque, sendo que o trabalho sobre Hepatite Fulminante (18) recebeu o prêmio” Miguel Couto “da Academia Nacional de Medicina em 1954. Ainda na Patologia Hepática, o estudo Cirrose Tóxica na Infância mereceu o Prêmio Nestlé de Pediatria, da Sociedade Brasileira de Pediatria, em 1953”.

Descrições detalhadas da histopatologia de infecções por *Pneumocystis carinii* (19) foram de grande interesse para os patologistas que, nos anos 80, começaram a receber amostras de pacientes imunodeficientes. Os pesquisadores que participaram da equipe multi-institucional que analisou as autópsias de casos de Febre Purpúrica Brasileira puderam confrontar as alterações da adrenal em diversos casos com as descritas na escarlatina pelo Dr. Pimenta (20). Outra linha de atuação relevante foi o desenvolvimento de novas técnicas histo e citopatológicas (20,21) merecedoras inclusive de publicações internacionais, tal como o desenvolvimento de uma solução colóide para a preservação de amostras de esfregaços citológicos, publicada na conceituada revista "Stain Technology" (22).

O Período Atual

Após frutuoso trabalho, em 1981 aposentou-se o Dr. Pimenta de Campos, deixando para a atual equipe a tarefa de prosseguir aplicando os conhecimentos da Anatomia Patológica em prol da Saúde Pública. Nas últimas décadas, além do apoio laboratorial ao diagnóstico morfológico dos agravos à Saúde, com destaque para a atuação em Hanseníase, Tuberculose, Leishmaniose, AIDS, Febre Purpúrica Brasileira, Febre Amarela, Dengue, e, mais recentemente as infecções por Hantavírus, a Seção tem servido como Centro de Controle de Qualidade em Patologia do Colo Uterino para a Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo e para o Ministério da Saúde.

A criação do Laboratório de Imuno-histoquímica, em 1981, formalizando estudos conjuntos com a Seção de Imunologia, iniciados em 1979, foi pioneira em nosso meio, passando a atuar como centro de disseminação dos conhecimentos na área, com mais de três centenas de estágios já concedidos a profissionais de nível universitário que, de regresso a suas instituições introduziram esta importante sub-especialidade em mais de 50 centros universitários nas diversas regiões brasileiras, com apoio e monitoramento de atividades pela equipe do Instituto. Hoje, mais de 20.000 casos já foram analisados neste Laboratório, que serve como centro de referência ao diagnóstico imuno-histoquímico de neoplasias e tem desenvolvido tecnologia para detecção de antígenos virais, bacterianos e parasitários em amostras de biópsias, peças cirúrgicas e autópsias, visando ao conhecimento de mecanismos de formação de doenças e à elucidação etiológica, especialmente em casos que falecem em situações em que não foi possível o diagnóstico microbiológico ou imunológico em vida.

Tema de importância crescente em Saúde Pública, as hepatites por vírus sempre foram motivo de estudos no IAL, desde as primeiras autópsias de Lutz e Meyer (5), das viscerotomias para a pesquisa de Febre Amarela e da "forma fatal fulminante da hepatite infectuosa" de Pimenta de Campos (18). A linha de pesquisa em hepatites virais teve grande impulso na década de 80, através da participação de nossa equipe ao Projeto: Hepatites por Vírus no Brasil. Coordenado pelo Professor Luiz Carlos da Costa Gayotto, atual Titular do Departamento de Patologia da FMUSP, médico, pesquisador e professor de raro brilho, que elevou ao mais alto grau a hepatopatologia brasileira e propiciou a formação de grande contingente de patologistas, inclusive um dos autores (VAFA); este projeto antecipou o conceito de multidisciplinariedade e multiinstitucionalidade em ações de pesquisa em nosso meio, consagrados hoje pelas modalidades de Projeto Temático, pela FAPESP, e de Centros de Excelência, pelos órgãos federais, tendo como base os pacientes atendidos no Serviço de Hepatologia do Departamento de Gastroenterologia, pela equipe do Professor Luiz Caetano da Silva, também com a participação dos Institutos de Medicina Tropical e da Criança da FMUSP, com a liderança da Professora Gilda Porta e do Hospital Heliópolis, sob comando da Professora Edna Strauss. O Instituto Adolfo Lutz tem sido, desde o início, um dos pilares deste projeto, que ainda hoje une essas instituições. Nossa atuação inclui os estudos sorológicos desenvolvidos inicialmente na Seção de Imunologia e, posteriormente, no Serviço de Virologia, além da execução, na Seção de Anatomia Patológica, das análises histopatológicas e, em

especial, do desenvolvimento de sistemas imuno-histoquímicos e, mais recentemente, de hibridização molecular "in situ". A detecção de antígenos do vírus da Hepatite B (23) permitiu o conhecimento da frequência desta infecção em biópsias de nosso meio, com importância para o conhecimento da histopatologia de fases de replicação e de integração do genoma viral aos hepatócitos, servindo também como importante parâmetro para análise da infectividade e de eficácia de agentes antivirais. A detecção do antígeno delta em autópsias oriundas da Universidade Federal do Amazonas foi marco importante na avaliação etiológica da Febre Negra de Lábrea (24). Nos anos 90, os avanços no conhecimento da Hepatite B incluíram os aspectos de Biologia Molecular, onde a equipe de Virologia do IAL tem atuação destacada, tendo como contrapartida o desenvolvimento de novos sistemas mais sensíveis de detecção imuno-histoquímica de antígenos e de seqüências gênicas por hibridização molecular "in situ" (25).

Os últimos anos testemunharam, ainda, o reconhecimento de novos vírus das hepatites, dentro do grupo anteriormente denominado genericamente de Hepatites não A não B. Através de associação com o Laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento da Innogenetics, na Bélgica, nossa equipe vem, desde 1992, estudando aspectos imuno-histoquímicos da agora já conhecida Hepatite, já com algumas contribuições ao conhecimento da patogenia desta potencialmente grave forma de hepatite por vírus (26,27). Muito recentemente, temos trabalhado em conjunto com a equipe do professor Ricardo Lloyd, na Mayo Clinic, integrando os aspectos morfológicos e moleculares na Hepatite C, incluindo a detecção de seqüências de RNA do VHC em material de biópsia pelo método da Hibridização Molecular "in situ".

Um dos aspectos prioritários de estudo nesta linha multidisciplinar de pesquisas é a relação entre hepatites, cirrose e desenvolvimento do carcinoma hepatocelular, em conjunto com Flair J. Carrilho e sua equipe do Setor de Hepatologia do HC- FMUSP, já originando alguns interessantes estudos (28).

Outra área de crescente importância é o estudo das arboviroses. O desenvolvimento, em conjunto com o Serviço de Virologia, de técnica para detecção de antígeno de Febre Amarela (29), além de adicionar especificidade às biópsias e autópsias de casos suspeitos, permitiu considerações patogenéticas, sugerindo-se a possibilidade de replicação viral em outros órgãos, como rim e coração, além do já conhecido hepatotropismo. A integração com a equipe do Instituto Evandro Chagas (IEC), de Belém do Pará, permitiu a identificação imuno-histoquímica de antígenos dos vírus Dengue e, mais recentemente, Morumbi, um dos novos arbovírus em fase de caracterização pela equipe do IEC.

A identificação de outros vírus potencialmente relevantes em Saúde Pública tem sido buscada em associação com outras instituições. Contando com anticorpos desenvolvidos pela equipe do doutor Sherif Zaki, do Center for Diseases Control (CDC), temos participado do Sistema de Vigilância Epidemiológica de infecções por Hantavírus. Também o sarampo foi estudado através da expressão de antígenos específicos em tecidos (30), em trabalho que tem se mostrado útil no diagnóstico desta virose. Outros vírus cujo diagnóstico recebe a contribuição de métodos imuno-histoquímicos, em biópsias ou autópsias oriundas dos Serviços de Saúde Pública, são Herpes Simples, Citomegalovírus, Adenovírus e Vírus Sincicial Respiratório, estando ainda sendo desenvolvidos estudos conjuntos com a equipe da doutora Adele Caterino de Araújo para a identificação do Herpes Vírus tipo 8 (31).

Outra linha de pesquisas em que a atuação do Instituto Adolfo Lutz tem sido marcante é a relacionada à leptospirose. Já em 1929, Toledo Piza & Salles Gomes (32) relataram o primeiro caso de moléstia de Weil em São Paulo, que foi o pioneiro no Brasil com reprodução experimental da infecção em cobaia e conseqüente achado de leptospiros em cortes histológicos de rim do animal. A partir dos anos 40, o IAL tornou-se centro de referência no diagnóstico e em pesquisa em leptospirose através da excepcional dedicação do médico e pesquisador Marcelo Oswaldo Álvares Corrêa, cuja extensa contribuição está resumida no livro

comemorativo do centenário do IAL (33). Outra vertente desta linha de pesquisa tem como pilar a liderança do professor Thales de Brito, atualmente Professor Emérito de Patologia da FMUSP. Um dos mais completos patologistas brasileiros, criador de uma escola de pensamento que marca número significativo de patologistas brasileiros, desenvolveu, no Instituto de Medicina Tropical da FMUSP, a partir da década de 60, uma linha de trabalhos sobre os aspectos histológicos e ultra-estruturais das lesões relacionadas à leptospirose humana e experimental em cobaias, que atualmente são os trabalhos de maior número de citações internacionais na patologia da leptospirose, inclusive nos principais livros-texto de patologia e de clínica. Com base nestes sólidos alicerces, e com a presença constante do professor Thales, quer nos intervalos de suas tarefas na FMUSP, quer no “período sabático” de dois anos em que atuou diretamente entre nós, quer com suas constantes visitas agora após sua “aposentadoria”, a equipe da Divisão de Patologia do IAL desenvolveu sistema de detecção de antígenos teciduais aumentando a especificidade de tal diagnóstico em humanos (34) e a contribuições ao conhecimento de mecanismos de formação de lesões renais (35) e hepáticas (36) em estudos experimentais em cobaias, realizados conjuntamente com os Institutos de Ciências Biomédicas e de Medicina Tropical da USP. Tais estudos, hoje, são também estendidos às lesões pulmonares (37), estando em curso o desenvolvimento de métodos de hibridização molecular “in situ” para a detecção de seqüências de ácidos nucléicos de leptopiras nos tecidos lesados.

Um outro episódio que retrata a importância dos estudos anatomopatológicos em questões de Saúde Pública foi a elucidação da Febre Purpúrica Brasileira, que teve na equipe de Bacteriologia do IAL seu sustento basilar (38). Esta doença, de origem epidêmica, clinicamente semelhante à meningococcemia fulminante, porém sem sinais clínicos de meningite, acometeu crianças em cidades do oeste de São Paulo e norte do Paraná. Como descrevem em detalhes, Tondella e cols (38), ao início de 1985, esta doença apresentava apenas achados laboratoriais inespecíficos e, apesar de vários estudiosos sugerirem origem viral, reuniões entre os patologistas que executaram necropsias nas diversas cidades, promovidas na Divisão de Patologia do IAL, caracterizaram quadro sistêmico agudo, com diátese hemorrágica, coagulação intravascular disseminada e destruição abrupta das estruturas linfóides, levando à hipótese de processo infeccioso, causado por endotoxina bacteriana (39,40). A partir desses fatos, foi realizado um estudo caso-controle, com um grupo de estudos formado por profissionais do IAL, CVE e CDC, associando esta doença à ocorrência de conjuntivite por *Haemophilus aegypticus*, que foi o agente mais frequentemente isolado das culturas de secreções conjuntivais e de um raspado profundo de lesão petequial de um caso de FPB (40). Estudos ulteriores das equipes de Bacteriologia do IAL e de Biologia Molecular do CDC trouxeram considerável conhecimento sobre a patogenia do processo; paralelamente, as ações das equipes de Vigilância Epidemiológica dos Estados de São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul têm controlado a situação epidemiológica.

A Divisão de Patologia tem, ao longo de sua história, batalhado continuamente para o reconhecimento, por parte das autoridades sanitárias, do Câncer como questão prioritária em Saúde Pública. Este tema já constava dos relatórios de Lutz (5) e de Meyer (6) nos primórdios da instituição e teve novo impulso com a criação, já nos anos 50, por Pimenta de Campos, do Setor de Citologia Oncótica, que foi oficializado no decreto de re-estruturação do IAL, em 1970 (15). Em 1957, foram relatados os primeiros casos de estudo citológico de necropsias e, em 1960, há registro de 28 exames de Papanicolaou oriundos de ambulatórios externos de instituições benemerentes, dos quais 5 resultaram positivos para neoplasia maligna. Em 1962, Brandi e cols publicaram trabalho sobre sistemas de fixação de esfregaços citológicos, inaugurando linha de pesquisa que se desenvolveu vertiginosamente nos últimos anos.⁽²²⁾

A Divisão de Patologia participou, com grande entusiasmo e dedicação, do esforço conjunto dos órgãos de Saúde Pública para o combate ao câncer ginecológico, especialmente a partir dos anos 80, com a introdução do Programa da Saúde da Mulher, através da

Resolução SS 174, de 18.11.85, do Secretário de Saúde do Estado de São Paulo, doutor João Yunes. A Divisão de Patologia tem atuado neste programa em conjunto com os demais parceiros, em especial com a Fundação Centro de Pesquisa em Oncologia, atualmente Oncocentro, bem como com as Universidades de São Paulo (USP/SP e USP/RP), de Campinas (UNICAMP) e de Botucatu (UNESP) como Centro de Pesquisa, Referência e Controle de Qualidade do Sistema. A dedicação de nossa equipe tem sido exemplar: na década de 60, foram realizados 10537 exames citológicos de Papanicolaou, atingindo 35081 na década de 70. O impacto da atuação programática fez com que, nos anos 80, 292.886 casos fossem aqui estudados. Na atual década, até o final de 1998, foram executados 546.909 exames de citologia cérvico-vaginal.

O incremento no número de exames tornou necessário o continuado aporte de profissionais e de seu contínuo treinamento e a integração entre as instituições envolvidas no Programa resultou no Curso de Formação de Citotécnicos, iniciado pelo Professor João Sampaio Góes e desde então liderado pela equipe da Fundação Oncocentro, com quem temos colaborado no treinamento prático e nas aulas teóricas. Atualmente, este é um dos poucos cursos profissionalizantes oficializados na área de citotecnologia, reconhecido pelo MEC e pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Contribuímos, também, com os Cursos de Reciclagem Médica promovidos pelo Ministério da Saúde, através da ação pioneira da Professora Maria Mercês Pontes Lima Cunha, e também dos Cursos de Atualização e Reciclagem que promovemos conjuntamente com a Fundação Oncocentro.

A atuação científica da equipe da Divisão de Patologia na área de Citopatologia tem sido crescente. Dentre as áreas priorizadas, destacam-se os estudos das infecções por papilomavírus e nosso continuado interesse no desenvolvimento de sistemas de controle e de garantia de qualidade ao diagnóstico citopatológico.

Os critérios para o diagnóstico cito e histopatológico das lesões associadas aos papilomavírus têm sido aqui detalhadamente estudados, em associação a aspectos clínicos, colposcópicos, com a expressão de antígenos grupo-específicos (41) e, mais recentemente, com a detecção de seqüências de DNA viral através da Hibridização "in situ" de ácidos nucléicos, bem como em correlação com os métodos de Virologia Molecular, como a Captura de Híbridos e a Reação em Cadeia de Polimerase, (42,43).

Nosso interesse no desenvolvimento de Programas de Controle e Garantia de Qualidade foi decorrência direta do extraordinário aumento de demanda dos anos 80. Com o apoio da Professora Marluce Bibbo, então em Chicago, atualmente na Thomas Jefferson University, em Filadélfia, desenvolvemos rigoroso sistema interno de controle de qualidade (44), citado como modelo pelo Ministério da Saúde (45). Nos dias atuais, temos participado do extraordinário esforço conjunto das Sociedades Brasileiras de Citopatologia e de Patologia no desenvolvimento de Programas de Qualidade, motivando, inclusive, o Ministério da Saúde ao lançamento da Campanha para Diminuição da Mortalidade pelo Câncer de Colo de Útero, na qual atuamos como um dos Centros de Referência em Qualidade.

A integração com diversos outros laboratórios do IAL e da USP tem sido fator fundamental para, apesar da dificuldade para obtenção de recursos, podermos desenvolver novos métodos e estudar, de forma multidisciplinar, doenças de importância em Saúde Pública. Tal integração tem permitido, desde o início dos anos 80, o estudo de Marcadores Tumoriais nas diversas áreas da oncopatologia, destacando-se os trabalhos em cooperação com grupos de cirurgia e patologia digestiva, endócrina e urológica, com objetivos de avaliação do diagnóstico histogenético e de prognóstico de neoplasias. Esta base de conhecimentos tornou o Laboratório de Imuno-histoquímica da Divisão de Patologia um Centro de Referência em Diagnóstico em Oncopatologia para a Rede SUS, interagindo ativamente com os principais hospitais públicos assistenciais e universitários na área de oncologia, hoje com mais de 20.000 consultorias prestadas, sediando, também, desde os primórdios, as reuniões do Clube de

Imuno-histoquímica, e, mais recentemente, do Grupo de Hematopatologia da Sociedade Brasileira de Patologia, oportunidades de encontro amigo de profissionais interessados no desenvolvimento destas subespecialidades entre nós.

O crescimento das atividades científicas na Divisão de Patologia impulsionou, nos últimos anos, estes autores à maior concentração de esforços em atividade de consultoria diagnóstica e científica, orientando os jovens pesquisadores nas linhas de pesquisa em consolidação e em seus cursos de pós-graduação. Progressivamente, foi então preparada uma nova geração de gestores da Divisão, que, a partir de 1995, é dirigida pela pesquisadora Marina Y. S. Maeda, sendo a Seção de Anatomia Patológica chefiada pela doutora Marina S. Oyafuso, o Setor de Citologia Oncótica pelo pesquisador-doutor Adhemar Longatto Filho e o Laboratório de Imuno-histoquímica pela pesquisadora Raimunda Telma de Macedo Santos. O trabalho integrado de todos os profissionais da Divisão, sob a liderança de Marina Y.S. Maeda, tem sido a um tempo, de convívio extremamente agradável e de produtividade continuamente crescente.

As atuais perspectivas de desenvolvimento científico da equipe do IAL são alvissareiras, com estudos já avançados para a instalação do Curso de Pós-Graduação (“strictu senso”) da Coordenadoria dos Institutos de Pesquisa da Secretaria de Saúde. O acerto da política de progressiva titulação formal de nossos pesquisadores permitiu que possamos incrementar ainda mais a busca de recursos junto às instituições fomentadoras de pesquisa. De outra parte, a valorização, também pelo SUS, dos procedimentos diagnósticos em Anatomia Patológica, em Citopatologia e, recentemente, em Imuno-histoquímica, permitirá, também, a captação de recursos através dos exames e de consultorias prestadas à Rede Pública. Para que os recursos captados pelas ações de pesquisa e de consultoria possam resultar em continuada melhoria nas condições de trabalho no IAL, aguardamos, para muito breve, a aprovação do Projeto de Lei, já em tramitação na Assembléia Legislativa, conferindo agilidade e responsabilidade aos Fundos Especiais de Despesa dos Institutos de Pesquisa. Com o decidido apoio das autoridades, através de planos de carreiras e salários que incentivem a atuação de profissionais do mais alto nível e também com a integração com os demais laboratórios do IAL e da Universidade, renovamos nossas fundadas esperanças que a atuação da Seção possa ser cada vez mais aprimorada como Centro de Pesquisa, Referência e Controle de Qualidade em Saúde Pública.

AGRADECIMENTOS: Os autores agradecem a Paulo Sérgio Cardoso de Souza (Seção de Análises Clínicas, IAL) e Antonio Roberto de Souza Ferreira (Seção de Fotomicrografia, IAL), pela busca e reprodução das fotografias históricas.

FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA ASSOCIAÇÃO DOS PATOLOGISTAS DO ESTADO DE SÃO PAULO (APESP)

José Carlos Prates Campos

Introdução - As Raízes

Em 1972, pouco depois de deixar o Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP, para assumir o Laboratório de Patologia do Hospital São Lucas, tive a oportunidade de participar de uma reunião do Clube dos Radiologistas “Manoel de Abreu”, em Campinas, sobre Tumores Ósseos. Fiquei muito bem impressionado com o tipo de reunião que aqueles colegas realizavam. Os interessados em apresentar seus casos se inscreviam junto ao Secretário do Clube e durante a reunião eram chamados por ordem de inscrição. Apresentados o resumo da história clínica e as imagens do caso, o diagnóstico era posto em discussão, sendo vários dos presentes chamados a dar a sua opinião. Ao fim da discussão o “dono” do caso dava o diagnóstico definitivo, justificando-o, em geral com o resultado do exame anatomopatológico.

Nesta época começaram a se instalar em cidades do interior do Estado os laboratórios de Anatomia Patológica, exigidos pela criação de Especialidades Médicas nos hospitais do interior e pela criação de novas Residências de Anatomia Patológica, o que aumentou a oferta de especialistas nesta área.

Como patologista, já com alguma experiência em Patologia Cirúrgica, comecei a receber consultas de alguns patologistas jovens, recém saídos das Residências que se instalavam nas cidades do interior onde, às vezes sozinhos, sem ninguém com quem dividir a responsabilidade pelos diagnósticos (o que é importante muitas vezes mesmo para os mais experientes na especialidade), enviavam seus casos ou traziam pessoalmente as lâminas para pedirem minha opinião.

Curso sobre Diagnóstico de Tumores humanos pela técnica da Punção Biópsia Aspirativa.

PROF. MANS ÅKERMAN
(LUND - SUÉCIA)

Ribeirão Preto
20 a 24 de Setembro de 1977

Programa do curso do Dr. Åkerman



Participantes do curso do Dr. Mans Åkerman. De pé, da esquerda para a direita: Dr. Schmidt, Diretor do Hospital São Francisco onde se realizou o curso; Dr. Vitório Valeri; Dr. Raul Fleury; Dr. Fábio Valeri; Dr. Badan Palhares; Dr. Diniz da Gama; Dr. Ackerman; Dra. não identificada; Dr. Sidney de Moraes Rego; Dr. Não identificado; Dr. Alcides; Dr. Celso Rubens Vieira e Silva. Atrás, de pé – Dr. José Carlos Prates Campos; Dra. Cecília Ferro e Dr. Antico. Sentadas; Dra. Olívia; Dra. Mércia Bartkewitch; Dra. Crespo Veja (Residente do H. C.) e Dra. Margarida Moraes.

Inspirado na reunião do Clube “Manoel de Abreu”, pensei em propor a criação de um clube semelhante entre os patologistas, onde nós, isolados no interior, pudéssemos apresentar nossas dúvidas, discutir os nossos casos e trocar nossas experiências.

Naquela época, a Dra. Margarida Moraes, recém chegada de Residência que fez nos Estados Unidos, foi trabalhar conosco no Hospital São Lucas. Expus a ela e ao Dr. Ivo Ricci, que nos visitava naquele dia, a idéia do Clube dos Patologistas. Ambos concordaram com ela e o Dr. Ivo ficou de convocar uma primeira reunião em São Carlos. Infelizmente a primeira convocação não obteve resposta dos colegas. Pesquisei então em quais cidades havia laboratórios de Patologia e escrevi uma carta a cada um dos colegas convocando-os para uma reunião em Ribeirão Preto.



2. Prates evidenciando ao microfone-rodinho as letras de músicas tão românticas quanto nossa especialidade.

Comemoração dos 10 anos de fundação do Clube dos Patologistas em São Carlos, 1982.

Organizamos esta reunião no Centro Médico de Ribeirão Preto, num fim de semana e, para “quebrar o gelo”, incluímos um intervalo onde seriam servidas bebidas e salgadinhos. Esta prática permanece até hoje nas reuniões da APESP e foi apelidada mais tarde pelo colega Stecca, de Sorocaba, como a “Hora dos Acepipes”. A essa reunião compareceram alguns colegas: me lembro do Dr. Raul Fleury, de Bauru; do Dr. Aluizio de Mendonça Costa, de São José do Rio Preto; do Dr. Antônio Carlos Bacilli, de Campinas; do Dr. Estevão Nador, de São José dos Campos, além de um ou dois colegas da Faculdade de Ribeirão Preto. A reunião teve como efeito principal o conhecimento entre os colegas e a aceitação de que valia a pena prosseguir com as reuniões.

Assim, seguiram-se as reuniões em Bauru, São José dos Campos, São José do Rio Preto, Campinas. À medida que se sucediam as reuniões aumentava o número de patologistas participantes e se ampliava o rodízio entre as cidades patrocinadoras dos encontros. As reuniões se realizavam sempre nos fins de semana, no sábado à tarde e no domingo pela manhã. Muitos colegas compareciam com as respectivas famílias, esposa e filhos. A esposa do colega anfitrião, da cidade sede da reunião, providenciava um programa social para as famílias enquanto nós fazíamos nossas reuniões administrativas, que tratavam dos problemas profissionais, e científica, com apresentação e discussão dos casos.

Este convívio trouxe a aproximação entre colegas e amigos que permanecem até hoje. Esta convivência proporcionou também entre os patologistas um diálogo sobre os problemas ligados à prática da especialidade e por isso parte das reuniões passou a ser dedicada à abordagem destes problemas.

Outro fato importante, resultante desta convivência, foi que os colegas, conhecendo-se melhor, passaram a perceber as preferências de cada um nas diferentes áreas da patologia. Isto levou a uma prática até então pouco utilizada entre patologistas no país, a interconsulta, tão salutar para os profissionais na nossa especialidade quanto para os pacientes que dependem da nossa opinião diagnóstica.

De Clube À APESP

Um dos patologistas que aderiram às reuniões do Clube foi o Dr. Marco Túlio Barcelos de Assis Figueiredo, do Hospital A.C. Camargo de São Paulo. Foi sua a sugestão de transformar o Clube em uma Associação, com personalidade jurídica, pois assim poderíamos receber doações e auxílios para nossas atividades e implementar programas, cursos, seminários etc. A idéia levada ao Clube foi aceita e no dia 2 de abril de 1975, na cidade de São Carlos, foi realizada a reunião em que se criou a Associação dos Patologistas do Estado de São Paulo e se convocou outra



*Diretoria eleita para o biênio 91-92.
Da esquerda para a direita: Dr. Fernando Schmitt, secretário executivo; Dr. Luis Carlos Silva, presidente; Dr. Noel Ravanini, primeiro tesoureiro; Dra. Mariangela Esther Marques, primeira secretária; Dr. Antônio Menezes, segundo secretário; Dra. Ana Lucia Conelian Gentili segunda tesoureira e Dr. João Norberto Stávale, vice-presidente.*

reunião para a eleição da sua primeira Diretoria. Assinaram a ata de fundação da APESP os seguintes patologistas: Dr. Antônio Carlos Bacilli, Dr. Ivo Ricci, Dra. Margarida M. F. S. Moraes, Dr. José Carlos Prates Campos, Dr. Francisco José Monteiro Salles, Dr. Miguel Burnier Jr., Dr. Mário Alberto de Souza Paino, Dr. Francisco Carlos Quevedo, Dr. Celso Rubens Vieira e Silva, Dr. Raul Negrão Fleury, Dr. Ulisses Frederigue Jr. e Dr. Marco Túlio B. de Assis Figueiredo. A reunião para a eleição da primeira Diretoria da APESP foi realizada, também em São Carlos, no dia 22 de maio de 1975. Esta primeira Diretoria ficou assim constituída: Presidente – Dr. José Carlos Prates Campos; Vice-Presidente – Dr. Marco Túlio B. de Assis Figueiredo; Secretário executivo – Dr. Ivo Ricci; 1º Secretário – Dr. Mário Alberto de Souza Paino; 2º Secretário – Dr. Antônio Carlos Bacilli; Tesoureiro – Dra. Margarida M. F. S. Moraes e Tesoureiro adjunto – Dr. Francisco Carlos Quevedo. Acho agora que foi “muito cacique pra pouco índio” mas acredito que esta distribuição de cargos tenha sido uma homenagem aos colegas pioneiros do Clube.

Nesta mesma reunião foi constituída uma comissão composta pelos Drs. José Carlos Prates Campos, Marco Túlio Figueiredo e Ivo Ricci para elaboração dos Estatutos da Associação, que feito, foi aprovado em reunião de 22 de junho de 1975.

Para completar este histórico de registros nominais, segue-se a relação dos presidentes da APESP desde sua fundação até hoje: o Dr. José Carlos Prates Campos ocupou a presidência por mais dois biênios, 77-78 e 85-86. O Dr. Raul Negrão Fleury foi eleito para o biênio 79-80. O Dr. Jeronymo Stecca presidiu a APESP de 81 a 82. A Dra. Margarida Moraes foi presidente de 83 a 84. O Dr. Fred Ellinger foi presidente no biênio 87-88. O Dr. Marcello Franco dirigiu a APESP em 89-90. O Dr. Luiz Carlos Silva presidiu a Associação em 91-92. O Dr. Marcello Alvarenga em 93-94 e o Dr. Carlos Eduardo Bacchi presidiu nos biênios de 95-96 e 97-98.

A Evolução da APESP

À medida que se sucediam as reuniões que, diga-se de passagem, se realizam em média de seis por ano, sem interrupção, desde a fundação do Clube em 72 até hoje, novas idéias e propostas para melhorar a qualidade das reuniões e o aproveitamento e atualização dos participantes foram surgindo. A primeira proposta para a realização de um curso longo, que versou sobre a então recente técnica de punção biópsia aspirativa com agulha fina para o diagnóstico de tumores, partiu da Dra. Margarida Moraes que conheceu o Dr. Mans Åkerman em um Congresso de Citopatologia em Santos e levou ao nosso grupo a idéia de convidá-lo a dar um curso sobre o assunto na APESP. Com a aprovação e a disposição dos colegas em subsidiar a passagem do Dr. Åkerman, que é citopatologista da Universidade de Lund na Suécia, depois de uma troca de correspondência entre a Dra. Margarida e o Dr. Åkerman para acertar a data, o número de participantes e o programa do curso, enviamos-lhe um convite oficial em nome da APESP e o Dr. Åkerman passou cinco dias em Ribeirão Preto ministrando, para cerca de 40 colegas, um curso teórico e prático, inclusive com demonstração em pacientes e coleções de lâminas sobre os assuntos abordados teoricamente que cobriram as áreas de tumores de mama, tireóide, pulmão, glândulas salivares e gânglios linfáticos.

Desde esta época vários especialistas nacionais e estrangeiros, com reconhecida competência em suas áreas de interesse, participaram de reuniões da APESP, sobretudo a partir do início desta década quando, por proposta do Dr. Marcello Franco, a APESP passou a auxiliar financeiramente os colegas organizadores das reuniões para que pudessem arcar com as despesas com a vinda de convidados.

Desde a sua fundação, a APESP co-participou e colaborou com atividades promovidas por outras entidades, tanto na área de Patologia como de outras especialidades, através de seus membros que participaram de Congressos, Jornadas, Cursos, Seminários e grupos de estudo de setores específicos da patologia.

Um índice do crescente interesse que vem despertando as reuniões da APESP é representado pelo aumento da frequência a estas reuniões e à participação nelas de colegas de outros Estados como Paraná, Rio, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Em carta datada de novembro de 1972, que dirigi ao Dr. Godofredo G. Oliveira, então patologista em Presidente Prudente, convidando-o a participar em nossas reuniões, está referido como grande façanha que na última reunião tivemos a participação de 10 (!) patologistas. Nas reuniões realizadas em Bauru em março de 98, em São Paulo em maio de 98 e em Ribeirão Preto, em agosto do mesmo ano, mais de 100 colegas assinaram a lista de presença.

A APESP e a Sociedade Brasileira de Patologia

As atividades da APESP, principalmente na área profissional, chamaram a atenção de líderes e dirigentes da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP). Isto se evidenciou quando, durante o Congresso Brasileiro de Patologia realizado em Campinas, em 1977, fui procurado pelo Prof. Manoel Barretto Netto para uma reunião onde ele gostaria de conversar sobre a APESP. Reuni alguns colegas apespianos e fomos ao encontro. Lá chegando encontramos, além do Prof. Barretto Netto, os Profs. Luigi Bogliolo, Thales de Brito, Mário Rubens Montenegro e, se não me falha a memória, Zilton de Andrade. Fomos então sabatinados sobre as atividades e objetivos da APESP. Absolvidos e desfeitas as suspeitas de que a APESP poderia se tornar uma Sociedade de Patologia paralela, desta reunião surgiu a criação, dentro da SBP, de um Conselho do Exercício Profissional, aprovada na Assembléia Geral daquele Congresso. O Conselho ficou constituído pelos Drs. José Carlos Prates Campos, como presidente, e como conselheiros o Prof. Barretto Netto e os Drs. Mário Alberto de Souza Paino e Antônio Carlos Bacilli. Apesar de alguns esforços realizados, o Conselho pouco ou nada conseguiu naquela época de exceção em que as determinações eram impostas sempre de cima para baixo.

Depois de apresentar no Congresso seguinte, em Brasília, um relatório que mostrava apenas dados colhidos sobre a situação dos patologistas no país, através de questionário enviado a todos os colegas, o Conselho foi extinto pois as suas atribuições já estavam previstas nos Estatutos da SBP. Faltava apenas disposição para realizá-las.

Num dia de 1980, um sábado pela manhã, achava-me em meu laboratório quando recebi, surpreso, um telefonema do Prof. Bogliolo convidando-me para ir almoçar com ele no hotel em que se hospedava em Ribeirão Preto, onde se encontrava fazendo parte de Banca Examinadora de Concurso na Faculdade de Medicina. Não imaginava que lá chegando encontraria os demais membros da Banca: os Profs. Montenegro, Thales de Brito e Fritz Köberle e muito menos que o motivo do convite era sugerir o meu nome para candidato à presidência da SBP nas próximas eleições que se realizariam durante o Congresso Brasileiro, em Belo Horizonte, no ano seguinte. Aceitei a indicação pois sabia que o convite era dirigido não apenas à minha pessoa mas a um legítimo representante da APESP.

Em nossa gestão à frente da SBP fizemos um anteprojeto de reforma dos Estatutos da Sociedade que, infelizmente, não pôde ser votado durante o XVI Congresso Brasileiro, em Ribeirão Preto, por não ter sido enviado aos colegas em tempo hábil, de acordo com o que estabelecia o Estatuto vigente na época. Ele foi aprovado com modificações no Congresso seguinte, mas duas das propostas que considerávamos fundamentais para um desempenho eficiente da Sociedade não só permaneceram como foram postas em prática e implementadas nas competentes gestões posteriores dos Drs. Jesus Carlos Machado e Marcello Franco. Refiro-me à fixação definitiva da Administração da SBP (Secretaria Geral e Tesouraria) em São Paulo (onde hoje já temos até sede própria) e à criação com incentivo das Seccionais Estaduais da SBP. No Estado de São Paulo a APESP foi escolhida para representar a seccional paulista da SBP.

Nos últimos Congressos Brasileiros de Patologia, a partir do Congresso de Santos, sob a presidência do Dr. Marcello Franco, vários membros da APESP têm atuado nas Comissões Científicas como coordenadores e participantes de Cursos, Seminários e Mesas Redondas, contribuindo para a boa qualidade dos Congressos e para maior afluência de colegas de todo o país a estas reuniões e também a Jornadas de âmbito regional.

Histórias que Influíram Favoravelmente em seu Destino e Contribuíram para o Progresso e Permanência da APESP

A primeira nos foi contada pelo Dr. Edson Garcia Soares, então Residente do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Botucatu e que freqüentou as reuniões da APESP levado pelo Prof. José Carlos F. Diniz da Gama, na época docente daquele Departamento. Outros Residentes como a Dra. Catarina Shaletich e a Dra. Edneia M. Tani também passaram a freqüentar a APESP. Em 1975 o Dr. Diniz viajou para longa permanência no exterior e os Residentes ficaram sem companhia para irem às reuniões. Procuraram o Dr. Marcello Franco, também docente do mesmo Departamento que se negou terminantemente, segundo os Residentes, a “deixar de fazer a sua feira de domingo para participar daquelas reuniões”. Depois de muita insistência os três conseguiram que o Dr. Marcello fosse pelo menos a uma reunião. Caso ele não gostasse não iria mais. O que aconteceu foi que o Dr. Marcello não só se tornou um dos mais assíduos freqüentadores da APESP como se mostrou um de seus mais profícuos participantes, estimulando os Residentes de Botucatu a freqüentarem as reuniões e delas participarem apresentando e discutindo os casos selecionados pelo Departamento de Botucatu. Esta contribuição dos colegas de Botucatu, com a seriedade e eficiência com que sempre foi tratada, trouxe um grande benefício para todos nós na APESP. O Dr. Marcello foi mais tarde Presidente da APESP e da SBP onde sempre recebeu por seus méritos o apoio e a colaboração da Associação nas duas gestões em que esteve à frente da SBP.

Outra história que merece registro foi a da participação de um dos membros ativos da APESP no Grupo Nacional para o Estudo dos Linfomas. O Dr. Jesus Carlos Machado, um dos coordenadores do Grupo, queria um membro da APESP participando das atividades deste Grupo. Em um encontro que tivemos em Catanduva, onde fui dar uma aula sobre tumores ósseos a convite da Dra. Mércia Bartkewitch, o Dr. Jesus me perguntou se eu gostaria de participar do Grupo de Linfomas. Fiz ver a ele que o Dr. Celso Rubens Vieira e Silva era, na APESP, a pessoa mais indicada para esta participação pelo interesse que demonstrava neste assunto em nossas reuniões. O Dr. Celso foi admitido no Grupo o que resultou em grande benefício para todos os freqüentadores da APESP pela competência que o Dr. Celso sempre mostrou na apresentação e discussão dos casos relacionados a esta área e pela ajuda que sempre deu a todos nós respondendo às nossas consultas.

Mais um história, esta quase uma novela, é representada pelas repetidas ameaças que o Dr. Fred Ellinger fazia de voltar para sua terra natal em Blumenau e deixar a nossa companhia na APESP. Felizmente para nós as ameaças não se concretizaram e o Dr. Fred permanece entre nós até hoje como um assíduo freqüentador e eficiente colaborador na APESP onde nos auxilia nas consultas que lhe enviamos sobre casos difíceis de Tumores de Partes Moles, sua área de especialização e que estuda com seriedade, discutindo sempre com competência todos os casos apresentados em nossas reuniões, para proveito de todos.

Mais um registro que não pode deixar de ser anotado nesta história foi a surpresa que nos foi feita pelo Dr. Paulo Roberto Grimaldi lançando um jornal, “O Patologista”, na reunião realizada em São Carlos em 1982, para comemorar os dez anos de fundação do Clube dos Patologistas. Este jornal serviu de elo entre a APESP e os colegas de outras regiões já que era distribuído em todo o país. Ele foi mais tarde substituído pelo “Jornal do Anatomopatologista”,

editado pela APESP. Também este perdeu o sentido desde que a SBP passou a ter o seu Jornal próprio, que atende ao interesse dos patologistas de todo o território nacional.

Palavras Finais

Este é um resumo da história de um modesto Clube de Patologistas do Interior do Estado de São Paulo que se tornou em uma Associação de Patologistas atuante, que colaborou e continua colaborando para o aperfeiçoamento e atualização dos patologistas e para a boa prática da Patologia Cirúrgica em nosso meio, como verdadeira Escola de Educação Continuada que é, na nossa especialidade médica.

Para a APESP, com carinho, e tratando-a de certa forma antropomórfica, eu gostaria de dizer a primeira estrofe de um poema que se acha aqui à minha frente e que diz:

“I love you not only for what you are but for
what I am when I am WITH YOU.”

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NA ESCOLA PAULISTA DE MEDICINA

Jorge Michalany

Introdução

A história da patologia na Escola Paulista de Medicina, coincidiu com a fundação dessa Escola em 1933.

Fundação da Escola da Escola Paulista de Medicina

A Escola Paulista de Medicina (EPM), fundada em 1933, foi o segundo estabelecimento de ensino médico e o primeiro particular existente no Estado de São Paulo. Sua fundação deve-se a quatro principais fatores:

1) Número insuficiente de vagas na Faculdade de Medicina de Pinheiros (USP), para atender o ingresso de candidatos excedentes. Estes eram obrigados a deslocar-se para outros Estados, cursando sobretudo nas faculdades do Rio de Janeiro (Praia Vermelha) e Paraná (Curitiba). 2) Além de alunos, havia também docentes excedentes desejosos de ensinar. 3) Apesar do alto nível dos docentes da faculdade, esta não possuía hospital próprio. As clínicas eram localizadas por empréstimo nas instalações da Santa Casa da Misericórdia de São Paulo, distante da faculdade. 4) A Revolução Constitucionalista de São Paulo, em 1932, contra as pretensões ditatoriais de Getúlio Vargas, veio acrescentar mais um fator para ampliar a idéia de uma nova escola médica em São Paulo, pois ficou demonstrado que o Estado tivera grande dificuldade no atendimento dos paulistas combatentes, devido à escassez de leitos hospitalares e número insuficiente de médicos para atendê-los.

Diante dessas premissas, o Dr. Octávio de Carvalho (1891-1973) teve a idéia de fundar uma escola particular, a EPM, congregando para isso 33 colegas partidários do evento, que assinaram um manifesto público para a fundação do referido estabelecimento de ensino médico. Entre os signatários, além de vários docentes da Faculdade de Medicina de Pinheiros, destacava-se o nome do ilustre cientista Henrique da Rocha Lima, o descobridor das riquetsias.

Uma vez fundada, a EPM instalou-se num modesto prédio do antigo Colégio Dulley, depois Anglo-Latino, sito à Rua Coronel Oscar Porto, bairro Paraíso. E foi ali que a 15 de julho de



A sede provisória da Escola Paulista de Medicina em 1933, na Rua Coronel Oscar Porto, Paraíso.

1933, o Dr. Antônio Carlos Pacheco e Silva (1898-1988), diretor do Hospital Juqueri e catedrático de Psiquiatria da novel Escola, proferiu a aula inaugural para iniciar os cursos.

A idéia de se fundar uma escola particular de medicina não foi bem recebida pela Faculdade de Medicina de Pinheiros e nem pela Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. “Uma temeridade”, diziam. Desse modo, a EPM chegou a ser até hostilizada pelas duas instituições que comandavam o ensino médico no Estado. Mas a dedicação dos seus fundadores, dos professores e alunos tudo venceu, e a EPM, chamada de “Escolinha” pelos opositores, tornou-se um dos melhores estabelecimentos de ensino médico do país.



Octávio de Carvalho, o idealizador da Escola Paulista de Medicina, ao lado de seu busto.



A sede definitiva da Escola Paulista de Medicina, na Rua Botucatu, Vila Clementino, vendo-se na entrada o busto de Álvaro Lemos Torres, um dos fundadores da Escola.

Em 1936 a sede da EPM mudou-se das acanhadas e provisórias instalações da Rua Coronel Oscar Porto para a então Chácara Schiffrini, localizada na Rua Botucatu em Vila Clementino. De acordo com os fundadores, era indispensável prover a EPM de um hospital próprio, o Hospital São Paulo (HSP) para o ensino das clínicas. Estas iniciaram-se provisoriamente numa enfermaria do Hospital Umberto I, gentilmente cedido pela família Matarazzo, passando depois para o Pavilhão Maria Thereza de Azevedo, um prédio situado ao lado da EPM na Rua Botucatu e ofertado por essa ilustre dama da sociedade paulista.

O HSP foi fundado graças à doações obtidas, inclusive pelos alunos, tendo sua construção iniciada em 1936 e terminada em 1940.

Deste modo, a EPM foi a primeira faculdade médica do Brasil a ter o próprio hospital de clínicas. Além desse pioneirismo, fundou-se em 1937 a Escola Paulista de Enfermagem, a primeira estabelecida em São Paulo e dirigida por missionárias francesas. Em 1951, a EPM aperfeiçoou a organização do ensino médico, ao estabelecer, pela primeira vez no Brasil, a reunião de cátedras afins em departamentos.

Devido às dificuldades financeiras por que passava a EPM, houve por bem federalizá-la em janeiro de 1956. Finalmente, a EPM, até então uma entidade autônoma do Ministério da Educação e Cultura, passou, em 1994, a fazer parte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP).



Hospital São Paulo em 1940, o primeiro hospital universitário de clínicas do Brasil.

A Patologia na Escola Paulista de Medicina

Na organização da EPM, os médicos fundadores tornaram-se catedráticos, encarregando-se da cadeira de Patologia Geral o Dr. Marcos Lindenberg e a de Anatomia e Fisiologia Patológicas, o Professor Henrique da Rocha Lima, Diretor do Instituto Biológico.

1. Cátedra de Patologia Geral



Marcos Lindenberg

O curso dessa matéria iniciou-se em 1935, sendo dirigido pelo Professor Marcos Lindenberg (1901-1979), nascido em Cabo Frio, RJ. Embora tivesse se iniciado, ainda estudante, como aluno preparador das cadeiras de Anatomia e Histologia na Faculdade de Medicina de Pinheiros e começado sua formação científica com o eminente anatomista Alfonso Bovero, e passado para a Anatomia Patológica com o Professor Oskar Klotz da mesma Faculdade, Lindenberg inclinou-se para a Patologia Clínica em vez de a patologia morfológica. Dentro desse campo, passou a organizar e dirigir laboratórios de análises clínicas, entre estes, o Laboratório Central do Hospital São Paulo.

A tendência de Marcos Lindenberg para a Patologia Clínica refletiu-se no curso de Patologia Geral. As aulas eram mais dedicadas à fisiopatologia e a exames de laboratório clínico do que à morfologia dos processos patológicos gerais. Ademais, Lindenberg, apesar da sua cultura, sobretudo humanista, não era bom didata. Muito prolixo e às vezes confuso, suas aulas eram cansativas, contrastando com aquelas do

seu brilhante assistente João Marques de Castro, chamado carinhosamente de Joãozinho pelos alunos.

Conheci o Professor Lindenberg como seu aluno em 1939 e como seu assistente em 1964 quando, ao retornar à EPM após um longo afastamento, não me foi possível trabalhar na Cadeira de Anatomia Patológica por causa da incompatibilidade com o catedrático Moacyr de Freitas Amorim. As pesquisas de Lindenberg eram voltadas para a patologia clínica e versando sobre patologia hepática, esquistossomose, moléstia de Chagas, duodenites, colecistites e hematologia.

Além de médico, Lindenberg era um artista, exímio pianista desde os 13 anos de idade, e escultor, tendo executado os bustos de Octávio de Carvalho e de Álvaro Lemos Torres, localizados na entrada dos dois edifícios da Rua Botucatu. Ademais, Lindenberg foi um dos que mais batalhou para transformar a EPM em universidade, principalmente durante sua gestão como diretor da Escola. Seu desejo não pôde ser realizado porque, devido às suas tendências políticas, foi compulsoriamente aposentado em 1964.

João Marques de Castro (1914-1960)

Esse distinto colega formou-se pela Faculdade de Medicina da USP em 1935. No mesmo ano foi nomeado Assistente da Cadeira de Patologia Geral da EPM, tornando-se também Chefe do Laboratório Central do Hospital São Paulo. Nesse cargo, transformou o laboratório de atendimento em centro de ensino, pesquisa e de formação para técnicos de laboratório clínico.

Apesar de portador de fístulas ureterais, João Marques jamais se afastou da EPM até a sua prematura morte aos 46 anos de idade, um exemplo de amor ao estudo e ao trabalho. Além de arguto laboratorista, ele possuía notável cultura humanista, sobretudo em música clássica. Aliás, não foram poucas as vezes que eu ia à sua casa ouvir sua magnífica coleção de longplays sobre sinfonias, concertos e óperas.



João Marques de Castro

2. Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas

1º Período – 1936 – Henrique da Rocha Lima



Henrique da Rocha Lima

Nasceu Henrique da Rocha Lima (1879-1956) na cidade do Rio de Janeiro, onde fez todos os estudos básicos e doutorado em medicina. Ainda estudante, freqüentou o recém-criado Instituto de Manguinhos, onde se aproximou de Oswaldo Cruz e de quem viria a ser um dos mais fortes esteios na organização desse Instituto que marcou época na ciência brasileira. Após sua formatura, dirigiu-se para a Alemanha onde se dedicaria ao estudo da patologia em seu mais amplo sentido, isto é, microbiologia, imunologia e anatomia patológica, o que lhe valeu mais tarde ser um “largo al factotum” da patologia.

Regressou ao Brasil justamente quando o dinâmico médico paulista, Oswaldo Cruz, fôra nomeado Diretor da Saúde Pública. Para colaborar na obra de Manguinhos, Rocha Lima responsabilizou-se pela orientação científica dos novos microbiologistas, porque a atenção de Oswaldo Cruz estava voltada para a luta contra a febre amarela e no preparo de soros e vacinas.

Após seis anos de permanência no Brasil, Rocha Lima exonerou-se do seu cargo em Manguinhos e partiu novamente para a Alemanha onde foi trabalhar no Instituto de Moléstias

Tropicais de Hamburgo, a convite do Professor von Prowazek. Permaneceu nesse Instituto durante dezoito anos (1910-1928) aí realizando notáveis pesquisas, destacando-se a descoberta das riquetsias como agente do tifo exantemático, identificação do *Histoplasma capsulatum* como um fungo, verruga peruana, moléstia de Chagas e lesões hepáticas na febre amarela. Em 1919 recebeu o título de Privat Dozent e, mais tarde, o de Professor pela Universidade de Hamburgo, dispensando as autoridades alemãs qualquer formalidade para o reconhecimento do seu diploma brasileiro de médico, em vista de seu indiscutível valor como cientista. Ademais, tornou-se Diretor do famoso Instituto de Medicina Tropical.

Em 1928, por ocasião de uma viagem em missão científica ao Brasil, Rocha Lima foi convidado pelo Governo do Estado de São Paulo para auxiliar na organização e formação de pesquisadores do Instituto Biológico de São Paulo, recém criado para a defesa sanitária agropecuária. Em 1933 ele assumiu o cargo de Diretor Geral do Instituto, posição que ocupou até 1949, quando se aposentou por implimento da idade.

Em 1933 Rocha Lima assinou o manifesto da fundação da EPM e foi nomeado Catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas, dando a aula inaugural da Cadeira em 1936. Devido, porém, aos seus compromissos com o Instituto Biológico, Rocha Lima transferiu o cargo ao Dr. Juvenal Ricardo Meyer, seu colaborador no Biológico.

A primeira vez que conversei com Rocha Lima foi em 1943, por ocasião do concurso para catedrático de Moacyr de Freitas Amorim, de cuja banca examinadora ele fazia parte. Fiquei impressionado com sua modéstia, apesar da fama internacional que possuía. Entusiasmado com sua personalidade, passei a assistir algumas das suas famosas reuniões científicas lá no Biológico. Infelizmente, não tive a oportunidade de participar das reuniões sociais que ele e sua esposa ofereciam aos colaboradores e amigos cientistas para um contato informal, uma inovação no Brasil, pelo menos naquela época.

Devido à minha viagem de estudos ao Exterior (1947-1949) só pude reve-lo em fins de 1949 para ver se ele poderia contratar um estudioso da brucelose, o Dr. V. Nyka, então radicado no México. Meu último encontro com Rocha Lima foi casual, na praia de Bertiooga, SP, um ano antes de seu falecimento. Mesmo já bem idoso e em trajes de veraneio, ele conservava aquela inconfundível personalidade que eu conhecera em 1943.

Na qualidade de anatomopatologista fiquei imaginando se não teria sido preferível Rocha Lima permanecer na EPM. Mas pensando bem, o trabalho que ele prestou para a defesa sanitária agropecuária foi inigualável. Ademais, a EPM teve a sorte de substituí-lo por um jovem patologista, o Professor Walter Büngeler, que modificaria o conceito estático da anatomia patológica em nosso meio.

Juvenal Ricardo Meyer (1898-1970)

Nascido em São Paulo, diplomou-se pela Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1922. Em 1923, com bolsa de estudos da Fundação Rockefeller, foi aos Estados Unidos, aperfeiçoando-se, durante dois anos, em anatomia patológica. De volta ao Brasil em 1925, foi nomeado chefe de laboratório e assistente da Cadeira de Anatomia Patológica da referida Faculdade, cargo que exerceu por dois anos.

Convidado por Rocha Lima, passou a trabalhar no Instituto Biológico como Assistente Chefe da Secção de Anatomia Patológica, cargo que exerceu até 1938. Participou da Revolução Constitucionalista de São Paulo em 1932 e, em março de 1936, por indicação de Rocha Lima, assumiu a regência da Cadeira de Anatomia e Fisiologia



Juvenal Ricardo Meyer

Patológicas da EPM até a chegada do Prof. Walter Büngeler no mesmo ano. Colaborou ainda com a EPM em 1949, substituindo o Prof. Marcos Lindenberg, licenciado da Cadeira de Patologia Geral.

Juvenal Ricardo Meyer era um apaixonado para o problema do câncer, consagrando 40 anos de sua vida pesquisando a origem, efeitos e algo que pudesse curar ou pelo menos aliviar o sofrimento dos cancerosos. Seus trabalhos relacionados com o câncer e outros processos patológicos foram publicados nos Arquivos do Instituto Biológico. Além de pesquisador, Juvenal Ricardo Meyer era também um patologista profissional, com laboratório particular montado em sua própria residência nas imediações do Instituto Biológico. Graças aos cortes de congelação que fazia em quase todas as peças cirúrgicas, ele abreviava de muito os resultados histopatológicos dos exames. Homem profundamente religioso, bondoso e pastor evangélico, atendia inúmeros doentes que pediam sua orientação no tratamento do câncer, até seu falecimento em 1970.

Infelizmente, não tive a oportunidade de conviver com o Dr. Juvenal, mas quando tornei-me Titular de Anatomia Patológica da EPM em 1970, fui à casa dele apanhar o seu retrato para colocá-lo na galeria dos Professores do Departamento.

2º Período - 1936 – 1942 – Walter Büngeler



Walter Büngeler

Nasceu Walter Büngeler (1900-1985) na Alemanha e fez seus estudos básicos em Koblenz e curso médico em Bonn, Rostock e Frankfurt obtendo o doutorado em 1921. De 1925 a 1933 foi assistente do Professor Fischer Wasels na Cátedra de Anatomia Patológica da Universidade de Frankfurt. Em 1928 habilitou-se à Docência e em 1934 ao cargo de Professor, o que lhe valeu ocupar a cátedra na cidade de Danzig, no então chamado Corredor Polonês. Veio ao Brasil em 1936 contratado pelo Dr. Octávio de Carvalho para reger a Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas da EPM. Sua contratação não foi fácil porque, naquela ocasião, as liberdades na Alemanha eram restritas por causa do nazismo, porém o problema foi resolvido com a intervenção do embaixador do Brasil em Berlin. Büngeler permaneceu na EPM até 1942 quando, devido ao estado de beligerância entre o Brasil e a Alemanha, foi obrigado a retornar a seu país. Dessa data até 1956 ocupou a Cátedra em Kiel, de onde transferiu-se para München, aí se aposentando em 1970. Faleceu nessa cidade como Professor Emérito em 1985.

A tarefa para a qual Büngeler fôra designado não era fácil. Viera para substituir o grande cientista brasileiro, Henrique da Rocha Lima, famoso na própria Alemanha. Ademais, o Brasil era um país com cultura e língua bem diferentes daquelas da sua douda Germânia, não tendo também a Escola Paulista de Medicina o apoio financeiro ao qual estava acostumado. Graças, porém, ao seu cabedal cultural e capacidade de trabalho, ele foi capaz de organizar o laboratório, a sala de autópsias e os cursos dos estudantes em bem pouco tempo, tanto que, quatro meses depois, já estava dando aulas em português.

O Professor Büngeler marcou época na EPM e na anatomia patológica de São Paulo. Ao contrário do que ocorria com a maioria dos professores de anatomia patológica brasileiros e latino-americanos da época que provinham de cátedras de anatomia e histologia normais, Büngeler tinha formação hospitalar e representava o pleno patologista da escola alemã, executando pessoalmente as autópsias e realizando a correlação anatomo-clínica, até então quase desconhecida nas escolas médicas do Brasil.

Dotado de marcante personalidade, conduzia suas famosas demonstrações anatomopatológicas (anatomo-clínicas) semanais no Anfiteatro Leitão da Cunha, para onde

afluíam professores, assistentes e alunos da então chamada “Escolinha”, bem como professores da Faculdade de Medicina de Pinheiros. Ademais, ministrava cursos particulares de anatomia patológica para alguns professores, tais como Álvaro Lemos Torres, Jairo Ramos, Antônio Bernardes de Oliveira, José Medina, Edmundo Vasconcellos, Francisco Godoy Moreira, Alípio Correa Netto, Domingos Define e Álvaro Guimarães Filho.

Além de catedrático da EPM, Büngeler trabalhava no Instituto Conde de Lara do então Departamento de Profilaxia da Lepra. Graças a ele, a contribuição brasileira para o estudo da lepra, tuberculose e das moléstias tropicais, foi difundida na Europa através da secção sobre anatomia patológica das enfermidades tropicais de sua autoria, que se encontra na tradução espanhola do original livro de Werner Hueck, *Patologia Morfológica*, editado em 1944. Mesmo antes de vir ao Brasil, ele já tinha vários trabalhos publicados na Alemanha referentes à hematologia, inflamação e oncologia.

Devido aos limitados recursos de uma escola particular como a EPM, Büngeler tinha apenas um assistente nomeado, duas técnicas, uma secretária e um auxiliar de autópsias, o tradicional David Soares. O seu primeiro assistente foi o Dr. Fernando Lecheren Alayon, distinto dermatologista e leprologista, substituído depois pelo Dr. Décio Fleury da Silveira, anatomopatologista formado pela EPM. Embora tivesse me encaminhado, desde estudante, para trabalhar em cirurgia com meu pai, fiquei tão impressionado com Büngeler que resolvi ampliar meus conhecimentos em anatomia patológica, tornando-me, em 1941, monitor da Cadeira. Nesse curto período até sua saída, Büngeler encarregou-me de dois trabalhos científicos, um dos quais representou minha primeira publicação, versando sobre tuberculose primária do adulto.

Quando fui seu aluno em 1940, a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Escola Paulista de Medicina era famosa. Costumava-se dizer que, em relação à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, a Escola Paulista de Medicina era melhor, porque além de possuir o seu próprio hospital, tinha também como professor de anatomia patológica Walter Büngeler. O relacionamento do Prof. Büngeler com os estudantes era o melhor possível. Além de suas aulas magistrais, às quais nenhum aluno faltava, ele ministrava também aulas práticas, durante as quais conversava com os estudantes com grande naturalidade, sem demonstrar aquela superioridade que se poderia esperar de um catedrático europeu, e fazendo, muitas vezes, divertidas críticas aos estudantes menos aplicados.

Infelizmente, um acontecimento inesperado veio modificar totalmente o papel da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas da EPM. Considerada como um dos esteios da fama dessa Escola, ela sofreu uma irreparável perda quando, em 1942, em consequência da II Guerra Mundial, Büngeler foi obrigado a deixar o Brasil. Na sua última demonstração anatomopatológica, com a voz trêmula e quase em lágrimas, ele despediu-se de seus colegas, alunos e amigos. A emoção dessa despedida e o respeitoso silêncio da audiência, por causa da perda compulsória de tão ilustre patologista, demonstrava a verdade da frase de Pasteur de que “La science n’a pas de patrie”.



O Autor ao lado de Büngeler em München

A saída do Professor Büngeler deixou um vácuo na Cadeira de Anatomia Patológica e na própria EPM. Seu sucessor, Moacyr de Freitas Amorim, embora um competente morfologista e com estágios na Alemanha, não possuía a cultura humanista e o conhecimento de medicina geral, como o Professor Büngeler e, acima de tudo, sua simpatia.

Büngeler era um apaixonado pelo Brasil e, tal como declarara na sua última reunião em 1942, voltou ao nosso país lá pelos anos 50 para um eventual novo contrato como professor, infelizmente não realizado. Mas ele, apesar dos anos de ausência no Brasil, não se esquecera do jovem monitor que com ele trabalhara, e foi visitar-me na Santa Casa de Santos, onde eu

militava. Ademais, ele teve a gentileza de fazer a apresentação de meu livro de técnica histológica, publicado em 1981. No ano anterior, fui à Universidade de München entregar-lhe, em sessão solene comemorativa do seu octogésimo aniversário, o diploma de Professor Emérito outorgado pela Escola Paulista de Medicina, bem como uma carinhosa mensagem de congratulações ao evento, contendo 26 assinaturas entre professores, assistentes, ex-alunos e técnicas que com ele conviveram em São Paulo até 1942.

Fernando Lecheren Alayon (1911)

Esse ilustre dermatologista nascido em São Paulo, SP, em 1911, e formado pela Faculdade de Medicina da USP em 1936, ingressou na EPM logo após a chegada de Büngeler e, por conhecer a língua alemã, facilitou o relacionamento dele com os professores da EPM que não falavam alemão. Permaneceu na Cadeira até 1940, exatamente quando eu cursava a matéria na 4ª série. Nessa ocasião vimo-lo autopsiando alguns casos e auxiliando numas poucas aulas de histopatologia.

Por pretender ser dermatologista, demitiu-se da Cadeira mas manteve contato com Büngeler no Departamento de Profilaxia da Lepra, tendo aí publicado interessante trabalho em colaboração com Büngeler e Nelson Souza Campos sobre o filho do hanseniano em face da reação leprosa.

Décio Fleury da Silveira (1914-1985)

Nascido em Tietê, SP, graduou-se com a primeira turma da EPM em 1938. Ainda estudante, inclinou-se para a patologia, indo participar como monitor da Cadeira de Patologia Geral em 1936 com o Professor Marcos Lindenberg. Desejando seguir a carreira de patologista e por conhecer a língua alemã, foi nomeado assistente do Professor Walter Büngeler na vacância do Dr. Fernando Lecheren Alayon.



Décio Fleury da Silveira

Além de discípulo, tornou-se grande admirador e amigo do chefe, colaborando com ele num interessante trabalho sobre a tuberculose primária do adulto. Décio deu algumas aulas práticas de autópsia e de histopatologia para nossa turma em 1940 e foi com ele que me iniciei na técnica necroscópica.

Com a vinda do Professor Amorim, Décio continuou na Cadeira por pouco tempo. Não concordando com as críticas de Amorim sobre seu ex-chefe, demitiu-se da EPM em meados de 1942, ficando eu em seu lugar, ainda doutorando. Daí em diante, limitou-se ao exercício profissional da patologia clínica e anatomia patológica em laboratório particular. Quando tornei-me Titular do Departamento de Anatomia Patológica, convidei-o para colaborar conosco. Embora agradecido pelo convite, declinou-o porque não esquecera os motivos que levaram-no a demitir-se da EPM. Faleceu subitamente jogando xadrez com um colega de turma.



Moacyr de Freitas Amorim

3º Período – 1942-1966 – Moacyr de Freitas Amorim

Moacyr de Freitas Amorim (1899-1981) nasceu em Serra Negra, SP, e ingressou na Faculdade de Medicina de São Paulo em 1918, graduando-se em 1924 e defendendo tese de doutoramento sobre pesquisa em histologia normal. Desde estudante orientou-se para a pesquisa morfológica, tendo trabalhado na mesma Faculdade com os Professores Alfonso Bovero (Anatomia), Carmo Lordy (Histologia), Ludgero da Cunha Motta (Anatomia Patológica), e posteriormente em neuropatologia com o Dr. Tretiakoff no Hospital do Juqueri. Sua formação básica em histologia

normal e neuropatologia permitiu-lhe adestrar-se em técnica histológica geral e especial para o sistema nervoso, tanto que seus melhores trabalhos referem-se a esse sistema.

Em 1933 foi à Alemanha estagiar em neuropatologia com o Professor Spielmeyer e em patologia geral com os Professores Max Borst em München e Ludwig Aschoff em Freiburg. Nessa última Universidade publicou pesquisa sobre o complexo primário tuberculoso.

De volta ao Brasil, retomou seu cargo de assistente da Cadeira de Anatomia Patológica na Faculdade de Medicina, para em seguida dela desligar-se, a fim de organizar, em 1937, a Secção de Anatomia Patológica do Instituto Butantan, bem como o Serviço de Autópsias do Hospital São Luiz Gonzaga, Jaçanan. Ainda nessa época, montou em sua residência um laboratório de anatomia patológica. Embora afastado da Faculdade de Medicina da USP, concorreu em 1939 às provas de Docência Livre, sendo no mesmo ano designado para reger a Cátedra de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina Veterinária, USP.

Com a saída de Büngeler em 1942, foi contratado para dirigir a Cadeira, aliás o primeiro a ser convidado para esse mister, antes de Rocha Lima, mas declinando por não concordar com as condições oferecidas pela EPM naquela ocasião. Depois de curto período como contratado, Amorim tornou-se catedrático oficial em 1943, após concurso público em cuja banca figuravam Rocha Lima, Leitão da Cunha, André Dreyfus, Carmo Lordy e Marcos Lindenberg. Sua tese, versando sobre tumores, foi feita com material procedente de seu laboratório particular.

Devido à sua personalidade, Amorim não soube manter Décio Fleury da Silveira na Cadeira, seu único assistente e único patologista formado pela EPM que poderia auxiliá-lo a continuar com o prestígio da era Büngeler. Desta forma, em meados de 1942, Amorim passou a contar apenas comigo, um monitor ainda doutorando, mas sem a experiência para assumir as funções do 1º Assistente, cargo para o qual fui nomeado em 1943 após minha graduação. Daí em diante, Mário Enzio Átilla Pasqualucci e Roberto Aidar Aun, atraídos por mim, vieram integrar a Cadeira ocupando os novos cargos de 2º e 3º Assistentes. Durante um curto período até sua transferência para a Faculdade de Medicina da USP, fez parte da Cadeira José Lopes de Faria, atual Titular da UNICAMP.

Amorim era um competente morfologista, porém, na qualidade de anatomopatologista sem formação hospitalar, era-lhe difícil estabelecer, no estilo de Büngeler, a correlação anatomo-clínica, principalmente nas demonstrações para os médicos. Disso resultou um progressivo desinteresse dos clínicos e cirurgiões para suas demonstrações, passando elas a serem assistidas quase que só por alunos. Durante os anos iniciais em que permaneceu na EPM, Amorim, embora com a obrigatoriedade de dedicar-se ao ensino e à pesquisa, teve sua atenção voltada para a política (candidato a deputado federal pelo Partido Comunista Brasileiro em 1945) e para viagens ao Exterior. Devido a esses episódios, sua assiduidade à Cátedra diminuiu e refletiu-se no atendimento ao Hospital e relacionamento com os clínicos.

Insatisfeito com meu aprendizado na Cadeira, decidi viajar para o Exterior em 1947, onde tive a felicidade de ser discípulo de notáveis patologistas como Pierre Masson (Canadá), Arthur Purdy Stout (EUA) e Isaac Costero (México), com quem completei minha formação iniciada com Büngeler. Retornando ao Brasil em 1949, propus a Amorim algumas modificações para melhorar o relacionamento com os clínicos. Diante desse impasse, e algum tempo depois, o Professor Jairo Ramos, Catedrático de Clínica Propedêutica Médica, decidiu criar um serviço de anatomia patológica no Hospital São Paulo, para o qual fui convidado a dirigir. Apelei para Amorim, que se encontrava na França, para concordar com minha indicação, a fim de evitar o desmembramento da anatomia patológica da EPM.

Embora conhecendo a idéia de Amorim em isolar, tal como na Alemanha, a anatomia patológica num Instituto, expus-lhe as vantagens de se instalar a Cátedra, ou pelo menos a secção de patologia cirúrgica no HSP, já que, com o progresso da cirurgia, a maioria do material para exame provinha do vivo e não do cadáver. A localização da anatomia patológica no corpo do hospital, e não no necrotério – o usual na época – que eu vira no Presbyterian

Hospital, Columbia University, New York, EUA, levou-me a fazer o mesmo na Santa Casa de Santos em 1949. Assim, instalei o Serviço no 3º andar do hospital comunicando-o por meio de uma escada interna com o centro cirúrgico no 4º andar, uma inovação inexistente até então na maioria dos hospitais e faculdades do Brasil e da América Latina. Infelizmente, Amorim não atendeu ao meu apelo e, por uma questão de ética, recusei o convite do Professor Jairo, o que me levou também a afastar-me da Cadeira. Desse Serviço resultou a Disciplina de Patologia Clínica do Departamento de Medicina, mas com funções de anatomia patológica.

Durante minha ausência ingressaram na Cadeira, outros jovens como Affonso Krug Filho, Humberto Torloni, Jesus Carlos Machado, Ferdinando Queiroz Costa e João Paulo Aché de Freitas. Contudo, devido às características da personalidade de Amorim, afastaram-se também da Cadeira, além de mim, Aun, Krug e Torloni, dispersando-se assim esses jovens que, se incentivados pelo Catedrático, teriam conservado o prestígio anterior da Cadeira.

Apesar dos pesares, eu, embora afastado da Cadeira, prestei concurso para Docência Livre em 1957 com tese sobre “Epitélio intestinal heterotópico na mucosa gástrica”, o mesmo não acontecendo com Roberto Aun, impedido por Amorim de fazê-lo. Ao contrário, Pasqualucci, incentivado por mim, tornou-se Docente Livre em 1960. Por seu lado, Amorim, durante os 24 anos que militou na EPM publicou alguns poucos trabalhos e dois livros (tumores e alterações circulatórias) e um experimental no Butantan, mas faltou-lhe aquele espírito de despreendimento que se exige de um chefe para criar discípulos e estimular pesquisas aos seus comandados.

Ainda sob a regência de Amorim, a Cadeira de Patologia Geral ou Fisiopatologia, em vista da aposentadoria compulsória do seu catedrático, Professor Marcos Lindenberg, foi incorporada à de Anatomia e Fisiologia Patológicas, o que, conseqüentemente, haveria de lhe dar maior amplitude e possibilidade de expansão. Exceção feita a mim, que fui transferido para a Anatomia Normal, com Renato Locchi, a incorporação proporcionou a vinda de mais quatro assistentes entre eles Roberto Aida Aun, um artista das técnicas argênticas de Rio Hortega.

Durante toda sua vida, Amorim teve como principal auxiliar sua esposa, Lucília Maia Amorim, uma artista em desenho, sobretudo microscópico com câmara clara. Foi também sua eficaz colaboradora na organização do memorável II Congresso da Sociedade Latino-Americana de Anatomia Patológica em 1958, para o qual Amorim fez um manifesto sobre a importância do ensino e da pesquisa da especialidade para a medicina. Foi aposentado compulsoriamente em 1966, passando a Cadeira a ser regida pelo Docente Livre Mário Pasqualucci.

4º Período 1966-1969 – Mário Enzo Átilla Pasqualucci

Mário Enzo Átilla Pasqualucci (1917-1969) nascido em São Paulo, SP, ingressou na Escola Paulista de Medicina em 1937, graduando-se em 1942 com a 5ª turma dessa Escola.

Já em 1940, ainda estudante, fez estágio em dermatologia, bem como em clínica médica, aí permanecendo até 1942. Em fins desse ano ingressou na Cadeira de Anatomia Patológica (Prof. Dr. Moacyr de Freitas Amorim) como auxiliar, galgando sucessivamente os cargos de 3º, 2º e 1º assistente até 1944. Em 1968 submeteu-se às provas para concurso de docência livre, defendendo a tese intitulada “Contribuição para o estudo da patogênese da ruptura espontânea da aorta”. Durante os impedimentos do Professor Amorim, ele foi responsável pela regência da Cátedra. Embora dedicado principalmente ao magistério e à pesquisa, ele tinha também atividade profissional em seu laboratório particular no Hospital Santa Cruz.



*Mário Enzo Átilla
Pasqualucci*

Na vacância da aposentadoria de Amorim em 1966, Pasqualucci assumiu a direção do agora Departamento de Patologia, englobando as disciplinas de Patologia Geral e de Anatomia Patológica propriamente dita. Em junho de 1968, de acordo com a Portaria 139 da EPM, Pasqualucci foi nomeado Professor Titular e solicitou o meu retorno ao Departamento.

Durante esse curto período de três anos, Pasqualucci não pôde modificar a herança deixada por Amorim, isto é, em ver as biópsias e autópsias sendo desviadas para o Serviço de Anatomia Patológica do Hospital São Paulo, agora transformado em Disciplina de Patologia Clínica do Departamento de Medicina, o mais numeroso e de maior prestígio na política universitária da EPM. Ademais, a Diretoria da EPM procurava convencer Pasqualucci e a mim de se estabelecer uma fusão dos dois serviços, idéia que não nos agradava muito, pelo fato de seus elementos não serem morfologistas de formação mas de adaptação. Por isso, baseavam o diagnóstico histopatológico mais na informação clínica do que na morfologia, histogênese e patogênese das lesões, os objetivos clássicos da anatomia patológica. Esse critério, embora de utilidade para a correlação anatomo-clínica, levou a certos diagnósticos histopatológicos incompatíveis com a morfologia. Isso não só incrementou a rivalidade entre a Patologia Clínica e a Anatomia Patológica, como também redundou em descrédito dos próprios clínicos e sobretudo dos cirurgiões a respeito do tão propalado valor daquela Disciplina para o HSP.

Além da rivalidade, havia agora no chamado Departamento de Patologia docentes oriundos da Cadeira de Patologia Geral, os quais sendo especializados em laboratório clínico, não podiam dar muita ajuda na morfologia. Essa omissão foi agravada por um acidente que sofri, o que me obrigou a afastar-me da Escola por seis meses, ficando assim desfalcado o grupo de anatomopatologistas para poder preservar os objetivos clássicos do Departamento.

Esse afastamento serviu de pretexto para que a Diretoria da EPM, a fim de dar seu irrestrito apoio à Patologia Clínica e ao Departamento de Medicina, incluísse meu nome na lista daqueles docentes considerados “ociosos” que seriam colocados em disponibilidade. Desta forma, a Anatomia Patológica ficaria desintegrada, o que facilitaria sua absorção pela Patologia Clínica. O plano quase se concretizou por causa do falecimento inesperado do meu colega de turma Mário Pasqualucci, ocorrido em maio de 1969. Realmente, na sua falta foi indicado para Chefe Interino o docente mais antigo do Departamento, o Professor Adjunto Roberto Aidar Aun. Na qualidade de único Docente Livre fui eleito Chefe do Departamento em julho de 1969, para quatro dias depois receber da Diretoria um ofício colocando a mim e ao Professor Aun em disponibilidade. Diante dos protestos dos indiciados e das autoridades, a Diretoria tornou a resolução sem efeito, o que me permitiu continuar na Chefia e realizar o concurso público para Professor Titular em 1970.

5º Período - 1969-1986 – Jorge Michalany

Ao assumir a chefia do agora Departamento de Patologia em 1969 – eu completava 53 anos, pois nasci em 1916 na cidade de São Paulo, SP – procurei aplicar, tal como fizera na Santa Casa de Santos, tudo o que eu aprendera no Exterior, inclusive fazendo-lhe voltar a denominação de Departamento de Anatomia Patológica (DAP) para valorizar a tradição e a morfologia. Mas a principal e mais urgente tarefa era melhorar a assistência ao Hospital São Paulo, a fim de evitar que as peças cirúrgicas e autópsias continuassem sendo desviadas para a Patologia Clínica.



Jorge Michalany

Devido à prática da cirurgia e clínica com meu pai nos quatro anos iniciais da minha vida profissional, e à longa vivência hospitalar na Santa Casa de Santos, eu tinha condições para estabelecer melhor diálogo com o Hospital São Paulo, de modo a fazer retornar os cirurgiões para o Departamento. E graças a essa orientação e aos docentes que me ajudaram na árdua tarefa de impedir a intromissão da Patologia Clínica na

anatomia patológica da EPM, pôde o DAP reconquistar em grande parte o prestígio que gozava durante os áureos tempos do Professor Büngeler. Diga-se, porém, que não fosse também o apoio irrestrito que recebi do meu saudoso colega e amigo, o Vice-Chefe do DAP, Roberto Aidar Aun, seria mais difícil atingir o objetivo desejado.

À medida que o DAP se impunha na EPM começaram a vir emissários propondo a união da Patologia Clínica com o Departamento, o que recusei por receio da política dominadora do Departamento de Medicina. Diante da recusa, surgiram algumas hostilidades, como, por exemplo, excluir a residência do DAP durante anos. O apoio irrestrito do Departamento de Medicina à Patologia Clínica foi incrementado por alguns professores de patologia de outras faculdades, os quais, embora cientes do problema da anatomia patológica na EPM, concordaram com as incongruentes atribuições dessa Disciplina, contrárias à organização de qualquer escola médica.

Mas nada disso impediu o crescente prestígio do DAP, pois até as autópsias, então do domínio quase absoluto da Patologia Clínica, passaram em parte para o DAP. Desse modo, a partir de fins dos anos 70, a anatomia patológica da EPM ficou exclusiva do seu Departamento. Ademais, o seu prestígio atraiu residentes e estagiários, um deles procedente da Argentina. Após seis anos (1975) a Chefia do DAP passou para o Professor Adjunto Roberto Aidar Aun, o qual seguiu a mesma linha estabelecida e, em 1981, fui reeleito Chefe do Departamento.

1. CORPO DOCENTE

Durante o 5º Período, o DAP contava com 14 docentes assim qualificados: 1 professor titular (J. Michalany), 7 professores adjuntos (Roberto Aidar Aun, Jesus Carlos Machado – reintegrado pela anistia política – Maria Nisa Ivo de Lima, Sigmar Horst Cardoso, Nílceo Schwery Michalany, João Norberto Stávale, Miguel Burnier Jr.), 4 professores assistentes (Antônio Correa Alves, Osvaldo Giannotti Filho, Luiz Antônio Ribeiro de Moura, Antônio Luiz de Arruda Mattos), 1 professor auxiliar (Valéria Pereira Barbosa), 4 residentes e 6 monitores (estudantes). Fizeram estágios no Exterior, além do Professor Titular (Canadá, Estados Unidos, México), Roberto Aidar Aun (Argentina), Jesus Carlos Machado (França), Antônio Correa Alves (França), Miguel Burnier Jr. (E.U.A), João Norberto Stávale (Inglaterra), Nílceo S. Michalany (E.U.A), Luiz Antônio Ribeiro de Moura (Finlândia, França).



Pessoal (docentes, residentes, estagiários, monitores) do DAP na última gestão do Autor (1981-1986), da esquerda para a direita.

Sentados: Giannotti, Sigmar, Jesus, Michalany, Nílceo, Nisa, Miguel. **De pé:** Luiz Antônio, Mattos, Grimaldi, Matheus, Ester, Ana Lúcia, Beatriz, Antônio, Lucila, Carlos (Argentina), Fátima, Salomão e outros.

Seguindo a tradição do DAP em valorizar o patologista profissional, todos os docentes eram médicos e abraçando a anatomia patológica geral. Contudo, vários deles foram orientados para certos ramos da patologia, inclusive naqueles dominados por clínicos, como foi o caso da dermatopatologia (Nílceo S. Michalany) e oftalmopatologia (Miguel Burnier Jr.). Dedicavam-se à patologia linfo-hemopoiética Jesus Carlos Machado e Antônio Corrêa Alves, patologia mamária (Osvaldo Giannotti Filho), neuropatologia (João Norberto Stávale), patologia ginecológica (Maria Nisa Ivo de Lima), patologia pulmonar (Antônio Luiz de Arruda Mattos), patologia endócrina (Matheus Gandra Niro), patologia renal (Luiz Antônio Ribeiro de Moura) e patologia hepática (Valéria Pereira Barbosa). Essa orientação permitiu centralizar para o DAP quase todo o material assistencial do HSP, facilitando o aprendizado da anatomia patológica geral e sistêmica, e evitando a criação de serviços especializados de anatomia patológica nas clínicas, como ocorria em várias faculdades do Brasil e de outros países, inclusive dos Estados Unidos. Durante algum tempo, fizeram parte do DAP os patologistas Ferdinando Queiroz Costa, João

Paulo Aché de Freitas, António Luisi, Marco de Assis Figueiredo, Darcy Geraldo De Vita e João Guidugli Neto.

2. Ensino na Graduação Médica

Considerando-me não apenas um professor, mas sobretudo um educador, e aplicando na EPM a experiência no ensino adquirida no Exterior e na Faculdade de Ciências Médicas de Santos, foram introduzidas as seguintes modificações no curso: 1) Aulas de macroscopia de peças, a meu ver mais importantes para o médico geral do que as de microscopia. 2) Divisão dos alunos em grupos por afinidade, para executar trabalhos sobre temas de patologia e arguição dos mesmos. 3) Execução de autópsias do Serviço de Verificação de Óbitos (SVO) pelos grupos de alunos, orientados por um docente. 4) Introdução de provas orais sobre a matéria teórica. 5) Substituição das provas escritas de “test” para dissertação. 6) Exposição nos recintos do DAP de 44 quadros de minha propriedade sobre história da medicina e patologia para ilustrar o referido tema do curso teórico. 7) A fim de difundir a importância da anatomia patológica no exercício da medicina, foram organizados durante vários anos cursos de férias sobre a matéria, sendo freqüentados por estudantes tanto da EPM como de outras faculdades do país. 8) Essa importância foi incrementada com a fundação do Departamento de Anatomia Patológica da Associação Paulista de Medicina, conseguida durante a presidência do Prof. Dr. Italo Domingos Le Voci. 9) Produção de vídeo pela TV Cultura sobre autópsia e biópsia para instrução de estudantes e leigos.

3. Disciplinas

O DAP compreendia três disciplinas interligadas:

Disciplina de Anatomia Patológica Geral e Oncopatologia

Encarregada do ensino dos quatro cursos independentes: medicina, enfermagem, biomedicina, fonoaudiologia e ortóptica. O termo oncopatologia foi acrescentado para evitar que uma aventada disciplina de oncologia ficasse encarregada da patologia dos tumores.

Disciplina de Patologia Médica

Encarregada do ensino da anatomia patológica sistêmica e da execução das autópsias do HSP e do SVO. Além da importância social, o SVO era excelente fonte de peças para as aulas de macroscopia e para o adestramento do patologista na morfologia de moléstias isentas de tratamento.

Disciplina de Patologia Cirúrgica

Encarregada do exame das peças cirúrgicas, biópsias e citologia. O relacionamento dessa Disciplina com os departamentos de âmbito cirúrgico foi incrementado, tal como eu fizera na Santa Casa de Santos em 1949, pela localização do seu laboratório no 4º andar do HSP, ligado por uma escada interna com o Centro Cirúrgico situado no 5º andar. Além de facilitar a execução de exames imediatos por congelação, evitava que as peças fossem abertas por cirurgiões mal informados em macroscopia.

4. RESIDÊNCIA

Devido a problemas alheios ao DAP, a residência só pôde ser iniciada em 1978, sendo realizada em dois anos, com apenas quatro residentes, dois R1 e dois R2. Esclareça-se que essa residência era destinada somente a médicos, sendo uma das únicas no país colocada no ciclo profissional e não básico.

Inicialmente, os R1 passavam dois meses no laboratório adestrando-se nas operações fundamentais da técnica histológica. Terminado esse estágio, cabia aos R1 executar autópsias, inclusive a abertura do cadáver, o que lhes permitia recordar a anatomia em cadáver fresco. Os residentes eram orientados pelos docentes da Disciplina de Patologia Médica, tanto no ato da autópsia como na descrição dos achados macro e microscópicos. Os casos eram depois discutidos semanalmente em reuniões de correlação anatomo-clínica dirigidas pelo Professor Titular. Aos R2 cabia a realização da patologia cirúrgica, compreendendo também exames imediatos por congelação e citopatologia, cujos diagnósticos eram conferidos pelos docentes mais experientes, inclusive pelo Professor Titular.

Valendo-se da sabedoria de Masson de que “On voit beaucoup des choses dans une préparation” (Vêm-se muitas coisas num preparado), o DAP estimulava o estudo morfológico minucioso pela microscopia óptica e aplicação de métodos de coloração e de impregnação argêntica para melhor precisar o diagnóstico histopatológico, conforme preconizado no livro “Técnica histológica em anatomia patológica” (J. Michalany). Esta orientação permitia preparar o residente para a vida profissional, inclusive na organização de um serviço de anatomia patológica em hospital ou particular. Ademais, a obrigatoriedade de assistir as aulas de anatomia patológica geral e sistêmica aos alunos de medicina e pós-graduandos, permitia-lhes ocupar cargos de ensino. Vários ex-residentes tornaram-se docentes na EPM ou em outras faculdades e trabalhando em laboratórios de hospitais ou particulares.

5. Pós-Graduação e Pesquisa

Desde 1978 o DAP oferecia um curso de pós-graduação em anatomia patológica geral, ao qual só eram admitidos médicos com residência em anatomia patológica ou estágio equivalente no Exterior, parecendo tratar-se do único no Brasil colocado no ciclo clínico e não básico. Além das aulas do curso, os mestrados participavam da discussão dos casos de autópsias e de patologia cirúrgica, dedicando-se também à realização de teses.

Por falta de recursos para desenvolver pesquisas com a moderna tecnologia, o DAP valia-se da metodologia clássica para suas investigações. Nestas condições, as teses tinham basicamente um cunho morfológico pela microscopia óptica, sempre orientada no sentido de aplicação clínica. Mas isso não queria dizer que se descuidou da investigação experimental, como demonstravam os trabalhos sobre produção de aderências peritoneais, reação dos tecidos a material plástico, autólise experimental em rins de ratos, e outras feitas em colaboração com disciplinas clínico-cirúrgicas.

A investigação de cunho anatomo-clínico permitiu ao DAP elaborar registro de casos, sobretudo de tumores em dermatopatologia, oftalmopatologia, mastologia, linfo-hemopatologia, neuropatologia, etc. A esse respeito esclareça-se que o DAP teve boa experiência com registro de tumores, graças à colaboração dos seus docentes com a Unidade de Câncer da Organização Mundial da Saúde (OMS). Sob a direção de Humberto Torloni, então chefe daquela Unidade, colaboraram nas monografias da OMS para o estudo e classificação dos tumores os seguintes docentes: J. Michalany (partes moles, pele, esôfago e estômago), J. C. Machado (linfomas), J. P. Aché de Freiras (mama) e A. Luisi (ovário). Entre as pesquisas elaboradas, salienta-se aquela laureada com o Prêmio Royton para Medicina, versando sobre os achados de AIDS em autópsias, de autoria de Michalany, J. *et al.* Além dos cursos da área de concentração, o DAP contribuiu para outros 15 diferentes cursos de pós-graduação, tanto de mestrado como doutorado nas áreas de domínio conexo.

Infelizmente, a tão indesejada aposentadoria compulsória chegou no dia 24 de agosto do 1986, e eu, completando 70 anos, tive de retirar-me da DAP e da EPM após ter vivido nessa Escola 49 anos e 17 anos no Departamento. Contudo, acredito que dentro das minhas possibilidades, cumpri aquilo que o Professor José Ribeiro do Valle solicitou na minha posse

como professor titular: dedicar-me de corpo e alma para ensinar, pesquisar e formar discípulos. Ademais, sugeri aos meus sucessores que adquirissem novos conhecimentos, que se valessem da moderna tecnologia em suas pesquisas, mas que não abandonassem os princípios morfológicos clássicos das escolas alemã, francesa, norte-americana e espanhola, bem como a vivência hospitalar que lhes transmiti para formar uma escola de anatomia patológica, a da Paulista.

Roberto Aidar Aun (1915-1983)

Nasceu esse distinto colega em Cosmópolis, SP, onde fez o curso primário, para depois realizar o curso secundário em Campinas, SP. Ingressou na EPM em 1935, mas devido a problemas de saúde perdeu um ano, graduando-se então em 1941. Desde acadêmico freqüentou vários serviços de clínica, decidindo-se depois pela anatomia patológica, ingressando na Cadeira (Prof. Moacyr de Freitas Amorim) em 1945. Exerceu aí o cargo de 3º assistente, chefiou o SVO nele permanecendo até 1952. Preparou-se comigo para docência livre elaborando tese sobre trombose venosa espontânea com material obtido no SVO, mas foi impedido de realizar o concurso pelo Professor Amorim. Desgostoso, transferiu-se para a Cadeira de Patologia Geral (Prof. Marcos Lindenberg), lá militando até 1965 quando houve a fusão das duas cátedras num só Departamento, chefiado pelo Prof. Mário Pasqualucci. Com o falecimento deste, ocorrido em 1969, assumiu interinamente a chefia do Departamento até a indicação do docente livre Jorge Michalany.



*Roberto
Aidar Aun*

Roberto Aidar Aun, o Betão, assim carinhosamente conhecido pelos colegas e amigos, além de excelente didata e de possuir ampla cultura humanista, foi um trabalhador incansável. Durante o tempo em que dirigiu o SVO realizou num curto período de sete anos cerca de 4.000 autópsias, aproveitando esse material para sua frustrada tese de docência livre, cujos dados foram incluídos por Amorim em seu livro sobre alterações circulatórias. Além de comunicações, publicou mais de 30 trabalhos, empregando em alguns deles as técnicas argênticas de Rio Hortela que aprendera durante seu estágio em Buenos Aires com o Dr. Moisés Polak.

Devido a seu estado de saúde, o Prof. Aun afastou-se um pouco do ensino, da pesquisa e da atividade profissional, mas não deixava de comparecer ao Departamento, onde mantinha alegre e cordial conversa com todos. Apesar do seu velório não ter sido realizado na EPM, ao funeral e à missa de 7º dia rezada no tradicional rito maronita em aramáico, compareceram inúmeros colegas, amigos, alunos e funcionários para reverenciar a memória desse inesquecível médico patologista e, sobretudo de um homem bondoso, querido por todos que com ele conviveram.

6º Período – 1986-1998 – Miguel N. N. Burnier Jr. – Maria Nisa Ivo de Lima – Osvaldo Giannotti Filho

Uma vez eliminada a intromissão da Patologia Clínica no problema dos exames anatomopatológicos do HSP e firmado o prestígio do DAP na EPM, pôde o novo chefe Miguel Burnier Jr. cuidar de ampliar as atribuições do Departamento, inclusive entrando em entendimentos com o Departamento de Medicina para transferir aquela Disciplina para o DAP.

O Professor Miguel Burnier Jr., neto do famoso oftalmologista Penido Burnier, nasceu em Campinas, SP em 1951 e graduou-se na Faculdade Evangélica de Medicina em Curitiba, PR. Já de início decidiu-se pela anatomia patológica, vindo a São Paulo para integrar-se no DAP. A fim de honrar a memória do seu avô, aconselhei-o a dedicar-se à patologia ocular – até então exercida por clínicos – e adestrar-se no Armed Forces Institute of Pathology (AFIP), Washington, EUA. Esclareça-se que naquela ocasião, o único anatomopatologista geral

dedicado à oftalmopatologia era o Dr. Affonso Krug Filho do Hospital das Clínicas (USP), falecido em 1972. Em 1989, Miguel Burnier, que já estivera em Washington durante minha gestão, volta novamente aos Estados Unidos para fazer pós-graduação em doutorado no AFIP. No término de seu curso foi contratado em 1995 para dirigir o Departamento de Oftalmologia e Patologia Ocular da McGill University, Montreal, Canadá.

Ainda durante sua gestão, foram englobadas ao DAP, em 1988, as Disciplinas de Patologia Clínica, agora denominada Patologia Aplicada (Prof. Dr. Fued Abdala Saad) e a de Medicina Legal e Deontologia Médica (Prof. Dr. Marcos de Almeida). Nessa ocasião, o setor de Patologia Pediátrica (Professora Francys Reis da Silva Patrício) que já existia desde 1967 no Departamento de Pediatria, foi transferido para o DAP. Ademais, foi incrementado o laboratório de imunopatologia e a pós-graduação tanto em mestrado como em doutorado. A fim de incentivar o estudo da anatomia patológica, o Professor Burnier criou um novo organismo denominado “Centro de Estudos Professor Jorge Michalany”, uma homenagem a esse Professor que, no seu dizer, tanto lutou para a preservação do prestígio do DAP na Escola Paulista de Medicina.

Nos impedimentos do Professor Burnier, assumiu a direção do DAP o vice-chefe, Professor Nílceo Schwery Michalany, encarregado da seção de dermatopatologia, organizada durante minha gestão. Esclareça-se que, tal como a patologia ocular, a dermatopatologia era até então dominada por clínicos, embora essa prática fosse desde 1951, também exercida pelos anatomopatologistas do então Departamento de Profilaxia da Lepra (Paulo Rath de Souza e Jorge Michalany). Em vista do longo afastamento de Burnier, o Professor Nílceo Schwery Michalany, até então vice-chefe do DAP, não querendo mais exercer o cargo, solicitou seu desligamento em 1990.

Em seu lugar, foi eleita a Professora Adjunta Maria Nisa Ivo de Lima e como vice-chefe o Professor Adjunto João Norberto Stávale. A Professora Nisa, nascida em Maceió, AL e graduada pela Universidade Federal de Pernambuco em 1959, iniciou-se em anatomia patológica como residente no Hospital A.C. Camargo, vindo depois integrar-se no DAP na gestão do Prof. Dr. Moacyr de Freitas Amorim em 1960.

Após seis anos, a chefia foi renovada e, em 1997, foi eleito o Professor Adjunto Osvaldo Giannotti Filho, nascido em São Paulo em 1946 e formado na turma de 1970 da EPM. Iniciou-se em anatomia patológica como residente do Hospital A.C. Camargo e, a meu convite, veio integrar o DAP em 1974. Para vice-chefe, foi designada a Profa. Dra. Vânia Nosé Alberti, a única docente livre do Departamento.

Quebrando a tradição européia por mim tão defendida para valorizar a morfologia, o DAP voltou novamente a ser chamado de Departamento de Patologia, o que não é muito certo, pois patologia consiste no estudo das causas (etiologia), das alterações estruturais (anatomia patológica) e das alterações funcionais (fisiopatologia) que acompanham as moléstias. Ora, como o Departamento continua somente cuidando das alterações estruturais, não se justifica mudar o nome de Departamento de Anatomia Patológica para de Patologia. Isso, naturalmente, não constitui um “capitis diminutio” para o progresso do Departamento, sobretudo no que se refere ao auxílio financeiro ofertado pela CAPES, CNPq e FAPESP para a pós-graduação e pesquisa.

ORGANIZAÇÃO E PESSOAL

O Departamento de Patologia da Escola Paulista de Medicina - UNIFESP, era até dezembro de 1998 constituído por cinco disciplinas, abrangendo 25 docentes e 5 médicos contratados, como segue:

Disciplina de Anatomia Patológica e Oncopatologia – Chefe-Profa. Adjunta Maria Nisa Ivo de Lima. Docentes 4. Entre os docentes dessa Disciplina encontra-se o Prof. Dr. Marcello

Fabiano de Franco, ex-Professor Titular da UNESP - Botucatu, que ingressou na EPM após concurso público para Professor Titular. Encarregada do ensino teórico e prático da matéria (anatomia patológica geral e sistêmica) para os cursos de medicina, biomedicina, enfermagem, fono-audiologia e ortóptica.

Disciplina de Patologia Cirúrgica – Chefe-Professor Adjunto Antônio Corrêa Alves. Docentes 7. Encarregada da execução de exames de material procedente do vivo. Infelizmente, meus sucessores não souberam ou não puderam preservar o laboratório no 4º andar do HSP, junto ao Centro Cirúrgico, uma inovação pioneira no Brasil estabelecida desde 1949 na Santa Casa de Santos.

Disciplina de Patologia Médica – Chefe-Prof. Dra. Docente Livre Vânia Nosé Alberti. Docentes 6. Encarregada da execução de autópsias. A essa Disciplina estava subordinado o Serviço de Verificação de Óbitos (SVO), atualmente desativado, mas de grande utilidade para o fornecimento de peças frescas nas aulas de macroscopia e para o adestramento da técnica necroscópica. Suas dependências foram transformadas em salas para outras finalidades, as quais receberam os nomes dos ex-professores falecidos (Moacyr de Freitas Amorim, Mário E. A. Pasqualucci e Francisco Olympio A. Teixeira) mas foram esquecidos os nomes dos pioneiros da então Cátedra, Walter Büngeler e Décio Fleury da Silveira.

Disciplina de Patologia Aplicada – Chefe - Prof. Adjunta Maria Regina Alves Silva. Docentes 5. Encarregada do exercício da correlação anatomo-clínica.

Disciplina de Medicina Legal e Bioética – Chefe - Prof. Dr. Marcos de Almeida, Professor Titular. Docentes 3. Encarregada do ensino da patologia forense e deontologia médica.

Além das atribuições próprias das Disciplinas, cada docente é especializado em determinado setor da anatomia patológica geral e sistêmica como segue: ginecologia, renal, neuro-muscular, infeccioso, linfo-hemopoiético, mama, endométrio, pele, glândulas endócrinas, aparelho visual, pulmão, neuro-endócrino, marcadores tumorais, necropsias, otorrinolaringologia, pediatria, tumores ósseos, medula óssea, fígado, artérias, patologia experimental, patologia forense e genética.

Assistência

Com o desenvolvimento da patologia cirúrgica, e particularmente das biópsias e citologia para diagnóstico, o material procedente do vivo vem aumentando progressivamente, como se pode avaliar pelos seguintes dados em 1998: Biópsias e peças cirúrgicas-25.506; Citologia-9.837. Ao contrário, o número de autópsias hospitalares vem diminuindo – uma tendência mundial – apenas 229. Além desses clássicos exames, foram realizados em 1998: imunohistoquímica-808; imunofluorescência-209; microscopia eletrônica-184.

Pós-Graduação

Desde 1978 o Departamento formou 43 candidatos a mestrado e 16 a doutorado.

Pesquisa e Publicações

As pesquisas são, em geral, realizadas em função da anatomia patológica sistêmica e orientadas no sentido anatomo-clínico. Durante o ano de 1997 foram publicados 41 trabalhos em periódicos nacionais e 27 em revistas estrangeiras além daqueles apresentados em congressos nacionais (114) e internacionais (30), bem como capítulos em livros nacionais (15) e 2 livros, perfazendo um total de 229 contribuições

HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO

José Alberto Mello de Oliveira

Introdução

Ingressei no primeiro ano do curso médico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, como aluno da quinta turma admitida no vestibular, no ano de 1956. Durante o curso fui estagiário voluntário do Departamento de Histologia e Embriologia, trabalhando com o Professor Walter August Hadler, durante cerca de dois anos. Sob sua orientação vi meu nome incluído, pela primeira vez, em uma publicação científica. Entretanto, ao longo do curso procurei uma formação geral, clínica, não cirúrgica, sem definir uma opção profissional especializada. Terminado o curso médico iniciei minha atividade clínica em uma comunidade interiorana (Bocaina, SP) durante quase dois anos, nos quais a insatisfação do tratamento sintomático de quadros sindrômicos apontou-me o caminho da Anatomia Patológica mais do que o da própria Clínica Médica. Procurei o Professor Fritz Köberle, de quem recebera aulas no curso de graduação em 1958, para obter um estágio no Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. O meu contato anterior com o Professor era mais do que o de docente para aluno, porquanto, em 1954, fizera o último ano do curso colegial junto com seus filhos Gottfried e Roland. Depois, no vestibular e durante o curso médico, Gottfried e eu fomos companheiros de classe e também de estudo. Desta forma, mesmo durante o curso, mantivera contatos com o Professor Köberle. Na época, em que o procurei para o estágio, no início de 1963, a Faculdade não tinha residência médica na área da Patologia. Foi com surpresa, que tive do Professor um convite para ingressar na carreira universitária. Tal como para outros ex-alunos da minha época, a influência do espírito de Zeferino Vaz marcava-me com forte atração pela universidade. Aceitei o convite. Comecei a carreira em 1963 e vivi o departamento até minha aposentadoria em 1998. O presente texto faz um relato de memórias pessoais da vida do departamento nesses trinta e cinco anos e peço antecipadas desculpas, se, por falha delas, alguém não foi lembrado ou o fato relatado não foi abrangido em todas as facetas. Certamente não conta a história de todos os que nele se envolveram, mas descreve a trajetória do departamento desde a fundação. O trabalho histórico, de cunho científico, requereria um esquadrinhar metódico de documentos, cuja técnica me escapa. É, pois, mais um depoimento pessoal do que um levantamento histórico, como mereceria um livro tão importante como este.

As Origens do Departamento

A história do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto começou a 20 de abril de 1954 quando o Professor Fritz Köberle pronunciou a Aula Inaugural do primeiro curso de Anatomia Patológica ministrado aos alunos da primeira turma, que ingressara em 1952. Já naquele ano o Prof. Zeferino Vaz, fundador e primeiro Diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, convidara o Prof. Fritz Köberle para criar e dirigir o Departamento de Patologia. Na época, o Prof. Köberle era o Diretor do Instituto de Patologia em St. Polten, na Baixa Áustria; a transferência para o Brasil deu-se no fim de 1953, tendo assumido suas funções em Ribeirão Preto no dia 20 de outubro. Atraiu-o a filosofia que norteava a criação da nova Faculdade, voltada para o trabalho em tempo integral, associando intimamente o ensino da Medicina e a Investigação Científica. O Departamento fazia parte do organograma da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (USP), previsto na Lei no. 1467 de 26/12/1951, na qual ele era denominado Departamento de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Posteriormente esta denominação foi alterada para Departamento de Patologia.

Tão logo iniciou suas atividades o Professor Köberle procurou organizar o Serviço de Autópsias e o Laboratório de Histopatologia, que foram criados ainda no ano de 1953, mesmo

em condições precárias, para obter material didático a ser utilizado no ano seguinte. Os arquivos do Departamento contabilizam trinta necropsias realizadas em 1954. A Santa Casa de Misericórdia de Ribeirão Preto contribuiu, decisivamente, nos primeiros tempos da Faculdade, pois era o único hospital local em condições de permitir o começo das atividades práticas ambulatoriais e de enfermagem dos Departamentos Clínicos. O Departamento de Patologia utilizou o Velório do hospital e uma sala com duas mesas de autópsias. Inicialmente a realização das necropsias encontrou sérias dificuldades, devidas à resistência de familiares dos falecidos, de enfermeiras e até mesmo de médicos, não habituados com o exame "post mortem". O Serviço de Patologia Cirúrgica foi mais facilmente aceito e começou provisoriamente em duas salas do Departamento de Histologia e Embriologia, cedidas pelo Prof. Lucien Lison. No terceiro ano de funcionamento já examinara cerca de duas mil biópsias.

As instalações provisórias persistiram até meados de 1954, quando o Departamento passou a ocupar instalações da Fazenda Monte Alegre. Na antiga fazenda, o Departamento foi instalado definitivamente naquele que é hoje o Edifício "Prof. Fritz Köberle" do "Campus" da USP de Ribeirão Preto. De início a área foi compartilhada com o Departamento de Anatomia, posteriormente com a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, passando totalmente ao Departamento de Patologia no começo da década de oitenta. Havia ali cerca de 1200 m², que permitiram a transferência das instalações provisórias anteriores, a sua ampliação e criação de novos setores.

A principal dessas instalações foi a sala de necropsias ampla, de pé direito muito alto, bem iluminada e arejada, com duas mesas bem projetadas, de mármore branco, que conferiam a grandiosidade e o respeito, de que o ambiente é merecedor. O ensino da Patologia passou a ser realizado em salas apropriadas para o curso teórico e para as aulas práticas de macroscopia e microscopia com a especial vantagem de que as aulas podiam ser interrompidas a qualquer momento para o acompanhamento de uma autópsia ilustrativa.

Um biotério instalado em pequeno prédio anexo ao principal passou a fornecer a infra-estrutura necessária aos projetos de Patologia Experimental.

O Serviço de Patologia Cirúrgica atendido de início nesse prédio passou para instalações no então Hospital das Clínicas da Rua Bernardino de Campos (hoje Unidade de Emergência), quando este foi inaugurado em 1958. Esse seria o embrião do atual Serviço de Patologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, instalado desde 1978 no "Campus" de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, cuja dimensão será comentada adiante.

Em 1968 o Departamento iniciou o programa de Residência Médica em Anatomia Patológica, tendo como primeiro médico-residente o Dr. Elias Moutinho Passos. Nesses trinta e um anos de atividade, o programa formou cerca de uma centena de patologistas disseminados pelo Brasil e alguns países da América Latina.

Em 1978 foi criada a área de concentração "Patologia Humana" dos programas de pós-graduação "stricto sensu" ao nível de Mestrado e Doutorado, de início dedicada a médicos e, posteriormente, ampliada para graduados em outras áreas da saúde com a criação da área "Patologia Experimental" a partir de 1994.



Prédio do Depto. em 1952 no "Campus"

Em 1979 a Universidade aprovou uma alteração do organograma da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, através do qual a Medicina Legal deixou de integrar o Departamento de Medicina Social para integrar o Departamento de Patologia.

O Serviço de Verificação de Óbitos

Nessa cronologia inicial da história do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, o Serviço de Verificação de Óbitos (SVO), merece menção especial. O artigo 15 da Lei 1467 de 26/12/19512, que criou a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, autorizava a realização de autópsias de verificação de óbitos, nos mesmos moldes de outros serviços antes autorizados na Capital e no Interior do Estado de São Paulo. Este é um serviço prestado à Comunidade, que visa esclarecer a "causa mortis" em todos os casos de defunção natural sem assistência médica. A sua criação revelou, em Ribeirão Preto, a importância da morte súbita freqüente entre os habitantes da região e carregou para a Universidade um precioso material, que antes se perdia entre as causas indeterminadas de óbitos ou na certificação sem comprovação necroscópica. Quando, em 1958, foi instalado o Hospital das Clínicas, na Maternidade "Sinhá Junqueira" da Rua Bernardino de Campos, o Departamento já realizava necropsias do SVO, prestando esse serviço de extensão à Comunidade, que revertia em material de ensino e pesquisa. Foi através dele, que se pôde avaliar a importância nosológica da moléstia de Chagas em nosso meio, com repercussões na pesquisa científica, subsequente, de toda a Faculdade. A partir de 1970 o Departamento começou uma longa luta burocrática para o reconhecimento do serviço nos moldes do Serviço de Verificação de Óbitos da Capital (SVOC), o qual fora organizado por lei em 1968 e previa estatuto semelhante para serviços instalados em faculdades de medicina. Os esforços foram baldados até 1983, quando o Governo Franco Montoro criou um grupo de trabalho destinado a estudar a questão da verificação de óbitos em todo o Estado e propor normas. O grupo de trabalho foi nomeado pelo Secretário de Estado da Saúde, Dr. João Yunes, tendo como participantes membros da própria Secretaria, do SEADE, do IML, da Faculdade de Saúde Pública, do SVOC, das Faculdades de Medicina da USP, da qual tive a honra de participar, como representante de Ribeirão Preto. O Professor Thales de Brito, profundo conhecedor da história do SVOC, desde a sua criação, do qual já fora diretor, propugnou por uma norma, que estendesse a todo o Estado normas semelhantes às que orientavam o SVOC e já haviam permitido a criação harmônica de outros serviços na Grande São Paulo. O trabalho dessa comissão, serviu de base para a Lei no. 5.452, de 22 de dezembro de 1986, que reorganizou a verificação de óbitos em todo o Estado. A Universidade de São Paulo passou a abrigar o Serviço de Verificação de Óbitos, através de um divisão da Capital, o SVOC, anexo ao Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da USP e outra do Interior, o SVOI, anexo ao Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. Aquele foi criado com competência para fazer a verificação de óbitos no município de São Paulo e credenciar serviços na Grande São Paulo, este com competência para fazer a verificação de óbitos no município de Ribeirão Preto e credenciar serviços em todo o Interior do Estado. O primeiro Diretor indicado pelo Magnífico Reitor foi o Professor Roberto Silva Costa, a quem coube instalar o novo Serviço. Reorganizado nos termos dessa Lei, o SVOI passou a ser uma Unidade independente no organograma da Universidade, mas, obedecendo o que enuncia em seu Artigo 14: "*O Serviço de Verificação de Óbitos do Interior - SVOI criado por esta lei, será da responsabilidade do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo*". Desde então o Diretor do SVOI tem sido escolhido entre membros do Corpo Docente do Departamento de Patologia permanecendo integrado ao Departamento e mantendo os objetivos de Ensino, Pesquisa e Extensão, que nortearam os seus trabalhos desde a criação original. Além de realizar o atendimento no município de Ribeirão Preto, tem competência para credenciar outros serviços, nos termos daquela Lei, em todo o Interior do Estado de São Paulo. Sob a direção do Professor Marcos Antonio Rossi, no período de 1991 a 1994, deixou de ser considerado unidade apenas assistencial e passou a ser considerado como Unidade de Pesquisa da Universidade de São Paulo, época em que estabeleceu um convênio de pesquisa com a Universidade de Milão na Itália.

O Fundador do Departamento

FRITZ KÖBERLE, natural de Eishgraben, Áustria, nascido a 1º de outubro de 1910, filho legítimo de Friedrich Köberle e Katharina Köberle, - brasileiro naturalizado de acordo com o processo N° 31435-59, D.C.110/30 expedido pelo Ministério da Justiça e Negócios Interiores em 1º de outubro de 1959.



Professor Köberle

Foi com essas as palavras de identificação, que o Professor Fritz Köberle introduziu o Curriculum Vitae, que apresentou para concorrer à Cátedra de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo em 1962. Um austríaco, que se tornava brasileiro no exato dia em que completava 49 anos de idade, cerca de 6 anos após emigrar para o Brasil, com esposa e quatro filhos. Licenciara-se em 1953, por três anos, do Instituto Patológico Bacteriológico e Sorológico do Hospital Geral de St Polten (Áustria), para uma aventura acadêmica de resultados então absolutamente imprevisíveis.

Sua formação humanística e profissional foi toda desenvolvida em Viena, desde 1921, quando foi admitido no curso ginásial, que frequentou durante oito anos sem interrupção, até o término do curso médico em 1934, quando colou grau na condição de primeiro aluno e recebeu o título *doctoris universæ medicinæ*. Ambos os certificados foram revalidados no Brasil. Considerei uma curiosidade descobrir em seu *Curriculum vitæ*, de 1962, que o diploma ginásial foi revalidado no Instituto de Educação "Torquato Caleiro", da cidade de Franca, em 10 de abril de 1962 e não em uma escola pública secundária de Ribeirão Preto. O diploma de médico foi revalidado em 18 de outubro de 1962, na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

No segundo trimestre de 1932, durante o quarto ano do curso médico, foi estagiário voluntário do Instituto de Patologia da Policlínica de Viena, chefiado pelo Professor C. Sternberger, mundialmente conhecido pelos seus trabalhos científicos e o livro de Patologia, que editara. Durante o estágio Köberle colaborava na feitura de necropsias e elaboração dos laudos, descrição macroscópica do material biópsico, preparação de peças para aulas e cortes de congelação, tendo considerado esse período como de forte influência em sua formação dado o espírito científico, altamente crítico e rigoroso, característicos da personalidade do Professor Sternberger. No segundo semestre desse ano passou a monitor remunerado da Clínica Pediátrica da Universidade de Viena, sob a direção do Professor F. Hamburger. No ano seguinte foi monitor remunerado da Clínica Oftalmológica sob a direção do Professor K. Lindner, passando ao cargo de monitor-chefe em 1934. Sua participação mais duradoura na Clínica Oftalmológica apontava o caminho da oftalmologia; mas, uma vez formado, engajou-se como Assistente Voluntário no Instituto de Patologia, então chefiado pelo Professor R. Maresch, desde o dia 1º de janeiro de 1935.

Foi nesse Instituto, que desenvolveu sua carreira passando a *Assistente* em março de 1935, *Assistente Científico* em novembro de 1935, *Assistente Efetivo* em novembro de 1936 e *Professor Adjunto* a partir de novembro de 1941. Nesse Instituto sua atividade principal foi ligada à sala de necropsias, onde realizou cerca de 4.000 autópsias, embora tenha trabalhado em todas as suas seções e sendo encarregado do serviço de biópsias a partir de 1936. Nesse período envolveu-se em pesquisas sobre a histopatologia da tularemia, de importância regional à época, em virtude da propagação da doença, veiculada por lebres na Eslováquia e na Baixa Áustria. Em outubro de 1936, passando a chefia do Instituto ao Professor H. Chiari, foi indicado para ocupar as funções de Chefe do Arquivo, Chefe do Museu, Chefe do Serviço de Documentação Fotográfica e Chefe da Biblioteca. Suas áreas de investigação, nesse período, foram mais voltadas para a patologia cardiovascular, patologia do aparelho digestório e

glândulas anexas, patologia genital e patologia do sistema retículo-endotelial. Nessa época, devido a falta de patólogos nos hospitais vienenses foi designado também como Patólogo do Hospital da Cruz Vermelha, do Hospital Infantil Santa Anna e do Hospital de Billroth. Em 1938 ocupou, interinamente, por seis meses a direção do Instituto Patológico do Hospital Wilhelminenspital.

Em maio de 1939 foi convocado para o tiro de guerra do exército alemão e em junho ingressou como tenente-médico no Serviço de Cirurgia do Hospital Central do Exército, em Viena. Em agosto foi nomeado ajudante do General-médico Dr. W. Zeeman, comandante das Instituições Médico-Sanitárias de Viena, cargo que atendeu até fevereiro de 1940.

Em março de 1940 foi nomeado Patologista do XIII Exército, então estacionado na fronteira francesa e ocupou esse cargo durante a guerra na Bélgica, França, Polônia e Rússia até 1943, quando foi nomeado Patologista da XIII Região Militar, sediada em Münster na Westfalia. Foi então transferido como Docente-livre para a Faculdade de Medicina de Münster, com o compromisso de participar do ensino médico, cargo que ocupou até o fim da guerra. Salientou sempre a importância dos estágios e atividades profissionais nos Institutos de Viena, durante a sua formação, mas destacou o período em que trabalhou em Münster sob a orientação do Professor H. Siegmund como a fase mais proveitosa e decisiva de sua formação científica. Antes do término da guerra era major-médico e durante a mesma realizou numerosas necropsias de casos de disenteria bacilar, tifo exantemático, febre tifóide e paratifóide, tularemia, malária e febre wolhynica, além dos casos de morte por ferimentos bélicos. Em setembro de 1945 retornou às suas funções no Instituto Patológico de Viena, permanecendo até janeiro de 1946.

Formado na tradicional escola de Patologia de Viena, onde se destacaram figuras como a de Karl von Rokitansky, o Professor Köberle dava especial importância à necropsia e à correlação anatomo-clínica, sem descurar-se dos demais setores envolvidos nas atividades dos serviços de Patologia. Em fevereiro de 1946 assumiu a chefia do Instituto Patológico, Bacteriológico e Sorológico do Governo da Baixa Áustria, na cidade de St Polten. Na mesma época foi nomeado perito permanente de Medicina Legal da Delegacia Municipal e Regional e depois legista chefe do Serviço Médico-Legal. Considerou o período 1946-52 como de baixa produção científica devido às dificuldades do pós-guerra e à grande sobrecarga decorrente da rotina, sendo esta última um dos fatores decisivos, que o levaram a aceitar o convite para transferir-se ao Brasil. Nos oito anos em que dirigiu o Instituto remodelou-o tornando-o o mais moderno do país e elevando o número de exames anuais de 23.000 em 1945, para 93.000 em 1952. Deixou o Instituto em 30 de setembro de 1953 para vir ao Brasil implantar um Departamento de Patologia na remota cidade de Ribeirão Preto.

A Ribeirão Preto da Década de Cinquenta

De fato, a cidade era remota, mesmo para muitos brasileiros vivendo de costas para o interior. Era nada mais do que a "capital do café", que falira na crise de 1929, restando-lhe apenas o título e a tradição. De São Paulo, o acesso a Ribeirão Preto fazia-se por uma Via Anhangüera asfaltada até pouco além de Campinas, o restante demandando várias horas numa estrada de terra, estreita e poeirenta. A alternativa era uma viagem de trem pela Companhia Paulista de Estradas de Ferro com baldeação em Campinas para a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, viagem para cerca de doze horas, quando tudo corria sem incidentes. A terceira alternativa era a mesma Companhia Paulista de Estradas de Ferro de São Paulo até a cidade de Barrinha, com baldeação para um serviço de ônibus, que a ligava a Ribeirão Preto, tudo demandando cerca de oito horas. A cidade, ao redor de setenta mil habitantes, pouco excedia o atual quadrilátero central, limitado pelas avenidas Nove de Julho, Independência, Francisco Junqueira e Jerônimo Gonçalves e mais alguns bairros isolados dos Campos Elíseos, da Vila Tibério, do Barracão (hoje Ipiranga) e Santa Cruz dos Jacques; era só. Tinha tradições

no ensino primário e no ensino médio com o Instituto de Educação "Otoniel Mota" (antigo Gymnasio do Estado), o terceiro a ser criado no Estado de São Paulo, uma Faculdade de Odontologia e Farmácia, particular, e outros estabelecimentos particulares de ensino médio e profissionalizante. Sem dúvida era um polo de atração para famílias de diversos pontos do estado, que queriam ver os filhos formados e de posse de um diploma. Culturalmente dispunha de cerca de cinco salas de projeção cinematográfica, uma das quais no majestoso Teatro Pedro II, que às vezes levantava sua tela para a apresentação de companhias teatrais em excursão, a maioria teatro de revista, mais raramente um Procópio Ferreira apresentando as "Mãos de Eurídice" e era tudo. Um retrato revelador da cidade em meados da década de cinquenta, foi a disputa entre o Bispo Dom Luis do Amaral Mousinho, recém-empossado, pernambucano como Dom Helder Câmara, mas certamente muito mais conservador, e o Jornalista Antônio Machado Santana, Diretor do Jornal "A Tarde", certamente também conservador, mas, que publicava diariamente uma tira de autoria de Nelson Rodrigues chamada "A vida como ela é", vetada de pronto pelo bispo. Essa contenda entre o púlpito e o jornal gerou celeuma, separou antigas amizades familiares e esquentou a provinciana Ribeirão Preto da época.

Havia também a decadente Escola Prática de Agricultura, construída nas terras da antiga Fazenda Monte Alegre, que fora a sede do império do café do Coronel Francisco Schimidt até a crise de vinte e nove e a recém-criada Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, cujos trabalhos iniciaram em 1952. O imponente prédio central da Escola Prática era descortinado da rodovia Ribeirão Preto - Barrinha e chamava a atenção dos viajantes que demandavam a cidade de Barrinha ou vinham de lá na viagem São Paulo - Ribeirão Preto. Vários anos mais tarde, ouvi contar o Superintendente do Hospital das Clínicas, Dr. Paulo Gomes Romeo, que em uma das primeiras vezes que por ali passou, o Professor Zeferino Vaz quis saber qual era aquele prédio. Ao ser inteirado da situação da Escola Prática, declarou, que instalaria ali a nova Faculdade de Medicina. E se assim pensou assim o fez, porque em pouco tempo já obtinha uma escritura de doação da fazenda, que passava da Secretaria de Estado da Agricultura para a Universidade de São Paulo, com a finalidade exclusiva de ali instalar a nova Faculdade de Medicina. A Escola Prática tinha numerosas casas de habitação de docentes e funcionários, que serviram de moradia aos primeiros professores de Medicina e funcionários administrativos, atraídos pelo Professor Zeferino Vaz. Faziam parte da própria concepção do tempo integral dedicado à docência e à pesquisa, porquanto facilitavam a vida familiar dos docentes no mesmo ambiente onde se localizavam os laboratórios e as salas de aulas.

Foi por esse ambiente provinciano, que o Professor Köberle trocou o ambiente cultural da Viena de Strauss. Mas, jamais ouvi dele qualquer palavra negativa a esse respeito. Ao contrário, o ambiente do país, exótico para o padrão europeu, atraía-o e, na década de cinquenta, ele e sua família fizeram inúmeras excursões pelo interior do país, de Norte a Sul e particularmente em direção a Goiás e Mato Grosso, para ver como viviam os índios e o povo em geral. Conhecia o Brasil como poucos brasileiros e disse muitas vezes, que aprendeu muito da índole pacífica e da nossa forma de resolver os problemas. Esse brasileiro de origem germânica, falava o português com sotaque, mas um português correto, mercê dos seus estudos de latim durante a formação humanística. Das primeiras coisas que fazia ao chegar ao departamento, era passar pela sala de autópsias e ver quem estava autopsiando e qual era o caso. Examinava as peças, fazia perguntas, dava sugestões e cobrava a preparação cuidadosa das peças de interesse didático e científico. Várias vezes trabalhei com ele na elaboração de textos e de documentação de palestras. Escolhia com cuidado as melhores palavras para exprimir suas idéias nos trabalhos a publicar e se esmerava nas ilustrações das centenas de palestras, que pronunciou até os seus últimos dias, vividos em companhia de sua esposa, Dona Elizabeth Köberle, na chácara da Praia Azul, em Americana, onde morava após aposentar-se da Universidade de São Paulo em 1976. Não se retirou totalmente da vida acadêmica; da Praia Azul freqüentava o Instituto de Biologia da UNICAMP e vinha ao Departamento em Ribeirão Preto. Gostava de ver como as coisas andavam, como quando entrava na sala de autópsias, o exame já começado e queria saber qual era a novidade. Faleceu subitamente em um fim de

tarde de 20 de fevereiro de 1983, tendo oferecido ao Brasil a fase mais produtiva de sua vida científica e implantado uma Escola de Patologia, que tem honrado o legado de seu fundador.

Fritz Köberle e a Moléstia de Chagas

A vivência científica do Professor Köberle na Escola de Viena e a sua vasta experiência em patologia necroscópica fertilizaram o trabalho na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Em suas palavras, encontrou em Ribeirão Preto "meio, ambiente, tempo e material abundante para a pesquisa nos mais diversos setores da patologia dentre eles, destacando-se o fascinante problema da moléstia de Chagas". Em Memorial de 1974 destacou que vários motivos o levaram a estudar a moléstia de Chagas, dos quais especialmente três: 1) a moléstia representava um enorme problema médico-social no Brasil; 2) ela revelou uma patologia completamente diversa da patologia européia por ele conhecida; 3) constitui um modelo ilustrativo das doenças do sistema nervoso autônomo, cujo papel na patologia é sumamente discutido.

O seu primeiro trabalho sobre a moléstia de Chagas, em colaboração com Estêvão Nador, foi publicado em 1955 na Revista Paulista de Medicina, sobre a patologia e patogenia do megaesôfago. Köberle já tinha conhecimento anterior *de* "megas" do tubo digestivo, na Europa, surgidos, após anos de uso da atropina, em sete casos de doença de Parkinson tratados com atropina, estudados por Siegmund em 1935. Neles, estava íntegra a inervação autonômica, mas, desenvolveram grandes dilatações do intestino grosso e em parte do intestino delgado e do estômago. Lesões dos neurônios intramurais haviam sido descritas no megaesôfago brasileiro, na década de trinta, mas não relacionadas à moléstia de Chagas. Köberle quantificou essas lesões no megaesôfago brasileiro e demonstrou a mesma lesão nos casos europeus, através da paciente contagem dos neurônios intra-murais. Esse foi o tema de sua Tese de Cátedra, em 1962.

Antes de Köberle a moléstia de Chagas era interpretada como um processo evolutivo, decorrente da ação deletéria do parasita em todas as suas fases, considerando-se a reação inflamatória, por ele provocada, responsável pelas alterações morfológicas e funcionais das fases aguda e crônica. Este conceito clássico foi modificado por Köberle. A observação de que a moléstia assume características diferentes, nas fases aguda e crônica, já fora feita pelo próprio Carlos Chagas, mas até a retomada da questão por Köberle a cardiopatia foi se restringindo como a única manifestação reconhecida da fase crônica e a causa das diferenças entre ambas as fases permaneceu sempre obscura. Com base nos trabalhos originais de Carlos Chagas e no grande volume de suas observações pessoais, em centenas de necropsias de morte súbita de indivíduos que nunca haviam freqüentado consultórios médicos, elaborou um conceito patogênico inteiramente novo para a moléstia. O novo conceito levou em conta o fato de que as manifestações da doença das fases aguda e crônica caracterizam duas doenças totalmente diferentes. As peculiaridades clínicas da fase aguda têm correlação com os achados histopatológicos resultantes do intenso parasitismo, das reações inflamatórias e da ativação do sistema macrofágico histiocitário. A fase crônica tem outras características clínicas, desde escassos sinais e sintomas a exuberantes manifestações cardíacas, circulatórias e digestivas, com substratos anatomo e histopatológicos evidentes, mas sem correlação com o escasso parasitismo tissular. Na fase crônica há dois processos, distintos, em evolução: a infecção propriamente dita, com parasitismo inexpressivo e as demais manifestações (cardiopatia, "megas" etc) com sintomas, sinais e lesões macro e microscópicas desproporcionais ao parasitismo.

A contribuição fundamental de Köberle para o esclarecimento da patologia da moléstia de Chagas foi a identificação das lesões neurogênicas da fase crônica, produtoras de "patias" autonômicas, elo capaz de esclarecer a progressão da fase aguda para a fase crônica, independente do parasitismo, e unificar a patogenia das diversas lesões viscerais. A teoria

neurogênica da moléstia de Chagas foi desenvolvida por Köberle e sua Escola a partir de estudos de material necroscópico humano, da infecção natural de animais domésticos e da infecção experimental em animais de laboratório. Nesses estudos ficou demonstrada a redução numérica acentuada dos neurônios dos plexos intra-murais das vísceras ocas na fase crônica da moléstia de Chagas, revelando a extensão do comprometimento orgânico até então considerado restrito ao coração. Esses estudos chamaram a atenção para a patogênese dos "megas" viscerais (megaesôfago, megacolon etc) e abriram perspectivas para a criação de outros grupos de pesquisa dentro e fora de Ribeirão Preto.

Os trabalhos da Escola de Ribeirão Preto e a teoria neurogênica de Köberle, que considera as neuropatias autonômicas da fase crônica da moléstia de Chagas, seqüelas da fase aguda, suscitaram intensa controvérsia nos meios científicos. Muitos opositores puseram em causa a etiologia chagásica dos "megas". No entanto, foram contestados pela alta freqüência da positividade da reação de Machado-Guerreiro em pacientes acometidos de megaesôfago. No que se refere à cardiopatia chagásica, vale lembrar o registro da missão científica dos consultores da Organização Panamericana de Saúde, o patologista Dr. Davies e o cardiologista Dr. Fejfar, que a relataram como uma forma de cardiopatia muito particular, salientando o primeiro, que nunca tivera contato com lesões tão peculiares, especialmente o "aneurisma" apical. Diante do fato incontestável da desnervação, os opositores da teoria calcaram seus argumentos na questão da fase em que ela se dá e, em especial, nas peculiaridades da cardiopatia não explicadas simplesmente pela desnervação parassimpática.

Os estudos iniciais de Köberle sobre a moléstia de Chagas, no Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, espalharam-se em novas linhas de pesquisa na própria Faculdade, algumas persistentes até hoje nas mãos de diversos pesquisadores como Marcos Antônio Rossi, Ulisses Meneghelli, Roberto Oliveira Dantas, Ricardo Brandt de Oliveira, José Antônio Marin Neto, Lourenço Gallo Júnior, Benedito Carlos Maciel e, outras, simples saudade do trabalho de férteis pesquisadores que nos deixaram como Clóvis Vieira, João Samuel Meira de Oliveira e, mais recentemente, Renato Alves de Godoy.

Fora de Ribeirão Preto já havia grupos de pesquisa interessados na moléstia de Chagas, nos quais se destacavam Thales de Brito em São Paulo, Zilton Andrade e Sônia Andrade na Bahia, mas, outros grupos, emergentes desde a década de cinquenta, encontraram tanto na controvérsia quanto na teoria neurogênica fonte de inspiração para pesquisas de elevada qualidade na década de sessenta com M. Okumura e Thales de Brito em São Paulo, Jofre Marcondes Rezende em Goiânia, Calil Porto e Celmo Porto em Araguari, J. Pessoa e C. Mesquita em São Gotardo, Antônio Teixeira em Brasília, Washington Luiz Tafuri e Pedro Raso em Belo Horizonte, Edison Reis Lopes e Edmundo Chapadeiro em Uberaba, Ricardo Ribeiro dos Santos, hoje no Rio de Janeiro e inúmeros outros espalhados pelo Brasil.

Toda a obra de Köberle, relacionada com a doença de Chagas, ressaltou o "mundo novo na Patologia" entrevisto na obra original de Carlos Chagas e entendeu-a como um modelo natural para estudar Neuropatologia Autonômica. Colocava as "patias" chagásicas como manifestações neurogênicas da fase crônica da doença, aí incluídas as lesões cardíacas, que considerava uma neurocardiopatia. Nesse contexto considerava epifenômenos as manifestações, que outros consideravam causa; por essa razão foi muitas vezes questionado e mal compreendido, quando insistia na impropriedade de chamar "miocardite chagásica" o complexo quadro da cardiopatia. Tentou de várias formas, com os conhecimentos da época, interpretar a sua patogênese na esteira da desnervação autonômica. Usando a concepção chinesa, figurou o coração controlado por dois dragões, que representavam as forças do Yin e do Yan, como manifestações dos sistemas simpático e parassimpático, uma das quais se perdia no processo da desnervação. Considerou então, que o predomínio simpático produzia, no miocárdio, um aumento das necessidades de oxigênio, condicionando uma isquemia relativa. Essa seria a causa das lesões da fase crônica (hipertrofia, inflamação, fibrose,

"aneurisma" apical e alterações funcionais de produção e condução do estímulo). O Professor Köberle começou a participar, em 1965, de um estudo multicêntrico de cardiomiopatias, coordenado pela Organização Mundial da Saúde, no qual eu e João Samuel Meira Oliveira, participávamos como colaboradores. Fruto desse programa, desenvolvi minha tese de doutoramento sobre a questão da isquemia relativa na cardiopatia chagásica. Em outubro de 1967, quando me preparava para a defesa da Tese de Doutorado, encontrei o trabalho canadense de Rona e colaboradores publicado no *Archives of Pathology* de 1959, no qual mostrava as lesões apicais experimentalmente induzidas no rato pelo isoproterenol, as quais interpretou como de natureza isquêmica. Já era sabido que o miocárdio tem receptores beta, que o isoproterenol é um estimulante desses receptores e a teoria neurogênica propunha, que a patogenia da cardiopatia chagásica dependia de uma ação deletéria decorrente do predomínio simpático. Para mim, foi como encontrar um modelo experimental da lesão apical da cardiopatia chagásica. João Samuel providenciou imediatamente alguns frascos de Alupent (nome comercial de um produto, cuja substância ativa era o isoproterenol), usado como broncodilatador, dentre as amostras grátis do Dr. Paulo Valente de Oliveira, seu pai. Estávamos no fim de 1967. Calculamos as doses tóxicas, na faixa usada pelos canadenses, e foi assim que tentamos reproduzir aquelas lesões; como se aconteceu, o primeiro experimento foi uma negação desanimadora. Todavia, na segunda tentativa obtivemos mais do que podíamos esperar. Surgiram os aneurismas apicais e em um dos animais, além da lesão apical, surgiu dilatação acentuada do cone da artéria pulmonar e trombose do átrio direito. Era a própria cardiopatia chagásica experimental. Sua fotografia está perenizada na Tese de Doutorado de João Samuel, defendida em 1968. Quando apresentamos o resultado do experimento ao Professor Köberle ele exultou. Quando discutimos os possíveis mecanismos da lesão e o eventual papel da isquemia na sua indução, o Professor Köberle foi taxativo em interpretá-la como uma ação citotóxica do isoproterenol e a possível gênese catecolaminogênica das lesões da cardiopatia chagásica. Esse foi o tema da tese de doutoramento de João Samuel, que experimentou diversas aminas biogênicas e demonstrou as semelhanças da cardiopatia chagásica com as cardiopatias experimentais por elas induzidas. O VII Congresso Brasileiro de Patologia realizar-se-ia em Ribeirão Preto em julho de 1968 e, por escolha do Professor Köberle o resultado daqueles experimentos iniciais foi apresentado no dia 10 de julho sob o título "*Cardiopatia chagásica*" *sem moléstia de Chagas*, gerando forte controvérsia por ser considerado, no mínimo, pretensioso. Antes do congresso, o Professor Raymond Wegmann, diretor do Institut d'Histochimie Médicale da Universidade de Paris pronunciara uma palestra no Departamento de Morfologia sobre métodos histoenzimológicos para o estudo da biologia celular. Durante o primeiro semestre de 1968 o Departamento manteve contato com ele, para receber e treinar um estagiário naquelas técnicas com vistas à sua aplicação no estudo da patogênese da doença de Chagas. Para lá fui, como bolsista do Governo Francês, desenvolver um programa de pós-doutorado, que me permitiu, posteriormente, verificar que o miocárdio, na fase crônica da infecção experimental, apresenta aumento da atividade da monoamino oxidase e alterações em outras atividades possivelmente envolvendo o metabolismo do cálcio. Desde aquela época sempre estive convencido de que a ação lesiva das catecolaminas fazia-se através de grave perturbação na função dos receptores beta, capaz de prejudicar o metabolismo da fibra miocárdica e, que no chagásico, por vias até hoje não esclarecidas, o coração sofre perturbação semelhante na fase crônica. Ao fim da década de setenta, com apoio da Organização Mundial de Saúde tentei um método morfológico de abordagem desses receptores através da incubação de tecidos com amino-acridina-propranolol, conforme sugeria um técnica divulgada à época, mas, como ficou demonstrado, ela não era apropriada. João Samuel, muito mais, trabalhou com afinco para explorar e avançar na teoria neurogênica e desenvolveu o modelo de desnervação com cloreto de benzalcônio, que produz megacólon sem a infecção, trazendo mais um argumento em favor da neurogênese autonômica. A teoria neurogênica da doença de Chagas, aceita para explicar as enteromegalias em geral, ainda gera controvérsias na patogenia da cardiopatia chagásica.

Departamento Depois de Köberle

Desde a fundação, o Departamento exercia a sua função didática e tinha evolução ascendente nos trabalhos de extensão e pesquisa. A primeira Tese de Doutorado fora defendida em 1956 por Zilton Andrade. O corpo Docente ampliara-se até onze docentes em tempo integral no ano de 1967. O começo da década de setenta foi difícil para o Departamento, porque vários docentes haviam-no deixado por outros departamentos, outras universidades ou pela iniciativa privada. Restáramos, além do Professor Köberle e do Professor Paulo Becker, Reynaldo de Britto Costa, João Samuel e eu. Esse pequeno grupo sustentou as atividades de ensino de graduação, a rotina assistencial e o treinamento dos médicos-residentes, três deles, Marcos Antônio Rossi, Ulisses Frederigue Júnior e José Barbieri Neto, foram contratados logo após a residência. Marcos, no entanto, logo se afastaria para a UNICAMP e para um estágio pós-doutoral no Exterior, somente voltando ao Departamento mais tarde. Ulisses afastou-se em 1973, indo para a iniciativa privada. A produção científica ascendente, já passando a casa das vinte publicações anuais, caiu para apenas três publicações em 1974. Em 1976 o Professor Köberle aposentou-se e não é exagero lembrar, que diante da dispersão recente tudo indicava um futuro pouco promissor para o Departamento. Foi um lento recomeço sob a chefia do Professor Paulo Becker. A maior luta administrativa desse período, durante a gestão do Professor Becker, foi no sentido de instalar o Serviço de Verificação de Óbitos nos moldes do SVO da Capital, conforme permitia a lei que criou o SVO. Quando o Professor Becker aposentou-se em 1979, o quadro docente se recuperara em parte, o programa de Residência Médica fora mantido e em 1978 iniciaram-se os trabalhos da Área de Concentração "Patologia Humana", com programas de Mestrado e Doutorado. Em 1979 o Professor Humberto Menezes candidatou-se ao concurso de Professor Titular do Departamento, retornando após vários anos e assumiu a chefia em substituição ao Professor Becker. O Hospital das Clínicas recém-instalado no "Campus" requeria a implantação do Serviço de Patologia, cuja coordenação foi assumida pelo Professor Menezes, simultaneamente com a chefia do departamento. Foi um período de transição muito bem conduzido por ele, até sua aposentadoria em 1985, que permitiu a consolidação da pós-graduação, das atividades de pesquisa e do Serviço de Patologia do Hospital das Clínicas.

Na pesquisa continuava a marcante influência do Professor Köberle. Köberle foi um adepto da Patologia das Regulações. Foi esta a formação que incutiu em seus discípulos. Não é pois de estranhar que várias linhas de pesquisas desenvolveram-se no Departamento, orientadas para problemas especialmente voltados para os efeitos patogênicos de substâncias como as catecolaminas, o álcool etc., para a regulação do metabolismo celular, da proliferação celular, de deficiências específicas como ferro e colina, além de dezenas de trabalhos voltados para a patogenia das lesões da doença de Chagas, explorando modelos experimentais da doença em animais de laboratório ou da cardiopatia induzida por isoproterenol e da indução de "megas" sem doença de Chagas através do cloreto de benzalcônio.

Como disse antes, João Samuel foi dos mais dedicados morfologistas, que pesquisou os mecanismos neuropatogênicos da doença de Chagas. Desde a época do projeto da OMS havíamos trabalhado juntos no estudo do sistema de condução. Depois revimos o "aneurisma da ponta" em outro trabalho. Entretanto, após a cabal demonstração das desnervações intra-murais pelo Professor Köberle, os caminhos tornaram-se difíceis no material humano. Ele conduziu estudos da cardiopatia em diferentes grupos etários, buscou a colaboração de clínicos para a correlação morfo-funcional, salientando-se a colaboração com Reynaldo Bulgarelli Bestetti no estudo eletrocardiográfico destinado a distinguir pelo teste da ajmalina, entre ratos da fase crônica, aqueles passíveis de desenvolver cardiopatia; fez dosagens espectrofotofluorimétricas das catecolaminas do miocárdio, e buscou métodos para desenvolver modelos experimentais das "patias" neurogênicas.

Depois Marcos Rossi desenvolveu trabalhos colaborativos com imunologistas para o estudo dos processos imunes envolvidos na lesão. Buscando esclarecer os mecanismos

neurogênicos e de regulação estudou os paragânglios mediastinais em trabalhos locais e de colaboração internacional. Voltou-se também para o estudo da micro-circulação e da matriz extra-celular, com fértil produção científica até hoje nessas linhas.

A compreensão dos processos regulatórios avançou muito neste século. Desde as primeiras décadas foram descobertos os primeiros hormônios e pôde-se compreender como órgãos independentes relacionavam-se. Depois foram descobertos os chamados hormônios dos tecidos, que regulavam a interação entre células e tecidos vizinhos e explicaram o papel regulatório do sistema nervoso autônomo. Depois veio a demonstração de que o controle das atividades do aparelho digestório tem regulação muito mais complexa, com um sistema nervoso não adrenérgico e não colinérgico, que se estende a outras vísceras ocas. Hoje, mais do que nunca, a regulação celular está em causa. Os trabalhos modernos voltados para a biologia celular e molecular vêm demonstrando de forma clara uma quase unificação dos mecanismos em diversos processos patogênicos. As grandes famílias de fatores de crescimento, atuando sobre receptores celulares (de membrana, citoplásmicos e nucleares) e suas repercussões sobre transdutores, mensageiros secundários e fatores de transcrição têm revelado, mais uma vez, que os processos celulares são pouco numerosos, revelando-se a sua diversidade nos diferentes processos de regulação. Nessa diversidade vão-se descobrindo semelhanças entre os mecanismos que regulam a apoptose, a transformação neoplásica, a resposta inflamatória aguda e granulomatosa, as alterações circulatórias e, enfim, todos os processos de adaptação celular às agressões. A minha antiga observação de que está hiperativa, no miocárdio do chagásico crônico, uma enzima geradora de peróxido, como a monoamino-oxidase, situada estrategicamente na membrana mitocondrial, insere-se nessa linha dos processos de regulação. É de se reconhecer, que razão tinha Köberle, quando considerava epifenômenos aquilo que para outros eram causas. A Patologia moderna conduz-nos a uma revisão obrigatória de conceitos e mesmo a refazer os antigos experimentos, com as novas da ferramentas Biologia. O momento sugere o reestudo da teoria neurogênica a partir desta nova abordagem. Quando dizemos, que o "aneurisma" apical do coração, na cardiopatia chagásica, tem um componente hipoxêmico, que ele pode ser o resultado de uma perturbação metabólica induzida pela hiperestimulação de receptores beta, tais



Prédio do Departamento de Patologia

afirmações conduzem hoje a questões, que podiam ser feitas, mas não respondidas, há trinta anos ou

mesmo depois. Os estudos sobre a regulação da expressão gênica de diversos fatores e substâncias, que intervêm na atividade metabólica e podem ser ativados de formas muito variadas, controlando tanto a sobrevivência das células como a sua lise, indicam novos caminhos. Tais caminhos, no entanto, nada mais representam do que a extensão da velha trilha apontada por Köberle na década de cinquenta.

O Serviço de Patologia do Hospital das Clínicas

O Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto tem no seu organograma um Serviço de Patologia com vários setores (Expediente, Necropsias, Patologia Cirúrgica e Citopatologia), cujas atividades didático-científicas e assistenciais estão subordinadas ao Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina. Esse serviço, que é hoje um verdadeiro departamento a parte, começou modestamente, em escassas instalações, no hospital originalmente instalado na Maternidade "Sinhá Junqueira", da Rua Bernardino de Campos. Com a criação do Hospital das Clínicas, transferiu-se para lá o processamento e exame das biópsias e peças cirúrgicas, mas, a sede do departamento continuou em Monte

Alegre e os docentes deixavam as rotinas lá implantadas, de ensino e pesquisa, para atender ao serviço. Foi com Hugo Junqueira Silvano Brandão, membro do corpo docente durante a década de sessenta, que o serviço realmente estruturou-se e criou as rotinas, que lhe deram personalidade dentro do hospital. Nessa fase também ele teve participação decisiva no desenvolvimento do serviço. Todavia, ainda era pequeno, tinha um único microscópio, insuficiente para comportar estagiários, que só podiam ter acesso ao exame histopatológico, quando o patologista estava ausente e o aparelho livre. Em 1968 agregou-se-lhe a Seção de Citopatologia, antes ligada ao Departamento de Ginecologia e Obstetrícia e coordenada por Victório Valeri do Departamento de Morfologia. A adaptação desta seção ao Serviço requereu uma fase de transição, com a participação de patologistas treinados na área, que contou com a participação inicial do Dr. Fábio Valeri e depois, durante vários anos, com a colaboração da Dra. Margarida Moraes, ambos do quadro de médicos assistentes do Hospital. Com a criação dos cursos de pós-graduação em 1970, as disposições da lei, que requeriam a Residência Rotatória como pré-requisito, exigiram que o Hospital tivesse um Serviço de Patologia com sala de necropsias. O Hospital solicitou-a e o Departamento após renhido debate interno no Conselho do Departamento, apoiou a criação da Seção de Necropsias do Serviço de Patologia do hospital, cuja coordenação foi entregue a Reynaldo de Britto Costa. Completava-se dessa forma a organização do Serviço de Patologia do Hospital das Clínicas com as Seções de Necropsia, Patologia Cirúrgica e Citopatologia e mais uma Seção de Expediente. Essas seções, surgidas em momentos diversos da história do Hospital, não se integraram de imediato e somente consolidaram-se como um Serviço unificado após a transferência para o novo hospital construído no "Campus" de Monte Alegre em 1978. Como dito acima, é hoje um verdadeiro departamento com todas as instalações necessárias aos serviços de extensão, o apoio às áreas clínicas e o ensino em todos os níveis, desde a graduação à pós-graduação. Conta com uma Seção de Expediente, a Seção de Necropsias, a Seção de Patologia Cirúrgica e a Seção de Citopatologia. A Seção de Expediente constitui o serviço de apoio para a administração e a preparação dos laudos dos exames realizados no Setor. A Seção de Necropsias responde pela realização de aproximadamente 1400 necropsias anuais, que fornece um extraordinário instrumento de ensino e pesquisa. Da mesma forma a Seção de Patologia Cirúrgica, que atende cerca de 10.000 biópsias anuais e dispõe de recursos adequados para exames de congelação e de histopatologia, com as técnicas tradicionais de rotina e de colorações especiais, mais as técnicas de processamento em imuno-histoquímica, imunofluorescência e histoenzimologia. O Laboratório de Imunohistoquímica desenvolve variada bateria de reações de identificação de ampla gama de marcadores celulares e tumorais. As técnicas de imunofluorescência são usadas sobretudo na identificação de alguns antígenos especiais em hematopatologia, nefropatologia e dermatopatologia, e as técnicas de histoenzimologia, na identificação de alguns defeitos enzimáticos e na rotina de miopatologia. A Seção de Citopatologia atende exames de colpocitologia hormonal e oncológica, citologia exfoliativa e de biópsia aspirativa por agulha fina, realizados no Hospital. Até 1995 o movimento da seção era de cerca de dez mil exames anuais. Desde 1996, recebe material colpocitológico, colhido na rede pública de saúde, para prevenção de câncer de colo uterino, sendo que em 1997 o movimento beirava os cinquenta mil exames anuais. O anfiteatro do Serviço, servido com sistema de microscopia acoplado a monitores, para a projeção das preparações histopatológicas, é onde se realizam cerca de oitenta reuniões científicas mensais entre internas e interdepartamentais. Hoje, diferentemente do início da década de sessenta, cada estagiário dispõe de uma bancada e microscópio, além de microscópios para duplas de observadores, úteis para a discussão entre docente e estagiário. O Serviço dispõe também de sistema de captura de imagem para morfometria e documentação, além de sistemas de fotomacrografia e fotomicrografia, em condições de uso pelos médicos e pesquisadores do Departamento. Além dos docentes, que participam da rotina e do treinamento e m serviço dos médicos-residentes, menção especial deve ser feita aos médicos-assistentes, que fazem parte do Corpo Clínico do Hospital e não da Faculdade, mas trabalham dentro das normas emanadas

da Universidade. Esse grupo, não muito grande, é hoje parte essencial da estrutura e do funcionamento das três seções, que compõem o Serviço.

A Área Medicina Legal

O antigo Departamento de Medicina Legal foi instalado em prédio construído ao lado do Departamento de Patologia. Em 1970 deixou de existir o Departamento e a Área Medicina Legal passou a integrar o Departamento de Medicina Social, juntamente com o antigo Departamento de Higiene e Medicina Preventiva. A sua integração ao Departamento de Patologia deu-se partir de 1979. A perda do seu "status" de Departamento e a progressiva redução do seu quadro docente, condicionaram essa trajetória histórica de atrofia da área. Nas décadas de cinquenta e sessenta havia pelo menos quatro docentes, que acabaram por reduzir-se a dois. A justificativa para a integração com o Departamento de Patologia foi a interface da Patologia Forense, embora a Medicina Legal tenha toda a amplitude da Medicina, que excede em muito a daquela interface. Na época da transferência, a área dispunha de dois docentes, os Professores Edson Silveira e Roberto Silva Costa. Este, terminado o seu doutoramento solicitou transferência para a Área Patologia, sendo substituído pela Professora Carmen Cinira Santos Martin, que à época desenvolvia o seu curso de Mestrado. Ao longo da convivência com a área e com os seus docentes aprendi muito das vicissitudes da Medicina Legal na Universidade, que perdeu, para os Institutos Médico-Legais, muito dos instrumentos do ensino prático na área. O resultado disso é, que a Universidade, tendo pouco ensino prático a oferecer aos estudantes, não cria atrativo para a formação especializada de médicos legistas. Pude, pois, acompanhar com muito interesse a luta da Professora Carmen Cinira Santos Martin, desde o seu ingresso na Pós-Graduação, depois o seu estágio de formação no Porto em Portugal. Essa luta culmina agora com a inauguração, dentro em pouco, de um Centro Médico-Legal (CEMEL), a partir de um convênio de mútuo interesse, celebrado entre a Universidade e a Secretaria da Segurança, publicado no Diário Oficial do Estado (Proc. CS 5389-91 Seção I-106 (122) de 28 de junho de 1996. No mesmo ano a Faculdade destinou verba de seu orçamento para a construção do prédio, que abrigará o CEMEL, para o funcionamento de serviços de Tanatologia Forense, Laboratórios e a Clínica Médico-Legal do Instituto Médico-Legal da cidade. Espera-se, que de um lado o Corpo Médico do IML disponha do ambiente físico e infra-estrutura de há muito reclamados por Ribeirão Preto e, em contrapartida, a Universidade possa auferir as vantagens do ensino, que criem entre os estudantes o ambiente propício a contribuir não só para a formação geral do médico, mas, para gerar uma escola nova de Medicina Legal.

As Instalações do Edifício “Prof. Fritz Köberle”

O prédio próprio do Departamento de Patologia no "Campus" de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo é, hoje, o Edifício "Professor Fritz Köberle", tombado pelo patrimônio histórico do Estado de São Paulo, onde está instalada a maior parte da infra-estrutura destinada ao atendimento das atividades de pesquisa e didáticas. Abriga, também as instalações do Serviço de Verificação de Óbitos do Interior e da Área Medicina Legal.

Essa infra-estrutura compreende a Administração do próprio Departamento e do SVOI, com os serviços de secretaria geral e das atividades escolares dos alunos de graduação e pós-graduação. Compreende ainda o Anfiteatro "João Samuel Meira Oliveira", moderno, com ótima acústica, construído com piso inclinado em degraus, com capacidade para 120 pessoas, equipado com recursos audiovisuais e destinado às aulas teóricas dos cursos das disciplinas de graduação e pós-graduação e às sessões magnas do Departamento. Há uma sala de microscopia com 30 microscópios e sala de macroscopia com museu de peças com cerca de

250 preparações macroscópicas, as quais são destinadas ao curso prático para os alunos da graduação em Medicina, em Ciências Biológicas (Modalidade Médica) e Enfermagem.

Também estão aí instalados os laboratórios de pesquisa dos docentes, o microscópio eletrônico, laboratórios especializados, a sala de necropsias do SVOI, que atualmente realiza cerca de oitocentas necropsias anuais, um biotério, um laboratório de fotografia e os arquivos do Departamento.

O Corpo Docente e Chefias: Passado e Presente

No ano em que é redigido este trabalho (1999), o Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto tem 10 docentes (8 na área de Patologia e 2 na área de Medicina Legal), todos trabalhando em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP). A composição do Corpo Docente atual, a qualificação, e as principais atribuições administrativas de cada um, estão resumidas a seguir:

<u>DOCENTE</u>	<u>Categoria</u>	<u>Título</u>
Marcos Antonio Rossi ❷	Prof. Titular	Prof. Titular
Sérgio Zucoloto ❷	Prof. Titular	Prof. Titular
Roberto Silva Costa ❶ ❸	Prof. Titular	Prof. Titular
José Barbieri Neto	Prof. Associado	Livre-Docente
Maria Angeles Sanchez Llorach Velludo ❸	Prof. Doutor	Doutor
Edson Garcia Soares	Prof. Doutor	Doutor
Carmen Cinira Santos Martin ❸	Prof. Doutor	Doutor
Luiz Cesar Peres ❹	Prof. Doutor	Doutor
Simone Gusmão Ramos	Prof. Doutor	Doutor
Marco Aurélio Guimarães	Prof. Assistente	Mestre

❶ Chefe do Departamento para o período 1999-2001.

❷ Suplente da Chefia para o período para o período 1999-2001.

❸ Coordenadora do Serviço de Patologia do Hospital das Clínicas.

❹ Coordenador dos programas de Pós-Graduação "stricto sensu".

❺ Coordenadora do Centro de Medicina Legal (CEMEL)

❻ Preceptor dos Médicos-Residentes.

Na estrutura da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, o corpo docente do Departamento de Patologia sempre foi em número relativamente pequeno para a importância da sua participação no processo de formação do médico e de quadros profissionais pós-graduados. A tabela a seguir, que mostra a evolução do número de docente desde a fundação em 1954, revela verdadeira estagnação do número a partir do período 1964-67, com algum aumento apenas no período 1990-96. É um aspecto relevante, sobretudo considerando as variadas atividades rotineiras do preparo das aulas de ensino de graduação (disciplinas obrigatórias e sessões clínico-patológicas), de pós-graduação (treinamento de médicos-residentes e orientação tutorial de pós-graduandos) e de atividades de extensão (necropsias, patologia cirúrgica e citopatologia). Em número de docentes, o Departamento situa-se entre os de tamanho médio da Faculdade e esteve recentemente exposto à perspectiva

de fusão com outras áreas em função do regulamento da Universidade de São Paulo, que preconiza um número mínimo de quinze docentes para justificar a organização de departamentos. Apenas a alta produtividade dos seus membros justificou a manutenção da estrutura departamental para a Área e espera-se que o projeto definido para os próximos anos justifique junto à Universidade a ampliação do corpo docente, ao menos para o mínimo exigido.

Evolução do Corpo Docente do Departamento de Patologia

Ano	Docentes Patologia	Ano	Docentes Patologia	Ano	Docentes Patologia	Docentes Medicina Legal	Ano	Docentes Patologia	Docentes Medicina Legal
1954	5	1966	11	1978	8	-	1990	12	1
1955	5	1967	11	1979	9	2	1991	12	1
1956	3	1968	10	1980	10	2	1992	13	1
1957	5	1969	9	1981	10	2	1993	12	1
1958	5	1970	9	1982	10	2	1994	13	1
1959	5	1971	8	1983	10	2	1995	12	1
1960	8	1972	7	1984	10	2	1996	12	1
1961	8	1973	8	1985	11	2	1997	11	1
1962	8	1974	9	1986	11	2	1998	9	2
1963	10	1975	9	1987	11	2	1999	8	2
1964	11	1976	10	1988	11	1			
1965	11	1977	8	1989	11	1			

O primeiro grupo, que constituiu o núcleo inicial do Departamento de Patologia, permaneceu muito pouco tempo devendo ser registrada a sua passagem pela Faculdade pelo interesse histórico. Outros fizeram carreira na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e marcaram suas passagens pelo Departamento de Patologia, como mostra a lista que segue, apresentada na ordem cronológica da entrada de cada um, registrado o período de permanência e o destino posterior imediato, quando conhecido:

DOCENTE	PERÍODO	REGISTRO
Fritz Köberle	1954-1976	☐ Falecido em 20 de fevereiro de 1983.
Darilio Velludo	1954-1955	Atividade profissional particular.
Ruy Piazza	1954-1955	
R. L. Pimenta de Mello	1954-1955	
Estevão Nador	1954-1959	Atividade profissional particular.
Zilton Andrade	1956	Transferiu-se para a Universidade Federal da Bahia e para a Fundação Gonçalo Muniz, em Salvador (Ba).
Paulo Frederico Ludwig Becker	1957-1961 1963-1979	Aposentado da FMRUSP, dedicou-se a atividade profissional particular.

Antônio Jordão de Barros	1957-1959	Deixou a Patologia e especializou-se em Oftalmologia.
Eva Tausk	1957-1958	
Hugo Benno Haase	1959-1963	Atividade profissional particular
Richard Antonio Gallina	1960-1961 1964-1967	Aposentado da FMRP-USP
Hugo Junqueira Silviano Brandão	1960-1968	Transferiu-se para B. Horizonte (MG), onde é docente na Faculdade de Ciências Médicas.
Francisco Gomes de Alcântara	1960-1970	Médico-Veterinário, enquanto docente graduou-se em Direito. Após deixar a FMRP graduou-se em Medicina.
Reynaldo de Britto Costa	1960-1985	Aposentado na FMRP-USP, ainda exerce atividade docente em Patologia em Universidade privada.
Ennize Moura Nunes	1960-1962	
Humberto Queiroz Menezes	1961-1971 1979-1985	Aposentado da FMRP-USP.
Gyorgy Miklos Böhm	1962-1970	Transferiu-se para o Departamento de Morfologia e depois para a Faculdade de Medicina da USP, onde é docente.
José Carlos Prates Campos	1963-1968 1988-1989	Atividade profissional particular
José Alberto Mello de Oliveira	1963-1998	Aposentado na FMRP-USP, ainda exerce atividade docente em Patologia em Universidade privada.
João Samuel Meira de Oliveira	1964-1994	Falecido em julho de 1994, em pleno no exercício da carreira, então Chefe do Departamento.
Elias Moutinho dos Passos	1969-1970	Docente na Universidade Estadual de Londrina (PR)
Ulisses Frederique Junior	1971-1973	Atividade profissional particular
Ricardo Ribeiro dos Santos	1974-1976	Transferiu-se para o Departamento de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia, posteriormente para a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ - RJ).
Odéssio Pissaia	1978-1984	Transferiu-se de início para a UFSCAR. Atualmente na Universidade de Brasília.
Edson Silveira	1979-1986	Docente da Área Medicina Legal, desde a transferência desta para o Departamento. Aposentado da

		FMRUSP. □ Falecido em julho de 1993.
Maria Heloisa Rached Palermo	1980-1981	Atividade profissional particular
Florêncio Figueiredo C. Neto	1984-1999	Atividade profissional particular
Fernando Augusto Soares	1985-1996	Atividade profissional particular
Luiz Cálice Cintra	1989-1990	Transferido para a Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória - ES).
Leila Maria Cardão Chimelli	1992-1997	Transferido para a Universidade Federal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro - RJ).

A primeira Chefia do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, coube ao Professor Fritz Köberle, nomeado Catedrático Contratado, depois Catedrático por concurso. Extinta a Cátedra, com a reforma universitária, o Professor Köberle continuou Chefe do Departamento. A Universidade de São Paulo determinou que, sempre, o docente mais categorizado exerceria a chefia. No caso de mais de um com o mesmo título, haveria eleição com revezamento obrigatório; se houvesse apenas um na categoria maior, a chefia seria exercida por ele em gestões sucessivas. Esta sábia conduta do Conselho Universitário resguardou a hierarquia e evitou crises, que ocorreram em outras universidades. Assim, após a reforma, ficou a chefia sucessivamente com o Professor Köberle, até a sua aposentadoria em 1976. A partir daí, seguindo a mesma regra, passou ao docente mais categorizado hierarquicamente, com eleições, quando necessário. As chefias e suplências, nas gestões sucessivas, couberam a:

1953 - 1963 Catedrático Contratado: Prof. **Fritz Köberle**

1963 - 1970 Professor-Catedrático: Prof. **Fritz Köberle**

1970 - 1971 Chefe do Departamento: Prof. **Fritz Köberle**

Suplente: Prof. Paulo Frederico Ludwig Becker

1971 - 1973 Chefe do Departamento: Prof. **Fritz Köberle**

Suplente: Prof. Reynaldo de Britto Costa

1973 - 1976 Chefe do Departamento: Prof. **Fritz Köberle**

Suplente: Prof. Reynaldo de Britto Costa

1976 - 1979 Chefe do Departamento: Prof. **Paulo Frederico Ludwig Becker**

Suplente: Prof. Reynaldo de Britto Costa

1979 - 1980 Chefe do Departamento: Prof. **Humberto de Queiroz Menezes**

Suplente: Prof. Reynaldo de Britto Costa

1980 - 1983 Chefe do Departamento: Prof. **Humberto de Queiroz Menezes**

Suplente: Prof. José Alberto Mello de Oliveira

1983 - 1985 Chefe do Departamento: Prof. **Humberto de Queiroz Menezes**

Suplente: Prof. João Samuel Meira de Oliveira

1985 - 1989 Chefe do Departamento: Prof. **José Alberto Mello de Oliveira**

- Suplente: Prof. Marcos Antônio Rossi
- 1989 - 1990** Chefe do Departamento: Prof. **José Alberto Mello de Oliveira**
Suplente: Prof. João Samuel Meira de Oliveira
- 1990 - 1992** Chefe do Departamento: Prof. **João Samuel Meira de Oliveira**
Suplente: Prof. Marcos Antônio Rossi
- 1992 - 1994** Chefe do Departamento: Prof. **João Samuel Meira de Oliveira**
Suplente: Prof. José Alberto Mello de Oliveira
- 1994 - 1996** Chefe do Departamento: Prof. **Marcos Antônio Rossi**
Suplente: Prof. José Alberto Mello de Oliveira
- 1996 - 1997** Chefe do Departamento: Prof. **Marcos Antônio Rossi**
Suplente: Prof. José Alberto Mello de Oliveira
- 1997 - 1999** Chefe do Departamento: Prof. **Sérgio Zucoloto**
Suplente: Prof. José Alberto Mello de Oliveira (até 07/1998)
Suplente: Prof. Roberto Silva Costa.
- 1999 - 2001** Chefe do Departamento: Prof. **Roberto Silva Costa**
Suplente: Prof. Marcos Antônio Rossi

As Atribuições Universitárias do Departamento

Ensino de Graduação: O ensino de graduação é ministrado a alunos dos cursos de Ciências Médicas e de Enfermagem. São disciplinas compulsórias, que abordam fundamentalmente os programas tradicionais de Patologia Geral e Patologia Especial, Sistemática e de Órgãos, que no currículo atual da Faculdade estão distribuídos em várias disciplinas isoladas ou blocos de disciplinas. No que respeita a Patologia, essas disciplinas têm por objetivo:

1) Capacitar o aluno a identificar as alterações patológicas fundamentais na sua morfologia macroscópica e microscópica, bem como analisar criticamente os conhecimentos sobre a sua gênese e evolução. O programa resumido consta da: história da Patologia, lesões celulares precoces e necroses, inflamações, reparação restauração, malformações, alterações no crescimento, hiperplasia, atrofia, hipoplasia, metaplasia, displasia, anaplasia, neoplasias, distúrbios circulatórios (congestão, edema, desidratação, hemorragia, trombose, embolia, infarto, choque), Imunopatologia. Doenças infecciosas e distúrbios metabólicos.

2) Capacitar o aluno a identificar lesões macroscópicas e microscópicas, bem como analisar os processos patogênicos e fisiopatológicos das doenças de órgãos e sistemas (Patologia Cardiovascular; Patologia do Aparelho Respiratório; Patologia do Aparelho Digestivo e Glândulas Anexas; Patologia Renal; Patologia das linfo-reticuloendotelioses; Patologia do Sistema Nervoso; Patologia das Glândulas Endócrinas; Patologia das Moléstias Infecciosas; Patologia do Sistema Reprodutor; Patologia Mamária; Patologia da Prenhez, do Feto e do Recém-nato; Patologia das Vias Urinárias baixas.

Há uma disciplina denominada "Correlação Anatomo-Clínica", que tem por objetivos capacitar o aluno a identificar as lesões e os processos patológicos encontrados durante a autópsia de humanos, correlacionar os achados, fazer diagnósticos anatomopatológicos e correlacioná-los com as manifestações clínicas, identificando a doença principal e a causa básica da morte. Durante o exame serão feitas demonstrações práticas de técnicas e das

alterações anatomopatológicas, seguidas da discussão dos achados morfológicos e elaboração dos diagnósticos anatomopatológicos, bem como sua ordenação, partindo das doenças principais, passando para as secundárias, etc. Correlação dos sintomas e sinais clínicos, da evolução e tratamento com os achados anatomopatológicos. Elaboração de um relatório de cada exame necroscópico e das correlações anatomo-clínicas. É disciplina optativa (estágio para o curso de Medicina em sala de autópsia), com duração de 90 horas, servindo-se da sala de necropsias do Hospital das Clínicas como local do estágio.

Na área Medicina Legal o ensino de graduação tem por objetivos capacitar o aluno a reconhecer a importância dos conhecimentos médico-legais para o bom desempenho da profissão; reconhecer seus deveres morais e legais relacionados com o exercício da profissão; distinguir situações em que o médico é obrigado a aceitar nomeações judiciais para realização de perícias, daquelas em que poderá ou não aceitá-las; prestar serviços eventuais à justiça. Seu programa resumido consta da Introdução ao estudo da Medicina Legal; Identidade; Energias mecânicas; Energias químicas; Asfixias; Sexologia forense; Perícia genética; Criminologia; Capacidade de imputação; Tanatologia; Perícia de manchas; Acidentes de trabalho; Introdução ao estudo de Deontologia Médica; O consentimento; Planejamento familiar; Relações dos médicos consigo mesmos, com os colegas e com os clientes; Exercício lícito e ilícito da Medicina; Segredo médico; Responsabilidade médica.

Aos alunos que optam pelas Ciências Biológicas o Departamento oferece treinamento em laboratório, através de estágios, que têm por objetivo capacitá-los a desenvolver métodos de pesquisa e de ensino. Nesse estágio o aluno participa obrigatoriamente das atividades didáticas, ministrando aulas práticas e, eventualmente, aulas teóricas ou outro tipo de técnicas de ensino. Deverá aprender a dominar a metodologia mais comumente empregada na área de sua especialização, quer sob o aspecto didático, quer da pesquisa. Participará ativamente de reuniões científicas promovidas pelo Departamento. São disciplinas optativas oferecidas no primeiro e no segundo semestres de cada ano, com duração de 450 horas.

Aos alunos da Escola de Enfermagem do "Campus" de Ribeirão Preto da USP, o Departamento oferece uma disciplina, que tem por objetivo capacitar o aluno a identificar alguns processos patológicos de importância para o Enfermeiro no exercício da sua profissão. O programa resumido consta de conceitos básicos referentes à relação da enfermagem com a patologia, tais como os processos de reparação e cicatrização, a conservação e tratamento do material cirúrgico destinados a exame histopatológico e citopatológico, o diagnóstico de morte somática e linhas gerais dos conhecimentos sobre alterações metabólicas, lesão e morte celular, adaptação celular, degenerações, inflamações, doenças infecciosas, alterações circulatórias, alterações do crescimento e desenvolvimento, e neoplasias.

Residência Médica: é ministrada através de programa de Residência Médica em Anatomia Patológica para Médicos-Residentes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. O programa, credenciado pela CNRM, tem duração de 3 anos (4 vagas por ano) e envolve treinamento em necropsias, patologia cirúrgica e citopatologia. Este programa serve-se de forma intensiva dos arquivos do Departamento, quer para a revisão de casos em atendimento (no caso de patologia cirúrgica e da citopatologia), quer para a elaboração dos seminários de revisão dos temas de Patologia incluídos no próprio curso.

PÓS-GRADUAÇÃO "STRICTO SENSU": em "Patologia Humana" é ministrada pelo Departamento de Patologia a graduados em curso de Medicina, em regime de dedicação exclusiva. Este curso foi proposto à Câmara de Pós-Graduação (CPGr) da Universidade de São Paulo e por ela reconhecido, conforme publicação no Diário Oficial do Estado de 19/08/1977. Com esta autorização, a área recebeu estudantes a partir do primeiro semestre de 1978. Em 21 de outubro de 1981, foi encaminhado ao Conselho Federal de Educação o processo de credenciamento dos cursos de Mestrado e Doutorado da área de Concentração "Patologia Humana", nos termos da Circular CFE/CAPES de 25/08/1981 e da Resolução no. 6 de História do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto

26/08/1981 do CFE e aprovado em 06/05/1982 (Parecer no. 243/82). O processo de credenciamento foi encaminhado em 24 de julho de 1987 tendo sido aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 06/05/1988 (Parecer no. 418/88). O curso destina-se à formação de Docentes-Pesquisadores capazes de atender à demanda das áreas gerais ou especializadas, que requeiram atuação exclusiva de Médico com formação especializada em Patologia Humana. Neste contexto, o curso é restrito à área Médica e exige como Pré-requisito a Residência Médica em Anatomia Patológica, aplicando-se-lhe os termos da Resolução 11/77 do CFE. Cumpre salientar que o curso pressupõe a prévia formação especializada em Patologia, não se confundindo com a Residência, representando pois uma continuação. O curso está organizado com uma programação capaz de abranger disciplinas da área e disciplinas do Domínio Conexo, tanto da área Básica como da área Médica e prevê um período de intensa vivência hospitalar e docente ao lado do aprendizado de métodos e técnicas para a pesquisa de problemas básicos da Patologia e da Medicina. Das disciplinas oferecidas pela área, aos níveis de Mestrado e Doutorado, todas dão direito à créditos.

A partir de 1994 a Área foi ampliada com a criação da Área "Patologia Experimental", que admite graduados em outras áreas da saúde, não requerendo, portanto, a Residência Médica, como pré-requisito.

Ambos os programas estão integrados na estrutura geral dos cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, servindo-se portanto de infra-estrutura já montada em cada uma das áreas de Domínio Conexo já existentes. A fim de atender a uma recomendação da Comissão de Pós-Graduação, o programa de cada candidato é organizado em base essencialmente interdepartamental, com 50% dos créditos obtidos na área e 50% em disciplinas de área de Domínio Conexo. A área reconhece como de Domínio Conexo todas as demais áreas já existentes na FMRP/USP, ficando a escolha das disciplinas de cada área a critério do pós-graduando e do seu orientador e em função do seu programa de pesquisa. Além destes cursos, a área prevê o tempo necessário para o desenvolvimento de uma Dissertação de Mestrado ou de uma Tese de Doutorado. No desenvolvimento destes trabalhos de pesquisa, é exigida do pós-graduando a observação direta dos fatos experimentais, sua interpretação e o exercício da responsabilidade pessoal para a superação dos desafios inerentes ao problema proposto. O Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo tem grau "A" pelos seus Cursos de Pós-Graduação, ao nível de Mestrado e Doutorado, ocupando uma posição destacada, conforme as avaliações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). No momento em que é redigido este artigo e desde 1978 a agora sub-área "Patologia Humana" produziu vinte e quatro Dissertações de Mestrado e vinte e uma Teses de Doutorado e a sub-área "Patologia Experimental" produziu nove Dissertações de Mestrado e quatro Teses de Doutorado. Dessa produção, a Dissertação de Mestrado sob o título "*Estudo bioquímico do miocárdio humano normal e patológico, com especial ênfase à cardiopatia chagásica crônica*", desenvolvida pela Doutora Rosaly Lia Correia de Araújo, orientada pelo Professor João Samuel Meira Oliveira, recebeu o prêmio "Carlos Chagas", outorgado pela Academia Brasileira de Medicina.

Atividade Assistencial: O Departamento de Patologia participa da assistência à comunidade desenvolvida por diversos setores da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, através das seguintes atividades:

Necropsias: É a mais antiga atividade assistencial do Departamento (Ver "As origens do Departamento"). Até 1972 as necropsias foram todas realizadas no Edifício Fritz Köberle do "Campus". O material das necropsias provinha de duas fontes:

O Serviço de Verificação de óbitos (SVOI)

O Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina.

A importância do SVO para a Comunidade e para as pesquisas realizadas pelo Corpo Docente do Departamento já foi salientada no anteriormente. Para o Hospital das Clínicas, as autópsias têm um papel fundamental na instrução dos estudantes de medicina, para a especialização dos médicos residentes, para a educação continuada dos pós-graduandos e do corpo docente das áreas Clínicas e para o controle de qualidade do serviço médico. O acervo atual monta a mais de quarenta mil necropsias arquivadas.

Patologia Cirúrgica: Parte importante do processo que leva ao diagnóstico anatômico das doenças, os procedimentos da Seção de Patologia Cirúrgica do Hospital das Clínicas atendem a todos os departamentos clínicos através de técnicas e métodos modernos, realizando cerca de dez mil exames anuais. O Departamento de Patologia mantém em arquivo a cópia do relatório, o bloco parafinado da amostra examinada e as preparações histopatológicas, cuja utilização tem os mesmos objetivos que a do arquivo de necropsias. O acervo atual monta cerca de duzentos e cinquenta mil casos arquivados desde a fundação do serviço.

Citopatologia: Esta atividade passou a ser regularmente exercida pelo Departamento a partir de 1968. O setor já atendeu cerca de quatrocentos mil casos, dos quais são conservados os relatórios de forma permanente e as preparações de acordo com as normas regulamentares.

A Produção Científica

Não obstante estar a doença de Chagas no centro de toda a sua história científica, o Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto tem longa tradição de colaboração com docentes de outros departamentos. Dessas colaborações surgiram grupos de pesquisa em processos patológicos do aparelho digestório, dos rins e vias urinárias e do aparelho circulatório com os Departamentos de Cirurgia, Ortopedia e Traumatologia e de Clínica Médica. Outros, com o Departamento de Pediatria, com o de Neurologia e o de Ginecologia e Obstetrícia. Na área básica, colaboração com os Departamentos de Farmacologia, de Morfologia, de Fisiologia, de Genética e o de Parasitologia, Microbiologia e Imunologia (ver Produção Científica, adiante). Participar desses grupos interdepartamentais causou enorme expansão de sua produção científica, reduzindo o peso relativo de trabalhos sobre a doença de Chagas; não obstante, a lista da produção dos últimos cinco anos, adiante, revela dezessete trabalhos sobre a cardiopatia, praticamente todos saídos do laboratório do Professor Marcos Rossi e trabalhos sobre "megas" experimentais do laboratório do Professor João Samuel, falecido prematuramente em 1994. A tabela abaixo mostra a evolução dessa produção científica, seguindo-se uma listagem dos trabalhos publicados com a participação de docentes do Departamento, nos últimos cinco anos.

Tabela - Evolução das publicações científicas entre 1954 e 1999 do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP).

ANO	ANUAL	ACUM	ANO	ANUAL	ACUM	ANO	ANUAL	ACUM
1954	2	2	1969	20	219	1984	19	413
1955	9	11	1970	15	234	1985	26	459
1956	8	19	1971	13	247	1986	16	475
1957	10	29	1972	10	257	1987	21	496
1958	8	37	1973	14	271	1988	21	517
1959	15	52	1974	3	274	1989	34	551
1960	6	58	1975	18	292	1990	30	581
1961	9	67	1976	18	310	1991	54	635
1962	9	76	1977	10	320	1992	44	679
1963	20	96	1978	10	330	1993	64	743
1964	27	123	1979	19	349	1994	30	773
1965	21	144	1980	13	362	1995	45	818
1966	21	165	1981	12	374	1996	49	867
1967	13	178	1982	21	395	1997	41	908
1968	21	199	1983	19	414	1998	43	951

HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Luiz Carlos da Costa Gayotto,
Heitor Franco de Andrade
& Thales de Brito*

Introdução

A tarefa de escrever este capítulo, que de início parecia uma missão potencialmente enfadonha, foi adquirindo, com o passar do tempo, extraordinário fascínio. Para evitar que fatos ainda não definitivamente documentados da vida do Departamento de Patologia da FMUSP, fossem relatados sem a necessária acurácia, entrevistamos quase duas dezenas de colegas que participaram da sua história mais recente. Ainda assim sentimos que muito falta para uma cobertura completa dessa rica área da vida de nossa Faculdade.

Por conseqüência não terão sido aqui mencionados fatos e principalmente pessoas cuja atuação importante deverá ser registrada em uma próxima edição desta obra, oportuna e indispensável. Além de reparar tais injustiças esperamos que, ultrapassado nosso noviciado na área, na próxima edição a linguagem seja mais jornalística, bem humorada, envolvendo também com o relato e esclarecimento de algumas (ou muitas) fofocas

Finalmente agradecemos a valiosa contribuição do Prof. Carlos da Silva Lacaz que colocou à nossa disposição, além de seus vastos conhecimentos, o riquíssimo acervo do Museu Histórico da FMUSP, ao qual o ilustre professor empresta seu nome.

Primórdios e consolidação

Para entendermos a história do atual Departamento de Patologia, precisamos nos reportar às situações históricas no período de sua criação. Em 1891, numa época de transição do governo imperial para o republicano, foi criada a Academia de Medicina Cirurgia e Farmácia pelo Presidente do Estado de São Paulo Américo Brasiliense de Almeida Melo, projeto só concretizado em dezembro de 1912 quando o Presidente do Estado, Francisco de Paula Rodrigues Alves, indicou para instalar e dirigir a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, o campineiro Dr. Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho. A nova Escola surgia em uma cidade florescente, mas ainda provinciana, que começava sua industrialização, mas que carecia de massa crítica na área científica. Os presidentes e depois os governadores paulistas eram da aristocracia rural e apenas iniciava-se uma cultura cosmopolita na pequena capital, já que o Rio de Janeiro era então a capital não somente política mas também científica do Brasil.

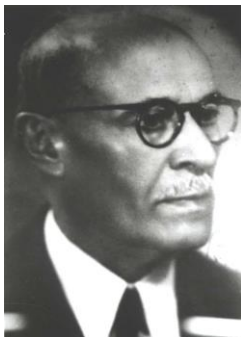
A inexistência de profissionais com características acadêmicas, nas áreas básicas do curso médico, era evidente para os organizadores da Escola de Medicina e Cirurgia de São Paulo, ainda que houvesse na cidade alguns profissionais competentes para as áreas clínicas. Um enorme esforço permitiu a criação da Escola de Medicina, cuja atividade clínica se encontrava sediada então na Santa Casa de Misericórdia. Os problemas dos anos básicos portanto, somente poderiam ser solucionados pela importação de profissionais já formados em outros centros ou pela utilização dos profissionais existentes em órgãos de Saúde Pública, como o Instituto Bacteriológico, hoje Instituto Adolfo Lutz.

Para a Patologia, uma área nascente mesmo nos melhores centros mundiais, o problema era ainda mais complexo. O ensino da Patologia foi dividido em duas disciplinas, uma denominada Fisiologia e Patologia Geral e outra Anatomia e Histologia Patológica, sendo convidados para assumi-las professores estrangeiros.

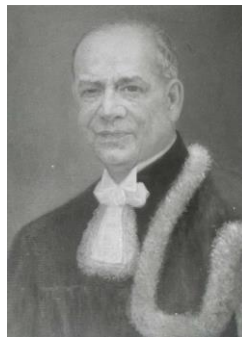
A primeira e mais emergencial, a Fisiologia e Patologia Geral, por ser ministrada nos primeiros anos do curso médico, teve a chefia-la o Prof. Antônio Carini (1872-1950), graduado em Pávia na Itália microbiologista de formação e pesquisador renomado com larga experiência adquirida em Institutos europeus, sobretudo suíços, e vinculado ao Instituto Pasteur de São Paulo. Sua atuação foi reconhecida pelo meio científico, ao denominar-se o *Pneumocystis carinii* em sua homenagem, e também pelo Governo Brasileiro que lhe outorgou a ordem do Cruzeiro do Sul.

Esta disciplina era lecionada em prédio separado da Santa Casa de Misericórdia, situado à Rua Brigadeiro Tobias, onde as ciências consideradas pré-clínicas eram ministradas. Suas instalações haviam sido melhoradas pela intervenção do Prof. Lambert Mayer que importara material para os laboratórios ali instalados. Com a evolução do curso, foi contratado o Prof. Alessandro Donati (1877-1949), nascido em Siena e graduado na Universidade daquela cidade italiana, profissional com alta titulação e nomeada, que chegou ao Brasil em 1917, para chefiar essa disciplina, então muito complexa, que em seus primórdios abarcava Microbiologia, Parasitologia, Imunologia e outras ciências básicas, inclusive partes da Fisiologia.

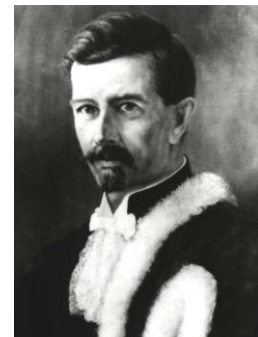
Em 1923, terminado seu contrato, o Prof. Donati foi trabalhar como chefe de Laboratório no Hospital Humberto Primo, mantendo também um laboratório privado. Rapidamente conseguiu-se a formação e contratação de especialistas específicos, com a criação de disciplinas correlatas e conseqüente esvaziamento da disciplina original, restrita cada vez mais ao campo da Patologia Geral. Em 1918, inicia-se um convênio formal com a Fundação Rockefeller, que passa a encaminhar professores com a função de orientar a formação do corpo docente da FMUSP, iniciando-se com o Prof. Samuel Taylor Darling (1872-1925), especialista em Doenças Tropicais e Patologia. O Prof. Darling graduou-se em Medicina em 1903 pela Escola de Baltimore, dedicando-se logo à Histologia e Anatomia Patológica. Notabilizou-se pela descoberta, na zona do canal do Panamá em 1906, do *Histoplasma capsulatum*, pensando tratar-se de parasita animal provavelmente um protozoário. Foi na realidade Henrique da Rocha Lima, então no Instituto de Medicina Tropical de Hamburgo, que provou, em 1912, que tal microorganismo era na verdade um fungo. A Fundação Rockefeller propiciava a vinda de professores especialistas que apenas acompanhavam e orientavam o corpo docente próprio da Faculdade de Medicina, mas que não se envolviam na atuação administrativa da Escola, atuando mais como promotora do desenvolvimento científico.



Prof. Antonio Carini



Prof. Alessandro Donati



Prof. Samuel Taylor Darling

Dessa evolução resultaram os esperados frutos. A mãe Patologia gerou e nutriu seus filhos que, sob suas asas, conseguiram atingir autonomia, restando apenas a disciplina de Patologia Geral. Deve-se destacar a Disciplina de Microbiologia e Imunologia, que foi assumida, em 1923, por Ernesto de Souza Campos (1882-1970), formado na primeira turma da nossa Escola, um “savant”, que conquistou vários graus universitários alcançando o posto de Ministro da Educação no Governo do Presidente Dutra. Sendo também engenheiro formado pela irmã, a Escola Politécnica, foi autor do projeto do prédio onde atualmente funciona a FMUSP, construído pela Fundação Rockefeller. O Prof. Ernesto de Souza Campos após a reestruturação

da Faculdade de Medicina continuou como Professor de Microbiologia, até 1952 quando assumiu a cadeira o Prof. Carlos da Silva Lacaz.

A união das várias escolas universitárias públicas paulistas, como a Escola de Direito, a Politécnica, a Odontologia e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, permitiu a consolidação da Universidade de São Paulo, em 1935.

A outra disciplina, Anatomia Patológica, contava com um maior interesse regional e com diferentes profissionais no Brasil, com formação inicial adequada e futuro promissor. Foi inicialmente ocupada entre 1914 e 1919, pelo Prof. Walter Haberfeld (1885-1960), nascido em Biala na Galícia e diplomado em Viena. Sua formação germânica propiciou era de franco progresso e intenso debates, sendo em 1916 o Prof. Ludgero da Cunha Motta (1888-1967) indicado para "preparador" da cadeira e em 1917 o Prof. Mário Egídio de Souza Aranha contratado para a área de Patologia Geral sob a chefia do Prof. Alessandro Donati. Neste período a Anatomia Patológica foi o palco da primeira querela entre professores e alunos, suscitada por algumas opiniões infelizes do Prof. Haberfeld em classe, prontamente questionadas pelos alunos, após o que o referido professor afastou-se da Faculdade. A seguir, surge como orientador da Fundação Rockefeller, entre 1920 e 1923, o Prof. Oscar Klotz (1878-1936), vindo da Universidade de Toronto, tendo estudado na Alemanha e na Universidade de Pittsburgh. O Prof. Klotz teve importantes contribuições nas áreas de técnicas anatomopatológicas e na patologia da arteriosclerose, voltando em 1923 para Toronto no Canadá onde veio a falecer em 1936. Mais especializada e com aplicação direta na atuação médica, esta disciplina teve alguns problemas iniciais, mas conseguiu se consolidar com relativa facilidade, pelo maior numero de profissionais brasileiros disponíveis. O sucessor de Haberfeld, Prof. Alexandrino Moraes Pedroso (1871-1922), foi o primeiro professor da cadeira a prestar concurso em 1919, após estagiar em 1912 no Laboratório de Anatomia Patológica da Universidade da Pensilvânia (USA). Infelizmente teve vida curta, falecendo precocemente por meningite contraída em virtude de contaminação por meios de cultura de seu Laboratório. Entretanto os médicos da Casa, formados no período, denominados então "preparadores", conseguiram rapidamente consolidar a área, apoiados pela atuação segura do Prof. Robert Archibald Lambert (1883-1960), designado pela Fundação Rockefeller. O Prof. Lambert, na qualidade de orientador daquela Fundação, tivera uma carreira distinta como especialista em educação médica e pesquisa nas Universidades de Columbia e Yale, tendo trabalhado também entre nós no Instituto Oscar Freire. Entre os preparadores da época, destacaram-se o Prof. Ludgero Cunha Motta, que assumiu a regência da cátedra em 1923 e o Prof. Carmo Lordy (1879-1966), que criou a Disciplina de Histologia e Embriologia, gerada no processo de crescimento e especialização da Escola.



Prof. Oscar Klotz



Prof. Ludgero da Cunha Motta

Com a saída das cátedras filhas, inicia-se a erosão da Cátedra da Patologia Geral, tanto pela saída e ascensão dos pesquisadores emergentes, especialistas em áreas de complexidade e tecnologia diferentes, cada um conseguindo implantar sua disciplina definida, *História do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo* _____ 79

como pela atração do mercado médico profissional da metrópole emergente, que levou Haberfeld e Donatti a optarem pela prática privada. Esta erosão, além do grande número de pesquisadores em trânsito, chegou ao seu extremo em 1922, com a posse de Antônio de Paula Santos (1892-1967) na cátedra, eminente otorrinolaringologista, pouco afeito aos estudos da disciplina, o que levou ao seu enfraquecimento progressivo, até ser incorporada em 1927 à regência única em Patologia Geral e Especial, sob a chefia de Cunha Motta, base do atual Departamento de Patologia. Cunha Motta, nascido em Salvador, fizera o curso primário em Campinas e diplomara-se em 1911 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Foi Diretor da FMUSP de 1938 a 1941 quando se exonerou a pedido. Esteve comissionado nos Estados Unidos, Europa, Canadá, Argentina, Uruguai e Chile.

A era de Cunha Motta

Uma vez definidas as áreas de atuação, a partir de 1927, sob a direção segura de Cunha Motta, ocorre a consolidação do Departamento, com maior dedicação à formação de profissionais para seus futuros quadros. Esta consolidação pode ser avaliada pela implantação ou incorporação de várias instituições de suporte. Em 1931, o Departamento recebe a seção de Anatomia Patológica do Instituto Bacteriológico, hoje Adolfo Lutz, conquistando uma posição firme tanto na Faculdade como nos órgãos de apoio da Secretaria da Saúde do Estado de São Paulo. A subsequente incorporação da Faculdade de Medicina à Universidade de São Paulo resultou em solidez administrativa maior a partir de 1934. Finalmente a estrutura física é definitivamente consolidada com a construção do prédio próprio da Faculdade de Medicina (1935) e do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina (1944).

Foi sob a regência de Cunha Motta que se inicia o programa de Residência Médica em Anatomia Patológica, sendo o primeiro residente o Dr. Luiz Carlos Mattosinho França, nos anos de 1955 e 1956. O programa não teve entretanto continuidade nos anos imediatamente seguintes.

Entre os patologistas dedicados à Academia formados nas primeiras fases da época de Cunha Motta destacaram-se Moacyr de Freitas Amorim, Walter Edgar Maffei, Paulo de Queiroz Telles Tibiriça e José Lopes de Faria.

Merece destaque especial por suas concepções acadêmicas e atuação didática, marcando várias gerações de alunos, o Prof. Mário Rubens Montenegro que logo após a assunção do Prof. Mignone à cátedra desligou-se do Departamento para participar de maneira decisiva da fundação, estruturação e funcionamento da Faculdade de Medicina de Botucatu, mais tarde incorporada à UNESP. Ai fundou e desenvolveu juntamente com o Prof. Marcello Fabiano de Franco também originário da FMUSP, a Profa. Lor Curi e vários outros valores locais a Escola Anatomopatológica de Botucatu.

O Prof. Cunha Motta, como Diretor da Faculdade de Medicina, deu início à construção do Hospital das Clínicas. Sua gestão longa e profícua no Departamento de Patologia não resultou em processo sucessório tranquilo. A partir de 1946, em função de disputas internas e com a ampliação dos quadros universitários no país, vários membros destacados deixaram o Departamento: O Prof. Paulo Queiroz Telles Tibiriça foi para a Universidade do Rio Grande do Sul e o Prof. Walter Edgar Maffei para a Santa Casa.

Quadro 1 - Sumário cronológico das origens do Departamento de Patologia da FMUSP.

Ano	F.Rockfeller	Corpo Próprio			
1913		Disciplina de Fisiologia e Patologia Geral. A.Carini.			
1914		A.Carini.			
1915		A.Carini.			
1916		A.Carini.		Disciplina de Anatomia e Histologia Patológica Haberfeld.	
1917		A.Donati		Haberfeld	
1918	S.T.Darling	A.Donati		Haberfeld	
1919	S.T.Darling	A.Donati		Haberfeld	
1920	S.T.Darling	A.Donati		Pedroso	
1921	O.Klotz	A.Donati		Pedroso	
1922	O.Klotz	A.Donati		Pedroso	
1923	O.Klotz	Paula Santos	Depto Microbiologia e Imunologia Souza Campos	Depto de Anatomia Patológica Cunha Motta(regente)	Depto. de Histologia e Embriologia Carmo Lordy
1924	R.A.Lambert	Paula Santos		Cunha Motta	
1925	R.A.Lambert	Paula Santos		C.Motta	
1926	R.A.Lambert	Paula Santos		C.Motta	
1927		Otorrinolaringologia		Depto. De Patologia Geral e Anatomia Patológica C. Motta	

O concurso para a substituição do Professor da cátedra ocorreu em setembro de 1958 com 3 candidatos, todos altamente capacitados mas com diferentes características. O concurso teve como resultado a escolha do Prof. Dr. Constantino Mignone, por 03 dos examinadores, restando ao Prof. Dr. José Lopes de Faria 02 votos, que após o concurso transferiu-se para a UNICAMP. Mignone, um homem dedicado ao estudo acreditava ser a necropsia o pilar fundamental do ensino da Patologia. Dentro deste espírito estimulou a organização do S.V.O., envolvendo-se pessoalmente na preparação e conservação de peças anatomopatológicas que até hoje surpreendem por sua elevada qualidade técnica e didática. Para tanto muito



Prof. Constantino Mignone



Docentes e funcionários do Departamento de Patologia em 1944. Na primeira fila da esquerda para a direita são vistos Norberto Coelho, Walter Edgar Maffei, Paulo de Queiroz Telles Tibiriça, Ludgero Cunha Motta, Constantino Mignone, Paulo Egidio de Souza Aranha, Maria Luiza Mercadante Tavares de Lima, Godofredo Elejalde. Antonio Cardoso de Almeida é o terceiro na segunda fila.

contribuiu o Dr. Álvaro de Freitas Armbrust, cultor da língua e astrônomo amador. Fiel à sua formação norte-americana, entendendo que para o bom exercício da patologia deveria haver uma adequada interação anatomo-clínica, o Prof. Mignone implantou reuniões onde o intercâmbio com os outros departamentos era estimulada. A criação do Laboratório de Anatomia Patológica do HC dependeu de sua contribuição e envolvimento. Para esta finalidade foi construído o "Cirquinho", área física que

sempre marcou a atividade docente diversificada do Departamento.

Neste contexto atraiu para o Departamento jovens valores de outras áreas entre os quais Eugênio Américo Bueno, Dário Birolini e Silvano Raia, os 2 últimos hoje Professores Titulares de Cirurgia e José Ribeiro de Menezes Neto que organizou programa de integração clínico-radiológica e anatomopatológica.

Com essas características, de um lado o Departamento desenvolveu o exercício da Patologia Cirúrgica e de outro iniciou as atividades de sub-especialização. Nessa época a Profa. Darcy Marchione Monteiro, hoje aposentada como Professor Adjunto, assumiu o estudo da Patologia Pediátrica e posteriormente da Patologia Cardíaca.

A residência no Departamento nesta época foi irregular não tendo continuidade a era iniciada por Mattosinho França. Este, enquanto residente influenciou um jovem estudante Kiyoshi Iriya (hoje Professor Associado) que em 1958 atuou como monitor e em 1959 como interno do Departamento. Fez a residência em Anatomia Patológica nos anos de 1961 e 1962 tendo na época como companheira, Lor Cury.

Esta, após a residência foi para os USA, onde se dedicou à Patologia da Nutrição em Kansas. De lá voltando ligou-se à Fisiologia no ICB-USP, sendo hoje Professor Associado e há vários anos Secretária Geral da USP. Somente nos anos de 1968 e 1969 volta a haver um residente de Anatomia Patológica, Luiz Balthazar Saldanha que no meio do 2o. ano abandona o Departamento para fazer seu Doutorado.

O perfil do Departamento foi portanto propício para o desenvolvimento de profissionais na área de patologia cirúrgica, sendo destacados os Profs. Dr. Maria Luiza Mercadante, Godofredo Elejalde e Antônio Cardoso de Almeida. Este último, tendo estagiado com Papanicolaou em Nova York no ano de 1952, foi um dos pioneiros da citopatologia no HC e em todo o Brasil, além de profissional altamente reputado. Chegaram também ao Departamento nessa época entre outros, Alberto Horácio Petinatti, Roberto Mazza Faria, Wilma Oliveira Fernandes, Yoko Iriya, Carlos Eduardo Pereira Corbett e Hélio Bisi, os dois últimos ainda em atividade no Departamento. Tito Cavallo em 1970 foi para os Estados Unidos onde se destacou na Patologia Renal.

A ampliação da oferta de postos acadêmicos em outras faculdades e outros centros do País, mostrou-se atraente para os profissionais formados na área pela Faculdade, o que contribuiu para a perda das características mais acadêmicas do período Cunha Motta, quando a Faculdade de Medicina era o maior e praticamente único centro médico no Estado de São Paulo.

A fase contemporânea

Thales de Brito então patologista no IMT e Professor Adjunto da FMUSP, com a aposentadoria do Prof. Mignone assumiu, a mando da Diretoria da FMUSP, a chefia do Departamento de Patologia em 1972. Somente após cerca de dois anos o concurso para Professor Titular da cadeira foi aberto, permitindo então sua efetivação no cargo, em regime de tempo integral e dedicação exclusiva.

Nessa época, com exceção de quatro patologistas, os docentes do Departamento eram clínicos, cirurgiões, pediatras e ginecologistas. De maneira geral, todos os assistentes estavam envolvidos de maneira indiscriminada tanto na feitura de necropsias (HC e Verificação de Óbitos) como no trabalho didático. A carga de trabalho era intensa, não permitindo atividades de pesquisa ou especialização. O Departamento contava entretanto com boa estrutura física, equipamentos adequados e corpo técnico competente.

Assumindo a chefia do SVO, o Prof. Thales contratou um corpo médico exclusivamente para atender sua demanda montando plantões de 24 horas/dia e, com o tempo, organizando seu quadro administrativo. A aprovação de lei específica, feita por grupo da Secretaria da Saúde, na época sob a direção do Prof. Walter Leser, promoveu maior abertura do SVO, permitindo inclusive que outras escolas médicas do interior tivessem acesso ao material para estudo. Duas coordenadorias foram constituídas, uma na cidade de S. Paulo com a chefia localizada no Departamento de Patologia da FMUSP e outra, responsável pelo Interior do Estado, localizada no Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Este plano permitiu aumentar o mercado de trabalho para patologistas e oficializar e ampliar a feitura de necropsias por todo o Estado de São Paulo.



Prof. Thales de Brito

Ao assumir a chefia do Departamento, o Prof. Thales trouxe consigo um grupo de patologistas que tinham com ele trabalhado quando professor de Patologia no Curso Experimental, o qual foi extremamente importante na inovação do ensino médico e particularmente no terreno da Patologia Geral. Como não havia acesso a material de necropsia e de Patologia Cirúrgica e o ensino era vertical, foram montados na Patologia Geral quatro blocos com experimentações definidas para cada um deles: 1) Processos ditos degenerativos e necróticos, 2) Alterações circulatórias, 3) Processo inflamatório, 4) Neoplasia.

Durante a semana, os alunos estudavam e discutiam com os assistentes os vários capítulos da Patologia Geral humana através de laminas e peças previamente coletadas com estudo em livros texto. O sistema acima esquematizado era estimulante para os alunos que aprendiam a aprender. A experiência com o Curso Experimental possibilitou, além de reunir patologistas com boa formação profissional na especialidade, desenvolver um Curso de Patologia Geral baseado não só na leitura de textos como em modelos experimentais. As aulas práticas seguiam os moldes clássicos, com coleção de preparados básicos de microscopia e apresentação de peças macroscópicas. Os alunos eram estimulados a acompanhar as necropsias e sessões anatomo-clínicas foram introduzidas no currículo.

Durante essa época foi objetivada a formação de novos patologistas dando nova orientação e motivação à residência em Anatomia Patológica.

O modelo implantado, com apoio da Diretoria da FM, foi aquele desenvolvido nos EE.UU., no New England Deaconess Hospital que, nas décadas de 50 e 60 era um dos melhores hospitais em Patologia Cirúrgica dos EEUU e cujos moldes fundamentais persistem até hoje. A divisão de um ano de patologia de necropsias e dois de patologia cirúrgica (o último ano com estágios em outros serviços e especialidades) aparentemente separados teve como base a idéia de que, contrariamente ao visto nos EEUU, a Patologia de necropsias

(basicamente médica) era extremamente rica e necessitava de cuidado especial. Para isso foram separadas as necropsias do VO daquelas do HC e, em relação a estas últimas, houve inclusive um processo seletivo que permitiu que os residentes aprendessem mais com os casos detalhadamente analisados.

Objetivando atender melhor às necessidades do HC, uma equipe de jovens assistentes passou a se dedicar não somente à checagem de necropsias como também à Patologia Cirúrgica. A especialização em áreas da Patologia foi então progressivamente estimulada, na tentativa de um maior entrosamento com as diversas clínicas. Ao mesmo tempo, foi conseguida a contratação de alguns especialistas já formados com experiência internacional, o que permitiu substancial melhoria do relacionamento do Hospital com os Departamentos. Entre eles encontrava-se o Dr. Luiz Heraldo Camara Lopes que fizera Patologia Cirúrgica no Memorial Hospital de Nova York.

Fez parte deste grupo o Prof. Sérgio Rosemberg que, em 1974, encontrava-se trabalhando no Laboratório de Neuropatologia do Prof. Gilles Lyon no Hospital Necker Enfants Malades, em Paris. Foi assim instalado o Laboratório de Neuropatologia do Departamento após as habituais dificuldades político-burocráticas. Apesar de solicitada em setembro de 1974, a contratação pelo Departamento de Patologia só ocorreu em julho de 1975. Essa gestação, laboriosamente reprimida pelas autoridades que zelavam pela "segurança nacional" cujo escritório era contíguo ao gabinete do Reitor, teve como parceiros ajudantes os Professores Thales de Brito, Carlos da Silva Lacaz e Carlos Eduardo Pereira Corbett.

Trajetória semelhante teve o Prof. Luiz Carlos da Costa Gayotto formado na FMUSP em 1956, Titular do Departamento a partir de 1990: por motivos análogos, de 1972 a 1974 estagiou em Londres onde obteve o título de PhD no Departamento de Patologia do Royal Free Hospital, fazendo pesquisas em Patologia Hepática com os Profs. Peter Scheuer e Sheila Sherlock. Convidado pelo Prof. Silvano Raia para participar da instalação da unidade de Fígado em 1976, já livre-docente pela Universidade Federal de Santa Catarina, para onde se transferiria após sua residência no HC, teve sua contratação transitada pela mesma sala da Reitoria, argüida pelo mesmo Coronel de plantão. Mais uma vez, a mesma só foi liberada pela atuação decisiva do Prof. Carlos da Silva Lacaz.

A residência Médica no Departamento sofreu impulso definitivo com a chegada do Prof. Thales, iniciando no ano de 1974 com os R1 Wilma Therezinha Trench Vieira, Miriam Nacagami Sotto, Abaête Leite do Canto e Aparecida Marilda Perocco. O programa formou 105 residentes desde então, muitos dos quais destacaram-se no campo profissional e universitário como Horácio Friedman, hoje Professor Titular de Patologia na Universidade de Brasília.

A residência, que sempre contou com número adequado de candidatos, foi progressivamente formando os futuros assistentes, conseqüentemente, com embasamento profissional adequado. Estes foram, com freqüência, estimulados seja a se dedicarem a uma especialidade dentro da especialidade seja a realizarem estágios de aperfeiçoamento no exterior. A qualidade da residência e dos conhecimentos destes colegas foi testada e aprovada no exterior e no nosso País de maneira altamente satisfatória para a FMUSP e o Departamento de Patologia .

Em 1975 inicia-se a pós-graduação no Departamento sob a coordenação do Prof. Carlos Eduardo Pereira Corbett, hoje Professor Associado.

Alguns anos depois de ter assumido a Chefia do Departamento de Patologia, o Prof. Thales de Brito, um patologista dedicado prioritariamente à atividade diagnóstica da especialidade, entendeu que para realizar plenamente a bipolaridade da Patologia era necessário outro Professor envolvido com a Patologia Geral. Aberta a vaga no Departamento, foi ela preenchida em 1977 pelo Prof. György Böhm, nascido na Hungria e formado na Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul, em 1961. O Prof. Böhm definiu muito

precocemente, logo após sua graduação, sua vocação docente, procurando um modelo tutorial que trazia de suas origens européias. Logo após sua formatura procurou fixar-se em alguma Faculdade de Medicina que oferecesse condições satisfatórias em RDIDP. Depois de tentar Rio, Niterói e São Paulo, estabeleceu-se em Ribeirão Preto, onde fez seu doutorado em 1962 e sua livre-docência em 1971. Nos anos de 1964 e 1965 trabalhou por indicação do Prof. Roy Cameron com o Prof. Walther Graham Spector, no St. Bartholomew's Medical College. Dedicou-se a Patologia Experimental estudando a reação inflamatória especialmente na permeabilidade dos vasos pulmonares. Em Ribeirão Preto, quando era chefe do Departamento de Patologia, o Prof. Fritz Köberle, o Prof. Böhm desenvolveu intensa atividade na chefia da residência de Patologia, na realização de necropsias e sobretudo na pesquisa em Patologia Experimental. Em 1972 logo após sua Docência deixa o Departamento de Patologia e assume em 1973 a condição de Professor-Associado do Departamento de Morfologia sob a chefia do Prof. Lison, dedicando-se a Anatomia e Histologia Neurológicas. Na FMUSP sua forte personalidade trouxe substanciais contribuições e modificações à configuração do Departamento, contribuindo para a maior visibilidade e prestígio do mesmo dentro da Faculdade de Medicina. Logo após sua chegada tomou a iniciativa de realizar ampla reforma estrutural no SVO, aproveitando áreas ociosas, modernizando suas instalações e permitindo a multiplicação do número de necropsias em condições técnicas adequadas. Em 1979 instalou o Laboratório de



Alguns docentes e residentes do Departamento em 1984.

1º degrau: Drs. Nelson, Regina Leitão, Homero.

2º degrau: Drs. Téo, Lilian, Mirian, Venâncio, Eduardo.

3º degrau: Drs. Alice, Claudia, Mônica, Ana Maria.

4º degrau: Drs. Edgar, Irma, Vera, Sheila, Paulo Cardoso, Paulo Carneiro.

5º degrau: Drs. Sesso, Regina Vianna, Junia, Cida, Bia, Gayotto, Câmara Lopes.

Frente: Drs. Böhm, Saldanha, Kiyoshi, Bisi, Thales, Corbett, Ibrahim, Pettinati.

Poluição Atmosférica, com recursos da FAPESP, resultado de contatos que vinha mantendo desde 1975 com o Air Pollution Unit do St. Bartolomew's Hospital. Foi também a partir de necessidades desse Laboratório que em 1973 se inicia área de informática, que em 1987 se transforma na Disciplina de Informática Médica do Departamento de Patologia.

O Prof. Böhm foi ainda o primeiro Diretor Executivo da Fundação Faculdade de Medicina, tendo sido responsável pela sua estruturação administrativa e tendo como um dos maiores objetivos o apoio salarial aos Docentes da Faculdade de Medicina, sobretudo aqueles em RDIDP. Atualmente está envolvido com a expansão da Telemedicina dentro do Departamento de Patologia. Ao longo de sua atuação caracterizou-se por formar no próprio Departamento novos valores e atrair outros de fora, que aí encontraram terreno propício para a construção de carreiras vitoriosas. Sob sua liderança seu grupo vem se destacando por sólida contribuição científica e formação de substancial número de pós-graduados. Para tanto tem contribuído a atuação do Prof. Paulo Hilário Nascimento Saldiva, Professor Titular do Departamento de Patologia desde 1996, que fez sua carreira científica dentro do Laboratório de Poluição Atmosférica.



XXII Congresso Brasileiro de Patologia, Curitiba, Julho de 1999. Os professores Paulo Hilário Nascimento Saldiva, Sérgio Rosemberg e Luiz Carlos da Costa Gayotto confraternizando-se com as residentes (R1) Renée Filippi, Raquel Marques e Fabiana Lima.

A presença de mais um professor titular no Departamento de Patologia (atualmente são 5) promoveu espaço para maior liberdade intelectual e diversificação de iniciativas: tal fato e o espírito empreendedor do Prof. György Böhm permitiram não só, maior atuação na área da Patologia, mas também que disciplinas de menor interface com a área, como a Informática Médica, encontrassem abrigo no Departamento de Patologia. A disciplina foi progressivamente implantada no curso de graduação em Medicina criou um programa de Residência, até merecer a destinação de um cargo de Professor Titular, ocupado pelo Prof. Dr. Eduardo Massad, atual Vice-Diretor da Faculdade de Medicina. A Disciplina de Informática Médica promoveu ou colaborou com vários programas de informatização, tanto da Faculdade de Medicina como Hospital das Clínicas, tendo atuado de maneira destacada fora dos limites da FMUSP.

1. Divisão de Anatomia Patológica

A construção e o desenvolvimento do Hospital das Clínicas foram acompanhadas pela formação e a ampliação da Divisão de Anatomia Patológica no cenário assistencial e científico.

Já em 4 de Janeiro de 1945, o Prof. Mignone, designado pelo Prof. Cunha Motta como Médico Chefe do recém criado Laboratório de Anatomia Patológica, escreve ao Superintendente do Hospital das Clínicas, Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, solicitando a compra de material para a organização da Seção de Anatomia Patológica.

Nesta, a área disponível era de 75 m² ocupando as salas 7134 e 7137 no 7º andar do Prédio Central e contando apenas com três funcionários. Uma das mais fiéis e antigas funcionárias, Sra. Lídia Mignone Bastos, foi contratada em 1950 e trabalhou na seção até a sua aposentadoria em 1992.

Até 1974 o Serviço de Anatomia Patológica não contava com corpo de patologistas próprios: docentes do Departamento da FMUSP prestavam assistência ao serviço.

Em 1977, através do decreto nº 9720/77, foi aprovado o Regulamento do Hospital das Clínicas da FMUSP com a criação da Divisão de Anatomia Patológica composta por três serviços: Patologia Cirúrgica, Patologia de necropsias e Citodiagnóstico.

Em 1981 a Divisão de Anatomia Patológica mudou do 7º. andar do Prédio Central para o 1º. andar do PAMB, ocupando área de 450 m². O Prof. Dr. Thales de Brito deixou a direção da Divisão em 1985 quando então o Prof. Dr. Gayotto ainda Professor Adjunto, assumiu o cargo. Este desde logo tomou a decisão de projetar para a mesma uma nova estrutura física, que pudesse realizar as potencialidades da Anatomia Patológica nas áreas assistencial, científica e de treinamento pós-graduado. Com o apoio de funcionários, assistentes e docentes, foi desenhado um projeto amplo e arrojado, o qual executado em área de 2.200 m², foi inaugurado em agosto de 1992. Na consecução do mesmo foi fundamental a contribuição do Dr. Luiz Heraldo Câmara Lopes, então um dos diretores da Divisão e da arquiteta Yara Weingartner.

Contemporaneamente à conquista de instalações e equipamentos privilegiados para a Divisão de Anatomia Patológica, o Prof. Gayotto vem procurando aí implantar um novo modelo de atividade profissional do patologista. Os objetivos extrapolam seu compromisso assistencial, tendo também em mira o treinamento dos novos colegas e a investigação científica, utilizando o enorme acervo que vem se acumulando há muitos anos na Divisão.

A proposta é o estabelecimento de interfaces com as várias clínicas do Hospital e grupos de patologistas que cada vez mais se aprofundam no conhecimento setorial das respectivas especialidades, buscando o diagnóstico atualizado e a monitorização terapêutica do paciente.

Vêm estagiando regularmente na DAP, patologistas de todo o país e do exterior, principalmente da América Latina. Tal fato caracteriza a massa crítica necessária para que se

tornasse a Divisão de Anatomia Patológica do Hospital da Clínicas em um centro de referência nacional e internacional, para treinamento de especialistas e para o diagnóstico e estudo de doenças comuns entre nós. O movimento de peças cirúrgicas e biópsia cresceu de 530 casos registrados em 1945 para aproximadamente 27.000 em 1998. O Serviço de Citodiagnóstico, iniciado em 1979 com um movimento de 67 casos, atendeu mais de 20.000 pacientes em 1994.

Com o progresso de toda a Medicina e o crescimento da importância da Anatomia Patológica na avaliação diagnóstica e monitorização do paciente em doenças neoplásicas e não-neoplásicas, foi natural o aparecimento de interfaces anatomo-clínicas que aprofundam o conhecimento da história natural das doenças e suas implicações prognósticas e terapêuticas. Ao longo do tempo foram se formando tais interfaces que hoje fazem parte essencial do perfil assistencial, científico e docente da Divisão. No Quadro 2 estão listadas todas essas interfaces e seus respectivos responsáveis.

Quadro 2 - Interfaces anatomo-clínicas da DAP

Especialidade	Responsável
Nefropatologia e Patologia Urológica	Dr. Luiz Balthazar Saldanha Dra. Denise Avancini Malheiros
Neuropatologia	Prof. Sérgio Rosemberg
Patologia Digestiva	Prof. Kiyoshi Iriya
Patologia Hepática	Prof. Luiz Carlos da Costa Gayotto Dra. Regina Maria Cubero Leitão Dr. Evandro Sobroza de Mello
Patologia Endocrinológica	Dr. Hélio Bisi
Patologia das Doenças Infecciosas	Profa. Maria Irma Seixas Duarte Dra. Rosely Patzina
Patologia Pulmonar e Mediastinal	Prof. Paulo Hilário Nascimento Saldiva Profa. Vera Luiza Capelozzi
Patologia Infantil	Dra. Maria Cláudia Nogueira Zerbini
Patologia Ginecológica	Dra. Filomena Marino Carvalho Dra. Elza Hissako Kanashiro
Patologia Hematológica	Dra. Yara de Menezes
Patologia dos Tumores de Partes Moles	Dr. Roberto Falzoni
Patologia Obstétrica	Dra. Regina Schultz
Patologia Coloproctológica	Dra. Viviane Rawet
Patologia de Cabeça e Pescoço	Dra. Inês Vieira de Castro
Patologia Neuromuscular	Dra. Sueli K. Nagahashi Marie
Patologia Oftalmológica	Dra. Ruth Miuki Sato
Punção Aspirativa	Dr. René Gehard

A Dra. Maria Cláudia Nogueira Zerbini também desenvolveu no Departamento a Citometria de Fluxo e a Análise de Imagens aplicadas à Anatomia Patológica e a Profa. Maria

Irma Seixas Duarte é o mais recente Professor Titular do Departamento de Patologia da FMUSP.

2. Patologia Clínica

Em 1975, a Divisão de Laboratório Central do Hospital das Clínicas foi ligada ao Departamento de Patologia através da Disciplina de Patologia Clínica. O Laboratório pertencia à Clínica Médica e sua incorporação ao Departamento de Patologia seguia a tendência acadêmica e profissional encontrada nos Estados Unidos, onde a formação do patologista inclui ambas as áreas. A iniciativa foi do Prof. Thales de Brito, tendo contado com a compreensão e colaboração do Prof. Antônio Barros de Ulhôa Cintra então Chefe do Departamento de Clínica Médica, ficando a organização, implantação e expansão do Laboratório Central a cargo do Prof. Otávio Germeck. Atualmente o Laboratório Central realiza quase 4 milhões de exames por ano e conta com Residência Médica e treina estagiários oriundos de várias áreas profissionais e localizações geográficas. Recentemente obteve o certificado de qualidade ISO 9002, primeiro laboratório clínico de instituição pública a conquistar tal posição.



Dezembro de 1999 - 3 dos 5 Professores Titulares do Departamento de Patologia: György Böhm, (Chefe do Departamento de Patologia), Luiz Carlos Gayotto (Diretor da Divisão de Anatomia Patológica) e Eduardo Massad (Diretor da Divisão de Laboratório Central e Vice-Diretor da FMUSP).

3. Anatomia Patológica fora do Departamento

Outras interfaces se estabeleceram ao longo da história no bojo de variadas circunstâncias, fora dos limites físicos do Departamento de Patologia: o Prof. Godofredo Elejalde criou na época da instalação do Instituto de Ortopedia e Traumatologia um laboratório de Anatomia Patológica que tem oferecido substancial contribuição ao estudo da Patologia Osteoarticular e que posteriormente ficou a cargo da Dra. Nani Renzo Barbosa de Oliveira. Hoje é responsável pelo mesmo a Dra. Claudia Regina Mendes de Oliveira. A criação do Instituto do Coração foi acompanhada da instalação de um Serviço de Anatomia Patológica pelo Dr. Edgard Lopes e atualmente sob responsabilidade da Dra. Lourdes Higuchi, o qual vem se destacando por substancial produção científica. Também a Dermatopatologia ligou-se com sucesso à Dermatologia onde sucessivamente atuaram o Prof. Thales de Brito e Dra. Miriam Nacagami Soto.

4. LIMs

Antes de 1970 quando foi implantada a Reforma Universitária determinada pela Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional, a investigação Científica era realizada contando com o apoio das Cadeiras Básicas da própria Faculdade de Medicina. Com a transferência das mesmas para o Campus da USP e por inspiração de Carlos da Silva Lacaz foram criados, principalmente no prédio da própria Faculdade, os Laboratórios de Investigação Médica do Hospital das Clínicas, aos quais se deve grande parte da produção científica da FMUSP assim como a formação de novos pesquisadores. Substancial contribuição foi dada à consolidação dos LIMs pelo Prof. Gregório Santiado Montes, Professor Associado do Departamento de Patologia, durante profícua gestão como seu Diretor Executivo. Os LIMs tem definido as grandes linhas de Investigação Científica dentro da Faculdade de Medicina e o Departamento de Patologia não foge à regra. No Quadro 3 encontra-se a lista dos LIM's e seus respectivos responsáveis

Quadro 3 - Laboratórios de Investigação Médica do Departamento de Patologia

LIM	Responsável
Laboratório de Bioengenharia / Informática Médica	Prof. Eduardo Massad
Laboratório de Eletromiografia / Patologia Molecular	Prof. Antônio Sesso
Laboratório de Patologia Experimental / Poluição Atmosférica	Prof. György Miklos Böhm
Laboratório de Investigação Bioquímica da Função Hepática / Patologia Hepática	Prof. Luiz Carlos da Costa Gayotto
Laboratório de Cardiologia / Anatomia Patológica e Fisiopatologia Cardiovascular	Dr. Carlos Augusto G. Pasqualucci
Laboratório de Hemoglobinopatias / Patologia das Moléstias Infecciosas	Prof. Carlos Eduardo P. Corbett.
Laboratório de Biologia Celular	Prof. Gregório Santiago Montes

5. I M T

O Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, criado em 1959 por inspiração do Prof. Lacaz e concebido como estrutura autônoma de pesquisa, foi desde os seus primórdios baseada em estrutura interdepartamental compreendendo mais recentemente os Departamentos de Moléstias Infecciosas e Parasitárias, Dermatologia, Medicina Preventiva e também o Departamento de Patologia. O Prof. Thales de Brito desenvolveu no IMT linha de pesquisa consistente em Esquistossomose Mansônica, no Laboratório de Imunopatologia, tendo sido inclusive Diretor do Instituto. O Departamento de Patologia marcou também sua participação no IMT através do trabalho do Prof. Heitor Franco de Andrade no Laboratório de Protozoologia, onde desenvolve pesquisas sobre a Malária e Leishmaniose e do Prof. Gayotto que foi seu diretor nos últimos 4 anos.

6. ME

O Prof. Sesso, responsável pela implantação e desenvolvimento do Laboratório de ME do Departamento de Patologia, trabalhou em Microscopia Eletrônica de 1962 a 1964 em Berkeley com a Dra. Patrícia Harris. Até 1974 desenvolveu suas atividades no Departamento de Patologia e Embriologia da FMUSP e a seguir no novo Departamento de Histologia e Embriologia do ICB. Daí saiu em 1974 para instalar e dirigir o Laboratório de Microscopia Eletrônica do Departamento de Patologia onde hoje é Professor Associado. Este Laboratório vem servindo à investigação científica tanto na própria área como dando apoio a outros Departamentos e Clínicas, contando com técnicas de transmissão, superfície e criofratura. É também realizado neste laboratório o diagnóstico ultraestrutural da Patologia Cirúrgica.



Alguns Docentes da Divisão de Anatomia Patológica em 1999.

Da esquerda para a Direita e da primeira fila para cima: Elza Kanashiro, Maria Irma Seixas Duarte (Professora Titular), Luiz Carlos Gayotto e Regina Schultz (Diretores), Leonel Garbin (Diretor Administrativo), Denise Avancini Malheiros, Edna Strauss (Gastroenterologista), Miriam Nakagami Soto, Evandro Sobroza de Mello, Regina Barros Domingues, Heitor Franco de Andrade, Yara de Menezes, Sheila Coelho, Maria Cláudia Zerbini, Roberto Falzoni e Viviane Rawet e os residentes Fabiana, Edwin, Renée, Felícia, Luiz Fernando, Fábio.

7. IHQ

A linha de pesquisa sobre Patologia das Hepatites ganhava corpo no Departamento de Patologia nos anos 70 e os métodos histoquímicos nem sempre permitiram a boa identificação de marcadores do vírus da Hepatite B. Impressionado com os resultados das pesquisas do Prof. Paul Nakane, o Prof. Gayotto orientou o então médico-residente Venâncio A. F. Alves na tentativa de adaptar o sistema imuno-enzimático para detecção sérica do AgHBs, desenvolvido no Instituto Adolfo Lutz (IAL) por Augusta Takeda, em amostras teciduais de necropsias e de biópsia. Tal avanço metodológico foi a seguir, estendido ao estudo de outros agentes infecciosos com anticorpos produzidos no IAL e no IMT de neoplasias endócrinas, com anticorpos padronizados a partir dos "kits" de radio-imunoensaio. A experiência do grupo foi útil na implantação do Laboratório de IHQ da DAP-HC-FMUSP em 1984.

Colega muito conhecido e respeitado nos meios acadêmicos e associativos o Prof. Venâncio, hoje Professor-Associado do Departamento de Patologia, foi o grande divulgador desta importante área da Anatomia Patológica, tendo treinado em Imuno-histoquímica grande número de especialistas, vindos dos mais diversos pontos do País.

Atualmente o Serviço de Imuno-histoquímica na Divisão de Anatomia Patológica encontra-se sob responsabilidade do Dra. Sheila Aparecida Coelho.



O "time" do Departamento de Patologia por ocasião das comemorações do Natal de 1999. Entre funcionários, técnicos e residentes são vistos Carlos Corbett, György Böhm, Luiz Carlos Gayotto, Marcelo Buratini, Gregório Santiago Montes, Heitor Franco de Andrade (co-autor deste capítulo), Hélio Bisi, Eduardo Massad, Raymundo Soares Neto, Paulo Pansi Silveira, Cláudia Battlehner, Thaís Mauad, Marisa Donikhoff, Ana Maria Tsanaclis, Miriam Nakagami Soto, Koichi Shameshima, Venâncio Avancini Ferreira Alves, Maria Claudia Nogueira Zerbini e Kiyoshi Irya.

UNICAMP. Por outro lado a destacada Escola anatomopatológica de Botucatu teve como pilares dois professores oriundos do Departamento de Patologia da FMUSP., os Professores Mário Montenegro e Marcello Franco, líderes da Patologia brasileira tanto na área científica como associativa, este último responsável pelo grande salto qualitativo dado pela SBP durante sua gestão. Entre tantos outros podem ainda ser lembrados o Prof. Tito Cavallo que se notabilizou nos Estados Unidos como Nefropatologista e o Dr. Luiz Carlos de Mattosinho França, primeiro residente do Departamento de Patologia, formado em 1954 e responsável pela residência de Anatomia Patológica no Hospital dos Servidores do Estado de São Paulo, que teve a partir de 1961, papel histórico na formação de várias gerações de especialistas.

Formação de lideranças acadêmicas

O Departamento de Patologia marcou a sua trajetória histórica como Centro de formação de especialistas e docentes que tiveram ou vem tendo atuação destacada em outros centros médicos e universitários. Entre tantos cumpre lembrar o Prof. Walter Edgar Maffei, professor que sem dúvida é um marco na história da Patologia Brasileira e que fez sólida escola na Faculdade de Medicina da Santa Casa de Misericórdia e na Faculdade de Medicina da PUC em Sorocaba. Para a então jovem Escola Paulista de Medicina, saiu do Departamento de Patologia da FMUSP o Prof. Moacir de Freitas Amorim que se dedicou ao estudo da patologia geral das neoplasias e para a Universidade do Rio Grande do Sul, o Prof. Paulo Queiroz Telles Tibiriça já mencionado. O Prof. José Lopes de Faria, que se destacou por trabalhos realizados na Alemanha junto com o Prof. Büchner, foi o responsável pela instalação do Departamento de Patologia na

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC – SP) EM SOROCABA

Prof. Dr. Jeronymo Stecca

Introdução

A instalação da Faculdade de Medicina em Sorocaba, em 1951, marca a história, não só da Patologia, como da Medicina nesta cidade.

Foi a primeira Escola Médica do interior do Estado de S. Paulo. Existiam, até aquela época, apenas a Faculdade de Medicina da USP e a Escola Paulista de Medicina.

Inicialmente, sob auspícios da PUC-SP, era mantida pela Fundação Sorocaba, na qual tinham papéis relevantes, financeiramente, as Indústrias Votorantim e a Prefeitura Municipal de Sorocaba.

Em 22 de outubro de 1955, foi agregada à PUC-SP. Em 1971, foi incorporada definitivamente à PUC-SP, mantida até hoje pela Fundação S. Paulo.

As Indústrias Votorantim doaram o Hospital Santa Lucinda onde começou a Faculdade. Construíram o prédio das cadeiras básicas. Mais tarde, doaram grande terreno onde foi construído o Conjunto Hospitalar de Sorocaba, que serve hoje para o ensino das Clínicas e Cirurgia.

No período que antecedeu a Faculdade de Medicina, Sorocaba não contava com Patologistas. Segundo depoimentos de colegas mais antigos, os raros casos clínico-cirúrgicos, que necessitavam de exames anatomopatológicos, eram enviados para a capital.

A Faculdade de Medicina propiciou uma mudança radical na Medicina de Sorocaba e Região, e também inicia propriamente a história da Patologia, tanto acadêmica quanto profissionalmente.



Hospital Santa Lucinda, no primeiro plano, e prédio das Disciplinas Básicas

Período Inicial

A vinda da Faculdade trouxe também uma plêiade de professores do mais alto nível acadêmico e científico daquela época. Eram professores aptos a ocupar as cátedras das Faculdades de São Paulo. Para cá vieram como pioneiros de uma experiência nova no ensino médico.

Dentre esses professores, estava Constantino Mignone, que foi o primeiro professor titular da disciplina de Patologia, exercendo a cátedra de 1953, até abril de 1955.

Faziam parte de sua equipe os Professores Ibanez de Carvalho, Armando Canger Rodrigues, Fernando dos Santos Monteiro e sua esposa Darcy Carmen Marchiori Monteiro, Professora associada aposentada da USP que, para nossa alegria e exemplo, ainda exerce a patologia cirúrgica em seu laboratório particular, na cidade de São Paulo.

Conta-nos a Dra. Darcy, que embora o curso de Patologia Geral para o terceiro ano de Medicina só tivesse iniciado suas aulas em 1953, o Professor Mignone e sua equipe reunia-se em São Paulo, desde 1951, no Anfiteatro da Patologia da USP, aos domingos, pela manhã.

Nesta oportunidade, um dos membros da equipe discorria sobre assunto pré determinado, que se tornaria a aula a ser apresentada, posteriormente, aos alunos.

DATA	ASSUNTO	PROFESSOR
30/3/53	Aula teorica: Patologia celular	Mignone
21/3/53	Aula teorica: Indolencia, tumor e degeneracao (globo hidropico)	Mignone
26/3/53	Aula teorica: Patologia das glandulas	Mignone
30/3/53	Servico das aulas praticas. N.º 1.º tur. ma. Inchaço, tumor e intestino: lam. 12.2 e 3	Mignone

Registro da primeira aula de Patologia em Sorocaba, ministrada pelo Prof. Constantino Mignone

Neste período, de 1951 a 53, também foi preparado laminário que serviu para as aulas práticas.

Segundo depoimento da Dra. Darcy, nessa época, graças a intermediação do Prof. Antônio M. Cardoso de Almeida junto à família Scarpa, foi conseguida a doação dos microscópios para as aulas práticas, utilizados até hoje!

A par da atividade acadêmica já se iniciava modesta Patologia Cirúrgica, representada por exames anatomopatológicos solicitados, não só pelas diferentes disciplinas cirúrgicas, como da clínica particular, onde pontificava a figura do grande cirurgião e primeiro Diretor da Faculdade de Medicina de Sorocaba, Prof. Lineu Mattos Silveira.

Poucas autópsias foram realizadas nesses anos. Em algumas, o próprio patologista fazia o papel de técnico, quando não auxiliado por outro professor.

O fundamental desse período foi o início do curso teórico e prático de Patologia Geral, para o terceiro ano, e Anatomia Patológica, para o quarto ano médico, ministrado com todo rigor e competência nas linhas ortodoxas da Patologia de então.

O Prof. Mignone e sua equipe permaneceram até abril de 1955. Após uma crise interna da Faculdade, entre as numerosas que se sucederam, a maioria delas conseqüentes a problemas econômicos, deixou Sorocaba.

No dia 25 de abril de 1955, lembrado com nostalgia pela Dr^a Darcy, ela e os outros três colaboradores, num Citroen do Dr. Armando C. Rodrigues, vieram a Sorocaba, apanhar seus pertences acadêmicos. Findava o período do Prof. Mignone. Deixava plantado um serviço de Patologia.

Período do Prof. Maffei

Sem solução de continuidade nos cursos, o prof. Walter Edgard Maffei reiniciava suas atividades acadêmicas afastado que estava da USP. Ministrou sua primeira aula em Sorocaba no dia 26 de abril de 1955. Seu profícuo magistério estendeu-se até 1988.

Nesses trinta e três anos de atividades, entre outras, mostrou uma virtude marcante: raramente (uma ou duas vezes) deixou de comparecer a sua obrigação frente aos alunos. Sem usar relógio, era pontual no início de suas aulas, transmitindo, sem nunca falar àqueles que o cercavam, fidelidade e respeito à sua atividade como Professor.

Fizeram parte de sua equipe no período inicial:

- Professor Ruy Piazza, de 1955 a 1960, dono de excelente didática. Gostava de neuropatologia e também das teorias do Prof. Maffei;
- Professor Fued A. Saad, de 1955 a 1959, detentor de técnica e elegância ímpar na realização de autópsia;
- Professor Bela Lajos Almay Jr., de 1959 a 1961. Húngaro de nascimento e aluno da Faculdade de Sorocaba, dotado de apaixonante dedicação ao próximo e à Faculdade, era convidado a trabalhar em várias clínicas e serviços, ao mesmo tempo. Com sua inseparável bicicleta, foi também maestro do coral e da orquestra dos alunos.

- Professor José Donato de Próspero, de 1960 a 1964. Foi em Sorocaba que o Prof. Donato iniciou suas atividades docentes. Fez uma ponte sólida, mantida até hoje, entre a Patologia da Santa Casa de São Paulo e Sorocaba. Foi graças ao saber, estímulo, dinamismo e fácil relacionamento do Prof. Donato, nosso “irmão mais velho”, que a Patologia Cirúrgica, em Sorocaba, deu um grande salto.

A vinda do Prof. Maffei foi marcada de certo alvoroço provocado por sua fama de polêmico e enérgico, pela crise da USP envolvendo-o com o Prof. Mignone e Prof. Cunha Motta, e por ser já autor de um livro de Neuropatologia, editado (por ele próprio), em 1951. Estes fatos criavam, em redor de seu nome, uma aura de expectativa e ansiedade, por parte da comunidade acadêmica local.

Essa expectativa era incendiada com suas aulas, quando graças à sua interpretações fisiopatológicas nada ortodoxas, ligadas a críticas contundentes e mordazes aos clínicos, cirurgiões e ao exercício da medicina em geral, retinha os alunos em atenção quase arrebatadora. Algumas de suas aulas mais famosas, como Alergia e Imunidade, Megas, Úlcera Gástrica e Cirrose Hepática chegavam a ultrapassar duas horas, com sala totalmente lotada e com frequência livre. Suas aulas expositivas eram ricamente documentadas com diapositivos de sua coleção particular ou da Santa Casa de São Paulo. Trazia sempre consigo numa maleta utilizada tradicionalmente por médico, um pequeno e simples projetor manual. Não acreditava nos mais modernos.

Era, porém, na sala de autópsias que seu brilho manifestava-se exuberante. Fazia questão absoluta, no dia de sua aula, em fazer autópsia para demonstração aos alunos e alguns docentes.

Seus auxiliares tinham que se desdobrarem para conseguir um cadáver. Valiam tantos os provenientes das clínicas (sempre os preferidos), como os da Verificação de Óbitos, trazidos por um lúgubre rabeção preto, cedido pela Prefeitura. Eram usados todos os meios com a finalidade de convencer os familiares, para que o Professor examinasse o cadáver. O dia que não havia autópsia ele ficava extremamente pesaroso.

É importante lembrar que a sala de autópsias da F.M.S., com o Prof. Maffei, passou a ter arquibancada em redor da mesa principal de autópsias. Inicialmente rústica, sucedida, tempos depois, por uma mais sólida e bem acabada.

As autópsias iniciavam às 10 horas, com leitura da história clínica (quando não eram do V.O) e se estendiam até 12 ou 12h30. Antes de abrir o cadáver fazia suas conjecturas diagnósticas sobre o caso e chamava a atenção sempre para a constituição, quando se tratava de adulto. Após a abertura, os órgãos eram mostrados aos presentes, acompanhados das explicações do Professor, recheadas de comentários e teorias próprias sobre patogenia.

Essas autópsias eram destinadas aos alunos do terceiro ano médico. Porém assistiam desde calouros até alunos do sexto ano, mais fanáticos, além de raros e corajosos docentes de outras disciplinas. Corajosos porque podiam receber uma crítica incisiva sobre o raciocínio clínico ou terapêutico.

Sua fama de Professor ultrapassava os muros da Faculdade e chegava até as escolas secundárias. Os alunos de alguns colégios, trajando jaleco, misturavam-se entre os acadêmicos de medicina para assistirem à aula de autópsia, onde pontificava aquele Professor franzino, mas vibrante e de voz imponente. Um fato pitoresco: certa feita um desses secundaristas desmaiou e caiu por entre os demais presentes na arquibancada. A partir desse dia descobriu-se a presença desses “curiosos”, ficando proibida a entradas dos mesmos na sala. Era necessário absoluto rigor para impedir a entrada desses secundaristas.

Em qualquer lugar mas, principalmente na sala de autópsias, utilizava frases que ficaram famosas. Quando algum aluno ou docente ousava discordar de suas teorias dizendo ter estudado o assunto, em determinado livro ou revista, dizia “é moço, o papel é generoso, aceita

tudo” ou “você também faz parte da corrente da felicidade”, querendo dizer com isso, que um autor copiava de outro e assim por diante.

Visceralmente contrário ao uso de antibióticos e corticosteróides , para delírio dos alunos, criticava acerbamente seu uso terapêutico. A propósito, empregava frases como: “os médicos são camelôs da indústria farmacêutica” ou “o organismo não é um tubo de ensaio, onde se joga uma zurrapa qualquer para matar bichinhos”.

Baseava suas explicações patogenéticas entre outras na genética: “ a sorte do indivíduo está lançada no momento da 'anfimixis' ”, na imunidade, alergia e suas conseqüências.

Suas posições chocavam-se com as teorias clássicas ensinadas nas diversas clínicas, daí, surgindo discussões acaloradas, entre acadêmicos e às vezes, alguns constrangimentos entre acadêmicos e professores de outras disciplinas.

Criava, com suas idéias, formidável espírito crítico entre alunos e colaboradores. Esse sentido crítico por vezes acabava voltando-se contra suas teorias.

O Prof. Maffei fazia algumas incursões pela clínica. Os próprios alunos, seus parentes e conhecidos, movidos pela repercussão provavelmente em suas casas, das idéias conflitantes e diferentes do mestre, faziam consultas, não cobradas, de seus males já tratados em vários consultórios médicos. As receitas eram quase sempre as mesmas: ácido clorídrico (fumegante): três gotas em pouca quantidade de água, por boca; cloreto de cálcio na veia e sabão de cinza para os problemas cutâneos. A confiança depositada no Professor era certeza de cura.

Era muito admirado e querido pelos alunos, não só pelas suas teorias, como pelos fatos e casos inéditos que contava com singular maestria, graça e originalidade. Os alunos faziam questão absoluta de levá-lo para almoçar em suas repúblicas. A disputa era tanta que no início do ano letivo era feita uma agenda para atender a todos os convites.

O reconhecimento dos alunos à dedicação do Professor manifestava-se no 6º ano. Foi eleito Paraninfo de turma por cinco vezes; Patrono por seis vezes; Homenageado especial por quatro vezes e outras tantas como Homenageado tradicional.

Foi nesse clima “quase mágico” que o Prof. Maffei despertou o interesse pela Patologia, em vários alunos de Sorocaba. Por sua influência direta ou mais remota, tornaram-se Patologistas: Dra. Helena Müller, Roberto A. Pinto Paes, Maria de Fátima Araújo (Santa de São Paulo); Raul Negrão Fleury (Bauru); Kunie Iabuki Rabelo Coelho, Anete Kinumi Ueda, João Lauro Viana Camargo (Botucatu); Celso Rubens Vieira e Silva (Botucatu, hoje Piracicaba), Dora Grimaldi (Londrina); Francisco Carlos Quevedo (Jau); Antônio Corrêa Alves (EPM); Stanley Pandia Nigro (EPM, depois UNISA) Vilma dos Santos Oliveira Fernandes (USP), Mércia Aparecida Bartkevitch (Santa Casa de São Paulo – Catanduva) ; Yoko Iriya (USP); Zulmira Almeida Lopes (São Paulo); José Augusto Gato Stedile (Indaiatuba), Antonio Carlos Bacili (Campinas); Elizete Lopes Guilherme (São Carlos); Lenira Ranjard (Marrocos, depois França); Edson Garcia Soares (Ribeirão Preto); Eloá Muniz de Freitas (São Paulo); José Carlos F. Diniz da Gama (Sorocaba - Botucatu) Jeronymo Stecca, Maria Cecília Ferro, Iara Ferreira Caetano. Nelson Brancaccio dos Santos, Selma Pedroso Lippi Rachkorsky César Eduardo Querceti, Noemia Hadad, Maria Lourdes Peris Barbo (Mona), Inês Liguori Padrão, Alex Tadeu Moraes (Sorocaba) e talvez outros mais tocados pela magia do mestre.

Alguns destes colegas passaram pela monitoria da Disciplina de Patologia.

Em 1959/60, dois alunos da mesma turma, José Carlos Fernandes Diniz da Gama e Jeronymo Stecca, iniciaram como monitores da Disciplina de Patologia. Nas férias escolares de 1960/61 freqüentaram o serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa de S. Paulo, fato importante na vida dos dois. Defrontaram-se com a grande rotina daquele serviço exercida por Patologistas do gabarito dos Profs. J. D. Prospero, Carlos Marigo e Viola Toth.

Como monitores ,em Sorocaba, já passaram a fazer macroscopia, escrever os laudos de microscopia, ditados pelo Prof. Maffei e Dr. Donato e auxiliavam nas autópsias. Arriscavam alguns diagnósticos microscópicos ! ...

Em 1962, foram contratados por indicação do Professor, como Assistentes em tempo integral. Por necessidade da Faculdade, foram também assistentes do Prof. Humberto Torloni, em 1962 e 1963 , na disciplina de Histologia.

Com supervisão do Professor e do Dr. Donato, aqueles assistentes, planejaram as atuais instalações da Disciplina, conseguindo mobiliário com constantes visitas e pedidos às Indústrias Votorantim.

O Prof. Maffei, assim como os demais professores da Faculdade que moravam em São Paulo, vinham a Sorocaba uma vez por semana no período letivo. No restante do tempo as aulas inicialmente as práticas e aos poucos também as teóricas bem como a rotina e a administração ficavam sob a responsabilidade dos docentes recém contratados, Diniz e Stecca, que foram aos poucos ganhando mais experiência, montando novas técnicas no Laboratório e conseguindo melhores equipamentos .



Prof. Maffei entre seus dois primeiros monitores, posteriormente assistentes, Jeronymo Stecca e José Carlos F. Diniz da Gama

Nas décadas de 60 e 70, a disciplina de Patologia foi palco de memoráveis reuniões Anatomo-Clínicas, que contavam com a orientação clínica principal do Prof. José Ramos Jr e seus assistentes, com participação dos alunos e parte dos docentes, agora num bom número, ex-alunos da Faculdade.

Para apresentação da Patologia surgiu a necessidade de boa documentação fotográfica. Com uma máquina Zeiss emprestada pelo Dr. Diniz, e um fotógrafo improvisado a partir de um servente (Sr. José Mariano), foi lançado, neste período, a semente da atual “Documentação Científica” da Faculdade e o arquivo de diapositivos da disciplina de Patologia.

Foi ainda na década de 60, precisamente outubro de 1966, que surgiu a Patologia Cirúrgica, exercida profissionalmente fora da Faculdade.

Conseqüente a mais uma crise econômica, Diniz e Stecca se aliaram a dois Patologistas Clínicos – Luís S. Prigenzi e Alcir Vilela; e fundaram o Laboratório de Patologia Clínica de Sorocaba. Nesse laboratório eram os próprios histotécnicos. Usavam para cortes em parafina, o micrótomo de congelação, que se prestava para os dois tipos de procedimento. Foi também em 1966 que se realizou a primeira biopsia de congelação em Centro Cirúrgico, em Sorocaba. Estes dois Patologistas percorriam os Centros Cirúrgicos “catequizando” os cirurgiões. Certa feita, um deles retirou do “hamper” um útero miomatoso e solicitou do cirurgião autorização para realizar gratuitamente um anatomopatológico. Iniciava-se neste Hospital, a rotina do envio de peças cirúrgicas e biópsias.

Paulatinamente o valor e a contribuição do anatomopatológico e posteriormente da citologia, foram sendo compreendidos e adotados na prática médica de Sorocaba e se alastrando pela região. Itapetininga, São Roque, Tatuí, Porto Feliz, Boituva, Piedade, Tietê, Cerquilha, Capão Bonito foram cidades que em épocas diferentes passaram a enviar seus exames para Sorocaba.

Hoje algumas destas cidades já possuem serviços próprios, como de Itapetininga, com o Dr. Eduardo Haruo Sugiama; Itú com Dra. Márcia A. L. de Souza e Dr. Alex Tadeu de Moraes. Outras desviaram suas rotas para outros serviços.

Em algumas destas cidades, a Anatomia Patológica profissional iniciava-se após visita acompanhada de palestras e discussão de casos clínico – cirúrgicos, realizados por Stecca ou Diniz.

Em 1975, Stecca descobriu e passou a freqüentar, com alguns docentes, as reuniões da APESP (Associação dos Patologistas do Estado de São Paulo), verdadeira Escola de Educação Continuada de Patologia, que permitiu ampliar seus horizontes na Patologia Cirúrgica, além de permitir convívio com novos e excelentes colegas Patologistas.

Não se pode esquecer a grande influência que o Prof. Maffei exerceu sobre os homeopatas. Como valorizava o organismo humano e contrário ao exageros da alopatia clássica, Maffei granjeou grande simpatia entre os homeopatas, dentre os quais também são freqüentes seus ex-alunos.

Sorocaba também teve sua Residência Médica em Patologia por curto período. Dentre seus residentes, apenas a Dra. Inês Liguori Padrão permaneceu como Patologista.

O quadro de colaboradores da Disciplina de Patologia teve variações durante este período. Além dos já citados, também fizeram parte dos quadros de docentes, por períodos e em épocas distintas:

- Prof^a. Maria Fátima de Araújo
- Iara Ferreira Caetano
- Selma Pedroso Lippi Rachkorsky
- César E. Quercetti
- Roberto Beloto
- Alcides de Oliveira Júnior
- Roque Galhardo
- Eduardo Haruo Sugiama

No campo da produção científica foi feito o possível. Foram realizadas teses, pesquisas e trabalhos apresentados em congressos e publicados em revistas nacionais e internacionais. A disciplina de Patologia também foi e é âncora para várias teses e trabalhos de colegas de outras disciplinas.

O Prof. Maffei publicou um livro, "Fundamentos da Medicina", em três volumes. Vale a pena reler o trecho da sua justificativa sobre a obra : "Entretanto, apesar de ter aplicado o máximo da minha capacidade na sua execução, é bem possível que a obra esteja muito longe da meta pretendida; o leitor poderá acusar-me de falta de 'engenho e arte', mas mesmo assim estou satisfeito porque não poderá me acusar de ter vivido um problema médico e tê-lo egoisticamente guardado só para mim, levando-o comigo para as profundezas da terra. Àqueles que forem dotados de melhor capacidade para escrever uma obra destas, deixo a tarefa de realizá-la, se tiverem interesse em melhorar a Medicina Brasileira ." – Fundamentos da Medicina – Fundo Editorial Prociex, São Paulo, 1967.

Com relação as teses deste período cabe lembrar que Diniz, embora já trabalhando em Botucatu desde 1971 defendeu seu Doutorado em Sorocaba em 1974, tendo como orientador o professor Mário Rubens Montenegro.

Após trabalhar como Patologista na Santa Casa de São Paulo e na Unicamp, Stecca também defendeu seu doutorado em Sorocaba em 1975. Foi seu orientador o Prof. Humberto Cerruti.

Maria Cecília Ferro, fez seu mestrado (1980) e doutorado (1990) orientada pelo Prof. Mário Rubens Montenegro, em Botucatu, mas os defendeu em Sorocaba.

Período Pós Maffei

Aos poucos o Prof. Maffei foi transferindo sua parte didática aos seus auxiliares. Demitiu-se em 01 outubro de 1988.

O curso de Patologia em Sorocaba, à partir de 1975 até hoje, é longo. Temos: 1. curso para o terceiro ano médico – dois semestres com aulas teóricas, às terças-feiras (quatro horas-aula), e aulas de autópsias pelas manhãs para turmas (de segunda à sexta-feira) e aulas de microscopia e peças anatômicas para turmas, às tardes (de segunda a sexta-feira); 2. aulas para o quarto ano médico – no 2º semestre – teóricas às terças e quartas-feiras (quatro horas-aula) e aulas de microscopia e peças anatômicas para turmas de segunda à quinta-feira; 3. aulas para o quinto ano médico – às quintas-feiras – teóricas e práticas (duas horas-aula). Além do curso médico, temos aula para o curso de enfermagem, no segundo semestre – quatro horas-aula semanais, teóricas e práticas.

Com a demissão do Prof. Maffei, o curso passou a ser mais ortodoxo e ao mesmo tempo, talvez mais moderno. Veio trabalhar no grupo, a Prof^a. Vilma dos Santos Oliveira Fernandes, ex-aluna de Sorocaba, que passou a ser coordenadora do curso de Patologia Geral.

Aliada a grande carga horária docente, a Patologia também é responsável pelas autópsias e Patologia Cirúrgica do Conjunto Hospitalar de Sorocaba, da Verificação de Óbitos da cidade (até julho de 1997) e Patologia Cirúrgica de Postos de Saúde de Sorocaba e de outras cidades da região.

Esses serviços todos, com o decorrer do tempo, foram se ampliando, sem o necessário aumento da carga horária docente. Mesmo assim dois docentes conseguiram, nos últimos anos, seus títulos de pós-graduação em São Paulo – Dr. Nelson Brancaccio dos Santos (mestrado na EPM e doutorado na USP) e Dr^a Maria Lourdes Peris Barbo (mestrado na EPM e doutorado na USP).

A Patologia Cirúrgica e a Citologia, por outro lado, expandiram-se muito na cidade e região. Sorocaba hoje já possui quatro serviços de Patologia Cirúrgica e Citologia, com o da Faculdade, atendendo aos pacientes e médicos.

O atual corpo docente da Disciplina de Patologia é constituído por:

- Jeronymo Stecca (Titular)
- Maria Cecília Ferro (Titular)
- Vilma dos Santos Oliveira Fernandes (Prof^a. Associada)
- Nelson Brancaccio dos Santos (Assistente – Doutor)
- Maria Lourdes (Mona) Peris Barbo (Assistente- Doutor)
- Orlando Fermoze Rodrigues Júnior (Auxiliar de Ensino)
- Inês Liguori Padrão (Auxiliar de Ensino)
- Alex Tadeu de Moraes (Auxiliar de Ensino)

Conta ainda com a colaboração, como professora convidada, da Prof^a. Ana Maria Tsanaclis (FMUSP), responsável pelo curso de Neuropatologia e Patologia do Sistema Nervoso Central.

A disciplina de Patologia nestes quarenta e oito anos de existência realizou até 1998 cerca de 12.500 autópsias e examinou 68.000 biópsias e peças cirúrgicas. Tem sido um dos pilares importantes na sustentação do



Atual Campus de Sorocaba

ensino, assistência e pesquisa da Faculdade de Medicina de Sorocaba (CCMB - Centro de Ciências Médicas e Biológicas da PUCSP), denominação desde 1973.

Conclusão

Para finalizar, gostaria de lembrar que a disciplina de Patologia da Faculdade de Medicina de Sorocaba (CCMB PUCSP) foi construída com muito sacrifício e dedicação. Foram anos de muito trabalho, de muitas angústias e muitas alegrias. O relacionamento entre o Prof. Walter Edgard Maffei, o docente mais marcante, e Jeronymo Stecca o docente que por mais tempo permaneceu na disciplina, nem sempre foi muito suave, porém, extremamente leal. Como recompensa dessa lealdade, após sua morte (em 1991), recebi de sua família, através de D. Marina Maffei, sua esposa, a beca e capelo do Professor que guardo com muito carinho e orgulho.

Estão consolidados uma disciplina e um serviço que deveremos perpetuar com a mesma dedicação dos primeiros.

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NA SANTA CASA DE SÃO PAULO

Prof. Dr. José Donato de Próspero

Introdução

Tudo se iniciou em janeiro de 1952...

Nos idos de 1951, a Santa Casa de São Paulo, centenária Instituição de assistência médica e ensino, esvaziava-se em virtude da saída de numerosos de seus médicos para o novo Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), recentemente inaugurado.

Poucos foram os médicos de maior experiência que ficaram na Santa Casa. O Hospital, pelo seu tamanho e importância, ficou consideravelmente prejudicado em diversos de seus setores.

Os administradores de então sentiam a necessidade de recuperá-la e iniciaram sondagens sobre qual seria a melhor maneira de fazê-lo. Tinham exata noção do problema. O provedor de então, Dr. Cristiano Altenfelder Silva e o vice-provedor Dr. José de Alcântara Machado, com a mesa administrativa da Santa Casa buscavam soluções. À época, médicos ilustres como o José Soares Hungria Filho, Nairo Trench, Carlos Gama, Álvaro Dino de Almeida e outros, cujos nomes não mais me ocorrem, sentiam a necessidade de urgentes providências. Foi lembrada como primeira providência, a criação de um serviço de Anatomia Patológica que pudesse avaliar e controlar os procedimentos clínicos e cirúrgicos que estavam sendo realizados, pela falta de melhor orientação científica ou inexperiência de muitos. Particularmente em cirurgia acumulavam-se problemas que careciam de soluções, inclusive pela presença de médicos estranhos à Instituição que vinham operar casos sem melhor estudo.

Destacou-se o nome do Dr. José de Alcântara Machado, importante homem de empresa que tinha grande poder de visão dos problemas vividos pelo Hospital, que encampou a idéia da criação do proposto serviço de Anatomia Patológica.

O Período do Prof. Walter Edgard Maffei

A procura de um nome que pudesse organizá-lo com seriedade e competência, passou da teoria à prática, pois foi lembrado o nome do Prof. Walter Edgard Maffei, que recentemente havia sido posto em disponibilidade de seu cargo de professor assistente na Faculdade de Medicina da USP cujo catedrático de Anatomia Patológica era o Prof. Ludgero da Cunha Motta.



*A Santa Casa de
São Paulo*

Tinha fama de cientista polêmico, enérgico e competente, aliado a excelente qualidade de didata, conhecedor da Neuropatologia, especialidade que motivou seu estágio durante cerca de dois anos na escola de Salpêtrière em Paris, onde se destacou pelos seus conhecimentos.

Ao ser colocado em disponibilidade deixou o cargo de professor da cátedra de Anatomia Patológica e passou a exercer o cargo de patologista do Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha onde também se destacou. Eram famosas suas reuniões anatomo-clínicas em Juquerí, aos sábados, onde eram discutidos os óbitos de psicopatas. Muitos médicos deslocavam-se de São Paulo para assistir

àquelas reuniões inclusive eu, à época estudante de medicina na USP.

Eram reuniões memoráveis e inesquecíveis.

Apesar de todas as qualidades e ótimas referências pelo seu notório saber, o nome do Prof. Maffei não era unanimidade para exercer o cargo na Santa Casa. Muitos, contra ele alegavam a possível dificuldade de relacionamento que poderia haver em virtude de sua forte personalidade, sua atitude polêmica e, principalmente, pelas opiniões divergentes sobre os diversos aspectos da Medicina, muitas vezes discordantes com os conhecimentos de então.

Depois de diversas reuniões o Prof. Maffei foi indicado para promover a reorganização do Serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa de São Paulo. Diversos médicos influenciaram nesta decisão, como Nairo Trench, José Soares Hungria Filho, Álvaro Dino de Almeida e outros. Para seus assistentes, inicialmente, foram indicados os médicos recém formados e meus colegas de turma, Thales de Brito e Nathanael Silva.

Por ter sido indicado para assumir cargo na cadeira de Anatomia Patológica da USP, o Dr. Thales de Brito declinou do convite. Por razões de ordem pessoal, o Dr. Nathanael também não assumiu e dedicou-se à clínica privada em Campos do Jordão, com sucesso em sua carreira.

Ao saber de meu interesse pela Anatomia Patológica, pois freqüentara suas reuniões no Juquerí, o Prof. Maffei indicou o meu nome e o de Carlos Marigo, também recém formado, que havia sido monitor de patologia durante seu curso médico na Escola Paulista de Medicina. Durante as solenidades de nossas formaturas, em dezembro de 1951, fomos convocados para uma reunião na Santa Casa onde seriam estabelecidas as bases do novo serviço.

A partir de 2 de janeiro de 1952, o Prof. Maffei e seus assistentes José Donato de Próspero e Carlos Marigo iniciaram os trabalhos, contando com a colaboração da técnica Aiko Igari e uma secretária, Zelma Aparecida Marques, em pequena e inadequada sala no Laboratório Central da Santa Casa. Já trabalhava neste setor o Dr. Antonio James Brandi. Assoberbado com a enorme quantidade de exames, pois o Hospital tinha cerca de 1200 leitos e muitas eram as biópsias e peças acumuladas esperando resultado, apesar da dedicação e de sua experiência, não conseguia manter o serviço em dia. Ao Dr. Brandi nossas homenagens pelo muito que nos ensinou auxiliando-nos ao início de nossa carreira, de maneira inestimável. Eu e o Marigo a ele muito devemos.

Sob a chefia do Prof. Maffei, iniciamos o trabalho e nossa incumbência inicial era lavar vidros ... e muitos.

Pela maneira "sui generis" de trabalhar, o Prof. Maffei não nos dava tréguas e não perdoava erros devidos à nossa inexperiência. Passamos semanas inteiras lavando vidros e recortando peças cirúrgicas acumuladas. Contávamos apenas com um antigo microscópio Baush & Lomb no qual o professor via as lâminas dos casos em atraso e ditava os relatórios para mim e para o Marigo que escrevíamos a mão e com o tempo fomos obrigados a datilografá-los em antiga máquina, verdadeira relíquia da Remington. Embora o Prof. Maffei exigisse que soubéssemos toda a Patologia, nossos conhecimentos eram mínimos e entravam pelo ouvido nos relatórios que batíamos a máquina.

Pelo menos aprendemos datilografia ...

Qualquer lâmina que naturalmente errássemos gerava veementes críticas do professor que por diversas vezes, muito bravo, nos dizia que "estava perdendo seu tempo e o seu trabalho". Apesar de tudo, íamos progredindo. Aparentemente, não era esta a opinião do professor mas na prática sentíamos que cada vez era maior a confiança que ele depositava em nós. Pelo medo de errar eu e o Marigo ficávamos até altas horas da noite vendo lâminas e procurando estudar. Era nosso aliado o amigo Dr.



Professor Walter Edgard Maffei

Luiz Gonzaga Saraiva, excelente hematologista e citologista que muito ajudou no início de nossa formação e até hoje conosco colabora.

Ficou em nossa memória uma indagação que então fizemos ao Prof. Maffei: Professor, quais os livros que o senhor nos indica para estudar Anatomia Patológica? A resposta não se fez esperar: "anotem aí moços, os melhores livros que eu conheço, e são os únicos que existem, são a sala de autópsias e o microscópio". Depois de anos com estes "livros", complementem o estudo com qualquer outro". Este ensinamento foi de extraordinária valia em nossa carreira.

Jamais recebemos dele qualquer elogio mas sentíamos que o nosso trabalho estava sendo reconhecido, tanto assim que nos deixou na direção do serviço quando, seis meses depois, encetou viagem à Europa por dois meses. Pelo que sabemos eu e o Marigo nos desempenhamos a contento pois na revisão que fez em seu retorno o professor nada comentou, o que significava um grande elogio...

Logo ao início do Serviço, o Prof. Maffei dirigiu-se à Direção da Santa Casa para exigir que houvesse uma ordem ao Centro cirúrgico que todos os tecidos e órgãos retirados de doentes fossem sistematicamente encaminhados ao serviço de anatomia patológica. É fácil imaginar o número de apêndices cecais, amígdalas, varizes, material de hérnias e outros que afluíam semanalmente às dezenas, para que examinássemos. Nas condições em que a Santa Casa se encontrava eram os materiais que mais apareciam. Com esta inédita providência, rápida e progressivamente observou-se sensível melhoria no padrão dos procedimentos cirúrgicos do Hospital. Progressivamente o padrão de atendimento foi sensivelmente melhorado. Os erros eram denunciados à Diretoria clínica para serem avaliados. Diversos cirurgiões foram obrigados a melhorar seus padrões ou procurar outras plagas.

No ano seguinte foi inaugurado o serviço de autópsias. Cerca de 80 a 90 % dos óbitos do Hospital passaram a ser examinados o que, além do interesse científico que despertavam no Hospital, foi possível esclarecer erros e até mesmo negligências que porventura ocorressem.

Paralelamente, os demais setores do Hospital foram enriquecidos com novos médicos muitos deles notáveis cirurgiões e clínicos que fazem parte do atual corpo clínico.

A preocupação de melhoria geral levou o Prof. Maffei a realizar memoráveis reuniões anatomo-clínicas que lotavam o antigo anfiteatro da biblioteca da Santa Casa, com seus médicos e muitos de fora que participavam pelo grande interesse, atraídos pela qualidade científica que tinham. Lembro-me com saudades das notáveis explanações clínicas do Dr. Aldo Bruno Definis, do Prof. Oscar Monteiro de Barros, do Dr. Edwin Castelo e outros que, com o Prof. Maffei, auxiliado por nós, faziam a correlação com a anatomia patológica. Estas reuniões, sem dúvida, foram o embrião da futura Faculdade de Medicina da Santa Casa de São Paulo. O sonho, porém, parecia muito distante e impossível de realizar-se.

A esta época o Prof. Maffei teve a idéia, logo em seguida encampada por nós, de fazer uma revista científica que poderia publicar trabalhos e incentivar não só a nossa produção científica como a dos demais serviços do Hospital.

Em 1955, sob inspiração do Prof. Maffei e o Dr. Marigo como Diretor, nasceram os "Arquivos médicos da Santa Casa de São Paulo". Foi grande o sacrifício para manter esta revista que tinha excelente padrão de publicação. Tivemos diversos trabalhos de nossa revista reproduzidos no "Index Medicus", com repercussão internacional. Era trimensal e perdurou durante muitos anos no alto nível que tinha, desde seus primeiros números. Em virtude de problemas de ordem econômica, reduziu muito sua tiragem e há cerca de três anos praticamente deixou de existir. Recentemente foi revigorada, agora com o nome de "Santa Casa Medical Journal". A importância desta revista em nossa carreira e de muitos outros

médicos da Santa Casa foi indiscutível e muito contribuiu para o desenvolvimento científico da Instituição.

O Prof. Maffei sempre nos dizia "um Hospital deste tamanho e com esta importância e tradição, não sobreviverá sem estudantes. Precisamos pensar numa futura Faculdade para incentivar o ensino e a pesquisa, além de desenvolver a assistência médica". Foi com este espírito que foi organizado um arquivo de diapositivos onde todos os casos passariam a ser catalogados da melhor maneira possível. Compreendendo a importância e a necessidade da documentação a administração da Santa Casa aprovou e organizou o Serviço de Documentação Científica, inicialmente dirigido pela notável especialista que era a Sra. Lily Ebsstein que havia trabalhado e participado da documentação do famoso e notável livro de Anatomia Patológica de Aschoff. A Sra. Lily aposentara-se do cargo de documentadora científica na Faculdade de Medicina da USP. Com seu trabalho prestou inestimável serviço à Santa Casa de São Paulo e nos fez ver a importância da iconografia.

Com o correr dos anos os progressos eram evidentes. A Santa Casa como um todo refazia-se dos prejuízos que tivera com a ida de parte de seu corpo clínico para o novo Hospital das Clínicas da USP.

Em 1958 nosso serviço participou com apoio científico, durante a epidemia de gripe que assolou o Estado de São Paulo e o Brasil. Autopsiamos 58 casos que foram devidamente estudados e que resultaram em publicação científica do Dr. Marigo. Parte do equipamento que fora adquirido para o Hospital de emergência criado pela Santa Casa, no bairro de Pacaembú, foi cedido ao nosso serviço que já havia mudado para as instalações nas quais nos encontramos até hoje. Também sob este aspecto nosso serviço foi pioneiro pois, além de modernas, as novas salas situavam-se no centro geográfico do Hospital Central e passou a ser também o centro científico, pela facilidade com que os médicos afluíam e pelo excelente ambiente que encontravam. O serviço já contava, então, com a colaboração do Dr. Roberto Aun, que era assistente de Anatomia Patológica da Escola Paulista de Medicina e admitiu o Dr. Mário H. Okuyama e a Dra. Viola Toth originária da Hungria onde era anatomopatologista. Foram posteriormente contratados, Helena Müller em 1961, Jeronymo Stecca e Mercia Barkteevich em 1965.

A Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo

A partir do início do ano de 1962 amadurecia a idéia da criação de nova Faculdade de Medicina, na Santa Casa. Diversos médicos das diferentes clínicas, jovens e entusiasmados, foram progressivamente se organizando até a criação da Associação dos Médicos da Santa Casa de São Paulo, sob a presidência do cirurgião Emílio Athiè. A luta pela formação da Faculdade foi grande pela oposição ferrenha que alguns dos antigos médicos faziam pela alegação, dentre outras, que a Santa Casa, pela sua austeridade, poderia ser prejudicada pela quantidade de estudantes que viriam. Apesar de tudo a idéia estava se tornando realidade. Quais seriam os moldes da nova Faculdade? Os mais jovens repugnavam a idéia da organização em cátedras, simpática à maioria dos chefes de clínicas de então. Emílio Athiè à frente da nova Associação levantou a idéia posteriormente vitoriosa da organização departamental sem professores catedráticos, novidade que somente existia em raras Faculdades de vanguarda nos Estados Unidos da América do Norte.

A Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo foi inaugurada em Maio de 1963 e seu primeiro Conselho Departamental contou com os ilustres nomes do Professor Maffei, Eduardo da Costa Manso e Oscar Monteiro de Barros.

O sonho se realizou....

Nos primeiro e segundo anos da nova Faculdade, eu, Marigo, Helena, Viola e Mário, auxiliávamos o ensino de Histologia e Embriologia, no Departamento de Morfologia, sob a direção do Prof. Orlando Jorge Aidar.

Departamento de Ciências Patológicas

No terceiro ano, em 1965, foi criado o Departamento de Ciências Patológicas também inédito para à época pois abrangia as disciplinas de Microbiologia e Imunologia, Parasitologia e Genética médica, cada uma com um especialista responsável, todas integradas em único programa de ensino. As disciplinas de Patologia Geral e Anatomia Patológica dos Órgãos e Sistemas, com os membros do serviço de Anatomia Patológica, foram incorporadas, na filosofia de integração que regia a formação dos Departamentos da escola.

A convivência com aquelas disciplinas foi extraordinariamente benéfica pois permitiu que nossos horizontes de patologistas fossem ampliados com conhecimentos indispensáveis das outras especialidades de Microbiologia e Imunologia, Parasitologia e Genética, hoje enriquecidas com a Biologia Molecular.

O arquivo de documentação progrediu de maneira extraordinária. No Departamento existem hoje cerca de 50.000 diapositivos, de Patologia Geral e das diversas especialidades, como Patologia óssea, Neuropatologia, Nefropatologia, Dermatopatologia, Patologia do Aparelho Digestivo, do aparelho respiratório e outros, atualizado pela informática e "Internet".

O entusiasmo pelo ensino na nova Faculdade, aliado ao estímulo que o Prof. Maffei nos proporcionava, fez com que fossem ministrados excelentes cursos, com ótimos resultados comprovados pelo interesse cada vez maior de alunos pela residência em Patologia recentemente criada e patrocinada pela Santa Casa.

Era visão de nosso Departamento que a Faculdade somente se consolidaria à medida que o alunos que se formassem fossem ficando nos diversos Departamentos do Hospital. Dentre os primeiros alunos que haviam se formado e foram nossos primeiros residentes estão Mario Alberto de Souza Paino e Mario Spozati. Este, por motivos pessoais, não seguiu a carreira de patologista mas não se arrependeu das bases científicas que teve e hoje é professor de Medicina preventiva em nossa Faculdade. Paino prosseguiu e faz brilhante carreira em Araraquara. Até os dias de hoje nosso Departamento formou cerca de 75 residentes, em sua maioria ex-alunos de nossa Faculdade e também de outras escolas.

Em 1970, Maria de Fátima Araújo originária da Faculdade de Medicina de Sorocaba foi admitida. Logo depois, também de Sorocaba e nosso ex-residente, foi contratado o Dr. Roberto Pinto Paes atualmente importantes membros do Departamento.



1953

José Donato de Próspero, Carlos Marigo, e Zelma Marques, (Primeira secretária do Departamento).

O departamento tem recebido numerosos estagiários, procedentes de diversas escolas do país, alguns do exterior.

Tenho a certeza que todos os ex-residentes que não ficaram no Departamento saíram satisfeitos com a formação que tiveram pois ambiente familiar, de respeito mútuo, de intenso trabalho e dedicação à Patologia foi-lhes proporcionado. A orientação que todos nós assimilamos do Prof. Maffei e que temos procurado manter, foi de enorme valia.

Com o correr dos anos o Departamento foi enriquecido com a admissão de Carmen Lúcia P.

Lancellotti, Dino Martini Filho, Carlos D'Andretta, Giulio Cesare Santo, Denise Malheiros, Geanete Pozan, todos ex-alunos e ex-residentes de nossa Faculdade, que hoje fazem parte do corpo efetivo do Departamento e brilham na carreira de patologistas. A Dra. Lenira Mecelis também efetiva, é originária da Faculdade de Medicina de Marília.

Recentemente foram admitidos Marília Germanos de Castro e Maria Fernanda C. Amary ambas com enorme potencial de progresso, recém formadas na Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa.

Desde 1952, portanto, o Departamento de Patologia da Santa Casa de São Paulo realiza enorme trabalho de assistência ao Hospital e a partir de 1963 também ao ensino de Patologia e à pesquisa. Realizou até o presente cerca de 36.500 autópsias. Por ano , cerca de 25.000 exames anatomopatológicos de biópsias e peças cirúrgicas, cerca de 1000 exames por métodos de imuno-histoquímica e em torno de 1000 exames por método de congelação durante o ato cirúrgico. Participa semanalmente de diversas reuniões com radiologistas, ortopedistas, neurocirurgiões, cirurgiões em geral, dermatologistas, clínicos, cardiologistas e outras especialidades. Ministra seus cursos de graduação nos terceiro e quarto anos da Faculdade. Os professores do Departamento, com freqüência, colaboram em cursos de outras Faculdades de Medicina, tanto na capital como no interior do Estado.

Com o advento dos cursos de pós-graduação, a Faculdade teve enorme progresso e numerosas teses têm sido defendidas em seus diversos Departamento, muitas das quais com a colaboração do Departamento de Patologia. Recentemente foi aprovado o curso de mestrado em Patologia. Alguns dos professores de nosso Departamento são credenciados nos cursos de pós-graduação da Faculdade de Medicina da USP e da Escola Paulista de Medicina .

Em sua maioria, os membros do grupo efetivo do Departamento têm título de Mestre, Doutor e Livre-docente em Anatomia Patológica.

Quanto à pesquisa, o Departamento tem enorme folha de serviço pois sempre participou dos Congressos da Sociedade Brasileira de Patologia e de numerosos outros das mais variadas especialidades, no Brasil e no exterior. Seria impossível detalhar aqui todo o currículo do Departamento, do qual nos orgulhamos.

É enorme a quantidade de trabalhos publicados e os professores já orientaram e orientam numerosas teses de mestrado e doutorado não só no âmbito da Faculdade com em outras escolas da capital e do interior .

O arquivo de diapositivos, com tanto carinho organizado pelo Prof. Maffei, trabalha hoje à maneira de biblioteca pela contribuição que presta aos mais diversos médicos e estudantes de medicina que os empresta para apresentações em aulas, defesas de teses e outras atividades científicas.

O falecimento do Prof. Maffei, em Setembro de 1991, provocou profunda consternação em nosso Departamento, em nossa Faculdade e em toda a classe médica, particularmente nos inúmeros patologistas que direta ou indiretamente foram por ele influenciados por sua personalidade e pelo seu inesgotável saber científico e cultural.

É muito difícil continuar e manter a chama de entusiasmo e verdadeiro amor pela Patologia que tinha este professor. Todos nós, seus sucessores, tudo temos feito para mantela.

Os assistentes e os chefes que lhe sucederam jamais o esquecem e com freqüência relembram suas opiniões, algumas à época aparentemente tão descabidas, muitas das quais hoje tão atuais.

São os seguintes os membros do Departamento que sucederam o Prof. Maffei na chefia:

Dr. José Donato de Próspero
Dr. Carlos Marigo
Dra. Carmen Lúcia Penteadó Lancellotti

Além deles, são estes os atuais membros do Departamento :

Helena Muller, Mario H. Okuyama, Roberto Pinto Paes, Maria de Fátima Araújo, Carlos D'Andretta, Lenira Rocha Mecelis Rangel, Giulio Cesare Santo, Dino Martini Filho, Geanete Pozan, Maria Antonita Longo Galvão, Denise Malheiros, Maria Fernanda Carriel Amary, Marília Germanos de Castro.

São residentes:

R3 Cristiano Luiz Horta de Lima Junior, Juliana Petinatti, Cesar Cilento Ponce;

R2 Renata B. Palhares , Paulo José B. de Albuquerque, Luciene Lage da Mota;

R1 Cristiane Maria de Freitas Ribeiro, Bernardo Gomes de L. Almeida, Gabriela Di Giunta.



1964

A. James Brandi, Helena Müller, Roberto A. Aun, Walter E. Maffei. J. Donato de Próspero, Luiz G. Saraiva, Carlos Marigo e Viola Toth (da esquerda para a direita).



1997

Mario A. Souza Paino primeiro residente do Departamento, atualmente patologista em Araraquara e Lenira Mecelis Rangel, assistente.



1999

Carmen Lucia Lancellotti e Marília Germanos de Castro, da nova geração de Patologistas.



1999

Parte do atual grupo de Departamento

Conclusão

Esta é a historia resumida do Departamento de Patologia da Santa Casa de São Paulo e da Faculdade de Ciências Médicas.

É historia de lutas, alegrias, algumas agruras, mas sempre muito trabalho e dedicação à Patologia com a finalidade de aprimorar conhecimentos, pesquisar e bem servir à assistência em nossa magnífica e tradicional centenária Santa Casa .

Se mais não fizemos foi porque não pudemos.

O possível e até o aparentemente impossível foi feito.

Aos atuais membros do Departamento e aos que nos sucederem, minhas homenagens e votos para que mantenham a chama que o Prof. Maffei acendeu em 1952.

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NA FACULDADE DE MEDICINA DE BOTUCATU - UNESP

Mario Rubens Guimarães Montenegro & Kunie I. Rabello Coelho

Introdução

A história da Patologia em Botucatu está fortemente ligada à história da Faculdade de Medicina. Em 1960, por indicação do então Reitor da USP, Antonio Barros de Ulhoa Cintra, foi criado um grupo de trabalho encarregado de apresentar ao Governo do Estado um “Plano de Atividades Universitárias”. Este plano, entre outras propostas, previa a criação de unidades de ensino voltadas ao ensino integrado de Biologia e Ciências da Saúde. Em 1962, por pressão política originada da população de Botucatu, o Governador Carvalho Pinto indicou ao Reitor a oportunidade de que fosse criada uma Faculdade de Medicina em Botucatu, já que lá existia um grande hospital que nunca chegara a funcionar.

O Reitor, consciente da proposta do “Plano”, ouvindo os Diretores das Faculdades das áreas de Biologia e Biomédicas da USP, propôs que no lugar de uma Faculdade de Medicina fosse criada uma “Faculdade de Ciências Médicas e Biológicas” (FCMBB) que contasse com um núcleo forte de Biologia Básica que serviria de apoio aos cursos profissionalizantes de Biologia, Medicina e Medicina Veterinária. A FCMBB foi então criada e logo após seu início foi acrescentado o curso de Agronomia.

A proposta, atendendo ao “plano”, previa que as disciplinas básicas fossem comuns aos alunos de todos os cursos e que na contratação de docentes para todas as disciplinas, mesmo as profissionalizantes, fossem selecionadas pessoas com experiência em pesquisa e que se dispusessem a trabalhar em Dedicção Exclusiva (DE).

Um de nós, Prof. M. R. Montenegro, que na época era docente do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da USP, participou do “Conselho Deliberativo”, órgão do Conselho Universitário da USP, designado para instalar a novel instituição que começou a funcionar em início de 1963.

A primeira ação relacionada a “Patologia em Botucatu” foi a criação, em 1963, de um Departamento de Patologia englobando as Disciplinas de Imunologia, Microbiologia, Parasitologia e Patologia Geral que deveriam ser ensinadas ao conjunto dos alunos de Biologia, Medicina e Veterinária e logo depois, aos de Agronomia. Havia também a disciplina de Patologia Especial aos alunos da Medicina. O departamento assim composto tinha como objetivo o ensino na graduação das quatro disciplinas e assim progrediu até a criação do curso de “Agressão e Defesa” onde todos os docentes e mais os docentes da Saúde Pública participaram do ensino que sempre que possível era ministrado baseado em modelos experimentais executados pelos alunos.

Patologistas, Imunologistas, Microbiologistas, Parasitologistas, Médicos, Biólogos e Veterinários perceberam que as barreiras entre suas disciplinas e profissões foram desaparecendo quando se considerava a Patologia como a “Biologia da Doença”. A experiência foi muito positiva e entusiasmou alunos e professores.

Porém, em 1976 com a criação da UNESP (feita sem consulta e contra a opinião da maioria dos docentes), a FCMBB foi desmembrada em um Instituto Básico de Biologia Médica e Agrícola (hoje Instituto de Biociências - IB) e em 3 Faculdades, de Medicina, Medicina Veterinária e Ciências Agrônômicas. Nesse processo, o Departamento de Patologia da FCMBB foi desmembrado: as disciplinas de Imunologia, Microbiologia e Parasitologia ficaram para o IB e as de Patologia Geral e Patologia Especial ficaram na Faculdade de Medicina. A Faculdade de Medicina Veterinária criou as suas próprias disciplinas de Patologia Geral e Especial. A proposta bem sucedida da FCMBB foi destruída para se retornar ao antigo modelo Uspiano.

Quando, em 1963, a FCMBB iniciou os seus cursos, havia apenas um patologista, o Prof. M. R. Montenegro, “emprestado” da USP na instituição sendo ele o responsável pela criação do Departamento de Patologia que foi instalado em um conjunto de algumas salas do prédio que mais tarde seria o Hospital das Clínicas, próximo às salas da disciplina de Histologia; no início seus laboratórios eram comuns.

Adquirir microscópios, preparar coleções de lâminas para ensino, criar um arquivo de slides didáticos foram as primeiras preocupações juntamente com a necessidade de contratação de docentes. Conseguir jovens que estivessem dispostos a vir trabalhar em Botucatu, uma cidade desconhecida do interior de São Paulo, em DE, não foi fácil. Porém a Patologia teve sorte porque conseguiu trazer para cá, logo no seu início, uma patologista experiente: a Dra. Lor Cury, que após treinamento em Patologia na Faculdade de Medicina da USP (FMUSP) estava chegando de seu estágio de 4 anos no “University of Kansas Medical Center”.

Os pioneiros começaram, além de ensinar e montar um serviço de patologia cirúrgica com casos enviados pelos médicos da região de Botucatu e de Bauru onde, na época, não havia patologistas, a realizar raríssimas autópsias, em instalações improvisadas. Logo a seguir foram contratados a Dra. Kunie Iabuki e o Dr. Celso Rubens Vieira e Silva, ambos formados na Faculdade de Medicina da PUC, em Sorocaba. A Dra. Kunie era residente de Pediatria no Hospital Infantil Darcy Vargas em São Paulo onde vinha fazendo autópsias de crianças sob a orientação do Dr. Thales de Brito. O Dr. Celso era recém graduado e havia freqüentado o Serviço de Patologia da Faculdade de Medicina de Sorocaba como estagiário voluntário nos últimos anos de seu curso médico.

Com o objetivo de aprimorar estes jovens graduados em Sorocaba foram eles enviados para estágios, primeiro no Departamento de Patologia da FMUSP sob orientação do Dr. Kiyoshi Iriya e do Dr. Marcello Franco, e depois no Serviço de Patologia do Hospital do Servidor Público de São Paulo, sob orientação do Dr. L. C. Mattosinho França, e por fim no Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, sob orientação do Prof. Zilton Andrade e sua equipe. Receberam treinamento em autópsias e patologia cirúrgica e, no Hospital do Servidor, Citopatologia, especialidade que se iniciava em São Paulo, na época. Na Bahia ambos foram expostos a um grupo fortemente envolvido com pesquisa.

A Dra. Kunie de volta a Botucatu montou o serviço de Diagnóstico Citológico.

A seguir foi contratado o Dr. Marcello Franco, Prof. Assistente do Departamento de Patologia da FMUSP, que já veio com boa formação acadêmica e profissional. Logo após sua contratação, o Dr. Marcello estagiou por cerca de 1 ano nos laboratórios de imunologia do Instituto de Medicina Tropical da USP (IMT) sob orientação do Dr. Thales de Brito.

Como vimos, desde seu início, o Departamento de Patologia desenvolveu uma política de aperfeiçoamento de seus docentes procurando que fossem expostos a ambientes diferentes, fora de Botucatu, como forma de aumentar não só seus conhecimentos como também a sua crítica sendo estimulados a aprender novas técnicas.

Outra característica do Departamento foi a de defender o conceito de que o que importa em Patologia Geral é a formação acadêmico/científica e não a profissão de seus docentes. Nesta linha, foram contratados uma bióloga, a Bel. Maria Cristina Iwama, e um veterinário, o Dr. Viciany Erique Fabris, que fez iniciação científica e Residência no Departamento. A seguir foi contratado um médico, o Dr. José Carlos Diniz da Gama que era Prof. Assistente da Faculdade de Medicina da PUC de Sorocaba.

Posteriormente foram contratados os Drs. João Lauro Viana de Camargo**, Anete Kinumi Ueda**, Júlio Defaveri*, Edneia Miyki Tani*, Maria Aparecida Marchesan Rodrigues*, Rosa Marlene Viero***, Carlos Eduardo Bacchi*, Maura Moscardi Bacchi*, Fernando Lander Schmitt***, Mariangela Alencar Marques*, e Eliane Souto de Abreu****, todos médicos e ex-

residentes do Departamento. Alguns deles se graduaram em Botucatu (*), outros na PUC-Sorocaba (**), na Universidade Federal de Santa Maria (***) e na Universidade Federal do Ceará (****).

A orientação de que todos fizessem estágios no Brasil e no exterior continuou sendo aplicada. Assim a Dra. Kunie estagiou no “Regional Virus Laboratory-East Birmingham Hospital”, em Birmingham, na Inglaterra, e trabalhou com pesquisa e diagnóstico de doenças à vírus. O Dr. Marcello estagiou em Londres no “Mathilda and Terence Institute of Rheumatology” serviço voltado a investigações em imunologia. A Dra. Cristina estagiou no “Medical Research Council” em Cambridge, Inglaterra, em serviço com grande experiência em citopatologia. O Dr. Viciany estagiou no “Department of Pathology, University of Alabama” em Birmingham, nos USA, trabalhando com patologia comparada e com efeitos da amônia na mucosa nasal de animais experimentais. O Dr. João Lauro passou 2 anos no MIT em Boston, USA, com grupo voltado a patologia de desnutrição. O Dr. Júlio foi para o “VA Hospital - University of Texas at Santo Antonio”, USA, em serviço voltado a patologia de doenças causadas por fungos. A Dra. Edneia foi para Tokyo, Japão, no serviço do Dr. Massayuki Takahashi, na época, um dos líderes mundiais da citopatologia. A Dra. Rosa passou 2 anos no “Department of Pathology, Cincinnati College of Medicine”, em nefropatologia, USA. O Dr. Bacchi e a Dra. Maura, trabalharam no Scrips Clinic em La Jolla, California, com imuno-histoquímica. O Dr. Fernando estagiou no Instituto de Patologia da Universidade do Porto, Portugal, trabalhando com patologia e biologia molecular do carcinoma de mama. A Dra. Mariângela está estagiando na “Indiana University School of Medicine”, USA, em serviço de dermatopatologia.

Estes primeiros estágios tiveram duração de 2 anos e quase todos os nossos docentes fizeram outros estágios de pós doutorado no exterior, uns longos e outros curtos. A Dra. Maria Aparecida fez estágio curto no Japão, e a Dra. Rosa, na Suécia.

Mais recentemente a UNESP criou a figura do “pesquisador” reservada a profissionais com título mínimo de doutor com experiência em pesquisa sendo sua atividade limitada à investigação e apoio a pós-graduação. O Departamento de Patologia conta com 3 pesquisadores: Dra. Denise Fecchio, doutorada no Departamento de Imunologia da USP, com pós doutorado no Canadá, e Dras. Lúcia Regina Ribeiro e Daisy Maria Favero Salvatori, ambas com doutorado em genética no IB da USP e pós doutorado em Leiden, Holanda.

Nem todos os citados permanecem em Botucatu: o Dr. Marcello é hoje Prof. Titular de Patologia na UNIFESP, a Dra. Lor foi para o Departamento de Fisiologia do IB da USP, a Dra. Edneia foi contratada no Serviço de Citopatologia do Karolinska Hospital na Suécia, o Dr. Fernando foi contratado pelo Instituto de Patologia do Porto em Portugal, o Dr. Celso tem um laboratório privado em Piracicaba e o Dr. Diniz aposentou-se e abandonou a patologia. Hoje o corpo docente do Departamento conta com 1 Mestre, 7 Doutores, 3 Livre-Docentes, 1 Prof. Titular e 1 Prof. Emérito que é pesquisador do CNPq e professor voluntário do Departamento.

As Funções do Departamento de Patologia

1. Ensino

1.1 Ensino na Graduação

Quase todos os docentes realizaram cursos de Didática, Metodologia de Ensino e Avaliação no NUTES-CLATES da UFRJ. Como resultado, o Departamento participou do “Programa Interuniversitário de Ensino de Patologia”, financiado pela “W.K. Kellogg Foundation”. Esse programa cooperativo dos Departamentos de Patologia das Faculdades de Medicina da UFBA, da UFF, da USP de São Paulo e da UNESP de Botucatu, tinha como objetivo melhorar o ensino de Patologia Geral no Brasil. Foram criados um livro de texto de baixo custo (Barretto Netto, M.; Montenegro, M. R.; Brito, T. & Andrade, Z. - “Patologia,

Processos Gerais”, PIEP, Niterói, 1979 - 2ª ed. 1984 - 3ª ed., Atheneu, 1992) e coleções de lâminas e diapositivos relacionados ao texto. Foram oferecidas bolsas de estudo para docentes de fora dessas 4 regiões componentes do programa, para que estagiassem por 4 meses em um dos departamentos de coordenação e se familiarizassem com os métodos de utilização desse material didático. As bolsas acabaram ao término do apoio da Kellogg Foundation, mas o livro está na sua 4ª edição (Atheneu, 1999).

Esse é o perfil da preocupação do grupo com o ensino, que é dividido em dois cursos:

Patologia Geral: É oferecida aos alunos de Ciência Biológicas (40 alunos), de Enfermagem (20 alunos) e de Medicina (90 alunos), separadamente, com ênfases diferentes. Nesse curso não há mais a possibilidade de repetir a experiência do “Curso de Agressão e Defesa”. Entretanto, a forma de ministrar o curso tem sido motivo de contínua atenção do grupo responsável.

Os livros de texto recomendados são Robbins “Pathologic Bases of Disease” e Montenegro e Franco “Patologia-Processos Gerais”.

Patologia Especial: Era um curso contínuo com duração de um ano, ministrado como disciplina separada das demais do curso médico, no 3º ano. Atualmente é dividida em Patologia Especial I e II oferecidas sob forma de Patologia e Clínica de Órgãos e Sistemas onde se procura a integração Anátomo-Clínica, com cooperação dos clínicos e cirurgiões de diferentes áreas. Tem duração de dois anos, no 3º e 4º anos.

1.2 Pós-Graduação

Curso de “Bases Gerais da Cirurgia - Cirurgia Experimental”, o primeiro curso de pós-graduação da UNESP, fundado em 1976, conta com a colaboração de docentes do Departamento de Patologia, sendo que o Prof. Montenegro pertenceu a seu “Conselho” desde a sua fundação. O curso visa o uso da cirurgia como ferramenta de pesquisa tendo formado número apreciável de médicos de várias especialidades, inclusive de Patologia. Foi considerado “A” pela CAPES desde sua fundação até a última avaliação.

Curso de Patologia, iniciado em 1989, desde sua primeira avaliação recebeu “A” da CAPES sendo que em 1998, como os outros três melhores conceituados cursos de Patologia do Brasil (USP - São Paulo, USP - Ribeirão Preto, UFMG), recebeu nota 5.

Quando criado, havia 4 cursos de Pós-Graduação em Patologia em São Paulo: FMUSP, Escola Paulista de Medicina, USP - Ribeirão Preto e Faculdade de Medicina, Veterinária da USP. Com exceção do último, todos eram restritos a médicos. Os cursos da FMUSP e da EPM, como aliás, a quase totalidade dos Cursos de Patologia no Brasil eram voltados à formação profissional com pouca ênfase em pesquisa: treinavam patologistas.

Nosso curso, como o de Ribeirão Preto, o da UFBA e o de Patologia Experimental da UFF tem como objetivo a formação de pesquisadores em patologia.

Sua ênfase é em Patologia Geral e nos conhecimentos de áreas cada vez mais a ela ligadas como Imunologia, Oncologia, Farmacologia, Genética, por exemplo.

As disciplinas do curso têm sido definidas em função da existência no Campus de Botucatu de grupos atuantes envolvidos no estudo e pesquisa das áreas correspondentes. Desta forma esperamos que os alunos tenham contato com professores pesquisadores, críticos e atuantes na criação de conhecimento.

Para a admissão é exigida proficiência em inglês e a seleção se faz baseada no currículo, na apresentação do plano de pesquisa devidamente abonado pelo orientador credenciado pelo curso e entrevista pela banca, indicada pelo Conselho do Curso. Os créditos

podem ser obtidos em disciplinas e em atividades, como estágios em laboratórios. Contam-se também alguns créditos por atividades profissionais, atividade didática na graduação e publicações.

As linhas de pesquisa do curso como referido são definidas pela existência de atividade de pesquisa na área, como por exemplo Paracoccidiodomicose, Carcinogênese Química Experimental, Modulação da Genotoxicidade, Modulação da Inflamação, Biologia Molecular nas Leucemias e Linfomas, etc.

Até 1998 o curso formou 21 mestres e 16 doutores.

1.3 Residência Médica

Teve início em 1971, juntamente com as demais residências da Faculdade de Medicina e desde então oferece 3 vagas por ano, com duração de 3 anos.

Os residentes recebem treinamento profissionalizante em autópsias, patologia cirúrgica e citopatologia. Faz parte do programa de treinamento, não só fazer diagnósticos, mas também a apresentação de casos em reuniões internas do Departamento e em reuniões anátomo-clínicas. São também estimulados a participar do ensino e a apresentar trabalhos em congressos da especialidade, sob orientação de docentes. Frequentam as reuniões da Associação de Patologistas do Estado de São Paulo (APESP) que acontece a cada mês e meio em diferentes locais do interior do estado. Essas reuniões têm como objetivo discussões de casos mais interessantes dos patologistas associados e Botucatu quase sempre apresenta um caso; geralmente é apresentado pelo residente responsável pelo mesmo.

Todos os residentes treinados aqui foram aprovados nos exames realizados pela Sociedade Brasileira de Patologia e Sociedade Brasileira de Citologia para obtenção de títulos de especialista em Patologia e em Citopatologia, respectivamente.

Mantendo a nossa tradição de expor nosso pessoal a outros serviços, os residentes devem estagiar em outros laboratórios por 2 meses no 2º ano e por 3 meses no 3º. Alguns escolhem serviços acadêmicos como o Departamento de Patologia da FMUSP - SP, outros escolhem serviços com grande movimento de Patologia Cirúrgica como o Hospital AC Camargo em São Paulo ou INCa no Rio, outros ainda estagiam com patologistas experientes em seus laboratórios privados. Alguns vão para o exterior e estagiam em serviços conhecidos de um docente do departamento ou com os quais mantemos intercâmbio como o Hospital Karolinska na Suécia e o Instituto de Patologia do Porto.

Quando voltam expõe ao Departamento sua experiência.

Até 1998 foram treinados 76 residentes.

O Departamento mantém contato com nossos ex-residentes especialmente nas reuniões da APESP e nos Congressos de SBP; muitos deles nos visitam e nos trazem casos para discutir. Nossos egressos estão bem; apenas 2, que sabemos, abandonaram a especialidade. Muitos, 17, entraram para a vida acadêmica e são docentes em Universidades de São Paulo e de outros estados e mesmo do exterior. Os demais trabalham em seus laboratórios ou se associaram a grandes laboratórios privados ou estatais.

1.4 Curso de Aprimoramento para Profissionais de Área de Saúde

O governo do Estado de São Paulo oferece bolsas para treinamento profissional de graduandos em cursos superiores da área de saúde. As bolsas tem duração de 2 anos e são realizadas em tempo integral.

A partir de 1981, a Faculdade de Medicina passou a participar do programa e desde então jovens fizeram seu aprimoramento em citopatologia, citotécnica, imunopatologia, toxicopatologia e métodos de diagnóstico em doenças virais. Até 1998 o Departamento formou 18 aprimorandos. Muitos destes jovens terminando o aprimoramento ingressaram em cursos de Pós-Graduação.

1.5 Treinamento de Pessoal

Como resultado do interesse do grupo pela pesquisa e pela introdução de novas técnicas o Departamento, além dos bolsistas de aprimoramento, tem oferecido treinamento e reciclagem a inúmeros profissionais e técnicos da área biomédica de várias partes do país, em citopatologia, técnicas de imunofluorescência, imuno-histoquímica e sorodiagnóstico. São estágios curtos que permitem aos visitantes aprender ou se aprimorar nas técnicas.

2. Assistência

2.1 Autópsias

O Departamento é responsável pelas autópsias dos pacientes falecidos no HC (136 em 1998) e pelo serviço de verificação de óbitos (SVO) da região (222 em 1998). No passado até 60% dos óbitos do HC eram autopsiados; hoje este número caiu para 30 a 40%, acompanhando a tendência em todo o mundo.

O serviço de autópsia funciona 24 horas por dia, 365 dias por ano, pois, continuamente há um docente e um residente de plantão. Este plantão não se resume às autópsias mas também cobre urgências de patologia cirúrgica (congelamentos) e de citopatologia (punção por agulha fina).

As autópsias em sua maioria são realizadas pelos residentes que são acompanhados pelo docente de plantão. As de VO são também responsabilidade dos residentes e são razoavelmente completas, com estudo histológico das lesões mais importantes. O atestado é assinado pelo residente após discutir a macroscopia com o docente.

Há reuniões gerais de autópsias uma vez por semana; essas reuniões são seguidas de apresentações dos casos aos clínicos interessados. Casos selecionados são levados a reuniões anátomo-clínicas mensais com diversas especialidades clínicas e cirúrgicas.

O material das autópsias é utilizado em pesquisa quer em inquéritos de frequência de doenças ou como estudo, especialmente de certas doenças como a paracoccidiodomicose. Fornece ainda insubstituível material de ensino. Lembramos que com frequência o material de autópsia é estudado por técnicas de imuno-histoquímica e ultraestrutura.

Para o HC a autópsia é um importante meio de avaliação da qualidade da assistência prestada.

2.2 Patologia Cirúrgica

O Departamento recebe cerca de 8000 biópsias e espécimens cirúrgicos ao ano e todo esse material é processado pelos residentes sob supervisão direta dos docentes.

No treinamento dos Residentes de Patologia, além da responsabilidade pelos seus casos, outros casos incomuns, interessantes ou didáticos, são selecionados e apresentados em uma das reuniões semanais; esses casos são discutidos pelos residentes e docentes e frequentemente são ponto de partida para atualização do grupo em alguns tópicos. O material

de patologia também se presta à inquéritos, mas é especialmente útil em investigação da aplicação de novas técnicas de diagnóstico.

Neste sentido o Departamento vem trabalhando na introdução de vários métodos e técnicas de microscopia eletrônica, imuno-histoquímica e biologia molecular sendo, inclusive, pioneiro na introdução da imuno-histoquímica no Brasil. Nossos laboratórios trabalham com métodos que permitem conhecer a histogênese das neoplasias, a detecção de oncogenes, marcadores tumorais na avaliação prognóstica de neoplasias, determinar a presença de receptores tumorais, especialmente em tumores mamários, classificação de linfomas e leucemias, diagnóstico de infecções bacterianas, virais ou por protozoários, assim como no diagnóstico de algumas doenças metabólicas.

Estes métodos permitem aumentar em muito a eficiência e especificidade do diagnóstico e a avaliação do prognóstico dos tumores malignos, doenças infecciosas e de doenças ligadas a desordens imunitárias.

O Departamento tem, já há anos, tido a contribuição como patologistas consultores, na área de Patologia Cirúrgica e Citopatologia, de experientes patologistas do Estado de São Paulo, como o Dr. Fred Ellinger, Dr. Celso Rubens Vieira e Silva e Dr. Ulisses Frederigue . Uma vez por mês, eles trazem sua experiência para nosso grupo e fazem o controle de qualidade da atividade diagnóstica.

2.3 Citopatologia

2.3.1 Citologia Esfoliativa

O Departamento realizou 28700 exames citológicos desta natureza em 1998. Estes exames tem 2 objetivos que são o diagnóstico de processos já instalados e o diagnóstico precoce de neoplasias. Toda a prevenção do câncer ginecológico da região é feita no Departamento com apoio do SUS (cerca de 20000 citológicos/ano).

A citologia esfoliativa se aplica também para diferentes tipos de secreções como escarro, urina, lágrima, derrames cavitários, lavados brônquicos, etc.

2.3.2 Punção Aspirativa por Agulha Fina

O Departamento realizou 1508 exames em 1998; trata-se de técnica de grande valor diagnóstico por ser não invasiva, permitindo o diagnóstico e acompanhamento de lesões superficiais e mesmo profundas, no ato operatório ou punções guiadas por Ultra Som. Os residentes participam da coleta e exame do material. Nosso grupo de citologia é muito bem treinado sendo que vários de nós estagiamos em centros diferenciados no Japão, Suécia e Canadá; mais ainda, recebemos quase todos os anos a visita de citopatologistas estrangeiros. O grupo tem várias publicações sobre o tópico, oferece cursos e seminários em Botucatu e fora de Botucatu.

2.4 Imunopatologia

Em parte, como resultado da pesquisa em imunopatologia, o grupo criou e inovou várias técnicas que acabaram sendo introduzidas na rotina do HC. Assim, além de realizar várias técnicas sorológicas para diagnóstico de paracoccidiodomicose (2835 em 1998), o Departamento é também responsável pelas detecção e dosagens de vários tipos de anticorpos tais como anticorpos anti-DNA, anti-músculo liso, anti-mucosa gástrica, anti-miocárdio, anti-membrana basal glomerular, assim como de depósitos de imunoglobulinas e frações do

complemento em biópsias de pacientes do HC. O serviço recebe cerca de 8000 destes exames por ano.

2.5 Toxican

Em fevereiro de 1995, com o apoio da Reitoria da UNESP, o Departamento de Patologia instalou o Núcleo de Avaliação Toxicogenética e Cancerígena (TOXICAN).

O TOXICAN atua nas áreas de pesquisa e formação de recursos humanos em mutagenese e carcinogênese química, e na assessoria do governo brasileiro e da indústria químico-farmacêutica na questão de registro e regulamentação de agentes químicos. Assim, é um laboratório de desenvolvimento tecnológico, de treinamento científico e de prestação de serviços. O TOXICAN tem desenvolvido estudos contratados pela indústria, sob a condição de segredo industrial e, além deles, projetos de pesquisa estão sendo executados por alunos de pós-graduação, vinculados a seus trabalhos de titulação (Mestrado ou Doutorado) ou ao desenvolvimento do protocolo do teste *in vivo* de Média Duração em Múltiplos Órgãos (DMBBD) para a detecção de cancerígenos químicos. Este teste curto é menos oneroso que o convencional representa uma solução conveniente para a carência de *know-how* na área de carcino/mutagenicidade química que existe nos países latino-americanos.

O TOXICAN tem grandes chances de ser um exemplo de abertura da FMB para o setor privado: capta recursos, está se tornando competitivo cientificamente e não perde de vista a questão acadêmica, pois envolve os alunos de PG em pesquisas voltadas para o entendimento dos mecanismos de carcinogênese que são desencadeados durante os testes de média duração. Já foram defendidos dois doutorados e dois mestrados, dentro das linhas de pesquisa desenvolvidas pelo TOXICAN.

3. Pesquisa

O Departamento de Patologia foi iniciado por docentes habituados ao trabalho em dedicação exclusiva e, desde o início, tudo se fez para desenvolver investigação. Um dos primeiros passos foi propiciar as condições para que todos os docentes fizessem estágios em centros em que se fazia pesquisa de bom nível no Brasil. Passada essa fase, procurou-se facilitar viagens a centros estrangeiros de investigação.

O planejamento do estágio sempre foi opção de cada docente, havendo interesse maior por aprimoramento em doenças infecciosas, imunitárias, em patologia da desnutrição, em técnicas diagnósticas, mutagênese e oncogênese.

Todos os docentes graduados depois de 1970 fizeram pós-graduação em cursos que davam ênfase em experimentação e quase todas as suas dissertações e teses foram experimentais.

3.1 A primeira e uma das mais produtivas linhas de pesquisa do Departamento é o estudo da Paracoccidiodomicose (Pbmicosse)

O primeiro trabalho de nível internacional nesta área foi a tese de doutorado da Dra. Kunie orientada pelo Dr. Montenegro. Propuzeram a utilização do hamster como modelo experimental da Pbmicosse tendo estudado a correlação das lesões histológicas e ultraestruturais com a resposta imune humoral.

A seguir uma série constante de teses e publicações foram produzidas usando o modelo sendo que até hoje docentes do Departamento, mestrados e doutorandos continuam com ele trabalhando.

O grupo realizou, em Botucatu os dois primeiros “Encontro Internacional sobre Paracoccidiodomicose” e participou da edição de “Paracoccidiodomycosis”, livro publicado pela CRC Press.

3.2 Laboratório de Imunopatologia

Logo após o regresso do Dr. Marcello do seu estágio no IMT, montou ele no Departamento um laboratório de imunopatologia que vem dando apoio importantíssimo a numerosas dissertações, teses e publicações não só no Departamento como também de docentes da Faculdade de Medicina de Botucatu e mesmo de outras Instituições.

Hoje este laboratório trabalha com Modulação da Inflamação usando como modelo o Pb e neoplasias experimentais. Está aparelhado para dosar e identificar nos tecidos várias citocinas, TNF, Interferon e outros mediadores da inflamação.

3.3 Laboratório de Imuno-histoquímica

Além do uso prático da imuno-histoquímica no diagnóstico o grupo vem trabalhando com a identificação de marcadores tumorais e metaloproteinases, assim como com a presença e papel patogênético de vírus como o EBV e o HPV em vários tipos de neoplasias e linfomas.

3.4 Laboratório de Biologia Molecular

O laboratório está implantando a hibridização “in situ” para HPV e EBV assim como PCR com os mesmos objetivos.

O RAPD também em instalação tem como objetivo a tipagem de bactérias importantes em infecção hospitalar.

4. Produção Científica

Dadas as características do corpo docente, da especialidade e da infra-estrutura do Departamento, grande número de dissertações e teses realizadas por docentes do “Campus” de Botucatu se desenvolveram nos Laboratórios da Patologia.

Mas a melhor maneira de se documentar investigação é através de publicações.

Os docentes do Departamento publicaram, nos últimos 5 anos, 87 trabalhos em periódicos nacionais e 59 em periódicos internacionais com índice de impacto conhecido, escreveram 2 livros e 31 capítulos em livros.

O curso de pós-graduação em Patologia publicou, nos últimos 3 anos, 94 trabalhos em periódicos nacionais e 130 em periódicos internacionais com índice de impacto conhecido.

A qualificação dos trabalhos apresentados em Mestrados e Doutorados pode ser também documentada pelos PRÊMIOS recebidos: 8 da Academia Nacional de Medicina e 2 da Associação Paulista de Medicina.

Além das publicações em periódicos, o grupo tem apresentado regularmente trabalhos em Jornadas e Congressos de Patologia e de especialidades afins, no Brasil e no exterior.

5. Posição do Departamento de Patologia de Botucatu no Cenário Brasileiro de Patologia

Membros do Departamento ocuparam:

Presidência e vice-presidência da Sociedade Brasileira de Patologia.

Presidência do Congresso Brasileiro de Patologia

Secretaria e Presidência da Divisão Brasileira da International Academy of Pathology.

Presidência, vice-presidência e Tesouraria da Associação de Patologistas do Estado de São Paulo.

Editor do Jornal Brasileiro de Patologia.

HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE ANATOMIA PATOLÓGICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS MÉDICAS DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP)

José Lopes de Faria (Parte I)
Athanase Billis (Parte II)

Parte I

Introdução

Apresentaremos um resumo do histórico. A história inicial do Departamento (Depto) é a minha própria história, vindo depois a história dos outros docentes e dos demais funcionários.

A oportunidade para ser prof. Titular de Anatomia Patológica surgiu cerca de 2 anos antes da instalação da Faculdade de Medicina (1963), mais tarde chamada de Faculdade de Ciências Médicas.

Concurso de Títulos

Obtive aquele nível por concurso de títulos, no qual concorreram quatro candidatos. O concurso foi público e noticiado no Diário Oficial do Estado de São Paulo.

Os candidatos foram: Domingos de Paula (Faculdade Nacional de Medicina), Silvio dos Santos Carvalho (UNICAMP), Rui Piazza (Hospital do Juqueri) e J. Lopes de Faria (UNICAMP). Este último foi o vencedor.

Curto Histórico Interessante sobre a UNICAMP

A idéia desse concurso para o cargo de professor na Faculdade de Medicina surgiu na Associação dos Docentes da Universidade de São Paulo (ADUSP), com sede na Faculdade de Medicina da USP. A ADUSP era presidida pelo prof. Reinaldo Chiaverini, do Depto de Clínica Médica, e o prof. J. Lopes de Faria (Depto de Anatomia Patológica) fazia parte da diretoria.

O professor Antonio Augusto de Almeida foi o primeiro diretor da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP. Disse, em conferência pronunciada na Faculdade de Medicina da USP, por convite da ADUSP, que os primeiros professores seriam escolhidos por concurso de títulos.

Começo do Departamento

Organizar, equipar e fazer funcionar o Departamento eram tarefas difíceis, que precisavam de muito tempo, dinheiro e pessoal habilitado. E nada disso tínhamos.

O embrião do Departamento constituía-se de mim, um aprendiz de técnica histológica e duas secretárias. Este pequeno grupo percebeu a necessidade de me ajudar e aprendeu o serviço depressa. Assim começamos, havendo pouca divisão do trabalho. O funcionário(a) fazia o que precisávamos, num ambiente amigável e cordial. O Departamento foi crescendo, mas conservava as características básicas: muito trabalho, disciplina, espírito de colaboração, todos decididos a desempenhar a sua tarefa do melhor modo, pois havia amor e responsabilidade.

Chefe do Departamento

O *chefe* era compreensivo, justo e estava permanentemente no laboratório, não podendo nem gozar férias. Chegava cedo no Departamento e só voltava ao lar quando cumpridas todas as tarefas do dia: administração, rotina de biópsias e necropsias; aulas teóricas e práticas. Os pormenores anteriores são necessários e têm papel educativo. O jovem aprende-os, retém na memória e utiliza-os ao longo dos anos.

Atividades Posteriores

Consistiam em examinar biópsias, necropsias e um trabalho científico de importância internacional. Este trabalho precisava ser feito na linha de pesquisa de um orientador. Necropsias e biópsias eram assistidas por mim e o aprendiz.

Tudo precisava ser ensinado, e **bem ensinado**: técnica de necropsia, como examinar preparados microscópicos (chamados simplesmente de lâminas), colorações clássicas e uso dos diversos aumentos do microscópio.

Atividades dos Residentes e Docentes

Ambas categorias continuavam as atividades anteriores em nível cada vez mais alto. Mas, apresentavam a mim a rotina de necropsias e biópsias, pois ainda não tinham experiência suficiente para assumir a rotina das mesmas nas especialidades estudadas nos aparelhos (pele, órgãos hemopoiéticos, tubo digestivo, etc) (5).

Os trabalhos eram experimentais em animal ou de material humano dos nossos arquivos de biópsia e necropsia.

Tínhamos linhas de trabalho em artérias sobre choque (1a, 4) iniciadas na Alemanha, e patogênese da aterosclerose (2, 3). Realizamos numerosos trabalhos todos publicados, a maioria em boas revistas estrangeiras. A nossa filosofia é de que todo trabalho bem feito precisa ser publicado, sob pena de perder o tempo gasto.

O Departamento e o Hospital das Clínicas

O modo de ser do Departamento difundiu-se no Hospital tornando o nosso serviço conhecido, respeitado e não-vulnerável à críticas descabidas.

A conduta referida no nosso Departamento estendeu-se a todo ele, como salas de aula, de reuniões, laboratórios etc. A crítica construtiva tinha portas abertas, mas foram poucas e chegavam a mim por meio de terceiros. Sempre dizia que viessem diretamente a mim. Mas parece-me que isto nunca aconteceu.

Vários residentes, docentes ou estagiários realizaram um trabalho científico comigo, experimental ou de patologia humana (este utilizando a casuística nossa), publicados em revista nacional e sobretudo estrangeira (4). Também para escrever os nossos livros de Patologia Geral e Especial (5), utilizamos o acervo do Departamento da Unicamp e de outros Departamentos onde trabalhei (sobretudo da Faculdade de Medicina da USP).

Apoio aos Funcionários

Ajudava os funcionários a resolver os seus problemas familiares, permitindo-lhes ir para casa mais cedo, justificativas por atrasos etc. Deste modo criou-se confiança entre o chefe e o funcionário, e deste a aquele. Não existia mentira, intolerável numa casa em que se procurava

a verdade através da ciência. Este modo de ser do Departamento ficou conhecido no meio hospitalar, tornando-o respeitado.

Dificuldades para Administrar o Departamento

As dificuldades são muitas e limitaremos no conhecimento da matéria principal ensinada no Departamento de Anatomia Patológica e do modo de tratar as pessoas.

O conhecimento precisa de teoria e do exercício prático: teoria adquirida em bons livros (escritos por autores competentes) e exercício prático ensinado por professor também competente e que conheça a patologia geral, ou seja o fundamento das lesões. Assim a aprendizagem fica mais fácil e mais rápida. Todavia a Patologia é extensa e requer muito tempo para aprendê-la.

Outra fonte de conhecimento valorosa é a investigação científica, que o estende e aprofunda.

Estágio no estrangeiro também é muito aproveitável, desde que tenha uma duração de um ano no mínimo. Este tempo foi exigido pelo prof. Büchner para me aceitar no Instituto de Patologia por ele dirigido. É tempo suficiente para fazer lá um trabalho científico de bom nível.

O modo de tratar as pessoas é muito importante e abre as portas para o nosso relacionamento ou comunicação com elas. Sem diálogo a convivência deixa de existir.

Se o leitor desejar mais informações do *Histórico*, referentes a mim, peço recorrer ao nosso Memorial de concurso para Professor Titular da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP (1980).

Depois desse concurso, como autor principal, publiquei mais trabalhos a maioria nos últimos tempos como co-autor.

Parte II

Histórico do Departamento de Anatomia Patológica da FCM-UNICAMP NO HC

Com a vinda, em 1986, do Departamento de Anatomia Patológica para o recém construído Hospital das Clínicas no campus universitário Zeferino Vaz, inicia-se uma nova fase. Sendo um hospital primordialmente de atendimento terciário, a necessidade de especialização tornou-se necessária e premente. Os diferentes serviços do complexo hospitalar passaram a exigir da Anatomia Patológica laudos mais elaborados e dirigidos às reais necessidades das diferentes especialidades.

Esta especialização dos docentes do Departamento fez-se de forma natural, harmônica e altamente competente. É digno de nota o fato de, apesar da forte atuação para uma formação geral e sólida, o prof. José Lopes de Faria nunca ter impedido que cada um dos docentes tivesse uma área de maior interesse em Anatomia Patológica. Este interesse concretizou-se como resultado de uma conduta muito peculiar do Prof. Lopes de Faria ao contratar novos docentes. A princípio o novo contratado tinha como obrigação exercer todas as atividades do Departamento-autópsias, patologia cirúrgica geral, ensino e pesquisa porém, o Prof. Lopes deixava claro que o docente deveria ter uma área de maior interesse como, por exemplo, neuropatologia, hematopatologia, citologia, etc. Com o tempo, cada um dos 11 docentes atuais desenvolveram atividades em áreas especializadas da Anatomia Patológica. É digno de nota, também, o fato de não ter havido sobreposição de interesses entre os docentes evitando-se assim conflitos internos que repercutem negativamente na vida de um Departamento.

A partir da vinda do HC foi adotado o sistema de rodízio de chefia a cada 2 anos. Como estímulo à especialização, incentivou-se a participação em reuniões anatomo-clínicas com os diferentes serviços clínicos e cirúrgicos do hospital, a participação em cursos de atualização e a realização de estágios de aperfeiçoamento. Particularmente importante foi a oportunidade única para o estabelecimento de vínculos com o Massachusetts General Hospital da Universidade de Harvard, em Boston. Vários dos docentes tiveram a oportunidade de realizar estágios com patologistas mundialmente reconhecidos em patologia cirúrgica como Robert Scully e Robert Young. Estes vínculos também se fizeram com outras instituições americanas e européias de renome.

A pesquisa foi orientada para que tivesse um desenvolvimento livre de acordo com os interesses e aptidões do docente. Assim sendo, realizam-se no Departamento pesquisas de patologia experimental e de aplicação humana, mais numerosas estas últimas.

O envolvimento no ensino da Patologia é uma feição do Departamento herdada diretamente das características do Prof. Lopes de Faria cuja dedicação foi integral à docência. Ela se faz em todos os níveis do conhecimento: graduação, pós-graduação e residência. Esta última, particularmente, desfruta de grande conceito refletido no número de candidatos que anualmente a procuram.

As atividades de assistência no Departamento foram crescentes e refletem a inserção do HC no contexto social e político de assistência médica à população. Para que a demanda assistencial não influísse catastroficamente na produção científica e no ensino, o Departamento adotou o sistema de contratação de médicos patologistas para fazer frente ao excedente assistencial que poderia interferir nestas atividades.

É do conhecimento de todos as dificuldades financeiras atuais que afligem o atendimento médico em geral e as universidades em particular. Esperamos que a herança intelectual, de responsabilidade e dedicação do Prof. Lopes de Faria juntamente com o espírito de convivência harmônica do Departamento ajudem a enfrentar as dificuldades e os desafios do novo século que se aproxima.

HISTÓRIA DA ANATOMIA PATOLÓGICA NAS FACULDADES DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO

*Francisco Duarte, Kalil Madi, Leila Chimelli,
Heleno Pinto de Moraes, Carlos Alberto Basílio de Oliveira*

**Faculdade de Medicina da UFRJ
Francisco Duarte / Kalil Madi**

Introdução

A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (UFRJ) foi fundada em 1808 pelo Príncipe Regente D. João, dois meses após da Bahia, decretando-se assim o início do ensino médico no Brasil, através da instituição de suas duas primeiras Escolas de Anatomia e Cirurgia.

O ensino da Anatomia Patológica como disciplina curricular foi antecedido por disciplinas afins como Anatomia Geral e Patologia a partir do século XIX e incorporada nas disciplinas de Terapêutica, Clínica Médica e Cirúrgica e Patologia Geral, as quais não obedeciam ao conceito atual de Anatomia Patológica Especial e Patologia Geral, como o estudo das alterações morfológicas e funcionais dos órgãos, dos diversos mecanismos de formação de doença e de suas correlações anatomo-clínicas.

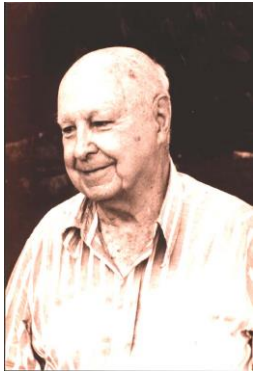
O primeiro Professor Catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas foi Raul Leitão da Cunha (1881-1947), após concurso de provas e títulos em 1907. Este professor de grande prestígio político, exerceu as funções de diretor da Instrução Pública e da Saúde Pública de 1920 a 1926 e foi deputado na Assembléia Constituinte em 1933. Sua atuação no ensino superior foi decisiva para os rumos da universidade brasileira. Como reitor da Universidade do Rio de Janeiro, conduziu sua transformação em Universidade do Brasil e a incorporou à Universidade do Distrito Federal. Acumulou as funções de reitor da universidade com a de diretor da Faculdade de Medicina. Tendo assumido, em 1945, a pasta da Educação, conseguiu a promulgação do decreto-lei que conferia à Universidade do Brasil autonomia didática, administrativa, financeira e disciplinar. Publicou vários trabalhos científicos, entre os quais ressaltam: Valor Diagnóstico da Punção Lombar (1903); Estudos Sobre Lesões na Paralisia Infantil (1908); Técnica Sobre Anatomia Patológica (1917); Estudo Sobre os Blastomas (1921) e Tratado de Anatomia Patológica (1925).

Amadeu da Silva Fialho (1889 – 1961)

Ingressou nesta Faculdade convidado por Francisco Pinheiro Guimarães, lente de Patologia Geral, para montar e fazer funcionar o laboratório de Anatomia Patológica nesta Disciplina. Posteriormente galgou a posição de Professor Catedrático de Anatomia Patológica em 1947, sucedendo a Leitão da Cunha. Exerceu a cátedra com alto brilho e realizou modificações pioneiras no ensino e pesquisa, apesar de ter sido contemporâneo dos tempos difíceis do pós-guerra. Deixou discípulos ilustres como: Pedro Jorge, Francisco Fialho (seu filho), Anadil Roseli e Domingos De Paola, além de ter influenciado numerosos especialistas, sempre valorizando a Anatomia Patológica como indispensável ao ensino e pesquisa médica.

Dentre suas publicações mais importantes destacamos: Contribuição ao estudo da Anatomia Patológica da febre amarela (1929), estudos sobre a peste bubônica no Ceará (1935), estudos sobre a Espiroquetose icteroemorrágica no Rio de Janeiro (1936), Localizações pulmonares da micose de Lutz (1946).

Eduardo Mac-Clure (1901 - 1989)



*Prof. Eduardo
Mac-Clure*

Sucedendo a Amadeu Fialho representou o último professor catedrático antes da reforma que instituiu o sistema departamental e criou a figura do Professor Titular nas universidades brasileiras. Tendo estagiado durante vários anos em períodos diferentes na Alemanha em Berlin com Aschoff e em longo e próximo contato com o Prof. Messen em Dusseldorf, o que se reflete na sua influência sobre seus discípulos e colaboradores imediatos como Cláudio Lemos, Maria Ângela Marchevsky, Carlos Ferreira e Carlos Serapião, os quais seriam, no decorrer dos anos, Livres Docentes da UFRJ e Cláudio Lemos e Carlos Serapião, professores titulares da mesma instituição; mais ainda, revelarem-se figuras exponenciais da patologia brasileira e chefes de importantes serviços de anatomia patológica no Rio de Janeiro.

Notabilizou-se por ter realizado três teses pioneiras, caracterizadas por metodologia experimental rigorosa e rica análise dos achados e da casuística, dentro da tradição da patologia germânica: a primeira em 1946 com o título de Glomerulonefrite Aguda Difusa; a segunda em 1958 para livre docência na Universidade do Brasil, atual UFRJ, com o título de Patologia Morfológica do Infarto do Miocárdio, quando utilizou de maneira original estudo radiológico com injeção de contraste em autópsias de corações infartados; a terceira em 1960 para conquistar a cátedra de patologia na mesma universidade e intitulada como Cirrose Pulmonar, na qual, apresenta pela primeira vez na literatura mundial resultados consistentes da etiologia autoimune da fibrose pulmonar de Hamman – Rich, obtidos por métodos experimentais, além de análise minuciosa em microscopia eletrônica.

Foi dotado de grande cultura geral e de qualidades humanas relevantes. Vivendo na época conturbada dos anos 40, tornou-se amigo de Luigi Bogliolo quando este chegava da Itália e aqui sofrera perseguições da colônia italiana, em sua maioria fascista, a qual chegou a destruir o laboratório onde trabalhava o Prof. Bogliolo. Mac Clure, num gesto de coragem e amizade, hipotecou-lhe solidariedade irrestrita, chegando mesmo a ajudá-lo no seu processo de readaptação no Brasil.

Domingos De Paola (1929 - 1992)

Diplomou-se pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (atual UFRJ) em 1952. Foi monitor da Cadeira de Anatomia Patológica (Prof. Amadeu Fialho), no período de 1950 a 1952. Instrutor da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológica (Prof. Eduardo Mac Clure) de 1961 a 1966. Posteriormente, foi Professor Adjunto e Chefe do departamento de Patologia da UFRJ a partir de 1970. Nesta data chega a Prof. Titular deste Departamento após concurso público de provas e títulos. Nesta Universidade foi também Chefe de Serviço de Anatomia Patológica e Vice-Diretor (1980-1982).

Dotado de inteligência brilhante e de excepcional talento didático, além de pendor especial para a atividade de investigação científica, publicou 202 trabalhos em revistas médicas e como capítulos de livros, sendo 36 no exterior; 4 teses: Patologia da Estrongiloidíase (1962); Contribuição ao Estudo das Arboviroses (1964); Interação Vírus-célula (1973); Timite e Miastenia grave (1980). Publicou 5 livros : Doenças difusas do Tecido Conjuntivo (Colagenoses) (duas



Prof. Domingos De Paola

edições nacionais e uma na língua Espanhola, 1972, 1973 e 1981); Mecanismos Básicos de Doença (duas edições, 1977 e 1988); Tumores do Sistema Nervoso (1983); Câncer e Meio Ambiente (1985); Manual de Infecção Viral (1990).

Publicou trabalhos originais e pioneiros, como os estudos da leishmaniose visceral, no qual contribui pela primeira vez para a literatura mundial com a descrição dessa doença pela microscopia eletrônica. Também mereceram destaque na imprensa internacional seus estudos sobre a patologia da tuberculose tratada, sobre a patologia da estrogiliodose fatal e sobre a aplicação de técnicas de imunofluorescência em patologia das arboviroses. Descreveu pela primeira vez na literatura internacional uma nova forma de hepatite na região amazônica, a doença de Lábrea.

Enfoca a patologia como matéria multidisciplinar o que serviu de paradigma para a constituição na Faculdade de Medicina do Programa Curricular Multidisciplinar: Mecanismos Básicos de Saúde e Doença, integrando a patologia com o ciclo básico e o ciclo clínico.

De cultura médica polivalente, espírito aberto e liderança incontestável, foi sempre querido e admirado por seus alunos e colaboradores. Tudo isso plasmado por um espírito alegre e jovial, herança de suas origens italiana e eslava, além do fato de ter nascido em Salvador, Bahia, berço mágico de pessoas talentosas. É sobre sua direção que o Conselho Departamental atinge as feições básicas de órgão democrático, gestor e delineador das políticas pedagógicas modernas.

Sob sua égide e a de seus colaboradores instala-se a pós-graduação ao nível de mestrado, na qual, de 1980 a 1999 pode-se constatar a realização de 64 teses e a formação de 33 residentes. Posteriormente inicia-se o doutorado ainda em fase embrionária. Concomitantemente desenvolvem-se várias linhas especializadas de pesquisa e estudo com apreciável produção científica, a saber: neuropatologia com Francisco Duarte, Cláudio Ávila, José Carlos Esperança e Christina Maeda Takyia; patologia da desnutrição com Kalil Madi; patologia viral com Domingos De Paola, Francisco Duarte e Kalil Madi; patologia óssea com Cláudio Lemos e Benjamim Terra; patologia pediátrica com Kalil Madi, Carlos José Serapião; Roberto Lima e Vera Chagas; patologia renal com Albanita Viana de Oliveira; estudo da fibrose e da matriz extracelular tendo como modelo a esquistossomose mansônica com Christina Maeda Takyia; patologia hemolinfopoiética com José Carlos Moraes; patologia pulmonar com Kalil Madi, Antônio Ambrósio e Paulo Marcos; patologia cutânea com Antônio Sousa Marques, Juan Maceira, Olga Haris e Túlia Cuzzi Maia; patologia digestiva com Kalil Madi e Vera Pannaim; patologia hepática com Hygino Hércules, Vera Pannaim e Vera Chagas; patologia ginecológica com Nádia Dantas Gomes; patologia geral com Domingos De Paola, Antônio Locoselli, Francisco Duarte, Dalila Poli Carvalho, Paulo Fernando Silva, Louis Barrucand, Paulo Terra, Christina Maeda Takyia e Cláudio Ávila; radicais livres como agentes lesionais com Louis Barrucand; pedagogia médica com Cláudio Ávila e Helena Lagreca e citopatologia com Antônio Luiz Almada Horta e Graça Maria França.

Este grupo, além da vasta produção científica dos mais antigos, a partir de 1987 até 1998 produziu 159 artigos em periódicos nacionais e estrangeiros; 446 resumos em anais de congressos e reuniões científicas nacionais e estrangeiras e 15 capítulos em livros.

Durante sua gestão foram realizados vários concursos de livre docência, de auxiliares de ensino, assistentes e adjuntos, consolidando o grupo de trabalho que viria até os dias atuais exercer profícua atividade de ensino, pesquisa e extensão.

Nesta época Cláudio Lemos apresentou sua tese de livre docência sobre otoesclerose; Maria Angela Marchevsky em 1971 sobre osteoma osteóide e osteoblastoma benigno; Carlos Serapião em 1971 sobre tumores do córtex supra-renal; Kalil Madi em 1970 sobre contribuição à confecção de modelo experimental de desnutrição protéica; Euzenir Nunes Sarno em 1971 sobre alterações histológicas precoces do fígado na obstrução biliar

extra-hepática (estudo experimental); Carlos Ferreira em 1974 sobre contribuição ao estudo morfológico da hiperplasia prostática e Francisco Duarte em 1974 sobre a biópsia muscular na leptospirose. Posteriormente, Claudio Lemos, Carlos Serapião, Kalil Madi, Antonio Souza Marques, Francisco Duarte, Louis Barrucand e Paulo Terra atingem a posição de Professores Titulares, após reconhecimento de direito mediante decisão judicial e acatamento da direção da UFRJ.

Recentemente o Departamento veio se enriquecer com a presença da Dra. Leila Chimelli, após brilhante concurso para Professora Titular em dezembro de 1997, a qual, juntamente com a Professora Christina M. Takyia, está reformando a pós-graduação, objetivando uma fusão do Departamento com a Pós-Graduação em Ciências Morfológicas do Instituto de Ciências Biológicas da UFRJ em nível de mestrado e doutorado.

Instituto de Neurologia de Olindo Couto da UFRJ

Este Instituto representou um dos marcos mais importantes na história da neurologia brasileira e teve como um dos principais esteios científicos o concurso de notáveis neuropatologistas com Paulo Elejalde e Alexandre Alencar.

A neuropatologia em nosso meio era eventualmente efetuada por patologistas gerais e a vinda para o Rio de Janeiro de eminentes patologistas europeus como Spilmeyer, Jakcob, Moisés Pollack e Zulch, contribuíram substancialmente para o desenvolvimento da especialidade. Deste modo desponta como precursor e formador da primeira escola neuropatológica brasileira, o Professor Paulo Elejalde (1901-1959), que atuando no Instituto de Neurologia e em Manguinhos, traça as principais diretrizes para o domínio da especialidade. Elejalde teve especial interesse no estudo das manifestações neurológicas da doença de Chagas deixando observações importantes sobre esta entidade. Segue-se a Paulo Elejalde, Alexandre Alencar (1929-1991), que também atuando do Instituto de Neurologia e em Manguinhos realizou estudos importantes sobre esquistossomose e doença de Chagas, chegando a obter repercussão internacional com a autoria dos capítulos sobre estas doenças no Tratado de Patologia do Sistema Nervoso de Jeff Minckler (1972), de grande prestígio científico internacional. Alencar publicou 81 trabalhos, em sua maioria de natureza experimental, destacando-se, além dos já citados, estudos sobre a panencefalite esclerosante subaguda, inclusive como tema de sua tese de livre docência na UFRJ em 1972. Contribuiu substancialmente para a pós-graduação em neurologia na UFRJ em nível de mestrado e doutorado orientando teses e participando de bancas examinadoras. Foi chefe da divisão de neuropatologia durante grande parte do tempo de funcionamento do Instituto de Neurologia, onde organizou laboratório exemplar com acentuada influência da aplicação de técnicas de impregnação argêntica sob a orientação da metodologia de Del Rio Hortega e Moises Pollack. Além das atividades em Manguinhos que serão relatadas em outra parte desta publicação, Alexandre Alencar foi Professor Titular de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Medicina da Fundação Universitária Sul-Fluminense em Vassouras no Estado do Rio de Janeiro.

Exerceram também atividades científicas no laboratório do Instituto os doutores Newton Costa e Puig Serra. Atualmente conta com a contribuição de Regina Troyan na chefia do laboratório e de Francisco Duarte como consultor.

Instituto de Pediatria e Puericultura Martagão Gesteira da UFRJ

Rita Cardoso foi a organizadora do Serviço de Anatomia Patológica e teve papel primordial como uma das primeiras patologistas pediátricas brasileiras, realizando trabalhos pioneiros na especialidade. Fez parte do grupo que trabalhou com Edith Potter no Brasil e

trabalhou com Magarinos Torres em Manguinhos. Publicou artigos pioneiros sobre toxoplasmose congênita e sobre estrogiloidose. Escreveu sobre malformações congênitas, listeriose e trabalho inédito no Brasil sobre doença veno-oclusiva.

Kalil Madi sucede a Rita Cardoso e se caracteriza por grande atividade de rotina e de pesquisa, chegando a montar uma infra-estrutura para patologia experimental, realizando trabalhos de alta relevância sobre patologia da desnutrição protéica, tendo confeccionado modelo experimental de reconhecimento internacional. Sua produção científica é vasta e polivalente e foi incansável como o principal organizador da nova estrutura da patologia no Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da UFRJ.

Instituto de Ginecologia da UFRJ

Nísio Marcondes

Após ter sido discípulo de De Robertis com quem publicou artigo original sobre citologia da febre aftosa, e estagiou durante seis meses com o professor Gehard Frank, oriundo da Alemanha . Trabalhou com Dib Gebara a quem sucedeu na chefia do serviço de patologia em 1966 até 1992 quando se aposentou.

Realizou excelente trabalho de correlação anátomo-clínica chegando a consolidar grande experiência e estudos fundamentais em patologia ginecológica com destaque para a patologia do colo uterino e tumores do ovário, além de ter influenciado grande número de auxiliares e estagiários que se destacariam no campo da patologia ginecológica em nosso meio.

Faculdade de Medicina da UERJ

Eduardo Mac Clure, já referido como catedrático da UFRJ, é o primeiro professor catedrático, tendo como auxiliares imediatos os professores docentes livres Cândido de Oliveira Neto e Paulo Roberto Sampaio de Lacerda. Realizaram excelente curso de anatomia patológica geral e especial com ótima repercussão no alunado. Contavam com o Hospital Pedro Ernesto, hospital-escola da UERJ, com ótimos serviços e dotado de corpo clínico universitário da melhor qualidade, além de curso básico de excelente desempenho científico.

Paulo Roberto Sampaio Lacerda sucede a Mac Clure, após concurso para Professor Titular com a tese “Tumores Primários do Mediastino” em 1979, após ter realizado docência livre com a tese. “Contribuição ao Estudo da Patologia da Criptococose Pulmonar”, em 1967.

Tradicionalmente a cadeira de anatomia patológica norteia-se principalmente pela tradição alemã no rigorismo técnico da confecção de autópsias e correlação anátomo-clínica. Realizam, Mac Clure e Paulo Roberto, importantes estudos versando sobre patologia renal e escrevem em várias edições do Livro do Bogliolo o capítulo sobre este tema. Publicam temas variados com aplicação da microscopia eletrônica, assumindo assim a posição de iniciadores e incentivadores deste método em nosso meio.

Posteriormente desmembra-se a cadeira em Patologia Geral e Fisiopatologia em 1974, tendo como professora Euzenir Nunes Sarno que em 1986 torna-se professora titular com a tese. “ Expressão dos antígenos virais no tecido hepático na infecção pelo vírus da hepatite B “. Realiza esta professora excelente curso de patologia geral com metodologia pedagógica moderna e embasamento no raciocínio experimental.

Faculdade de Medicina da Fundação Souza Marques

Dirigida pela professora Titular Anadil Vieira Roselli de 1972 a 1980, nome de notório saber, reconhecido amplamente no meio médico brasileiro e tendo como Professores Assistentes Francisco Duarte, Lourdes Martins, Marialva Ferreira, Benjamin Terra, Evandro Toledo Pisa, Heleno Pinto de Moraes e Tânia Correia.

Constitui a Disciplina de Anatomia Patológica excelente centro de estudos norteado pela orientação pedagógica moderna, alcançando grande sucesso nos meios acadêmicos e formando numerosas turmas, além de exercer forte influência sobre o alunado. Formou numerosos monitores que, em sua maioria, evoluíram para o exercício profissional da patologia e para a carreira universitária como professores de Anatomia Patológica.

Posteriormente o curso passou a ser dirigido por Barretto Netto e João Lobato dos Santos.

Escola de Medicina da Universidade Gama Filho

Tendo como Professor Titular José Maria Barcelos (1932 – 1997), brilhante patologista e experiente professor, com sólida contribuição à patologia obstétrica e ginecológica, orientou um curso de patologia com excelentes resultados didáticos, influenciando grande número de profissionais e futuros professores de patologia.

Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense

Leila Chimelli / Heleno Pinto de Moraes

A UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF - foi criada pela Lei 3.848, de 18 de dezembro de 1960, com o nome de Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UFERJ. A ela incorporaram-se as cinco faculdades federais já existentes em Niterói - Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Bioquímica, Odontologia e Medicina Veterinária, e agregaram-se estabelecimentos estaduais de ensino - Escola de Enfermagem, Engenharia e Serviço Social - e particulares - Faculdade de Filosofia e Ciências Econômicas. Em 13 de dezembro de 1961, pela Lei 3.958, os estabelecimentos a ela agregados foram-lhe incorporados e, assim, federalizados. Em 1964, o Hospital Municipal Antônio Pedro, foi incorporado à Universidade visando ao ensino e à pesquisa nas áreas de saúde e assistenciais.

Com a Lei 4.831, de 5 de novembro de 1965, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro passou a denominar-se Universidade Federal Fluminense, entidade federal autárquica de regime especial.

Antes de discorrer sobre o Departamento de Patologia da UFF, vale mencionar que a disciplina de Patologia, na já existente Faculdade Fluminense de Medicina, fora ministrada pelos Profs. Oswino Penna, Sebastião Coutinho e Wilson Silveira.

DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA – MPT – foi criado pela Resolução no 18/70 do Conselho de Ensino e Pesquisa da UFF, passando a integrar o Centro de Ciências Médicas, reunindo todas as Disciplinas relacionadas com a Patologia até então situadas nas Faculdades de Medicina, Veterinária, Odontologia e Farmácia. Desta maneira, foram reunidos no MPT os professores Manoel Barretto Netto, Ernesto Salles Cunha e Jefferson Andrade; posteriormente reuniu-se a eles o Prof. Jorge de Paula Guimarães.



Prof. Manoel Barretto Netto

Prof. Manoel Barretto Netto (1917-1997)

Trata-se de personalidade com características muito marcantes como professor, administrador, político universitário e pessoa humana; uma pessoa que em toda a sua vida teve idéias renovadoras, visando sempre o crescimento da Universidade Federal Fluminense e da Anatomia Patológica Brasileira.

Oriundo do Rio Grande do Norte, o Professor Barretto formou-se em Medicina na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1945. Obteve o título de Livre Docente em Anatomia Patológica pela Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro (1951), Faculdade Nacional de Medicina (1955), e Faculdade Fluminense de Medicina em Niterói, em 1960, quando conquistou a vaga para professor titular do Departamento de Patologia. Estagiou no Massachusetts General Hospital em Boston de 1956 a 1957.

Alguns fatos da vida universitária do Prof. Barretto comprovam os vários aspectos da sua personalidade e a sua capacidade organizacional:

- Foi diretor do Hospital Universitário Antônio Pedro em Niterói (1965/66), quando deixou marcas da sua competência como administrador, sempre com características criadoras e reformuladoras. Entre as várias realizações de natureza administrativa, assistencial e didática destaca-se a criação do sistema de Internato e Residência Médica naquele Hospital.
- De 1966 a 1970 foi reitor da Universidade Federal Fluminense, quando deu nova fisionomia àquela universidade, ampliando o número de alunos, criando vários novos cursos, realizando numerosos concursos para professores, instituindo o sistema de bolsas para estudantes, concluindo obras em prédios de várias unidades, dentre outras realizações. Seu mandato como reitor ficou para a história da universidade.
- De 1970 a 1987, o professor Barretto exerceu a chefia do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense. Cheio de novas idéias, poderoso, em conseqüência de suas notáveis realizações na reitoria, estava disposto a ampliar e equipar o serviço de Patologia e como resultado surgiu um dos melhores serviços de anatomia patológica do país, com ênfase não só no atendimento ao Hospital Universitário Antônio Pedro, o que foi sempre feito com muita seriedade e competência por parte do Prof. Barretto e de seus assistentes, mas também estimulando a pesquisa com a criação dos cursos de pós-graduação em 1972, que atraiu alunos de vários estados do país. Muitos professores de outras universidades foram convidados pelo Prof. Barretto para colaborar com o curso.

Em seu serviço, a autópsia tinha posição de destaque; grande defensor das reuniões anatomo-clínicas, organizou reuniões com quase todas as especialidades, incluindo a reunião geral, por ele apresentada semanalmente, o ponto alto das atividades científicas do hospital.

Além disso o Prof. Barretto coordenou projetos de pesquisa com a FINEP, foi consultor da CAPES, da FINEP. Foi membro das comissões para credenciamento de vários cursos de pós-graduação junto ao Conselho Federal de Educação e foi coordenador, juntamente com os professores Montenegro, Thales de Brito e Zilton de Andrade, do Projeto Interuniversitário do Ensino da Patologia no Brasil, financiado pela Kellogg Foundation.

Foi Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia duas vezes, tendo presidido o V e o XVIII Congresso Brasileiro de Patologia em 1964 e 1990 respectivamente. Foi também presidente do V Congresso de Patologia da região centro-leste em Niterói em 1980. Sempre muito interessado em Neuropatologia, incentivou a formação de especialistas nessa área, assim como a criação da Sociedade Brasileira de Neuropatologia.

Publicou mais de cem trabalhos no Brasil e no Exterior, além da edição de livros didáticos e capítulos de livros, como por exemplo o da patologia endócrina, especialmente da

tireóide em várias edições do livro Bogliolo Patologia. Suas publicações abrangem um amplo espectro de patologias, mas destacam-se suas contribuições referentes à patologia do alcoolismo, as miocardiopatias, as hepatopatias, a patologia da tireóide, e mais recentemente a patologia da AIDS, com seus achados pioneiros das alterações dos megacariócitos na medula óssea.

Após sua aposentadoria continuou colaborando com o Departamento de Patologia da UFF, principalmente na Coordenação da Pós-Graduação, e em 1990 foi homenageado com o título de professor emérito da UFF.

Após deixar a chefia do Departamento em 1987, ele tinha outro objetivo: o de se dedicar ao Instituto de Patologia da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, de onde era diretor desde 1955, tendo contado sempre com a colaboração do Dr. João Lobato dos Santos. De volta à Santa Casa em tempo integral, demonstrou mais uma vez seu caráter inovador, praticamente recomeçando um novo serviço, fazendo obras, dividindo salas, reestruturando reuniões anatomo-clínicas e desenvolvendo as várias subespecialidades. Dedicou-se também à disciplina de patologia da Faculdade de Medicina da Fundação Técnico-Educacional Souza Marques, como professor titular.

Seguem-se algumas de suas produções científicas mais relevantes:

- **Teses**

Contribuição ao estudo da glomerulosclerose intercapilar no diabetes mellitus. Tese de Concurso à livre docência de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, 1950.

Histopatologia da retina e da coróide na hipertensão maligna. Tese apresentada à Escola de Medicina e Cirurgia para concorrer à Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas, 1950.

Sarcoidose. Contribuição ao estudo da sua Patologia, Rio de Janeiro, 1955

Patologia e Classificação das cirroses hepáticas. Rio de Janeiro, 1955.

A excelente estruturação do Departamento de Patologia, concentrando profissionais dedicados, permitiu a formação de professores de patologia e competentes profissionais atuando não só na UFF e em outras Universidades do Brasil mas também desenvolvendo patologia diagnóstica em todo o Brasil.

Destacam-se dentre os professores e médicos componentes do Departamento a maioria dos quais lá formados:

- Jorge Guimarães, dedicado à Patologia Experimental e Patologia Geral.
- Onofre de Castro, que dedicou-se especialmente à patologia dos linfomas e a implantação da imuno-histoquímica no diagnóstico das neoplasias.
- José Carlos Saddy, um patologista cirúrgico de excelência no estado do Rio.
- Benjamim Terra, dotado de brilhante inteligência, excelente cultura geral e médica, além de ser considerado um dos melhores especialistas em patologia óssea no Brasil.
- Jefferson Andrade, Eulógio Carlos Queiróz de Carvalho e João Batista Cruz patologistas veterinários.
- Marcos Salles Cunha que desenvolveu a patologia buco-dental.
- Puig Serra que se dedicava à Neuropatologia, posteriormente exercidas pelas professoras Myriam Dumas Hahn e Leila Maria Cardão Chimelli, a última até 1992.

- Maria Rita Castro Alves e Cristina Mendonça, na Citopatologia, juntando-se, após aposentadoria da primeira, as Professoras Maria Clara d' Araújo Couto Martins Chaves e Adelaide Souza Lucas.
- Lélia Paiva Guedes e Silva dedicada à patologia renal e hepática, a primeira depois assumida por Maria Lucia Ribeiro Caldas.
- João Batista Guedes e Silva, responsável pelo setor de microscopia eletrônica, posteriormente também assumido por Maria Lucia Ribeiro Caldas.
- Dora Maria Figueiredo de Menezes, Vânia Silami Lopes e Jurema Paulo Coelho Merêncio responsáveis pela Patologia Fetal e Pediátrica, também desenvolvidas posteriormente pela Profa. Consuelo Lozoya Lopez e Angela Cristina de Carvalho.
- Heleno Pinto de Moraes, dedicado à patologia de necropsia e microscopia eletrônica.
- Maria Eugênia Leite Duarte especializada em Patologia Óssea.
- Ana Maria Mendonça, especializada em dermatopatologia, posteriormente assumida pelas professoras Mayra Carrijo Rochael e Enoi Guedes Vilar.
- Thereza Quirico-Santos, que desenvolveu pesquisa em imunopatologia.
- Anelise Hagen Ferrari, dedicada à patologia cardíaca
- Maria Eugênia Leite Duarte especializada em Patologia Óssea
- Mariléia Carvalho Torres, dedicada à patologia cirúrgica geral e gastroenterológica.
- Wilhermo Torres, patologista cirúrgico geral, com ênfase em patologia oncológica e de cabeça e pescoço.
- Tizuko Miyagui e Graça Helena Maia do Canto Teixeira dedicadas à Patologia Pulmonar.
- Rosana Bittencourt que desde cedo dedicou-se à Educação Médica, tendo sido coordenadora do curso de Medicina e Diretora da Faculdade de Medicina, uma das responsáveis pela implantação do novo currículo da Faculdade de Medicina.
- Eliane Pedra Dias, que desenvolve pesquisa em, HPV, atualmente responsável pela Patologia buco-dental
- Outros professores dedicados à patologia cirúrgica geral ou de autópsia foram: Maria Eny de Paula, Regina Granato Lisboa, Rosana Grandelle, Rita de Cássia, Ana Luisa Gouvêa, Andréa Rodrigues.
- Porphirio José Soares Filho e Jorge Antônio da Costa Lisboa, dedicados sobretudo às técnicas histoquímicas e à patologia geral.
- Eliene Carvalho da Fonseca, que coordena o laboratório de histoquímica, imuno-histoquímica e hibridização.
- Maria Angélica Guzman Silva que desenvolve pesquisa em carcinogênese experimental.
- Miguel Benito Farah, dedicado à Patologia Experimental, sobretudo a farmacopatologia.
- Outras professoras dedicaram-se sobretudo à patologia cirúrgica geral ou de autópsia: Maria Eny de Paula, Regina Granato Lisboa, Rosana Grandelle, Rita de Cássia, Ana Luisa Gouvêa, Andréa Rodrigues.

- Além disso dentre os vários residentes, estagiários e pós-graduandos que passaram pelo departamento serão citados alguns dos mais antigos e que hoje exercem patologia em outros estados do Brasil:

Glauco Vian Borba (Londrina PR), Alandino Pierre (Cachoeiro de Itapemirim, ES), Roberto Macedo (Belém, PA), Jacira Azevedo Cortes (Brasília, DF), Nelma Rocha Barbosa (Macapá, AM), Nobu Ashiuchi (Brasília,DF), Dinalva Bezerra da Rocha Lima (Maceió, AL), Mariuccia Scott Brusa (Florianópolis, SC), Maria Goretti Freire de Carvalho (Natal, RN).

Estrutura do Departamento junto à Faculdade de Medicina e ao Hospital Universitário Antônio Pedro

O Departamento de Patologia da Universidade Federal Fluminense (MPT) localiza-se no 4º andar do Hospital Universitário Antônio Pedro e na Faculdade de Veterinária. Fornece os créditos das suas especialidades, integrantes dos currículos dos cursos da área de ciências médicas da UFF, bem como coordena e executa projetos de pesquisa e ministra cursos de especialização, extensão, aperfeiçoamento, pós-graduação lato e strictu senso. Atua na rotina Hospitalar, na rotina de Anatomia Patológica da Policlínica Veterinária, em cursos de graduação, pós-graduação, pesquisa e iniciação científica, oferecendo ainda estágios não curriculares.

A rotina hospitalar destina-se à realização de exames nos serviços de Anatomia Patológica e Patologia Clínica.

O Departamento de Patologia compreende os serviços de Anatomia Patológica, Patologia Clínica e Hematologia e Hemoterapia, totalizando 58 docentes que ministram disciplinas nos cursos de Graduação em Medicina, Odontologia, Farmácia, Nutrição, Enfermagem, Medicina Veterinária e Direito.

O Serviço de Anatomia Patológica (SAP) conta com 27 docentes médicos anatomopatologistas e 10 docentes não médicos (bioquímicos, médicos veterinários e farmacêuticos), que atuam de forma bastante integrada com o Departamento. Os anatomopatologistas têm sob sua responsabilidade a realização de exames microscópicos incluindo exames de patologia cirúrgica e congelação (6000/ano), citopatologia (6000/ano), microscopia eletrônica (100/ano), necrópsias de crianças (150/ ano) e de adultos (300/ano). Cabe ainda aos docentes do Serviço de Anatomia Patológica a responsabilidade no treinamento dos residentes e a execução de sessões integradas com as especialidades clínicas e cirúrgicas.

Docentes do Departamento

Classicamente, o Departamento de Patologia caracteriza-se por funcionar integrando as atividades docentes e assistencial visando sempre a melhoria do ensino de graduação e pós-graduação. Foi por acreditar que o trabalho assistencial é indissociável do ensino e da pesquisa é que hoje não se consegue visualizar no Departamento uma linha demarcatória entre estas atividades. Este fato é bem exemplificado pela grande integração que existe entre o Departamento e os Cursos de Pós-Graduação (CPG). No Laboratório de Microscopia Eletrônica, por exemplo, cabe ao Hospital a manutenção de equipamentos, compra de parte do material de consumo e a contratação dos técnicos. A participação do CPG se faz através da compra de grande parte do material de consumo além do apoio às teses que ali são desenvolvidas.

Atualmente a **chefia do Departamento** é exercida pela Prof^a. Eliane Pedra Dias. Algumas atividades do SAP são supervisionadas diretamente por docentes designados para tal

função pelo chefe do MPT. Cabe a estes docentes garantir o bom andamento da atividade pela qual ele é responsável, atuando junto a chefia do departamento e a direção do hospital.

Atualmente são designados:

- Chefe do Serviço de **Anatomia Patológica**: *Profa. Rita de Cassia Lauria*
- Coordenadora da Patologia Cirúrgica: *Profa. Rosana Grandelle Ramos*
- Coordenadora da Residência Médica: *Profa. Rita de Cassia Lauria*
- Coordenadora da Citopatologia: *Profa. Cristina Mendonça*
- Coordenadora da Necropsia: *Profa. Ana Luisa Gouvêa*
- Coordenadora da Microscopia Eletrônica: *Profa. Maria Lucia Ribeiro Caldas*
- Coordenadora do Laboratório de Histoquímica, Imuno-histoquímica, e Hibridização: *Profa. Eliene Carvalho da Fonseca*

Residência Médica e Internato em Anatomia Patológica

O Departamento de Patologia vem recebendo residentes desde o final da década de 60. Dispõe anualmente de oito vagas para atender a residência médica. Através de um convênio firmado com o Instituto Nacional do Câncer (INCA) recebemos anualmente mais três residentes para treinamento por um ano. Nos mesmos moldes, o convênio com a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, envia número variável de residentes (em média 2 por ano) para estágio direcionado para patologia de necropsia, com duração de três meses.

Nosso programa de especialização conta com uma vaga oferecida preferencialmente para candidatos estrangeiros ou de outras localidades do país.

O número de internos é variável e o seu treinamento é de 6 meses por ano.

Toda a atividade destes alunos é supervisionada diretamente pelos docentes e administradas pelos coordenadores e por um preceptor da Residência Médica que os avaliam periodicamente.

Curso de Pós-Graduação em Patologia

O Curso de Pós-Graduação em Patologia da UFF teve origem dos Mestrados em Anatomia Patológica e Patologia Buco-Dental, criados em 1972, credenciados em 1977 pelo então Conselho Federal de Educação, no Parecer 2.089/77 e reconhecidos, como áreas de concentração do Curso de Mestrado em Medicina. Na sua evolução criaram-se o Doutorado em Anatomia Patológica e a área de concentração em Patologia Experimental.

A vinculação da área de Patologia Experimental ao curso de Mestrado em Medicina constituía impedimento para atender a profissionais de outras áreas das ciências da saúde, inclusive no Doutorado. Como consequência, em Novembro de 1985, a Comissão Avaliadora da CAPES, encarregada de opinar sobre o credenciamento do curso de Patologia Experimental pelo CFE, pronunciou-se no sentido de que o Curso de Anatomia Patológica fosse desvinculado do Curso de Mestrado em Medicina. Em fins de 1987, ocorreu essa desvinculação, criando-se um curso autônomo de pós-graduação em Patologia, nos níveis de Mestrado e Doutorado, com áreas de concentração em Anatomia Patológica, Patologia Buco-Dental e Patologia Experimental. Com esta nova dimensão, o Curso de Doutorado deixaria também de ser exclusivo dos médicos patologistas, atendendo a médicos veterinários, farmacêuticos, biólogos, bioquímicos, nutricionistas e dentistas com Mestrado em Patologia ou em áreas correlatas.

Este novo curso foi credenciado pelo Parecer 630/90 do CFE e retificado pelo Parecer 436/92 no tocante à sua abrangência ao nível de Doutorado na área de Patologia Experimental.

As avaliações da CAPES - biênios 90/91, 92/93 e 94/95 - atribuíram conceito "A" ao Mestrado e Doutorado nas áreas de Anatomia Patológica e Patologia Experimental, e na última avaliação, em que houve reestruturação dos conceitos, variando de 1 a 7, obteve nota 4.

A área de Patologia Experimental propiciou a convivência de profissionais das diversas áreas da Saúde, incorporando a pesquisa básica aos procedimentos de rotina. Isto tem norteado as linhas e projetos de pesquisa, bem como a implementação de novas técnicas de investigação nos diversos laboratórios que são o seu suporte.

A gerência acadêmica tem incorporado mecanismos de maior dinamização e aferição de aptidões para a pesquisa, buscando melhor qualificação em menor tempo de titulação. Os efeitos desses mecanismos têm repercutido até mesmo nos cursos de graduação da área médica, verificando-se surpreendente ampliação do programa de iniciação científica no Departamento.

Embora o CPG possua estrutura administrativa independente, existe grande parceria entre o CPG e o Departamento. O quadro de docentes do CPG é constituído em sua grande maioria por professores do Departamento o que tem permitido, ao longo dos anos, que o ensino de Pós-Graduação tenha início na Residência Médica ou mesmo na graduação através dos programas de Iniciação Científica. Os Laboratórios, embora em grande parte mantidos com recursos provenientes de verbas destinadas ao CPG, servem indistintamente a todo o grupo de docentes.

O número de dissertações e teses defendidas desde a sua criação é o seguinte:

	M	D	T
Anatomia Patológica	48	22	70
Patologia Experimental	37	39	76
Patologia Buco Dental	8		8
Total	93	61	154

Juntamente com o Curso de Pós-Graduação surgiram diversas linhas especializadas de pesquisa e estudo, com importante produção científica, concentrando-se nas áreas de neuropatologia, patologia metabólica óssea, HPV, patologia buco-dental, dermatopatologia, infecções placentárias, neuroimunologia e timo nas infecções congênitas.

A produção docente e discente, seja sob a forma de trabalhos publicados em periódicos, resumos apresentados em congressos nacionais e internacionais, e participação em capítulos de livros, além das teses abrangeu as linhas e projetos de pesquisa, a grande maioria deles com a participação de alunos de graduação e pós-graduação e o intercâmbio com pesquisadores e instituições do país e do exterior.

Estão cadastradas as seguintes linhas de pesquisa nas diferentes áreas de concentração:

Anatomia Patológica: patologia da AIDS; patologia neuromuscular; imunobiologia; patologia hepática e digestiva; patologia cardiovascular; patologia renal; patologia da hanseníase; patologia oncológica; neuropatologia; patologia ósteo-articular; dermatopatologia; biologia celular; patologia hematológica; patologia ginecológica e materno-infantil;

Patologia Experimental: patologia neuromuscular; imunobiologia; modelos em patologia experimental; patologia da hanseníase; biologia celular; biologia molecular; toxicologia e farmacologia; oncologia e carcinogênese; patologia experimental da AIDS

Patologia Buco-Dental: patologia das glândulas salivares; patologia oncológica; patologia da AIDS; patologia odontogênica; tecnologia aplicada à patologia; patologia dermatomucosa; patologia oral das doenças sistêmicas.

Seguem-se a estruturação geral e o corpo docente do curso de PG em Patologia:

COORDENAÇÃO GERAL

Myriam Dumas Hahn

COORDENAÇÃO DA ANATOMIA PATOLÓGICA

Mayra Carrijo Rochael e Myriam Dumas Hahn

COORDENAÇÃO DA PATOLOGIA EXPERIMENTAL

Miguel Benito Farah e Maria Eugênia Leite Duarte

COORDENAÇÃO DA PATOLOGIA BUCAL

Eliane Pedra Dias e Tereza Cristina R. B. dos Santos

DOCENTES DO CURSO

Ana Maria Freire Tovar, Ana Maria Nunes Mendonça, Anelise Hagen Ferrari, Cyana Leahy-Dios, Cícero Carlos de Freitas, Eliane Pedra Dias, Eliene Carvalho da Fonseca, Evandro Cabral Feijó, Heleno Pinto de Moraes, Izabel Christina P. P. Frugulhethi, Mara Eliane, Marcos Salles Cunha, Maria Angélica Guzman Silva, Maria Eugênia L. Duarte, Maria Eunice O. C. Rodrigues, Maria Isabel Doria Rossi, Maria Lúcia Ribeiro Caldas, Miguel Benito Farah, Myriam Dumas Hahn, Radovan Borojevic, Teresa Cristina R. B dos Santos, Thereza F. Q. dos Santos, Tizuko Miyagui, Vânia G. Silami Lopes, Vivian Mary B. Todd Rumjanek .

Escola de Medicina e Cirurgia da UNIRIO

Carlos Alberto Basílio de Oliveira

Introdução

Devemos despertar o pleno respeito de todos pelas obras de nossos dignos professores, que foram os responsáveis diretos na conquista do espaço que hoje nós ocupamos. É nossa obrigação, no mínimo, de consolidar as posições e partir para adiante, perpetuando a memória e o legado para o futuro.

Todas as gerações passadas percorreram caminhos mais ou menos semelhantes aos dos nossos dias, com as particularidades de suas épocas. A nossa escola e os nossos mestres souberam superar os embates com bastante sacrifício.

A crise política brasileira, a crise da Universidade no Brasil, existe pelo menos há meio século, o que na verdade corresponde a uma sucessão de pequenas crises, que no fundo diz respeito à falta de solução para o desafio político institucional. Desde 1930, não vivemos senão raros e extremamente curtos períodos de tranquilidade política, econômica e social, que na realidade nada mais foram do que períodos de interlúdios para a crise permanente com a qual convivemos convulsivamente.

Esta fase está singularmente caracterizada no plano político pela ação autoritária ou pelo populismo; no plano econômico, pela intermitência entre surtos de desenvolvimento e surtos inflacionários; e no plano institucional, pela oscilação entre o constitucionalismo libertário e o constitucionalismo autoritário. Passaram-se mais de 50 anos. Período crítico que os nossos professores superaram, não se afastando do dever cumprido, convivendo com a sala de aula, com os alunos ou com o trabalho no laboratório.

Há, inclusive os que pretendem ver, na cansativa e dilacerante sucessão de crises que tem marcado o País de nossos dias, o advento da modernidade brasileira, como se os processos de modernização econômica e social, estivessem, inquestionavelmente, condicionados pelo estigma da instabilidade política ou da desestabilização institucional. O que se observa são as disparidades sociais, o aumento do aparelho burocrático do Estado e a expansão, em termos absolutos, do processo de marginalidade social, com todas as conseqüências, se pouco não fosse, o da agonia do próprio processo político. Isso reflete bem, o estado atual da sofrida e esmagada universidade brasileira.

A escola de Medicina e Cirurgia (EMC) teve durante todas essas fases históricas, até os nossos dias, três catedráticos de Anatomia Patológica: Professores Amadeu Fialho, Penna de Azevedo e Francisco Fialho. Neste mesmo período foram interinos os professores Magarinos Torres e Sebastião Coutinho.

O professor Amadeu Fialho na qualidade de médico e anatomopatologista da Saúde Pública conseguiu que fosse criado o Serviço de Verificação de Óbitos, instalando-se na Escola de Medicina e Cirurgia, no velho prédio da rua Frei Caneca. Com isso trouxe grande benefício ao estudo da Anatomia Patológica, como veio colaborar para o curso de Anatomia Humana.

Recebo seus ensinamentos através de discípulos e, principalmente pela leitura de clássicos trabalhos, que o fizeram notável, contendo informações que ainda contribuem, apesar dos anos, para quem se proponha a estudar os blastomas ósseos, as micoses pulmonares, a leptospirose, a febre amarela e muitos outros assuntos.

Teve carisma e fleuma. Escrevia com estilo, imprimindo amor, mesmo em momentos mais tristes, quando descrevia a desgraça e a dor. Ao fazer suas anotações em "Nosologia do Nordeste", trabalho que ficou clássico, conseguiu ao mesmo tempo, tratar do clima, da vegetação, do pitoresco e do patológico, que encontrou nas terras do agreste, com o ambiente modificado pela ação agressiva do homem, fazendo vítimas, homens e crianças, com enormes populações de miseráveis, tomadas pelas doenças endêmicas.

Tenho inúmeras informações a seu respeito, muitas vezes passadas, sem eu nada indagar. As pessoas gostam de falar do professor Amadeu. Contam-me os fatos pelo simples fato de dizerem coisas, com as quais ficam satisfeitas. São histórias ligeiras, casos de diagnósticos insólitos, sátiras bem colocadas, enfim relatos sobre um homem inteligente, sábio em suas propostas, com pleno conhecimento da história natural da vida. Viveu seu tempo. Morreu na glória de ser amado pelos seus.

O professor Penna de Azevedo, foi também brilhante patologista. Professor com estilo didático próprio e aplicado as condições patológicas, experimental e cirúrgica. Teve, infelizmente, curta passagem como professor Catedrático da Escola de Medicina e Cirurgia. Foi traído cedo em sua vida de mestre, ceifado pelos males da hipertensão maligna. Pertenceu a duas escolas das mais representativas de sua época, que permitiram construir seus alicerces, sobre os quais conquistou a Cátedra. A Escola Médica de Manguinhos, junto de Magarinos Torres, Oswino Penna, Eitel Duarte, Madureira Pará, Burle de Figueiredo e outros, com os quais sedimentou seus conhecimentos de patologia tropical fazendo várias publicações a respeito. Cultivou a patologia cirúrgica, nos anos que trabalhou no Hospital dos Servidores do Estado, que desde o seu início, tornou-se importante centro de referências para a formação e projeção de nossos patologistas.

Cabe-me agora, o momento mais fácil e, ao mesmo tempo, o mais difícil. Fácil porque convivo e admiro o professor Francisco Fialho e difícil pela dificuldade de expressar em palavras aquilo que representou e, ainda representa o digno mestre, não somente para mim, mas para as várias gerações de patologistas que me antecederam e as outras que me sucederam.

E porque é assim. Simplesmente pela sua formação de caráter e educação que sempre demonstrou para com todos. Antes do mestre competente, coloca-se singular figura de homem, que sempre manteve firme linha de conduta moral, pela correção das atitudes e de extrema lealdade aos amigos. Ensina aos jovens com o exemplo. Nunca se afastou do código de ética, que aprendeu desde cedo a respeitá-lo e cumpri-lo.

O professor Francisco Fialho em mais de 50 anos de atividade médica, dos quais 38 anos como catedrático de Anatomia Patológica, começou sua carreira universitária como monitor de Anatomia da antiga Universidade do Brasil. Formou-se em 1941, sendo indicado como instrutor de ensino da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas da referida universidade. Foi livre-docente na Praia Vermelha em 1948 e prestou concurso para Catedrático, em 1951, para nossa Escola de Medicina. Realizou carreira, ao mesmo tempo, no Instituto Nacional do Câncer, ocupando o cargo de Chefe do Laboratório de Anatomia Patológica cerca de 30 anos. Foi Diretor daquela instituição em duas oportunidades.

Na Escola de Medicina e Cirurgia foi considerado Professor de linha enérgica, porém justo e consciente, Chefe de Departamento, em várias ocasiões, Decano do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde e Diretor da Escola de Medicina.

Ocupou o cargo de Diretor do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle, também em duas oportunidades. Pertence a várias instituições médicas, com destaque para a Academia Nacional de Medicina, na qual ocupou a Cadeira Nº 88, cujo patrono é seu pai, tendo tomado posse em 1962. Atualmente é membro emérito da ANM.

Venceu todas as etapas a que se propôs e cumpriu com determinação e entusiasmo as funções assumidas. Sempre lutou pela verdade e pelo direito adquirido, nunca se afastando dos caminhos que seriam melhores para as Instituições.

O Professor Francisco Fialho tem uma virtude maior. A de formar discípulos, transformando-os em assistentes e amigos. Como professor de Anatomia Patológica tornou-se mestre-escola, criando ao lado de seu pai, a tradição entre nós, da primeira escola anatomopatológica como verdadeira especialidade voltada para a aplicação médico - cirúrgica.

Cuida com especial carinho da carreira de seus assistentes. Inicia-os ao mesmo tempo, em assuntos administrativos, questão fundamental para a perfeita engrenagem dos serviços universitários. Através da competência médica manteve moderna orientação pedagógica na Disciplina, fazendo com que os alunos também sintam os reflexos da organização e da ação coesa e motivada de toda a equipe profissional.

Na Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), o Professor Francisco Fialho, não terminou sua longa história de médico e professor, apenas venceu mais uma etapa. A Escola de Medicina e Cirurgia e os seus discípulos esperam continuar a colher os dividendos de sua experiência, através dos ensinamentos e dos segredos que domina nos abrangentes mistérios da morfologia. Atualmente é Professor Emérito da EMC.

HISTÓRIA DO DEPARTAMENTO DE PATOLOGIA INSTITUTO OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ

Henrique Leonel Lenzi & Jane Guilhermina Arnt Lenzi

No início do século, as deficiências no ensino da medicina de laboratório eram muito grandes porque as Escolas de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia eram a única fonte de cientistas médicos treinados do Brasil. O uso do microscópio era uma raridade no ensino da histologia e da patologia e o tradicionalismo da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, com enfoque essencialmente clínico, barrava o progresso da patologia ou histologia patológica. Essa, no Rio de Janeiro, começou a desenvolver-se fora da Escola de Medicina, em dois núcleos : no Hospital Nacional de Alienados e no Instituto Oswaldo Cruz.

1) **No Hospital Nacional de Alienados**, localizado na Praia Vermelha GASPAR VIANNA se aproximou de Bruno Lobo, no gabinete de Patologia, e juntos publicaram, em 1908, “ Estrutura de célula nervosa”. De fato G. VIANNA, que se matriculou em abril de 1903 na Faculdade de Medicina, sentiu-se logo atraído pela histologia. O ensino dessa disciplina no Rio de Janeiro só começou a se tornar objetivo e prático após Eduardo Chapot-Pervost ter, em 1890, assumido a respectiva cátedra. A cinco de Janeiro de 1909 G. VIANNA apresenta Tese à Faculdade de Medicina, intitulada :” Estrutura da célula de Schwann dos vertebrados”, a fim de obter o grau de Doutor em Medicina.

2) **No Instituto Oswaldo Cruz (IOC) foi realmente criada e desenvolvida a primeira escola brasileira de anatomia e histologia patológicas.** O IOC originou-se do Laboratório Soroterápico Federal, criado pelo Barão de Pedro Affonso. Em 12 de dezembro de 1907, por decreto do presidente Afonso Pena, esse Laboratório vacinogênico foi transformado no Instituto de Patologia Experimental, sendo logo após denominado de Instituto Oswaldo Cruz. Seus primeiros quinze anos de história foram difíceis e acidentados. O iniciador da escola de patologia de Manguinhos foi HENRIQUE DA ROCHA LIMA, formado em 1901 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nos tempos de estudante, costumava freqüentar o Instituto Soroterápico onde ocorreu seu encanto pela pesquisa científica, chegando a trabalhar com Oswaldo Cruz por um breve espaço de tempo. A primeira tarefa que lhe coube executar em Manguinhos foi a de desenhar uma asa de mosquito. Em 1902 partiu para Alemanha para especializar-se em Clínica Médica. Lá chamou logo a atenção dos professores pelo seu talento e competência e, nas horas vagas, freqüentava os Laboratórios de Microbiologia de Martin Ficker e Rubner, no Instituto de Higiene de Berlim, e de Anatomia Patológica dos professores Kaiserling e Virchow. De volta ao Brasil, em vez de seguir carreira clínica, enveredou para a insegura carreira científica graças a um convite de Oswaldo Cruz para trabalhar no Instituto de Manguinhos. De 1903 a 1907, foi um dedicado e talentoso pesquisador. Já como assistente de Oswaldo Cruz, ROCHA LIMA se licenciou e retornou novamente à Alemanha para concluir seus estudos com o Professor HERMANN DUERCK e visitar as instituições de pesquisa daquele país. Na Universidade de Lena, tornou-se, pelo período de oito meses, assistente de DUERCK, o qual descreveu as lesões cerebrais da malária maligna, que receberam a denominação de granuloma de Duerck . Aproveitando sua estada na Alemanha, ROCHA LIMA sugeriu que o Instituto Experimental de Manguinhos (hoje Instituto Oswaldo Cruz) participasse do Congresso Internacional de Higiene. Como resultado , o Instituto ganhou a Medalha de Ouro oferecida pela Imperatriz de Alemanha e obteve o reconhecimento científico internacional como um centro de excelência, onde se formava a nova geração de médicos, pesquisadores científicos, higienistas e sanitaristas brasileiros. A partir desse fato, estabeleceu-se uma cooperação científica entre Manguinhos e o Instituto de

Moléstias Tropicais de Hamburgo, resultando na vinda de grandes cientistas alemães como Stanislas Von Prowazek, com quem mais tarde ROCHA LIMA trabalharia. O intercâmbio com a Alemanha, que junto com a França, era o país líder no cenário da pesquisa internacional, na época (fase pré-estadunidense), motivou Oswaldo Cruz, coincidindo com o ingresso de Carlos Chagas no Instituto de Manguinhos, a convidar, para aqui trabalhar, quatro grandes nomes da ciência européia : Von Prowazek, notável protozoologista e discípulo de Schaudinn; G.Giemsa, conhecido químico, inventor de um dos métodos de coloração mais utilizado em patologia; Max Hartmann, protozoólogo de fama universal e H. DUERCK, patologista. Infelizmente, esse grande patologista alemão não deixou vestígios durante sua passagem de seis meses, em 1912, por Manguinhos!

ROCHA LIMA tornou-se um patologista de renome internacional, ficando conhecido sobretudo por seus trabalhos sobre as lesões hepáticas na febre amarela. Retornou à Alemanha em 1910, junto com Prowazek, para organizar e dirigir a recém-criada Divisão de Anatomia Patológica do famoso Tropeninstitut Bernhardt Noch, de Hamburgo. Em 1916, ROCHA LIMA e Von Prowazek foram incumbidos pelo Governo alemão de estudarem a epidemia de tifo exantemático que irrompeu nos campos dos prisioneiros russos oriundos de Cottbus. Logo que chegaram, os dois cientistas foram contaminados pela doença, provocando a morte de Prowazek. ROCHA LIMA recuperado, prosseguiu os estudos , os quais culminaram na descoberta da *Rickettsia Prowazekii*, causadora do tifo exantemático, microorganismo situado por ele entre vírus e bactéria. Atualmente através de sequenciamento de rRNA 16S, as rickettsias foram agrupadas no grupo das bactérias purpúreas gram-negativas. Além de esclarecer a etiologia do tifo, ROCHA LIMA contribuiu para a epidemiologia e a profilaxia da doença, trabalhando na obtenção de vacinas e soro. Trouxe contribuições importantes também ao estudo da *Rickettsia quintana*, atualmente denominada de *Rochalimaea quintana*, agente da angiomatose epitelióide vascular e da febre das trincheiras, doença que dizimou tropas durante a Iª Guerra Mundial. ROCHA LIMA retornou ao Brasil em 1928, vindo a assumir, em São Paulo, a direção do Instituto Biológico, fundado por Arthur Neiva. Nesse mesmo ano, Charles Nicolle recebeu o prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia por seu trabalhos sobre o tifo exantemático. Injustamente, ROCHA LIMA não dividiu o prêmio ! ROCHA LIMA pagou alto preço por ter desenvolvido a maior parte de sua carreira na Alemanha. Na década de 30, recebeu, além de outras honrarias, o título de Cavaleiro da Ordem da Águia Alemã das mãos do próprio Hitler, gerando um mal estar na comunidade científica brasileira em relação a sua postura política.

Com a retirada de ROCHA LIMA para a Alemanha, em 1910, Oswaldo Cruz tomou a feliz iniciativa de atrair para Manguinhos GASPAR VIANNA, um jovem cientista em potencial, que errava incerto de laboratório em laboratório, em busca de um ambiente favorável ao desenvolvimento de suas qualidades de investigador, até então apenas esboçadas. Em Manguinhos encontrou o que lhe era necessário para revelar sua personalidade predestinada à pesquisa. Em curto tempo enriqueceu o patrimônio científico do Instituto com uma série de trabalhos de real valor. No Instituto trabalhou de 1910 a 1914, tendo sob sua orientação CESAR GUERREIRO e OSCAR D'UTRA E SILVA, este proveniente também do Gabinete de Anatomia Patológica do Hospital de Alienados. Mais tarde se juntaram a esse pequeno grupo CÁSSIO MIRANDA, que pouco depois iria fundar e dirigir o Instituto Oswaldo Cruz de São Luís do Maranhão, e JOSÉ BERNARDINO ARANTES, que se fixou em São Paulo. O ritmo de trabalho de G. VIANNA era intenso. Pela manhã realizava autópsias na Santa Casa e à tarde, com freqüentes prolongamentos pela noite e alta madrugada, estudava, em seu laboratório em Manguinhos, as peças que de perto o interessavam. Fazia refeições diárias (almoço e jantar) e dormia no próprio Instituto, só indo à casa pernoitar nos fins de semana. Tornou-se, em pouco tempo, um grande amigo de Carlos Chagas, que o convidou para proceder à caracterização histopatológica da nova entidade, recém descoberta, a Doença de Chagas. Carlos Chagas, em retrospecto histórico sobre "Descoberta do Trypanozoma Cruzi e Verificação da Tripanozomíase Americana", publicado no número da Memórias do Instituto Oswaldo Cruz (Ano 1922, Tomo XV, Fascículo I, pgs 67-76) comemorativo do Centenário da Independência do Brasil, assim escreve sobre a participação de

G. VIANNA nos estudos sobre a referida doença: “ O material das autópsias, enviado ao Instituto Oswaldo Cruz, ahi minuciosamente examinado pelo nosso saudoso companheiro GASPAR VIANNA, cuja alta capacidade tecnica e especial competência em anatomia patológica nos foram da maior valia. GASPAR VIANNA verificara no myocardio da creança, formas parasitárias muito curiosas, localizadas dentro das fibras cardíacas, que se mostravam em grande número, transformadas em verdadeiros Kystos. Aspectos idênticos do parasita foram observados em outros órgãos. Houve então, segundo me informou Oswaldo Cruz, alguma dúvida no interpretar as formas parasitárias observadas, opinando VIANNA em que representavam de facto, estádios especiais do *Trypanozoma cruzi*. E toda indecisão desapareceu quando, em Lassance, o meu grande mestre Oswaldo Cruz, mostrou-me cortes e frottis do myocardio nos quaes reconheci, imediatamente, formas parasitárias idênticas as por mim obtidas nas culturas artificiais do *Trypanozoma*. Nenhuma dúvida portanto, poderia mais subsistir relativamente à observação de VIANNA, na qual ficava demonstrada a localização do parasita sob formas especiaes, no myocardio, dentro das fibras cardíacas . E dahi surgia, desde logo a interpretação possível de um dos signaes clínicos mais freqüentes da doença, qual o constituído pelas arhythmias.”

G. VIANNA, além de identificar ninhos de *T. cruzi* intracelulares, observou a sua multiplicação intracelular por divisões binárias sucessivas sob a forma de Leishmanias, a transformação dessas em tripanossomos ainda no interior das células e seu egresso destas. Esclareceu também que a sede dessas “ formas intracelulares de multiplicação se encontra no miocárdio, nos músculos estriados, no sistema nervoso, além de outros tecidos”, o que constituiu uma das maiores conquistas da protozoologia aplicada.

Com a experiência em tripanossomos, passa, em 1911, a caracterizar o tipo de leishmania causador da temível úlceras de Bauru que ceifava impiedosamente os operários que trabalhavam na abertura da via férrea ligando a cidade de Bauru com o vizinho estado de Mato Grosso. A esse respeito comenta Leonidas Deane: “Foi ainda GASPAR VIANNA quem criou em 1911 a espécie *Leishmania brasiliensis* para o agente da nossa úlcera de Bauru a fim de distinguí-la da *Leishmania tropica* causadora do botão do oriente com a qual aquela era identificada até então. Fê-lo baseado em caráter morfológico, erroneamente julgou próprio da nossa Leishmania tegumentar – a presença de um rizonema – estrutura que mesmo antes dele já fora evidenciada tanto na *Leishmania tropica* como na *L. donovani* . Entretanto a espécie criada por VIANNA é até hoje aceita por boa parte, talvez a maioria dos parasitologistas, embora por outra ordem de razões.” Não se limitando ao estudo do agente etiológico, baseado na aplicação vantajosa do antimônio em certas tripanossomoses, passou a utilizar, com muita prudência, o velhíssimo tártaro emético (=tártaro duplo de potássio e antimônio) no tratamento da leishmania tegumentar. Obteve surpreendente êxito, conseguindo a cicatrização rápida e definitiva das lesões. Comunicou os resultados no 7^o Congresso Brasileiro de Medicina e Cirurgia, sessão da Sociedade Brasileira de Dermatologia, em 24 –26 de Abril de 1912, em Belo Horizonte, o qual consta dos Anais do 7^o Congr. Bras.Med.Cirurg. 4(3):426-428. Em parceria com Henrique Aragão aplicou também, com sucesso, o sal de antimônio no tratamento de granuloma venéreo. GASPAR VIANNA observara nas lesões de granuloma venéreo um germe capsulado (corpúsculo de Donovan), denominando-o naquela época (1912) de *Kalymma Bacterium* (de KALYMMMA= manto/granulomae, atualmente chamado de *Calymmatobacterium granulomatis*. Segundo Carlos Da Silva Lacaz, chamava VIANNA a atenção dos laboratoristas para as grandes vantagens do método de Giemsa na evidenciação do microorganismo agente das lesões, principalmente de sua cápsula. Cultivou em agar-Sabouraud maltosado o referido agente, mostrando sua patogenicidade para diversos animais de laboratório. É importante lembrar que Giemsa trabalhou no Instituto a convite de Carlos Chagas, daí o domínio que ROCHA LIMA e GASPAR VIANNA tinham da coloração por ele descrita.

Antônio Dácio Franco do Amaral, professor catedrático de parasitologia da Universidade de São Paulo, ao lecionar na Universidade de Carabobo, na Venezuela, assim se pronunciou sobre as descobertas de G. VIANNA : “ Los investigadores pasaron a aplicar el tratamiento de VIANNA en el botón oriental y en el grave Kala-azar o Leishmaniasis visceral. Esta Leishmaniasis

visceral en aquellas épocas mataba el 95% de los enfermos que acometia. El tratamiento introducido por VIANNA en las Leishmaniasis logró bajar este índice de mortalidad hasta el 5%. Es pues obra de estricta justicia considerar a GASPAR VIANNA uno de los bienhechores de la Humanidad. Su descubrimiento se queda en el mismo plan de importancia de los descubrimientos de Ehrlich (1910), con el salvarsan para la sífilis; de Rogers (1912), con la emetina para las formas agudas intestinales y extraintestinales de la amebiasis; de Brown y Pearce (1920-1921), con la triparasamida para la enfermedad del sueño, etc". Em 1913, apresenta à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro Tese de livre docência em anatomia patológica, intitulada " Moléstia de Posadas-Wernicke- lesões apendiculares." Na época a paracoccidioidomicose (*Paracoccidioides brasiliensis*) era ainda confundida com coccidioidomicose (*Coccidioides immitis*), que tinha sido descrita pela primeira vez, como uma infecção disseminada, por Posadas em 1892, na Argentina. G. VIANNA publicou de 1908 a 1914, 23 trabalhos, todos em revistas nacionais (Brasil medico, Mem.Inst.Oswaldo Cruz, Arch. Bras. de Medicina, Bolet. Da Soc.Bras. de Dermatologia, An.Paul. de Med. e Cirurgia). Segundo L. Deane: "As mais importantes contribuições de GASPAR VIANNA à medicina foram certamente o tratamento das Leishmanioses e o seu estudo da anatomia patológica da doença de Chagas. " G. VIANNA faleceu a 15 de junho de 1914, com apenas 28 anos de idade, sendo inumado no Cemitério de São João Batista. Olympio da Fonseca Filho, recolheu de Lucila, irmã de G. VIANNA, a mais exata versão do ocorrido, a saber: " Certo dia, em Abril de 1914, chegou à casa GASPAR VIANNA muito apreensivo, por lhe haver sucedido grave e imprevisto acidente durante uma necrópsia. Depois de abrir a caixa torácica dum cadáver tuberculoso, ao incisar a pleura, jorrou-lhe inopinada e violentamente no rosto grande quantidade de líquido existente sob pressão dentro daquela cavidade, penetrando-lhe pelo nariz e pela boca, e obrigando-o a degluti-lo em parte. Poucos dias em seguida, surgiram os primeiros sintomas de infecção tuberculosa aguda que o prostrou em menos de dois meses, terminando pelo acometimento das meninges. Antes daquele acidente, GASPAR gozava sempre de excelente saúde, nunca se queixando de coisa alguma."

A morte de G. VIANNA abalou o Instituto Oswaldo Cruz, que, pela primeira vez, perdia um dos seus pesquisadores, ficando privado do orientador dos trabalhos de anatomia patológica, os quais ficaram entregues a um grupo de jovens como ele, dentre os quais se destacavam MAGARINOS TORRES, CESAR GUERREIRO, OSWINO PENNA, CARLOS BURLE DE FIGUEIREDO E OSCAR D'UTRA E SILVA.

Em 11 de fevereiro de 1917 morre Oswaldo Cruz e no dia 14 do mesmo mês Carlos Chagas é nomeado para substituí-lo no direção do Instituto. Assim escreve o filho Carlos Chagas Filho sobre o famoso pai: "À anatomopatologia ligavam Chagas interesses de velha data, oriundos do seu aprendizado na Santa Casa, com Couto, e de sua própria experiência na execução de necrópsias, fosse no Hospital Evandro Chagas, fosse, principalmente, naquelas realizadas – com que dificuldade! – em Lassance. Ali, muitas vezes, meu pai, como os sábios da renascença, teve que praticá-las às escondidas. A secção de anatomia patológica contou com dois fatores da maior importância. O primeiro foi o da subordinação do serviço de necrópsias, do Hospital São Francisco, criado para Chagas, quando diretor de Saúde Pública, hospital em que todos os doentes falecidos eram necropsiados. O segundo foi a necessidade de reforçar o quadro da secção, que já era brilhante, com a admissão de um novo elemento. É que a morte, tão prematura, de GASPAR VIANNA, eliminou do quadro do Instituto uma das melhores cabeças pensantes em patologia. Chagas conseguiu trazer, com auxílio da Fundação Rockefeller, para fortalecer o trabalho realizado neste setor – da maior importância na interpretação dos mecanismos patogênicos – um cientista norte-americano, o professor BOWMAN CROWELL, da escola de Ewing. Assim, completa-se um dos melhores grupos de anatomia patológica jamais formado na América do Sul. CROWELL veio juntar-se a OSWINO ALVARES PENNA, ARCHANJO PENNA DE AZEVEDO, CARLOS BASTOS MAGARINOS TORRES, CARLOS BURLE DE FIGUEIREDO. A irradiação desse grupo para o resto do Brasil foi de muito valor e a sua contribuição ao progresso do conhecimento de nossa nosologia é fácil de ser encontrada na coleção de artigos publicados, principalmente, nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz."

Dr. BOWMAN C. CROWELL, trabalhava no Hospital de Bellevue de Nova York e tinha grande experiência em doenças tropicais, adquirida através de longa permanência nas Filipinas. Chegou ao Rio de Janeiro em 1918. Uma das primeiras e trágicas tarefas que coube a CROWELL desempenhar foi a de necropsiar algumas das primeiras vítimas da pandemia de gripe que grassou no Rio de Janeiro em Outubro de 1918. A gripe espanhola chegou ao Brasil pelo navio da Royal Mail britânica, o S.S. Demerara, que aportou no dia 21 de setembro de 1918 no Rio de Janeiro. A permanência de CROWELL no Brasil foi de cerca de cinco anos, que, segundo Olympio da Fonseca Filho, “foi um período frutuoso para os estudos de patologia entre nós e, sem receio, para a medicina nacional. Data daí, no Rio de Janeiro, a existência, pelo menos corrente, da colaboração anátomo-clínica, o patologista e o clínico, em sintonia concorrendo para o esclarecimento do diagnóstico”. CROWELL arquivou e organizou em três volumes os laudos das centenas de necrópsias realizadas, no curto espaço de pouco mais de dois anos, por GASPARIANNA.

São clássicos os trabalhos de MAGARINOS TORRES sobre a patologia chagásica. Na época a miocardite crônica era interpretada como evolução progressiva e direta de uma miocardite aguda remota. Julio Muniz e colaboradores (1970), num longo e importante trabalho sobre a “Tripanossomíase americana (Doença de Chagas) dentro dos conceitos da imunopatologia”, destacou a importância dos trabalhos de M. TORRES. Em 1929, M. TORRES, ao proceder a um estudo comparativo das diversas cavidades cardíacas em casos de miocardite chagásica crônica, pôde comprovar que as lesões fibrosas crônicas eram mais extensas nos ventrículos, parecendo que a miocardite havia iniciado ali num período mais remoto que nas aurículas; nessas o predomínio da infiltração celular e a pouca extensão da fibrose indicavam um processo mais recente em evolução. Baseado nessas observações alicerçadas em uma maior casuística, concluiu que um estado alérgico contribuía para o desenvolvimento da miocardite intersticial crônica da doença de Chagas. Esse conceito visava interpretar o processo evolutivo então observado no miocárdio, apesar da ausência ou da presença de um número reduzido de parasitas. Em 1941, M. TORRES volta a estabelecer um novo conceito a respeito da patogenia da doença de Chagas, afirmando que as “lesões inflamatórias se iniciam, não em torno do *S. cruzi* (*T. cruzi*) e de células por ele parasitadas e destruídas, mas sim ao nível dos pequenos vasos sanguíneos capilares e pré-capilares, dos territórios onde a colonização pelo *S. cruzi* é mais intensa”. Daí conclui “que o processo inflamatório, na Doença de Chagas é, pois, a consequência de uma ação induzida à distância, pelo *S. cruzi*, por meio de uma hipotética toxina esquizotripânica, a qual possivelmente seria, em parte, a “substância solúvel” de Mazza-Jörg, por eles evidenciada graças ao fenômeno de Schwartzmann”. Esse ponto de vista se aproxima, em parte, segundo Muniz e cols (1970), ao exposto em 1914 por M. MAYER e H. ROCHA LIMA, quando afirmaram, depois de relatar a íntima relação das alterações das células parasitadas com a destruição do parasita em seu interior, que ao lado desse fato “ocorrem processos inflamatórios mais ou menos extensos em diferentes órgãos, os quais não têm relação direta com a localização dos parasitas, senão que são de caráter variável e causadas pela noxa presente na circulação e nos vasos linfáticos. Apresentam certas relações com os parasitas, porque a inflamação é mais intensa quando se tem numerosos focos de parasitas.” Em 1947, MUNIZ e PENNA DE AZEVEDO realizam o primeiro trabalho com base experimental visando testar o conceito de alergia introduzido por M. TORRES na patogenia da doença de Chagas. M. TORRES trouxe contribuições relevantes e originais em várias outras doenças, incluindo cromoblastomicose. Junto com JOSÉ CASTRO TEIXEIRA trouxe subsídios histopatológicos para distinguir varíola de alastrim. Realizou estudos fundamentais, assim como o fez também ROCHA-LIMA, sobre a anatomia patológica da febre amarela, descrevendo a degeneração oxicromática do núcleo das células hepáticas (lesão de Magarinos Torres), com presença de inclusões nucleares características de fase mais aguda da doença. Mostrou, pela primeira vez, que *Encephalitozoon* ou *Toxoplasma* era o agente etiológico de uma nova doença humana, em cujo quadro anatomo-patológico se incluíam, entre outras a hidrocefalia e lesões de meningo-encefalite e de miocardite. Além de mostrar que se tratava de doença generalizada e sistêmica, demonstrou, também, que a doença podia ser congênita. Depois do trabalho de TORRES, que pela primeira vez descrevia o quadro de

toxoplasmose, vieram os trabalhos de Wolff e Cowen (1937) que situaram o parasita encontrado por TORRES no gênero Toxoplasma. Em 1945, M.TORRES e CESAR PINTO, estudando as lesões ocasionadas pelo *Schistosoma mansoni* em tatu (*Euphractus sexcinctus*), demonstraram que a eliminação dos ovos daquele trematóide é feita em virtude da formação de um infiltrado celular inflamatório em torno do ovo de *S. mansoni* com histólise e desagregação das paredes das glândulas de Lieberkühn próximas; a passagem do ovo para o lúmen da glândula citada e a sua eliminação para o interior do tubo gastrointestinal, é feita juntamente com o produto secretado pela glândula de Lieberkühn. Essa importante observação foi completamente ignorada pela literatura, nacional e estrangeira, sendo posteriormente confirmada por Lenzi e colaboradores. (1987).

No final da década de 1950, a Divisão de Patologia, chefiada por M.TORRES, foi transferida do Castelo para um prédio próprio de cinco andares (atual Pavilhão Carlos Chagas). A Divisão de Patologia além da Seção de Anatomia Patológica passou a ter as Seções de: Hematologia e Medicina Experimental. A Seção de Hematologia contou com a atividade e competência de WALTHER OSWALDO CRUZ, que estudou vários aspectos da anemia ancilostomótica e dos processos de coagulação do sangue. ERNANI MARTINS DA SILVA foi outro hematologista de Manguinhos que deixou vestígios permanentes de sua passagem pelo Instituto.

No seu apogeu, a Divisão de Patologia, contava com elementos competentes nos mais diversos aspectos da anatomia patológica especial. Além do M. TORRES, seu chefe, havia JOSÉ FRANCISCO MADUREIRA PARÁ, especialista em hepato-patologia. Obteve larga experiência no Serviço de Febre Amarela da Fundação Rockefeller, o qual, a partir de 1949, fora transferido para o Instituto Oswaldo Cruz. Desse Serviço originou-se a maior Coleção de Febre Amarela do mundo, que atualmente está localizada no Departamento de Patologia. A patologia fetal e do recém-nato tinha em RITA ALVES DE ALMEIDA CARDOSO uma especialista de alto valor. A dermatopatologia contava com GILBERTO DE AZEVEDO TEIXEIRA, que realizou trabalhos relevantes em paracoccidiodomicose humana. O neuropatologista ALEXANDRE ALBERTO DE ALENCAR trouxe importantes contribuições sobre pan-encefalites sub-agudas esclerosantes, e foi o maior especialista em neuropatologia da Doença de Chagas. EITEL DUARTE era especialista em patologia ginecológica e JORGE DE PAULA DA SILVA GUIMARÃES, que foi estagiário durante três anos no Instituto Nacional do Câncer de Londres, desenvolveu linhas de pesquisa em carcinogênese experimental, estudando principalmente a ação biológica das radiações. A linha de cancerologia experimental foi mais tarde mantida por ITÁLIA GUARANY ANGIOLA KERR, que ingressou no Instituto, em 1956, como bolsista e assistente do Dr. JORGE GUIMARÃES.

Em 1976, o Instituto Oswaldo Cruz já transformado em Fundação Oswaldo Cruz, sofreu uma profunda reformulação na área da pesquisa. As Divisões foram desarticuladas, algumas remanejadas e deslocadas de seus prédios. A Patologia estava entre elas e teve seu material e pesquisadores dispersados. Durante cinco anos, os pesquisadores ficaram sem a menor possibilidade de realizar qualquer espécie de trabalho. Alguns deles foram obrigados a mudarem suas linhas de pesquisa para se envolverem em programas temáticos, impostos pela Instituição. Em 1979, José Rodrigues Coura, ao assumir a Vice-Presidência de Pesquisa da Fundação e a Direção do Instituto, propôs, à Presidência da FIOCRUZ, a reorganização do Instituto Oswaldo Cruz em Departamentos, incluindo o Departamento de Patologia. Em 1981, o Departamento de Patologia foi então reestruturado, ficando sob a chefia de GILBERTO DE A. TEIXEIRA, e instalado, em condições precárias, no prédio Gomes de Faria (Térreo), onde se encontra até hoje. Mais tarde, início de 1984, HENRIQUE LEONEL LENZI E JANE GUILHERMINA ARNT LENZI, que se encontravam na Universidade de Harvard, USA, assumiram, a convite de J. Rodrigues Coura, o Departamento de Patologia, com a missão de modernizá-lo e dinamizá-lo.

Naquele momento, trabalhavam na Patologia GILBERTO TEIXEIRA, que de fato atuava mais em função administrativa na Presidência da FIOCRUZ, e que exercia a função de chefia, ITÁLIA GUARANY ANGIOLA KERR, ROBERTO MESQUITA e GUIDO VIDAL SCHAEFFER. A

situação encontrada por H. L. LENZI e JANE G. ARNT LENZI foi a seguinte: pesquisadores e técnicos desatualizados, ausência de estudantes, equipamentos obsoletos e em precário estado, inexistência de biotério de experimentação em condições adequadas, ausência de registros e arquivos de material, que haviam sido perdidos (queimados?), além de paredes mofoadas. A partir de 1984, com a nova chefia, foi iniciada a reestruturação do Departamento, com o intuito de retornar à filosofia inicial da Escola de Manguinhos, contudo, dentro da perspectiva da ciência atual. Para tanto, foram definidos e perseguidos os seguintes objetivos : 1. Estudar temas de Patologia Humana, especialmente em doenças infecciosas e parasitárias (Patologia Médica); 2. Estudar modelos experimentais, visando a inteligência da patogenia de doenças infecciosas ou outras, usando todos os recursos técnicos adequados e disponíveis do arsenal da pesquisa moderna (Patologia Experimental); 3. Formar recursos humanos (pesquisadores e técnicos), com capacitação para a utilização, na pesquisa e diagnóstico, dos avanços técnicos recentes (Formação de Recursos Humanos).

Tendo como referencial os objetivos propostos, o Departamento traçou metas quinquenais bem definidas e, como estratégia operacional, deu destaque, a partir de 1984, aos seguintes aspectos, considerados importantes, para a expansão e aperfeiçoamento do Departamento: 1. Recursos humanos - Foram estabelecidas Reuniões Científicas internas, às vezes, com a participação de professores convidados, para o grupo de pesquisadores, estudantes, biólogos, técnicos e estagiários, visando ao aprimoramento, homogeneização e ao entrosamento de toda a equipe. Além disso, foram contratados quatro funcionários, atendendo aos setores de Secretaria, Biotério de Experimentação e Laboratório; 2. Espaço físico (ecologia ambiental) – Houve redistribuição de salas, pintura geral e melhoramento físico das salas, laboratórios e biotério de experimentação; 3. **a)** Criação de novos setores de apoio à pesquisa, como: secretaria, salas de : reuniões, de estudantes e estagiários, de macroscopia, de reagentes e balanças, almoxarifado, blocoteca, arquivo de lâminas, novos infectórios, moluscário e lesmário; **b)** Criação de novos laboratórios: esquistossomose (com manutenção do ciclo do *Schistosoma mansoni*), angiostrongilíase (com manutenção do ciclo do *Angiostrongylus costaricensis*), imunohistoquímica, histoenzimologia, cultura de células, imunopatologia, patobioquímica, microscopia óptica de alta resolução e ultraestrutura (somente pré-microscopia eletrônica), patologia molecular (em planejamento) e tratamento de imagem, incluindo imagens em 3-D; 4. Atividades de pesquisa: manutenção de projetos previamente existentes; estabelecimento de novos projetos intradepartamentais e interinstitucionais; 5. Atividades docentes: o Departamento assumiu a coordenação, programação e administração de aulas teóricas e práticas de Patologia Geral e Inflamação I, nos Cursos de Pós-Graduação do IOC; aperfeiçoou e ampliou a disciplina de Noções Básicas de Técnicas Aplicadas à Patologia Experimental no Curso Técnico em Biologia Parasitária do IOC (ambos a partir de 1984) e, a partir de 1989, responsabilizou-se pela disciplina de Técnicas Histológicas, no Curso Técnico de 2º Grau, da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – FIOCRUZ; 6. Orientação de estudantes: pós-graduandos, de iniciação científica (nível: graduação) e do Programa de Vocação Científica da EPSJV (nível: 2º Grau) e estagiários de pesquisa e de área técnica, com desenvolvimento de teses, em nível de doutorado e mestrado, além de monografias (para conclusão de cursos de especialização, bacharelado e do Programa Avançado de Vocação Científica); 7. Recuperação das Coleções: A partir de Julho/1985, sob a supervisão de ITÁLIA G. A. KERR, o Departamento iniciou os trabalhos de recuperação das Coleções de Peças Macroscópicas (Museu da Patologia) e de Febre Amarela (blocos, frascos com fragmentos de tecido de reserva, lâminas, arquivos com laudos histopatológicos e dados epidemiológicos, além de fichas clínicas correspondentes a 490.000 viscerotomias hepáticas). Em 1997, a Coleção de Febre Amarela recebeu, no Pavilhão Lauro Travassos, uma área nova, planejada para sediar todo seu acervo.

Após a montagem da infra-estrutura básica, o Departamento/ Laboratório de Patologia instalou entre o final de 1996 e 1997, um setor de Microscopia avançada e multidisciplinar, que inclui microscópio de varredura confocal a laser (LSM-410, Zeiss), microscópio eletrônico de varredura (LEO, 435 VP), tipo ambiental que opera com pressão à vácuo variável (alto e baixo

vácuo) e temperatura controlada, possibilitando o estudo de espécimes não fixados e não metalizados, além de computadores, com “softwares” variados para análise e tratamento de imagens.

As **principais linhas de pesquisa** do Departamento / Laboratório visam: a) Estudo da patologia, imunopatologia e patogenia de doenças infecciosas e parasitárias (esquistossomose, angiostrongilíase, paracoccidioidomicose, tripanossomose e outras), enfocando as reações locais (Ex.: granuloma) e sistêmicas (Ex.: medula óssea, sangue e cavidades serosas), analisando a participação de várias linhagens celulares e de componentes da matriz extracelular ; b) mecanismos da eosinofilia parasitária (Biologia dos Eosinófilos); c) morfobiologia e desenvolvimento de órgãos linfóides e linfohematopoéticos (ontogenia e filogenia) e d) desenvolvimento de técnicas para microscopia óptica de alta resolução. O Departamento estuda em material humano e em animais de laboratório, utilizando diversos modelos, principalmente murídeos e cricetídeos.

O Departamento/Laboratório segue, nas suas três linhas básicas de pesquisa, a filosofia de trabalho aprendida na escola do Prof. Zilton de Araújo Andrade, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que prioriza estudos sobre mecanismos patogênicos dentro de um prisma morfológico funcional e multidisciplinar. Essa filosofia de trabalho é concretizada através de interações com colegas de outras Instituições e especialidades. Em artigo sobre Histoarquitetura do granuloma esquistossomótico, publicado em 1998, participaram dois pesquisadores, que são bioengenheiros, especialistas em biomecânica, sendo um deles de Israel. O Departamento interage também com matemáticos, visando o desenvolvimento de "softwares" para estudos e análises de estruturas teciduais normais ou patológicas, em três dimensões (3-D).

Atualmente, o Departamento/Laboratório de Patologia conta com três pesquisadores do quadro (Henrique Leonel Lenzi, Jane Guilhermina Arnt Lenzi e Ester Maria Mota), um pesquisador visitante (Ronaldo Grechi Pacheco), uma tecnóloga bióloga (Luzia Fátima Gonçalves Caputo) e dois técnicos de nível médio (Filomena de Fátima Cruz e Iolanda Deolinda Pedro), além de vários bolsistas, principalmente estudantes de pós-graduação, em nível de mestrado e de doutorado.

De 1984 até o momento, ocorreu um grande salto de qualidade, tanto em recursos humanos, como em infra-estrutura. O Departamento procura preparar jovens com mentes flexíveis e abertas, capazes de deslocarem-se através dos limites das disciplinas, com originalidade e liberdade, evitando visões tunelizadas. propiciando-lhes vivência com os avanços tecnológicos da especialidade. São estimulados o espírito crítico e o questionamento de paradigmas como : o antropocentrismo, a visão ontológica das doenças e a linearidade do pensamento. Em contraposição, propõem-se uma visão filogenética da biologia; o conceito de que os fenômenos patológicos são processos fisiológicos alterados (visão fisiológica das doenças) e a importância de começar a pensar e a delinear metodologias, que explorem sistemas complexos. Salienta-se a importância da qualidade da pesquisa e de pesquisar ludicamente, mas com compromisso social.

Entre as contribuições principais e originais dentro de suas linhas de pesquisa, obtidas a partir de 1984, destacam-se: o encontro de um ciclo de *Trypanosoma cruzi* em glândulas anais de *Didelphys marsupialis* que se assemelha ao existente no hospedeiro invertebrado (junto com o Departamento de Protozoologia - IOC); a proposta de mecanismo complexo de eliminação de ovos do *Schistosoma mansoni* para a luz intestinal; a caracterização da pancreatite esquistossomótica e a descrição de um órgão linfomieloide associado às cavidades celomáticas (CALT = “Coelom-associated Lymphomyeloid Tissue”) e sua participação em várias infecções (*S. mansoni*, *A.costaricensis*, *T.cruzi*, *Paracoccidioides brasiliensis* e *Plasmodium berghei*). As publicações sobre a participação do CALT em doenças parasitárias foram pioneiras na literatura. O Departamento tem também se destacado no estudo da participação de componentes da matriz extracelular em lesões de diversas etiologias (esquistossomose, angiostrongilíase, paracoccidioidomicose, hanseníase e adenovirose), na análise do granuloma parasitário, através de um enfoque morfogênético (baseado em biologia do desenvolvimento) e multidisciplinar, incluindo histoarquitetura, bioengenharia e matemática. O Departamento instalou, pela primeira

vez no Brasil, o ciclo do *Angiostrongylus costaricensis*, trazendo as seguintes contribuições: aprofundou o estudo da patologia da angiostrongilíase abdominal, detectou os primeiros hospedeiros vertebrados e invertebrados existentes no Brasil, reformulou o ciclo do parasito em hospedeiro definitivo, e descreveu, detalhadamente, as interações do *A.costaricensis* com o hospedeiro intermediário (esta parte do trabalho foi realizada em cooperação com o Laboratório de Helmintos Intestinais, Centro de Pesquisas René Rachou, Belo Horizonte).

HISTÓRIA DA PATOLOGIA CIRURGICA NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Anadil Roselli

Introdução

A patologia cirúrgica no seu conceito atual, incluindo o exame por congelação durante o ato cirúrgico e os meios mais sofisticados de diagnóstico como imuno-histoquímica, biologia molecular, genética, morfometria, etc, é relativamente recente em nosso meio. Foi mais difundida a partir da década de 40 e o impulso inicial foi dado no Hospital dos Servidores do Estado, inaugurado em 1947, divulgando-se com grande ênfase o exame por congelação durante o ato cirúrgico. A Patologia Cirúrgica estuda não só os aspectos tradicionais macro e microscópicos como também os inúmeros meios sofisticados de diagnóstico, atualmente em evidência.

No dizer de Lord Moynihan, a Patologia Cirúrgica é a patologia do vivo e Foot reforça este ponto de vista dizendo "esta sub-especialidade difere radicalmente da Patologia Geral em uma particularidade importante, trata do futuro e não do passado". É evidentemente um ramo da Patologia Geral da qual vem, aos poucos, se divorciando, tendo atualmente em muitos hospitais e universidades o seu próprio departamento e o seu professor. Em 1925, quando Boyd publicou o seu livro "Patologia Cirúrgica" este conceito ainda não era muito difundido.

Já em 1953, Ackerman, na primeira edição do seu livro "Surgical Pathology", mencionava que o "Departamento de Patologia de um grande centro médico deve ter uma divisão de Patologia Cirúrgica intimamente ligada aos departamentos de Clínica e Cirurgia. A Patologia Cirúrgica indica cirurgia mas o moderno patologista cirúrgico deve estar ligado aos diversos ramos da Medicina. Isto inclui todas as especialidades cirúrgicas, medicina interna, dermatologia, neurologia, radiologia, radioterapia e oncologia médica".

Atualmente é importante que o cirurgião, o radiologista e o patologista trabalhem em conjunto e interpretem a doença como um todo. A comunicação entre os médicos dos vários departamentos de um hospital é da mais alta importância. E Lanfranchi no século XIII já dizia: "Ninguém pode ser um bom médico sem ter idéia das operações cirúrgicas e um cirurgião é nada se ignorante de Medicina".

Antes de entrar propriamente na Patologia Cirúrgica do Rio de Janeiro gostaria de, abrindo um parêntese, fazer alguns bosquejos históricos da própria patologia e que são oportunos e interessantes.

Aspectos Históricos da Patologia

A história da Anatomia Patológica remonta há muitos anos. A primeira referência clara a uma autópsia data de 1286 quando um médico de Cremona estudou um cadáver em uma epidemia de peste, procurando determinar a natureza da doença.

No início do século XVI, apareceu o livro de Beniveni, de Florença, considerado praticamente a primeira patologia baseada no exame de cadáveres.

Mas o início da era verdadeiramente científica da Anatomia Patológica surgiu com Morgagni, anatomopatologista italiano que, em 1761, escreveu o livro "De sedibus et causis morborum per anatomen indagatis". É este o primeiro alicerce seguro da ciência anatomopatológica. Estudos subseqüentes de Bichat completaram a obra de Morgagni com mais precisão científica. Por isso é ele considerado o verdadeiro fundador da Anatomia Patológica.

Em 1858, Virchow, patologista e político alemão, publicou a Patologia Celular e demonstrou que toda estrutura é constituída por células e é aí que se situa a doença. Sua teoria está sintetizada no célebre aforismo "Omnis cellula e cellula".

Assim a Anatomia Patológica até Morgagni é puramente empírica; Morgagni e Bichat iniciam a fase propriamente científica e predominantemente morfológica. O período áureo anátomo-clínico, histopatológico, fisiopatológico e clínico é representado por Virchow, Laennec e outros.

A Anatomia Patológica foi, pela primeira vez incluída no Curso da Faculdade de Medicina de Paris, planejada por Cabanis, no fim do século XVIII. Mas só anos depois, em 1836, foi nomeado o seu professor. Na França a Anatomia Patológica era um meio auxiliar do estudo de casos clínicos. A escola alemã em 1819 considerou a Anatomia Patológica um ramo especializado e Lobstein foi o primeiro professor. Das últimas décadas do século passado até hoje a civilização caminhou vertiginosamente e a Anatomia Patológica acompanhou todos estes progressos humanos.



1831-1902
Rudolf Virchow

A Patologia Cirúrgica

A Patologia Cirúrgica surgiu da necessidade que os cirurgiões tinham de saber a natureza das lesões por eles ressecadas. Mas os patologistas mais antigos influenciados pelos professores da escola européia, particularmente da Alemanha e da Áustria, mostravam pouco ou nenhum interesse em estudar peças cirúrgicas. Mas jovens cirurgiões e talvez alguns jovens patologistas passaram a se interessar para estabelecer o diagnóstico das lesões removidas, ajudando os cirurgiões a formular um prognóstico e o tratamento adequado. Por isso o Departamento de Cirurgia, antes do de Patologia, tomou a iniciativa desta responsabilidade.

Isso ocorreu em torno da última década do século XIX, quando nos Estados Unidos iniciou-se a base da Patologia Cirúrgica, incluindo o exame por congelamento durante o ato operatório. Neste mesmo período, a Cirurgia apresentou extraordinário desenvolvimento, principalmente com o refinamento da anestesia e a aplicação de técnicas antissépticas.

No início deste século, mais precisamente em 1905, sentiu-se a necessidade de um laboratório de Patologia Cirúrgica, no qual os estudos pudessem ser feitos, acrescidos da oportunidade de confirmar com o auxílio do microscópio as observações macroscópicas.

Um dos procedimentos mais significativos empregados pelo patologista cirúrgico é o exame por congelamento durante o ato cirúrgico. Este exame foi introduzido por algumas instituições no fim da última década do século XIX e o primeiro exame foi feito por William Welch, em 1891, para o diagnóstico de tumor de mama em paciente operada por Halsted.

Graças aos irmãos William e Charles Mayo, a cirurgia apresentava alto índice de desenvolvimento. O Dr. William sentiu a necessidade de um rápido diagnóstico microscópico durante a operação, pois a cirurgia atingia grande avanço naquela clínica. Convidou então o Dr. Louis Wilson, renomado patologista, para ser o responsável por este setor, já que ele tinha grande experiência com coloração intravital do sistema nervoso com azul de metileno e era familiar com o novo método de gás carbônico no congelamento. Com este background o Dr. Wilson imaginou um método para rápido diagnóstico durante a cirurgia. Atualmente a congelamento é aplicada em todo o mundo, embora usualmente só utilizada em determinado número de casos que requerem decisão imediata para a conduta cirúrgica. Nos hospitais da Clínica Mayo a congelamento é obrigatória em todos os casos cirúrgicos embora as biópsias não sigam a mesma rotina.

Na década de 20, a Patologia Cirúrgica, mesmo nos Estados Unidos, praticamente não existia. E só em 1925 Boyd publicou o seu compêndio de Patologia Cirúrgica.

Em 1937, o Prof. Helion Pova em seu livro "Noções de Anatomia Patológica" escrevia que o diagnóstico histopatológico imediato no curso de operação era prática dos autores americanos mas admitia que a pressa podia trazer conseqüências funestas pois a macroscopia esclarece, na maioria das vezes, os casos singelos à macroscopia; os casos complexos só após boa fixação, repetidas e variadas colorações, forneceriam dados úteis à conduta cirúrgica; assim, o exame de congelação teria indicações mais restritas.

Portanto nesta época praticamente não se fazia congelação em nosso meio.

A Patologia Cirúrgica no Rio de Janeiro

Precisar quando e onde iniciou-se a Patologia Cirúrgica no Rio de Janeiro não é tarefa muito fácil.

Quando em 1915, o Prof. Raul Leitão da Cunha assumiu a Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pouco se falava em Patologia Cirúrgica, embora nos Estados Unidos e particularmente na Clínica Mayo, como já mencionado, esta prática já vinha sendo usada.

Nesta época a Anatomia Patológica no Rio de Janeiro dedicava-se ao ensino e a confecção de autópsias de adultos e crianças.



1889 - 1961
Amadeu da Silva Fialho

Acreditamos que a Patologia Cirúrgica começou realmente a desenvolver-se em nosso meio a partir da década de 30 com o Prof. Amadeu da Silva Fialho (1889-1961). O Prof. Amadeu Fialho ingressou na Faculdade de Medicina em 1913 e neste mesmo ano, como primeiro anista, publicava na Revista Medicina Militar o trabalho "Mortes súbitas" apresentando três casos de autópsias com exame microscópico. Depois trabalhou em vários hospitais, fazendo não só autópsias como examinando peças cirúrgicas e biópsias, procurando não só dar o diagnóstico como também despertar o interesse dos colegas pela especialidade pela qual era apaixonado.

Formou-se em 1918, foi clinicar por alguns anos no subúrbio, mas abandonou a clínica para ingressar por concurso na Saúde Pública onde construiu o seu mundo, ou em segundo lar, e até o fim da vida nunca afastou-se daquele laboratório. Projetou-se no cenário da Medicina e influenciou na criação do serviço de verificação de óbitos que foi instalado na Escola de Medicina e Cirurgia, hoje UNIRIO, onde era catedrático desde 1925.

Em 1947, assumiu, após concurso de provas e títulos, a Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade Nacional de Medicina, onde era docente. Em todos os lugares por onde passou exerceu a mais benéfica atividade dentro da Patologia não só ensinando como utilizando os seus conhecimentos para valorizar a especialidade e auxiliar os cirurgiões e clínicos desta cidade.

Quando em 1939 iniciamos nossas atividades na Anatomia Patológica, primeiro como monitora e depois laboratorista por concurso na Cadeira de Anatomia Patológica da Faculdade Nacional de Medicina hoje Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, tivemos oportunidade de acompanhar os trabalhos da referida cadeira cuja finalidade precípua era, na realidade, ensinar com aulas teóricas e demonstrações práticas de vários tipos. Havia também um setor de verificação de óbitos onde eram feitas autópsias de adultos falecidos em vários hospitais e também dos que faleciam sem assistência médica nos diversos bairros e morros do Rio de Janeiro. Muitas autópsias de crianças eram também feitas, particularmente de

nati e neomortos. Nesta ocasião, precisamente em 1941, já existia um departamento de Patologia Cirúrgica sob a responsabilidade do Dr. João Floriano dos Santos Lima, assistente do Prof. Raul Leitão da Cunha, temporariamente afastado para ocupar o cargo de Reitor da Universidade do Brasil e substituído pelo Dr. Augusto Duarte Pinto que por alguns anos regeu a cadeira. Não nos recordamos de, neste período, ter assistido a exames por congelação durante o ato cirúrgico.

Como estávamos em plena Segunda Guerra Mundial, havia grandes dificuldades em manter o serviço em funcionamento. No início, a rotina continuava graças ao espírito de dedicação do Dr. Santos Lima, financiando as despesas do laboratório. Logo porém tornou-se impossível continuar desta maneira e o serviço praticamente fechou só sendo reiniciado com o Prof. Amadeu Fialho que assumiu em 1947 a direção da Cadeira, e continuou com a rotina anteriormente existente, apesar de todas as dificuldades encontradas.



Hospital dos Servidores do Estado

No Hospital dos Servidores do Estado, inaugurado em 1947, o Serviço de Anatomia Patológica tinha como chefe o Dr. Penna de Azevedo, da tradicional Escola de Manguinhos e professor de Patologia da Escola de Medicina e Cirurgia, hoje Unirio. No início de 1948 Ernani Teixeira Torres e Anadil Vieira Roselli iniciaram suas atividades no referido serviço. O Dr. Ernani Torres após estágio de 5 anos na Clínica Mayo e breve passagem pela Bahia, assumiu o cargo de Chefe de

Clínica, nome dado ao lugar imediatamente abaixo do chefe de Serviço. Ai incrementou o exame por congelação durante o ato cirúrgico, prática que adquirira durante sua estada na Clínica Mayo e rotineira naquela instituição. A partir desta data a biópsia por congelação tornou-se quase rotina no Hospital dos Servidores do Estado.

Acreditamos ter sido o Dr. Ernani Torres o pioneiro deste tipo de procedimento no Rio de Janeiro, embora alguns outros patologistas fizessem, esporadicamente, exames desta natureza.

No Serviço de Anatomia Patológica do Hospital dos Servidores do Estado a rotina constava de autópsias, reuniões clínico-patológicas, exames citológicos e por um longo período de tempo o exame de todas as peças cirúrgicas, incluindo amígdalas e adenóides. Nesta ocasião foi instalado no andar de uma das alas de cirurgia um laboratório de patologia cirúrgica



Grupo tirado no Hospital dos Servidores do Estado em 1958 por ocasião da visita da Dra. Edith L. Potter ao Serviço de Anatomia Patológica. Vêem-se de esquerda para a direita Dr. Oswaldo Portela, Maria Franchini Mello, Luiz Torres Barbosa, Edith Potter, Anadil Roselli, Ernani Torres, Mario Fonseca, Penna de Azevedo, Jairo Valle, Maria Victória Martin e José Magalhães.

exclusivo para exame por congelação. Por razões de ordem administrativa este pequeno laboratório foi, infelizmente, desfeito e os exames passaram a ser realizados no laboratório geral de Anatomia Patológica.

Havia grande número de reuniões anatomo-clínicas e vários outros tipos de sessões com os diferentes serviços, como Ginecologia, Urologia, etc. Com a Pediatria a atividade era muito intensa havendo duas reuniões mensais, uma anatomo-clínica com apresentação de casos clínicos ou cirúrgicos e outra, geralmente com a Obstetrícia para avaliação das autópsias de natimortos e recém-nascidos.

Vale mencionar que neste período vários convidados estrangeiros participaram das atividades do hospital, enriquecendo com os seus ensinamentos o corpo clínico daquele nosocômio. Muitos foram convidados diretamente pela direção do Hospital, outros por outras



Visita do Dr. John MacDonald da clínica Mayo ao Serviço de Anatomia Patológica do Hospital dos Servidores do Estado, vendo-se Ernani Torres, John MacDonald e Anadil Roselli.

instituições mas que participaram de aulas, conferências, demonstrações práticas etc. Devemos destacar o Prof. Crawford, cirurgião cardiovascular da Suécia, Prof. Becu, patologista argentino, com um longo estágio nos Estados Unidos, particularmente interessado em cardiologia, tendo inclusive ensinado a dissecar o feixe de His, Helen Taussig, autora de livro sobre Malformações congênitas e que trouxe um barril repleto de peças com má-formações cardíacas, Zulch neuropatologista alemão, Klemperer o pai das colagenoses, Pollack, patologista argentino ensinando todas as técnicas de impregnação argêntica, John Macdonald, patologista da Clínica Mayo e outros. Edith L. Potter havia sido convidada pelo Prof. Martagão Gesteira, professor de Puericultura da Faculdade Nacional de Medicina para dar um curso de 3 meses no Hospital Gaffree Guinle sobre Patologia Infantil e Neo-natal, pioneira que era desta especialidade nos Estados Unidos. Foi várias vezes ao Hospital dos Servidores do Estado para orientar a técnica de autópsias em fetos e recém-nascidos e também fazer conferências e participar de reuniões clínico-patológicas. Tivemos ocasião de acompanhar os trabalhos da Dra. Edith Potter no Hospital Gaffree Guinle, designada que fomos pela direção do Hospital, graças ao empenho do Dr. Luiz Torres

Barbosa, chefe da Pediatria do Hospital dos Servidores do Estado.

Na Casa de Saúde São Miguel, inaugurada em 1947 e dirigida pelo Dr. Fernando Paulino, ilustre cirurgião brasileiro a rotina de Anatomia Patológica era muito rigorosa. Todas as peças cirúrgicas, incluindo amígdalas, adenóides, sacos de hérnia, hemorróidas e outras, eram submetidas a exame anatomopatológico. O serviço de Patologia Cirúrgica foi inicialmente dirigido por Ernani Torres e depois por Anadil Roselli.

Nesta Casa de Saúde, havia reuniões diárias as 19 horas, para análise e revisão de todos os pacientes internados, operados ou não. Nas quartas-feiras, esta reunião tinha um âmbito mais amplo com grande freqüência de jovens cirurgiões e mesmo cirurgiões mais experimentados que procuravam aumentar os seus conhecimentos. Eram apresentados os casos mais interessantes operados na semana, focalizados temas de atualização cirúrgica ou anatomopatológica, começando impreterivelmente as 19 horas e acabando as 20: 15 horas. Durante um longo período também foram feitas reuniões aos sábados as 16 horas, estas de caráter eminentemente anatomopatológico, onde eram apresentados todos os casos da semana com resumo da história clínica, demonstração das peças cirúrgicas e projeção das lâminas histológicas, concluindo-se com o diagnóstico final.

No Hospital de Ipanema, no serviço de Anatomia Patológica sob a chefia do Dr. Eteocles Magnavita de Freitas e depois do Dr. Milano Ferrari, a rotina de Anatomia Patológica incluindo exame por congelação era rigorosamente cumprida.

Nos serviços e instituições acima citados participamos diretamente de grande parte das atividades. Em outros obtivemos informações através de consultas a diversos colegas. Assim o Prof. Francisco Fialho complementou as atividades nas várias instituições onde trabalhou, particularmente na Saúde Pública. A Dra. Maria Angela Marchewski no Hospital da Lagoa e Santa Casa de Misericórdia, o Prof. Francisco Duarte na Beneficência Portuguesa e nos serviços de Neuropatologia, o Dr. Milano Ferrari no Hospital Miguel Couto e Hospital de Ipanema, Dr. Nisio Marcondes Fonseca no Hospital Moncorvo Filho no Serviço de Ginecologia.

Na Beneficência Portuguesa, o Serviço de Cirurgia Torácica chefiado pelo Dr. Jesse Teixeira tinha como patologista o Prof. Domingos de Paola, ambos com grande participação na especialidade.

Na Santa Casa de Misericórdia, Oswino Penna, Candido de Oliveira, Eduardo MacClure e Manoel Barretto Netto também tiveram grande influência no desenvolvimento da especialidade.

No Hospital Mocarvo Filho, o Prof. Arnaldo de Moraes chefe do serviço de Ginecologia e o Dr. Nisio Marcondes da Fonseca, patologista, tiveram grande atividade e inigualável papel na Patologia Ginecológica.

No Hospital Miguel Couto, o Prof. José Norberto Bica inicialmente chefe do Serviço de Anatomia Patológica e depois o Dr. Milano Ferrari e seus sucessores também de maneira decisiva contribuíram para o desenvolvimento da Patologia. O Prof. Bica inclusive fazia esporadicamente exames por congelação. A neuropatologia, embora atualmente resolva grande parte dos seus diagnósticos através da citologia e dados clínicos, também se beneficiou com o Prof. Francisco Duarte nos Serviços do Dr. Paulo Niemeyer na Santa Casa da Misericórdia e Casa de Saúde Dr. Eiras. O Prof. Deolindo Couto, catedrático de Neurologia da Faculdade Nacional de Medicina, com os patologistas Paulo Elejalde e Alexandre Alencar, tendo como cirurgiões José Ribe Portugal e Paulo Niemeyer, muito contribuíram para este setor da Patologia.

No Instituto Nacional do Câncer, a rotina atual é extremamente desenvolvida incluindo testes imunológicos e outros mais sofisticados. Teve no Dr. Onofre de Castro e atualmente Willermo Torres patologistas dedicados na direção, que contribuíram para o prestígio de que goza aquela instituição.

O Centro de Cancerologia foi inaugurado em 1938 e o laboratório de Anatomia patológica oficial da instituição era o da Saúde Pública, chefiado pelo Prof. Amadeu Fialho. Em 1946, o Serviço Nacional de Câncer e o Instituto Nacional do Câncer instalaram-se provisoriamente no Hospital Gaffree-Guinle em instalações definitivas no prédio que hoje ocupa.

Depois do Dr. Amadeu Fialho, ocuparam a chefia do Serviço de Anatomia Patológica, os Drs. Francisco Fialho, Onofre de Castro, Antônio Nascimento (1984-1988), Roberto Alfonso Arcuri (1989-1990), Onofre de Castro (1990-1995) e o atual Willermo Torres.

Desde seu início foram feitas 6984 autópsias, 400.000 exames de peças cirúrgicas e cerca de 25 exames por congelação por dia.

Conclusões

Certamente muitos outros serviços mereceriam considerações a respeito das atividades em Patologia Cirúrgica, mas creio que todos eles, de uma maneira ou de outra, seguem a rotina mencionada.

Assim a Patologia Cirúrgica foi, pouco a pouco se tornando uma realidade, e o exame por congelação dentro, de algum tempo, tornou-se técnica habitual, fazendo com que os jovens patologistas logo se familiarizassem com o método que é, algumas vezes de difícil interpretação.

HISTÓRIA DA ANATOMIA PATOLÓGICA EM BRASÍLIA - UM ENSAIO AUTOBIOGRÁFICO (1961-1999)

Hélcio Luiz Miziara

Introdução

A história da Anatomia Patológica em Brasília pode ser contada a partir da nossa chegada em janeiro de 1961, por sugestão do amigo e orientador Domingos De Paula, que tendo sido convidado para vir, e não podendo aceitar o convite, indicou-me para tal. O convite significava a prestação de um concurso de títulos, o qual me submeti e fui aprovado.

O Hospital Distrital ainda estava em obras, e escusado dizer que a patologia era apenas um projeto. Comecei a preparar minha futura equipe enquanto a obra se iniciava, ao mesmo tempo em que arrumava as mais diversas salas dentro do hospital para começar com as necropsias. Improvisei área e mesa, e consegui um auxiliar. Assim mesmo nas mais precárias condições, fizemos 90 necropsias.



*Hélcio Luiz Miziara,
1º patologista, em 1964*



Vista da primeira sala de necropsia, 1962

Em janeiro de 1962, graças ao empenho do arquiteto Milton Ramos e do representante da Novacap, Peri da Rocha França, ocupamos as novas instalações; muitas adaptações foram feitas, haja vista que a planta original seguindo os moldes americanos separava a patologia mórbida da cirúrgica. Tivemos que, numa área delimitada, fazer as adaptações para que o serviço funcionasse o mais rápido possível.

A parte técnica foi iniciada com a vinda do técnico do serviço do prof. Manoel Barretto Netto, Alcides dos Santos, que ensinou duas pessoas que tínhamos contatado na própria cidade: Diogenes Rio Branco e Nei de Souza Pereira, este último hoje consagrado na música popular como Nei Mato Grosso.

Gostaria de assinalar o apoio que recebi do prof. Barretto Neto, a quem devo a minha formação, e que no início e a fim de caracterizar a minha presença como patologista, ajudou-nos nos exames de peças cirúrgicas que enviávamos a ele, ficando por nossa conta as necropsias, já referidas acima.

Paralelamente à implantação da histopatologia, sentíamos a necessidade de começar a Citopatologia. O meu treinamento nessa área era precário, já que os patologistas de então não davam muita importância a ela. Vindo dos Estados Unidos onde tínhamos concluído a residência, sabíamos da sua importância. Mas aqui encontramos um obstáculo conceitual: naquela época a citologia era mais dirigida para a ginecologia, e os ginecologistas achavam que a mesma deveria ser feita por eles, e junto ao seu consultório.

Discordando deles, montei o laboratório na mesma área da histopatologia, tendo para isso contado com o apoio de muitos colegas cuja formação era semelhante a nossa. Conseguimos então fazer uma Unidade de Anatomia Patológica e Citopatologia.

Ficamos sozinhos até 1964, quando nos procurou Paulo de Castro, que tendo feito

treinamento em Citologia no Rio, veio nos ajudar, tendo assinado contrato posteriormente com a Fundação Hospitalar.

Nesse meio tempo trouxemos para o nosso convívio Dr. Maurício A. Dusi, que também se iniciava em Citologia com o prof. Edésio, e formamos o núcleo que iria originar toda a equipe que por algum tempo trabalharia sozinha para atender toda cidade.

Nesse início, um fato político aconteceu em que por força da especialidade nos envolveu, ou seja o crime que abalou o Senado, em 1963 em que o Sen. Kairala foi mortalmente ferido pelo Sen. Arnon de Melo, cuja autópsia foi feita por nós.

Em 1965, iniciávamos a residência com a vinda de Waldete C. Moraes, que até hoje integra a equipe, tendo também por 8 anos sido chefe da unidade e no momento é preceptora dos residentes.

Em 1966, o prof. Paulo Becker, vindo de Ribeirão Preto para dar aulas na Universidade de Brasília, se propôs a vir nos ajudar, e com isso pudemos desenvolver melhor o nosso trabalho. No final daquele ano regressou para a sua cidade e assumimos o seu lugar no Instituto de Biologia da UNB, que veio a ser o embrião da Faculdade de Ciências da Saúde, que ora se iniciara.



Placa comemorativa dos trinta anos da Unidade.

Muitos fatos podem ser contados que eram próprios de uma cidade que estava se formando: os cadáveres não eram muito procurados, e na maioria das vezes não tinham família no Distrito Federal. Desta forma havia acúmulo dos mesmos, a geladeira não comportando mais do que oito, chegava a ter 40 de uma só vez. Fomos obrigados a solicitar da Secretaria de Saúde uma atitude enérgica para o sepultamento daqueles corpos. Foi feito um mutirão com uma série de servidores para ajudarem a sepultá-los. Isso foi feito em uma manhã, em valas improvisadas. Foi uma cena dantesca... .

Em 1968, tivemos o 2º residente: Hans H. Japp, que se especializou em neuropatologia, tendo se fixado mais tarde em Joinville - SC.

No início de 1969, fez residência a Drª. Maria Ophelia G. de Araújo, que fazia pediatria, e desejou a patologia pediátrica, área que ainda não existia em Brasília. Fez seu estágio com a Dra. Aparecida Garcia no Rio e posteriormente formou uma equipe nessa especialização. Contou com as colegas Maria Amélia Yunes e Katia H. Jacomo, bem como com o Dr. Francisco de A. M. dos Santos, indo constituir a unidade de Anatomia Patológica e Citologia do Hospital Regional da Asa Sul (1975). O Dr. Francisco A. M dos Santos tinha vindo do Piauí em 1970 tendo ficado no hospital de Base até a sua transferência para aquele hospital. Lamentavelmente teve morte prematura.

Em 1969, o casal Zilton e Sônia de Andrade ficou conosco dois meses ajudando-nos a reorganizar a Unidade, e após a sua volta para Bahia, veio Sérgio Santana que aqui permaneceu por mais seis meses.

Em 1968, iniciava-se a instalação da Anatomia Patológica no Hospital Regional do Gama mas que só veio a funcionar com a vinda do Dr. Hilton Viana proveniente do Rio de Janeiro, quando organizou o serviço e a sua equipe tendo ficado nesse hospital por muitos anos, quando posteriormente se transferiu para o hospital Regional da Asa Norte, achando-se aposentado no momento.



Staff e residentes no natal de 1998

O Hospital das Forças Armadas teve como seu primeiro patologista o major Dr. Lima que mais tarde foi substituído pelo Dr. Nestor Piva, que

realmente deu uma estrutura definitiva ao serviço. Teve como residentes e depois staff, Henrique Lenzi e Décio Gorini.

Fatos Políticos de Repercussão Nacional

Acontecimentos políticos que tiveram repercussão nacional acabaram nos envolvendo em função da especialidade. Além da rotina, éramos responsáveis pela maioria dos embalsamamentos, principalmente de algumas personalidades públicas, e com isso não perdíamos a oportunidade de examinar os órgãos para caracterização das causas de morte. Com exceção de um caso, nunca houve maiores problemas. Na nossa conceituação entendemos que a elucidação de causas de morte é um fato não só científico, como de valor histórico, lembrando que Brasília é a capital do país. Conhecemos bem a indústria de boatos, da maledicência e de tudo que possa ser romanceado, envolvendo a morte de figuras conhecidas no mundo político. Sendo assim, examinamos o ministro Portela, fizemos a biópsia do presidente Tancredo Neves, e mais recentemente o embalsamamento do deputado Luis E. Magalhães, sem contar embaixadores e diplomatas que faleceram no Distrito Federal.

Um fato me chamou a atenção: quando eu embalsamei dois diplomatas da então União Soviética; duas foram as exigências: que um membro da embaixada presenciasse o meu trabalho, e que nenhuma víscera fosse retirada.

No caso do ministro Petrônio Portela houve um fato que gostaria de esclarecer: Estava fazendo o meu trabalho quando insistentemente bateram à porta. Recusei a abri-la; quando as batidas foram mais fortes, aquiescí, sendo surpreendido por uma comissão em meio da qual, isto é, a sua frente estava o presidente João Figueiredo. Eu fiquei surpreso, e ele mais ainda quando me viu de avental e luvas. Eu então lhe disse que ele não podia entrar na sala porque eu estava fazendo o procedimento necessário. Ele então muito gentilmente desculpou-se dizendo que o tinham encaminhado para a sala onde se encontrava o corpo do ministro, sem outras explicações.

Tancredo Neves: Fui ao hospital pela manhã do dia 21 de abril de 1985 quando soube da cirurgia. Fui buscar pessoalmente a peça e verifiquei que se tratava de um tumor ao invés de diverticulite como se julgava clinicamente. Ao examiná-la verifiquei a presença de abscessos. Naquela época eu não respondia pela chefia e sim a Dra. Waldete Cabral Moraes para quem eu liguei imediatamente. Foi convocada uma reunião com toda a equipe envolvida onde discutiu-se o que deveria ser feito a partir de então. Com o diagnóstico firmado de leiomioma, foi realizada uma reunião com, além dos médicos envolvidos, representantes do governo e o filho do paciente. A nossa preocupação é que aquele diagnóstico no momento pudesse suscitar várias especulações que poderiam até impedir a sua posse pela classe dominante. Foi então que propus fazer outro laudo semelhante ao original apenas acrescentando diverticulite aguda como conclusão.

O laudo foi entregue a família com a promessa de que ele só seria divulgado caso houvesse necessidade imperiosa, considerando que após o restabelecimento do presidente tudo viria a público. Infelizmente isso não ocorreu e ninguém teve acesso ao laudo. Ele só ficou conhecido porque espontaneamente procurei o Conselho Regional de Medicina e relatei o ocorrido. Eu sabia que tinha incorrido em um ilícito ético mas sem causar dolo ou qualquer prejuízo ao interessado, no caso o paciente. Tanto é verdade que durante o meu julgamento no conselho a única prova existente fora a minha confissão.

A história do julgamento já foi por demais discutida, e só o tempo mostrou os erros e enganos do mesmo... .

Mais recentemente fui responsável pelo embalsamamento do Deputado Luis Eduardo Magalhães, e que também suscitou muita discussão.

Durante o procedimento técnico, ao iniciar parte da evisceração pela minha formação de patologista e pela curiosidade científica, achei que deveria examinar o coração do paciente, também motivado pela preocupação de que no futuro poderiam atribuir erro dos médicos de Brasília na condução do caso, ou qualquer maledicência em relação a causa da morte.

Retirei o coração, e após examiná-lo no dia seguinte, reuni-me com os colegas para discutir o caso, comparando os achados patológicos com a radiografia, eletro, etc. Guardei a peça, mas alguém levou ao conhecimento da família que eu estava de posse do coração. Fui então convidado a conversar com o pai do deputado, o Senador Antônio Carlos Magalhães. Entreguei o laudo com as explicações devidas, tendo ele lamentado que eu não tivesse pedido permissão da família para aquele ato.

Disse-lhe que, no momento da morte do filho, o tumulto era muito grande e que não haveria ambiente para se pedir a permissão, a não ser do embalsamamento. Francamente não havia premeditação em retirar o órgão. Foi uma atitude de momento, em vista de estar com o corpo aberto para a sua preservação.

Nosso encontro foi aproximadamente 20 dias após o falecimento do deputado; seis meses depois, estando em Uberaba ministrando um curso de cardiopatias por convite do prof. Edison Reis Lopes, tomei conhecimento que os repórteres estavam me procurando para falar do “coração”. Muita conversa surgiu, mas na realidade evitamos qualquer contato com a imprensa esperando que o assunto se esgotasse naturalmente, o que aconteceu. Se me for permitido dar um conselho aos mais jovens que lerão essa história eu diria: evitem dar declarações à imprensa, e se provocados não respondam porque o que ela quer é polemizar, principalmente quando falta assunto interessante para ser explorado. Trabalhando na capital do país e convivendo com fatos políticos, sempre procurei ser discreto e tomar cuidado com qualquer tipo de declaração.

Muitas vezes conseguem-se coisas pela amizade e reconhecimento do seu trabalho. Por exemplo, na realização do 14º Congresso Brasileiro de Patologia, em 1982, em Natal, consegui autorização do Itamarati para o visto de entrada no país de um colega cubano, presidente de Sociedade Latino Americana de Patologia, para participar daquele evento, coisa que na época era inimaginável.

Universidade de Brasília

Quando da instalação do ensino médico, já estava em funcionamento o Instituto Central de Biologia. Em 1965, vieram os professores Paulo Becker e Francisco Alcântara, para iniciar o curso de citologia animal e posteriormente de histologia. Com a volta deles para Ribeirão Preto, assumi a cadeira de histologia. Com o início do curso médico, começou-se a organizar o corpo docente. Para a cadeira de Patologia foram convidados vários profissionais renomados: Zilton de Andrade, Cláudio Lemos e outros que foram sondados para a disciplina. Eu mesmo fui convidado para continuar, mas a exigência na época era de dedicação exclusiva, o que para mim não interessava, devido a minha ligação com o Hospital Distrital. Em 1967, assumiu o cargo o Dr. João Macuco Janini, que meses mais tarde contou com a colaboração do Dr. Avertino Agostine (1968), iniciando o serviço no Hospital Universitário de Sobradinho, cedido pela Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF).

Ambos desenvolveram um trabalho magnífico com participação total dos estudantes. Buscaram integração com o nosso hospital trazendo os alunos para participarem de necropsias, onde eram mais freqüentes. Nesse período, tivemos grande procura de candidatos a residência, estimulados pelo empenho dos dois professores. Com a saída deles, em 1975, assumiu o departamento o prof. Alberto Raick, que teve como colaboradores o Dr. Albino Verçosa, e posteriormente o Dr. Nestor Piva.



Dos residentes daquela época poderíamos citar Nobu Aschiuchi, Maria Nazareth N. Sobreira, Ronaldo da Costa Araújo, Chu-En-Lay Paes Leme entre outros.

Serviços em outros Hospitais

Este último tinha organizado o laboratório do Hospital das Forças Armadas (HFA), tendo retornado para Sergipe de onde viera em 1971, já referido acima.

A unidade de Anatomia Patológica no Hospital Regional de Taguatinga (HRT) começou com o Dr. Regis S. Azevedo que, tendo chegado em 1967, assumiu o antigo hospital São Vicente de Paula, depois do HRT. Ele fazia citologia e dávamo-nos cobertura em histopatologia, até que novos patologistas foram contratados com o hospital funcionando em seu prédio definitivo (1970).

Em 1984, começou a unidade de anatomia patológica no Hospital da Regional da Asa Norte, tendo sido seu primeiro chefe Elias Fernando Miziara que contou com a colaboração de Maria Nazareth Sobreira, Hilton Viana, Geraldo E. Andrade e Videte Pereira P. de Oliveira, cuja morte prematura privou-nos da sua competência e amizade tão querida.

Na rede Sarah pudemos também iniciar a especialidade quando na impossibilidade de podermos a ela nos dedicar, fizemos a indicação do Dr. Ricardo Kalil, nosso ex-residente, que permanece até o momento dirigindo o setor.



Confraternização no Natal de 1984



Grupo formado pelos primeiros médicos da unidade: da direita para a esquerda : Hécio Luiz Miziara, Paulo de Castro, Maurício A. Dusi e Leiber J. Pereira

A implantação dos laboratórios ia sendo gradual a medida que os hospitais da FHDF iam sendo construídos, e nossa participação era necessária.

O plano hospitalar implantado na nova capital era atraente, isto é, permitia que o médico após trabalhar das oito as dezesseis horas pudesse reservar o horário restante para atender a clínica particular. Ora, para patologia essa era uma solução ideal, porque permanecíamos todo o tempo no hospital. Mas infelizmente com a revolução de 1964, esse plano acabou, visto que as autoridades achavam que os médicos eram privilegiados. Temos que admitir que houve abusos e alguns colegas não souberam perceber o grande avanço que se estava conquistando.

Voltamos então a trabalhar no sistema vigente do país.

Até então não havia laboratório privado em Brasília, e, em 1967, iniciávamos o primeiro com a participação dos Drs. Maurício Dusi e Paulo de Castro.

Outro aspecto que deve ser registrado era a idéia de formarmos um laboratório central de patologia, sendo que os hospitais da rede teriam postos de recebimento do material e patologistas de plantão para necropsia e exames de congelação. No laboratório central haveria concentração dos profissionais e possibilidade de melhoria técnica, isto é implantação das técnicas mais sofisticadas, controle de qualidade, etc.

Considerações Finais

No momento atual, Brasília conta com aproximadamente 50 patologistas a maioria formada na FHDF.

No desenvolvimento da Residência devemos salientar o trabalho de Waldete Cabral Moraes, José Carlos Segura, Raissa P. Meneses, Ricardo Cortes, Jacira A. Cortes, Hebe Q. Magalhães, Regis S. Azevedo e Moema P. Veloso. Na Citologia o trabalho atuante de Elias Fernando Miziara, atual presidente da Sociedade Brasileira de Citopatologia, auxiliado por Nicélia Macedo e Carmem Palhas.

No Hospital Universitário a Dra. Maria Ophelia G. Araujo implantou a residência, contando com o apoio entre outros de Mario de Moraes. Aliás em Brasília há um perfeito entrosamento entre os hospitais de tal forma que os residentes de um podem fazer estágios em outro.

Também tivemos a oportunidade de receber muitas figuras ilustres nesse período, muitos pela curiosidade de conhecer a nova capital outros a convite para palestras e cursos. Entre tantos citaríamos Barretto Netto, Domingos De Paola, Aparecida Garcia, Zilton e Sonia de Andrade, Fritz Koerbele, Cláudio Lemos, Edgard Maffei, Burkitt, Davies, Mostofi, Hopps, o casal Von Pragh, e tantos outros.



Programa oficial do 13º Congresso Brasileiro

Humberto Torloni de certa forma participou do nosso trabalho, quando vindo dos Estados Unidos, assumindo o cargo de diretor da Divisão Nacional do Câncer, destacou-se na realização do 13º Congresso de Patologia. Era o presidente da SBP, e indicou-me para a realização do evento. Foi a primeira vez que na Sociedade houve desvinculação da presidência da Sociedade da do Congresso; tal experiência foi depois seguida pelos demais presidentes, e o seu apoio foi de extraordinária importância para o evento.

A participação dos patologistas de Brasília dentro da Sociedade Brasileira fez-se presente na organização de quatro congressos: dois regionais, em 1973 e 1989, e dois nacionais, em 1979, e, mais recentemente, em 1997.

Nesse último congresso, tínhamos como meta gerar uma receita que além dos gastos naturais em sua organização, pudesse ter uma reserva para construir o nosso sonho que era a compra do prédio da sociedade. E isto nós conseguimos já que a doação representou boa parcela da compra do imóvel.

A Sociedade de Brasília sempre contou com a participação de colegas como a Dra. Ivânia Pimenta Gouveia, Leonora M. Vianna, Décio Gorini, Maria Ophelia G. de Araujo, e tantos outros que sempre procuraram prestigiá-la.

Fundamos em Brasília a Academia de Medicina tendo sido convidado a ocupar a Cadeira nº 7 de Anatomia Patológica, como membro titular, sendo escolhido para patrono o prof. Edgard Maffei.



Presença dos patologistas no 13º Congresso

Ao encerrar essa história vivida, gostaria de contar alguns casos:

Tendo sido designado para participar de uma exumação devido a troca de cadáveres, compareci ao cemitério para realizar tal procedimento. O que aconteceu foi que enterraram uma mulher no lugar de um homem. Estavam presentes ao fato os familiares interessados. Por parte da mulher, o seu filho, um “armário”, isto é alto e forte; do outro lado os filhos do defunto. Mandei exumar, e qual não foi meu espanto quando vi a mulher vestida de terno e gravata, com as tranças por sobre o paletó. Exigi que se fechasse o caixão imediatamente, pois se o filho dela visse aquilo, iria aprontar o maior escândalo. Eu aleguei que não mostraria o corpo devido ao estado de putrefação. Então perguntei aos familiares do homem, que o tinham velado a noite toda, se não tinham percebido o engano. Eles então disseram que repararam que o “pai” estava sem o bigode, e que possivelmente teria sido um procedimento do hospital.

O que aconteceu na realidade: no Sábado morrera uma mulher, e no Domingo o homem.

No Domingo a família do homem foi ao hospital buscar o corpo, e entregaram a roupa para o sargento (hospital das Forças Armadas) que imediatamente chamou o subalterno e ordenou que se vestisse o corpo que estava no necrotério. Ele encontrou somente o corpo da mulher, já que do homem não havia descido ainda da enfermaria.

E como ele mesmo declarou: no exército não se discute, “ordis é ordis” e ele a cumpriu...

Durante a revolução de 1964, nos muros da cidade haviam inscrições contra o exército.

O secretário de segurança ordenou que todo indivíduo que estivesse pichando os muros deveria ser preso. Uma patrulha encontrou um grupo escrevendo palavras de apoio ao golpe, chefiado por um oficial da aeronáutica. Como a ordem era prender, nem discutiram, e além das bordoadas, foram todos “em cana”, até que o oficial conseguiu se identificar. Eu estava de plantão no IML, e fiz o exame de corpo de delito no mesmo, que se diga de passagem estava “fulo” de raiva.

Na invasão dos militares em 1967 no campus da UnB para prender estudantes considerados subversivos, estava diante do antigo prédio da reitoria quando começaram a explodir bombas de gás lacrimogênico. Uma delas caiu quase em cima de um aluno, e eu muito próximo, corri a acudi-lo e puxá-lo para longe das mesmas. Nisso recebemos ordens para evacuar a área.

Peguei o meu carro muito revoltado e um livreiro pediu uma carona. Durante o trajeto ele estava muito revoltado e criticando duramente os policiais e eu quieto mas com muita raiva do que tinha presenciado. Assim chegamos diante de um cordão de isolamento feito pela polícia federal, exigindo a identificação de todo mundo. Quando eu parei o carro, o policial que me conhecia, já que eu era do IML, simplesmente disse: doutor o senhor é nosso, pode passar. Imaginem a cara do livreiro. Ele então começou a dizer que a polícia poderia ter batido mais devagar, e outras tentativas de amenizar a sua crítica pensando que eu iria prendê-lo.

E pediu para saltar do carro, o coitado deve ter sofrido um bocado....

Finalizando gostaria de afirmar que nós patologistas fazemos a história da nossa comunidade, do nosso país, e devemos, participar dela muitas vezes destemidamente, sem conduto romper a ética e seguir tudo que nossos mestres nos ensinaram, e transmiti-los aos nossos sucessores.

Zilton de Andrade, que vinha muitas vezes à Brasília quando então trocávamos idéias sobre a patologia, sempre dizia que os nossos verdadeiros amigos estavam na SBP, porque lá tínhamos os mesmos ideais, sonhos e dificuldades.

Jesse E. Edwards, a quem devoto profundo respeito, afirmava que “a Patologia é a arqueologia biológica”.

Nós patologistas somos arqueólogos biológicos, e como tal além de buscarmos os diagnósticos, tendo principalmente a necropsia como meio importante, de certa forma, fazemos a HISTÓRIA.

Esse é nosso papel.



Médicos e residentes, 1972: da direita para a esquerda: F. Menezes, Maria Ophelia, Dusi, Hebe, Hans, Maria Amélia, Miziara, F. Marques e Waldete.

Agradecimentos

- A todos aqueles que nos ajudaram a fazer da Patologia uma especialidade atuante na nossa capital:
- Manoel Barreto Netto e Domingos De Paola
- Amigos como: Carlos Ramos, Milton Rabelo Filho
- Colegas, companheiros do dia a dia, Waldete Cabral de Moraes, Maria Ophelia G. de Araujo, Maurício A. Dusi, Elias Fernando Miziara, e todos aqueles que estão em atividade quer nos hospitais assistenciais e universitário.
- À minha família, o meu eterno agradecimento

Diretorias que atuaram nos congressos em Brasília



Abertura do 5º Congresso Regional 1973

- 5º Congresso da Regional Centro-Oeste, 1973: Hécio Luiz Miziara, Nestor Piva, Francisco A. M. dos Santos, Maria Ophelia G. de Araujo
- 8º Congresso Regional Centro-Oeste, 1989: Hécio Luiz Miziara, Moema P. Veloso, Décio Gorini, Maria Ophelia G. de Araujo, Ivânia Pimenta Gouveia e Leonora M. Vianna

- 13º Congresso Brasileiro da SBP: Hécio Luiz Miziara, Hilton Vianna, Hebe Quezado de Magalhães, Moema P. Veloso, José Carlos Segura, Décio Gorini, Balbino G. dos Santos e Maria Christina M. L. Manfrinato.
Presidente da SBP: Humberto Torloni
Presidente da Comissão Científica: Jesus Carlos Machado



Grupo de patologistas por ocasião do 21º Congresso Brasileiro

- 21º Congresso Brasileiro de Patologia: Hécio Luiz Miziara, Ivânia Pimenta Gouveia, Décio Gorini, Moema P. Veloso e Isabel Friedman.
Presidente da SBP: Marcello Franco
Comissão Científica: Carlos E. Bacchi, Elias Fernando Miziara, Geraldo Brasileiro Filho, Gilles Landman, Hécio L. Miziara, José Vassallo, Konradin Metze, Marcello Franco, Maria Ophelia G. de Araujo, Paulo Faria, Ricardo K. Kalil e Roberto A. Pinto Paes.



Encerramento do 21º Congresso Brasileiro: da esquerda para a direita: Fernando Soares, Hécio Miziara, Marcello Franco, Marco Antônio Cardoso de Almeida

Relação dos residentes e estagiários da Unidade de Anatomia Patológica e Citologia do HBDF

- Waldete Cabral Moraes (1965)
- Hans Henrich Japp (1967)
- Maria Ophelia Araújo de Souza (1968)
- Flávio Silveira Menezes (1970)
- Ricardo Karam Kalil (1970)
- Geraldo Ener Andrade (1971)
- Hebe Quezado Magalhães (1972)
- Maria Amélia Fonseca (1972)
- Júlia F. G. Moraes (1973)
- Paulo Sérgio Peres Fonseca (1973)
- Elias Fernando Miziara (1975)
- Leonora Maciel (1976)
- Rita de Cássia (1976)
- Chu-en-lay (1979)
- Raisa de Paula Menezes (1980)
- Tânia Wanderley Paes Barbosa (1981)
- Stela Maris Costalonga Gandur (1982)
- Maria Fuenscila de Felipe (1983)
- Ivânia Pimenta Gouveia Guimarães (1984)
- Iolanda Nobuko Nakamura (1985)
- Valéria Araújo Nascimento (1986)
- Tânia Regina Martins Ferreira (1987)
- Tatiane Lamarão Vieira (1987)
- Filomena Rita Carvalho Florêncio (1988)
- Auréa Sakr Cherulli (1989)
- Jackson Nascente Valadares (1989)
- Andréa da Silva Gonçalves Braga (1990)
- Maria Nicélia Gomes Macedo (1990)
- Aparecida de Lourdes Carvalho (1991)
- Sandra Lúcia Branco (1991)
- Thaís Rocha Correia (1992)
- Denise Maria Malta Castro (1993)
- Ana Gisélia Portela de Araújo (1994)
- Isabel Fernandes Ribeiro Verderosi (1994)

- Jeffersone Maria V. Sena Ribeiro (1994)
- Lina Gomes Santos (1995)
- Louziana Barbosa Bacelar Miranda (1995)
- Mônica Soares dos Santos (1995)
- Raquel Pedrosa Ferreira (1996)
- Ricardo Fakhouri (1996)
- Sílvia Fagundes Leite (1996)
- Ana Lucia Quirino de Oliveira (1997)
- Célio Marcos de Oliveira (1997)
- Ivana de Menezes (1997)
- Andersen Charles Darós (1998)
- Cássio Monteiro de Castro (1998)
- Cynthia Virgínia Ribeiro Arruda (1998)
- Ana Maria Lima Furtado (1999)
- Mozart Mem de Sá (1999)

ESCOLA DO PROF. LUIGI BOGLIOLO NA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, EM BELO HORIZONTE – NÚCLEOS NO INTERIOR DO ESTADO

Edmundo Chapadeiro & Edison Reis Lopes

Introdução

Para se entender a herança científico-cultural deixada por Bogliolo no Brasil, é necessário identificar todas as múltiplas e ricas vivências do seu universo cultural. Significa, também, refletir sobre a sua trajetória na Itália, seu país de origem, a forma de apropriação dos modelos científicos e culturais que marcaram a sua formação e os caminhos que encontrou para, que recriando-os, implantasse uma das maiores escolas de Patologia do Brasil.

Com este espírito, é que procuramos fazer uma retrospectiva de sua formação e de sua carreira universitária na Itália e no Brasil. Vários dados, assim como a documentação fotográfica contidos neste texto, foram extraídos do livro “Vida e obra de Luigi Bogliolo”, com a devida autorização do autor, Luíz Otávio Savassi Rocha, seu discípulo, amigo e um dos seus médicos assistentes.

Bogliolo na Itália

Nascido na ilha da Sardenha, em Sassari, em 18/4/1908, filho de um ferroviário, graduou-se em medicina, em 1930. Como acadêmico, foi monitor de Anatomia e Histologia e de Anatomia Patológica, tendo, nesta última atividade, como orientador, o mestre que o marcaria profundamente, Enrico Emílio Franco. Este era discípulo da Escola de Morgagni e tinha também ligações com a Escola de Virchow, através de Cesare Sacerdotti, que, por sua vez, havia sido aluno de Camillo Golgi (Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1906) e de Giulio Bizzozero (que estudou na Alemanha com Rudolf Virchow). Desde a sua formação acadêmica, a vida de Bogliolo foi, portanto, marcada pelas escolas de Morgagni e de Virchow.

Logo após ter-se graduado médico, Bogliolo foi assistente voluntário do Instituto de Anatomia e Histologia Patológica da Universidade de Sassari, dirigido por Franco. No final de 1932, tornou-se assistente, por concurso, da Real Universidade Adriática Benito Mussolini, localizada em Bari e, no final de 1936, transferiu-se para a Universidade de Pisa, para ocupar o cargo de Vice-Diretor de Anatomia e Histologia Patológica. Data desta época, a íntima ligação de Bogliolo com Cesare Sacerdotti, então regente da cadeira de Patologia Geral da Universidade de Pisa. Foi nesta cidade que Bogliolo tornou-se Livre Docente, por concurso, em 1938. No ano seguinte, em razão do fascismo e anti-semitismo crescentes em toda a Europa e, em especial, na Alemanha e Itália (a esposa de Bogliolo, Geula Bennoun, era judia) o casal foi obrigado a deixar a Itália. Depois de passar alguns meses na Bélgica, rumou para o Brasil.

Durante sua vida universitária na Itália, Bogliolo exerceu intensa atividade de ensino e pesquisa, como se pode constatar por várias publicações de sua autoria, no campo da Anatomia Humana, Anatomia Patológica, Medicina Legal e Patologia Experimental. Já nessa época, demonstrava seu interesse pelo estudo de algumas das chamadas “doenças tropicais”. Somente entre 1934 e 1937, publicou nove trabalhos sobre leishmanioses. Deve-se, também



Bogliolo (à direita) com seus mestres Cesare Sacerdotti (no centro) e Enrico Emilio Franco (à esquerda). Pisa, março de 1938.

aqui, enfatizar as pesquisas que neste período de atuação na Itália, Bogliolo desenvolveu sobre a relação entre o thorostrast (contraste radiológico à base de dióxido de bório radioativo, cuja meia vida biológica, no homem, é de 200 a 400 anos) e o aparecimento de neoplasias malignas. Estes estudos de Bogliolo foram publicados em 1937 (*Pathologica* 29: 392, 1937) mas, até meados de 1950, o thorostrast continuou a ser utilizado em Instituições de grande prestígio na Europa e Estados Unidos. Infelizmente, a partir de 1947, comprovou-se o aparecimento tardio de neoplasias malignas (especialmente hepáticas) em centenas de homens que haviam recebido, às vezes mais de 40 anos antes, o contraste radiológico com finalidade diagnóstica, o que era previsível, desde os estudos experimentais de Bogliolo.

Bogliolo no Rio de Janeiro

Chegando ao Rio de Janeiro em 5/1/1940, Luigi Bogliolo e sua mulher passaram a viver, em nosso país, como exilados políticos. O Brasil vivia, então, em plena Era Vargas e, desde 1937, sob o regime ditatorial (denominado Estado Novo), de forte inspiração fascista. O exílio não traria pois, de imediato, ao casal Bogliolo, a oportunidade de esquecer as perseguições, a xenofobia e o racismo de que, Luigi e Geula, tentaram se livrar ao deixar a Europa. Era um momento em que o mundo parecia descrente dos ideais democráticos, que tanto almejavam vivenciar.

No Rio de Janeiro, foram morar numa pensão e, para garantir a sobrevivência, chegaram a curtir pele de jacaré no quarto de dormir. Nessa ocasião, Bogliolo conheceu seu conterrâneo, também antifascista, Francisco de Paola (pai de Domingos de Paola, que mais tarde se tornaria Professor Catedrático de Anatomia Patológica da Universidade Federal do Rio de Janeiro). Segundo Savassi Rocha, o Prof. Domingos de Paola contava que o primeiro emprego de Bogliolo, no Brasil, fora no Hospital da Gamboa. Seu chefe imediato era o Prof. Paulo de Góes que confidenciou a de Paola, só ter vindo a entender o sistema retículo endotelial, após sua convivência com Bogliolo. No Hospital da Gamboa, segundo ainda Savassi Rocha, Bogliolo foi trabalhar na confecção de preparações histológicas. Relata o prof. Amadeu Cury, um dos mais renomados cientistas do país que, quando acadêmico de medicina, ajudou Bogliolo a fazer suas primeiras necropsias no Brasil, no Hospital da Gamboa. Recordar-se o prof. Cury, que o instrumental utilizado para as necropsias era de qualidade inferior e enferrujado e que as condições físicas do local, onde as autopsias eram realizadas, deixavam muito a desejar. Nada disto, entretanto, desanimava Bogliolo em sua determinação de realizar o exame necroscópico dos pacientes falecidos no Hospital da Gamboa. Foi nesta Instituição, que o Prof. Eduardo Mac Clure o conheceu. Logo percebeu que estava diante de patologista altamente qualificado, com inúmeros trabalhos publicados e o recomendou ao Prof. Heitor Annes Dias, então catedrático de Clínica Médica da Faculdade Nacional de Medicina (FNM), que tinha seu serviço sediado, inicialmente, no hospital Estácio de Sá e, posteriormente, no hospital Moncorvo Filho.

Por sugestão de Mac Clure, Annes Dias admitiu imediatamente Bogliolo que, a partir de janeiro de 1941, passou a chefiar o serviço de Anatomia Patológica da 5ª cadeira da Clínica Médica da FNM, onde permaneceu até à morte de Annes Dias, em 1943.

No período em que prestou serviços a FNM, Bogliolo desenvolveu intensa atividade, tanto na docência, como na pesquisa. Destaque especial, tinham as sessões anatomo-clínicas coordenadas por Bogliolo, em conjunto com Annes Dias e/ou com os demais clínicos do serviço. As autópsias dos casos apresentados eram realizadas pelo próprio Bogliolo de modo que, uma vez discutido o quadro clínico e formuladas as hipóteses diagnósticas, cabia-lhe apresentar o laudo anatomopatológico e a epicrise, o que fazia com grande propriedade. Estas sessões marcaram época no Rio. Um dos mais conhecidos e qualificados tropicalistas do Brasil, Prof. Aluizio Rosa Prata, relata que as mesmas adquiriram tal projeção no meio universitário, que os acadêmicos de medicina a elas compareciam voluntariamente. Nas duas últimas séries,

das famosas “Lições de Clínica Médica” do Prof. Annes Dias, Luigi Bogliolo aparece como executante e relator dos casos apresentados. Exerceu também, neste período, atividade de magistério como professor de Histologia, na Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro. Na pesquisa, vale destacar a conclusão, neste período de atividade no Rio, de extensa monografia de 80 páginas, ilustrada por ele mesmo, a respeito da estrutura e da natureza dos neurinomas. Este trabalho gerou grande polêmica entre Bogliolo e o Prof. Pio del Rio Hortega, discípulo direto de Ramon y Cajal. Também desenvolveu pesquisas sobre patologia cardiovascular, endócrina e renal tendo publicado, por exemplo, trabalhos sobre a glomerulosclerose de Kimmelstiel e Wilson, inclusive no exterior.

Logo após a morte de Annes Dias, Bogliolo transferiu-se para Belo Horizonte.

Bogliolo em Minas Gerais

Desde sua chegada ao Brasil, em 1940, Bogliolo vinha sendo sondado, por seu amigo, patricio e Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (FMUMG)¹, Alfredo Balena, para transferir-se para Belo Horizonte. Esta era, então, uma jovem cidade com menos de 50 anos, concebida no final do século XIX (1897) nos padrões da modernidade urbana européia, sobretudo francesa. Em 1940, seu município tinha 211.377 habitantes e ainda levava uma vida provinciana. Entretanto, já ia se tornando o centro intelectual e de estudos da gente mineira. Em 5 de março de 1911, a Sociedade Médico-Cirúrgica de Minas Gerais declarara criada a Escola de Medicina de Belo Horizonte, cuja aula inaugural foi proferida em 8 de abril de 1912. A Universidade de Minas Gerais, da qual a Faculdade de Medicina passou a fazer parte, somente foi instalada em 1927. A época em que Bogliolo transferiu-se para Belo Horizonte já lecionavam, na Faculdade de Medicina, diversas figuras de expressão no meio médico-científico, tais como, José Baeta Viana, Hilton Ribeiro da Rocha, Amilcar V. Martins, Oscar Negrão de Lima, Oswaldo de Melo Campos, Joaquim Romeu Cançado, Alfredo Balena e outros.

Após a morte de Annes Dias, em novembro de 1943, Bogliolo comunicou ao Prof. Balena que estava livre e disponível para assinar contrato com a FMUMG, colocando como condição, que lhe fosse garantido um mínimo de segurança financeira. Após a manifestação favorável da congregação da Faculdade, o Prof. Balena enviou o seguinte ofício ao Reitor da UFMG:

“Ofício nº 118 (18 de fevereiro de 1944)

Exmo. Sr. Prof. Mário Casassanta

M. D. Reitor da Universidade de Minas Gerais

A Faculdade de Medicina da UMG, desde os seus primeiros anos de vida, tem procurado resolver o problema da regência da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas como exige o curso médico, orientado de acordo com as melhores normas de ensino.

Foi assim que, desde sua fundação, contratou, na Alemanha, o Prof. W. Haberdorf, o qual exerceu a Cátedra até 1919, quando se retirou desta capital para São Paulo, após rescisão do ajuste que aqui o mantivera durante longo lapso de tempo.

Empenhou-se, então, este Instituto em obter uma bolsa de estudos para profissional patricio que se interessasse pela disciplina e desejasse especializar-se no estrangeiro. Da conjugação de esforços nesse sentido, resultou seguir para os EUA o Prof. Carlos Pinheiro Chagas, o qual, de lá regressando, prestou a esta

Faculdade os mais relevantes serviços, até ser solicitado para outras atividades no setor da administração pública, vindo a falecer, prematuramente, a 25/VI/1932, deixando novamente vaga a citada cadeira.

Passou, então, este estabelecimento, a esforçar-se para conseguir outro professor que preenchesse tão sensível lacuna, tendo tido entendimento com os Profs. Andens, de Berlim, e Wolwhill, de Hamburgo, entendimentos esses que não puderam chegar a concretizar-se.

Em 1938, a Faculdade, com grande sacrifício, obteve que o Prof. Oswino Álvares Pena, um dos mais ilustres e conceituados patologistas patrícios, assumisse a direção dos serviços de Anatomia Patológica, os quais ele reorganizou, dando-lhes brilho e eficiência. Esta situação alvissareira pouco durou, infelizmente, pois o Prof. Oswino se viu forçado, por exigências da Diretoria do Instituto Oswaldo Cruz, a regressar ao Rio logo após o término do ano letivo.

Na impossibilidade de preencher de forma definitiva a cadeira — de vez que o único candidato inscrito para o concurso de Prof. Catedrático fora inabilitado e nenhum candidato até o presente concorreu à docência-livre da mesma —, veio a Faculdade valendo-se da boa vontade e do espírito de sacrifício de professores de disciplinas afins aos quais, sucessivamente, entregou sua regência interina, evitando, destarte, que o ensino viesse a sofrer qualquer prejuízo em sua eficiência. Entretanto, os próprios professores a cuja competência tem sido confiada a cadeira, (e, dentre eles, praz-lhe destacar o nome do Prof. Octávio de Magalhães, credor do maior reconhecimento desta Faculdade pela dedicação e brilhantismo com que se desempenhou na onerosa tarefa) empenharam-se reiteradamente junto à Diretoria para que se pudesse encontrar profissional idôneo a quem se transferisse o pesado encargo.

Permanecendo a situação que vem de descrever-se, depara-se, presentemente, a este Instituto, a oportunidade de, com o assentimento unânime de sua congregação, colocar na regência da cadeira em apreço, por contrato, o Prof. L. Bogliolo.

Docente com exercícios nas Universidades de Pisa, Bari e Louvain, autor de vários trabalhos constantes de relação inclusa, acha-se há cerca de 3 anos contratado pela Universidade do Brasil, na chefia do Serviço de Anatomia Patológica da 5ª Cadeira de Clínica Médica, até há pouco dirigida, de modo invulgar, pelo eminente Prof. Annes Dias.

Ali o Prof. Bogliolo tem feito obra de verdadeiro cientista, granjeando elevado conceito e a admiração de seus chefes e bem assim de seus colegas e discípulos. Além desse encargo, tem exercido o magistério na Faculdade de Ciências Médicas do Rio de Janeiro, estabelecimento reconhecido e que se encontra em franca situação de prosperidade.

Residindo, assim, há mais de 3 anos no Brasil, com sua situação de estrangeiro perfeitamente legalizada, já falando e escrevendo corretamente a língua vernácula, tem o Prof. Bogliolo limitado suas atividades à pesquisa científica e ao ensino de sua especialidade, de que faz prova não só pelas publicações em revistas nacionais e estrangeiras, como pelo conceito conquistado em todos os círculos sociais e culturais.

Em se tratando, pois, de profissional merecedor da confiança pelos dotes de cavalheirismo, inteligência e cultura que lhe exornam a personalidade, este Instituto julga que a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas será convenientemente

provida mediante o contrato que, com a devida vênia, submeto à consideração do Egrégio Conselho Universitário.

Valho-me do ensejo para reiterar a V. Excia. os protestos de minha elevada estima e subido apreço.

Saudações atenciosas. Alfredo Balena (Diretor)".

A leitura do ofício permite destacar dois aspectos fundamentais nos quais se baseiam a solicitação:

1. O elevado conceito científico que já desfrutava o Prof. Bogliolo, solidificado pelo seu trabalho no Rio de Janeiro, já exposto anteriormente;
2. A necessidade da contratação de um especialista do quilate de Bogliolo, capaz de arcar com o pesado encargo de dirigir e orientar, com competência e eficiência, as atividades de ensino, pesquisa e extensão de uma das disciplinas fundamentais do ensino médico.

Até então não havia sido possível à FMUMG atender a esta necessidade como se encontra muito bem exposto na história do Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal daquela Instituição, pelo Prof. Pérsio Godoy, no trabalho *"85 anos da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais"*, do qual transcrevemos o seguinte trecho:

"A história da Anatomia Patológica na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais iniciou-se, em 10 de março de 1912, com a contratação do professor Walter Habermeld, da Alemanha. A passagem deste ilustre professor não foi suficientemente documentada, todavia, seu nome consta como responsável pela primeira necropsia registrada na Faculdade de Medicina da UFMG. Exerceu a Cátedra de Histologia e Anatomia Patológica até 1917.

Em 20 de maio de 1917, a Congregação concedeu bolsa de estudos em Histologia e Anatomia Patológica ao Dr. Carlos Pinheiro Chagas, no Instituto Rockefeller (USA), colocando como condição essencial, a aceitação posterior da regência das referidas matérias, até seu provimento por concurso. O prof. Habermeld foi substituído pelo prof. Roberto de Almeida Cunha, cujo nome aparece no quadro de professores da Faculdade em 1918, ano do seu reconhecimento oficial. O prof. Almeida Cunha aposentou-se em 1958 como catedrático de Microbiologia, sua definitiva vocação.

Neste período, manteve-se ativo o Serviço de Necropsias, sendo expressiva a participação de docentes da área clínica, especialmente os professores João Afonso Moreira e Mello Leitão, aparecendo, ainda os nomes dos Drs. Ary Ferreira e Evandro Ferreira Barros.

Em 6 de novembro de 1919, a Congregação ouviu do Dr. Carlos Pinheiro Chagas relatório a propósito do estágio mencionado anteriormente, o qual recebeu parecer favorável. Na mesma oportunidade, apresentou projeto de tese, defendida, posteriormente, em 1920 ('As células parietais do estômago e o seu papel na produção do ácido clorídrico' e 'Lesões hepáticas na moléstia de Chagas'), credenciando-se como Docente-Livre das Cadeiras de Histologia e Anatomia Patológica. Foi empossado em 20 de março de 1921 como professor substituto e, logo em seguida, promovido a catedrático em Anatomia e Fisiologia Patológicas.

Na relação do corpo docente da Faculdade, em 1927, o prof. Carlos Pinheiro Chagas consta como licenciado, aparecendo o nome do Dr. Yvon Rodrigues Vieira como responsável pela disciplina. Dentro do primeiro esboço da estrutura departamental, em 1931, criou-se o Departamento de Patologia, constituído pelas disciplinas Patologia Geral, Anatomia e Fisiologia Patológicas, Microbiologia e Parasitologia.

O prof. Carlos Pinheiro Chagas foi nomeado, em 1932, Secretário das Finanças do Estado de Minas Gerais, pelo Presidente Olegário Maciel. Na verdade, por pouco tempo, pois, em 25 de junho do mesmo ano, faleceu, prematuramente, o querido prof. 'Carleto'. Por razões não muito bem esclarecidas, vinte anos depois, em 15 de janeiro de 1952, a Congregação homenageou a memória do prof. Pinheiro Chagas, enviando mensagem ao Governador do Estado de Minas Gerais, com o seguinte teor parcial '... sente-se esta Faculdade de Medicina ainda em dívida para com um dos seus grandes e inolvidáveis professores, Dr. Carlos Pinheiro Chagas, ao qual estamos certos não se prestaram as homenagens a que fez juz, pelos inestimáveis serviços...!'

Aos 25 dias de fevereiro de 1933, foi indicado o prof. Roberto de Almeida Cunha como professor substituto da disciplina Anatomia Patológica. Esse professor manteve ativo o Serviço de Necropsias, todavia, com períodos marcados pelo seu declínio.

Até o ano de 1936, foi constante a presença nos registros de necropsias dos nomes dos Drs. Evandro Fonseca Barros e Yvon Rodrigues Vieira e, a partir de 1942, tornou-se freqüente a atuação dos professores José Lopes de Faria, Paulo R. F. Borges e, principalmente, do prof. Moacyr A. Junqueira.

A Faculdade, em 1938, reconhecendo o alto interesse para o ensino médico, providenciou instalações adequadas para a Cadeira de Anatomia Patológica e entregou sua regência, mediante contrato, ao patologista prof. Oswino Alvares Pena.

Este permaneceu por pouco tempo, retornando ao Instituto Oswaldo Cruz (Rio de Janeiro). Assumiu, então, interinamente o Dr. Paulo Elejalde, entre 9 de fevereiro de 1939 e janeiro de 1941, época na qual a regência passou a ser ocupada pelo prof. Octávio de Magalhães.”

Deve-se aqui acrescentar que, segundo Alvarenga, após o regresso do prof. Oswino Penna para o Rio de Janeiro, a disciplina de Anatomia e Fisiologia Patológica foi ministrada, temporariamente, pelo prof. Moacyr de Abreu Junqueira. Este, ainda segundo Alvarenga, pode ser considerado um patologista autodidata, possuidor de sólida cultura médica e que não media esforços para estar sempre atualizado. Foi grande amigo e admirador do Prof. Oswino Penna, que o iniciou em Anatomia Patológica, quando esteve em Belo Horizonte.

A análise deste histórico, associada à comprovada qualificação profissional que Bogliolo adquirira no exterior e que comprovara no Rio de Janeiro, levaram o Conselho Universitário da FMUMG não só a aprovar a contratação solicitada por Balena, como também a opinar para que isto se desse de imediato. Em conseqüência, nos primeiros meses de 1944, Luigi Bogliolo iniciava suas atividades, em Belo Horizonte, como regente da cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas da FMUMG. Cabe aqui realçar que atendendo à solicitação feita por Bogliolo a Balena, no sentido de que lhe fosse garantido um mínimo de segurança financeira, sua contratação foi feita em regime de tempo integral ao ensino e pesquisa, o que era, no mínimo, raro em Minas Gerais e até mesmo no Brasil, naquela época.

Bogliolo e sua Escola na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais

Por não ter realizado no Brasil seus cursos primário, secundário e superior, Bogliolo teve necessidade de revalidar seu título de médico, obtido na Itália 14 anos antes de se radicar em Belo Horizonte. Para isto, foi necessário regularizar sua situação quanto ao ensino secundário, realizando as provas exigidas pelos cursos ginásial e científico. Exigente como era consigo mesmo, dedicou-se, em profundidade, ao estudo da língua portuguesa, história e geografia do

Brasil, etc. No referente à revalidação do diploma de médico, submeteu-se, na FMUMG, entre 1953 e 1957, a provas escritas, orais e práticas de todas as disciplinas do currículo de 4º, 5º e 6º anos do curso médico. Por conseguinte o ex-professor das Universidades de Sassari, Bari, Pisa e da Universidade do Brasil, submeteu-se a ser examinado por seus pares da FMUMG. Bogliolo foi aprovado em todas as provas. Graduado médico pela segunda vez, prosseguiu Bogliolo buscando sua ascensão na carreira universitária. Em 1958, obteve o título de Doutor defendendo a tese “*Subsidio para o estudo anatomopatológico da forma aguda toxêmica da esquitomossomose mansônica*”. Finalmente, em 1959, conquistou a cátedra de Anatomia Patológica, após brilhante concurso no qual defendeu a tese “*Cariometria hepática: subsidio para o diagnóstico anatomopatológico de pequenos fragmentos de parênquima hepático*”.

Como professor catedrático (depois professor titular), trabalhando sempre em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, chefiou o Departamento de Anatomia Patológica (a partir de 1970, transformado no Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal) até abril de 1978, data de sua aposentadoria compulsória. Em agosto do mesmo ano, foi-lhe outorgado o título de Professor Emérito da FMUMG.

O Professor e o Homem

Seguindo o exemplo de seus mestres e em especial de Franco, Bogliolo, no trabalho, era extremamente exigente não só consigo mesmo mas, também, para com seus subordinados. Como refere Savassi Rocha:

“Exigia de si próprio o máximo, diuturnamente; não se permitia fraquejar, exercitava como poucos a autodisciplina e primava pela austeridade. ... Extremamente sincero — o que na maior parte das vezes vinha a ser uma qualidade — não escolhia palavras quando emitia suas opiniões ou dava suas ordens; vez por outra, chegava ao exagero e não hesitava em passar publicamente, a quem julgasse merecer, suas memoráveis descomposturas. Esse seu modo de ser deve ter contribuído para que forjasse, sem o desejar, algumas inimizades gratuitas, com prejuízo para ambas as partes, ou, ainda, para abalar, ainda mais, a autoestima daquelas personalidades mais frágeis e sensíveis que com ele conviveram, num processo que o educador A. N. Whitehead denominava, com propriedade de, 'Massacre da alma'. Preocupado em não dar mostras de fraqueza, defendia com obstinação seus pontos de vista e não costumava ceder ou mesmo reconhecer suas limitações e eventuais equívocos. ... Dotado de agudo senso de observação e grande discernimento, Bogliolo julgava-se capaz — e, na verdade o era — de emitir um juízo crítico acerca das pessoas, inclusive daquelas não subordinadas a ele diretamente e, às vezes, sem conhecê-las mais profundamente. Acontece que, ao formular seu julgamento, tendia a considerá-lo definitivo, correndo por conseguinte, o risco de equivocar-se. ... Com o correr dos anos, essa rigidez foi-se atenuando por razões diversas, destacando-se, em primeiro plano, a morte cruel de seu filho Alexandre, em 1965, e de sua filha Ada, menos de dois anos depois. A partir de então, não foi o mesmo, embora deixasse transparecer, vez por outra, o que já fora no passado”.

Fora do trabalho, Bogliolo, com frequência, transformava-se, a ponto de até receber com humor as mais irreverentes brincadeiras.

Estas eram algumas das características mais marcantes do homem e professor que, em 1944, com 36 anos de idade, iniciava, na FMUMG, seu trabalho.

Atividades Docentes

No início, trabalhava praticamente sozinho, dispondo para isto de uma pequena sala no antigo prédio da FMUMG. Entretanto, logo começou a atrair pessoas à sua volta. Aglutinou e/ou formou, inicialmente, técnicos de laboratório e auxiliares de necropsia, treinando-os pessoalmente, para que pudessem executar as atividades de prestação de serviço e, conseqüentemente, criando condições para que Bogliolo e seus assistentes pudessem ministrar as aulas práticas e desenvolver as atividades de pesquisa. Acompanhava todas as autópsias e dava todas as aulas teóricas, visando não tanto transmitir conhecimentos e sim estimular o raciocínio e mostrar ao aluno como se deve “aprender a aprender”.

Neste sentido, dava grande ênfase à reconstituição da evolução do conhecimento e à importância da análise crítica dos conceitos. Esta sua visão sobre o ensino da Patologia pode ser muito bem comprovada pela leitura de alguns dos capítulos da primeira edição de seu livro **Patologia**, de 1972.



Luigi Bogliolo ministrando aula no Curso de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais.

Conferia às necropsias enorme importância, a começar por seu papel na graduação médica. Sempre referia que o procedimento necroscópico tinha o significado de uma verdadeira “leitura do livro da natureza”. Preocupava-se em observar, acuradamente, os mínimos detalhes e em descrever, com minúcia e rigor, o que era observado. Fazia questão de mostrar, sempre que possível, a cada aluno, individualmente, as alterações macroscópicas. Terminada a autópsia, sempre procurava sentar-se ao microscópio e, rodeado pelos alunos, mostrava a cada um deles, as lesões, correlacionando-as com os achados macroscópicos e, quando possível, com as manifestações clínicas apresentadas em vida pelo paciente. Considerava o anfiteatro, onde se realizavam as necropsias, como um verdadeiro templo. Seguia à risca, e exigia que seus assistentes assim também o fizessem, as normas de realização técnica de necropsias preconizadas pela Escola de onde provinha, muito bem expostas no “Manual Atlas de Técnica de las Autopsias”, publicado em 1929 e de autoria do mestre, imediato de Bogliolo, Enrico Emílio Franco. Era obsessivo com a limpeza da sala de autópsia, com as vestimentas dos necropsistas e de seus auxiliares, com a qualidade do instrumental utilizado e com as normas da técnica do exame necroscópico, muito bem detalhadas no Manual de Franco. Não admitia qualquer forma de desrespeito ao cadáver, nem preocupações com o tempo a depender na realização do exame. Afirmava que as autópsias tinham horário de início, mas não de término.

Além de sua preocupação com a qualidade das necropsias sempre se preocupou com o número de autópsias assistidas e/ ou praticadas pelos estudantes de graduação e pós-graduação, como pode ser comprovado pela carta que, em 11/1/56, enviou ao Prof. Adelmo Lodi, diretor da FMUMG, reivindicando a criação do Serviço de Verificação de Óbitos (SVO):

“A média anual de autópsias, de 30-40 em 1944-1945, quando me foi confiada a Cadeira de Anatomia Patológica, pôde ser aumentada para 120-150 nestes últimos anos. Este número, todavia, é insuficiente para o ensino da matéria. Como frisava, ainda há poucos dias, um esquema enviado pela Fundação Rockefeller, um



Antigo prédio da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Foi nele que Bogliolo iniciou suas atividades em Belo Horizonte, ocupando a primeira sala, ao fundo, da esquerda para a direita. Bico de pena do Prof. A. A. Paolucci.

Laboratório de Anatomia Patológica, de Faculdade com 60 matrículas, deve dispor de 400 autópsias anuais. Com as novas obrigações que, em consequência do convênio entre a Faculdade e essa Fundação, recaem sobre o Laboratório de Anatomia Patológica (melhora do ensino prático; instrução de estagiários e bolsistas; produção científica, etc.) torna-se necessário aumentar o material cadavérico e as autópsias. Estimo dever-se chegar, pelo menos, à cifra de 400-600 autópsias anuais. Tal número não será atingido após a entrada em função do novo Hospital da Faculdade e a instalação das novas clínicas, as quais não poderão dar mais do que 50-70 cadáveres anuais. Para suprir a deficiência, comum em muitas faculdades do Brasil e do estrangeiro, costumam estas tomar a seu cargo os 'Serviços de Verificação de Óbitos'. Assim o fazem, no Brasil, a Faculdade de São Paulo, a de Ribeirão Preto, etc; outras, como a de Fortaleza, estão também em vias de instituir esse serviço. Chegando os cadáveres, mediante providências tomadas pelos órgãos estaduais ou municipais, diretamente à Faculdade, a obrigação desta restringe-se apenas à execução da autópsia e dos exames julgados necessários para a elucidação do diagnóstico, à compilação dos laudos e estatísticas, ao fornecimento do atestado de óbito e às providências para o enterro. As novas instalações para as autópsias, construídas pela Faculdade, comportariam, a meu juízo, sem necessidade de acréscimos nem de novas despesas, a prática das autópsias exigidas pelo 'Serviços de Verificação de Óbitos'. É evidente que o material, assim obtido, seria de inestimável valor para os cursos normais e para o treinamento dos bolsistas e estagiários, em consequência das novas obrigações da Faculdade.”

Ainda em relação ao ensino, cabe enfatizar a importância que Bogliolo dava às disciplinas básicas na formação médica. Neste sentido, vale lembrar o prefácio, por ele escrito, em março de 1978, para o livro de sua autoria ***Patologia Geral Básica (Agressão. Defesa. Adaptação. Doença)*** :

“A Patologia Geral vincula-se, de um lado, às disciplinas aplicadas da Medicina (Disciplinas Clínicas), de outro às Ciências Naturais e, em especial, à Biologia. Ela não é Clínica, não é Anatomia Patológica, não é Bioquímica nem Fisiologia ou qualquer outra disciplina básica; mas se utiliza de todas para investigar os desvios dos processos biológicos que, da faixa da normalidade, levam os seres vivos para aquela do patológico. Por isso, tal como há uma Fisiologia Animal e outra Vegetal, há, também, uma Patologia Animal e uma Vegetal.

Um texto de Patologia Geral não é um texto de Bioquímica, de Fisiologia nem de Microbiologia ou de Anatomia Patológica; mas, abandonando uma exposição de tipo informativo mais aprofundada, como a fornecida por tratados dessas disciplinas, deve apresentar uma súmula do que cada uma delas oferece para a compreensão dos fenômenos patológicos gerais.

É esse o intuito com o qual foram redigidos estes breves e relativamente elementares fundamentos de Patologia Geral. Tentando fugir a pensamentos e modelos superados, mas seguindo os sulcos abertos pelos Mestres aos quais se deve a Patologia, este pequeno compêndio apresenta a matéria num agrupamento mais condizente com a sucessão dos processos que, do normal, passam para o patológico, e com as orientações atuais nos vários campos específicos. Tem, sem dúvida, falhas, o que o autor-coordenador bem conhece. Sobretudo, não estão desenvolvidos de modo completo os processos fisiopatológicos-adaptativos. Tenciona-se preencher a lacuna em outra edição. Também pode ser acusada de certa artificialidade, a divisão da matéria em quatro partes; ou, inversamente, pode-se censurar a desobediência, às vezes, a essa esquematização. Pretendeu-se dar, de imediato, a quem se inicia no estudo das Ciências da Saúde, idéia da sucessão

dos fenômenos que do normal levam para o patológico; por razões expositivas foi necessário, às vezes, abandonar o esquema.

Não se pode formar um profissional das Ciências da Saúde sem lhe garantir bases sólidas de Biologia Celular, Bioquímica, Fisiologia, Patologia Geral, Anatomia Patológica e outras ciências básicas; e isso exige preparo e tempo adequados. Um médico, um veterinário, um dentista sem essas bases será *sempre* desatualizado, porquanto não poderá acompanhar o desenvolvimento da Medicina, a qual avança só e apenas — e bem rapidamente, nesta era — na medida em que progredem as disciplinas básicas em que se assenta. Não poderá ser entendida a nova aplicação, se não se está em condições de entender seus fundamentos; poderá, isso sim, ser decorada mais ou menos corretamente. A perguntas do tipo 'quais os responsáveis pela desatualização do médico', a resposta é fácil: os que, em nome de um falaz 'ensino profissional', sacrificam o preparo básico do estudante.

Os diplomados de Escolas ou Universidades que adotam filosofia, programas e metodologias voltados apenas para o ensino profissional — seja este em nível de graduação ou de pós-graduação — estão destinados a não terem desenvolvidas e aproveitadas suas faculdades criadoras. O cérebro precisa, sim, de informação — é óbvio — mas, necessita sobretudo de exercício, de treino para pensar e para chegar a compreender. O que exige tempo e métodos de aprendizagem bem diferentes daqueles que podem e devem ser adotados em Escolas Profissionais — que sempre foram e sempre serão de um escalão hierárquico inferior às Escolas Universitárias. Trata-se, em suma, de ensinar a observar, a analisar, a raciocinar — é o *visa et cogitata* de Bacon —, a construir. E isso para cada disciplina básica. Aprendizagem profissional assentada nessa base é mais fácil e mais rápida, e a experiência mostra que os melhores profissionais são os de preparo básico mais sólido.

Constituem, também, a falange que garante inovações, modernizações, agilidade, inventos, progresso; e com isso, o desenvolvimento e o progresso do País. Ampliar essa falange é fazer com que o país progrida; restringir, mercê de um ensino que condena à profissionalização o jovem apenas púbere, é retardar o progresso do país. No que tange à Patologia (a Geral e a Especial ou Anatomia Patológica), o tempo destinado a essa disciplina e a metodologia preconizada nos currículos atuais impedem qualquer tentativa de ensino de tipo e nível universitários. É possível, apenas, a ministração de reduzidas noções superficiais, sabendo-se de antemão que não encontrarão aplicação, porque não podem ser explicadas convenientemente, nem lhes poderão ser entendidas importância, nexos, aplicabilidade”.

Esta visão da Patologia e de seu ensino é que levou Bogliolo a enviar em outubro de 1946, (portanto pouco mais de dois anos após ter iniciado suas atividades na UFMG) ao diretor da Faculdade ofício solicitando que o estudo da Patologia, no Curso de Graduação da Instituição, passasse a ser em dois anos.

A Formação de Discípulos

Descendente que era de escolas clássicas, Bogliolo sabia muito bem da importância e da necessidade de formar discípulos especialmente em países como o nosso. Mais do que isto: desejava formar alunos que fossem capazes de ultrapassá-lo, seguindo assim os passos de Leonardo da Vinci. Para isto procurava sempre, em qualquer Escola onde estivesse, jovens ávidos de conhecimento. Sabia detectá-los como poucos. Depois, através de seus conhecimentos e atitudes, estimulava-os a exercitar o raciocínio, a desenvolver o espírito crítico, a trabalhar constantemente com as próprias mãos, a ter humildade sem subserviência.

Esta árdua tarefa de formar jovens logo começou a dar frutos em Belo Horizonte. Seus primeiros assistentes na FMUMG, foram: Paulo Roberto Ferreira Borges (1944-1946), João Henriques de Freitas Filho (1946-1949), Nello de Moura Rangel (1948-1953), Edmundo Chapadeiro (1950-1954) e Iracema Baccarini. Em 1952, tornou-se assistente o Dr. Washington Luiz Tafuri e, em 1955, Pedro Raso. A estes seguiram-se: Celso Pedro Tafuri, Pêrsio Godoy, Alberto Nicolau Raick, José Geraldo Albernaz, Guilherme Cabral Filho, Abadio Marques Neder, Isauro Epiphaneo Pereira, Jaeder Teixeira de Siqueira, Evilázio Teubner Ferreira, Waldemar Ladosky, Aluísio Molinar, Neide Garcia de Lima, Ayrton Garcia Leão, Romeu Cardoso Guimarães, Luiz Otávio Savassi Rocha, José Eymard Homem Pittella, Alfredo José Afonso Barbosa, Eduardo Alves Bambirra e Geraldo Brasileiro Filho.



Luigi Bogliolo com alguns de seus primeiros assistentes e colaboradores na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, em 1952. Sentados, da esquerda para a direita: Washington Luiz Tafuri, Iracema Baccarini, Luigi Bogliolo e Edmundo Chapadeiro. De pé, técnicos, auxiliares de necropsia e monitor.

Todos tiveram destacado papel na implantação, desenvolvimento e/ou solidificação da Escola de Bogliolo em Belo Horizonte, e Edmundo Chapadeiro, Washington Luiz Tafuri, Pedro Raso, Alberto Raick e Aluísio Molinar, capital importância na propagação da Escola de Bogliolo para o interior do Estado e do país, como adiante será demonstrado.

Sedimentou-se ainda mais a Escola de Bogliolo, a partir de 1955, com a instalação no Departamento de Anatomia Patológica e Médica Legal da FMUMG do Curso de Especialização em Anatomia Patológica. Evidentemente, tratava-se de pós-graduação *lato sensu*, o que não impedia, entretanto, que fosse altamente qualificada, como deve ser toda pós-graduação. Bogliolo, com o valioso auxílio, dentre outros, de Washington Luiz Tafuri e Pedro Raso, implantou um excelente curso de capacitação docente e criou condições para que os pós-graduandos fossem estimulados e orientados na pesquisa. De vários centros do país, em geral contemplados com bolsas da CAPES ou das Universidades de origem, afluíam patologistas ávidos em aprofundar, especialmente, sua capacidade de ensino e pesquisa. Por lá passaram, Geraldo de Souza Tomé e Francisco Valdeci, da Universidade Federal do Ceará; José Monteiro Leite e Ronaldo Araújo da Universidade Federal do Pará; Valéria Hora da Universidade Federal de Alagoas; Edison Reis Lopes da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (Uberaba), entre muitos outros

Mesmo antes da implantação oficial desse curso de pós-graduação vários médicos (patologistas ou não) e profissionais de outras áreas da saúde, de Minas Gerais e de outros Estados, haviam estagiado no Serviço do Prof. Bogliolo na FMUMG, buscando aperfeiçoamento e atualização. Nesse sentido, cabe relembrar a contribuição dada pela Fundação Rockefeller, a partir de 1955, visando a qualificação, cada vez maior, do Serviço de Anatomia Patológica da FMUMG. Graças, em grande parte a este apoio, oficializou-se o regime de tempo integral e dedicação exclusiva para o corpo docente e houve substancial ajuda para aquisição e modernização de material permanente e de consumo. Culminou, este apoio, com a criação, em 1964, do Centro de Microscopia Eletrônica da UFMG, que teve como seu primeiro Diretor Executivo o Prof. W. L. Tafuri. Este, visando preparar-se para a função, antes de assumir o cargo, estagiou quatro meses na Argentina com o Prof. De Robertis.

Em 22 de dezembro de 1972, foi aprovada pela Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG, a criação do Curso de Pós-graduação em Patologia (CPGP/UFMG), em nível de mestrado e doutorado, em três áreas de concentração: Patologia Geral, Patologia Especial Médica (Anatomia Patológica Médica) e Patologia Especial Odontológica (Anatomia Patológica Odontológica). Em 30/10/73, o CNPq reconheceu o Curso como "Centro de Excelência" e, em

1978, foi credenciado pelo Conselho Nacional de Educação. Seu primeiro coordenador foi Luigi Bogliolo.

Segundo depoimento feito a um dos autores deste capítulo (ERL), pelo Prof. Amadeu Cury, (fundador e presidente da Comissão de Pós-graduação do CNPq, no período de 1969 a 1974), Bogliolo, inicialmente, era contrário à criação, na FMUFMG, de um curso em nível de mestrado. Aceitaria, e assim mesmo com reservas, a incumbência de instalar este curso, mas só em nível de doutorado. Cury contra-argumentou, demonstrando sua preocupação, especialmente em relação ao ainda pequeno número de professores, suficientemente qualificados, que o Departamento possuía na época, para orientar doutorandos. Apesar desta e de outras ponderações feitas por Cury, Bogliolo manteve-se irredutível. Cury, então, dirigiu-se a Bogliolo, lembrando-o de que não mais estava em Pisa e sim em Belo Horizonte, conseguindo, finalmente, convencer Bogliolo a implantar o mestrado.

Acresce que esta preocupação em criar um Centro de Excelência, em Patologia, na UFMG, já era acalentada, desde muitos anos, por alguns dos principais colaboradores de Bogliolo. Em 1958 — quando estagiava na Alemanha — W. L. Tafuri já enviara uma carta a Bogliolo, externando seu pensamento sobre a necessidade de se criar um curso de pós-graduação — similar aos que conhecera na Europa —, a fim de que fosse possível formar em, Belo Horizonte, uma massa crítica e, conseqüentemente, atrair recursos financeiros essenciais para o desenvolvimento da pesquisa, nos Serviços de Patologia da FMUFMG.

A respeito da fase inicial desse curso, recorreremos mais uma vez ao exposto por Savassi Rocha, em sua “Vida e obra de Luigi Bogliolo”:

“Os primeiros alunos do Curso de Pós-graduação, na área médica, foram os Drs. Albino Verçosa de Magalhães, Fausto Edmundo Lima Pereira, Hipólito de Oliveira Almeida, José Eymard Homem Pittella e Alfredo José Afonso Barbosa. O Dr. Fausto, discípulo de Edmundo Chapadeiro, formara-se em Uberaba, em 1965, transferindo-se, logo em seguida, para a Universidade Federal do Espírito Santo. Durante o curso, Dr. Fausto manteve estreito relacionamento com Bogliolo e, a despeito de sua impertinência, seu espírito contestador e sua vocação para o questionamento, tornou-se grande amigo do Mestre. Aliás, conforme mais de uma vez me confidenciou, Bogliolo reconhecia no Dr. Fausto uma das mentes mais 'criativas' que conhecera durante sua vida universitária. É provável que, no fundo, Bogliolo admirasse aqueles que se atreviam a desafiá-lo, muito embora não o admitisse publicamente e, via de regra, se comportasse de modo a dar a entender justamente o contrário. É possível, também, que, por trás de sua postura autoritária, ele tivesse a plena consciência, na medida em que já fora jovem um dia, de que envelhecer é, de certa forma, entrar em permanente choque com os mais moços.

Segundo depoimento do próprio Dr. Fausto, confirmado por colegas do curso de Pós-graduação, Bogliolo era exigentíssimo para com os pós-graduandos e instigava-os a mergulhar fundo no estudo da biologia celular, da imunologia, da bioquímica, da microbiologia, etc. — o que, na época, era considerado 'um exagero' por parte dos mesmos; passados alguns anos, as críticas transformaram-se no reconhecimento de que Bogliolo estava com a razão. É que ao Mestre não escapavam dois fenômenos com que se defronta, modernamente, a ciência: a tendência ao desaparecimento dos limites entre as diversas disciplinas e a imbricação cada vez maior entre o conhecimento 'puro' e o conhecimento “aplicado”.

Cabe aqui lembrar o destino dos cinco primeiros alunos deste curso. Os Professores Barbosa e Pittella permaneceram na FMUFMG onde hoje são Professores Titulares de Anatomia Patológica, juntamente com Geraldo Brasileiro Filho e Eduardo Alves Bambirra que também doutoraram-se no referido curso. O Prof. Magalhães retornou à Universidade de Brasília onde também é Professor Titular. Os Professores Hipólito e Fausto voltaram às suas

sedes de origem, onde desempenharam papel de grande importância no desenvolvimento de suas Universidades.

Com a aposentadoria do prof. Bogliolo assumiram a coordenação do CPGP/UFMG, sucessivamente, os professores W. L. Tafuri, Pedro Raso, J. E. H. Pittella, E. A. Bambirra, A. J. A. Barosa, G. A. Brasileiro Filho e atualmente a Prof^a Virgínia Hora Rios Leite. Em todas as avaliações feitas até 1998, o curso alcançou o melhor conceito da CAPES (A) e, na última, nota 5. Até 1998, haviam se formado no curso 53 mestres e 29 doutores, provindos de diversas Escolas do país. A maior parte destes ex-alunos assumiu a docência em várias Instituições Superiores do Brasil e significativo número deles realizou pós-doutorado no exterior.

A partir do final da década de 80, a Escola de Patologia, que Bogliolo implantou em Belo Horizonte, começou a se estender, também, ao Departamento de Patologia Geral do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG. Esta implantação decorreu do ingresso, em regime de dedicação exclusiva, de ex-alunos do CPGP/UFMG. Disto resultou que, além das atividades com o curso de graduação, o Departamento teve incrementada sua produção científica. Alguns destes docentes passaram a atuar também no CPGP/UFMG. Nos últimos anos, o Prof. W. L. Tafuri foi convidado a participar como Professor Colaborador no Departamento de Patologia do ICB. Vem atuando, discutindo e propondo projetos científicos, bem como influenciando diretamente na política ora adotada pelo Departamento.

Os Núcleos no Interior

Um dos grandes projetos de Bogliolo era que sua Escola se estendesse além dos limites de Belo Horizonte e de Minas Gerais. Concretizou seu sonho contribuindo para o fortalecimento de muitas Escolas Médicas e de outras áreas de saúde. Auxiliou muito as Faculdades já instaladas, bem como as novas, à medida que iam surgindo. Sobre estas, tinha um pensamento: seria ideal que tivessem suas cadeiras de Patologia preenchidas por professores realmente qualificados para exercer o ensino, a pesquisa e a prestação de serviços. Como isto dificilmente era possível, entendia ser melhor colocar nessas Instituições jovens já encaminhados na Patologia, embora ainda não suficientemente “amadurecidos” para a tarefa, do que preencher as disciplinas com profissionais sem nenhuma formação docente.

Dentro desta política, atraía para estagiar em seu serviço, em Belo Horizonte, desde acadêmicos, nos quais detectava pendores para a Patologia, até profissionais da especialidade que desejassem se qualificar para a docência. Ao lado disto, estimulava muitos de seus assistentes a irem para outras Instituições, levando consigo a semente de sua Escola. Procurava sempre fazer que eles, até adquirirem as condições totais de caminhar por si, permanecessem unidos “pelo cordão umbilical”, como dizia, à sede de sua Escola em Belo Horizonte.

Foi assim que viu sua Escola se expandir para o interior de Minas e para outros Estados como Ceará, Pará, Distrito Federal, Alagoas, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e outros. Em Minas, a Escola de Bogliolo germinou na Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (Uberaba), na Universidade Federal de Uberlândia, na Escola de Medicina de Itajubá, na Faculdade de Medicina de Barbacena, na Universidade Estadual de Montes Claros, na Universidade de Uberaba, na Universidade de Ouro Preto e em outras mais.

A atuação da Escola de Bogliolo, fora de Minas Gerais, será analisada ao se tratar do histórico da Patologia em cada Estado da Federação. Neste tópico será feita uma sucinta abordagem em relação ao interior de Minas Gerais.

A Escola de Bogliolo no Triângulo Mineiro, Uberaba



Antiga Cadeia Pública de Uberaba (em cima) transformada, desde 1954, no prédio da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (abaixo). Nele, Chapadeiro instalou, na ala superior direita, os Serviços de Patologia na Instituição.

No interior de Minas Gerais, foi Uberaba, especificamente a Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM), o local onde foi implantado e germinou o primeiro fruto da Escola de Bogliolo.

Fundada em 1953, seu primeiro diretor — Prof. Mozart Furtado Nunes — tinha extrema preocupação em formar um corpo docente qualificado. Para isto, procurou alguns dos mais conceituados professores das Faculdades de Medicina da USP, UFRJ e UFMG, tentando recrutar docentes para a novel Instituição. Em Belo Horizonte, procurou, entre outros, o Prof. Bogliolo. Mozart Furtado assim se referiu a Bogliolo, em relato entregue à jornalista Ana Luiza Brasil: *"Fui a Belo Horizonte em busca de um professor de Histologia. Feliz oportunidade me aproximou do Prof. Luigi Bogliolo, a encarnação mais perfeita que conheço do espírito universitário. A mais elevada concepção do ensino médico que já me foi dado encontrar. O resultado foi a vinda de Prof. Edmundo Chapadeiro para Uberaba"*.

Desde o início da Fundação da FMTM, portanto, Bogliolo deu apoio incondicional à Instituição. Em 28/4/54, veio a Uberaba acompanhando Juscelino K. de Oliveira, — então governador de Minas Gerais —, para a aula inaugural da FMTM. Juntamente com Mozart Furtado, conseguiu, junto a JK, as condições para que Chapadeiro se fixasse naquela cidade.

Edmundo Chapadeiro, desde o 4º ano de seu curso de medicina, trabalhava com Bogliolo. Tornou-se assistente da FMUFMG, imediatamente após sua formatura, em 1949, permanecendo no cargo até 1954, quando transferiu-se para Uberaba. Teve sua carreira universitária moldada e marcada profundamente por Bogliolo. Nada mais lógico, portanto, que na FMTM procurasse implantar os princípios da Escola de seu principal mestre.

Como professor contratado em regime de tempo integral, Chapadeiro iniciou suas atividades, na FMTM, como professor de Histologia e Embriologia, disciplina que ministrou em 1954. Em 1955, estagiou durante treze meses no Serviço de Histologia e Embriologia da FMUSP, então dirigido pelo Prof. Luís Carlos Uchôa Junqueira, retornando à FMTM em 1956.

Quando da autorização para funcionamento da FMTM, foram apresentados como professores contratados ou interinos das Cadeiras de Patologia Geral e de Anatomia e Fisiologia e Patológicas, respectivamente, os Professores Antonio Sabino de Freitas Júnior e Jorge Henrique Marquês Furtado. O primeiro, permaneceu na regência da disciplina até a federalização da Faculdade em 18/12/1960. O Prof. Jorge Furtado não assumiu a regência de Anatomia e Fisiologia Patológicas, sendo substituído pelo Prof. Chapadeiro, que na época da instalação da cadeira, retornava à FMTM, após terminar seu estágio em São Paulo.

Como é regra geral em países como o nosso, Chapadeiro, apesar do apoio recebido, enfrentou enormes dificuldades nas fases iniciais da implantação do Serviço de Anatomia e Fisiologia Patológicas na FMTM. Seguindo o exemplo de Bogliolo, desde o início procurou formar pessoal, técnico e docente, que pudesse auxiliá-lo na tarefa. Primeiro, sozinho, e, entre 1958 e 1960, auxiliado por Aluizio Molinar, começou a desenvolver, mesmo com as deficiências materiais e de pessoal, as atividades essenciais de uma Instituição Universitária: ensino, pesquisa e extensão. Em 1959, por um curto período, Chapadeiro foi substituído na FMTM por W.L. Tafuri.

Aluizio Molinar era um jovem médico cirurgião que, logo após graduar-se na FMUFMG, tornou-se assistente de Bogliolo (cargo que ocupou por dois anos). Após estagiar em serviços

de Cirurgia na Inglaterra, retornou a Uberaba, ingressando na FMTM como assistente voluntário de cirurgia e efetivo de Anatomia Patológica. Chapadeiro ministrava praticamente todas as aulas teóricas e nas aulas práticas e nas autópsias era auxiliado por Molinar. Realizava ainda, Chapadeiro, na FMTM os exames anatomopatológicos, não só dos Serviços da Instituição, como também de outros da cidade e da região do Triângulo.

Começou cedo, também, a aglutinar acadêmicos em seu serviço, orientando-os e, sempre que possível, estimulando-os para as carreiras docente e de pesquisa. Foi assim que, já em 1955, atraiu Edison Reis Lopes para a vida universitária. Pouco tempo após, Paulo Miguel de Mesquita, Virgínio Cândido Tosta de Souza e outros mais, seguiram a mesma trilha de Edison.

Chapadeiro, auxiliado por Molinar, pelos seus monitores e com o apoio do pessoal técnico por ele formado, preocupava-se muito, além das aulas, com as necropsias. Seguindo os princípios da Escola de Bogliolo, era extremamente exigente e rigoroso nos exames necroscópicos, procurando tirar deles o melhor benefício para o ensino e a pesquisa. Em conjunto, especialmente com Randolfo Borges, professor de Clínica Médica, introduziu, na FMTM, as sessões anatomo-clínicas. Procurando aumentar o número de necropsias, realizava também as autópsias médico-legais e as do Serviço de Verificação de Óbitos (SVO). Estas foram de grande importância para o desenvolvimento das pesquisas sobre doença de Chagas, principais responsáveis pela projeção do Departamento no meio médico científico. Também foram valiosas para a concessão de auxílios de órgãos de fomento nacionais e internacionais à FMTM.

Não foram, entretanto, sobre doença de Chagas as primeiras pesquisas realizadas no Departamento de Patologia da FMTM. Já em 1955, pouco mais de um ano após a instalação da FMTM, aparecia na literatura médica o primeiro trabalho científico produzido na Instituição: (Chapadeiro E. Lipoblastoma (registro de dois casos). Revista da Associação Médica Brasileira 1(4):375-384, 1955). Chapadeiro deu, também, continuidade aos trabalhos que iniciara em Belo Horizonte e São Paulo, sobre hipertensão arterial humana e experimental. Foram elas que permitiram que comesçassem a aparecer na literatura médica, nacional e internacional, alguns dos primeiros trabalhos científicos produzidos na FMTM. Também foram fundamentais para que a Fundação Rockefeller concedesse valioso auxílio para as disciplinas de Patologia, Bioquímica e Anatomia da Instituição, permitindo sensível melhora destes serviços.

Convidado a assumir a regência da disciplina de Patologia Geral na UFMG — na qual obtivera seu título de Livre Docente — Chapadeiro, em 1959 e 1960, exerceu suas atividades simultaneamente na FMTM e na UFMG.

A federalização da FMTM, em dezembro de 1960, criou novas perspectivas para a Instituição. Chapadeiro tornou-se professor catedrático e Edison Reis Lopes e Paulo Miguel de Mesquita seus assistentes.

Após difícil fase administrativa e financeira por que passou a FMTM após tornar-se federal, a Instituição e, em especial, seu Departamento de Patologia e Medicina Legal, tiveram expressivo desenvolvimento.

Em 1966, Chapadeiro, — que no período de 62 a 65 foi Diretor da FMTM —, licencia-se e deixa temporariamente Uberaba, transferindo-se para a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Espírito Santo. A cadeira de Patologia, nessa Instituição, tivera Washington Luiz Tafuri como seu fundador. A ida de Chapadeiro - que levava consigo para Vitória o recém graduado Fausto Edmundo Lima Pereira —, tinha por finalidade sedimentar o Departamento de Patologia e a Escola de Bogliolo naquela Universidade. Chapadeiro retornou à FMTM dois anos após, deixando Fausto em Vitória.

Na década de 70, graças às atividades de pesquisa, especialmente no campo da doença de Chagas, o Departamento de Patologia da FMTM passou a receber valioso apoio dos

órgãos de fomento. Destaquem-se aqueles concedidos pelo Conselho Nacional de Pesquisa — através do Plano Integrado de Doenças Endêmicas —, e da Organização Mundial de Saúde, através do Tropical Diseases Research. Eles não só permitiram a melhoria e atualização dos equipamentos como também a ampliação das instalações físicas do Serviço.

Sempre visando a melhoria de seus quadros, o Departamento de Patologia da FMTM continuou atraindo novos docentes. Em 1982, foi possível fixar na Instituição, Antonio Carlos Oliveira Menezes, que, após estagiar nos Estados Unidos, radicou-se em Uberaba, trazendo sensível reforço, especialmente para a área de Patologia Cirúrgica. Elementos já radicados em Uberaba, foram estimulados a estagiar e/ou a realizar pós-graduação em outros Centros. Hipólito Oliveira Almeida e Vicente de Paula Antunes Teixeira, após realizarem residência na FMTM, doutoraram-se no CPGP/FMUFMG. Retornando a Uberaba, passaram a dedicar-se, em regime de tempo integral e dedicação exclusiva, especialmente à Patologia Geral, tornando-se Professores Titulares desta disciplina. Edison Lopes, em 1980, após ter estagiado no Instituto Oscar Freire da Faculdade de Medicina da USP, sob a orientação do Prof. Armando C. Rodrigues, tornou-se Prof. Titular de Medicina Legal e Deontologia Médica.

Sedimentados os cursos de graduação e as atividades de extensão em Patologia, iniciou-se, na FMTM, a implantação da Pós-graduação. Inicialmente, foi criada a Residência Médica em Anatomia Patológica, credenciada pelo MEC em 1982. Em 1987, foi instalado o Curso de Pós-graduação em Patologia Humana que hoje conta com quatro áreas de conhecimento: Anatomia Patológica e Patologia Forense, Patologia Tropical, Patologia Geral e Patologia Clínica. O mestrado teve início em 1987 e o doutorado, em 1993. Na primeira avaliação a que foi submetido pela CAPES (biênio 88/89), recebeu conceito B. Nas três sucessivas foi avaliado com conceito A e, na última (biênio 96/97), conceito 4 (quatro). Titulou, até hoje, 13 mestres e dois doutores.

Como Professores Titulares, Chapadeiro aposentou-se em 1982, Lopes, em 1988 e Hipólito Almeida, em 1991. Chapadeiro implantou o CPGPH/FMTM e foi seu coordenador nos dois primeiros anos. Foi substituído por Lopes, que ocupou a função até o final de 1998. A partir de 1999, Vicente de Paula Antunes Teixeira passou a ser o coordenador.

Ainda em Uberaba, através da disciplina de Patologia Geral, a Escola de Bogliolo estendeu-se à Faculdade de Odontologia, hoje englobada na Universidade de Uberaba (Uniube). Esta extensão foi concretizada através do Prof. Antonio Edson de Moura Ferreira que, em 1972, estagiou nos Serviços de Patologia da UFMG. Atualmente, a disciplina de Patologia Geral na Uniube é ministrada nos vários cursos do Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, por três mestres, tituladas no Curso de Pós-graduação da FMTM.

Uberlândia

A Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia (EMECIU), hoje pertencente à Universidade Federal de Uberlândia, foi fundada em 1968. Os professores das cadeiras básicas, em sua quase totalidade, foram recrutados em outras cidades. Para ministrar as disciplinas de Patologia, foram convidados elementos da Escola de Bogliolo: Pedro Raso para a Anatomia Patológica e Edison Reis Lopes para a Patologia Geral.

Lopes, discípulo direto de Chapadeiro, como monitor da Patologia da FMTM, acompanhara seu mestre na implantação da Escola Médica de Uberaba. Vivera e sabia das dificuldades que enfrentara Chapadeiro e conhecia bem a experiência de Uberaba. Nesta última cidade, em 1962, o Estado criara o Posto de Medicina Legal e Chapadeiro e Lopes foram indicados para médicos legistas. O Posto foi instalado e por vários anos funcionou, em convênio, na FMTM. Assim, como já foi salientado, todas as necropsias realizadas em Uberaba eram feitas pelo pessoal da FMTM. Já se expôs, anteriormente, as vantagens desta integração. Sabedores deste fato, os diretores da EMECIU insistiram com Lopes para que se transferisse

definitivamente para Uberlândia, a fim de assumir a regência da Disciplina de Patologia Geral e para instalar, naquela cidade, um Departamento de Patologia e Medicina Legal nos moldes do que fora feito em Uberaba. Acresce-se, como esclarecimento, que à época, o governador do Estado de Minas Gerais era Rondon Pacheco, cuja carreira política foi feita em Uberlândia e a implantação de um Posto Médico Legal nesta cidade, constituiria um meio de o Estado poder auxiliar, de modo indireto, a novel EMECIU.

Lopes — que recentemente retornara de seu curso de Pós-graduação e havia feito concurso de Livre-Docência na FMTM —, não conseguiu licença para se afastar de suas funções em Uberaba. Como alternativa, passou a exercer, na FMTM, o regime de trabalho de 12 horas semanais, o que lhe permitia dedicar quatro dias integrais da semana a suas tarefas na EMECIU. Lá, procurou repetir o que Bogliolo fizera em Belo Horizonte e Chapadeiro em Uberaba. Este, juntamente com Paulo Miguel de Mesquita e Hipólito de Oliveira Almeida auxiliaram, e muito, nas atividades de ensino da Disciplina de Patologia Geral, permitindo que Lopes pudesse dedicar à Instituição um tempo maior às outras atividades universitárias.

Implantou-se, como se pretendia, o Posto Médico Legal de Uberlândia, de modo que, todas as necropsias da cidade, — inclusive aquelas com finalidade médico-legal e as do SVO —, passaram a ser realizadas na EMECIU, o que foi de grande valor para o ensino prático e para a pesquisa na Instituição. A exemplo de Uberaba, — onde, em 1970, 47% dos necropsiados eram portadores da infecção chagásica —, também em Uberlândia o número de necropsias de chagásicos era significativo. O material proveniente destes casos, em especial os de morte súbita, permitiu vários estudos sobre a tripanossomíase que deram origem a artigos científicos e teses. Já em 1972, surgia o primeiro trabalho científico da EMECIU, produzido no Departamento de Patologia da Instituição: (Lopes ER e cols. Importancia de la enfermedad de Chagas en los accidentes de transito. Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana 73(6):528-530, 1972).

Em colaboração com Manlio Speranzini, Francisco Chagas, José de Oliveira Campos, Claudia Lúcia Carneiro e outros professores das áreas profissionalizantes, Edison deu início às reuniões anatomo-clínicas.

Em 1971, foi implantada a Disciplina de Anatomia Patológica. Pedro Raso que fora indicado para regê-la, por razões várias, não pode assumi-la, cabendo a Lopes substituí-lo. Além do auxílio que já recebia de Chapadeiro, Mesquita e Hipólito, Edison passou também a contar com o apoio de outros professores do Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal da FMUFMG, dentre os quais, Raso e Bogliolo. Este tinha um outro particular interesse em ministrar aulas em Uberlândia: sua filha, Ana Rosa, havia sido convidada e aceitara dar aulas de genética na EMECIU. Bogliolo juntava o útil ao agradável e com enorme prazer e satisfação acompanhava, sempre que possível, as atividades docentes da filha.

Em 1972 criaram-se, em Uberlândia, três cursos de Residência Médica, um dos quais em Anatomia Patológica. Neste, o residente foi Ademir Rocha, que dedicou-se à carreira universitária, obtendo seu doutorado na CPGP/UFMG onde foi aluno da última turma que teve aulas com Bogliolo.

Seguindo o exemplo de seus mestres, Lopes procurou também formar novos professores. Conseguiu fixar em Uberlândia, além de Ademir Rocha, Arnaldo Moreira da Silva que havia se iniciado em Patologia, em Brasília, com outro discípulo de Bogliolo, Alberto Raick. Hoje, cabe especialmente a Ademir, — que é Professor Titular de Patologia —, e a Arnaldo a responsabilidade de continuar a Escola de Bogliolo em Uberlândia, que Edison deixou após 15 anos de trabalho.

Bogliolo e a Faculdade de Medicina de Barbacena

Na Faculdade de Medicina de Barbacena, a Escola de Bogliolo implantou-se pelas mãos de seu próprio criador. Assim se refere Savassi Rocha, sobre as ligações de Bogliolo com aquela Instituição:

“A ligação de Bogliolo com a Faculdade de Medicina de Barbacena (FAME/FUPAC) foi, desde o início, extremamente forte e marcada pela afetividade. Em primeiro lugar, pelo irrestrito apoio que deu à sua criação, influenciando, com seu prestígio, junto às autoridades do Ensino Superior; em segundo lugar, por ter assumido, juntamente com seus assistentes, toda a carga didática das disciplinas de Histologia, Patologia Geral e Patologia Especial, a partir de 1971, ano da criação da Faculdade. Em reconhecimento a tudo isso, Bogliolo recebeu, em 1979, expressiva homenagem da direção da FAME/FUPAC, por ocasião da inauguração do ADEPES (conjunto de prédios destinados a abrigar os setores de Administração, Ensino e Pesquisa): no primeiro bloco, destinado às disciplinas de Histologia, Histopatologia, Técnica Operatória, Anatomia e Medicina Legal, foi colocada uma placa com os dizeres 'Bloco Prof. Luigi Bogliolo'. Naquela oportunidade, o homenageado foi saudado pelo diretor da FAME/FUPAC, Dr. José Américo Nunes de Resende, que pronunciou emocionado discurso. Aliás, é o próprio Dr. José Américo quem conta um curioso episódio envolvendo o Prof. Bogliolo e sua esposa D. Geula, episódio esse que dá uma idéia do relativo alheamento em que vivem os grandes estudiosos e pensadores, sempre às voltas com suas reflexões, a ponto de, não raramente desligarem-se da realidade mais imediata: 'No Hotel Grogotó, do SENAC, a FAME/FUPAC hospedava as equipes de professores externos, ou seja, aqueles contratados da UFMG e da UFJF. Ali os professores eram acomodados em apartamentos de hotelaria de quatro estrelas e recebiam, portanto, tratamento à altura de sua posição. Quando o Prof. Bogliolo passava a semana inteira em Barbacena, em atividades de magistério na FAME/FUPAC, não raras vezes trazia sua mulher — sua companheira inseparável de muitos e muitos anos de vida em comum. Enquanto ele permanecia na Faculdade, entregue aos seus trabalhos científicos, ela ficava no Hotel e, para passar o tempo, tricotava ou arranjava outra distração. Entregue totalmente aos seus afazeres, muitas vezes o Mestre não voltava para o Hotel, ficando na Faculdade, em seu apartamento privativo. Numa dessas ocasiões, o Prof. Bogliolo ficou tão absorvido com seu trabalho que, após ter pernoitado por lá mesmo, entrou pela manhã em seu velho 'Fusca' e se mandou para Belo Horizonte. Quando lá chegou, lembrou-se que sua mulher havia ficado no Hotel, em Barbacena. Telefonou, então, pedindo para que fosse providenciada uma condução para levá-la para Belo Horizonte, sem maiores explicações'.

Bogliolo parecia gostar muito de Barbacena. Tanto assim, que foi no anexo, construído a seu pedido, junto ao laboratório de Histologia — um pequeno apartamento mobiliado com telefone, máquina de escrever e microscópio — que ele escreveu alguns capítulos e reviu boa parte dos originais de seu ***Patologia Geral Básica (Agressão. Defesa. Adaptação. Doença)***, como fez questão de deixar claro na dedicatória que escreveu do próprio punho, ao oferecer exemplar ao Diretor da FAME/FUPAC, em fevereiro de 1979.

No período em que se dedicou ao ensino de Histologia e da Patologia em Barbacena, Bogliolo procurou cercar-se de monitores, escolhidos entre os alunos do curso de graduação. Esses monitores chegavam até mesmo a dar aulas, devidamente supervisionados pelo Mestre que, investindo no jovem ávido de conhecimento, julgava semear em terreno fértil. Tanto assim que, dois deles — Dr^a Ana Margarida Miguel Ferreira Nogueira, formada em 1979, e Nivaldo Hartung Toppa, formado em 1980 —, tornaram-se, mais tarde, professores de Anatomia

Patológica e assistentes da Faculdade de Medicina da UFMG. Ambos devem sua formação a Bogliolo, que não poupou esforços em lhes transmitir o que sabia, dedicando-se, não raro, a orientá-los até altas horas da noite. Atualmente, o titular de Anatomia Patológica da FAME/FUPAC é o Dr. Renato Assunção Rodrigues da Silva Maciel, formado em 1976 pela Faculdade de Medicina da UFMG. Após um ano de residência em Clínica Médica e três anos (1978-1980) de residência em Anatomia Patológica, o Dr. Renato tornou-se docente de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da UFMG, cargo que exerceu durante poucos anos, transferindo-se, em seguida, para Barbacena. Apesar de Bogliolo ter-se aposentado, compulsoriamente, em 1978, o Dr. Renato chegou a receber alguma influência do Mestre, o suficiente para aprender a respeitá-lo”.

Deve-se também destacar o papel relevante desempenhado na Escola de Medicina de Barbacena por três dos discípulos de Bogliolo: Washington Luiz Tafuri, Pedro Raso e Celso Pedro Tafuri. Isto é enfatizado no artigo de Marcílio Faraj “Tafuri: de discípulo de Bogliolo a educador universitário. A trajetória de um professor emérito”.

A Escola de Bogliolo em Ouro Preto

A Escola de Bogliolo estendeu-se à Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), primeiramente, através de Pedro Raso, que no final da década de 1970 assumiu a regência da disciplina de Patologia Geral da Faculdade de Farmácia. Posteriormente, Washington L. Tafuri também foi trabalhar na UFOP. Em seu discurso, pronunciado ao receber o título de Professor-Emérito daquela Instituição, assim descreve Tafuri sua ida para Ouro Preto:

“Em julho de 1981, Pedro Raso, então regendo a disciplina Patologia Geral, necessitando de um professor-assistente para auxiliar nas aulas práticas, convidou-me para o cargo. Como nessa época eu estava me aposentando na Universidade Federal de Minas Gerais, por tempo de serviço, aceitei o convite e comecei a trabalhar”. Ainda, nesta ocasião, Tafuri afirmava: “naquela época, aqui somente se ensinava, não tendo ainda sido dada nenhuma ênfase à pesquisa e a extensão. E, como sabemos, uma Universidade só cresce à medida que vai publicando seus trabalhos científicos Assim, com aquele desafio em mente, continuei a auxiliar o Prof. Pedro em seu primeiro ano de trabalho ... Foi nesse momento que surgiu na UFOP a primeira pessoa que iria, comigo, criar um promissor grupo emergente de pesquisa. Refiro-me a Prof^a Marta de Lana contratada em 1982. Marta, minha ex-aluna na Pós-graduação, distinguira-se na turma por sua capacidade de trabalho e, como eu, já estava polarizada para a pesquisa em doença de Chagas ... Foi ao ler sua tese que tivemos a idéia de experimentar as cepas Be-62 e Be-78 do *T. cruzi* no cão. ... Fizemos um projeto-piloto e, para nossa surpresa, constatamos um fato inédito: o cão, quando infectado pela Cepa Be-78, pode desenvolver a forma crônica cardíaca fibrosante descompensada da doença de Chagas, em tudo semelhante à forma cardíaca humana ... O grande entusiasmo com esses dados levou-nos a procurar constituir o primeiro grupo de pesquisa da UFOP, já agora trabalhando no prédio novo do Campus Universitário. A nós se juntaram os professores Elio Hideo Baba, Magno Dias, Odair Genaro, depois seguidos por outros colegas... Pouco tempo após, a FINEP financiava projeto de pesquisa sobre a história natural da doença de Chagas e do Calazar, em cães experimentalmente infectados”.

Com este apoio e com a ajuda sempre presente da UFOP, desenvolveram-se as atividades de ensino e pesquisa, em várias áreas da Universidade, especialmente na de Ciências Biológicas.

Tafuri faz um balanço aproximado de que nos 17 anos em que trabalhou na UFOP, surgiram pelo menos 6 teses de mestrado e igual número de teses de doutorado, e que

aproximadamente 20 trabalhos foram publicados em revistas indexadas. Isto, graças às pesquisas lá implantadas. Além disto, foram essas atividades o germe da construção e da montagem dos laboratórios do Departamento de Ciências Biológicas. Foram ainda elas que tornaram este Departamento um centro de referência no estudo da história natural da doença de Chagas.

O ocorrido em Ouro Preto demonstra, mais uma vez, que na construção de uma Instituição Universitária primeiro vêm os homens e só depois as outras coisas.

A Escola de Bogliolo no Norte de Minas

A Faculdade de Medicina de Montes Claros (FMMC) foi instalada em 1969 como Unidade da Fundação Norte Mineira de Ensino Superior que, em 1989, foi transformada na Autarquia Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES).

No seu início, a quase totalidade do corpo docente da FMMC, na área básica, era formado por professores da UFMG, o que explica que tenham sido Luigi Bogliolo, Washington Luiz Tafuri, Pedro Raso, Fausto EL Pereira e Hipólito O. Almeida os primeiros docentes de Patologia na Instituição. Os três primeiros, eram professores efetivos da UFMG e, os dois últimos, à época, doutorandos do Curso de Pós-graduação em Patologia desta última Instituição.

Relatam os ex-alunos da FMMC que, no período inicial do Curso de Patologia, as aulas eram ministradas quinzenalmente: alternando-se uma semana com e outra sem atividades docentes. Nestes primeiros anos de funcionamento de disciplina, quem ministrou o maior número de aulas foi o Prof. Bogliolo. A exemplo do que sucedeu em outras Escolas Médicas, também em Montes Claros a presença da Escola de Bogliolo foi marcante.

Além das aulas teóricas e práticas, — para as quais trazia material de Belo Horizonte —, Bogliolo procurou recrutar jovens estudantes para serem monitores. Com este objetivo, em 1973, realizou um concurso com 5 vagas, do qual constava exclusivamente uma prova oral. Somente um dos candidatos foi aprovado: a acadêmica Leila Teixeira de Souza. Esta, até graduar-se em Medicina, estagiava, em todas as férias letivas, no Serviço de Anatomia Patológica da FMUFMG sob supervisão direta do Prof. Bogliolo. Leila teve, nas suas primeiras “férias” em Belo Horizonte, que dedicar-se integralmente à aprendizagem das técnicas histopatológicas e de necropsia. Aliás, esta era uma das características que Bogliolo imprimia na orientação de todos os que, com ele, se iniciavam no estudo de Patologia. Em certa ocasião, questionado por um colega, que não entendia a razão deste procedimento, por achá-lo desnecessário, Bogliolo explicou porque assim agia. Em seu entender, nos países de primeiro mundo, realmente, não há necessidade de que um docente domine esta parte técnica. Mas no Brasil e principalmente fora dos grandes centros, não há outro caminho: o patologista, especialmente se professor, *“tem de saber técnica, para saber ensinar e saber mandar como seus técnicos devem executá-la”*. Bogliolo, junto com seus colegas, permaneceu em Montes Claros até 1975. Neste ano, para que pudesse ser reconhecida a Faculdade, havia necessidade de que os professores da Instituição estivessem radicados definitivamente em Montes Claros. Isto não era possível para os que, até então, haviam ministrado o curso de Anatomia Patológica.

A partir de 1975, assumiu a regência da Disciplina o Prof. José Geraldo de Freitas Drumond que, em abril de 1988, tornou-se Reitor da UNIMONTES. A primeira monitora da Disciplina de Anatomia Patológica da FMMC, Leda Teixeira de Souza, após cursar a Residência Médica e obter seu título de Mestre em Patologia, em 1991, na Universidade Federal Fluminense, tornou-se Professora Adjunta na UNIMONTES e hoje é a responsável, juntamente, com Edson da Silva Gusmão, José Quaresma da Costa Neto e Mário Melo, pelos Serviços de Patologia desta Instituição.

A Escola de Bogliolo no Sul de Minas

Também a Itajubá estendeu-se a Escola de Bogliolo. Naquela cidade, em 1968, começou a funcionar a Faculdade de Medicina, tendo como Diretor Roseburgo Romano, médico graduado na 1ª turma da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro (FMTM). Roseburgo teve como Professor de Histologia e Anatomia Patológica, em Uberaba, Edmundo Chapadeiro a quem, em 1969, convidou para ministrar os Cursos de Histologia e de Patologia na Faculdade de Medicina de Itajubá (FMI). Chapadeiro aceitou a incumbência, e, em 1969, ministrou a disciplina de Histologia em conjunto com W.L. Tafuri e P. Raso, da FMUFMG, e H.O. Almeida, E.R. Lopes e P. Mesquista, da FMTM. A partir de 1970, estes professores e mais A. Rocha, da FMTM, e L. Bogliolo da FMUFMG, passaram a compor o quadro docente, de Patologia Geral e Especial, da FMI.

O Prof. Bogliolo ministrou aulas de Patologia na FMI nos anos de 1972 e 1973. Neste período, acabava de ser criado, na FMUFMG, o Curso de Pós-graduação em Patologia, de cuja primeira turma era aluno o Dr. A.J.A. Barbosa. Savassi Rocha narra que:

"em meados de 1972, o Dr. Alfredo foi convocado pelo Mestre para acompanhá-lo a Itajubá, MG, onde permaneceriam juntos por duas semanas, com o objetivo de ministrar um curso de Histologia na Faculdade de Medicina local. Caberia ao Dr. Alfredo ajudar o Professor a preparar as aulas práticas e ministrar, ele próprio, uma aula teórica sobre o tecido muscular estriado. Como se tratasse de sua primeira aula expositiva, o jovem médico cuidou de prepará-la com o maior empenho durante o mês que antecedeu a viagem. A aula foi assistida por Bogliolo que, impassível, sem pronunciar uma única palavra (contrariando sua tendência natural de intervir amiúde durante a exposição dos assistentes), permaneceu todo o tempo voltado para os alunos, como quem quisesse, estudando-lhes as feições, adivinhar-lhes o pensamento e o estado de espírito. Extremamente tenso e angustiado, não apenas pela perturbadora presença do Mestre, como também pela incerteza quanto ao próprio desempenho, Dr. Alfredo mal conseguiu terminar a aula; ao fim desta, tomado por terrível frustração, retirou-se automaticamente da sala, dirigindo-se aos jardins da Faculdade onde, cabisbaixo, foi sentar-se sobre uma pedra. Pouco depois chegou Bogliolo e, aproximando-se, perguntou-lhe como se sentia e o que achara da aula, ao que o Dr. Alfredo respondeu que achara horrível e que talvez não tivesse futuro como professor. A resposta de Bogliolo, curta e desconcertante, deixou o discípulo aliviado, com a sensação de quem nascera de novo e, sobretudo, com a certeza de que deveria seguir adiante: 'não se preocupe com isto! A minha primeira aula foi bem pior do que a sua'".

Na implantação da Escola de Bogliolo em Itajubá, Chapadeiro seguiu basicamente o mesmo plano de trabalho executado nas outras Faculdades do interior de Minas. Havia, em primeiro lugar, a preocupação de ministrar um bom curso de graduação, mas também a de desenvolver as outras ações inerentes à atividade universitária.

Procurou, entretanto, um outro modo para melhorar a integração anátomo-clínica. Convidava, por vezes, Professores das áreas clínicas da FMTM, preferentemente aqueles que tinham trabalhado em seus serviços em Uberaba, para passarem um período naquela Instituição. Foi assim, que o neurologista Jaime Olavo Marquez, o hematologista Hélio Moraes de Souza e outros mais, também lecionaram nos Cursos de Patologia da FMI. Procurou, também, atrair jovens acadêmicos, interessados em Patologia. Assim é que Jarbas de Brito, Armando Cruz F. de Oliveira, Vicente de Paula Antunes Teixeira e outros mais, após terem sido monitores de Patologia em Itajubá, realizaram o Curso de Residência Médica em Patologia na FMTM. Jarbas e Vicente, após obterem seu Título de Especialista, ingressaram na Pós-graduação *stricto sensu*. O primeiro, em 1984, tornou-se Mestre pelo Curso de Pós-graduação em Patologia da

Universidade Federal Fluminense e, Vicente, Doutor pelo CPGP/FMUFMG. Vicente, como já se frisou anteriormente, é hoje Professor Titular de Patologia Geral da FMTM e Jarbas Professor Titular de Patologia da FMI, na qual tem como colega de docência a Professora Maria Christina Anna Griger, Mestre em Patologia pelo CPGAP/UNIFESP (Escola Paulista de Medicina). Desde 1998 funciona, na FMI, o Curso de Residência Médica em Patologia, reconhecido oficialmente.

Produção Científica da Escola de Bogliolo

Como fruto do trabalho desenvolvido, ao longo dos anos, por Bogliolo e seus discípulos, diretos e indiretos, em Belo Horizonte, no interior de Minas Gerais e em outros Estados do país, resultou extensa produção científica. Cabe aqui lembrar a preocupação que Bogliolo tinha com a qualificação científica, procurando fazer com que seus alunos aprimorassem seus conhecimentos e publicassem seus trabalhos dentro do melhor padrão de qualidade, a fim de se tornarem conhecidos e respeitados. Sempre repetia que “o indivíduo vale pelo que escreve, pois tudo mais passa” e que “as palavras voam, a escrita fica”.

A publicação “Resumo dos trabalhos da Escola do Prof. Luigi Bogliolo “ que resultou de um trabalho feito por W.L. Tafuri e pela técnica de laboratório Julia Saud Rodrigues, — auxiliar de Bogliolo por 30 anos —, especifica as publicações deste professor e de sua Escola.

A produção científica da Escola de Bogliolo versa sobre os mais variados temas, — em sua imensa maioria relacionados à Patologia —, destacando-se as pesquisas ligadas às principais doenças tropicais de nosso país, particularmente a esquistossomose mansônica, a doença de Chagas, a paracoccidiodomicose e as leishmanioses. Entendia Bogliolo que dentre as qualidades e obrigações exigidas do pesquisador, uma é a de responder aos estímulos do meio em que trabalha, procurando analisá-los e interpretá-los com a maior profundidade. No Brasil, as enfermidades tropicais, — em especial, as anteriormente referidas —, continuam a constituir um de nossos mais graves problemas médico-sociais. A Escola de Bogliolo vem, com suas pesquisas, procurando responder ao desafio de contribuir para a solução dos problemas que decorrem dessa doenças.

Talvez, a maior contribuição individual de Bogliolo para a pesquisa em nosso país tenha sido no conhecimento da Patologia das diferentes formas anatomo-clínicas da esquistossomose mansônica. No início, pessoalmente, e depois com substancial apoio de seus discípulos e colegas da FMUFMG (dentre os quais destaque-se Pedro Raso), realizou estudos que trouxeram notável avanço ao conhecimento do assunto.

A linha de pesquisa em doença de Chagas foi desenvolvida especialmente na FMUFMG e nas Escolas de Uberaba, Uberlândia e Ouro Preto. Na paracoccidiodomicose, cabe destaque aos estudos sobre a morfologia e o modo de reprodução do *P. brasiliensis*, bem como sobre a patogenia e o modo de transmissão da micose. Quanto às leishmanioses, menção aos estudos sobre Calazar salientando-se a perfeita descrição da fibrose hepática de Rogers e a do primeiro caso autóctone de Minas Gerais.

Além destas, merecem também registro especial os estudos efetuados por Tafuri, Barbosa, Pittella, Brasileiro e outros no campo da patologia do sistema nervoso autônomo e central. Referência à descoberta devida a W.L. Tafuri, no Instituto Max Plank, enquanto estagiava com o Prof. Hager, dos grânulos elementares de neuro-secreção das fibras nervosas amielínicas intraganglionares do plexo mioentérico de Auerbach. Cumpre citar, também, a linha de pesquisa desenvolvida, na FMUFMG, sobre membranas basais.

Marca indelével de Bogliolo é seu livro “**Patologia**”. No prefácio da 1ª edição, que data de 1972, encontram-se as razões e o histórico de sua origem:

“A idéia de fazer um texto de Patologia que substituísse, para os estudantes e médicos brasileiros, os livros estrangeiros, com a mesma categoria, amadureceu

quando fui eleito Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia. Prontamente e com entusiasmo muitos colegas aprovaram, contribuindo com o apoio e o incentivo sem os quais a obra não teria chegado à conclusão. Não obstante, muitos tropeços surgiram durante a caminhada, alguns devido à fatalidade, retardando a conclusão do livro mais do que, no início da empreitada, se poderia prever ... Esta obra deve ser considerada um fruto da Sociedade Brasileira de Patologia, cuja fundação se deve, primordialmente, ao entusiasmo de um colega que, mais tarde, transferiu-se para outro País: o Dr. Athys Quadros, à compreensão encontrada, nos primórdios, no ambiente universitário curitibano, principalmente por parte do seu Reitor, Prof. Suplicy de Lacerda; ao apoio decidido de muitos patologistas brasileiros de vários Estados da União, do norte ao sul do País; finalmente, à confraternização de quase todos os patologistas do Brasil”.

Bogliolo foi, ainda, o editor da 2ª e 3ª edições deste livro. Encarregou Edison Lopes da 4ª edição, que surgiu após seu falecimento e que teve como co-editores E. Chapadeiro, W.L. Tafuri e P. Raso. A 5ª edição teve como editores G. Brasileiro Filho, F.E.L. Pereira, J.E.H. Pittella, E. A. Bambirra e A. J. A. Barbosa. A 6ª edição encontra-se em publicação. Até à 5ª edição, o livro abrangia o conteúdo de Patologia Geral e de Patologia Especial Médica. A partir de 1993, decidiu-se separá-lo em dois volumes: um, contendo os capítulos referentes à Patologia Geral e, outro, englobando tanto esta como a Patologia Especial. Em 1978, Bogliolo publicou, também, a primeira e única edição do livro **Patologia Geral Básica (Agressão. Defesa. Adaptação. Doença)**. Faleceu sem poder concretizar uma de suas grandes aspirações: a de publicar um livro que abordasse, em profundidade, a clínica e a patologia das doenças tropicais. Nos últimos anos de sua vida, manteve contato com Aluizio Prata para que, juntos, concretizassem a idéia. A Prata e à sua Escola caberia a responsabilidade da parte clínica e, à Escola de Bogliolo, a da Patologia.

Outra preocupação de Bogliolo era com as Sociedades Científicas. Foi um dos fundadores da nossa Sociedade Brasileira de Patologia, nela ocupando vários cargos e a Presidência (1960-1962). Foi membro titular, a partir de 1956, da International Academy of Pathology, pertenceu a várias sociedades brasileiras e estrangeiras e à Academia Mineira de Medicina. Fez parte, ainda, do Comitê Científico da Organização Mundial de Saúde. Em 1990, durante o XVIII Congresso Brasileiro de Patologia, realizado no Rio de Janeiro, foi homenageado, postumamente, com a instituição do Prêmio Prof. Luigi Bogliolo, destinado ao melhor trabalho em Patologia Tropical. Foi premiada a Profª Sheila Jorge Adad, da FMTM.

Sua presença nos Congressos era marcada pela sua verve, pelo seu espírito crítico e pelo seu estilo inconfundível. Quando decidiu transferir a Edison Lopes a responsabilidade pela 4ª edição de seu livro **“Bogliolo Patologia”**, compareceu ao último Congresso que assistiria. Saindo para uma das sessões, Edison propôs que fossem assistir a uma das conferências que estava sendo feita por renomado professor. Bogliolo não concordou. Pegou Edison pelo braço e caminhou para uma sala onde estavam sendo apresentados temas livres e lhe disse: *“O que na outra sala está sendo apresentado já foi ou será em breve publicado e você terá oportunidade de tomar conhecimento. É mais importante detectar os jovens para auxiliá-los a se tornarem os patologistas do futuro, de nosso país. Entramos aqui”*.

Esta preocupação, com os jovens e com os discípulos, acompanhou Bogliolo até na sua agonia. Pouco tempo antes de entrar em coma, expôs a Tafuri, como deveria agir na condução da tese da doutoranda Virgínia Leite da qual ele, Bogliolo, era o orientador. Solicitou que Tafuri assumisse a orientação da tese, expondo com minúcias como, em seu entender, deveriam ser abordadas as questões sobre a membrana basal, assunto do trabalho de Virgínia. Demonstrou, também, essa sua verdadeira paixão pela formação de alunos, nos versos de um poema de sua autoria, redigido a lápis, em 1981, às vésperas de sua morte: *“Fiz pulsar ávidos cérebros de jovens e com os dedos que sentiam, e com amor, com amor dei forma a alguns”*.

Este era o Mestre Bogliolo!

Agradecimentos

Especial agradecimento aos Professores. Luiz Otávio Savassi Rocha, Washington Luiz Tafuri e Pedro Raso, pelo incentivo e grande apoio na realização deste trabalho.

Agradecemos a todos os outros colegas que colaboraram, fornecendo dados de suas Instituições, bem como a Ana Paula Ferreira Sebastião, a Maria José Bracarense, da Universidade de Uberaba e a Alessandra Scoda, da Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro, pela digitação do texto.

HISTÓRIA DA PATOLOGIA CIRÚRGICA EM MINAS GERAIS

Roberto Junqueira de Alvarenga

Introdução

O exercício da Patologia Cirúrgica em Minas Gerais, como talvez em todo o Brasil, enfrentou uma série de problemas advindos principalmente da relutância dos próprios colegas que praticavam uma patologia mais voltada para as doenças infecciosas e parasitárias.

Não raro os primeiros patologistas cirúrgicos em Minas Gerais, entre os quais modestamente me incluo, eram chamados como “meros rotuladores de diagnósticos”, ou até mesmo de “mercenários da patologia”. O exercício da patologia cirúrgica representava uma idéia nova e mais uma vez ficou patente a veracidade do velho ditado inglês: “*Não há nada, exceto a estupidez, contra o impacto de uma idéia nova*”...

A história da Patologia Cirúrgica em Belo Horizonte está intimamente ligada ao Prof. Moacyr de Abreu Junqueira e à Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte.

A antiga Santa Casa era constituída por uma série de edificações que, com o tempo, tornaram-se insuficientes para o atendimento à população que a ela recorria. Dois dos seus provedores, Milton Soares Campos e , posteriormente, José Maria de Alkmin, sensibilizados com os argumentos do então diretor clínico, Antônio de Mello Alvarenga, deram ao mesmo carta branca para iniciar os estudos visando a edificação do atual prédio que comporta cerca de 1.200 leitos.



Santa Casa de Belo Horizonte, onde em 1941 foi inaugurado o serviço de Anatomia Patológica sob a direção de Moacyr de Abreu Junqueira, marco inicial da Patologia Cirúrgica em Minas Gerais.

Mello Alvarenga juntamente com o paulista Ernesto de Souza Campos, ex. Ministro da Educação, enfrentando as mais diversas oposições, conseguiram levar a bom termo um sonho que parecia impossível de ser concretizado, tamanho o vulto da obra. Certa feita, a mídia belorizontina publicou como manchete, incentivada por um ex provedor da Santa Casa, a seguinte nota: “Mello Alvarenga e Souza Campos constróem palacete para indigentes”.

Em 1941, no porão do novo edifício da Santa Casa, ainda em construção, inaugura-se o laboratório de Anatomia Patológica sob a direção de Moacyr de Abreu Junqueira, constituindo assim **o marco inicial da Patologia Cirúrgica em Minas Gerais.**

Período do Dr. Moacyr de Abreu Junqueira

Moacyr de Abreu Junqueira nasceu em Belo Horizonte, no dia 18 de abril de 1906, filho de Aristides Francisco de Castro Junqueira e Corinna de Abreu Junqueira, sendo seu pai um dos primeiros cineastas brasileiros.

Graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (atual Universidade Federal) em 1932 e, inicialmente, foi exercer clínica geral no interior do estado. Ao perceber que sua audição deteriorava-se, devido a otosclerose, ao ponto de não mais ouvir com precisão os batimentos cardíacos, mesmo com o auxílio do estetoscópio, voltou para Belo Horizonte sem saber ao certo como prosseguir no exercício profissional.

O anatomista e cirurgião, Mello Alvarenga, seu cunhado, aconselhou-o a especializar-se em Anatomia Patológica com especial atenção à Patologia Cirúrgica, área que, até então, os estudos anatomopatológicos estavam prioritariamente voltados para as doenças infecto-contagiosas e parasitárias e, a Patologia Cirúrgica era uma necessidade premente em Minas Gerais.

A primeira reação de Moacyr foi indagar a seu cunhado se o mesmo não ignorava que para o exercício da Anatomia Patológica seriam necessários anos de treinamento e muito estudo, ao que o mesmo lhe respondeu que com decisão e dedicação tinha certeza de que ele Moacyr alcançaria o objetivo.

Dirigindo-se para o Rio de Janeiro foi estagiário da cadeira de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e também estagiário de Patologia da Prefeitura da mesma cidade.

Voltando para Belo Horizonte, colaborou como Assistente da cadeira de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais.

Com a vinda do Prof. Oswino Alvares Penna, de Manguinhos (Instituto Oswaldo Cruz), para lecionar Anatomia Patológica na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, foi Moacyr de Abreu Junqueira convidado pelo mesmo para ser seu assistente, cargo no qual destacou-se por sua competência e dedicação.

Em seu retorno para o Instituto Oswaldo Cruz, o Prof. Oswino Penna indicou Moacyr Junqueira para seu sucessor na cátedra de Anatomia Patológica.

Moacyr Junqueira iniciou seus preparativos para o concurso porém, por motivos político-universitários, teve barrada sua pretensão sob a alegação de que *seria reprovado em exame médico, em virtude de sua baixa de audição!*

Modesto, simples e humilde, Moacyr recolheu-se a seu laboratório da Santa Casa, onde com seu exemplo de vida, sua capacidade profissional construiu uma verdadeira escola de patologistas cirúrgicos.

Pelo fato de ser seu sobrinho e de ter freqüentado seu serviço na Santa Casa como primeiranista de medicina, desde 1947, quando lá pude experimentar os primeiros passos em Histologia, tive a oportunidade de conviver com o mesmo como um verdadeiro filho.

Moacyr foi fundador e professor de Patologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, além de patologista do Instituto Neuro-Psiquiátrico “Raul Soares” e do Serviço Estadual do Câncer de Minas Gerais. Lecionou também Patologia na então Escola Superior de Agronomia e Veterinária assim como, na Escola de Enfermagem “Hugo Werneck” e na Escola de Saúde Pública do Estado de Minas Gerais.

Na Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte teve grandes incentivadores, tanto por parte dos cirurgiões gerais, como dos ginecologistas, com destaque dentre outros, para os Drs. Lucas Monteiro Machado, Affonso Silviano Brandão, Alencar de Carvalho, Salvio Nunes, Carlos Vieira, Cid Ribeiro da Cruz, Bolivar Drummond, Jayme Eiras Furquim Werneck, Henrique Machado Horta, Celina Abreu Aquino e Geraldo Queiroga.

Publicou diversos trabalhos sobre patologia Ginecológica com Lucas Machado, Affonso Silviano Brandão e Jayme Werneck. Com os Drs. Oswaldo G. Costa e Cid Ferreira Lopes publicou trabalhos no campo da dermatologia.

Desejando ler os autores de língua alemã, no original, estudou este idioma e desta forma pôde concretizar seu sonho de ler seus “mestres” em seus próprios idiomas, visto que já era conhecedor de espanhol, italiano, francês e inglês. Era grande admirador da “escola germânica” e sempre fazia apologia disto.

Talvez devido ao fato de sua baixa acuidade auditiva, sem dúvida alguma associada à sua timidez e modéstia, não era dado à relações públicas, porém com sua inteligência e grande competência atraía a seu serviço grande número de colegas em busca de sua orientação.

Alguns fatos eram característicos de sua personalidade: a ética profissional e o respeito ao próximo, seja ao cliente ou ao cadáver.

Uma das situações que mais o irritava era quando algum colega começava a folhear o livro de registro dos casos e respectivos diagnósticos; fosse quem fosse, ele solicitava que o fechasse e que se desejasse algum esclarecimento ou diagnóstico, se dirigisse a ele, Moacyr.

Certa feita, presenciei um professor da Universidade (meu ex professor) solicitar a Moacyr que incluísse num laudo que a pesquisa para b.a.a.r. havia sido positiva, visto que constava haver sido negativa. Enrubescido, pigarreou e fazendo questão de demonstrar sua indignação não só negou forjar um falso diagnóstico, como convidou o colega a se retirar. Após sua saída, comentou comigo a atitude anti-ética do referido, o qual nunca mais voltou ao serviço e com quem só vim a ter contato em outras situações importantes de minha vida, sendo que em uma delas julgando-o em um processo ético-profissional!

Na sala de necropsias Moacyr exigia o máximo de respeito e seriedade, não permitindo sequer conversas paralelas.



Moacyr de Abreu Junqueira paraninfo da turma de 1960, da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Na Segunda fileira, o quinto formando, da esquerda para a direita, é o Dr. José de Souza Andrade Filho.

Sua competência, dedicação e seriedade foram sempre reconhecidas por seus alunos que por diversas vezes o homenagearam, tendo sido por mais de uma vez paraninfo dos formandos.

Nos encontros com outros colegas, no serviço de Moacyr, na Santa Casa, os que lá compareciam e, principalmente nós que com ele trabalhávamos, sorvíamos o que de mais importante havia no momento, além das verdadeiras lições de medicina e de ética. A todos aqueles muito devemos por nossa formação não só em Patologia como em Ética do exercício profissional.

Para se ter um exemplo de como Moacyr era rigoroso para com aqueles que desejavam especializar-se em Patologia, basta citar-me, que mesmo sendo seu sobrinho, tive que começar aprendendo a lavar o cadáver, recompô-lo, lavar e esterilizar o instrumental de necropsia, afiar o de corte, fixar, recortar e incluir o material; cortar nos micrótomos de parafina e congelação, além de corar por HE e, inicialmente, poucas colorações especiais. Os corantes também ficava a nosso cargo prepará-los. Se bem que, algumas vezes, sentíamos certa mágoa em executar tarefas que nos pareciam mais afeitas a “funcionários subalternos” e não a nós, o tempo veio demonstrar o quanto nos foram úteis.

Em uma primeira fase de sua atividade, teve como colaborador seu irmão Júlio de Abreu Junqueira, que já sendo patologista clínico foi de grande valia como colaborador e companheiro, até seu falecimento precoce, o que trouxe grande lacuna em nosso meio. Outro seu colaborador foi o Dr. Paulo Borges, que transferindo-se para os EE.UU, tornou-se um dos maiores pesquisadores em genética e câncer, tendo sido chefe de delegação norte americana que esteve no Brasil em congresso da especialidade. O mesmo era natural de Patos de Minas e mereceu do escritor Fernando Sabino uma crônica, quando se encontraram em Boston. Paulo Borges veio a falecer vítima da doença que tanto pesquisou, tendo tido eu o dissabor de diagnosticá-la.

Dentre seus companheiros, Moacyr tinha carinho especial pelo Prof. José Lopes de Faria a quem muito admirava, não só como pessoa, mas como profissional probo e competente.

Quando Lopes Faria regressou da Alemanha e foi visitar o amigo Moacyr, a alegria estampada em seu rosto era como se o mesmo houvesse realizado um sonho por anos acalentado e que, infelizmente, não se concretizara.

A convite do Prof. Lopes de Faria, Moacyr Junqueira proferiu a aula inaugural do curso de Patologia da Faculdade de Medicina da UNICAMP. Só mesmo uma forte amizade conseguiu que Moacyr se ausentasse de Belo Horizonte.

Quando do XIV Congresso da Sociedade Brasileira de Patologia, realizado em Belo Horizonte, assim pronunciou-se José de Souza Andrade Filho: *“Quem é nosso presidente de honra, Moacyr de Abreu Junqueira? O diagnóstico diferencial entre o homem comum e o homem extraordinário, à primeira vista, parece fácil, mas não o é. Há que recolher dados, confrontar sintomas, detectar sinais. O homem comum é bastante freqüente, o extraordinário raro. O homem comum carrega as qualidades inespecíficas inerentes ao ser humano geral, ao contrário das específicas do extraordinário. Entretanto, com relação a Moacyr Junqueira a distinção entre os dois tipos polares, torna-se simples, fácil, quase recreativa. De qualquer ângulo que o observador se coloque, notará de imediato as características do homem probo, do profissional devotado, do mestre sem ostentação, do formador exemplar, do legítimo pioneiro da Patologia destas Minas Gerais. A sua figura, sempre, lembrada, com o velho amarelecido microscópio, cujas ranhuras do parafuso de comando do “charriot” praticamente desapareceram, alisadas pelo bom uso, na sua luta diuturna no laboratório da Santa Casa; sempre extremamente polido e solícito às dúvidas, ao esclarecimento de casos, sem discriminar o experiente do residente, Moacyr Junqueira participou direta e ativamente da formação de várias gerações de médicos de Minas. Como professor da Faculdade de Ciências Médicas primava pela seriedade com que norteava a disciplina de Patologia, apesar das condições da época, quando a Faculdade funcionava em acanhado e modesto prédio anexo à Santa Casa de Belo Horizonte”*.

Freqüentei o serviço do Prof. Moacyr Junqueira, na Santa Casa, desde 1947, ano em que iniciei os estudos de Histologia. O fato de ser seu sobrinho parece ter feito com que Moacyr exigisse que eu tivesse uma performance impecável. Sua primeira lição foi mostrar-me o funcionamento do serviço e apresentar-me à técnica microtomista D. Maria José, e depois levou-me à sala de necropsias que funcionava em edifício próximo ao prédio principal e junto ao velório. Passei inicialmente a ser o responsável pela sala de necropsias, não só pela limpeza da mesma, como do instrumental usado e também pela recomposição do cadáver.

Na ocasião emprestou-me o livro “Heróis Anônimos”, que fala exatamente da vida dos patologistas, livro que até hoje procuro e não encontro para adquirir, e que, talvez, tenha sido o disparo de minha vocação pela especialidade.

Mais tarde conseguiu Moacyr um funcionário da casa para cuidar dessas tarefas, o que me aliviou bastante. Naquela época, o serviço não possuía processador automático de tecidos e todo o material tinha que ser passado por uma bateria de álcool e xilol e em seguida dentro da estufa em bateria de parafina. Havia uma grande mesa com fileiras de álcool e xilol, o mesmo acontecendo em uma estufa, que era usada somente para tal, precedendo à inclusão em parafina. Sendo incumbido do preparo e inclusão em parafina do material, minha tarefa no laboratório tomava bastante tempo e não raro tinha que ir à noite fazer passagens de material, para que os mesmos ficassem em boas condições para serem cortados, e para que a microtomista não viesse se queixar. Tendo aprendido a afiar as navalhas do micrótomo, assumi também tal tarefa.

Com o correr dos anos passei a auxiliar Moacyr nas necropsias e a cortar e corar as lâminas das mesmas. Lembro-me da primeira vez que apresentei ao mestre a primeira bandeja de lâminas por mim preparadas, ao examinar as primeiras, ficou de todas cores, jogou tudo para o ar e exclamou: *“isto está uma droga!”*. Vendo minha fisionomia e espanto, imediatamente se desculpou e mostrou-me ao microscópio a tremenda espessura dos cortes, a coloração

exagerada pela hematoxilina e desidratação inadequada, resultando em cortes hidratados e foscos.

Com a chegada do processador automático, em 1951, assim como das máquinas afiadoras de navalhas, o serviço ficou facilitado e tínhamos mais tempo para os exames microscópicos. Isto não quer dizer que Moacyr não deixasse de mostrar-me detalhes de todos os casos interessantes. Passei a ter o “meu microscópio” e a “minha mesa”, que sempre foi e tenho a impressão de que sempre será uma verdadeira orgia de papeis, lâminas e frascos. Na época Moacyr assinava duas revistas: *Archives of Pathology* e *American Journal of Clinical Pathology* que eram avidamente lidas por todos nós, além de sua bem dotada biblioteca a que todos tinham acesso.

Período do Dr. Roberto Junqueira de Alvarenga

Chegado o ano de 1954, Moacyr chamou-me a um canto e disse-me: “*Roberto, não tenho mais nada para lhe ensinar; procure aprimorar-se no exterior.*” Como estava enganado o mestre! Até hoje suas lições se fazem presentes e o seu exemplo é uma chama que constantemente arde como a me guiar.

Parti para os Estados Unidos ou, mais especificamente para New York, onde tive a oportunidade de conviver com grandes mestres, freqüentar as reuniões da New York Academy of Science e os diversos congressos e cursos. Certa ocasião, encontrei-me com Paulo Borges em Boston, quando passamos um dia inteiro rememorando coisas do Brasil e, especialmente, de Moacyr, por quem nutríamos grande admiração.

Naquela tempo, a Citopatologia estava começando a ganhar prestígio e, por intermédio da Dra. Irena Koprowska fomos apresentados ao Prof. George Papanicolaou, dos quais, recebi grandes ensinamentos.

Papanicolaou alertou-me da grande oposição que encontraria, principalmente, por parte dos anatomopatologistas, no emprego da citologia para o diagnóstico do câncer e, sorrindo, dizia-me que por ser eu um anatomopatologista, as coisas seriam facilitadas. Já se faziam, no Memorial Hospital, mastectomias baseadas em laudos citopatológicos, o que até hoje causa certa perplexidade em alguns centros.

De grande valia para mim, foram os conselhos do Prof. Patrick Fitzgerald, quando de minha despedida aconselhou-me a não tentar adotar o que aprendi nos States, porém a adaptar às condições locais. Voltando ao Brasil, retornei ao serviço de Moacyr colaborando com o mesmo na formação de novos patologistas cirúrgicos. Talvez tenha sido o primeiro patologista cirúrgico de Minas Gerais a ter feito pós-graduação no exterior. Com meu regresso à Belo Horizonte a patologia cirúrgica mineira, até então com acentuada influência germânica, passou a ter progressiva influência norte americana.



O autor, Roberto Junqueira de Alvarenga, em 1953, como residente de Anatomia Patológica da Santa Casa, serviço do Prof. Moacyr de Abreu Junqueira.

Os “netos” do Dr. Moacyr Junqueira

Em 1952, José Carlos Prates Campos, então quartanista de medicina, começou a freqüentar o serviço de Moacyr Junqueira na Santa Casa, tendo lá permanecido até graduar-se em 1954. Montou seu primeiro laboratório no Hospital São José e, posteriormente, no Hospital Felício Rocho tendo mais tarde como assistente o Dr. Hugo J. Silviano Brandão até 1960, quando o mesmo transferiu-se para Ribeirão Preto.



Foto de 1954, mostrando o então acadêmico José Carlos Prates Campos, Moacyr de Abreu Junqueira, o secretário Afonso (ao telefone) e o Dr. Júlio de Abreu Junqueira.

Um dos discípulos de Moacyr, Hugo Junqueira Silviano Brandão, também seu sobrinho, começou a freqüentar o serviço na Santa Casa desde 1953, tendo sido grande colaborador na organização da disciplina de Patologia, da então jovem Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e, durante o período de 1955 a 1957, foi acadêmico monitor da referida disciplina.

Durante os anos de 1957 a 1959, Hugo foi assistente do Departamento de Anatomia Patológica da Santa Casa de Belo Horizonte, sendo que de 1958 a 1960 foi também assistente do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital Felício Rocho, então sob a direção do Dr. José Carlos Prates Campos. Hugo J. Silviano Brandão trabalhou, ainda, em diversos hospitais de Belo Horizonte.

A convite do Prof. Fritz Koeberle, transferiu-se em 1960 para Ribeirão Preto, onde defendeu tese de Doutorado na Faculdade de Medicina, sendo aprovado em concurso público para Docente-Livre e Professor de Disciplina de Anatomia Patológica da mesma Faculdade em 1968, também por concurso público. Foi fundador e organizador da disciplina de Patologia da Faculdade de Odontologia de Bauru/USP, tendo exercido o cargo de Professor-Regente comissionado. Hugo J. Silviano Brandão foi grande colaborador e amigo do Prof. Koeberle. Foi "Visiting-Scientist" do Department of Cancer Research, do Mount Vernon Hospital, Northwood, Middlesex, Inglaterra, 1966-1967.

Regressando a Belo Horizonte em 1969, veio a ocupar o cargo de Professor Titular da disciplina de Patologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais. Atualmente, exerce a profissão em caráter particular, sendo patologista- chefe do Hospital Mater Dei de Belo Horizonte.

José de Souza Andrade Filho gradou-se em 1960 pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais e desde os bancos acadêmicos demonstrou grande interesse pela Anatomia Patológica, tendo até recebido, pelos colegas de turma, o apelido de "José Boyd", visto estar sempre lendo o compêndio de William Boyd. Foi monitor das disciplinas de Patologia Geral e de Anatomia Patológica, além de residente do Serviço do Prof. Moacyr Junqueira, entre 1961 a 1963, tornando-se posteriormente seu assistente e colaborador.

Em 1959-1960 foi interno acadêmico no Hospital Felício Rocho onde, além das atividades de rotina, freqüentava o Serviço de Anatomia Patológica daquele hospital, sob a direção dos Drs. José Carlos Prates Campos e Hugo Junqueira Silviano Brandão.

Freqüentou o serviço do Prof. Claudio Lemos, no Rio de Janeiro, com a finalidade de adquirir maiores conhecimentos em Patologia Óssea. Exerceu, inicialmente, o cargo de Instrutor de Ensino Superior de Patologia Geral na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de



Dr. Hugo J. Silviano Brandão, como acadêmico, no serviço do Prof. Moacyr Junqueira, em 1952.



No Hospital Felício Rocho, os Drs. José Carlos Prates Campos e Hugo J. Silviano Brandão, em fotografia de 1957.

Minas Gerais, a nosso convite e indicação, visto que éramos então o Professor Titular da referida disciplina. Aposentou-se anos mais tarde, como Professor-Adjunto.

É, atualmente, chefe do Serviço de Patologia do Hospital Felício Rocho em Belo Horizonte, além de Professor Titular de Patologia da Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais.

Anísio Nunes graduou-se pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais em 1965 tendo sido residente do Serviço de Anatomia Patológica da Santa Casa, sob a chefia de Moacyr Junqueira durante os anos de 1964 a 1965 e, posteriormente, seu colaborador, não só na Santa Casa, mas também no “Instituto Moacyr Junqueira”, locais onde até hoje continua exercendo a especialidade e ocupando as duas chefias.

Outros discípulos de Moacyr, como Hamilton Leite (Franca – SP), e Helenice Piovesan (Bragança Paulista- SP) passaram a exercer a especialidade em outros estados.

Com a inauguração de novas escolas no estado, novos “pioneiros” foram surgindo. Assim, Montes Claros tem como pioneiro em Patologia Cirúrgica o Dr. José Geraldo Freitas Drumond, que pode ser considerado como “neto” de Moacyr Junqueira em Patologia. Hoje, além de exercer a especialidade, é professor de Patologia da Faculdade de Medicina e Reitor da Universidade de Montes Claros.

Com a inauguração da Faculdade de Medicina “Dr. José Antonio Garcia Coutinho” de Pouso Alegre, emprestamos nossa colaboração como Professor de Patologia e, desde o início, foi nosso desejo formar um profissional que nos substituísse na função. Dentre os alunos de então, um se destacou não só por sua inteligência, mas também por sua postura, seriedade e interesse pela Anatomia Patológica. Uma vez graduado, veio para Belo Horizonte e foi residente em nosso serviço no Hospital Belo Horizonte, destacando-se como profissional correto, ético e estudioso. Trata-se do Dr. José Carlos Corrêa que, posteriormente, tornou-se Mestre pela USP, sendo o atual Professor de Patologia da Faculdade de Pouso Alegre, além de pioneiro da Patologia Cirúrgica naquela cidade.

Uma outra nossa ex-residente no Hospital Belo Horizonte, e portanto “neta” de Moacyr Junqueira em Patologia, é a Dra. Ileide Figueiredo de A. E Silva, formada em 1978 pela Escola de Medicina da Santa Casa de Vitória. Terminada a residência e aprovada em concurso para obtenção do título de especialista em Patologia, pela Sociedade Brasileira de Patologia, passou a exercer a especialidade em Teófilo Otoni, sendo a pioneira em Patologia Cirúrgica na região.

Dra. Maria da Conceição Resende, diplomada pela Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais, em 1978, é outra “neta” em Patologia de Moacyr Junqueira. Tendo terminado residência na Santa Casa e, aprovada em concurso pela Sociedade Brasileira de Patologia, foi em 1984 residir e exercer a especialidade em Itabira – MG, sendo portanto, a pioneira em Patologia Cirúrgica da cidade, berço do nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade.

O pioneiro da Patologia Cirúrgica em Juiz de Fora foi o Dr. Paulo Torres, diplomado em 1940 pela Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais. Clinicou por sete anos no interior do estado, quando indo a Juiz de Fora soube que o conceituado cirurgião Dr. João Vilaça e o laboratorista clínico Dr. Cortes Vilela, haviam feito um acordo para patrocinar a formação de um patologista. Através de bolsa pessoal do Dr. Vilaça, Paulo Torres foi especializar-se no Instituto Oswaldo Cruz, com o Prof. Magarinos Torres, freqüentando Manguinhos por 10 meses. Como lá as necropsias eram escassas por recomendação de Magarino Torres, foi para São Paulo, freqüentando o departamento chefiado pelo Prof. Cunha Motta, onde teve contato com patologistas como o Dr. José Lopes de Faria, seu colega e amigo.

Voltou para Juiz de Fora em 19 de março de 1949, instalando-se no laboratório Cortes Vilela e, na Santa Casa, onde no dia 4 de abril executou a primeira necropsia. Continuou a exercer, concomitantemente, Patologia Clínica e Anatomia Patológica, visto que os exames

anatomopatológicos não lhe proporcionavam as condições suficientes de manutenção. Em 1953, com a fundação da Faculdade de Medicina em Juiz de Fora, foi nomeado Titular da cadeira de Anatomia Patológica e nela permaneceu até sua aposentadoria.

Somente em março de 1963 conseguiu realizar seu intento, dedicando-se exclusivamente à Santa Casa e à Faculdade de Medicina. Em janeiro de 1965, convidou para ser seu companheiro de trabalho o Dr. Cyríaco Brandão, seu ex-aluno, que se especializara no Rio de Janeiro com o Prof. Barretto Netto, permanecendo como seu companheiro de trabalho até sua aposentadoria. Juntamente com Cyríaco fundou uma firma, Serviço de Anatomia Patológica, onde teve sua esposa Virgínia Mendes Torres como valiosa ajudante por mais de 10 anos, como relações públicas e supervisora, espontaneamente e sem ônus.

A cidade de Governador Valadares teve, como pioneiros em Patologia Cirúrgica, Wilson Roberto Valle, graduado pela Escola de Medicina da Santa Casa de Vitória, em 1974 e, Sandra Maria Constantino Valle, graduada pela Universidade Gama Filho, em 1976.

William de Freitas Carvalho, diplomado pela Faculdade de Medicina da UFMG, em 1969, e com residência em Anatomia Patológica, na mesma Faculdade, de 1972 a 1974, é o pioneiro de Patologia Cirúrgica em Formiga, onde se estabeleceu desde 1979.

Na cidade de Varginha o pioneiro de Patologia Cirúrgica é o Dr. João Baptista Macuco Janini, graduado em 1962 pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo feito especialização com o Prof. Barretto Netto.

O padrão da medicina observado nas cidades que possuem patologistas é, fora de dúvida, superior ao anterior à chegada dos mesmos. Com relação à cirurgia, é mais que correto, o ditado de que *a qualidade da cirurgia praticada em determinado hospital está diretamente ligada à qualidade de seu serviço de patologia cirúrgica.*

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NA BAHIA

Zilton de Araújo Andrade & Sonia Gumes Andrade

Introdução

A história da Patologia na Bahia está, como não poderia deixar de estar, intimamente ligada à história da Faculdade de Medicina. Esta foi a primeira a existir no Brasil, fundada que foi por D. João VI em 18 de fevereiro de 1808, quando ele e sua comitiva, fugindo das tropas de Napoleão, aportaram em Salvador, na sua rota para o Rio de Janeiro. Para se ter uma idéia de como foi a evolução da Patologia desde então, os AA encontraram dados nas Memórias Históricas da Faculdade, que foram editadas, a princípio anualmente, depois irregularmente, desde 1854 até 1942. Nestas Memórias são citados os acontecimentos mais importantes ocorridos e cada professor responsável por cada Cadeira, enviava informes sobre os respectivos programas, os progressos alcançados e as dificuldades encontradas.



Fachada do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos (Hospital das Clínicas), sede do Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia.

No ano de 1948, ocorreu um fato de profunda significação para a história da Patologia na Bahia. Foi inaugurado o Hospital das Clínicas da já então Universidade Federal da Bahia. Este hospital, que mais tarde veio a se chamar Hospital Universitário Prof. Edgard Santos e que tem as características arquitetônicas do seu similar de São Paulo, foi inaugurado com tudo o que havia de mais moderno na época, inclusive com um serviço de anatomia patológica, com sala de necropsias, geladeiras para 6 cadáveres, arquivos, laboratório de técnica histológica, microtomia por congelamento, serviço fotográfico, tudo novo, amplo e moderno.

Historicamente, foi um fato auspicioso que a criação deste Hospital tenha coincidido com o fenômeno da progressiva urbanização da população brasileira, o que transformou, pouco a pouco, a cidade do Salvador, então com cerca de 300 mil habitantes, em uma metrópole que hoje conta com quase 3 milhões. O aumento da população suscitou variados problemas, mas também funcionou como pressão para serviços mais amplos e mais eficientes. Tudo sofreu então uma revolução transformadora na cidade, e com o setor da Patologia não foi diferente. Tal evolução foi facilitada pela excelente infra-estrutura então montada no hospital escola.

O ensino e a prática da Patologia no novo hospital, com o desenvolvimento da patologia cirúrgica, com as necropsias sendo feitas em quase 100% dos óbitos, com as sessões anátomo-clínicas regulares, com o advento das pesquisas, com o programa de residência e, logo mais, o curso de pós graduação em Patologia Humana, formaram um contraste nítido com o que ocorreu na Faculdade de Medicina durante o longo período de 1908 até o fim da década de 40, onde as mudanças, que embora sempre tivessem ocorrido, eram mais ou menos imperceptíveis.

Desta maneira, o assunto deste capítulo será abordado em duas partes principais. A primeira vai desde os primórdios, até os primeiros anos do pós II Guerra Mundial. Neste primeiro período, a situação da Patologia será considerada com base nos dados encontrados nas “Memórias Históricas” e em algumas outras publicações esparsas. Para finalidade da exposição este período será considerado como **Período Antigo**.

A segunda parte, foi vivenciada pelos AA, que se socorreram também de informações orais de várias outras pessoas que participaram dos acontecimentos.

O marco inicial deste segundo período é a inauguração do Hospital das Clínicas, que aconteceu em 1949. Daí até os dias atuais, as transformações, não só na situação da Patologia, mas em tudo o mais da vida da Faculdade e do próprio país, foram as mais evidentes. Este período, rico em acontecimentos para a história da Patologia na Bahia, vai ser considerado sob o título **Período Moderno**.

Período Antigo

As primeiras referências ao ensino da Anatomia Patológica na Faculdade da Bahia aparecem já na primeira Memória Histórica, a qual foi publicada em 1854. Através da mesma ficamos sabendo que já existia então uma cadeira de Anatomia Geral e Patológica. Faltam maiores informações sobre o período anterior, nada tendo sido possível apurar que fosse de interesse direto para a história da Patologia. O relator de 1854, Malaquias Alvares dos Santos, faz um estudo retrospectivo da história da Faculdade, considerando ter havido até então 3 períodos: o primeiro (1808-1815) foi de ensino quase que sobretudo da Anatomia, que se fazia “graças ao empréstimo de alguns ferros velhos”. O segundo (1815-1832) melhorou com a reforma de 1815 e com a mudança para a Santa Casa, onde já há referências às dissecações de cadáveres, mas onde as instalações compreendiam apenas 3 salas pequenas e escuras. No terceiro período (1832-1854) o curso passou a ser ministrado em 6 anos e foram criadas várias cadeiras, mesmo sem ter professores que as ocupassem. O autor das Memórias faz pesadas críticas ao ensino meramente teórico de então. Além da cadeira de Anatomia Geral e Patológica, são citadas as de Patologia Externa, Patologia Interna e Patologia Geral, que lidavam com assuntos que podemos imaginar estarem relacionados à Patologia.

Em 1862, o Prof. Francisco Rodrigues da Silva exortava os alunos a fazerem dissecações e escrevia: “da Anatomia Geral e Patológica cifra-se a sua prática em observações microscópicas, o que já é muito para uma ciência inteiramente nova entre nós”. O que ele chama de observações microscópica provavelmente era executado sobre figuras ou estampas, pois o uso regular do microscópio como instrumento de trabalho só começou no ano de 1881, quando o Dr. Pacífico Pereira, então professor substituto, abriu na Faculdade um curso livre de histologia e anatomia patológica.

Conta-se que, como não havia senão um único microscópio, que ele trouxera de uma viagem à Europa, o aparelho foi colocado sobre rodas em cima de um trilho, em volta de uma mesa, para que assim fosse deslocado, permitindo o exame por diversos estudantes.

De qualquer maneira, as queixas ao ensino excessivamente teórico continuaram a aparecer nas memórias subseqüentes, até mesmo na de 1942. O ensino da patologia interna, por exemplo, era feito doença por doença, na seqüência tal como aparecia no compêndio adotado. O relator de 1862 dizia não ter fé na patologia de livro e propunha que a cadeira de Patologia se tornasse ao mesmo tempo prática, aplicando os seus conhecimentos à clínica, “que é a patologia viva”.

Em 1877 o Prof. Egas Moniz Sodré de Aragão descreve como era feito o curso de patologia geral. Ele informa que fazia prele es sobre a matéria do seu curso, a qual era dividida em *Nosologia geral* (o estudo das moléstias sobre todos os seus aspectos), *Etiologia* (estudava as causas, predisposi es, imunidades mórbidas, di teses, especificidade e malignidade mórbidas), e ainda, *Diagnose*, *Semiologia*, *Prognose*, *Terapêutica* e *Nosografia*. Dizia ele: “antes de dar começo ao programa, tenho sempre, por costume, fazer como uma espécie de introdu o, uma análise da vida, e para esse fim, passo uma vista d’olhos sobre todas as opiniões mais importantes, que se tem sustentado acerca desse fen meno desde a funda o das ciências na Grécia, isto  , desde Thales de Mileto, o príncipe dos físicos, como o chamou Tertuliano, até a época atual”.

Os professores das matérias que se relacionavam com a patologia aparentemente não faziam cursos especiais para a sua formação, mas eram, pelo menos durante todo o século XIX, clínicos ou cirurgiões eminentes que liam sobre os assuntos e discorriam sobre os mesmos perante seus alunos. Há informações de que alguns se limitavam a ler o assunto da aula diretamente do livro, enquanto outros, nem tal esforço faziam, se limitando a marcar o texto no livro e mandando um aluno ler, enquanto os demais ficavam ouvindo. Por vezes, algum professor escrevia um livro ou fazia apostilhas, as quais eram então adotadas.

Para se ter uma melhor idéia da situação, pode-se ler o que, em 1897, escreveu Nina Rodrigues: “Eu creio que ninguém terá visto funcionar à noite um só gabinete desta Faculdade, para estudo particular do professor. Mas, não precisa ser à noite. De dia, antes das 9 horas da manhã e depois das 3 da tarde, raro será o que esteja aberto. Isto quer dizer que os laboratórios só funcionam no prazo estritamente marcado para a aula oficial e salvo uma ou outra exceção em que o professor vem um pouco antes para reparar a demonstração prática, para ver e montar os aparelhos recém-chegados ou que não conseguiu fazer funcionar, a regra é que ele entra na Faculdade à hora da aula e sai para não voltar mais, logo em seguida à terminação desta”. E apontou, como conseqüência deste fato, a incompetência técnica do professorado.

A repercussão deste relatório foi grande, pois em plena Congregação o Prof. Saraiva levantou-se e declarou: “O Sr. Nina Rodrigues levantou sacrilegamente a tampa dos sarcófagos dos nossos velhos mestres e escarrou dentro”. Mas, não consta tenha havido alguma conseqüência prática imediata à esta contundente análise crítica ao ensino meramente teórico que de longa data vinha se fazendo na Faculdade.

Embora, como já foi dito, o ensino de matéria relacionado à anatomia patológica fosse tratado em várias cadeiras da Faculdade, na realidade não existia nas nossas faculdades médicas a cadeira propriamente dita de Anatomia Patológica, a qual só foi criada pela reforma de Saboia - o renovador do ensino médico entre nós - em 1882.

Assim sendo, o primeiro professor catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas na Bahia foi o cearense **Antônio Pacheco Mendes**, que foi para tal aprovado em concurso no ano de 1883. O Prof. Mendes era excelente cirurgião, tendo feito na Bahia a primeira apendicectomia e a primeira prostatectomia, entre numerosas operações. Viajou pela Europa, tendo freqüentado serviços de anatomia patológica por lá, mas não consta que tenha feito um treinamento regular em algum dele. Seus estudos sobre beriberi ficaram célebres, porque ele negava a sua etiologia infecciosa, contrariando a opinião dominante da época. Fez também uma brilhante carreira política, tendo sido Intendente da Capital (1915 a 1917), deputado à primeira Assembléia Constituinte Baiana (1891), Senador Estadual e, posteriormente, Deputado Federal (1918 a 1930).

O seu sucessor foi **Augusto César Vianna**, que regeu a cadeira de 1891 a 1901. Foi diretor do Instituto Oswaldo Cruz da Bahia durante vários anos. Como era comum então, o Prof. Vianna exercia várias atividades, tanto como professor da Faculdade (foi professor de Histologia Teórica e Prática e de Bacteriologia), como em outros setores (foi Diretor da Faculdade de 1908 a 1912, de 1915 a 1930 e ainda em 1933, ano do seu falecimento). Fez viagens à Europa em 1891 e em 1914. Foi considerado como um dos grandes diretores que teve a Faculdade, tendo feito planejamentos e realizado melhoramentos da maior importância para o progresso do ensino médico na Bahia.

O Dr. Vianna foi sucedido por **Guilherme Pereira Rebelo**, que prestou concurso e foi responsável pela cadeira de 1901 a 1916. Dava aulas tanto em colégios de curso secundário, como na Faculdade. Era considerado bom didata e a sua profunda cultura foi muito louvada. Foi também um importante político, tendo sido Conselheiro Municipal e Deputado Estadual em mais de uma legislatura.

O catedrático seguinte, para o período de 1916 a 1925, foi **Mário Andréa dos Santos**. Ele publicou um livro intitulado “Patologia Geral”, em 1923. Na realidade se dedicava mais ao estudo da histologia e acabou permutando a sua cadeira com a de Histologia e Embriologia Geral, de que era então professor o Dr. Leôncio Pinto. O Prof Andréa foi talvez o primeiro patologista na Bahia a fazer a prática da patologia diagnóstica. Em um informe à Faculdade, ele diz ter feito preparações histopatológicas para servir a várias clínicas, tendo examinado 85 peças cirúrgicas ao todo, entre 1920 e 1924.

O **Prof. Leôncio Pinto** foi o primeiro professor de anatomia patológica na Bahia a fazer uma especialização que podemos considerar como formal. Embora natural da Bahia, foi diplomado em medicina na Faculdade do Rio de Janeiro. Teve a sua formação acadêmica entre os anos 1907 e 1912, quando as repercussões da era pasteuriana estavam começando a produzir resultados práticos no Brasil e que se materializaram na criação do Instituto de Manguinhos, sob a direção de Oswaldo Cruz. Em 1911 fez um curso de Microbiologia em Manguinhos, quando teve como professores Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Em 1913 foi para Paris. Lá começou seus estudos em Bacteriologia no Instituto Pasteur, mas logo se decidiu pela Anatomia Patológica, passando então a estudar sob a direção do famoso Prof. Pierre Masson. Logo que regressou a Salvador, o Prof. Pinto fez concurso para Livre Docência e, uma vez aprovado, passou a se dedicar inteiramente ao estudo da Histologia e da Anatomia Patológica. Foi regente da cadeira de Histologia, de 1917 a 1925, quando permutou com o Dr. Mario Andréa, passando a ser o professor de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Em 1931 fez concurso para catedrático e continuou dirigindo a cadeira até o ano de 1945. Os que o conheceram afirmam que ele tinha um temperamento difícil. Por vezes fazia críticas diretas e contundentes a professores, tendo angariado vários desafetos. Provavelmente ele deve ter experimentado todos os percalços do nosso subdesenvolvimento cultural e científico da época. A sua persistência ou obstinação para continuar na mesma linha da sua vocação, enfrentando um ambiente indiferente ou talvez mesmo hostil, com falta de pessoal qualificado, sem equipamentos, sem o intercâmbio a que estava acostumado e submetido a um senso de valores diferente daquele a que fora condicionado, deve tê-lo impelido ao trabalho solitário, à postura do sábio incompreendido. Assim deve ter trabalhado nas décadas de 1920-1930. Publicou alguns poucos trabalhos, sempre visando à patologia regional, sobretudo a esquistossomose. Os trabalhos apresentam metodologia muito simples, de tipo descritivo, como era usual na velha escola morfológica alemã, mas sem o estilo palavroso então muito comum entre nós. Infelizmente, não chegou a ser publicado um extenso estudo que se sabia o Prof. Pinto vinha desenvolvendo há muito tempo, sobre a patologia pulmonar da esquistossomose, segundo consta das notas biográficas publicadas na época do seu falecimento, em 1945.

Era costume na Faculdade de Medicina, o doutorando apresentar uma tese para poder se formar. O Prof. Pinto era freqüentemente procurado pelos alunos para ajudar na redação e, muitas vezes, acabava por escrever todo o trabalho, tal a sua familiaridade com os assuntos e a literatura pertinente.

Devido ao seu comportamento por vezes excêntrico, conta-se do Prof. Pinto uma série de casos e “causos”. Um dos mais famosos passou-se durante um concurso para professor catedrático. Um examinador fez várias críticas à Tese do candidato, inclusive a uma parte referente à anatomia patológica. Quando o candidato estava com a palavra, tentou defender todas as críticas, mas concordou sobre o que se referia à anatomia patológica, alegando que o examinador tinha grande experiência e ele provavelmente estava errado. Foi quando se ouviu a voz do Prof. Leôncio Pinto, que estava incógnito na assistência: “Não professor!, não concorde! o examinador não entende nada do assunto e esta parte está toda certa, pois fui eu quem a escreveu”. Vendo então que o candidato ficara silencioso e baixara a cabeça, envergonhado, ele acrescentou: “Mas, não fique triste professor, porque eu escrevi apenas

uma parte da sua Tese, enquanto que a do professor que lhe está examinando, eu a escrevi toda, de cabo a rabo”.

O Prof. Leôncio Pinto foi sucedido na cadeira pelo único colega que havia conseguido se aproximar dele e com ele aprender as técnicas de trabalho e a se identificar particularmente com o seu temperamento. Com o falecimento do catedrático, o **Prof. José Coelho dos Santos** tornou-se professor substituto de Anatomia e Fisiologia Patológicas.

Tratava-se de pessoa honesta, com muita capacidade de trabalho, mas que era arredo, desconfiado e que se tornava muito tenso quando contrariado. Foi aprovado em concurso para professor catedrático em 1950, concorrendo com vários outros candidatos. Dedicava-se a dar aulas teóricas e algumas práticas de microscopia, mas falava em tom muito baixo e os alunos o julgavam com capacidade didática muito pobre. Suas querelas com os estudantes eram motivos para freqüentes greves na década de 50 e começos dos anos 60. Não tinha hábito de fazer necropsias e raramente examinava peças cirúrgicas e, mais raramente ainda, fornecia um laudo das mesmas. Ele próprio fazia as suas preparações histológicas, trabalhando com muita meticulosidade. Não conseguia trabalhar ao lado de outros professores, nem assistentes, estudantes ou funcionários, muito embora várias pessoas tivessem tentado dele se aproximar. Ficava só, em um canto de um pequeno laboratório existente no Hospital Santa Izabel (Santa Casa), ou na sua sala no prédio da Faculdade, ao lado de um museu de peças anatômicas, e com uma linda vista para a Cidade Baixa e a baía de Todos os Santos. Conta-se que uma vez o reitor Edgard Santos levou um visitante para mostrar-lhe o museu, certo de que o Prof. Coelho estava ausente, pois não o queria encontrar, sabendo do seu ressentimento por não lhe ter sido permitido chefiar o serviço de patologia do recém-inaugurado Hospital das Clínicas. Ao se deparar com ele, o Reitor disse: “Professor, o que o senhor tem aí de bonito para mostrar ao nosso visitante?” Ao que ele respondeu: “apenas esta vista para o mar”. E voltando-se para o visitante: “É a única coisa que o Sr. Reitor ainda me permite”.

Período Moderno

O Reitor Edgard Santos foi a figura exponencial na fundação da Universidade Federal da Bahia, que se deu ao 2 de julho de 1942. Em 1949 foi inaugurado o Hospital das Clínicas, já referido acima. O Reitor fez uma revolução no ensino superior na Bahia. Tinha uma visão bem ampla da sua Universidade e a compreendia e nela interferia nos seus mínimos detalhes. A tal ponto que, quando chegou ao Serviço de Anatomia Patológica do hospital escola, decidiu que a sua chefia não poderia ir para um professor que trabalhava isolado, que se relacionava mal com a maioria das pessoas e que representava o velho estilo de ensino teórico, que nada criava. Diga-se, a bem da verdade, que neste caso nada havia de perseguição política. De fato, existia na Faculdade de Medicina um grupo de professores catedráticos que fazia ferrenha oposição ao Reitor, mas o Prof. José Coelho dos Santos, catedrático de Anatomia Patológica, a ele não pertencia.

A Reitoria optou então por contratar um professor estrangeiro. Diretamente da Itália veio o Prof. R. Stigliani. Ele tinha sido aluno de Franco, o patologista italiano. Stigliani era de meia idade, alegre e simpático, mas ficou à frente do serviço por apenas pouco mais de um ano. Deixou laudos descritivos, escritos em francês ou italiano, por vezes com duas, três páginas de descrição detalhada, para concluir um relatório sobre um material de biópsia mostrando, por exemplo, uma simples cervicite crônica.

Para substituí-lo veio o Prof. Franz von Lichtenberg, então um jovem patologista, de excelente formação, que havia treinado com o Klemperer em Nova York. Desta vez foram designados dois médicos locais, que antes trabalhavam na clínica médica, para servirem como patologistas, ao lado do Franz Lichtenberg: Clarival do Prado Valadares e Jorge P. Studart.

A época de Lichtenberg foi também curta, apenas um ano ou talvez um pouco mais, mas já serviu para mostrar uma patologia mais dinâmica. O Corpo Clínico da Hospital viu pela primeira vez um patologista moderno, que discutia com eles problemas de correlação anátomo-clínica, contribuindo decisivamente em muitos casos para fazer o diagnóstico, para orientar tratamento e para trocar informações científicas. Lichtenberg fez várias sessões anátomo-clínicas, uma novidade na época. Interessou-se pelo estudo da esquistossomose, uma patologia que o fascinou, tendo continuado o estudo da mesma durante toda a sua brilhante carreira, que até hoje prossegue em Boston no Peter Bent Hospital, na Universidade de Harvard.

No ano de 1953, um de nós (ZAA) voltava de uma residência de dois anos em Patologia na Universidade de Tulane, em Nova Orleans, e foi convidado para se juntar aos colegas Clarival e Studart no Serviço de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas, de onde havia recentemente se ausentado o Franz Lichtenberg. Um pouco mais tarde, o Dr. Anibal Silvano Filho, que também regressava de um período de estudos nos Estados Unidos, veio se juntar ao grupo. O período de 1953 a 1955 foi usado para estruturar a rotina e para colocar em dia muitos relatórios que ficaram atrasados com a saída de Lichtenberg.

Havia na época uma situação esdrúxula. O Serviço de Patologia do Hospital, dirigido por Clarival Valadares, era vinculado à direção do Hospital, não à Cadeira de Anatomia Patológica da Faculdade. Os patologistas, com um rico material da rotina, não tinham responsabilidade de ensino. O Prof. Coelho dos Santos, isolado na Faculdade do Terreiro de Jesus, ensinava sem material. Para que os patologistas do Hospital tivessem atividade didática regular, o recurso foi a criação de um Curso Equiparado de Anatomia Patológica, que podia ser ministrado oficialmente para um grupo de alunos por um professor que fosse livre-docente, no caso pelo Prof. Silvano Filho.

Em janeiro de 1956, um dos componentes do grupo de patologistas do Hospital (ZAA) se transferiu para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, para servir como professor de Patologia por lá durante todo o ano. Todavia, no ano seguinte, foi convidado pelo Reitor Edgard Santos para voltar a Salvador e ao grupo do Hospital, do qual não mais fazia parte o Silvano Filho. Um pouco mais tarde, saía também o Clarival Valadares, transferindo-se para o Rio de Janeiro.

Todavia em meados de 1957, o grupo conseguia mais um patologista, que voltava de um treinamento no Memorial Hospital de Nova York: o Dr. Sérgio Santana Filho.

Em 1958 ocorreu um fato de grande importância para a vida do Hospital. Foi estabelecido um programa de residência em clínica médica, sob a direção dos Profs. Roberto Santos e Heonir Rocha, programa este que contava com forte apoio da Fundação Kellogg. O Serviço de Patologia, que já tinha uma rotina bem estabelecida, com bom processamento das necropsias e dos cirúrgicos, com sessões anátomo-clínicas semanais, com exercícios regulares de revisão de peças das necropsias, de revisão de patologia cirúrgica, teve destacada participação no programa de residência. Pouco a pouco novos estudantes foram sendo atraídos para trabalhar no Serviço e novos patologistas foram sendo treinados, alguns dos quais sendo enviados mais tarde para treinamento nos Estados Unidos, graças a um convênio com o programa de estímulo à Residência, patrocinado pela Fundação Kellogg.

No começo dos anos 60, o Serviço entrou na sua fase mais animada e produtiva até então. Esta fase se estendeu até meados dos anos 80. Seis patologistas trabalhavam em tempo integral e com dedicação exclusiva (Zilton A. Andrade, Sonia G. Andrade, Sérgio Santana Filho, Aristides Chetto de Queiroz, Edilson Brito, Mario Caymmi Gomes) e dois outros em tempo parcial (Jorge Studart e Zaida Borba Ramos).

Um programa de residência em Patologia começou a funcionar extra-oficialmente e logo mais foi oficializado. A excelência do treinamento e a animação reinante eram notadas nos Congressos de Patologia em que o grupo da Bahia participava e logo vários colegas de outros

estados vieram fazer residência no Serviço. O maior contingente veio do Rio Grande do Sul (Henrique L. Lenzi, Jane A. Lenzi, Carlos Renato Melo, Dorothéa Melo, Marília Cechella, João Carlos Coelho, Carlos Renan V. Juliano, Paulo Fontes Athanázio, Rui Adroaldo Moreira, Décio Gorini) e passou a constituir o grupo chamado carinhosamente de “baúchos”. Do Paraná vieram José Carlos da Silva, Maçanori Odashiro, Neuza Odashiro e Carlos Thadeu Cerski. Da Paraíba, Ely Chaves e Aluizio Beltrão. Também vieram patologistas estrangeiros para estágios longos, de dois anos, casos dos Drs. Eric Van Mark, de Antuérpia, Bélgica e Allen W. Cheever, do NIH, Bethesda, USA.

O número de participantes aumentou ainda mais quando, em 1973 foi instituído o programa de pós graduação em patologia (mestrado).

Um intercâmbio estabelecido com o Prof. Jean-Alexis Grimaud permitiu a vinda de professores franceses para colaborar no ensino pós graduado, bem como a ida de alguns patologistas da Bahia para treinamento em microscopia eletrônica no Instituto Pasteur de Lyon.

Ao completar 20 anos de funcionamento do Curso de Pós Graduação em Patologia Humana da UFBA (1973/1993), foi apresentada uma “Memória”, onde se lê: “foram produzidas 47 teses, sendo 43 dissertações do mestrado e 4 teses originárias do curso de doutorado, o qual só foi instalado nos últimos anos. Embora sob a denominação oficial de dissertação, todo trabalho ao final do curso de mestrado representou pesquisa original, com utilização de material próprio e emprego de variadas técnicas”.

O estabelecimento do Curso de Mestrado trouxe grande estímulo às atividades de pesquisa científica. Foi necessário a ampliação da área física e isto não era mais possível dentro das instalações do Serviço de Anatomia Patológica. Por volta de 1974 umas instalações que vinham sendo utilizadas pela Petrobrás dentro do *campus* da UFBA foram desocupadas. Para lá se transferiu todo o pessoal (professores, alunos, secretárias, técnicos, serventes), relacionado com as atividades de pós graduação e pesquisa experimental, levando inclusive os aparelhos. Aliás, foi toda esta parte do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas que mais tarde se transferiria para o recém-criado Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz (vide mais abaixo).

Também foi sentida a necessidade da preparação de pessoal para as novas áreas que se abriam para o desenvolvimento da Patologia. Uma delas foi a Imunopatologia, que vinha experimentando em todo o mundo um progresso exponencial a partir dos anos 60. Como conseqüência, alguns patologistas, já com formação de residência e mestrado, foram indicados para especialização no exterior, não mais em Patologia propriamente dita, mas em Imunologia. Foram os casos dos Drs. Moysés Sadigursky e, um pouco mais tarde, Henrique L. Lenzi e Manoel Barral Neto, este último para ser exposto a problemas gerais de patologia experimental.

A partir de 1960 o grupo de patologistas do Hospital teve oportunidade de participar das atividades didáticas para pequenos grupos de alunos de graduação através de um Curso Equiparado, que passou a ser ministrado pelo professor livre-docente Zilton A. Andrade.

A participação definitiva e oficial do grupo de patologistas do Hospital das Clínicas no ensino do Curso Médico veio a se dar em circunstâncias curiosas. Em 1963, em meados do ano letivo, a Congregação reuniu-se para tratar de acabar com uma greve dos estudantes contra o professor catedrático de anatomia patológica. Ao se defender, o Prof. Coelho dos Santos concordou que o seu curso era mesmo ruim, simplesmente porque não dispunha de um serviço no Hospital Universitário. Os catedráticos votaram então em maioria para corrigir uma anomalia



Grupo de patologistas formados ou que tiveram períodos de treinamento no Serviço de Anatomia Patológica do Hospital das Clínicas da Bahia, hoje atuantes em diversos estados do Brasil, reunidos durante XX Congresso Brasileiro de Patologia, ocorrido em 1995, em Belo Horizonte, MG.

que vinha desde a inauguração do Hospital. O então Chefe do Serviço (ZAA) foi sumariamente dispensado e o Prof. Coelho passou à Chefia. Ao entrar no Serviço, ele foi tratado por todos com cortesia e respeito e se comportou de modo exemplar, não causando qualquer problema ao andamento da rotina estabelecida. Mas, insistiu em ter o monopólio do Curso. Apenas o Dr. Mário Caymmi Gomes, oficialmente seu assistente, participava das aulas para os estudantes. Em fins de março de 1964, os estudantes continuaram frustrados, porque nada havia mudado para eles com a transferência do Prof. Coelho para o Hospital. Entraram novamente em greve e o professor foi removido do Serviço exatamente na véspera do golpe militar de 1964. Um dia a mais e tal transferência não teria acontecido, pois a força de pressão estudantil ficara, pelo menos momentaneamente, em baixa.

Veio logo em seguida a reforma do ensino médico, tendo ficado estabelecido que o ensino da Patologia deveria ser feito na cadeira de Patologia Geral (processos gerais) e que a patologia dos órgãos e sistema deveria se fazer nas respectivas cadeiras de clínica e de cirurgia sob a forma de sessões anátomo-clínicas. Tradicionalmente, na Faculdade da Bahia, a Patologia Geral nunca teve muito que ver com o que hoje se designa como Patologia. O conteúdo teórico desta cadeira não incluía o estudo dos processos gerais da Patologia e a sua parte prática era de laboratório clínico. Com a reforma dos anos 60, Patologia Geral passou a ser um departamento do Instituto de Ciências da Saúde. Este contava com umas 4 pessoas e seus componentes não quiseram aceitar que os 11 patologistas do Hospital passassem a pertencer ao mesmo. Foram criados então muitos departamentos, tantos quanto eram os catedráticos. Houve com isto, um excesso de departamentos, o que não foi aceito pelo MEC. O Departamento de Medicina Legal não tinha *quorum* para continuar como tal e nenhum dos departamentos existentes tinha características adequadas para com ele se associar. Houve então, em 1970, a sugestão para que fosse criado o Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal, que absorveria os patologistas do Hospital, o que foi aceito. O Prof. Coelho dos Santos também passou a pertencer ao tal Departamento. Ele vinha trabalhando então no Hospital Couto Maia, dedicado ao setor de doenças infectuosas, e não mostrou mais interesse em participar do curso de graduação. Este curso passou então a ser dirigido pelo professor livre-docente Zilton A. Andrade, que mais tarde foi aprovado em concurso para professor titular (1974), logo após a aposentadoria do Prof. Coelho dos Santos. O Dr. Andrade veio a se aposentar em 1984, mas até o momento não houve mais concurso para professor titular de Patologia na Faculdade. O Prof. Coelho dos Santos veio a falecer algum tempo depois da aposentadoria, na sua terra natal, no Maranhão.

Com a aposentadoria de seu Titular em 1984, o qual passou a exercer as suas atividades em pesquisa e ensino de Pós-Graduação no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz, o ensino no curso de Graduação na Faculdade de Medicina ficou ao cargo dos Professores Adjuntos e Assistentes do Departamento ligados ao setor de Anatomia Patológica. Na década de 90, diversos destes Professores se aposentaram: Jorge Studart, Sergio Santana Filho, Achiléa Bittencourt, Sonia Andrade, Edilson Brito, Leila Siqueira, Mario Caymmi Gomes, Zaida B. Ramos, e um deles faleceu: o Prof. Francisco Roters. Entretanto novos Professores Assistentes ingressaram por Concurso, renovando assim o seu quadro. Atualmente, exercem as suas atividades neste Departamento, os Professores Aristides C. Queiroz, Moisés Sadigursky, Paulo Fontes Athanzio, Marco Antonio Almeida, Manoel Barral Neto, Aldina P. Barral, Luciano E. Fonseca Junior, Mitermayer G. dos Reis, Eduardo G. Ramos, Luiz Antonio Rodrigues Freitas, Helenemarie Schaer Barbosa, Silene Barreto, Iguaracyra Bareto e Eduardo Studart. Atualmente a parte de patologia geral é dada pelo Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina para o curso médico (Patologia Aplicada I), enquanto o Departamento de Patologia Geral do Instituto de Ciências da Saúde, tem atividade didática exclusivamente para o setor para-médico da Universidade.

Os Professores da Faculdade, acima referidos, na sua maior parte estão hoje responsáveis também, pela patologia diagnóstica em vários serviços e hospitais de Salvador

ou prestam seu concurso ao Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz e/ou à Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública.

Do meio para o fim dos anos 80, a crise geral que vinha castigando todo o Hospital das Clínicas e a própria Universidade, começou a se refletir nas atividades do setor de Patologia. O número de necropsias diminuiu drasticamente, os cirúrgicos foram escasseando. Com os baixos salários, corroídos pela inflação, o regime de tempo integral deixou de ser cumprido. Poucos jovens apareciam dispostos a fazer a residência em Patologia. Sem residentes, o curso de pós graduação, que exigia a residência como pré-requisito para a matrícula, passou a não contar com candidatos em número e qualidade suficientes.

Nos dias de hoje há, felizmente, fortes indícios de que o Serviço de Patologia do Hospital vem se recuperando, já contando com reforma de salas, compra de novos e modernos aparelhos e com sinais de que os residentes já começam a voltar. Apesar da crise, o curso de graduação manteve um bom nível durante todo o tempo, sendo até hoje considerado um dos melhores da Faculdade. Conta, nos dias atuais, com as disciplinas Patologia Aplicada I (processos gerais), Patologia Aplicada II (patologia sistêmica) e Imunologia.

O Curso de Pós Graduação em Patologia, durante 20 anos coordenado por Sonia G. Andrade, passou, em 1996, a ser coordenado por Manoel Barral Neto. Para enfrentar o problema da falta de alunos médicos, o Curso abriu mais uma área de concentração, designada como Patologia Experimental, com isso permitindo a matrícula de biomédicos.

Com esta medida os alunos apareceram em número tal que exigiu o aumento do número de vagas, que está sendo anualmente preenchido, mesmo com um exame de seleção dos mais rigorosos. Com isto, o Curso vem formando pessoal de um escalão médio de alta competência, de que a pesquisa científica no país sempre se ressentiu.

A Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública foi fundada em 1952 e, no ano seguinte, abriu matrículas para a primeira turma. É a segunda escola médica do Estado da Bahia. Pertence à uma organização não governamental denominada Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia. O ensino é pago. A Escola tem no Hospital Santa Izabel da Santa Casa de Misericórdia o seu principal hospital escola. Este mesmo hospital era utilizado pela Faculdade de Medicina antes da inauguração do Hospital das Clínicas. Hoje está remodelado, ampliado, para servir à Escola Baiana. Seu Serviço de Patologia é antigo, mas foi melhorado e modernizado pelo primeiro professor da Cadeira, o Dr. José Marinho Falcão, que deu seu primeiro curso na nova Escola em 1956.

O Dr. Falcão fez treinamento de cerca de 5 anos em Kiel, na Alemanha, sob a supervisão do Prof. Büngler, nos anos logo após o término da II Grande Guerra. No início dos anos 50, o Dr. Falcão regressou à Bahia. Um homem rico, sempre custeou seus próprios estudos no exterior e praticamente reformou, às suas próprias custas, o Serviço de Patologia do Hospital Santa Izabel. Depois de quase 20 anos de atividades, entremeados com algumas pendências jurídicas com a direção da Escola, decidiu abandonar a prática da patologia, aparentemente sem ter conseguido o que esperava, e se voltou para administrar seus negócios no sul do Estado.

O Curso de Patologia para os estudantes da Escola Baiana seguiu com altos e baixos, com professores contratados cada vez por 2/3 meses ao ano, para o período de um curso apenas, sempre contando com a participação dos patologistas da UFBA. Com a saída do Dr. Falcão, o Serviço de Patologia do Hospital ficou separado da Escola. A partir de 1980, o Curso se estabilizou sob a direção do Dr. João Carlos Coelho, que conta com a participação de mais 5 patologistas. Todos aí exercem apenas atividades de ensino, pois a Escola não mais dispõe de um Serviço de Patologia, nem qualquer patologista trabalhando em tempo integral.

Durante o período de estagnação ou mesmo retrocesso da Patologia do Hospital das Clínicas, que foi acima referido, houve contudo um crescimento do campo da Patologia fora do Hospital, que pode ser considerado em duas outras áreas.

Uma compreende a área da patologia diagnóstica privada, com colegas que passaram a trabalhar em serviços bem montados, nos melhores hospitais privados da Capital, tais como, o do Hospital Aliança, Hospital San Rafael, Hospital Português, Hospital Santa Izabel, Hospital Espanhol, Hospital Santo Amaro e outros. Também alguns patologistas já começam a se instalar, com seus laboratórios particulares, nas maiores cidades do interior do Estado, tais com Feira de Santana, Itabuna, Jequié, Juazeiro e Vitória da Conquista. Em Feira de Santana fica a sede da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), que já conta com um patologista (o Dr. Roberto Pinto) como professor de Patologia dos cursos para-médicos. A UNEB não tem curso de medicina.

O outro crescimento se deu na área de patologia investigativa que, pouco a pouco, foi se consolidando no Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz.

O Centro passou a funcionar em Salvador a partir de 1981. A iniciativa para a sua fundação partiu da Fundação Oswaldo Cruz, do Ministério da Saúde, que achava necessário ter mais um núcleo regional para as suas atividades, a exemplo do Centro Aggeu Magalhães, do Recife e do René Rachou, de Belo Horizonte. Com muita habilidade política e administrativa, os seus dirigentes na época conseguiram a colaboração decisiva da Secretaria de Saúde do governo do Estado e da Reitoria da UFBA. A base da negociação incluía a cessão dos prédios e a transferência de todo o pessoal de pesquisa e pós graduação do Departamento de Anatomia Patológica da UFBA para as novas instalações do Centro de Pesquisas no bairro de Brotas, o que foi acertado se faria sem que os professores envolvidos deixassem de atender às atividades didáticas da graduação na Faculdade.

A criação do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz foi decisiva para o progresso da moderna patologia na Bahia. Os seus frutos já são evidentes nos dias de hoje, mas, muito mais é lícito se esperar de um futuro próximo. O Centro conta com Laboratórios bem equipados e a maioria do seu pessoal com formação em programa de residência e em cursos de pós graduação em Patologia, alguns com complementação nos melhores centros nacionais e estrangeiros. Hoje ali se desenvolvem as áreas de Patologia Experimental (Zilton A Andrade, Sonia G Andrade), de Biologia Molecular (Mitermayer G. Reis), de Biologia Celular e Ultraestrutura (Luiz AR Freitas), de Imunopatologia (Manoel Barral Neto e Aldina Barral), de Virologia (Eduardo Ramos), de Bio-morfometria (Aryon Barbosa Jr.) e AIDS (Bernardo Galvão Castro) para citar apenas as áreas lideradas por patologistas.

O Centro abriga hoje um Núcleo de Estudo da Patologia Hepática, onde toda a semana são discutidos casos através análise de material de biópsias hepáticas, fazendo-se uma patologia de correlação com os clínicos mais atuantes na área em Salvador. Esta atividade, além do mais, tem dado lugar a pesquisas conjuntas, que vêm sendo publicadas nas melhores revistas especializadas.

A história da Patologia na Bahia ilustra bem o próprio desenvolvimento da Patologia em geral, principalmente ao atuar decisivamente no setor de patologia diagnóstica, de ter uma posição central no ensino de graduação e pós graduação e de utilizar o grande potencial de pesquisa que tem a Patologia. Neste setor é mister que se faça uma abordagem multidisciplinar dos problemas, tentando aplicar as técnicas mais sofisticadas para investigar os problemas de pesquisas básicas e aplicadas. A Patologia na Bahia conta com representantes em todos estes setores, todos saído do núcleo gerador do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da UFBA.

HISTÓRIA DA PATOLOGIA EM PERNAMBUCO

*Adonis Reis Lira de Carvalho &
Maria do Carmo Carvalho de Abreu-e-Lima*

Introdução

1 - Considerações Gerais

Escrever a História da Patologia torna-se mais simples considerando-a dentro da delimitação dada pela Anatomia Patológica, i. e., o estudo das doenças através das alterações que produzem nos sistemas orgânicos, uma visão particularmente morfológica. Tal limite está nos princípios definidos por Morgagni no título da sua obra maior *De Sedibus et Causis Morborum per Anatomen Indagatis*. Contudo, se um conceito mais amplo é procurado - o da Patologia *sensu latum* - a demarcação abrangerá obrigatoriamente episódios e personagens mais variados e em número maior.

A Patologia representada pela Anatomia Patológica como Disciplina bem definida é recente, no caso do Brasil ainda mais nova. Em Portugal somente em 1863 é que foram criadas as Cadeiras de Anatomia Patológica em Coimbra, Lisboa e Porto pela Carta de Lei de 26 de Maio daquele ano, de ordem do Rei Dom Luiz.¹ Pode-se dizer que como a entendemos hoje é um acontecimento do Século XIX. Juntamente com a Microbiologia foi o instrumento que tornou a Medicina uma Arte com maior conteúdo científico levando ao eclodir da Medicina contemporânea, “no longer was it the imprecise, superstitious and quackish practice that reached the realm of the ridicule so vivaciously satirized by Molière.”² Na verdade, episódios mais remotos de grande alcance científico e filosófico ocorreram antes desse eclodir, inclusive no Brasil. Referimo-nos à prática da autópsia que determinou o desenvolvimento dessa Disciplina.

Durante a ocupação Holandesa de Pernambuco (1630-1654), foram efetuadas as primeiras autópsias devidamente registradas no Brasil, provavelmente no Hospital do Forte de São Jorge ou Castelo de Terra localizado no istmo que ligava o Recife à Olinda,³ pelo médico Wilhelm Piso trazido por João Maurício, Príncipe, Conde de Nassau-Siegen. As suas observações estão relatadas na *De Medicina Brasiliensis*, parte da *Historia Naturalis Brasiliae (1648)* de Marcgraf e no *De Indice utriusque naturali et medica (1658)*. À Piso foi dado o cargo de Chefe do Serviço Sanitário da Colônia. Podemos considerá-lo o mais antigo anatomopatologista do País, para Octavio de Freitas o mais antigo médico.⁴

Saliente-se que as disseções anatômicas eram correntes na Holanda. Não é coincidência que Gaspar Barlaeus (1584-1648), o latinista que enalteceu em versos vários dos anatomistas holandeses, entre eles o Prof. Nicholas Tulp (figurado na famosa pintura que encomendou ao jovem Rembrandt),⁵ foi o mesmo que, designado pelo Príncipe, escreveu o *Triumphus super capta Olinda, Pernambuci Urbe, Brasiliae Metropoli*, publicado em Leiden em 1647 e traduzido para o português com o título de “História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil”⁶

¹ Amândio Tavares, 1963, pp 9-22; Renato Trincão, 1980, pp 23-4.

² Adonis Carvalho, Presidential Address at the Opening Ceremony of the XVII International Congress of the International Academy of Pathology, Dublin, 1988, International Pathology, IAP. Vol. 29, nº 4, Dezembro de 1988. pp 2-3.

³ Moll, 1969, p 159; José Gonsalves de Mello, 1978, p 127; Aluizio Bezerra Coutinho, 1974.

⁴ Octavio de Freitas, p 6.

⁵ Shupbach, 1982, várias referências a mais importante à p 85.

⁶ Gaspar Barlaeus, 1647, tradução brasileira por Cláudio Brandão, Ministério da Educação, Rio de Janeiro, 1940. Reeditada pela Fundação de Cultura da Cidade do Recife, Recife, 1980.

1.1 - Pernambuco após a Restauração

O lado mau da Restauração foi a volta do Santo Ofício, i.e., a Inquisição, com perseguições e limitações à prática dos médicos e cirurgiões cristãos-novos e até dos médicos em geral.⁷ Pernambuco restaurado teve outros grandes médicos, os patologistas gerais com estudos epidemiológicos importantes. Um deles, João Ferreyra da Rosa médico português formado em Coimbra, legou-nos obra notável o “Trattado Único da Constituição Pestilencial de Pernambuco”, escrito no Recife sobre a epidemia de febre amarela de 1685.⁸ Recife era o primeiro local onde aportavam os barcos vindos da Europa para o Atlântico Sul⁹. Eustáquio Duarte chama a atenção para o “extraordinário movimento do porto do Recife”¹⁰ tendo em vista que Rosa registrou o aumento do “contágio” à chegada de navios do Reino. O Trattado, publicado em Lisboa em 1694, segundo Moll¹¹ é um clássico da Patologia Tropical. De acordo com esse autor, Rosa realizou autópsia em caso de febre amarela em Pernambuco *circa* 1686. Ainda, informa Gilberto Osório¹⁰ ter El-Rei determinado (Carta nº 32 de 8 de Novembro de 1691) que continuassem a fazer “anatomias nos mortos do achaque”. Os livros da época, inclusive o de Rosa, necessitavam a aprovação do Santo Ofício para serem publicados, o que poderia trazer dificuldades ao autor para relatar autópsias, mas a determinação do Rei deveria evitar problemas, além da convicção vigente de “não haver pecado abaixo do Equador.” Dentre os documentos incluídos no preâmbulo do tratado de Rosa, no traslado juramentado do cirurgião francês (ou flamengo)¹² Antônio Brebon, há a descrição detalhada de uma autópsia que realizou à bordo da charrua “Sacramento e Almas”.¹³

O Tratado de Rosa é uma brilhante discussão da Doutrina dos Humores tanto na teoria, como na aplicação clínica, pelo que o recomendamos àqueles que se interessam pelas antigas explicações da Medicina.

Da época, também é digno de menção o “Trattado Único das Bexigas e Sarampo”

⁷ Carlos Miranda, Tese de Doutorado em História, UFPE, 1997, p 119, citando vários autores.

⁸ Andrade, Gilberto Osório e Duarte, Eustáquio: *Morão, Rosa e Pimenta. Notícia dos três primeiros livros em vernáculo sobre a Medicina no Brasil*. Arquivo Público Estadual de Pernambuco, Recife, 1956. Transcreve os textos completos do *Trattado Unico das Bexigas e Sarampo* de Simão Pinheiro Morão, Lisboa, 1683; *Trattado Unico da Constituição Pestilencial de Pernambuco*, de João Ferreyra Rosa, Lisboa, 1694; *Notícia do que é o achaque do Bicho*, de Miguel Dias Pimenta, Lisboa, 1703. Os comentários de Gilberto Osório e de Eustáquio Duarte são por si sós trabalhos da maior importância.

⁹ O British Cemetery do Recife (“Cemitério dos Ingleses” para os recifenses), permite ilustrar esse ponto. Lá o visitante vai encontrar túmulos coletivos de viajantes falecidos durante a longa travessia, à bordo de navios oriundos de portos ingleses.

¹⁰ Idem, pp 146-7.

¹¹ Moll, op. cit., p 179; a referência sobre a necropsia está na p 159.

¹² Gilberto Osório de Andrade e Eustáquio Duarte, op. cit. pp 146-7.

¹³ É a seguinte a narrativa de Brebon: “ainda no Poço de Pernambuco lhe adoeceram algumas pessoas, que pelos sintomas e mais sinais viu... que era da doença da terra, da qual lhe faleceu no Hospital de Pernambuco o cozinheiro: e seguindo a viagem, entre os que adoeceram faleceram alguns e no quarto defunto vendo ele testemunha que não obravam os remédios, e medicamentos, que aplicou, se resolveu com licença do Capitão abrir aquele corpo, e fazer nele anatomia; e preparado o que foi conveniente para este fim, a fez com efeito dando-lhe principio pelo peito, aonde não achou lesão alguma, nem motivo que desse causa à morte. E descendo ao estômago e região do ventre, achou o fígado podre da parte inferior, o qual estava de diversa cor do natural e de um pedaço do fígado que não estava corrupto; e o baço estava são, e ileso, como também o bofe; e a bexiga do fel estava quase sêca, e com diferente côr da que devia ter; e achou êle testemunha que a podridão que estava no fígado estava no original das veias que vêm do mesmo fígado; mas êle testemunha se não persuade de que as lombrigas, achou, pudessem picar do dito fígado. E fazendo mais exame no estômago, achou que nas membranas, dêle quantidade de humor viscoso de côr negra a modo de felugem, e no estômago algumas lombrigas grandes, e pequenas da qualidade das compridas. E passando aos intestinos, achou nêles em algumas partes umas grossuras, que abriu, e achou cheias das mesmas lombrigas; e nas membranas dos intestinos achou outrossim a mesma qualidade de humor negro que achou no estômago. E examinando a bexiga da urina (por ver que nos doentes havia queixa de retenção) achou, que dentro dela havia assim como umas palhinhas; e na urina assim como pé que faz agua no charco; e êle testemunha entende poder ser causado das lombrigas. E não fêz mais individual exame por não causar horror na gente da embarcação, por se fazer esta anatomia com resguardo da dita gente. E declarou mais, que no estômago achou inchação com ventosidade assim como tambor.” **Nesta e nas demais transcrições a grafia original foi mantida.**

publicado em Lisboa, 1683, segundo Gilberto Osório de Andrade e Eustáquio Duarte,⁸ o primeiro livro em língua portuguesa sobre a Medicina do Brasil, antecedendo por onze anos o de Rosa, tido até então como o primeiro. Seu autor Romão Mosia Renhipo, anagrama de Simão Pinheiro Morão, graduado pela Universidade de Salamanca, foi comissionado pelo Governador da Capitania de Pernambuco D. João de Souza, fundador de um Hospital no Recife no mesmo período. Desse tempo data a “Notícia do que é o Achaque do Bicho” de Miguel Dias Pimenta, residente no Arrecife de Pernambuco, publicado em Lisboa, 1707. Junto com o Trattado de Rosa e o de Morão forma os três primeiros livros publicados em língua portuguesa sobre Medicina do Brasil, todos escritos em Pernambuco. Resultante dos estudos de epidemias vale referir o livro de Manuel dos Santos “Narração Histórica sobre as Calamidades de Pernambuco” abrangendo o período de 1707 à 1715¹⁴.

Assim, não parece razoável supor ter havido um vácuo na Medicina de Pernambuco entre os remotos acontecimentos daquela época e a Medicina contemporânea. Em Pernambuco, e isso é certamente válido para o País, havia hospitais funcionando com os seus cirurgiões-barbeiros e os médicos formados na Metrópole e alhures. O quadro não diferia muito do que ocorria na Europa daquele tempo, com a Medicina praticada por médicos e cirurgiões não formalmente graduados. Dessa maneira Piso, Morão, Rosa, Pimenta, Santos, foram as figuras expressivas de um estabelecimento médico mais amplo. Os Hospitais, o mais antigo deles o da Santa Casa de Misericórdia de Olinda datando de 1540, as Sociedades Médicas e as Escolas de Medicina geraram as condições para o desenvolvimento da Patologia.¹⁵

1.2 - Pernambuco e a Fundação do Ensino Médico no Brasil

1.2.1 - O Pernambucano José Correia Picanço e o Estabelecimento das Primeiras Escolas de Medicina do Brasil.

Em 1808, devido à invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte, a Corte transferiu-se para a Bahia. Por proposta de José Correia Picanço, D. João VI criou a primeira Escola de Medicina do Brasil no Hospital Real Militar, em Salvador, pela Carta Régia de 18 de fevereiro daquele ano. Picanço (1745-1823)¹⁶, Cirurgião-Mor dos Exércitos do Reino, mais tarde Cirurgião-Mor do Reino, Primeiro Médico e Cirurgião da Casa Real, Membro nato do Protomedicato, nasceu em Goiana, Pernambuco - um importante centro cultural, hoje cidade histórica - estudou Cirurgia no Recife e foi nomeado em 1766, pelo Governador Conde de Vila-Flor, Cirurgião do Corpo Avulso de Oficiais de Ordenança de Entrados e Reformados. Em Lisboa conseguiu a Licenciatura em Cirurgia no Hospital São José, e na França o título de *Officer de la Santé*¹⁷ e sólidos conhecimentos anatômicos. Regressou à Portugal em 1772, quando foi designado demonstrador de Anatomia da Universidade de Coimbra e, quatro anos mais tarde, Regente substituindo Luiz Cichi.¹⁸ Voltou à Paris, defendeu Tese e recebeu o diploma de Doutor em Medicina.¹⁹ Em 1789 tornou-se Professor da Cadeira de Anatomia, Operações Cirúrgicas e Obstetrícia da Universidade de Coimbra.²⁰

Ainda em 1808, ao tempo em que a Corte mudou-se da Bahia para o Rio de Janeiro, Picanço obteve de D. João VI o estabelecimento da Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica, no

¹⁴ Octavio de Freitas, op.cit., p 10.

¹⁵ Veloso Costa, 1971, pp 35-49 traz informações importantes dos primeiros hospitais de Pernambuco.

¹⁶ Octavio de Freitas, op. cit., pp 10-11; Moll, op. cit., p 240; Antonio Figueira, 1974; Clóvis Travassos Sarinho, 1989, pp 25-71, a p 41 traz fac-símile da Carta Régia de 1808; Licurgo Santos Filho, vol. 2, pp 9, 40, 53, 350, 487, 489.

¹⁷ A Revolução Francesa realizou modificações profundas na prática da Medicina, entre elas a criação da categoria de *médicins de deuxième classe*, destinada à prover assistência médica em comunidades do interior e outras. Recebiam treinamento de menor categoria, ou o faziam como prática civil dirigida por médico ou, ainda, como subordinados de serviço médico militar (ver Heller, 1978).

¹⁸ Renato Trincão, op. cit., p 17.

¹⁹ É de entender-se que Picanço, como cirurgião militar, tivesse facilidades em obter o título de *Officer de la Santé*, mas também se compreende tal título não lhe ser suficiente, o que o fez buscar uma graduação formal como médico.

Hospital Militar e Naval do Rio de Janeiro. Pelo Decreto de 1809 que aboliu o Protomedicato o Cirurgião-Mor do Reino teve a sua jurisdição ampliada para todos os Estados e Domínios Ultramarinos, tornando os médicos e cirurgiões dependentes da sua licença para exercer a profissão.²⁰ Dentre os outros muito feitos de Picanço está a primeira operação cesareana realizada no Brasil, no Recife em 1817.²¹ Esse extraordinário homem conseguiu o estabelecimento das duas primeiras Escolas de Medicina do Brasil.

Saliente-se que os estabelecimentos de ensino médico eram mais centros de credenciamento de médicos (ao modo dos Protomedicatos), que Escolas Médicas como as entendemos hoje. O seu papel na evolução da Medicina no Brasil teve muito a ver com o grande número de médicos que estudavam, ou completavam os seus estudos na Europa e os médicos e dentistas estrangeiros que aqui aportavam.²²

1.2.2 - O Estabelecimento do Ensino Médico em Pernambuco

Pernambuco era um dos centros intelectuais e econômicos mais importantes do País, inclusive no que refere à Medicina, como demonstra a fundação da Sociedade de Medicina de Pernambuco em 4 de Abril de 1841.²³ Seu primeiro Presidente, Antonio Peregrino Maciel Monteiro (1804-1868),²⁴ o futuro Segundo Barão de Itamaracá e Ministro do Império, médico, político, poeta, jornalista, havia se doutorado em Paris. Tão vigorosa era a Sociedade que logo começou a publicar os seus Annaes e realizou o I Congresso Pernambucano de Medicina em 1907, um dos primeiros congressos médicos realizados no Brasil; em 1841 instituiu prêmios para estimular a pesquisa em doenças prevalentes.²⁵ Os Estatutos de 4 de Abril de 1841 estabeleceram Comissões, sendo a segunda de “Pathologia Interna e Externa, Anatomia Pathologica, e Therapeutica”. Os Annaes mostram que eram freqüentes menções às vantagens da realização de autópsias. O relato do Dr. Simplicio Antonio Mavignier, Secretário Geral, em 1843 descreve uma necropsia feita no cadáver de A. J. Pereira de Sá, à luz de velas.²⁶

Nesse contexto pioneiro de formação de sociedades, cumpre destacar a Sociedade de Internos dos Hospitais do Recife, fundada em 1926 pelo acadêmico de Medicina Gildo Muniz Neto, que vem se mantendo até hoje, uma das mais antigas no gênero na América Latina.²⁷

²⁰ Licurgo Santos Filho, op. cit., pp 53, 489.

²¹ Idem, p 330.

²² Era grande o número de médicos e dentistas estrangeiros que ofereciam seus serviços pelos jornais e isso pode ser facilmente visto no Diário de Pernambuco, o jornal mais antigo em circulação na América Latina, p. ex., entre muitos outros, os anúncios do cirurgião-dentista inglês Manson (13/02/1843), do médico e cirurgião italiano Ambrasioni (15/10/1845), de Bainon, cirurgião-dentista chegado dos Estados Unidos (08/01/1847), de Casanova, médico francês (16/03/1847).

²³ Para comparação vale referir que a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa foi fundada em 1822 (Lemos, p 216); a British Medical Association data de 1832 (Garrison, p 846).

²⁴ Roberval Bezerra de Menezes e Paulo Braga Menezes, sem ano da edição, p 9; Licurgo Santos Filho, op. cit., pp 170, 305; Leduar de Assis Rocha, 1974; Adonis Carvalho: *A Sociedade de Medicina de Pernambuco e Maciel Monteiro. Discurso no recebimento da Medalha de Mérito Maciel Monteiro*. Sociedade de Medicina de Pernambuco, Recife, 1994.

²⁵ Os Annaes tiveram edição fac-similar pelo Governo de Pernambuco em 1977. Além da parte científica traz os Estatutos da época da fundação, discurso inaugural de Maciel Monteiro, regulamento dos prêmios instituídos, noticiário. Os prêmios foram noticiados também pelo Diário de Pernambuco em 27/11/1841.

²⁶ “A autopsia foi praticada na Igreja 24 horas depois da morte, quando a putrefação já accommettia o corpo; alem disto foi feita á pressa, no momento de entregar o cadaver á sepultura, e ao fusco clarão de uma vela que unica então ardia naquelles funebres lugares: e por esses motivos não nos pôde ministrar dados bem positivos, e nos revelar cousas que bem dignas sejam de inteira confiança. Declárão todavia os professores que abrirão o corpo, que o figado era de volume enorme, apresentando varios pontos amollecidos, como em supuração, em um dos quais penetrava um dedo, e nelle havia pus. Acrescentarão que junto ao orificio pylorico havião duas ulcerações, e no pericardio vestigios de irritação; finalmente que o coração em suas auriculas estava como atrophiado, cujas paredes estavam molles, lassas, e mui distendidas, formando uma especie de sacco”, Annaes da Medicina Pernambucana, Ano II, nº V, p 227.

²⁷ Adonis Carvalho, 1959, pp 47-55.

A Faculdade de Medicina do Recife foi objeto em 1895 de projeto da Câmara de Deputados do Estado, que não se efetivou. Em 1902 médicos e farmacêuticos fundaram a Escola de Farmácia, instalada no ano seguinte;²⁸ formou oito profissionais até 1905, logo interrompida, reabrindo em 1910 e servindo de base à Faculdade de Medicina do Recife estabelecida em 1915, principalmente pelo esforço de José Octavio de Freitas (1871-1949),²⁹ considerado o seu fundador, nascido em Terezina, PI, graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Do currículo inicial constava a Cadeira de Patologia Geral. A primeira aula foi proferida em 16 de Julho de 1920 por Octavio de Freitas, seu Diretor. A primeira turma de médicos graduou-se em 24 de Dezembro de 1925.³⁰ Foi encampada pelo Governo do Estado pelo Decreto 187 de 15 de Março de 1933 do Governador Carlos de Lima Cavalcanti.³¹

2 - A Escola de Anatomia Patológica de Pernambuco

2.1 - Características

Algumas características marcaram a Anatomia Patológica em Pernambuco:

- a) desde os seus primórdios evoluiu à partir de *Cellula mater* única: o grupo gerado na Faculdade de Medicina do Recife, hoje na quarta geração;
- b) ter se tratado de um grupo autônomo, no sentido de ter se desenvolvido localmente, sem dependência intelectual de nenhum outro grupo;
- c) à medida que se desenvolveu, foi agregando múltiplas tendências filosóficas e técnicas resultantes de diferentes fontes de treinamento dos seus membros;
- d) o caráter essencialmente democrático do grupo, passando de geração à geração sem maiores rupturas ou quebra de continuidade.

2.2 - O Advento da Cadeira de Anatomia Patológica: A Primeira Geração

2.2.1 - Precursores

Precedendo a Faculdades de Farmácia e a de Medicina, a Escola de Odontologia de Pernambuco foi fundada em 1913. Pesquisas ainda não publicadas do médico Cláudio Renato Pina Moreira revelaram que a Escola de Odontologia tinha no currículo uma Cadeira de Patologia Geral e Anatomia Patológica na qual foi empossado como seu Professor, em 15 de Março do mesmo ano, o médico Augusto Chacon (1878-1914), graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. A 6 de Março de 1914 o Professor Ordinário de Fisiologia, Gilberto Fraga Rocha (1888-1941), requereu transferência para a Cadeira de Patologia Geral e Anatomia Patológica. Contudo, demorou pouco e em 26 de Setembro do ano seguinte retornou à de Fisiologia.³² O médico Edgar Altino Correia de Araújo, seu sucessor, foi designado Professor Ordinário, não sendo encontrado registro da sua posse. Ele pediu demissão em Dezembro de 1915.³³ Não há registro de candidatos à vaga apesar dos editais para concurso público de 30 de Abril de 1918 e 3 de Março de 1919.³⁴

²⁸ Leduar de Assis Rocha, 1974, p 36.

²⁹ Herodoto Pinheiro Ramos, 1974, pp 15-32.

³⁰ Octavio de Freitas, op. cit., pp 59, 123, 188.

³¹ Idem, op. cit., pp 137-42.

³² O Prof. Fraga Rocha, a partir de 1920, também foi Professor Catedrático de Fisiologia da Faculdade de Medicina do Recife (Octavio de Freitas, op. cit., p 181).

³³ Edgar Altino seria designado Professor de Anatomia da Faculdade de Medicina, não chegando a atuar (Octavio de Freitas, op. cit. p 172), sucedendo a Amaury de Medeiros, na Medicina Tropical em 8 de Maio de 1931 (Idem, p 217).

³⁴ Referida por Cláudio Pina, pesquisas não publicadas. Em 1926 ocorreu a fusão das três Faculdades (Medicina, Farmácia e Odontologia) concedida pelo Departamento Nacional de Ensino (Octavio de Freitas, op. cit., p 79).

2.2.2 - Cadeira de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina do Recife

O seu início foi confuso por não haver pessoal qualificado para ensiná-la, aproveitando-se o melhor possível dos recursos disponíveis, sendo essas acomodações normais em instituições novas. Assim, vários médicos foram designados para regê-la em caráter temporário com substituições freqüentes, o que dificultou a reconstituição da cronologia dos acontecimentos.

A denominação inicial da Cadeira foi Anatomia e Histologia Patológicas, depois Anatomia e Fisiologia Patológicas e teve como seu primeiro regente, de 1915 à 1920, o médico Mário Ramos e Silva (1889-1964), formado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1910, que não chegou a exercê-la, passando para Patologia Geral em 1920.³⁵ Seguiu-se Armando Taborda de Souza Gaioso (1894-1926), graduado também pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1918, designado Catedrático em 20 de Maio de 1920,³⁶ até 1925, então transferido para a recém-criada Cadeira de Clínica Propedêutica Médica. Segundo Octavio de Freitas, Gaioso não chegou a dar aulas por não haver ainda alunos na Disciplina. Aggeu Sérgio de Godoy Magalhães obteve a posição de Professor Substituto em 1923 com apresentação de Tese.³⁷ Pela vaga resultante da transferência de Gaioso, Aggeu foi eleito Catedrático em 9 de Maio de 1925, tomando posse aos 14 do mesmo mês. A posição de Professor Substituto não dava automaticamente o direito de passar à Professor Catedrático, pois dependia de decisão da Congregação. Aggeu era, certamente, quem dava as aulas ao tempo em que a Faculdade começou a ter alunos de Anatomia Patológica por volta de 1922.³⁸ Ele é o verdadeiro fundador da Escola de Anatomia Patológica de Pernambuco.



Professor Aggeu Sérgio de Godoy Magalhães, Catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Medicina do Recife, fundador da Anatomia Patológica em Pernambuco.

A Cadeira de Patologia Geral, que no Estatuto inicial de 1914



Professor Aluizio Bezerra Coutinho, Professor Catedrático de Patologia Geral da Faculdade de Medicina do Recife.

intitulava-se “Patologia Geral e Experimental”, teve como regentes iniciais os Profs. Antônio Raposo Pinto (formado na Bahia, que não chegou a dar aulas) e Mário Ramos e Silva, de quem já falamos, nomeado em 1922, desempenhando “com a maior proficiência”, no dizer de Octavio de Freitas,³⁹ até 1935, quando transferiu-se para Microbiologia. O Prof. Aluizio Bezerra Coutinho (1909-1997), graduado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1931, foi Assistente e, depois Diretor do Laboratório Químico e Bromatológico do Departamento de Saúde Pública de Pernambuco, Assistente do SVO e da Cadeira de Anatomia Patológica. Obteve a Livre-

Docência de Patologia Geral pela Faculdade de Medicina do Recife em 1935. Cedo deixou a Cadeira de Anatomia Patológica para a de Patologia Geral, por Concurso em 1935, vaga

³⁵ Octavio de Freitas, op. cit., p 186.

³⁶ Livro de Registros e Nomeações da Faculdade de Medicina, vol. I, fls. 38.

³⁷ O Livro de Registros e Nomeações da Faculdade de Medicina do Recife registra a criação da Cadeira de Propedêutica Médica para a qual foi transferido Gaioso. Na literatura as informações sobre o título da tese de Aggeu são conflitantes. O título verdadeiro está no exemplar original de propriedade do Prof. Aggeu Magalhães Filho: “A Granulação azurophila no sangue normal e a Granulação azurophila no sangue pathologico. Thezes apresentadas á Faculdade de Medicina de Pernambuco com o fim de habilitar-se ao lugar de professor substituto da 5a. sessão. Typ. da Penitenciaria e Detenção do Recife, 1923.”

³⁸ Octavio de Freitas, op. cit., p 197 menciona que em 1922 Aggeu foi nomeado Professor de Anatomia e Fisiologia Patológicas pela transferência de Gaioso, o que é um lapso. Provavelmente Aggeu começou a dar aulas nessa época sem ser ainda oficialmente Professor Substituto, o que só aconteceria no ano seguinte.

³⁹ Octavio de Freitas, op. cit., p 186, é a referência ao elogio. Sobre Mário Ramos, ver Hélio Mendonça, 1974.

com a transferência de Mário Ramos.

2.3 - Serviço de Verificação de Óbitos (SVO)

A importância do SVO para o desenvolvimento da Patologia em Pernambuco, e de várias outras áreas como a Anatomia e a Cirurgia, nos faz interromper o fio da narrativa. Antes, havia o exame cadavérico visando esclarecer se a morte era natural, ou não, por cidadãos não-médicos, o que era objeto de protesto, já em 1845, do Dr. Joaquim de Aquino Fonseca.⁴⁰ À partir de 1900 foram substituídos por médicos indicados pela autoridade sanitária. Octavio de Freitas conta que, verificada a ausência de crime, suicídio ou acidente, a *causa mortis* era dada como “doença desconhecida” ou, como queria o Catedrático de Medicina Legal Ascanio dos Guimarães Peixoto, “tanatomorbia” i.e., doença mortal.⁴¹ Pode-se ver que se trata de um hibridismo de $\theta\alpha\nu\alpha\tau\ \omicron\zeta$, Grego para morte e *Morbus*, Latim para doença.

Em 1919 começou novo sistema proposto por Octavio de Freitas,⁴² com autópsias, de curta duração. Nessa fase trabalharam os médicos Alexandre dos Santos Selva Jr., Ulysses Pernambucano de Mello Sobrinho, Armando Meira Lins e Ladislau Cavalcanti. Os três primeiros notabilizar-se-iam respectivamente na Obstetrícia, Neuropsiquiatria e Pediatria mas, como “verificadores de óbito” deixaram muito à desejar. Amaury de Medeiros,⁴³ Catedrático de



Prédio do Serviço de Verificação de Óbitos, circa de 1938, às margens do Rio Capibaribe, no bairro do Derby, Recife, onde funcionou por muitos anos a Cadeira de Anatomia Patológica. O edifício atrás é o pavilhão de autópsias construído em 1933. A arborização ao fundo está à margem do rio. À direita continua-se pelo antigo edifício da Faculdade de Medicina do Recife, hoje Memorial da Medicina Pernambucana.

Doenças Tropicais e Infectuosas (grande sanitarista, cujo nome foi dado à Fundação de Saúde do Estado), chegou a reclamar que limitavam a realizar um simples reconhecimento dos cadáveres no interior dos próprios caixões.⁴⁴

À partir do Decreto 169 de 23 de Dezembro de 1932 o problema foi equacionado pela criação do Serviço de Verificação de Óbitos (SVO) por iniciativa do Dr. Décio Parreiras, Diretor do Departamento de Saúde do Estado, incumbindo a Faculdade de Medicina de operacionalizá-lo. O Diretor da Faculdade Octavio de Freitas foi o responsável pela sua organização, assumindo a direção do Serviço⁴⁵ e determinando a construção do pavilhão de autópsias com cinco mesas para necropsia, frigorífico para cadáveres, secretaria, arquivo, laboratório, etc. Octavio de Freitas designou Aggeu Magalhães como Anatomopatologista, os Drs. Aluizio Bezerra Coutinho, Miguel Archanjo do Nascimento, Raimundo de Barros Coelho para Assistentes e “três alunos da Faculdade”.⁴⁶

O prédio principal foi projetado pelos arquitetos Luiz Nunes e Fernando Saturnino de Brito, sendo calculista o Engenheiro e Poeta Joaquim Cardozo, pernambucano, depois radicado no Rio de Janeiro, o mesmo que tomaria parte na construção de Brasília. É um marco da arquitetura brasileira, o primeiro em Pernambuco no chamado estilo moderno,

⁴⁰ Veloso Costa, 1978, p 164; Octavio de Freitas, op. cit., p 133.

⁴¹ Idem, p 133; Veloso Costa, op. cit., p 164.

⁴² Idem, pp 132-6.

⁴³ Para a biografia de Amaury ver Gilberto Costa Carvalho, 1974.

⁴⁴ Veloso Costa, op. cit., pp 163-94.

⁴⁵ Idem, p 166; Octavio de Freitas, op. cit., pp 134-35; Herodoto Pinheiro Ramos, 1974.

⁴⁶ Octavio de Freitas, op. cit., p 135. Barros Coelho deve ter entrado um pouco mais tarde pois graduou-se em Medicina em 1933. Lourinaldo Gouveia, Edgar Gouveia, Ypiranga de Souza Dantas, graduados em 1934, devem ter sido os “três alunos da Faculdade” mencionados por Octavio de Freitas. Nenhum deles dedicou-se à Anatomia Patológica.

seguinte a linha de Le Corbusier, listado no livro *Brazil Builds* de Philip L. Goodwin, edição do Museum of Modern Art de New York. Não seguiu estritamente o projeto original, pois a construção foi interrompida por falta de fundos, utilizando-se material de outras construções do Estado. Aggeu foi o mentor da construção, reiniciada em 1937 por decisão do Interventor Federal Agamenon Magalhães,⁴⁷ irmão de Aggeu. O SVO foi o elemento que deu sustentação e casa à Anatomia Patológica de Pernambuco. Em 1958 a Cadeira de Anatomia Patológica foi transferida para o Hospital Universitário D. Pedro II, resultando na separação do SVO. O SVO foi mudado para instalações inadequadas no Hospital Oswaldo Cruz, até a transferência definitiva da Cadeira para o *Campus* quando acompanhou-a.⁴⁸ O prédio original foi cedido ao Instituto de Arquitetos do Brasil, Seção de Pernambuco, tombado pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

João Batista do Nascimento e Malaquias Antonio dos Santos foram os primeiros técnicos no ramo no Nordeste de Brasil: João Batista na Histotecnologia, Malaquias na autópsia. Malaquias tornou-se figura muito conhecida do meio médico de Pernambuco e do Nordeste, com muitas estórias pitorescas.⁴⁹ A Seccional de Pernambuco da Sociedade Brasileira de Patologia concedeu-lhe o título de “Patologista Honorário”.

As facilidades providas pelo SVO foram da maior importância no desenvolvimento da Cirurgia, mormente da Cirurgia Torácica com Joaquim Cavalcanti, da Cirurgia Cardíaca com Luiz Tavares da Silva e da Neurocirurgia com Manoel Caetano Escobar de Barros. Como bem diz Veloso Costa,⁵⁰ tornou-se “um centro de gravitação de clínicos e patologistas. Quase todas as teses e trabalhos eram ali realizados com a colaboração da equipe do Departamento de Patologia.” O SVO sobrevive até os nossos dias. No seu apogeu chegou a realizar 15.000 necropsias por ano.

2.4 - O Período de Consolidação da Anatomia Patológica e da Patologia Geral

Aggeu Sérgio de Godoy Magalhães (1898-1949) nasceu em Petrolândia, PE, diplomado como aluno laureado⁵¹ pela Faculdade Nacional de Medicina, Rio de Janeiro, em 1920. Veio da Saúde Pública, com curso no Instituto Oswaldo Cruz em 1924 e, no mesmo ano, Chefe do Laboratório de Anatomia Patológica do Estado, no Hospital Infantil Manuel Almeida, Recife, o primeiro a ser instalado no Nordeste, com serviço de autópsias e onde funcionou a Cadeira nos seus primeiros anos.⁵² Aggeu exerceu também a Clínica Médica na atividade privada, o que era comum no início da especialidade.⁵³

Aggeu foi homem de grande visão, orientando a Cadeira para as doenças parasitárias e a desnutrição. Em 1929 teve bolsa de estudos da Fundação Rockefeller no Departamento de Patologia da Columbia University e na Universidade de Toronto. As suas obras mais importantes nesse período resultaram dos estudos sobre a febre amarela e a esquistossomose.⁵⁴ A equipe, com ele próprio a Primeira Geração da Escola de Anatomia

⁴⁷ Era o início do Estado Novo de Getúlio Vargas. Os detalhes sobre o edifício azul do SVO podem ser vistos em Veloso Costa, op. cit., pp 166-8.

⁴⁸ Idem, pp 241-4.

⁴⁹ Uma delas refere-se à criação da Neurocirurgia. O seu iniciador realizou em cadáveres do SVO o treinamento de que precisava para trepanações. Na narrativa de Malaquias, esse “menino” passou uma temporada fazendo “buraquinhos” na cabeça de cadáveres. Desapareceu por uns tempos e daí em diante os cadáveres chegavam já com os “buraquinhos” feitos... É a saga das trepanações para as pneumoencefalografias, método perigoso, o melhor disponível àquele tempo; freqüentemente os pacientes morriam antes da cirurgia devido ao agravamento da hipertensão intracraniana pela injeção de ar nos ventrículos cerebrais no processo de pneumoencefalografia.

⁵⁰ Veloso Costa, op. cit., Vol. V, 1992, p 158.

⁵¹ Idem, p 157.

⁵² Ibidem, vol. I, p 186-7

⁵³ José Otávio Cavalcanti, p 30.

⁵⁴ The kidney in yellow fever. *Arch Path* 11: 561-73, 1931; Estudos sobre esquistossomose em Pernambuco, Brasil. *Mem Inst Oswaldo Cruz* 35:230, 1940.

Patológica de Pernambuco, foi constituída pelos seus Assistentes oriundos do SVO, Aluizio Bezerra Coutinho e Raimundo de Barros Coelho, agregando Humberto de Queiroz Menezes (que anos mais tarde, transferiu-se para a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, SP, onde se tornou Catedrático), Clóvis Marques de Almeida (que passaria para a Patologia Geral, UFPE), Hélio Gomes de Matos Mendonça (depois Catedrático de Histologia e Embriologia Geral na UFPE e UPE) e Durval Tavares de Lucena, eminente parasitologista que seria Professor Catedrático de Patologia Geral da Faculdade de Ciências Médicas da UPE.

* * *

Ao tempo em que tão marcantes fatos ocorriam regressava ao Recife o Dr. Paulo Corrêa Gondim (1900-1927)⁵⁵ natural de Goiana, PE, graduado pela Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro em 1924, com Tese na Cadeira de Anatomia Patológica,⁵⁶ e especialização em Anatomia Patológica no Instituto Oswaldo Cruz do Rio de Janeiro e no Hospital São Geraldo, em Hamburgo, Alemanha. Ao regressar em 1926 tornou-se anatomopatologista do Hospital de Santo Amaro da Santa Casa de Misericórdia do Recife e montou laboratório privado. Faleceu aos 27 anos de tuberculose pulmonar e pela sua vida tão curta não exerceu influência sobre a Anatomia Patológica em Pernambuco, mas a sua meteórica passagem ficou registrada pela conferência proferida na Sociedade de Medicina de Pernambuco sobre “A Anatomia Patológica entre nós” com apresentação de caso de sarcoma do ombro esquerdo e por registros no Jornal Pequeno e no Diário da Manhã. Marcou, certamente, alguma consciência das potencialidades da Anatomia Patológica que se instituiu no Estado.

* * *

Ageu e sua equipe desenvolveram pesquisas importantes sobre esquistossomose mansônica, com apoio da Fundação Rockefeller, e sobre desnutrição na infância, então e até hoje de grande prevalência no Brasil, descrevendo achados necroscópicos de crianças com lesões hepáticas graves caracterizadas pela esteatose, a que denominava de “hepatose alimentar”.⁵⁷ Em 1934 criou os Anais da Faculdade de Medicina do Recife que se tornaram o principal veículo da produção científica, não só dos patologistas, mas de toda a Faculdade de Medicina. Foi Presidente da Sociedade de Medicina de Pernambuco em 1928, Diretor da Faculdade no biênio 1936-37 e Secretário de Saúde do Estado em 1946. Como veremos adiante, partiu de Ageu a proposta do estabelecimento do que viria a ser o Instituto Ageu Magalhães.⁵⁸

Na experiência de um dos autores (ARLC), seu aluno em 1948, Ageu dava aulas de 40 minutos, objetivas, não saindo do assunto. Os estudantes tinham-lhe grande apreço. Não havia reprovações, pelo menos naquele ano, tolerando que os alunos consultassem livremente durante as provas o excelente livro de William Boyd, que adotava.⁵⁹

Procurou fortificar a Cadeira e o seu grupo. Isso é ilustrado pelo fato de que, ao vagar a Cátedra de Patologia Geral, teve o seu Assistente Bezerra Coutinho como Livre-Docente, logo mais, Catedrático. Com a aposentadoria do Prof. Adamastor do Amaral Lemos da Cadeira de Histologia, Ageu patrocinou a candidatura de Barros Coelho, que preparou tese no Instituto Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro sobre histologia das glândulas salivares e concorreu com

⁵⁵ Veloso Costa, op. cit., Vol. I, pp 177-85.

⁵⁶ Ensaio sobre pathogenia e casuística dos tumores renais, aprovada com distinção, Ed. Paulo Pongetti, Rio de Janeiro, 1924.

⁵⁷ Ageu Magalhães: Da chamada “Gastro-Enterite” das crianças. Anais da Faculdade de Medicina do Recife, 1: 3-15, 1934.

⁵⁸ Veloso Costa, op. cit., Vol. V, p 156; Ageu Magalhães Filho, 1999.

⁵⁹ Boyd era Professor da Universidade de Toronto. O seu livro, um clássico da Patologia, foi de uso corrente e por longo tempo no Canadá, Estados Unidos e Brasil. A tradução brasileira vigente, da 4a. edição canadense, foi dos eminentes Professores Magarinos Torres e Penna de Azevedo, do Instituto Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro. É um volume de 928 páginas intitulado “Compêndio de Patologia Geral e Anatomia Patológica”, Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1946. Além de livro completo traz *boutades* famosas, como na discussão sobre morte súbita à p 336: “para a explicação de tais casos podem ser invocados o choque, o estado timicolinfático, ou um chamado de Deus”.

Coelho de Almeida, em 1946, não sendo, todavia, vitorioso.

Com o falecimento prematuro de Aggeu aos 51 anos sucedeu-o na Cátedra Raimundo de Barros Coelho,⁶⁰ graduado pela Faculdade de Medicina do Recife em 1933, Livre-Docente em 1936, aprovado em Concurso de Provas e Títulos para Catedrático em 1950. Nas pesquisas dedicou-se à esquistossomose mansônica, algumas com Aggeu Magalhães Filho e Humberto Menezes, confirmando experimentalmente e em material de autópsias a descoberta do Prof. Bezerra Coutinho do papel fundamental dos vermes na gênese da fibrose produzida por aquela doença. Escreveu dois livros com a colaboração dos seus assistentes.⁶¹

Barros Coelho incentivou a realização de necropsia. Ao tempo em que o autor *Senior* deste Capítulo foi aluno da Cadeira, ainda ao tempo de Aggeu, Barros Coelho era responsável pela maioria das aulas práticas de autópsias, que faziam o ponto forte do ensino da Anatomia Patológica em Pernambuco.⁶² As maiores qualidades de Barros Coelho foram a tolerância e a capacidade de delegar poderes, o que resultou na expansão que teve a Cadeira. Nas horas vagas, e de certo modo secretamente, Barros Coelho escrevia poemas.⁶³

Quando um de nós (ARLC) ingressou na Cadeira a seu convite, de acordo com a praxe, como plantonista do SVO seguindo-se da nomeação para Professor Assistente, logo percebeu que, contrastando com o excelente ensino e serviço de autópsias, havia grandes deficiências na Patologia Cirúrgica. Em 1955 ao voltar de uma *fellowship* no M. D. Anderson Hospital, em Houston, propôs a Barros Coelho que fosse dada a devida importância ao campo da Patologia Cirúrgica e do câncer. Ele aceitou a sugestão e deixou ao encargo do jovem Assistente essa tarefa. A Divisão de Patologia Cirúrgica foi oficialmente formalizada em 1958. Com ela foi possível dotar a Cadeira de uma Patologia Cirúrgica moderna e eficiente, incluindo a introdução das descrições sistemáticas e minuciosas das peças cirúrgicas, assim como das biópsias por congelação.⁶⁴ Dessa maneira foram formados os patologistas cirúrgicos de Pernambuco.

Ao mesmo tempo, o Prof. Adonis cuidou da Citopatologia. Essa especialidade foi introduzida como atividade acadêmica pelo Prof. Antônio Coelho de Almeida na sua Tese “Citologia Vaginal” para a Cátedra de Histologia e Embriologia Geral, em 1946, mas permaneceu como trabalho isolado pelo seu falecimento temporão em acidente de trânsito, uns poucos anos depois. Clóvis Marques de Almeida foi quem iniciou a Citopatologia em Pernambuco em termos profissionais na Maternidade da Encruzilhada. O Dr. Lauro Rubens Wanick, graduado pela UFF em 1954, estabeleceu Serviço de Citopatologia na Maternidade de Afogados, tornando-se outro pioneiro, assim como a ginecologista Maria das Mercês Pontes Lima Cunha. Ainda na década dos anos Sessenta, verificando haver condições para o estabelecimento de uma Sociedade local de Citopatologia, Adonis Carvalho convocou todos os que a praticavam e fundou a Sociedade de Citologia de Pernambuco, mais tarde Seccional de Pernambuco da Sociedade Brasileira de Citopatologia.

⁶⁰ Adonis Carvalho: *Saudação ao Prof. Barros Coelho, por ocasião da concessão do Título de Professor Emérito da UFPE*, UFPE, Recife, 1981.; Aggeu Magalhães Filho: *Discurso de Posse na Cadeira 29 da Academia Pernambucana de Medicina, sobre Aggeu Magalhães e Raimundo de Barros Coelho*. Recife, 1999.

⁶¹ Raimundo de Barros Coelho, Aggeu Magalhães Filho, Adonis R. L. de Carvalho: *Patologia da Esquistossomose mansônica*. Imprensa Universitária, UFPE, Recife, 1965; Barros Coelho: *Anatomia Patológica das Afecções Hepáticas*. UFPE, Recife, 1971.

⁶² À um jovem iniciante que suando muito tentava eviscerar o cadáver Barros Coelho com irritado carinho, à medida que ia ensinando como fazê-lo, costumava dizer: “meu filho, não lute com o cadáver...”. É seu, ele próprio um tímido, o conselho ao assistente iniciante que enfrentava temeroso a tarefa de dar aulas “você olha para os alunos e faz de conta que está falando para uma plantação de macaxeira...”

⁶³ Alguns dos poemas foram transcritos por Adonis Carvalho, op. cit., 1981.

⁶⁴ Adonis Carvalho e João Plutarco Rodrigues Lima: *Diagnóstico imediato por congelação - Estudo de 200 biópsias consecutivas*. Anais Fac. Med. Univ. do Recife, 18: 103-124, 1958.

2.5 - Bezerra Coutinho e a Topologia Patológica na Esquistossomose Mansônica

Aluizio Bezerra Coutinho⁶⁵ foi um homem extraordinariamente culto e deu ao seu Curso de Patologia Geral na UFPE um caráter científico/filosófico. O seu programa de ensino diferia dos outros no Brasil. Não seguia textos e os seus alunos tinham que valer-se de anotações. Ao tempo em que um de nós (ARLC) foi seu aluno em 1947 dava vários dias de aulas sobre Cibernética (quando sequer havia calculadoras eletrônicas, nem a palavra “Informática”), Teoria dos Sistemas, natureza da informação genética (ao tempo em que não se conhecia a estrutura do DNA) e Termodinâmica. Esses ângulos inteiramente inusitados serviam de moldura à explanação dos fenômenos patológicos. Bezerra Coutinho foi pioneiro de vários campos da Medicina e da Biologia. Chegou a estabelecer um Laboratório de Genética de *Drosophila melanogaster*, então, o organismo modelo para estudos de Genética. Os seus estudos de Patobiologia incluíram a abordagem matemática das populações dos caramujos hospedeiros intermediários e transmissores da esquistossomose. Sem dúvida, foi o Pai da moderna Patobiologia no Brasil.⁶⁶

A sólida formação cartesiana e a criatividade levaram Bezerra Coutinho a uma interpretação revolucionária da patogenia das lesões hepáticas na esquistossomose, baseada nos conceitos matemáticos de Topologia. A sua teorização, desenvolvida à partir da observação anatomopatológica, pode ser resumida como se segue. Os vermes adultos são estruturas grandes, vivem nos ramos da veia porta (um espaço topologicamente interno) e são longevos. A extinção da população de vermes pela morte natural ocorre pouco à pouco e tardiamente na vida do parasita. O tratamento antecipa a morte natural dos vermes e a faz em massa, de uma só vez. Os seus cadáveres são carregados para o fígado resultando em fenômenos obstrutivos portais graves pois, além das dimensões grandes desses rolos de vermes, provocam reações imunoalérgicas muito maiores que os volumes agregados dos vermes mortos. Como dizia, “o cadáver de verme é um acervo de matéria orgânica complexa em via de alteração.” A dedução lógica foi de que infecções por macroparasitas em *habitats* topologicamente internos não podem ser tratadas por agentes que os matem, i.e., o tratamento da esquistossomose era o determinante das graves lesões hepáticas, resultando na alta mortalidade dos pacientes”.⁶⁷ Essa descoberta foi devastadora para os que defendiam o chamado “tratamento específico da esquistossomose” e os fabricantes dos medicamentos.

O debate alimentou o tema por mais de vinte anos. Somente quando pesquisas feitas no exterior confirmaram os achados de Bezerra Coutinho é que as coisas se aquietaram. Antes, Bezerra foi detratado pelas suas idéias, enquanto os paciente morriam em consequência do tratamento. A descoberta vale não somente para a esquistossomose, como para todas as macroparasitoses topologicamente internas, como a filariose.

Bezerra Coutinho teve um reconhecimento importante quando Luiz Otávio Savassi Rocha, na sua biografia do Prof. Luigi Bogliolo⁶⁸, revelou que os editores do *American Journal of Tropical Medicine and Hygiene* negaram-se, em 1966, a publicar trabalho do grupo de Minas em que eram descritos casos submetidos ao tratamento específico da esquistossomose.

⁶⁵ Adonis Carvalho: Do *Scholar* na criação e transmissão do conhecimento científico, in *Simpósio Comemorativo dos 80 anos do Prof. Aluizio Bezerra Coutinho*. CNPq, Recife, 1989; Adonis Carvalho: Aluizio Bezerra Coutinho. in *Simpósio Natureza da Vida - Reflexos em torno da obra científico-filosófica do Prof. Aluizio Bezerra Coutinho*. UFPE, Recife, 1994.

⁶⁶ Anos mais tarde, em 1984, um de nós (ARLC) dividia com Jack M. Layton da Universidade de Arizona a Coordenação de um Seminário sobre “Pathology in the Information Age” no XV International Congress, da International Academy of Pathology, em Miami Beach. Ouvíamos os conferencistas a falar de coisas que havíamos aprendido com Bezerra Coutinho na classe de Patologia Geral da UFPE, no Recife, em 1947. Ninguém iria acreditar nisso... Testamos com um caro amigo Lee Stoddard, Professor de Patologia em Augusta, Georgia. Ele ouviu delicadamente as nossas reminiscências das aulas de Bezerra Coutinho, não fez qualquer comentário, somente dizia “I see, I see...” isto é, como era de esperar, não acreditou...

⁶⁷ Entre outros estudos de Aluizio Bezerra Coutinho sobre o assunto ver “Objeções à pratica do chamado “tratamento específico” da esquistossomose mansoni.” *Rev Brasileira Gastroenterol*, 6: 486-510, 1954.

⁶⁸ Luiz Otávio Savassi Rocha, 1992.

A razão foi "... the menagement of the three cases reported apparently resulted in the death of two persons. I doubt that any American scientific journal publish an article that apparently reports the use of human beings as experimental animals with no thought given to their well being. The manuscript is being returned herewith". De nada valeram os esforços junto aos editores para modificar a decisão: mantiveram-se irredutíveis.

Dentre os livros que publicou destaca-se "Da Natureza da Vida",⁶⁹ baseado nos seus ensinamentos às sucessivas classes de Patologia Geral e nas numerosas conferências que proferiu. O seu rol de interesses abrangeu a Matemática, a Literatura, a Arquitetura, a Filosofia, a Enologia. Outra obra notável foi a referente a Tobias Barreto, chefe da chamada "Escola do Recife" na segunda metade do Século XIX que desenvolveu estudos filosóficos das ciências naturais.⁷⁰ Bezerra Coutinho - juntamente com Walter Edgard Maffei, de São Paulo, e Amadeu Fialho, do Rio de Janeiro - foi, provavelmente, o mais erudito dos patologistas brasileiros.

3 - A Continuidade das Gerações

Não é possível delimitar as várias gerações da Anatomia Patológica, visto que são etapas de transição, as que vêm, englobando parte das gerações precedentes e das que lhes sucedem.

3.1 - A Segunda Geração

Essa segunda geração iniciou-se ainda com Barros Coelho na posição de Catedrático. Foi formada pelos Profs. Ageu Magalhães Filho, Adonis Reis Lira de Carvalho, Valdir Bandeira da Silva, Eridan Medeiros Coutinho, Guilherme Abath, João Plutarco Rodrigues Lima (posteriormente transferindo-se para Campinas, SP), Heraldo de Almeida Soares, Lauro Rubens Wanick (mais tarde transferindo-se para o Instituto de Antibióticos da UFPE, depois para a Cadeira de Patologia Geral), Simone Marinho, Francisco Marques dos Santos (transferiu-se para Terezina, PI, depois para Brasília, DF, onde teve grande destaque profissional), Nivaldo José Ribeiro, Antonio Victoriano da Costa Barbosa, José Aarão Martins de Carvalho, Miguel Wanderley Satyro, Mércia Maria Pereira da Costa Albuquerque, Vital Maria da Costa Lira, Darcy Gonçalves de Freitas.

Na Cadeira de Patologia Geral a aposentadoria de Aluizio Bezerra Coutinho não mais encontrou-o na Faculdade de Medicina, já extinta, nem na organização que a sucedeu, o Centro de Ciências da Saúde. A Cadeira e todos os seus professores foram lotados no Centro de Ciências Biológicas. O ensino da Patologia Geral já havia sido transferido para o Departamento de Patologia, sucessor da Cadeira de Anatomia Patológica. Criou-se um vácuo nos ensinamentos que dava Bezerra Coutinho.

Com a aposentadoria de Barros Coelho a posição de Professor Titular de Anatomia Patológica ficou vaga durante cerca de dez anos por problemas burocráticos na UFPE. Reabertas as vagas em 1985, o Prof. Adonis Carvalho⁷¹ tornou-se Professor Titular por Concurso de Provas e Títulos. A esse tempo já havia reformulado a Patologia Cirúrgica na UFPE, estabelecido o primeiro Registro de Câncer no Brasil, a Pós-Graduação em Anatomia Patológica, o Laboratório de Citogenética Humana e desenvolvido a Informática na Patologia. O Prof. Adonis graduou-se em Medicina pela UFPE em 1950, como aluno laureado e começou a carreira acadêmica e profissional na Clínica Médica, antes de abraçar a Anatomia Patológica. Obteve a Livre-Docência de Anatomia Patológica em 1956 e a de Patologia Geral em 1961. Sua atividade incluiu o exercício da Presidência da Sociedade Latinoamericana de

⁶⁹ Bezerra Coutinho, Aluizio: *Da Natureza da Vida*. Editora Universitária, UFPE, Recife, 1985.

⁷⁰ Bezerra Coutinho, Aluizio: *A Filosofia das Ciências Naturais na Escola do Recife*. Editora Universitária, UFPE, Recife, 1988.

⁷¹ Herodoto Pinheiro Ramos, 1976; Roger E. Cotton, 1986.

Patologia (1974-1975) e a Presidência da International Academy of Pathology (1986-1988),⁷² a única ocasião em que um não-norteamericano e não-europeu chegou a esse posto. Antes foi seu Vice-Presidente para a América do Sul por quatro mandatos consecutivos (1976-1984). De 1965 à 1982 trabalhou em vários e sucessivos projetos do National Cancer Institute, da Union International Contre le Cancer, da Organização Mundial de Saúde e da Louisiana State University.⁷³

Os tempos haviam mudado, já não mais existia a posição vitalícia de Professor Cate-drático, mas o emprego (como rezam os editais de abertura de concurso) de Professor Titular, com poderes muito limitados e dependentes das flutuações políticas das Universidades brasileiras. Na verdade, o Professor Titular não mais tem atribuições especiais e o que pode fazer não guarda dependência do seu título. Foi o que aconteceu com o Prof. Adonis, que continuou o que já vinha fazendo antes, isto é, os encargos da Pós-Graduação.

3.2 - A Terceira Geração

A terceira geração tem os limites ainda menos marcados que a segunda. Essa geração tem vários destaques que serão, ou já foram, mencionados. A geração mais nova, na maior parte se iniciando, inclui o grupo com Mestrado na Área de Concentração de Patobiologia de Professores e/ou Pesquisadores em vários dos Departamentos da UFPE, UPE e outras instituições científicas de Pernambuco.

O atual Prof. Titular do Departamento de Patologia da UFPE e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Anatomia Patológica é o Prof. José Figueredo da Silva. Em ambas as tarefas sucede ao Prof. Adonis Carvalho. Figueredo é graduado pela Faculdade de Ciências Médicas da UPE, com treinamento em Anatomia Patológica na UFPE e no Departamento de Patologia do Hospital de Câncer de Pernambuco, pouco depois Regente da Cadeira de Patologia na UFPI, Terezina. Voltou ao Recife onde obteve o Mestrado, seguido de Doutorado na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Após Concurso de Provas e Títulos tornou-se Professor Titular da UFPE. O Prof. Figueredo tem se dedicado às investigações em Patologia Tropical, principalmente filariose *bancrofti*, dedicando-se também ao desenvolvimento do ensino de graduação, por técnicas computacionais, e da Morfometria.

No momento há numerosos jovens em período inicial de treinamento e maturação, ainda sem titulações, em período de Residência médica e/ou fazendo créditos de Mestrado e outras formas de treinamento, alguns já em posições iniciais de natureza profissional e que fazem o futuro da Anatomia Patológica em Pernambuco.

4 - Programas e Serviços Especiais

4.1 - Registro de Câncer de Pernambuco

Ao retornar dos Estados Unidos, o Prof. Adonis verificou não haver no Brasil estudos epidemiológicos confiáveis em câncer, pelo que propôs o estabelecimento do Registro de Câncer de Pernambuco na Cadeira de Anatomia Patológica, aprovado em 1957,⁷⁴ tornando-se o primeiro Registro de Câncer com base populacional no País. Desenvolveu o *know-how* necessário e conduziu os primeiros anos do Registro. Somente em 1966 é que o Registro

⁷² International Pathology, Vol. 27, nº 3, Setembro de 1986, p 1. O mesmo número traz resumo do seu *inaugural address* em Viena, por ocasião do XVI International Congress of Pathology, pp 1-2.

⁷³ Parte dessas pesquisas foram publicadas em números especiais do *J Natl Cancer Inst*, Bethesda, Vol. 50, nº 6, 1609-1711, 1973, e em dois volumes das *IICC Technical Report Series*, Genebra, Vol. 35, 1978 e Vol. 75, 1983.

⁷⁴ Ata da Congregação da Faculdade de Medicina da UFPE de 2 de Setembro de 1957; Veloso Costa, op. cit. Vol. II, pp 119-30; Carvalho, Adonis: Anteprojeto do Serviço de Registro de Câncer de Pernambuco. *Rev Brasileira Cancerol* 23: 57-63, 1965; Bertoldo Kruse, Adonis Carvalho, Manoel Ricardo da Costa Carvalho: Projeto do Registro de Câncer de Pernambuco. *Unidade Sanitária* 9: 20-28, 1965; *Jornal Universitário*, nº 11, Julho de 1980, UFPE, Recife.

recebeu o reconhecimento e apoio financeiro do Ministério da Saúde. O Prof. Adonis Carvalho passou para o Dr. Bertoldo Kruse a Chefia do Registro, permanecendo como responsável pelo controle de qualidade e uniformização de nomenclatura. Em 1982, pela primeira vez, dados de Epidemiologia de câncer no Brasil foram publicados internacionalmente.⁷⁵ O Prof. Pelayo Correa, da Louisiana State University, teve considerável papel no desenvolvimento do Registro. Mais tarde Manoel Ricardo da Costa Carvalho, Professor Catedrático de Medicina Social da UFPE, assumiu a direção do Registro, até a sua aposentadoria. No momento o Registro está sob os auspícios da Secretaria de Saúde do Estado.

4.2 - Programa de Pós-Graduação em Anatomia Patológica (PPGAP/UFPE)

O Programa foi precedido de Cursos de Especialização organizados pelo Prof. Adonis Carvalho, que antecederam a Residência Médica. Ao tempo em que a Legislação brasileira foi modificada, criando-se a Pós-Graduação *sensu strictu*, tudo foi difícil por haver objeções, particularmente na Medicina, onde não havia tradição no sistema. O País estava sob regime militar e as normas eram impostas sem maiores discussões. A Reforma Universitária havia sido preparada por intelectuais de esquerda, como Anísio Teixeira. O regime militar achou que seria útil a quebra do poder dos professores Catedráticos: para isso a reforma era oportuna. Embora fosse um dos que partilhavam desse criticismo, Adonis Carvalho compreendeu que ficando o Departamento fora do novo sistema, haveria grande prejuízo para a desenvolvimento da Anatomia Patológica. Argumentou com Barros Coelho e convenceu-o de que se teria que obedecer à legislação. O Prof. Barros Coelho concordou, encarregou-o de estabelecer a Pós-Graduação e, como era do seu feitio, deu-lhe ampla liberdade de ação.

O Programa de Pós-Graduação em Anatomia Patológica da UFPE foi o primeiro da área, no Brasil, reconhecido pelo Conselho Federal de Educação. O seu ponto central foi abrir a pesquisa para toda a Nosologia Regional, não deixá-la restrita à Patologia Tropical, de vez que essa área já estava coberta com criatividade e competência. Outra abordagem foi a ênfase na Patologia Humana, o que provocou a cerrada oposição de membros mais conservadores do sistema de controle da Pós-Graduação em Patologia.⁷⁶ O Programa foi eficaz na formação de recursos humanos, no enriquecimento das linhas de pesquisa, na introdução de novas tecnologias e na geração de sub-especialidades.

Doutra parte, deu relevância à Epidemiologia Patológica (Patologia Geográfica), hoje um método fundamental de investigação das doenças. A Disciplina de História da Anatomia Patológica, até o momento a única no Brasil, antecipou de vários anos a criação da History of Pathology Society, Washington, DC, EUA, e influenciou o Departamento de História da UFPE a estabelecer um Grupo de História das Ciências da Saúde. A inovação dada pela Disciplina de Anatomia Patológica Quantitativa (Morfometria) levou à introdução da Informática Médica em Pernambuco. Na área de Citopatologia o Programa foi capaz de estimular o aparecimento de talentos no campo da Citologia de punção por agulha fina.

A Disciplina de Ética Médica, incluída no Mestrado desde o seu começo, provocou modificações no ensino tradicional que anteciparam os conceitos atualmente em voga de Bioética.⁷⁷ Mais tarde, quando o Prof. Marcos Almeida, da Escola Paulista de Medicina, pernambucano radicado em São Paulo, substituiu Adonis Carvalho na regência da Disciplina, desenvolveu e ampliou a experiência do Recife, levando-a para todo o Brasil.

⁷⁵ *Cancer Incidence in Five Continents*, vol. IV, OMS/IARC, Lyon, 1982.

⁷⁶ Adonis Carvalho: *Alguns tópicos para discussão e propostas para a reunião sobre Pós-Graduação em Patologia patrocinada pela CAPES em 20-21 de Novembro de 1986*. Recife, UFPE, 1986.

⁷⁷ Até àquele tempo os cursos de Ética eram reduzidos aos aspectos formais e os da etiqueta médica. Adonis Carvalho usou a sua experiência de quinze anos como Conselheiro do Conselho Regional de Medicina de Pernambuco, inclusive como seu Presidente. Àquele tempo realizou visitas sucessivas a centros avançados de estudos de Ética, como o Hastings Center for Ethics, em Hastings upon Hudson, NY, para essa reformulação.

Até Maio de 1999 um total 39 professores/pesquisadores havia obtido o Mestrado e três também o Doutorado.⁷⁸ Com o estabelecimento da Área de Concentração em Patobiologia foi aberto um novo campo para Biólogos, Biomédicos, Farmacêuticos, Odontólogos, Médicos não-patologistas tornando-se rapidamente o setor de maior crescimento.⁷⁹

4.3 - Laboratório de Citogenética Humana

Em 1967 Adonis Carvalho estabeleceu na Cadeira de Anatomia Patológica o Laboratório de Citogenética Humana onde obteve, por técnicas de cultivo de linfócitos à curto termo, o primeiro cariotipo humano no Nordeste do Brasil.⁸⁰ Em 1970 o Laboratório foi transferido para a Cadeira de Puericultura e passou a ter oportunidades maiores. O Prof. José Aarão Martins de Carvalho, que havia colaborado com o Prof. Adonis no estabelecimento do Laboratório, assumiu a Chefia e realizou treinamento com o Prof. Hector Marquez Monter na cidade do México. O Laboratório foi transferido para o Hospital das Clínicas da UFPE em 1980, quando o Prof. Aarão estabeleceu um Ambulatório de Genética Humana.

4.4 - Residência Médica em Anatomia Patológica

Em 1964 foi iniciado o Programa de Residência Médica em Anatomia Patológica em Pernambuco, no Hospital Universitário D. Pedro II, credenciado em 1968. No começo foi desenvolvido em dois anos, sendo um em rodízio em Clínica Médica, Clínica Cirúrgica e Laboratório Clínico e o outro em Anatomia Patológica. A partir da criação da Comissão Nacional de Residência Médica o ingresso passou a ser feito diretamente na Anatomia Patológica por dois anos, com mais um ano opcional. Durante os anos que precederam esse acontecimento, o Departamento de Patologia da UFPE colaborou como participante ativo dos programas de Residência de outras áreas à partir da implantação do Programa em 1958.

4.5 - Núcleo Interdepartamental de Imunopatologia

Em 1962 o Prof. Ageu Magalhães Filho⁸¹ propôs o estabelecimento no Departamento de Patologia da UFPE de um laboratório de imunopatologia da esquistossomose, obtendo apoio da Kellogg Foundation. e do Conselho Nacional de Pesquisas em 1976 e, mais tarde, da Missão Japonesa. A UFPE oficializou-o em 1978 como Núcleo Interdepartamental de Imunopatologia, reunindo os Departamentos de Patologia e o de Doenças Tropicais, este último tendo como Catedrático o Prof. Ruy João Marques, na época Pro-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE do Reitorado Paulo Maciel. Nesse período Ageu Magalhães Filho e seus colaboradores desenvolveram as técnicas básicas de imunopatologia, antes não disponíveis no Nordeste. A mudança do Departamento para o *Campus* da UFPE e os maiores investimentos por parte do Japanese International Cooperation Agency (JICA) possibilitaram o treinamento no Japão do grupo de pesquisadores do Núcleo, Nicodemos Telles de Pontes Filho, Luciano Tavares Montenegro e Paulo Cunha Miranda. Com o desenvolvimento do Projeto foi possível a sua transformação num grande laboratório de pesquisas, o que se deveu principalmente ao entusiasmo do Prof. Keizo Assami, Chefe do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Keyo, Tóquio, que dedicou os últimos anos da sua vida a esse

⁷⁸ A evolução do Programa de Pós-Graduação em Anatomia Patológica está detalhadamente documentada na CAPES, Ministério da Educação, Brasília e nos seus arquivos, pelos relatórios anuais.

⁷⁹ São eles (elas): José Remigio Neto, Sonia Pereira Leite, Frederico Guilherme de Almeida Brayner, Cintia Gonçalves de Faria Machado, Cleide Clea Cunha Miranda, Maria das Graças Correia dos Santos, Maria Edileuza Felinto Brito, Adriana Maria Silva Telles, Gleicy Fátima Medeiros de Souza, Aurora Karla de Lacerda Vidal.

⁸⁰ Bernardo Beguelman, 1980, pp 273-305.

⁸¹ Veloso Costa, op. cit., Vol. V, pp 169-96.

objetivo. Houve muitas dificuldades de natureza burocrática na UFPE, ameaçando de fracasso o empreendimento. Foi quando o Prof. Ageu, que exercia o cargo de Diretor do Instituto Ageu Magalhães do Ministério da Saúde, conseguiu a construção do novo edifício do Instituto em terreno cedido em comodato pela UFPE, nos Reitorados do Prof. Paulo Maciel e o seu sucessor Prof. Geraldo Lafayette, por convênio com o Ministério da Saúde e o da Educação. O Núcleo incluiu laboratórios totalmente equipados de Microscopia Eletrônica, Anatomia Patológica, Imunopatologia e cultura de tecidos. O Prof. Assami faleceu antes da inauguração e o seu nome foi dado ao Laboratório.

Excetuando a cessão do terreno, a UFPE nada gastou com o LIKA. O prédio foi obra do Ministério da Saúde e os milhões de dólares com equipamentos correram por conta da JICA e, em pequena parte, do CNPq. Pelo falecimento inesperado, no cargo, do Reitor Lafayette, assumiu o poder o grupo que lhe fazia oposição. A nova administração interditou a obra e, em seguida, expropriou o LIKA do Departamento de Patologia e do Centro de Ciências da Saúde, quando já estava em condições plenas de funcionamento, passando-o para a administração direta da Reitoria.⁸² Apesar do Departamento de Patologia, através dos pesquisadores do antigo Núcleo de Imunopatologia permanecer representado no LIKA, a decisão prejudicou gravemente o desenvolvimento da pesquisa médica, particularmente na Anatomia Patológica.

4.6 - Formação de Departamentos de Patologia para outras Universidades do Nordeste

De grande relevância foi a participação do Departamento de Patologia da UFPE no estabelecimento de Centros de Patologia em outros Estados.⁸³

Natal, UFRN: Uma vez estabelecida a Faculdade de Medicina do Rio Grande Norte coube ao Departamento de Patologia da UFPE, a missão de prover o ensino da Anatomia Patológica por convite da Reitoria da UFRN. Barros Coelho foi o primeiro regente da Cadeira, seguindo-se o envio de professores do Recife, ao mesmo tempo em que se preparavam docentes para lá ficarem permanentemente. O primeiro foi o Prof. Nivaldo José Ribeiro, por cerca de dois anos. O Dr. Getúlio de Oliveira Sales fazia treinamento no Recife e foi enviado a Natal com a finalidade de reger a Cadeira, onde se estabeleceu um ativo grupo de Anatomia Patológica. Grande parte dos demais patologistas e professores de Patologia de Natal foram treinados no Recife, pela Residência Médica e/ou Mestrado da UFPE cujo primeiro formando foi o Prof. Jessione de Carvalho Lima, da UFRN, em 1976. Outros treinados no Recife foram os Professores Carlos César Formiga Ramos, Ana Maria de Oliveira Ramos, Josefa Ferreira, Maria Goretti Freire de Carvalho.

Campina Grande e João Pessoa, UFPB: Uma política similar foi desenvolvida para a Faculdade de Medicina de Campina Grande, mais tarde, *Campus* de Campina Grande da Universidade Federal da Paraíba, onde Barros Coelho foi o primeiro Regente da Cadeira de Anatomia Patológica. Como aconteceu em Natal, vários dos professores da UFPB foram treinados no Recife, como Médicos Residentes ou no Mestrado de Anatomia Patológica: Amílcar Souza Leão, Maria Cláudia Vaz Diniz., Rosalina Rosas Wanderley, Paula Frassinete de Almeida Rodrigues (Mestre), Maria Salete Trigueiro de Araújo (Mestre), Avani Daniel de Assis (Mestre), Carlos Alberto Fernandes Ramos. Merece menção especial o Dr. Ayrton Queiroga, treinado no Recife, regressando à Campina Grande onde exerceu por vários anos a especialidade. Posteriormente, emigrou para o Estados Unidos onde mantém um serviço de consulta para patologistas por telepatologia.

Outras Universidades do Nordeste: da UFPI foram treinados no Recife os professores

⁸² Esse foi um dos episódios mais bizarros da história universitária do Brasil. Designaram para dirigi-lo um professor estranho ao processo de criação do LIKA, também estranho à Patologia, à Imunopatologia e à Medicina Tropical. As autoridades que expropriaram o LIKA pertenciam à mesma facção que, anos antes, havia fechado a Faculdade de Medicina.

⁸³ Veloso Costa, op. cit., vol. I, pp 174-5.

Francisco Marques dos Santos, José Figueredo da Silva, já referidos, e o Dr. Raimundo Gerônimo Silva. Da UFSE, Maria do Carmo Correia (Mestre), Sônia Maria Lima Santana Marcena. Da UFAL, Ricardo Luiz Simões Houly e Antonio Fernando de Sousa Bezerra (Mestre). Da UFMA, o Professor José Leão da Silva Mello.

Universidade de Londrina, PR: O Prof. Barros Coelho organizou a Cadeira de Patologia da Universidade de Londrina, PR, onde permaneceu pelo período de 1974-75, posto à disposição pela UFPE.

5 - Outros Centros de Desenvolvimento da Anatomia Patológica em Pernambuco

5.1 - Instituto Ageu Magalhães

Como já referimos, o Prof. Ageu Magalhães havia imaginado um grande Instituto de Pesquisas dedicado às doenças parasitárias no Recife.⁸⁴ Para isso usou o seu prestígio intelectual junto às autoridades e pesquisadores vinculados ao Ministério da Saúde, como Evandro Chagas e Amilcar Barca Pellon,⁸⁵ para a consecução daquele objetivo. A construção foi rápida e inaugurada em 1950. Ageu não chegou a ver a obra completada, pois faleceu um pouco antes. O seu nome foi dado à nova instituição. Lá trabalharam por períodos distintos vários membros da Escola de Anatomia Patológica de Pernambuco, como Barros Coelho, Ageu Magalhães Filho e Eridan de Medeiros Coutinho, os dois últimos tendo exercido o cargo de Diretor, Ageu Filho no período de 1978-1987, a Profa. Eridan de 1993-97.

5.2 - Cadeiras de Anatomia Patológica e Patologia Geral da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade de Pernambuco (UPE)

Em 1950, professores Livre-Docentes da UFPE fundaram uma nova faculdade de Medicina, a Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, instalada em 21 de Abril de 1951.⁸⁶ Os Professores Durval Tavares de Lucena e Raimundo de Barros Coelho, fundadores da nova Escola, foram Professores Catedráticos, respectivamente, de Patologia Geral e de Anatomia Patológica. O Prof. Adonis Carvalho, inicialmente Assistente, sucedeu ao Prof. Lucena como Professor Titular mas, cedo, ficou em tempo integral somente na UFPE. O Prof. Ageu Magalhães Filho substituiu a Barros Coelho quando da sua aposentadoria e foi sucedido pela Profa. Eridan de Medeiros Coutinho (Livre-Docente), por concurso de Provas e Títulos. Ela fundou o Serviço Integrado de Anatomia Patológica do Hospital Universitário Oswaldo Cruz sendo a Patologia Tropical o seu ponto de maior interesse. O Prof. José Aarão Martins de Carvalho, a quem já referimos, tornou-se Professor Titular de Genética, por concurso em 1992.

5.3 - Departamento de Patologia do Hospital do Câncer de Pernambuco (HCP)

Em 1955 Adonis Carvalho foi convidado pelo Diretor da Clínica de Câncer de Pernambuco (então com quinze leitos),⁸⁷ cirurgião Waldemir Ferreira Lopes, para participar da Clínica. Até então as preparações histológicas eram enviadas ao laboratório particular do Prof. Barros Coelho, que as “lia”, sem remuneração, não estando interessado em continuar. De fato, as condições na Clínica de Câncer eram muito precárias; as lâminas eram confeccionadas em uma pequena sala com um mínimo de aparelhagem. O técnico era um ex-paciente da Clínica Dermatológica da UFPE (Prof. Jorge Lobo) do vizinho Hospital de Santo Amaro, onde prestava

⁸⁴ Veloso Costa, op. cit. Vol. V, pp 153-87.

⁸⁵ Idem, p 156.

⁸⁶ Leduar de Assis Rocha, 1975.

⁸⁷ Veloso Costa, op. cit., vol. II, p 119-124. Cinquenta Anos de Amor à Vida, Sociedade Pernambucana de Combate ao Câncer, Edição Comemorativa do 50º Aniversário, Recife, 1995.

serviços. O Prof. Adonis Carvalho condicionou assumir a responsabilidade à melhoria de instalações, equipamento e recursos humanos. As condições foram aceitas e cumpridas, na medida do possível. O advento de um patologista disponível na Casa teve grande repercussão numa Clínica que padecia de profissionais devidamente treinados, levando Adonis Carvalho a pleitear o estabelecimento de um Departamento de Patologia, o que viria a acontecer em 1958. Mais tarde a Clínica foi transformada no Hospital de Câncer de Pernambuco e teve grande expansão.

O novo Departamento tornou-se um ramo das Cadeiras de Anatomia Patológica da UFPE e de Patologia Geral da UPE e uma sua porta de entrada. Tornou-se um centro de formação e treinamento de anatomopatologistas, citopatologistas, citotecnologistas, assim como Médicos Residentes de várias procedências. A partir de 1993 foi instalado um Laboratório de Imunopatologia para fins de diagnóstico, tendo como principal responsável o Prof. Luciano Montegro, já mencionado, e servindo a todo o Estado.

5.4 - A Anatomia Patológica no Interior de Pernambuco

Ao contrário de outros Estados brasileiros, o Interior de Pernambuco é pobre e raramente dá oportunidade para patologistas residentes. O Dr. Romualdo Correia Lins Filho estabeleceu, em 1984, o primeiro laboratório de Anatomia Patológica do Interior de Pernambuco, na cidade de Caruarú, centro comercial e fabril do Agreste. Ele havia se graduado em Medicina pela UFPB em 1977, Professor Assistente de Histologia e Embriologia Geral da mesma Universidade, com créditos de Mestrado de Anatomia Patológica na UFPE e treinamento adicional no Departamento de Patologia do HCP. O Dr. Luís Olavo Oliani, formado pela Escola de Medicina Souza Marques em 1980, com residência médica no IASERJ, ambos no Rio de Janeiro, instalou-se em 1983 em Petrolina, no Sertão pernambucano, centro agrícola e comercial às margens do Rio São Francisco.

6 - Criação das Sub-Especialidades em Anatomia Patológica

Nos primórdios da Anatomia Patológica em Pernambuco eram os clínicos internistas que ensinavam-na, não diferindo do que aconteceu no Brasil e no mundo inteiro. No nosso caso isso ocorreu com Aggeu Magalhães, como já vimos. Dos demais da primeira geração Barros Coelho, Bezerra Coutinho, Humberto Menezes, Clóvis Marques de Almeida e Hélio Mendonça tinham laboratórios privados de Patologia Clínica que praticavam junto com a Anatomia Patológica.

Por outro lado, todos os patologistas de Pernambuco exercem ou exerceram a atividade em Laboratório Privado para sustentar um padrão mínimo, que a atividade universitária ou institucional não permite pelos baixos salários vigentes no Estado. Isso explica a dificuldade de se exercer uma sub-especialidade em caráter puro. Todos fazem Anatomia Patológica Geral, mas alguns têm desenvolvido aptidões em campos especializados. É essa mescla que estamos chamando de sub-especialidades em Anatomia Patológica.

6.1 - Neuropatologia

Foi a primeira sub-especialidade da Anatomia Patológica estabelecida em Pernambuco, devendo-se aos esforços do Catedrático de Neurologia da UFPE Jarbas Pernambucano de Mello, que montou um laboratório de Neuropatologia. Em 1952 trouxe da Universidade de Heidelberg, Alemanha, o Prof. Jacob Christi, para dirigi-lo. O estudante de Medicina Guilherme Montenegro Abath, no ano em que graduou-se, foi indicado para trabalhar com o Dr. Christi. Em 1957 substituiu-o quando do seu regresso à Alemanha e tornou-se Professor Assistente da Cadeira de Anatomia Patológica. Em 1966 transferiu-se para Medicina Pre-

ventiva e Social. Com a sua saída assumiu os encargos da Neuropatologia o Dr. Roberto José Vieira de Mello que havia se iniciado, ainda como estudante de Medicina, no Departamento de Patologia do Hospital de Câncer de Pernambuco, depois também na UFPE e no NEURO, hospital puramente neurológico do Recife. O Programa de Pós-Graduação em Anatomia Patológica da UFPE trouxe o Prof. Gabriel Toro da Universidade Nacional de Bogotá, treinado na Europa e autoridade em leucodistrofias. O jovem Roberto foi o principal alvo dessa atividade e no período 1978-79 estagiou no Instituto de Neuropatologia da Universidade de Bonn, Alemanha. Assim foi retomado o fio da Neuropatologia.

6.2 - Patologia Dermatológica

A criação dessa Sub-Especialidade teve muito que ver com Jorge Lobo, Catedrático da Clínica Dermatológica e Sifiligráfica (sua denominação à época, que bem expressa a importância da sífilis). O Prof. Jorge foi uma figura de grande expressão. Descobriu a Micose Queloideana ou Doença de Jorge Lobo, que lhe granjeou presença em todos os tratados de Dermatologia. Ele próprio foi o primeiro dermatopatologista de Pernambuco. O então Professor Assistente da Cadeira de Anatomia Patológica Valdir Bandeira da Silva, discípulo e genro de Jorge Lobo, passou a exercer a Dermatopatologia como especialidade.

6.3 - Patologia Forense

Ao final dos anos Cinquenta o velho problema da Patologia Forense começou a ser equacionado. Theodorico de Freitas, Catedrático de Medicina Legal da UFPE e UPE, solicitou à Cadeira de Anatomia Patológica a preparação de um professor de Patologia Forense. Foi indicado o médico Marcos Almeida, que fazia treinamento na Cadeira de Anatomia Patológica e que foi nomeado Professor Assistente de Medicina Legal. Posteriormente recebeu treinamento na USP, São Paulo e em Londres. Transferiu-se em 1968 para São Paulo, onde tornou-se Professor Titular da Escola Paulista de Medicina (UNIFESP). Dois professores assistentes de Anatomia Patológica da UFPE, Nivaldo José Ribeiro e Antônio Victoriano da Costa Barbosa foram legistas do Instituto de Medicina Legal de Pernambuco. A Pós-Graduação em Anatomia Patológica na UFPE vem recebendo médicos dedicados à Patologia Forense, como os professores de Medicina Legal Marcílio Lins Aroucha e Horácio Mário Fittipaldi Jr.

6.4 - Patologia Veterinária

Em 1959 graduou-se em Medicina Veterinária na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro Maria Inez Cavalcante, com ênfase na Anatomia Patológica influenciada pelo Prof. Jefferson Andrade dos Santos. Voltou ao Recife, onde passou a trabalhar no Instituto de Biologia Animal como patologista. Na Pós-Graduação em Anatomia Patológica da UFPE obteve o Mestrado, em 1978, tornou-se rapidamente conhecida, inclusive, como membro da Sociedade Brasileira de Patologia e da Seccional de Pernambuco. Ao aposentar-se três dos seus discípulos continuaram o seu trabalho, os Professores Mário Martins Menezes, Frederico Celso Lira Maia e Fernando Leandro dos Santos.

6.5 - Outras Sub-Especialidades

Tentativas sem maiores sucessos foram feitas na década dos anos Setenta em relação a Nefropatologia. À partir de 1980 o Dr. Roberto Jacques Neiva de Oliveira, do Departamento de Medicina Clínica, passou a dedicar-se especificamente às biópsias renais. Em 1985 passou a ter cobertura da Pós-Graduação em Anatomia Patológica, sendo atualmente responsável pelo setor no Hospital das Clínicas da UFPE.

A Citopatologia por punção de agulha fina vem tendo grande desenvolvimento com Maria da Conceição Aguiar Lyra (Doutor), Daisy Nunes de Oliveira Lima (Mestre), Consuelo Antunes Barreto Lins, Maria Raymunda Maranhão, Isa Krutmann e Catarina de Oliveira Neves.

A Pós-Graduação em Anatomia Patológica tem sido incentivadora de sub-especialidades à partir de linhas de pesquisa e teses. Isso aconteceu para a Patologia Pulmonar com a Profa. Adjunta Sílvia Limongi Lopes (Doutor). O mesmo ocorreu para a Patologia Gastroentérica com a Profa. Norma Thomé Jucá (Doutor). A Patologia Placentária vem sendo objeto da Profa. Telma Rejane Campello (Mestre). A Patologia Mamária é a especialidade da Profa. Maria do Carmo Carvalho de Abreu-e-Lima (Doutor), incluindo a correlação entre os aspectos radiológicos e anatomopatológicos. Na Patologia Odontológica devem ser mencionados o Prof. Luiz Kosminsky (Prof. Titular) que fez treinamento adicional no Hospital de Câncer de Pernambuco desenvolvendo técnicas de citodiagnóstico. O Odontólogo Prof. Rildeje Accioli Cavalcanti vem dedicando-se ao ensino da Patologia Oral na UPE.

7 - Seccional de Pernambuco da Sociedade Brasileira de Patologia (SBP)

O interesse dos patologistas de Pernambuco pela SBP manifestou-se desde os primeiros momentos. À sua fundação em Curitiba à 6 de Agosto de 1954,⁸⁸ Pernambuco representou-se por Barros Coelho. Patologistas de Pernambuco tornaram-se sócios da SBP, ainda no ano de 1954. O entusiasmo levou-os, em 10 de Novembro de 1955, a fundar uma associação estadual, da qual foram membros fundadores os Drs. Raimundo de Barros Coelho, Aluizio Bezerra Coutinho, Humberto Menezes, Ageu Magalhães Filho, Clóvis Marques de Almeida, Adonis R. L. de Carvalho, Eridan Coutinho, Guilherme Abath, Hélio Gomes de Matos Mendonça, Paulo Gambetá (os dois últimos da Cadeira de Histologia e Embriologia Geral, UFPE), Carlos Alberto Correia de Araújo e Abelson Lyra, hematologistas. A nova Sociedade foi denominada Sociedade Brasileira de Patologistas (esse era o nome da SBP na época), Seccional de Pernambuco. A primeira Diretoria, eleita por aclamação, foi constituída por Barros Coelho (Presidente) e Adonis Carvalho (Secretário), redator da ata de fundação⁸⁹ e responsável pela sua organização.

À partir da II Reunião Bial da Sociedade Brasileira de Patologistas, realizada em São Paulo, patologistas de Pernambuco participaram com trabalhos e outras atividades em todos os seus conclave. Têm ocupado cargos de Diretoria da SBP, como Barros Coelho (Presidente, 1959-1960) e Ageu Magalhães Filho (Presidente, 1974-1975). Adonis Carvalho foi membro de Bancas Examinadoras de Especialista em Patologia, em 1968, 1974, 1979 e 1981. Receberam o título de Sócio Emérito da SBP Barros Coelho, Ageu Magalhães Filho e, recentemente, Adonis Carvalho.



Os patologistas de Pernambuco realizaram dois Congressos Nacionais da SBP: a III Reunião Bial, no Recife, em 1960, presidida pelo Prof. Barros Coelho e o XI Congresso Brasileiro de Patologia, presidido pelo Prof. Adonis Carvalho em 1975, em conjunto com o X Congresso Latinoamericano de Patologia e o IX Congresso Brasileiro de Patologia Clínica. O principal objetivo desse Congresso foi interagir com a diáspora dos patologistas latinoamericanos nos Estados Unidos, e torná-los mais conhecidos no

Professor Raimundo de Barros Coelho, à direita, Professor Catedrático de Anatomia Patológica. Nesta foto está com o Professor Peter Gedigk, da Universidade de Bonn, em visita ao Recife de volta do XIII Congresso Brasileiro de Patologia quando instalou oficialmente a Divisão Brasileira da Internacional Academv of Patholoav

⁸⁸ Ata de Fundação da Sociedade Brasileira de Patologistas transcrita no Livro do X Congresso Brasileiro de Patologia, Curitiba, 1974, sem numeração de páginas.

⁸⁹ Livro de Atas da Sociedade Brasileira de Patologistas, Seccional de Pernambuco, fl 1, 10 de Novembro de 1955. O fato foi noticiado pelo Boletim da Sociedade Brasileira de Patologistas, vol. 2, nº 12, pp 2-3, juntamente com o relato das atividades desenvolvidas no ano de 1955.

Brasil e na América Latina. Foi naquela ocasião que surgiu a idéia da Latin American Pathology Foundation (LAPF), como está registrado pelo Dr. Hernando Salazar.⁹⁰ A Fundação, estabelecida em 6 de Março de 1979, congrega os patólogos latinoamericanos residentes nos Estados Unidos e Canadá.⁹¹

A Secção de Pernambuco da SBP teve como Diretores a quase a totalidade dos que exercem a Patologia em Pernambuco. No momento exerce a Presidência a Profa. Maria do Carmo Carvalho de Abreu-e-Lima.

8 - Divisão Brasileira da Internacional Academy of Pathology (IAP)

Tão logo eleito para o primeiro mandato como Vice-Presidente da IAP para a América do Sul em 1976, o Prof. Adonis Carvalho trabalhou para o estabelecimento da Divisão Brasileira. Fundou-a no Recife, mas em contacto com patologistas de outras partes do País. Fez o pedido de aprovação à IAP, com respectivos Estatutos, onde transitou sem maiores problemas, mas o Dr. Maurício Rapaport, Presidente da Divisão Argentina, vetou a proposta inicial de uma Divisão Brasil-Paraguai. A junção de mais de um País numa mesma Divisão era recomendada pela IAP àquele tempo, como é o caso da U.S.-Canadian Division e da British Division. O veto resultou do fato de juntar-se uma grande Divisão, como seria a Brasileira, com um grupo ainda muito pequeno, o do Paraguai. Aceito o veto, foi aprovada a Divisão Brasileira com o direito dos patologistas paraguaios poderem pertencer, tanto à Divisão Brasileira, como à Argentina. Devido a esse episódio histórico o Dr. Antonio Cubilla, de Assunção, Paraguai, foi o segundo Presidente da Divisão Brasileira.

A Divisão Brasileira foi aprovada pelo International Council da IAP em 1978, por ocasião do XII IAP International Congress, em Jerusalém.⁹² Na época da aprovação tinha 63 membros. Foi instalada formalmente em 5 de Fevereiro de 1979 durante o XIII Congresso Brasileiro de Patologia, Brasília, DF, comparecendo o Presidente da IAP Prof. Peter Gedigk, da Universidade de Bonn. A primeira Diretoria da Divisão foi formada pelos Drs. Carlos Marigo (Presidente), Antonio Cubilla (Presidente-Eleito), Domingos de Paola (Vice-Presidente), Osvaldo Giannotti Filho (Secretário-Tesoureiro), Humberto Torloni (Conselheiro para a IAP).

De 12-15 de Outubro de 1982 a Divisão Brasileira patrocinou conferência do Dr. Sérgio Ferreira sobre "Novos avanços em Prostaglandinas" no IV Congresso Regional Sul, da SBP, em Florianópolis. O Presidente era o Dr. Antonio Cubilla, o Prof. Marcello Franco, (Botucatu, SP) Secretário-Tesoureiro.⁹³

Naquele ano assumiu a Presidência (1983-84) o Prof. Thales de Brito (São Paulo, SP). Houve um esforço considerável dos Drs. Jack M. Layton e Adonis Carvalho, Presidente e Presidente Eleito da IAP, para levar o Congresso Internacional para o Brasil. O Dr. Layton compareceu ao XVI Congresso Brasileiro de Patologia, em Ribeirão Preto⁹⁴ com essa finalidade, mas O Prof. Brito achou inviável economicamente a sua realização. Assumindo em 1986 a Presidência da IAP o Prof. Adonis Carvalho manteve a sua disposição de trazer o Congresso Internacional da IAP para a América do Sul. A Divisão Argentina, presidida pelo Dr. Natálio Guman, tendo como Secretário o Dr. Eduardo Santini de Araújo, havia refreado a sua própria candidatura em atenção à possível candidatura do Brasil. Com o desinteresse da Divisão Brasileira, a Divisão Argentina assumiu a responsabilidade do XVIII IAP International Congress,

⁹⁰ Newsletter # 8, Latin American Pathology Foundation, Maio de 1981.

⁹¹ Idem, Newsletter # 9, Setembro de 1981.

⁹² O fato está registrado no International Pathology, International Academy of Pathology, vol. 19, nº 3, Setembro de 1978, que também registra a instalação em Brasília, a composição da primeira Diretoria e a presença do Prof. Gedigk, Presidente da IAP.

⁹³ International Pathology, Vol. 23, nº 8, Setembro de 1982, p 1.

⁹⁴ Idem, vol. 26, nº 4, Dezembro de 1985, p 2. Informa da participação da Divisão Brasileira nesse Congresso da SBP. Idem, vol. 28, nº 2, Junho de 1987, p 1, registra a visita do Presidente Layton ao Congresso da SBP em Ribeirão Preto.

com o apoio do Presidente Adonis Carvalho e a aprovação do International Executive Committee na reunião de Dublin, no XVII International Congress.⁹⁵ O XVIII International Congress foi realizado com grande êxito em Buenos Aires de 9-14 de Setembro de 1990, o único na América do Sul até esta data.

A ascensão do Prof. Marcello Franco à Presidência da Divisão Brasileira da IAP, ao mesmo tempo que foi Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia, constituiu-se em fato de maior significação para ambas as Sociedades, estabelecendo-se qualidade internacional para as atividades dos patologistas brasileiros. A Divisão Brasileira passou a ser uma das maiores da IAP.

8.1 - Oswaldo Cruz e a International Academy of Pathology

Vale acrescentar, como registro histórico, o fato de que Oswaldo Cruz (1872-1917) foi o primeiro membro brasileiro da IAP, proposto em 1909, quando se chamava International Association of Medical Museums. O fato está registrado na circular de 12 de Outubro de 1909 da Dra. Maude Abbott, Secretária-Tesoureira, na qual informava que *these gentlemen signified their wish to join the Association*. Na mesma ocasião foram propostos entre outros, também, Hans Chiari, Karl Herxheimer, O. Lubarsch, Pierre Marie, Gustave Roussy. A lista menciona também o Dr. Olferstan Thomas, North Brazil que, presumimos, pode ter sido um *scholar* estrangeiro trabalhando na Amazônia.⁹⁶ É de notar-se que o Army Medical Museum, hoje parte do Armed Forces Institute of Pathology, patrocinou a nova Sociedade. O seu Presidente na época era o Major James Carroll.

Oswaldo Cruz já tinha grande fama e o seu nome havia sido dado em 1908 ao Instituto de Manguinhos, que fundou em 1901. Era conhecido mundialmente, principalmente pela erradicação da febre amarela no Rio de Janeiro em 1901.⁹⁷

9 - O Futuro

Uma previsão do que será o anatomopatologista do futuro foi objeto de editorial que escrevemos para o Jornal da APESP, em 1988.⁹⁸ Naquele exercício de futurologia, baseado na evolução dos métodos de diagnóstico nos últimas décadas, salientando-se os de imagem, resultando na visualização em alta resolução do corpo humano ao vivo para a identificação de estruturas, moléculas, produtos de síntese, de fato “uma nova histoquímica de alta precisão, sem necessidade de biópsia.” Uma nova Anatomia Patológica tornou-se possível graças às novas técnicas de identificação de moléculas nos níveis tissular, celular e ultraestrutural que permitem a individualização e análise por hibridização *in situ* de ácidos nucléicos e a quantificação de estruturas e moléculas pela Anatomia Patológica Quantitativa (Morfometria). No editorial a que nos referimos antecipamos a fusão da Anatomia Patológica com a Imagenologia, o estreitamento dos limites da Medicina com a Biologia e a Genética, o aumento da fragmentação da Anatomia Patológica em “setores especializados dos diferentes sistemas orgânicos e a sua compartimentalização resultante da necessidade do domínio de técnicas e/ou máquinas complexas.” Como enfrentar esse desafio? No editorial citado previmos a solução, ao expressarmos que “essa evolução dependerá mais e mais do desenvolvimento de técnicas de computação, principalmente de *experts systems*, afim de que seja possível a integração dos numerosos métodos de exploração do corpo humano”. E o que acontecerá com o patologista? Demos a resposta no texto em referência: “o anátomo-patologista do início do próximo milênio,

⁹⁵ Ibidem, vol. 29, nº 3, Setembro de 1988, p 1.

⁹⁶ Kenneth M. Earle, 1987, p 2.

⁹⁷ Garrison, op. cit., pp 719, 745, 760; Moll, op. cit., pp 355, 365, 367, 431, 433, 439-46, 477, 485, 571; Valdemar de Oliveira, 1974.

⁹⁸ Carvalho, 1988.

parecerá muito com o atual regente de orquestra sinfônica. Ele conhecerá bem cada instrumento e cada técnica, mas dependerá do instrumentista apropriado. O seu alto nível de competência será dirigido principalmente para a capacidade de integrar dados e retirar deduções. Ele dominará conhecimentos vastos de Patologia, de Clínica e de Informática e será, ao mesmo tempo, o Maestro e o Filósofo da Medicina.”

Passados onze anos dessas previsões não vemos por que alterá-las pois estão, de fato, acontecendo...

HISTÓRIA DA PATOLOGIA NO CEARÁ

Geraldo de Sousa Tomé

Introdução

Os primórdios e a fonte: A Faculdade de medicina do Ceará.

Qualquer abordagem sobre a história contemporânea da Anatomia Patológica ou de qualquer outro ramo da medicina do Ceará terá, necessariamente, que estabelecer como referencial a criação da Faculdade de Medicina, no ano de 1948.

Segundo o Prof. Paulo de Melo Machado, um de seus mais brilhantes fundadores, Patrono com todos os méritos da Cadeira nº 49 da Academia Cearense de Medicina, a criação e instalação da Faculdade de Medicina representou um verdadeiro renascimento da medicina cearense.



Faculdade de Medicina

O pioneiro

Foi inconteste a participação dos fundadores, destacando-se em relação à Anatomia Patológica a do Prof. Livino Virgínio Pinheiro, tornando-se seu primeiro Catedrático. Sendo ele dermatologista de formação, reorientou seus estudos para a Anatomia Patológica, enfrentando as naturais dificuldades da mudança de uma especialidade clínica para uma básica e difícil como a de Anatomia Patológica. Com o fim de se preparar para assumir as responsabilidades da cátedra deslocou-se a São Paulo, acompanhado por sua dedicada esposa, dona Maria da Conceição Athayde Pinheiro, que com grande abnegação e competência, desenvolveu treinamento em métodos histológicos tornando-se exímia técnica; com ela tive o privilégio de me aprimorar, ainda como estudante, em diversas técnicas histológicas, habilitando-me a exercer as funções de monitor da disciplina de Histologia e Embriologia (Prof. Jósa Magalhães).



Prof. Livino Pinheiro

Dona Mary, como a chamávamos, foi a colaboradora incansável e inexcedível, considerada pelo próprio mestre Livino como seu braço direito.

A patologia cearense muito deve à Universidade de São Paulo (USP), que acolhendo o Prof. Livino na Cátedra de Anatomia Patológica (Prof. Cunha Motta), contou também com a colaboração do ilustre mestre e querido amigo da Faculdade de Medicina do Ceará, Carlos da Silva Lacaz, que prestou ao Prof. Livino toda ajuda necessária ao bom desempenho de sua árdua e difícil missão. Realçamos a participação do Prof. Constantino Mignone de quem o Prof. Livino usufruiu benéfica influência e frutífera orientação e de quem guardou as melhores recordações.

Ao retornar a Fortaleza, montou em 1949 o primeiro laboratório de anatomia patológica do Ceará para preencher a lacuna até então existente em nosso meio médico, iniciando a tarefa pioneira de proporcionar os diagnósticos anatomopatológicos dos espécimes colhidos por biópsias ou através de intervenções cirúrgicas de médio ou grande porte. Até então os

diagnósticos eram feitos em materiais enviados para outros centros mais desenvolvidos tecnicamente, porém com os inconvenientes que são fáceis de aquilatar, mormente naqueles tempos em que os transportes e as comunicações eram ainda muito precários.

Movido pelo entusiasmo de pioneiro lançou-se à árdua tarefa de dar início ao ensino da Anatomia Patológica, contando com equipamento rudimentar e instalações físicas insuficientes. Mesmo assim, já, em 1949, assume e o faz com pleno êxito, a incumbência de atender a demanda do Instituto do Câncer como seu histopatologista, permanecendo até 1967. Sobre seu trabalho Newton Gonçalves, eminente cirurgião e um dos luminares da medicina cearense, assim se expressa “seus laudos de necrópsia e de cortes histológicos são modelo de precisão científica, de veracidade diagnóstica e de vernaculidade perfeita”. Isto acontecia nos tempos heróicos de sua estréia, quando teve que lutar e vencer as dificuldades do atraso do meio e do próprio grau de desenvolvimento da medicina do Estado, que somente a duras penas conseguia modestos progressos.

Poucos anos depois, retorna a Fortaleza o Dr. Hamilton dos Santos Monteiro, após especialização em Anatomia Patológica, realizada na Bahia, onde recebera orientação do experiente e conceituado Prof. Aníbal Muniz Silvany Filho, Livre Docente de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, de tantas das mais nobilitantes das tradições da medicina nacional, funda o laboratório que leva seu nome e introduz os exames per-operatórios por congelação. Após décadas de bons serviços prestados à Patologia Cirúrgica cearense, o Laboratório Dr. Hamilton Monteiro foi transferido ao seu orientando Dr. José Ferreira da Rocha Filho, que mantém o referido laboratório em pleno funcionamento, contando agora com a colaboração de sua filha médica Adriana, que optou pela patologia, fez Pós graduação em Botucatu (São Paulo) e após concurso público foi admitida como docente do Departamento de Patologia e Medicina Legal da Universidade Federal do Ceará, em 1998.

Enquanto isso, a Faculdade de Medicina instala-se em sua primeira sede na Praça José de Alencar (Fortaleza - Ceará), em prédio anteriormente ocupado pelo Grupo Escolar José de Alencar e, em 1951, o Prof. Livino ministra Anatomia Patológica para a primeira turma selecionada pelo exame vestibular de 1948. Nesta primeira fase prestou significativa colaboração um outro pioneiro da nossa Anatomia Patológica o Dr. Hamilton dos Santos Monteiro, como assistente até 1958, transferindo-se em seguida para a cadeira de histologia e embriologia (Prof. Jósa Magalhães).

Atentos às necessidades e ao desenvolvimento da Faculdade de Medicina do Ceará, os professores Walter de Moura Cantídio, José Carlos da Costa Ribeiro, Newton Theóphilo Gonçalves, Haroldo Gondim Juaçaba, Joaquim Eduardo de Alencar, Jurandir Marães Picanço, José Waldemar de Alcântara e Silva, Francisco Aluísio Pinheiro, além de Livino Pinheiro, não perderam tempo e começaram a organizar a preparação de recursos humanos para a futura integralização do currículo do curso médico.

Qualificação de Pessoal

Especial atenção foi voltada para as cadeiras básicas por serem as mais difíceis e menos atrativas para a atividade privada com limitadas perspectivas de recompensas pecuniárias.

Em 1953, então aluno do 3º ano do curso médico, depois de fazer a monitoria de Histologia e Embriologia (Prof. Jósa Magalhães) fui escolhido para realizar estágio em Histoquímica na Cátedra de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Lucien Lison e de seu assistente Dr. Vitório Valery. Neste mesmo ano, veio a lúmen a 2ª edição do livro de L. Lison “Histochemie e Cytochemie Animales - Principes et méthodes”. Gauthier-Villars, Éditeur, Paris,

até hoje útil para consultas em histoquímica. Estávamos no caminho certo, pois o renomado e respeitado cientista europeu era agora professor da jovem Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, então dirigida pelo saudoso professor Zeferino Vaz a quem tanto devem a veterinária e a medicina brasileiras.

O maior responsável por esta experiência bem sucedida foi o Prof. Newton Gonçalves que além de cirurgião de grande competência, era entusiasta colaborador do ensino da histologia e embriologia, e via em *Lison*, renomado cientista, a possibilidade de influenciar nossos estudantes para a pesquisa básica em medicina. Assim, essa iniciação básica, de excelente qualidade, proporcionou-me treinamento em técnicas histoquímicas, tendo realizado praticamente todas as que eram utilizadas nas atividades rotineiras e de pesquisas do departamento. Os conhecimentos adquiridos motivaram-me para a nova caminhada na trilha da anatomia patológica.

A visita do Professor Luigi Bogliolo



Prof. Luigi Bogliolo

A visita do Prof. Bogliolo (Chefe do Departamento de Anatomia Patológica, da Faculdade de Medicina, da Universidade Federal de Minas Gerais) foi de crucial importância para mim, em particular, e para a anatomia patológica do Ceará, em geral. Coube ao Prof. Bogliolo ministrar curso sobre histoquímica, seus fundamentos, técnicas e aplicações, assistido por alunos de todas as séries e por significativo número de professores, especialmente pelos das cadeiras básicas. Um outro curso que despertou maior interesse foi o que versava sobre oncologia. Naquele tempo não dispúnhamos de sala de necrópsia. Foi então improvisada uma mesa de necrópsia do anfiteatro de aulas práticas de anatomia humana a esta altura relativamente bem instalado (Prof. João Batista Saraiva Leão). Com criatividade, o funcionário Joaquim Ferreira Lima com grande experiência no trato com os cadáveres, como auxiliar do Prof. Saraiva Leão, improvisou uma mesa de necrópsia instalando um sistema de irrigação hídrica, criando as condições mínimas necessárias para que o Prof. Bogliolo realizasse uma necrópsia clínica, a primeira do gênero, feita em nossa Faculdade. Foi uma demonstração exemplar da técnica de E. Franco, de quem fora discípulo. Executada a necrópsia com perfeição e elegância primando pela mais completa limpeza, passou à redação do Laudo Anatomopatológico, obedecendo a fisiopatologia e a cronologia dos eventos e achados macroscópicos que depois foram confirmados histologicamente. Tratava-se de cadáver de paciente proveniente da Santa Casa de Misericórdia, que durante anos foi o hospital principal para os setores de clínica e Cirurgia da Faculdade de Medicina. O diagnóstico Anatomopatológico macroscópico foi resumidamente o seguinte:

Carcinoma da próstata

Metástases em nódulos múltiplos:

- a) nos gânglios regionais obturadores, nos pré-sacos e nos para-aórticos,
- b) nos pulmões, bilateralmente, em todos os lobos, na profundidade e nas regiões subpleurais e
- c) no córtex do rim direito.

Fiquei vivamente impressionado pela estatura intelectual e científica do Prof. Bogliolo e me baseei em informações do Prof. Walter Cantídio que em grande parte foi responsável pela vinda do Prof. Bogliolo. O primeiro conhecia muito bem o conceito do Serviço de Anatomia Patológica da FMUFMG e nos transmitiu informações muito convincentes. Além disso era presidente da Fundação Júlio Pinto, que dispunha de recursos para financiar bolsas de

estudos, uma das quais me permitiu fazer o primeiro estágio em Ribeirão Preto e que agora iria possibilitar a ida a Belo Horizonte em Julho de 1954 e em Dezembro, Janeiro e Fevereiro de 1955. Concluídos estes dois estágios, ainda como estudante de medicina, decidi-me a enfrentar o desafio de palmilhar a estrada da anatomia patológica.

Sob a orientação do Prof. Joaquim Eduardo de Alencar e do Prof. L. Bogliolo, realizei a primeira pesquisa sistematizada em anatomia patológica no Ceará, sobre o calazar canino. Na época a endemia da leishmaniose visceral grassava com grande intensidade no Estado do Ceará. Castigava especialmente os boqueirões e “pés de serra” da região norte do Estado, que chegou a registrar mais de 2000 casos de calazar humano na cidade de Sobral e arredores, graças ao trabalho de Alencar, relativos à epidemiologia, à parasitologia e à patologia, desde os tempos da viscerotomia, meio por excelência utilizado para confirmação do diagnóstico da febre amarela, mas que possibilitou fazer diagnóstico histológico também de casos de calazar pelo encontro da *Leishmania donovani* nas amostras de fígado.

Nos estágios de Belo Horizonte adquirimos conhecimentos que foram essenciais para que, no ano de 1956, pudéssemos apresentar ao Congresso Brasileiro de Higiene os resultados do trabalho “Contribuição ao Estudo da Anatomia Patológica da Leishmaniose Visceral Canina Espontânea, com Especial Referência ao Foco do Ceará”.

Terminado o ano de 1956, diplomamo-nos em medicina, pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, que fora fundada um ano antes, graças ao talento empreendedor do nosso primeiro e Magnífico Reitor, Prof. Antonio Martins Filho, o qual hoje com avançada idade de mais de noventa anos, continua em atividade, como ex-Reitor, contribuindo para o desenvolvimento de nossas universidades, coordenando o Programa Editorial da Casa José de Alencar, da UFC, cuja produção ultrapassou a uma centena de obras, compondo a coleção Alagadiço Novo.

Início da Pós Graduação

Urgia que se implantasse como prática indispensável à formação profissionalizada dos docentes para que no futuro este procedimento se estendesse à preparação de anatomopatologistas não docentes. Tivemos a honrosa missão de dar início a tarefa de formação do corpo docente em nível de pós-graduação.

Para implementação deste trabalho buscamos a orientação do Prof. Luigi Bogliolo, da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte. Um dos nossos objetivos era o magistério, o qual se concretizou depois da pós - graduação e ingresso na Faculdade de Medicina do Ceará. Teve papel relevante e determinante a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

A CAPES foi e continua sendo o esteio da pós-graduação através de seu programa de bolsas de estudos que em cooperação com o Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) são as instituições que mais têm contribuído para a formação de professores e pesquisadores, por intermédio de seu apoio institucional às Universidades Brasileiras especialmente às públicas. Vale aqui realçar, dentre muitos outros, o papel do Prof. Anísio Teixeira, baluarte na defesa da Educação Superior no Brasil.

Exclusivamente com a bolsa de estudos da CAPES, cômico de que deveria retribuir com algo de palpável pela educação recebida da UFC, mesmo sem vínculo empregatício parti para Belo Horizonte, em início de 1957, rumo a almejada Pós-Graduação em Anatomia Patológica, em centro que se apresentava como um dos melhores do País, posto que sob a direção do competente e dedicado Professor de Patologia (L. Bogliolo), com escola consolidada inicialmente por uma plêiade de patologistas de excelente extirpe, dentre os quais já se destacavam Edmundo Chapadeiro, Washington Luiz Tafuri e Iracema Bacarini, dedicados colaboradores, cujas atividades produtivas enriqueceram a Patologia Brasileira.

Ainda não existiam formalmente os cursos de Pós-Graduação “*Stricto sensu*”. As etapas a serem alcançadas eram a de doutoramento (equivalente hoje ao mestrado) e a de livre docência (equivalente atualmente ao doutorado).

Numa antevisão do que seria a Pós-Graduação formal atual, o Prof. Bogliolo organizou o treinamento para seus estagiários, através de cursos formais e de treinamento em serviço. O objetivo era induzir as bases para a atividade profissional de anatomopatologista de um lado, e, do outro, os fundamentos científicos para promover o desenvolvimento da pesquisa e a formação de pesquisadores. Sem descurar da primeira dava ênfase à segunda, que somente em alguns centros era considerada prioridade. Havia bons centros em que a formação dos anatomopatologistas visava precipuamente ao preparo de profissionais habilitados à prática diagnóstica que, embora muito útil e necessária, não leva o profissional a uma formação integral plena por carência na fundamentação científica. Foram nossos colegas de estágio de aperfeiçoamento os professores José Monteiro Leite e Agostinho dos Santos Sales, da Universidade Federal do Pará, e Valeria Hora, de Alagoas (Faculdade de Medicina). O primeiro já Professor Catedrático da Faculdade de Medicina do Pará, discípulo do Prof. Aben Atá, tinha sólida formação e elevado espírito científico mas quis se abeberar dos conhecimentos do Prof. Bogliolo. O Prof. Monteiro Leite em sua tese para Cátedra de Anatomia Patológica sobre doença de Jorge Lobo demonstrou que as lesões eram dermatotrópicas exclusivas e não se disseminavam. Como contra-prova fez-se inocular pelo *Paracoccidioides lobo*, reproduzindo em si a lesão típica da doença. Posteriormente tivemos oportunidade de necropsiar o cadáver de paciente do Prof. Livino Pinheiro, portadora da micose de Jorge Lobo, que falecera de insuficiência cardíaca e que não apresentava da doença lesão em quaisquer dos órgãos examinados.

Tivemos ocasião de freqüentar cursos formalmente estruturados sobre:

- Bioestatística - Ministrado pelo Prof. José Maria Memória da UFMG, depois transferido para Israel.
- Biologia celular e citogenética - A cargo do Prof. Giorgio Schreiber da Faculdade de Filosofia e Ciências da UFMG
- Citologia Geral e Ginecológica - Prof. Iracema Bacarini (UFMG).
- Colposcopia - Prof. Iracema Bacarini (UFMG).
- Patologia do Sistema Nervoso - Ministrado pelo Prof. Mario Raso, da Universidade de Padova, Itália.
- Microscopia Eletrônica - A cargo de Técnicos da Zeiss e do Prof. W. Tafuri, Chefe do Centro de Microscopia Eletrônica do Departamento de Anatomia Patológica, da Faculdade de Medicina da (UFMG).

Seguimos também atividades práticas desenvolvendo as técnicas clássicas de histologia, compreendendo colorações pela HE e várias técnicas com utilização de hematoxilina como a de Verhoeff para o elástico, a de hematoxilina fosfotúngstica, técnicas tricrômicas como as de Van Gieson, Masson, Mallory e outras, as técnicas pela prata como a demonstração de reticulina, a de prata metenamina, e as aplicadas ao sistema nervoso como as de Golgi, Ramon e Cajal e Rio Hortega para neurônios, suas fibrilas e para as das células da glia, técnicas para pesquisa de espirilos e fungos. Técnicas para pesquisa de bactérias, gram positivas e negativas e para micobactérias. Também foram realizadas técnicas hematológicas de Romanovsky. Este treinamento foi realizado também por minha dedicada e inextinguível esposa, Maria Ireuda da Rocha Tomé, que dominou com relativa facilidade o trabalho, graças a sua formação em enfermagem, proporcionada pela Escola São Vicente de Paula do Ceará, equiparada a Escola Ana Neri do Rio de Janeiro. Somente graças a sua indispensável colaboração foi possível assumir as responsabilidades dos Serviços de biópsias e necropsias

do Departamento de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará. Sua participação foi decisiva para que em 1959 fosse possível, juntamente com o Dr. J. E de Alencar, que colocássemos em funcionamento o Laboratório Carlos Chagas, de Patologia Clínica e Anatomia patológica, o primeiro a se estruturar com a duas especialidades em Fortaleza.

Treinamento em cortes por congelação com CO₂ e em criostato para pesquisas histoquímicas e em trabalhos de investigação.

Treinamento em necrópsia – Seguimos a técnica de E. E. Franco – Manual Atlas de Técnica de las Autópsias. Salvat Editores – Barcelona, 1929. As necrópsias eram completas com exame de todos os sistemas orgânicos, incluindo o sistema nervoso central. Os laudos eram macro e microscópicos obedecendo aos critérios patogenéticos e cronológicos, com registro em livro próprio de todos os achados por órgãos e sistemas.

Findo o primeiro ano de estágio, em consequência de vaga surgida pelo afastamento de professor efetivo do Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da UFMG fui indicado e contratado como professor assistente daquela Faculdade, condição em que continuei a minha formação, tendo a possibilidade de exercer intenso treinamento didático-pedagógico, através da participação em aulas expositivas (teóricas) e nas práticas de necrópsia de demonstrações com peças anatômicas e das aulas de microscopia.

Cumprindo o segundo ano de treinamento fui convidado a permanecer em Minas Gerais, mas falava mais alta a missão a que me obriguei de retornar ao Ceará para retribuir pela formação que havia recebido. Assim, em 1959, estava como assistente do Departamento de Patologia e Medicina Legal (Prof. Livino Pinheiro) pronto para dar início a tarefa a qual me dediquei com toda seriedade.

Assumi a responsabilidade pelos exames histopatológicos de toda a demanda do Hospital das Clínicas e da Maternidade Escola Assis Chateaubriand e das necrópsias.

Com a minha chegada, o Prof. Hamilton Monteiro deixou a Anatomia Patológica e transferiu-se para a Histologia e Embriologia, confiando que eu daria a cobertura a sua falta. Ficamos então, eu e o Prof. Livino, respondendo por todas as atividades da Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina. Enquanto o Prof. Livino ministrava as aulas expositivas, arqueei com as aulas práticas.

Neste ano por força de recente reforma introduzida no Curso Médico tínhamos que ministrar a disciplina a duas turmas: uma na 2^a série e, outra, na 4^a série, o que representou a duplicação das atividades didáticas sem que houvesse um aumento correspondente do número de Professores e dos recursos didáticos, salas de aula e microscópios.

Reunimo-nos com os alunos, explicamos as dificuldades para que a matéria pudesse ser convenientemente lecionada e estabelecemos um entendimento com eles para que todos assumíssemos em conjunto o ônus da reestruturação curricular.

Daríamos todas as aulas possíveis realizaríamos todas as necrópsias e os exames das biópsias e peças cirúrgicas enquanto os alunos estudariam por conta própria toda a matéria programada suprimindo a falta dos conteúdos que nos fosse impossível ministrar.

Seleção de Monitores e Futuros Profissionais

Para minimizar a falta de professores de Anatomia Patológica tive que desenvolver ações para utilizar o potencial dos estudantes nas tarefas do ensino e da rotina do Laboratório de Anatomia Patológica.

Promovi, em julho de 1960, um curso para alunos ávidos por novos conhecimentos. Como a procura foi grande, as vagas foram limitadas a vinte.

Após o curso foi realizada a seleção final e foram escolhidos os cinco que tiveram melhor desempenho no curso.

Os aprovados foram os seguintes:

- Albino Verçosa de Magalhães;
- Eilson Goes de Oliveira;
- Francisco Valdeci de Almeida Ferreira;
- Francisco Flávio Leitão de Carvalho e
- Germano Malhmann Muniz.

No decorrer de 1961, eles já estavam colaborando no ensino e também nas atividades laboratoriais. Contribuíram para a seleção de amostras a serem processadas histologicamente, faziam as descrições macroscópicas das peças cirúrgicas e biópsias, e auxiliavam na realização das necrópsias.

As férias de fim de ano foram aproveitadas para estágios em Belo Horizonte, com o Prof. L. Bogliolo, com exceção de Albino que foi para Recife com a mesma finalidade, durante os meses de dezembro de 1960, janeiro e fevereiro de 1961.

A semente caíra em solo fértil a julgar pelos resultados alcançados nos trabalhos da Faculdade de Medicina e na formação de docentes. Assim foram admitidos como professores Albino, Eilson e Valdeci, que optaram pela patologia, sendo o primeiro admitido como Professor da UFC e depois de sua pós-graduação, realizada também em Belo Horizonte onde obteve os graus de Mestre e Doutor, após o que se submeteu a concurso para Prof. Titular de Anatomia Patológica da Universidade de Brasília, obtendo pleno sucesso alcançando as notas máximas. Albino, que começou na FMUF do Ceará nos primeiros anos, transferiu-se posteriormente para Brasília onde continua em atividade, mesmo tendo tempo de serviço que lhe permitiria requerer a aposentadoria. O segundo, Eilson, também foi admitido ao Departamento de Patologia e Medicina Legal da UFC, mercê do brilho de sua inteligência alcançou grande progresso que culminou com sua inclusão com consultor da Organização Panamericana de Saúde para assuntos de Estatística, ramo do conhecimento a que se dedicara simultaneamente com a Anatomia Patológica. Até hoje, mesmo aposentado, presta sua assessoria nesta área aos que desenvolvem pesquisa, inclusive às dissertações do Curso de Mestrado em Patologia Tropical. O terceiro, Valdeci, fez sua experiência em Anatomia Patológica no Departamento de Anatomia Patológica da UFMG e no nosso Departamento de Patologia e Medicina Legal, e, após anos de intenso labor foi selecionado para o Curso de Doutorado em Ribeirão Preto (Faculdade de Medicina) obtendo merecidamente o Título de Doutor. Era Professor Adjunto do Departamento de Patologia e Medicina Legal da FM da UFC, cargo em que se aposentou. Atualmente orienta estudantes do Curso de Mestrado e dirige o Laboratório de Anatomia Patológica do Instituto do Câncer do Ceará. O Flávio Leitão inclinou-se para a cirurgia, especializou-se em Neurocirurgia, e graças a sua vivaz inteligência é hoje professor da matéria na FM da UFC, gozando do mais elevado conceito na comunidade e no meio médico como excelente especialista.

Finalmente o Germano, de excepcional caráter e inteligência privilegiada, abandonou nosso convívio em consequência de seu precoce falecimento. Uma perda irreparável para o nosso meio pelo potencial que ele representava.

Esta primeira geração de Patologistas, juntamente comigo, seguidores da Escola do Prof. Bogliolo, provados no trabalho e com fé nos destinos da FM da UFC conseguiram vencer as dificuldades do Ensino e empreenderam a estruturação do Departamento de Patologia, ao qual depois se agregou a Medicina Legal.

Reflexos da Estruturação da Patologia na Faculdade de Medicina



Departamento de Patologia e Medicina Legal UFC



Prof. Geraldo Tomé

O ritmo do trabalho foi acelerado e os serviços de diagnóstico foram organizados.

O funcionamento regular do setor de necrópsias trouxe expressiva melhora nos padrões de ensino, da Patologia e contribuiu de maneira decisiva para elevação geral dos níveis de desempenho das clínicas.

Nos primeiros anos nossos diagnósticos clínicos eram simplificados, limitados e não raro errôneos, pois não havendo necrópsia o controle de qualidade não era possível.

A introdução das necrópsias na rotina possibilitou, rapidamente, uma mudança na mentalidade.

Quando ainda estudante, recordo-me bem, que os casos de ascite internados nas nossas enfermarias eram sistematicamente diagnosticados como de cirrose hepática. Foi necessário que fizéssemos 5 necrópsias de casos de "cirrose" para que a atitude mental diante do diagnóstico desta condição mudasse. Destas necrópsias somente a quinta confirmou a hepatopatia fibrosante. As demais resultaram de outras enfermidades: uma mostrou tratar-se de patologia renal, outra de tuberculose com disseminação peritoneal e outra de brida fibrosa sobre a veia porta, todas levando à ascite.

Daí em diante os casos de ascite passaram a ser estudados segundo novos critérios obedecendo a cuidados e controles mais acurados.

Recordo-me também que na necrópsia seguinte em que fora feito o diagnóstico clínico de cirrose, o prontuário apresentava provas de função hepática alteradas, eletroforese das proteínas com aumento da gamaglobulina e das frações beta e, ainda mais, o exame histológico da biópsia hepática.

Vale lembrar que já em 1959, ano em que retornei da Pós-Graduação, foi realizada a primeira necrópsia clínica, cujo diagnóstico principal foi de cardiopatia congênita: Doença de Ebstein; inserção baixa de válvula tricúspide; auricularização de quase todo o ventrículo direito (câmara proximal: espessura média de 0,3 cm); redução acentuada da cavidade ventricular (cavidade distal rudimentar). Este caso foi a sessão clínico-patológica a qual recebeu o número 1. Teve como relator clínico o Dr. José Murilo Martins (Assistente de Clínica Médica) e fez a integração diagnóstica e diagnóstico diferencial foram feitos pelo Dr. Heládio Feitosa e Castro. Ao Prof. Arthur Enéas Vieira, da propedêutica médica, coube a interpretação e discussão dos exames radiológicos; os estudos e interpretação do ECG ficaram a cargo do Dr. Edgardo Saraiva Leão (Assistente de Clínica Médica), o Dr. G. de S. Tomé (Assistente de Anatomia Patológica) fez o diagnóstico macro e microscópico.

Coube aos Drs. Murilo Martins e Geraldo Tomé, organizadores da sessão, fazerem os comentários finais.

Quero, nesta oportunidade, render homenagens ao Prof. José Murilo Martins que incansavelmente por mais de três décadas possibilitou a organização das sessões clínico-patológicas, sem esmorecimento. Durante todos esses anos foi o grande incentivador e executor das mesmas as quais sempre emprestei total apoio da Anatomia Patológica.

Esta primeira definiu o elevado padrão desse extraordinário recurso didático e estabeleceu um verdadeiro paradigma para as mais de 60 sessões realizadas nesse período (1959-1994). O Prof. J. Murilo Martins com a colaboração da Profa. Maria da Silva Pitombeira publicaram pela Imprensa da UFC um volume de 417 páginas em 1997, enfeixando as sessões do período referido acima.

Em função desta atividade foi possível, seguindo os ensinamentos do insigne mestre Bogliolo, implantar e cultivar as normas para os laudos anatomopatológicos, obedecendo a critérios patogênicos e cronológicos, possibilitando aos clínicos que liam nossos laudos a realização da análise epicrítica de cada caso, valioso instrumento para melhor compreensão das enfermidades.

Nas sessões tornava-se possível a identificação de nossos erros e acertos e determinavam-se providências que melhoravam o desempenho de professores e alunos. É oportuno enfatizar que as referidas sessões eram muito concorridas, sendo extremamente úteis e instrutivas especialmente para os estudantes. Geravam entre professores uma sadia emulação que se refletia positivamente no aprimoramento das equipes de clínica e cirurgia, e, conseqüentemente, na qualidade do ensino médico.

A manutenção do serviço de necrópsia permitiu seu aperfeiçoamento e passou a representar um elemento importante para avaliação do Hospital. Uma das conseqüências de logo percebida pelos estudantes de medicina traduzia-se em preferência pelas Residências Médicas do Hospital das Clínicas. O serviço de necrópsia representou uma das grandes contribuições ao ensino médico em nosso meio. A permissão e autorização para necrópsia por parte das famílias sempre representou um dos óbices a serem vencidos. A medida que o papel desta atividade foi sendo reconhecido pelos professores e alunos a prática das necrópsias foi, cada vez mais, incentivada. Esta mentalidade se incorporou à nossa rotina de tal maneira que quando assumiu a direção do Hospital das Clínicas o Prof. José Nogueira Paes, clínico com boa formação em Patologia, contando com a colaboração do Serviço Social do Hospital e a presteza do atendimento da Patologia, chegamos praticamente ao índice extraordinário de quase cem por cento de necrópsias dos óbitos ocorridos.

O número de necrópsias teve aumento crescente até o ano de 1979, quando chegaram a ser cerca de 300 por ano. Estávamos prestes a encerrar o segundo mandato como chefe do Departamento de Patologia e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da UFC. Infelizmente nos anos que se seguiram não foi possível manter o mesmo ritmo estando atualmente com cerca de 110 a 120 por ano (1997-1998). Embora tenha havido incremento no número de biópsias, este não chegou a compensar a perda das necrópsias.

Numa determinada ocasião um pai de família procurou o Departamento de Patologia e solicitou que fosse feita a necrópsia do terceiro filho que falecera com os mesmos sintomas. Feita a necrópsia e elaborado o laudo anatomopatológico as providências foram tomadas e, felizmente, as outras crianças foram poupadas.

Em 1963, o Instituto da Previdência Social por gestões do eminente cardiologista, Prof. Antonio Jorge de Queiroz Jucá, então Senador da República, instalou e pôs em funcionamento o Hospital de Geral de Fortaleza (HGF). Na ocasião o Dr. Carlos Alberto Studart Gomes diretor do Hospital de Messejana para doenças do coração e dos pulmões, com larga experiência administrativa, foi encarregado da seleção do pessoal e da instalação dos serviços do HGF. Chamou os especialistas de conceito firmado, constituiu um núcleo que por sua competência dedicação e independência política, foi estruturando as equipes dos diversos setores do Hospital. Foi feita uma seleção como nunca se havia visto no Serviço Público, graças ao seu

elevado espírito, indiscutível senso de ética, e ilibada conduta como médico e administrador hospitalar. Fui convocado para implantar o serviço de Anatomia Patológica. Não foi difícil posto que o hospital tinha uma planta moderna e dispunha dos recursos necessários. Assim foi providenciado o equipamento indispensável incluindo microscópios, micrótomo de parafina e de congelação a CO₂, estufas, vidrarias e reagentes da melhor qualidade. Após algumas modificações, a área física foi dotada de área de necrópsia, que dispunha de ampla sala e excelentes câmaras frigoríficas com entrada e saída para os cadáveres independentes dos médicos e funcionários. Depois de tudo pronto o Setor de Anatomia Patológica já era melhor equipado do que o da própria Faculdade de Medicina. Dispunha o Laboratório de pessoal técnico e administrativo em quantidade e qualidade adequadas.

Depois de montado o serviço, como tinha compromisso com a Faculdade de Medicina e com a Faculdade de Veterinária do Ceará, indiquei para responder pela Patologia do HGF a Dra. Vera Sampaio Monteiro que assumiu a chefia e o Dr. Dalgimar Bezerra de Menezes para a função de Patologista.

O Serviço de Anatomia Patológica teve início em 1969. Em 1970 o Dr. Francisco Valdeci de Almeida Ferreira foi convidado para dar continuidade ao trabalho, tendo em vista que minha colaboração na organização e estruturação do serviço de Anatomia Patológica tinha sido concluída e que tinha compromissos com a Faculdade de Medicina da UFC e com a Faculdade de Veterinária do Ceará.

Infelizmente o Dr. Valdeci não pode assumir a função o que foi feito pela Dra. Vera Maria Sampaio Monteiro, que havia retornado de Belo Horizonte onde realizara especialização em Anatomia Patológica no Serviço do Prof. Luígi Bogliolo; a Dra. Vera assumiu a chefia, contando depois com a colaboração do Dr. Dalgimar Bezerra de Menezes.

Durante vários anos, o HGF foi exemplo de excelente funcionamento de Hospital Público, com o setor de Anatomia Patológica funcionando plenamente. Foi a época do sistema que remunerava os médicos com complementação salarial por produtividade.

Muitos médicos que eram também professores da FM da UFC dedicavam suas horas disponíveis ao hospital que funcionava com o máximo de produtividade. Nessa época o setor de patologia atendia a demanda de necrópsias, biópsias e exames peroperatórios.

Infelizmente, este período áureo não durou muito. A extinção da produtividade reduziu drasticamente o nível das atividades.

Alguns se mantiveram em bom nível graças ao esforço e dedicação das equipes que tinha incorporado o elã pelo trabalho como principal motivação.

A patologia como muitos outros serviços decaiu pela falta da recompensa pela produtividade e por interesses dos profissionais em suas atividades particulares. De modo que hoje não é mais do que sombra do que fora nos seus primórdios.

O Dr. Carlos Alberto Studart Gomes já havia retornado ao Hospital de Messejana, continuando como seu diretor por cerca de quatro décadas. Convocou-me o Dr. Carlos para fazer no Hospital de Messejana reforma do seu antigo velório que foi transformado em excelente unidade de Anatomia Patológica que até hoje mantém em parceria com o Laboratório Carlos Chagas, sob nossa direção, o serviço de necrópsia, chegando a realizar 27 no ano de 1998. É portanto fácil compreender porque o Hospital de Messejana é a principal residência em Patologia pulmonar e cardiovascular em convênio com a UFC.

Atualmente outros hospitais começam a se organizar para estruturarem seus serviços próprios de Anatomia Patológica, como é o caso do Hospital Geral Dr. César Cals (HGCC), mantido pelo Estado do Ceará.

CONTINUIDADE DO ESFORÇO PARA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS PÓS-GRADUADOS

Esta etapa foi a consequência do nosso trabalho iniciado em 1957-1958.

Seis anos depois, 1964, começaram a concluir o curso médico nossos primeiros monitores. Albino Verçosa de Magalhães e Francisco Valdeci foram a Belo Horizonte e durante os anos de 1965 e 1966 realizaram curso de Especialização em Anatomia Patológica no Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da UFMG (Serviço do Prof. Luigi Bogliolo).

Em 1967 e 1968 seguiram as mesmas pegadas os Drs. Hugo Gabriele e Vera Maria de Sampaio Monteiro, que já haviam passado pela monitoria e foram admitidos como docentes da Faculdade de Medicina do Ceará.

O Dr. Eilson Goes de Oliveira encaminhou-se para bioestatística, em função da qual tornou-se prof. Titular da matéria da Faculdade de Veterinária do Ceará.

Embora permanecendo seu vínculo com a patologia, contribui conosco até mesmo depois de sua aposentadoria, como assessor em assuntos de estatística, chegando a colaborar com os cursos de mestrado e doutorado das Universidades de Minas Gerais e da Bahia, além de exercer as funções de consultor da OPAS-OMS.

Os Drs Albino e Hugo Gabriele continuaram seus estudos em cursos de Doutorado na Faculdade de Medicina da UFMG (Prof. Luigi Bogliolo) tendo o primeiro, como já foi dito, se radicado em Brasília onde é atualmente Prof. Titular. O Dr. Hugo Gabriele infelizmente faleceu durante o doutorado, deixando uma lacuna até hoje sentida pelo DPML da FM UFC.

CONTRIBUIÇÃO DO PROFESSOR ZILTON ANDRADE E SUA ESCOLA

A contribuição do Prof. Zilton Andrade tem sido extremamente importante através dos Drs. Antonio Wilson Vasconcelos e Francisco Dario Rocha Filho, que nos anos de 1976-1977 realizaram o curso de Mestrado em Patologia Humana da Universidade Federal da Bahia os quais obtiveram a titulação em 1978.

O Dr. Wilson Vasconcelos desenvolveu monografia sobre formas de hepatite subaguda e o Dr. Dário sobre doença de Chagas experimental, sob a orientação da Dra. Sônia Gumes Andrade.

Tanto o Prof. Bogliolo como o Prof. Zilton Andrade deram expressiva contribuição para formação de nossos Patologistas, devido a excelente formação científica, destacando-se as abordagens experimentais, contando com a participação constante da Dra. Sonia Andrade na orientação e condução neste campo especialmente em relação à doença de Chagas. Assim nossos patologistas têm recebido orientação e formação científica, capacitando-os para as futuras etapas da pós-graduação e o desenvolvimento científico.



Em 13 de março de 1978, o então Reitor, Prof. Pedro Teixeira Barroso, por proposta do Sr. Diretor do Centro de Ciências da Saúde, designa o Prof. Joaquim Eduardo de Alencar (Processo 3039/78-UFC e portaria 237/78) para Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Especialização em Medicina Tropical, com a finalidade de promover a coordenação no plano da pesquisa e do ensino de pós-graduação, das atividades relacionadas com esta área de estudo e assegurar as condições de apoio e sustentação aos departamentos por ela envolvidos.

A partir de 1979, após a celebração do convênio entre Brasil e França, graças ao acordo de cooperação CAPES-COFECUB, após

Prof. Joaquim Eduardo de Alencar

missões dos dois países, Professores da UFC indo à França e da França vindo ao Ceará, teve início o convênio de formação de recursos humanos. Pela UFC foram à França os Prof. Joaquim Eduardo de Alencar, José Murilo de Carvalho Martins e Geraldo de Sousa Tomé em visita as Universidades Francesas, especialmente. Paris XII (Val-de-Marne). Estabelecidos os entendimentos enviamos nossos candidatos para complementação da Pós-Graduação. Inicialmente o convênio estabelecia os setores de Patologia e Parasitologia para iniciarem esta nova etapa de pós-graduação de nosso pessoal. Foram selecionados em um primeiro momento 4 candidatos, 2 da Patologia: Antonio Wilson e Eduardo A Freitas do Amaral, 1 da Parasitologia, Isabel de Alencar Barros Vasconcelos, e 1 da Imunologia, José Ajax Nogueira Queiroz. Os três primeiros foram a Paris (Universidade Paris XII; Prof René Houin) e o quarto a Lille, Institut Pasteur-Prof. Capron. Logo o Dr. Francisco Dario Rocha Filho foi também para a Universidade Paris XII (Prof. Ivon Pinaudeau). O Dr. Antonio Wilson de Vasconcelos desenvolveu pesquisa sobre macrófagos, defendendo a tese: “Détection de l’activité peroxydasique endogène dans les cellules du système des phagocytes mononuclées. Étude cytochimique au niveau du foie humain normal et dans certaines hémopathies malignes” e obteve o título de Doutor. O Dr. Francisco Dário Rocha Filho trabalhou em imunohematologia, dominando as técnicas de imuno-histoquímica para marcadores de células sanguíneas e neoplasias do sistema linforreticular, obtendo também o título de Doutor, com a tese: “Characterization in situ des populations lymphocytaires de la moelle osseuse normal e pathologique”. O Dr. Eduardo Armando Freitas do Amaral trabalhou sobre a orientação do Prof. Hatt, fez treinamento em microscopia eletrônica, desenvolveu trabalho experimental sobre regeneração de músculo cardíaco após enfarte experimental e obteve o D E A (Diplome d’Estudes Aprofondie).

Os dois primeiros, da Faculdade de Medicina, continuam como docentes. O Dr. Francisco Dário Rocha Filho faz parte da equipe do Centro de Análises Clínicas respondendo pela Patologia e atualmente está em programa de pós-doutoramento com seu regresso previsto para os primeiros meses (junho ou julho de 1999).

O Dr. Eduardo A Freitas Amaral foi aprovado em concurso para anatomopatologista do Estado e trabalha atualmente no Hospital Geral de Fortaleza, da Previdência Social.

Dando continuidade ao programa de treinamento de nossos profissionais, a Dra. Margarida Maria de Lima Pompeu foi a Salvador em 1985 e sob a orientação dos Profs. Zilton Andrade, Sonia Andrade e Manoel Barral Netto, realizou o Curso de Mestrado. Como a Dra. Margarida Maria de Lima Pompeu já havia feito residência em Anatomia Patologica, Curso de Especialização em Patologia Tropical e, portanto, dominava com segurança o diagnóstico Anatomopatológico, empenhou-se em sua formação científica. Concluiu com êxito o mestrado, defendendo a dissertação: “Análise imunopatológica no curso de infecção por *Leishmania mexicana amazonensis* em camundongos BALB-c imunizados”, 1988. Passou ao doutorado na própria Universidade Federal da Bahia, cuja Pós-Graduação a exemplo do que ocorre em Belo Horizonte (Prof. L.Bogliolo), prima pela formação científica, dando ênfase à pesquisa, no treinamento dos pós-graduandos. A Dra. Margarida Maria de Lima Pompeu está no momento em fase final do Curso de Doutorado e vem desenvolvendo estudos junto ao Núcleo de Patologia Tropical no Ceará especialmente sobre kalazar e leishmaniose tegumentar; em virtude de seus trabalhos têm mantido técnicas de cultura de células, qualificação de linfocinas, identificação de leishmânias por anticorpos monoclonais e por PCR (“polimerase chain reaction”) que têm possibilitado publicações aceitas por revistas internacionais. Com o seu doutorado em breve teremos alcançado uma etapa importante da colaboração da Faculdade de Medicina da Bahia, confirmando mais uma vez o papel desta instituição a pioneira das Escolas de Medicina da Nação. Este momento consolida uma extraordinária colaboração que tem tudo para continuar cada vez mais fecunda nos tempos que advirão, para maior reconhecimento ao trabalho do Prof. Zilton e da Dra. Sonia Andrade, baluartes em sua luta incessante para formação de quadros para estudarem os problemas que deterioram a saúde do nosso povo

que em seu caldeamento de raças adquiriu condições de sobrevivência nos trópicos apesar do semi-abandono em que tem sido mantido através de séculos e das inclemências climáticas, que mesmo havendo soluções já conhecidas, tem faltado a decisão política para sua implementação definitiva no enfrentamento do problema da seca no Brasil.

CONTRIBUIÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO

O intercâmbio com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto já é cinquentenária. Começou logo depois da criação da Faculdade em fazenda agropecuária da região.

Nos idos de 1953, ainda aluno do curso médico fomos a Ribeirão Preto onde realizamos treinamento em histologia, especialmente em histoquímica sob a orientação do Prof. Lucien Lison e do Dr. Vitório Valeri.

A colaboração foi retomada somente em 1982 com a ida do docente Teonas Carvalho Cipriano, como parte do programa interinstitucional (UFC e USP-Ribeirão Preto). O Prof. Teonas após período de preparação logrou aprovação em seleção para o Curso de Mestrado que teve início em 1982 e foi concluído em 1983, defendendo a monografia “Estudos morfométrico e cinético do epitélio jejunal proximal de ratos com deficiência aguda de tiamina”. Em seguida ingressou no curso de doutorado para concluí-lo em 1985, defendendo a tese “Estudos morfométrico e cinético do epitélio jejunal proximal de ratos com deficiência crônica de tiamina”.

Foi orientador, com grande prestimosidade nas duas etapas, o Prof. Dr. Sérgio Zucoloto.

Em 1983 foi a vez do Prof. Vicente Nogueira Sales Neto ser aprovado em seleção e iniciar o mestrado que concluiu com êxito defendendo a monografia “Megacolon em ratos Wistar por cloreto de benzalcônio e dieta rica em fibras”, defendida em 1985.

O Prof. Francisco Valdeci de Almeida Ferreira, um dos nossos primeiros monitores de 1960, depois de bem sucedidos períodos de treinamento em pós-graduação, realizados em Belo Horizonte (Prof. L. Bogliolo) e de intenso trabalho de ensino e pesquisa junto ao Departamento de Patologia e Medicina Legal da UFC, com experiência sedimentada em Anatomia Patológica, foi selecionado para o Curso de Doutorado em Ribeirão Preto sob a orientação do Prof. Dr. José Alberto Mello de Oliveira. Realizou pesquisas que culminaram com a tese: “Determinação da atividade da monoamino-oxidase e de suas formas funcionais A e B, no miocárdio do cadáver humano. Estudo histoquímico e radiométrico em diversas cardiopatias, especialmente na chagásica crônica” defendida e aprovada em 1986.

Neste período foi assinado um convênio entre UFC e USP - Ribeirão Preto, para trabalhos conjuntos de investigação científica e formação de recursos humanos. Foram realizados cursos curtos sobre histoenzimologia e patologia muscular e técnicas de imunoperoxidase. Participaram destas atividades os Professores José Alberto Mello de Oliveira, Fernando Augusto Soares e a técnica Paula Scandar. O técnico Francisco José Oliveira estagiou no Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, durante seis meses, aprimorando-se em métodos de imuno-histoquímica e em ultra-microtomia.

COLABORAÇÃO DO PROF. MANOEL BARRETO NETTO

A influência do Prof. Barretto Netto junto aos Patologistas do Ceará foi marcante por sua constante atuação junto a Sociedade Brasileira de Patologia da qual foi um dos presidentes e assíduo participante de todos seus congressos.

Sua ação se fez também quando participou de um grupo com os Professores Zilton Andrade, Thales de Brito e Mário Rubens Montenegro na elaboração de um texto de Patologia

Geral sob os auspícios da Fundação Kellogg, que teve excelente acolhida pelos professores de Patologia e pelos estudantes de Medicina e de outros cursos da área biomédica. Em sua trajetória como Professor e Patologista, deixou em várias Instituições sua marca indelével inclusive na Santa Casa do Rio de Janeiro onde dedicou-se a gama variada de atividades compreendendo entre elas a do ensino de Pós-Graduação. Foi nesta condição que recebeu vários dos nossos patologistas para residência, especialização e mestrado na Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, cujo serviço de excelente padrão era preferido pelos que desejavam a formação de patologistas não vinculados ao magistério. Assim aconteceu com a médica Régia Patrocínio Evangelista e com Livino Virginio Pinheiro Junior. Este último terminou por fazer concurso para docência no DPML da UFC, onde exerce também as atividades de Professor ao lado daquelas relacionadas aos serviços de necrópsia e demais diagnósticos anatomopatológicos. Também o médico Paulo Roberto Carvalho de Almeida freqüentou o Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da UFF, fez treinamento eqüivalente à residência médica, seguiu o curso de mestrado logrando o grau de Mestre em Patologia Humana no ano de 1988 defendendo a dissertação: “Microaneurismas glomerulares em diabéticos”, confirmando seu lugar de Professor do DPM da FM da UFC. Dado seu excelente treinamento no serviço da UFF atualmente é um dos principais sustentáculos da Anatomia Patológica em nossa Faculdade.

Pelo muitos méritos acumulados, o Prof. Barretto Netto foi eleito com reconhecida justiça membro da Academia Brasileira de Medicina, significando um motivo de orgulho para os patologistas brasileiros que tanta admiração devotavam ao ilustre colega.

A Patologia do Ceará é, portanto, muito grata ao Prof. Barretto Netto, que continua vivo no dia-a-dia de seus discípulos e amigos.

ENSINO DA PATOLOGIA EM NÍVEL DE PÓS-GRADUAÇÃO

Foi iniciado em 1973, com um curso de Aperfeiçoamento em Patologia e Citopatologia para atender a demanda de profissionais da área de citologia desejosos de aprofundar seus conhecimento com o embasamento anatomopatológico.

As turmas eram pequenas e o aproveitamento muito satisfatório.

Estes primeiros cursos evoluíram depois para Cursos de Aperfeiçoamento e Especialização em Medicina Tropical (depois patologia tropical) para melhor ajustar o título ao conteúdo do programa.

Este curso de Especialização (Pós-Graduação “latu sensu”)foi organizado dentro do espírito da Pós-Graduação “stricto sensu”, dividindo as disciplinas em dois grupos: as de concentração e as de domínio conexo.

Esta orientação inicial visava ao que efetivamente veio a se concretizar com a criação do Mestrado em Patologia Tropical que começou a funcionar em 1980 tendo sido reconhecido pela CAPES em 1985.

Após período relativamente longo de maturação, o curso começou a apresentar os resultados sob a forma de dissertações defendidas: uma em 94; seis em 95; oito em 96; sete em 97; cinco em 98 e duas em 99, sendo oito em oncologia; oito em infectologia; quatro em microbiologia; três em parasitoses; três em patologia;duas em imunopatologia e uma em projeto isolado.

Dos vinte e nove titulados pelo mestrado, quatro exercem a especialidade como anatomopatologistas:

- Márcia Valéria Ferreira Pitombeira, na FM da UFC (95)
- Roberto Wagner Bezerra de Araújo, na FM da UFC (96)

- Régia Maria do Socorro Patrocínio Evangelista, na FM UFC e no Laboratório Biopse (97).
- Dary Alves Oliveira, em seu Laboratório Particular e na FM UFC (99).

Merece menção especial o programa de residência em Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina, que, ao tempo em que forma profissionais habilitados ao exercício da Anatomia Patológica como Especialidade, prepara pretendentes aos cursos de pós-graduação da UFC e de outras Instituições, representando em realidade pré-requisito ao mestrado e doutorado.

INTERCÂMBIO COM INSTITUIÇÕES ESTRANGEIRAS

A primeira Instituição estrangeira influente na formação de nossos patologistas foi a Universidade Francesa, especialmente a Universidade de Paris XII da qual faz parte o Hospital Henry Mondor (Creteil) e vários outros Hospitais e Institutos de pesquisa. Deste intercâmbio participaram o médico Eduardo Armando Freitas do Amaral, obtendo o DEA; Antonio Wilson Vasconcelos e Francisco Dário Rocha Filho (doutores), este último em estágio de Pós-doutorado, todos exercendo a Anatomia Patológica como Especialidade, o primeiro no Hospital Geral da Previdência Social e os dois últimos na FM UFC. O segundo exerce também atividade privada no Laboratório “Central de Análises Clínicas”.

Da parte francesa, dentre outros, participaram os Prof. Ivon Pinaudeau (Patologista), René Houin (coordenador do convênio CAPES-COFECUBU) e Charles Combescot (Parasitologista).

Depois seguiram-se e estão sendo mantidos convênios com a Universidade de Harvard, Universidade de Virgínia dos Estados Unidos da América do Norte, Imperial College da Universidade de Londres e com a Universidade de Bristol, além da Organização Mundial da Saúde.

Estes convênios foram precedidos pela criação em 1979 de núcleo de Medicina Tropical graças ao relevante trabalho do Prof. Joaquim Eduardo de Alencar e que teve continuidade com Antônio Wilson Vasconcelos (Patologista), Anastacio Queiroz Sousa e Ivo Castelo Branco (Infectologistas), contando com a participação atuante da Prof^a. Margarida Maria de Lima Pompeu que tem tudo para continuar a obra inextinguível do Prof. Alencar, a quem a Patologia do Ceará deve muito. Por sua mão e da do Prof. Bogliolo fui levado à patologia, e pela minha mão passaram quase todos que fazem, hoje, a Patologia no Ceará.

Duas sementes estão plantados no interior do Estado, uma em Sobral (Dr. José Jackson Albuquerque Soares) e outra em Juazeiro do Norte (Dr. Cláudio Gleidstone Lima da Silva), a quem auguramos se transformem em frutos opimos a serviço da nossa patologia.

VISITA DO PROF. MANUEL SOBRINHO SIMÕES

Com a visita do Prof. Sobrinho Simões, em início de 1992, para participar do Congresso Brasileiro de Cancerologia, foram mantidos os primeiros contactos através do Prof. Francisco Valdeci de Almeida Ferreira para o estabelecimento de convênio entre as Universidades Federal do Ceará e a Universidade Portuguesa do Porto a primeira representada pelo Departamento de Patologia e Medicina Legal(D P M L) e a segunda pelo Instituto de Patologia Molecular (IPATIMUP).

Daí resultaram cursos de Patologia de Desenvolvimento Humano pré e perinatal, a cargo da Prof^a Olívia Brandão, que alicerçaram linhas de pesquisa para o Curso de Mestrado (Coordenador Prof. José Luciano Moreira Bezerra), que começa a produzir resultados com a defesa de três dissertações.

Seguiram-se seminários em Patologia Molecular (Prof. Manuel Sobrinho Simões) 1995; sobre Patologia Mamária (Prof. Fernando Carlos Schmitt e Dra. Maria José Bento, 1996) e um internacional sobre Patologia Cirúrgica (UFC – IPATIMUP): Professores Manuel Sobrinho Simões, Fátima Carneiro e Fernando Schmitt e por último o seminário sobre tumores de partes moles e de próstata (1998), sob o patrocínio da DPML, Instituto do Câncer do Ceará (Prof. Haroldo Juaçaba) e da Sociedade Brasileira de Patologia (Ceará).

Uma consequência positiva deste intercâmbio foi a ida da médica Márcia Valéria Pitombeira para desenvolvimento de estudos sobre histoquímica e citometria de imagem em câncer de mama que lhe proporcionaram trabalho de dissertação do Mestrado em Patologia Tropical (1995).

Em seguida (1997) o mestre Roberto Wagner Bezerra de Araújo foi admitido no IPATIMUP para desenvolver pesquisa, visando à obtenção do título de Doutor pela Universidade do Porto (Portugal) estando seu trabalho em fase avançada, devendo em breve retornar a Fortaleza. Outros médicos também beneficiaram-se do programa como Cleto Dantas, Eugênio e Guilherme Bessa de Oliveira, com a possibilidade de estágios no Hospital São João da Universidade do Porto.

Vale lembrar e ressaltar que, já em 1978, também visitou o Ceará o Prof. Taper, da Universidade de Louvain (Bélgica), que ministrou curso sobre Histoquímica, lançando assim os fundamentos para que hoje possamos contar com as técnicas de Imuno-histoquímica que tem avançado continuamente para suprir maior apoio ao diagnóstico e terapêutica de inúmeras condições patológicas, mormente as neoplásicas.

A patologia do Ceará é devedora ao Prof. Dr. Maurício de Castro, neurologista e grande incentivador dos estudos da neuropatologia em nosso meio e pela vinda do Prof. Tapper até nós.

A patologia no Ceará teve surtos de desenvolvimento e fases de arrefecimento.

Em realidade estes movimentos são dialeticamente explicáveis.

No momento, podemos contabilizar cerca de duas dezenas de patologistas bem treinados muitos dos quais com qualificação de mestres e doutores e que serão os esteios para que, inspirados no passado dos nossos pioneiros, possam e devam completar a construção da Patologia do Ceará para colocá-la, com uma das estrelas da constelação da Patologia Brasileira.

BREVE HISTÓRIA DA PATOLOGIA NO RIO GRANDE DO NORTE

Dr. Alexandre de Oliveira Sales

Introdução

A história da patologia no Rio Grande do Norte começa com a criação da Faculdade de Medicina, em 1955. Até então, exames de anatomia patológica eram não só uma exceção, mas, uma raridade. Exames de casos terminais por tumores malignos em pessoas de destaque eram pedidos para Recife ou para o Rio de Janeiro, muito mais para preservar o cirurgião do que para esclarecimento. Esta situação continuou ainda por alguns anos depois.

Quando da sua fundação, a faculdade precisava de um nome para compor a lista de professores catedráticos que deveriam preencher as diversas cadeiras. O Prof. Barros Coelho, então professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, foi convidado para emprestar seu nome à nova faculdade. Aceitou. A matéria era então ensinada no quarto ano letivo. A primeira turma da faculdade começou em 1956. Portanto, somente em 1959, começariam as aulas de anatomia patológica. O Prof. Barros vinha de Recife, passava uma ou duas semanas aqui e, duas ou três semanas depois, mandava um de seus assistentes para outro período.

Período do Dr. Getúlio de Oliveira Sales

Dr. Getúlio havia começado seu curso de medicina, em 1955, depois de haver concluído cursos de outras faculdades, tais como matemática e física na Faculdade de Filosofia e direito na Faculdade de Direito de Recife. Antes estivera envolvido com pequenas indústrias no interior do Rio Grande do Norte. Sua decisão de estudar medicina adviera da leitura de um livro em que se relatava, com detalhes, uma cirurgia. Fora, portanto, com este espírito que se dispusera a um novo vestibular. Quando o curso começou, viu-se inicialmente atraído para a bioquímica, que era ministrada no primeiro ano. Logo em seguida, no segundo ano, o contato com a histologia despertou-lhe mais a curiosidade. Já era monitor de bioquímica, quando foi convidado pelo Prof. Hélio Mendonça para a mesma função em histologia. Um acordo foi celebrado entre os dois professores e ele mudou-se para histologia. Nos anos seguintes, não houve matéria que lhe despertasse a atenção, excetuado o ensino de Patologia Geral do Prof. Bezerra Coutinho, que, nas suas aulas, discorria mais sobre termodinâmica do que propriamente sobre patologia geral e afirmava, quando perguntado sobre o assunto, que “aquilo era o fundamento da patologia e sem aqueles conceitos nunca se entenderia a mesma”.

A seguir, veio a Cadeira de Anatomia Patológica, na qual se distinguiu. Mas, a essa época, começou a se desinteressar pelo lado da medicina, que de início o atraía: a cirurgia. Já estava voltado para a eletrônica e com a decisão quase tomada de abandonar a medicina, quando ocorreu um fato inédito, que o fez mudar de rumo definitivamente.

Cursava ele o quinto ano. Encontra-se casualmente com o Prof. Barros Coelho, numa das principais ruas de Recife. O Prof. Barros começa a lhe perguntar sobre sua vida e sobre o que pretendia fazer depois de formado. Conversam durante algum tempo, quando o Prof. Barros o convida para se sentarem à mesa de um café. O Prof. Barros o inquire mais e mais. Então, de chofre, lhe pergunta se gostaria de, depois de formado, ir para Natal e assumir a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Segundo seu relato, ele pensou que fosse uma gozação do Prof. Barros, que não era dado a tais brincadeiras. “Dr. Barros, só porque o senhor me deu nota dez, quando cursei a sua cadeira, o senhor acha que eu teria capacidade para tanto?” E o Prof. Barros: “Sim. Eu conheço você”.

Dr. Getúlio ficou olhando para ele e voltou a perguntar: “Professor, e se eu aceitasse?” E o Prof. Barros, sem mais delongas: “Eu lhe daria todo o apoio”. Dr. Getúlio o olhou de frente e disse: “Pois bem, professor, eu aceito”. E o Prof. Barros, novamente: “A partir de amanhã, mude-se definitivamente para o Departamento de Patologia”. E assim, foi feito.

Ainda no sexto ano, o Dr. Getúlio vinha, de vez em quando, a Natal, com o Prof. Barros ou com um de seus assistentes, para ministrar algumas aulas. Eram aulas bem estudadas e ministradas com o gosto de quem sempre teve vocação para a didática.

Em fim de junho de 1961, mudou-se para Natal e assumiu a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas e seus encargos. Os exames patológicos solicitados eram raros nessa época. Mesmo assim, aos sábados, o Dr. Getúlio viajava mais de 500 quilômetros, de ida e volta, a Recife, para esclarecer, com seus ex-professores, suas dúvidas semanais. Vale lembrar que, naquela época, a estrada Natal/Recife ainda não era asfaltada. Era uma estrada de barro mal conservada. Não raramente, essas viagens eram interrompidas com paradas para troca de pneu furado ou para conserto de um cano de escapamento, arrancado de debaixo do carro, por um buraco maior, não esperado.

Quando chegou a Natal, a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas não possuía, ao menos, um micrótomo de parafina. Os materiais recebidos eram processados à mão e as secções dos blocos eram feitas na Cadeira de Histologia. O ensino da patologia foi se consolidando e o conceito do que era patologia foi se difundindo. Em meados de 1962, juntamente com o Prof. Ovídio Montenegro, começou a fazer reuniões anatomo-clínicas, uma vez por semana. Os primeiros casos eram retirados do NEW ENGLAND JOURNAL OF MEDICINE. Havia ainda muita resistência entre os mais velhos para que fossem discutir sua “sabedoria” de público. Dr. Getúlio recorda que, uma vez, tendo convidado um professor de obstetrícia para relatar e discutir um caso, e tendo este aceito o convite, surpreendeu-se quando ao iniciar a sessão recebeu do mesmo professor o recado de que “não iria participar de sessão de adivinhação”.

Outras vezes, recebia também convites para participar de sessões “anatomo-clínicas”. Quando lá chegava via que tratava-se de, digamos, uma aula normal para alunos. O professor começava a exposição e lá para as tantas, voltava-se para o Dr. Getúlio e lhe pedia: “Professor, continue a aula”.

Quando veio de Recife, o Dr. Getúlio já encontrou, designados para a Cadeira, um assistente e alguns funcionários. O assistente, Dr. Airton Wanderley, recém formado, era um cirurgião nato, sempre de olho no Departamento de Cirurgia. Tanto assim que, poucos meses depois, para lá se transferiu e distinguiu-se, chegando a Prof. Titular. Também ocupou outros cargos de destaque na medicina potiguar, como presidente da Associação Médica, Diretor do Hospital Universitário e vice-presidente da UNIMED. Ainda hoje ele costuma dizer o quanto seu período na Patologia o ajudou na prática cirúrgica.

Ao poucos, o Dr. Getúlio foi conseguindo montar o laboratório e treinar pessoas para desempenhar a função de técnico. Para isso, teve a vontade e o empenho de dois funcionários. Foram eles Gladstone Cardoso, que tornou-se um excelente técnico de laboratório e de fotografia, e Pedro Ivo de Medeiros, que até hoje trabalha como técnico de necropsias. Ambos tiveram a oportunidade de estagiar no navio-hospital norte-americano do projeto HOPE, que esteve aportado em Natal durante todo o ano de 1972, sendo sempre elogiados pelos patologistas e técnicos americanos.



Dr. Getúlio presidindo uma mesa por ocasião do Congresso de Patologia em Lima – Peru, 1965.

Em 1962, Dr. Getúlio participa do International Congress of Pathology, em Zurich, e em 1965 representa o Rio Grande do Norte, ainda como o único patologista do Estado, no Congresso de Patologia em Lima, Peru.

Também aos poucos, os alunos começavam a perceber o quanto valia a anatomia patológica para sua prática médica. O Dr. Getúlio recebeu várias homenagens desde o seu primeiro ano como professor da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Em 1965, foi escolhido paraninfo da turma concluinte daquele ano.

Ainda em 1965, Natal foi sede do I Congresso Norte-Nordeste de Patologia. O número de médicos no Rio Grande do Norte ainda era pequeno e não havia ainda outros patologistas em Natal. Para formar a comissão organizadora, Dr. Getúlio solicitou a participação de colegas de outras especialidades médicas. Havia, naquela época, um pequeno número de médicos no Estado. Mesmo assim, o evento foi um sucesso.

Deste primeiro congresso, participaram com destaque, entre outros, os Profs. Barretto Netto, Barros Coelho, Adonis Carvalho, João Plutarco, Vital Lira, Valdir Bandeira e Roland Simon, este de Maceió e que, na ocasião, foi eleito presidente da regional, assumindo o compromisso de realizar o II Congresso Norte-Nordeste de Patologia, naquela cidade.

A presença do Prof. Barretto Netto foi marcante para nossa patologia. Em 1965, estava cursando o sexto ano Jessione de Carvalho Lima, que já se agregara ao Dr. Getúlio. Depois de apresentá-lo ao Prof. Barretto, Dr. Getúlio perguntou a este sobre a possibilidade dele receber o futuro Dr. Jessione para estagiar em patologia, no que foi prontamente atendido. Assim, Dr. Jessione foi para a Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro ser treinado no Serviço de Anatomia Patológica do Prof. Barretto Netto, no período de 1966 a 1967. Como parte do treinamento, o Dr. Barretto solicitava que o Dr. Jessione o ajudasse, ministrando aulas para o curso de medicina da Universidade Federal Fluminense, em Niterói.

No período de 1969 a 1972, Dr. Jessione permaneceu em Natal, dividindo com Dr. Getúlio as tarefas da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que incluíam aulas, reuniões anatomo-clínicas e exames de biópsias e necropsias. Nesta época, participava também com Dr. Getúlio da rotina do primeiro laboratório privado de anatomia patológica, que Dr. Getúlio havia iniciado em 1967, em um hospital particular.

Em 1972, o navio norte-americano do Projeto HOPE aportou em Natal. Aqui ficaria de fevereiro a novembro. O primeiro patologista, Dr. Holman, entrosou-se, de imediato, com o Dr. Getúlio, com quem manteve forte amizade.

Os médicos de Natal, em treinamento no HOPE, eram freqüentemente procurados pelo Dr. Holman que, sempre incansável e com uma brandura que não permitia contestação, alertava seus colegas natalenses para o valor do exame de congelação durante o ato cirúrgico, o que, na época, somente era solicitado excepcionalmente. “Todo o material retirado do corpo humano deve ser encaminhado ao patologista”. Isso foi criando uma nova mentalidade, sobretudo naqueles mais novos. Os médicos já aceitavam a idéia do exame de congelação, quando houve um fato interessante. A Dra. Finley, de Nova York, bem mais durona que o Dr. Holman, estava atendendo um cirurgião, que retirava um pequeno tumor da mama de uma paciente jovem. Tratava-se, na verdade, de um fibroadenoma e com um pouco menos de 1 cm de diâmetro. Com a peça já na mão, o cirurgião a secciona ao meio e a entrega à patologista, dizendo: - “É benigno”. Esta rispidamente o adverte: - “Não faça mais isto. Estou aqui para examinar a peça, em primeira mão e não depois do senhor”. Mesmo que tenha havido um pouco de excesso de sua parte, foram fatos assim que ajudaram a criar um nova consciência.

De 1973 a 1975, Dr. Jessione novamente ausenta-se de Natal, indo para Recife com a finalidade de fazer o curso de mestrado. O coordenador do curso de mestrado da Universidade



Festa de confraternização do Departamento de Patologia – dezembro/1973.

1-Ricardo Pacheco (secretário); 2- Dr. Jessione; 3- Dra. Zezinha; 4- Gladstone Cardoso (técnico de histologia e fotografia); 5- Dr. Formiga; 6- Dra. Ana Maria; 7- Dr. Getúlio; 8- Pedro Ivo (técnico de necropsia); 9- Luiz (auxiliar de serviços gerais).

Federal de Pernambuco era o Prof. Dr. Adonis Carvalho e o seu orientador foi o Prof. Dr. Vital Lira. Após conclusão, apresentação e aprovação com louvor do seu trabalho de tese, cujo assunto foi uma monografia sobre endomiocardiofibrose - doença de Davis, o Dr. Jessione retorna para Natal. Permaneceu integrado ao Departamento de Patologia até 1991, tendo se ausentado alguns períodos para participar de cargos administrativos, tais como diretor do Centro de Ciências da Saúde e coordenador do curso de medicina. Em 1991, aposentou-se da UFRN como professor, permanecendo com o vínculo de médico do Hospital Universitário. Exerce também atividade na área privada, dividindo com o seu filho, o Dr. Jessione de Carvalho Lima Filho, a rotina de um laboratório particular. O Dr. Jessione de Carvalho Lima Filho foi residente no Departamento de Patologia da UFRN, no período de 1994 a 1995.

Em 1975, deu-se a fundação oficial da Seccional Rio Grande do Norte da Sociedade Brasileira de Patologistas. Participaram da fundação da nossa seccional, entre outros, os Drs. Getúlio de Oliveira Sales, seu primeiro presidente, Jessione de Carvalho Lima, Josefa Ferreira Bittencourt, Ana Maria de Oliveira Ramos, Carlos Cesar Formiga Ramos e Maria Goretti Freire de Carvalho. A seguir, foram presidentes da SBP-RN os Drs. Carlos Cesar Formiga Ramos, Josefa Ferreira Bittencourt e eu, que assumi em novembro de 1994 até outubro de 1997. A Dra. Maria Auxiliadora Carvalho da Rocha é a nossa atual presidente.

A partir de 1964, a aluna Josefa Ferreira da Silva, carinhosamente conhecida pelo amigos e colegas por Zezinha, passou a freqüentar o Departamento de Patologia como monitora, auxiliando as atividades de aulas práticas e a rotina de patologia cirúrgica, particularmente na parte de macroscopia. Tendo concluído o curso de medicina em 1967, iniciou a residência médica no Departamento de Patologia da Universidade Federal de Pernambuco, cujo chefe era o Prof. Barros Coelho. Em agosto de 1969, estando na segunda metade do segundo ano de residência, recebe um telefonema do Dr. Getúlio, informando que havia sido aceita pelo Conselho Departamental para ser contratada como professora auxiliar de ensino. A princípio, ficou acordado que ela poderia concluir sua residência. Entretanto, por exigência do reitor, antecipou a sua vinda em cerca de três meses. Assim, ainda em 1969, assumia a função de auxiliar de ensino, dividindo as tarefas com os Drs. Getúlio e Jessione.

De 1976 a 1978, Dra. Zezinha permaneceu na Universidade Federal da Bahia, cursando o mestrado, cujo coordenador era o Prof. Dr. Zilton de Andrade. Defendeu a sua tese com brilhantismo, tendo feito um trabalho sob a orientação do Prof. Dr. Aristides Chedo Queiroz, intitulado “Contribuição ao Estudo das Metástases Esplênicas (Estudo em material humano e experimental)”. Retornando a Natal em 1979, permaneceu dando sua contribuição ao grupo até 1991, quando se aposentou. Continua trabalhando como patologista, integrada a um laboratório particular.

Novos Contratados

A seguir, vieram o Dr. Carlos Cesar Formiga Ramos e a Dra. Ana Maria de Oliveira Ramos, aprovados em concurso público em 1972. Desse concurso, participaram também os Drs. Jessione e Zezinha.

Dr. Formiga destacou-se, desde o início, por ser um excelente patologista cirúrgico geral, tendo maior inclinação pela patologia tumoral, de uma forma geral. É aquele patologista que eu gosto de classificar como farejador de diagnóstico. Após a saída de Dr. Jessione para o mestrado em Recife em 1973, Dr. Formiga passou a trabalhar também com o Dr. Getúlio no seu laboratório particular. Em 1975, assumiu a diretoria do Departamento de Pesquisa da Pró-Reitoria para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação, acumulando a função de pró-reitor substituto do mesmo departamento. No ano de 1982, conseguiu que a residência médica do Departamento de Patologia fosse reconhecida pelo MEC, com duas vagas para cada ano de residência. Tem sido o presidente da Comissão Permanente de Residência Médica desde 1983. Como a maioria dos que foram se integrando ao departamento, já freqüentava o serviço desde o seu terceiro ano do curso de medicina, em 1968, permanecendo como monitor até o ano de sua formatura em 1971.

Tendo retornado de Recife juntamente com Formiga, Ana Maria teve participação atuante, durante todos os anos em que esteve trabalhando no departamento. Excelente professora como os demais, demonstrou grande interesse pela patologia infecciosa e o gosto de procurar os "bichinhos" que se escondem no meio dos processos inflamatórios e áreas de necrose. Assim, sempre que alguém se deparava com um caso em que era necessário pesquisar BAAR ou algum fungo, acabava pedindo a sua ajuda, principalmente, quando a pesquisa inicial havia sido negativa. O grupo brincava quando ela encontrava um bacilo isolado no meio de um granuloma ou dentro de um nervo, dizendo que ela tinha esses "bichinhos" guardados no seu microscópio, pois somente lá eram vistos. Foi paraninfa por duas vezes, nos anos de 1992 e 1998. Já aposentada em 1997, ingressou no curso de doutorado na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), sob a orientação da Profa. Dra. Franci Reis da Silva Patrício. A sua tese tem como título: "Artrite Experimental Induzida por Zymosan – análise bioquímica e histoquímica dos glicoconjugados da matriz condróide e sua correlação com a lesão em níveis citológicos e histopatológicos". Tem demonstrado, nos últimos anos, interesse na áreas de patologia neonatal, gastrointestinal e hepática e trabalha, na atividade privada, com o grupo do Dr. Getúlio, no Laboratório Médico de Patologia.

Em janeiro de 1975, parte para residência médica, mais uma vez no Departamento de Patologia da UFPE, a recém formada na UFRN, Dra. Maria Goretti Freire de Carvalho. Após sete meses de residência, é convidada a vir para Natal como professora visitante, ministrar um curso de férias. Em fevereiro de 1976, surge a oportunidade e o Dr. Getúlio amplia mais ainda o quadro do departamento com a contratação da Dra. Goretti e de mais duas ex-alunas recém formadas, Dras. Maria Auxiliadora Carvalho da Rocha e Maria Lucemere Mota Rolim.

A partir da década de 70, a Disciplina de Medicina Legal foi incorporada ao Departamento de Patologia, tendo como professores os Drs. Luiz Rodolpho Penna Lima e Jerônimo Manoel de Mendonça Rolim. Este último cursou mestrado no Departamento de Patologia Oral da UFRN, no período de 1988 a 1989. Defendeu a tese em abril de 1990, cujo título foi "Estudo Epidemiológico e Histopatológico do Cisto Tireoglosso".

A Dra. Maria Goretti Freire de Carvalho viajou, logo em seguida à sua contratação, para realizar mestrado na Universidade Federal Fluminense, sob a orientação do Prof. Dr. Barretto Netto. Concluiu o mestrado em 1977, trazendo grandes conhecimentos na área da patologia neonatal e placentária para o grupo de Natal. A sua tese teve como título "Infecções Placentárias e Lesões Vasculares e Vilositárias". De volta a Natal, da mesma forma que os seus antecessores, passou a trabalhar de forma harmoniosa e sintonizada com a filosofia do grupo, participando de todas as atividades do Departamento. Por vários anos, trabalhou também com o Dr. Jessione, em laboratório particular. Em 1992, afasta-se de Natal mais uma vez e vai para o Departamento de Patologia da Universidade Estadual de São Paulo, em Botucatu, a fim de concluir o doutorado. Em tempo recorde, um ano e nove meses, defendeu a tese, cujo trabalho intitulado "Paracoccidiodomicose Experimental em Hamsters (*Mesocricetus*

auratus). Interações Gestacionais e Implicações Relacionadas à Resistência das Fêmeas à Infecção”, teve como orientador o Prof. Dr. Mário Rubens G. Montenegro. Lá fez grandes amizades e isso, com certeza, ajudou a organizar, mais tarde, um mestrado interinstitucional, envolvendo a UNESP - Botucatu e a UFRN - Natal, com o aval da CAPES. Esse convênio foi firmado em novembro de 1996 tendo o curso se iniciado em março de 1997. O mestrado interinstitucional está possibilitando titular um grande número de professores novos recém contratados pela UFRN e servirá de base para a criação de mestrado no próprio Departamento de Patologia da UFRN, em futuro próximo. Essa experiência também a fez pensar e sonhar na possibilidade de realizar novo convênio nos mesmos moldes, a fim de poder oferecer a oportunidade aos docentes para realizar o curso para obtenção do título de doutor. Embora aposentada pela UFRN no ano de 1997, a Dra. Goretti continua como coordenadora local do mestrado interinstitucional, orientando teses de mestrado na UFRN, ministrando aulas nos cursos de biologia e odontologia da Universidade Potiguar - UNP e trabalhando na atividade privada, dividindo um laboratório particular com outras cinco colegas. Foi chefe do Departamento de Patologia, no período de novembro de 1994 a outubro de 1997.

Sempre com a intuição e o carisma para atrair boas pessoas para o departamento, Dr. Getúlio consegue a contratação de mais uma médica que havia, durante o curso demonstrado interesse e inclinação para a especialidade - foi a vez do ingresso da Dra. Francinete Maniçoba de Oliveira Ferreira, em fevereiro de 1977.

Em 1978, novo concurso efetiva as Dras. Maria Auxiliadora Carvalho da Rocha, Maria Lucemere Mota Rolim e Ana Cristina Gurgel de Castro. Esta última, formada em Ciências Biológicas e com bacharelado em patologia, assumiu a parte técnica do laboratório da UFRN, organizando e incrementando novas técnicas de coloração especial além de participar de aulas teóricas e práticas.

As Dras. Auxiliadora, Lucemere e Francinete também deram grande contribuição ao departamento, participando de todas as atividades científicas. Na patologia diagnóstica, Dra. Auxiliadora destacou-se por seu interesse em patologia renal e endometrial. A Dra. Lucemere, além de professora e patologista geral, desenvolveu interesse por medicina legal, trabalhando até os dias atuais como legista do Serviço de Medicina Legal da Secretaria de Segurança do Rio Grande do Norte. A Dra. Francinete, além de ser a responsável pela organização das reuniões anatomo-clínicas, selecionando os casos a serem apresentados, vem demonstrando, desde o início da sua carreira, interesse e dedicação ao estudo da hematopatologia.

A Dra. Lucemere fez o curso de mestrado no Departamento de Patologia da Odontologia da UFRN. A sua tese, “Estudo Epidemiológico das Neoplasias Epiteliais Originadas de Glândulas Salivares Maiores e Menores – análise de 114 casos”, foi defendida em 1990. O seu trabalho teve grande repercussão, uma vez que envolveu amostragem significativa das neoplasias das glândulas salivares, com o levantamento de todos os casos desde o início do funcionamento do Departamento até o ano de 1989.

Em 1974, o Departamento de Patologia teve como monitor o estudante João Bosco de Souza. Em 1979, dois anos após a conclusão do curso de medicina, o Dr. Bosco viaja para Campinas, SP, e faz a sua residência médica na UNICAMP, cujo chefe era o Prof. Dr. José Lopes de Faria. Lá fez um sólido treinamento em necropsia, patologia cirúrgica e citopatologia, deixando uma excelente impressão do nível do nosso curso médico. Quando cheguei na UNICAMP para iniciar minha residência médica em 1982, fui testemunha do carinho, respeito e admiração que todos tinham por ele. O Dr. Bosco retorna para o Rio Grande do Norte ao final do seu segundo ano de residência médica, em janeiro de 1981 e monta o seu laboratório na cidade de Mossoró, criando o primeiro núcleo de patologia cirúrgica, no oeste do Rio Grande do Norte. Apesar da distância, vem com freqüência a Natal, participa de reuniões e eventos científicos locais e comparece com regularidade ao nosso convívio para discutir os casos mais difíceis. É também médico citopatologista pelas secretarias municipal e estadual de saúde.

Cursos, Congressos e Eventos

Os anos de 1978 e 1979 foram marcados pela realização de um curso de especialização de grande valor científico para o departamento. O curso foi dividido em oito módulos e contou com a participação de colegas patologistas brasileiros e um norte-americano. Dele participaram os Drs. Barretto Netto, patologia endócrina, Cláudio Lemos, patologia óssea, Francisco Marques dos Santos, patologia renal, Dora Menezes, patologia neonatal e placentária, Eridan Bezerra Coutinho, patologia da nutrição, Valdir Bandeira, dermatopatologia inflamatória e tumoral, Zilton de Andrade, patologia hepática e David O. Holman, citopatologia ginecológica e geral.

Em 1979, no XIII Congresso Brasileiro de Patologia, realizado em Brasília, o Prof. Barretto Netto lança o nome do Dr. Getúlio para vice-presidente da Sociedade Brasileira de Patologistas. (O vice-presidente eleito seria automaticamente o presidente para o próximo biênio). Dr. Getúlio, doente, ficara em Natal. Assim mesmo, foi eleito e, posteriormente, empossado presidente, ao fim do XIV Congresso Brasileiro de Patologia, realizado em Belo Horizonte, em 1981, substituindo o Prof. Junqueira Alvarenga. Para o último dia deste congresso, estava programada a votação de modificações do Estatuto. A sessão se prolongava noite a dentro, sem nenhuma perspectiva de resultado, quando o Dr. Getúlio pede a palavra e propõe que se nomeie uma comissão para o estudo e formulação de uma projeto mais objetivo. Sua sugestão foi de pronto aceita pelo presidente, Prof. Junqueira Alvarenga, que o nomeou presidente da comissão que seria composta por ele, pelos Profs. Marcello Fabiano de Franco, José Carlos Prates Campos e Affonso Coelho.

O mandato de Dr. Getúlio como presidente da Sociedade Brasileira de Patologistas se iniciara em julho de 1981. Logo de início, entrou em contato com os demais membros da comissão encarregada da reforma do estatuto. Ficou decidido que todos se reuniriam em Ribeirão Preto, durante o carnaval de 1982, para elaborar um anteprojeto. Nas vésperas de viajar, Dr. Getúlio ainda telefonou para todos os membros, que confirmaram que lá estariam. Dr. Getúlio viaja, de avião, de Natal a Campinas, onde apanha um carro para ir ao encontro marcado e confirmado. Conforme havia previamente combinado com o Dr. Marcello Franco, o apanha no percurso e seguem viagem. Ao chegarem em Ribeirão Preto, surpresa. O Dr. Affonso Coelho, então secretário da sociedade, havia mandado um recado, dizendo que não poderia comparecer. Mesmo assim, a reunião foi feita com muito proveito. A partir daí, foi enviada correspondência a todos os patologistas do Brasil, com a proposta que haviam elaborado e para a qual pediam novas sugestões. Como sempre, somente poucos responderam.

A partir de 1982, Dr. Getúlio começa a se interessar por computação, tendo sido o pioneiro no Brasil na utilização desse recurso, em um laboratório de patologia. Ainda no ano de 1982, com a aquisição de um microcomputador CP-500 com 64 Kbytes de memória iniciou um trabalho de arquivo de diagnósticos em um programa de banco de dados. Logo depois, desenvolve, com o auxílio de um profissional da área, programa específico de gerenciamento de um laboratório, incluindo a elaboração de relatório final de laudo, introduzindo uma forma de descrição macroscópica, baseada em *checklist*. Os resultados desse trabalho foram apresentados no V Congresso Norte-Nordeste de Patologia e I Jornada Paraibana de Citopatologia, realizado em João Pessoa, PB, a convite do Dr. Carlos Alberto Fernandes Ramos, em 1986.

Em 1983, de 30 de janeiro a 4 de fevereiro, realizou-se em Natal o XV Congresso Brasileiro de Patologia. Apesar da distância entre Natal e os demais centros de patologia do Brasil, o comparecimento ao congresso foi grande, tendo sido considerado um sucesso. Todos do Departamento, mais uma vez, participaram ativamente nas mais diversas tarefas de



Sessão solene de abertura do XV CONGRESSO BRASILEIRO DE PATOLOGIA, 1983.

Drs. José Carlos Prates (vice-presidente da SBP), Airton Wanderley (presidente da Associação Médica do RN), Barros Coelho (presidente de honra), Lavoisier Maia (governador do RN), Getúlio de Oliveira Sales (presidente do congresso e da SBP), Diógenes da Cunha Lima (reitor da UFRN), Onofre Lopes (fundador da UFRN) e Carlos Cesar Formiga Ramos (secretário-geral do congresso).

organização e apoio ao evento. O presidente de honra foi o Prof. Dr. Raimundo de Barros Coelho e a comissão executiva foi formada pelos Drs. Getúlio de Oliveira Sales, presidente, Jessione de Carvalho Lima, vice-presidente, Carlos Cesar Formiga Ramos, secretário geral e Maria Auxiliadora Carvalho da Rocha, tesoureira. A comissão científica foi composta pelas Dras. Ana Maria de Oliveira Ramos, Josefa Ferreira Bittencourt, Maria Goretti Freire de Carvalho, Maria Lucemere Mota Rolim e Francinete Maniçoba de Oliveira Ferreira. A assembléia geral extraordinária para discussão e votação do novo estatuto estava previamente marcada para o dia primeiro de fevereiro, terça-feira, bem no meio do congresso, das 14:00 às 18:00 h. Na véspera, à noite, Dr. Getúlio reuniu as principais lideranças, com as quais discutiu as modificações propostas, traçando o plano para o debate e votação do dia seguinte. E, realmente, no dia seguinte, tudo ocorreu em boa ordem, com debates objetivos e votações rápidas. Mesmo assim, a sessão terminou um pouco depois da hora prevista. No entanto, na quinta-feira, o novo estatuto já estava impresso e distribuído aos participantes.

No ano de 1981, após a conclusão do curso de medicina, Lúcia de Fátima Souto Amorim e eu iniciamos o primeiro ano de residência em anatomia patológica na UFRN (o programa de residência encontrava-se em fase de oficialização pelo MEC). Lucinha, como é conhecida no departamento, concluiu os três anos da residência e permaneceu trabalhando juntamente com o grupo. Eu prestei concurso para a residência da UNICAMP e fui fazer a residência no período de 1982 até o final de 1984, concluindo assim três anos em Campinas e um ano em Natal, totalizando quatro anos. Tive a oportunidade ainda de estagiar por três meses no Hospital A. C. Camargo, durante o ano de 1984. Lá, muito aprendi e guardo ótimas recordações do grupo de patologistas daquela época.

De volta a Natal, entusiasmado com a idéia de seguir a carreira universitária, deparei-me com a impossibilidade de ser contratado como professor. É que a UFRN passou de 1980 a 1993 sem realizar nenhum concurso para o Departamento de Patologia. No departamento, Lúcia e eu, contratados como médicos, passamos vários anos desenvolvendo as atividades de docente e de patologista até o ingresso dos novos auxiliares de ensino, em 1993. Até hoje, permanecemos com o vínculo oficial de médicos contratados.

Durante a minha residência em Campinas, procurei aproximar-me de todos do departamento, tendo aproveitado o máximo de cada um. Fiz grandes amizades com os docentes e contemporâneos de residência, alguns deles hoje docentes da UNICAMP. No segundo ano, fui eleito chefe dos residentes da patologia. Na época, checávamos todos os casos de patologia cirúrgica com o Prof. José Lopes de Faria. Isso me deu a grande oportunidade de passar muitas horas, ouvindo os seus ensinamentos e aprendendo com as suas lições de vida. Nas horas vagas, ao final da tarde dos sábados e, às vezes, aos domingos, freqüentava o laboratório do qual o Dr. Marcelo Alvarenga é sócio, o Instituto de Patologia de Campinas. Com ele, obtive grandes ensinamentos de patologia cirúrgica geral, principalmente, na área de patologia mamária e oncológica em geral. Foi com ele que aprendi a gostar de freqüentar as reuniões da APESP. Íamos a todas e participávamos com entusiasmo, por vezes, tendo que viajar muitos quilômetros de ida e volta às mais diversas cidades do interior de São Paulo. Também foi com o Dr. Marcelo que participei de vários cursos na cidade de São Paulo e, através dele, que me aproximei do Dr. Venâncio e iniciei os meus primeiros passos para

aprender imuno-histoquímica. Naquela época, em 1984, o Dr. Venâncio estava iniciando, no Instituto Adolfo Lutz (IAL), a técnica da peroxidase antiperoxidase (PAP) em cortes fixados e emblocados em parafina. As reações eram feitas uma vez por semana, quando viajávamos de Campinas a São Paulo, eu e um amigo e colega de residência José Vassallo, para acompanhar a parte final da reação.

Tive a honra de participar da diretoria da SBP, durante o segundo mandato do Dr. Marcello Fabiano de Franco e sou, atualmente, o vice-presidente da ABRALAPAC.

Em 1988, juntamente com duas colegas patologistas e ex-residentes do nosso Departamento nos períodos de 1985 a 1987 e de 1986 a 1988, respectivamente, Dras. Rose Mary Pegado e Silva Freitas e Nelly Luchiari de Lucena, fundamos o primeiro laboratório de anatomia patológica da Secretaria de Saúde do Estado. O laboratório foi montado no Hospital Walfredo Gurgel e passou a realizar exames de biópsias de toda a rede de hospitais estaduais e de alguns postos de saúde. Alguns anos mais tarde, as Dras. Sarah Jane de Paiva Rodrigues e Moema Pignataro Lima Guerreiro passaram a fazer parte do quadro de patologistas do laboratório, saindo de lá em 1995, depois de terem sido contratadas como professoras auxiliares no Departamento de Patologia da UFRN.

No final de 1990, coordenando um grupo de patologistas juntamente com o Dr. Formiga, participei da criação do Serviço de Verificação de Óbitos do Rio Grande do Norte. Lá dividi a direção com Dr. Formiga e Dra. Sarah Jane. Em 1992, fiquei responsável apenas pelo laboratório de anatomia patológica, tendo o SVO recebido outros patologistas no seu quadro. Até os dias atuais, o Dr. Formiga é o diretor geral do SVO.

Em 1990, a Dra. Zélia Maria Silva de Assis, médica ginecologista do Departamento de Tocoginecologia, decide fazer estágio em anatomia patológica, visando preparar-se para o concurso para obtenção do título de especialista em citopatologia. Teve assim o seu interesse despertado para a anatomia patológica, realizando residência médica nesta especialidade, nos anos de 1993 a 1995, no nosso Departamento. Atualmente, a Dra. Zélia tem vinte horas semanais à disposição do Departamento de Patologia, atuando, com maior destaque, na formação em citopatologia dos estagiários e residentes deste Departamento.

Em 1994, dez anos após ter voltado da residência, fiz uma reciclagem no Serviço de Patologia da Mayo Clinic, como médico visitante, com a duração de quatro meses. Além dos ganhos pessoais, essa experiência serviu para



Dr. Getúlio recebendo das mãos da Dra. Zezinha placa de homenagem: PRESIDENTE DE HONRA DA SBP/RN.

abrir o caminho e estimular outros a visitarem a Mayo Clinic. Assim, o Departamento de Patologia da Mayo Clinic recebeu o Dr. Fernando Negreiros,

em 1998, outro patologista com atuação em Natal na área privada e com residência na Universidade Federal do Rio de Janeiro, no Serviço do Prof. Dr. Domingos de Paola. O médico recém formado, Dr. Carlos Cesar de Oliveira Ramos, na época estudante de medicina, visitou a Mayo Clinic, como participante do programa de *clerkship* pelo período de um mês, em 1998, tendo acompanhado o Dr. Antonio G. Nascimento.

Momento da homenagem ao Dr. Antonio G. Nascimento durante o II SEMINÁRIO DE PATOLOGIA MAYO CLINIC, 1996. Drs. Getúlio, Ana Cristina, Alexandre, Antonio e Marcello Franco (presidente da SBP).

Natal foi também sede norte-nordeste do II Seminário de Patologia da Mayo Clinic, realizado em novembro de 1996. O evento foi um sucesso com a participação de mais de cem colegas da cidade e dos estados vizinhos. Neste evento, estiveram presentes o então presidente da SBP, o Prof. Dr. Marcello Fabiano de Franco e o atual presidente o Dr. Fernando Augusto Soares. Participaram desse seminário os Drs. Antonio G. Nascimento, Bernd W. Scheithauer, Jorge Ferrero, Gary L. Keeney e Krishnan Unni. A participação de todos os patologistas da cidade na organização e apoio ao evento foi o marco decisivo do sucesso. Eu, então presidente da SBP/RN, pude contar, principalmente, com a ajuda inestimável da "turma mais nova de patologistas" em especial das Dras. Sarah Jane, Cláudia, Rose Mary, Nelly e também da Profa. Ana Cristina. A secretária do evento ficou sob a chefia do experiente Dr. Formiga, que já havia sido o secretário geral do XV Congresso Brasileiro de Patologia, realizado aqui em Natal, em 1983.



**SILEIRA DE PA
ERNACIONAL DE PAT**

Equipe organizadora dos II SEMINÁRIO DE PATOLOGIA MAYO CLINIC, 1996. Keyla Borges, Sarah Jane, Alexandre Sales, Ana Cristina, Cláudia e Nelly.

Em 1997, Natal foi sede do XV Congresso Brasileiro de Citopatologia. Na oportunidade, grande número de patologistas da cidade fez o concurso para obtenção do título de especialista, tendo todos obtido sucesso. Na mesma oportunidade, foi realizado um seminário de patologia do IPATIMUP, com a participação dos Drs. Manuel Sobrinho Simões, Fernando Schmitt, José Manuel Lopes, Fátima Carneiro e Clara Sambade. A Dra. Goretti fez parte das comissões científica e

organizadora do congresso. Dei minha contribuição, participando também da comissão científica.

Em 1998, Goretti e Lucemere vão estagiar no IPATIMUP, Portugal, pelo período de quarenta e cinco dias, realizando reciclagem geral e treinamento na área de punção aspirativa com agulha fina, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Schmitt.

Em 1998, foi fundada a ABRALAPAC/RN, sendo uma das primeira seccionais criadas no Brasil. Estiveram presentes em Natal o presidente nacional da ABRALAPAC, Dr. Roberto Alfonso Arcuri e Dr. Renato Lima de Moraes Júnior, secretário - geral. A diretoria da seccional foi constituída pelas Dras. Nelly Luchiari de Lucena (presidente), Sarah Jane de Paiva Rodrigues (vice-presidente), Rose Mary Pegado e Silva Freitas (secretária) e Keyla Ferreira Borges (tesoureira).

Como já mencionado anteriormente, em janeiro de 1993, após longos 13 anos, a UFRN abre concurso público para professor auxiliar para o departamento de patologia. Os Drs. Francisco Pignataro Lima, Cláudia Nunes Oliveira Moreira e Keyla Borges Ferreira Rocha ingressam no departamento. O Dr. Francisco, formado em 1989, fez residência médica na UNICAMP, no período de 1990 a 1992. As Dras. Cláudia e Keyla haviam sido residentes do nosso Departamento.

Ampliação do Quadro Departamental

Em janeiro de 1995, novo concurso permite a entrada de mais quatro professores auxiliares, as Dras. Sarah Jane de Paiva Rodrigues, Moema Pignataro Lima Guerreiro e os biólogos Luiz Reginaldo Menezes da Rocha e Elizabeth Maia de Oliveira. Os dois últimos vieram preencher a lacuna deixada pela Profa. Ana Cristina, atual chefe do departamento e envolvida com a atividade de citotécnica. Hoje, são eles os responsáveis pela parte técnica do laboratório, estando atualmente em fase de montagem do setor de imuno-histoquímica. O Prof. Luiz Reginaldo trabalhava antes no laboratório de anatomia patológica do Hospital Walfredo

Gurgel e no Laboratório Médico de Patologia (LMP). Em 1993, após contato com o Dr. Venâncio, consegui estágio para que o então funcionário do LMP fosse aprender técnicas de imuno-histoquímica. Lá permaneceu por quatro meses. O LMP passou a realizar imuno-histoquímica de rotina a partir de 1995, quando retornei do estágio na Mayo Clinic.

Todos os professores recém contratados a partir de 1993, a patologista Dra. Lúcia, profissionais de outras áreas e eu nos engajamos, movidos pelo entusiasmo da Dra. Goretti, no curso de mestrado interinstitucional UFRN – Natal / UNESP - Botucatu. Durante todo o ano de 1997, professores da UNESP visitaram o departamento de patologia da UFRN, realizando os módulos teóricos necessários para o cumprimento dos requisitos exigidos pela CAPES. Atualmente, os mestrandos estão em fase de elaboração das suas teses.



Mestrandos da 1ª turma do mestrado interinstitucional UFRN/UNESP – Botucatu.

Keyla, Auxiliadora, Lucemere, Alexandre, Elizabeth, Moema, Francinete, Francisco, Zélia, Cláudia, Lúcia, Luiz Reginaldo, Sarah Jane e Gardênia.

Conclusões

Hoje, o Departamento de Patologia conta com doze patologistas e três biólogos, dos quais treze são professores, desenvolvendo trabalhos de ensino, pesquisa e extensão. O Rio Grande do Norte, que em 1967 tinha apenas um laboratório particular, tem, hoje, sete laboratórios realizando um grande número de exames. O Estado dispõe ainda, na rede pública, de um laboratório universitário, de um laboratório ligado à secretaria de saúde e um laboratório da Liga Norte – Rio - Grandense Contra o Câncer, entidade filantrópica que mantém o Hospital de Câncer do Estado Dr. Luiz Antonio.

Os patologistas mantêm um intercâmbio com grandes centros, tanto através de cursos e seminários periódicos, como através do envio de casos em consulta. O grupo dispõe de técnicos de ótimo nível, tendo à sua disposição um grande número de colorações especiais, incluindo imuno-histoquímica.

Desde a chegada do Dr. Getúlio a Natal até os dias atuais, o pequeno grupo de patologistas do Rio Grande do Norte vem participando ativamente nos congressos e eventos promovidos pela SBP, através de apresentações de vários trabalhos científicos e participações em mesas redondas e seminários, além de publicações em revistas nacionais e internacionais.



Publicação da ata de fundação da SBP/RN no Diário Oficial em 20/12/75.

DADOS BIOGRÁFICOS DOS EX-PRESIDENTES DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PATOLOGIA

1- Período de (1954-1956) - Prof. Dr. Amadeu Fialho



Amadeu da Silva Fialho, nasceu em 24 de setembro de 1889, no Engenho de Dentro, subúrbio da cidade do Rio de Janeiro. Menino pobre, teve, entretanto, infância feliz. A austeridade, a responsabilidade e a alegria que reinavam em sua casa, influíram, seguramente, em sua formação e moldaram o seu caráter. Foi sempre severo, austero, responsável e bondoso. Era perseverante, tenaz, com grande amor pelo trabalho, confiante em sua capacidade de fazer, de realizar. Era um homem de fé. A sua mocidade foi dura, difícil, de lutas. Tudo enfrentou com muita fé, com disposição incrível para o trabalho, com muita alegria e muito amor pela vida. Possuía desejo ardente em ser solidário, em ser útil.

Órfão de pai, aos quatorze anos de idade, aos dezesseis já era um homem completo, chefe da família constituída por sua mãe e sua irmã. Lutou sozinho, enfrentou inúmeras dificuldades. Trabalhou como ajudante de electricista, como balconista de livraria, na Alfândega, como revisor de jornais. Estudou sempre. Durante o início do curso ginásial, cedo demonstrando suas tendências, construiu toscamente com as próprias mãos, seu primeiro microscópio para ver asas de inseto. O aparelho foi feito com um tubo de cartolina e duas lentes.

Após o curso ginásial, ingressou na Faculdade de Odontologia, tendo publicado o seu primeiro trabalho em setembro de 1911, na Revista Acadêmica. Nessa época, já era auxiliar no Laboratório do Hospital Central do Exército. Ele se denominava “Das manchas de sangue em medicina legal”. Já possuía amor pela pesquisa e pelos laboratórios, isso por que, deste modo, terminou sua publicação: “E o laboratório, o templo sagrado da sciencia, será o ponto eterno, de onde, surgirão, a voz e a inteligência dos pesquisadores, aquellos methodos e descobertas de que a sociedade e a natureza necessitam para a satisfação dos seus problemas”.

Em 1913, após sua formatura em Odontologia, que nunca exerceu, ingressou na Faculdade de Medicina. Estudou medicina, frequentando laboratórios, porém, sempre orientado para os doentes. Foi interno de Miguel Couto e se dedicou muito à Clínica Médica, o que o ajudou no início de sua vida profissional, tendo tido, inclusive, grande clientela no subúrbio da cidade. Foi interno no antigo Hospício, tendo tido grande influência de Juliano Moreira, que amou como mestre, exemplo de homem e grande orientador. Naquela instituição adquiriu enorme experiência em autópsias, que sempre executou até com elegância e grande interesse, buscando aprender e sempre aplicando os seus achados à clínica. Lá, também, tornou-se primoroso técnico e conhecedor da Histologia e da Embriologia. Foi, como é sabido, e por toda vida, cultor das duas ciências, sendo famosos os seus preparados histológicos, inclusive, os grandes cortes em celoidina, segundo a técnica de Christeller. Fez o curso de Manguinhos, do Instituto Oswaldo Cruz. O seu ingresso no curso foi feito através de solicitação pessoal a Oswaldo Cruz, o qual, ao seu término, o convidou para ser membro da instituição, honraria que, naquele momento, teve que ser declinada.

Em dezembro de 1913, na Revista Medicina Militar, publicou outro trabalho: “Mortes súbitas”. Ainda era estudante, no início do curso, e a publicação apresentava três casos de autópsias, com estudo microscópico.

Diplomou-se em medicina em 1918. Durante alguns anos exerceu a clínica no subúrbio do Rio, continuando a trabalhar em Anatomia Patológica. Em 1921, inscreveu-se em concurso na Saúde Pública, para Assistente de Fiscalização da Medicina. Nesse concurso, além de provas laboratoriais, havia uma para exame e diagnóstico clínico. Foi aprovado em segundo lugar e nomeado para o cargo, em 1922. No prédio, então da Saúde Pública, na rua do

Rezende, instalou o seu laboratório, no qual trabalhou até a sua morte. No mesmo ano, 1922, convenceu as autoridades sanitárias da necessidade de ser criado o Serviço de Verificação de Óbitos, até então realizado por dois médicos legistas. Aquele serviço foi instalado, por convênio, na Escola de Medicina e Cirurgia, tendo sido o primeiro caso, o de uma criança com tuberculose primária, com disseminação. Em 1925, tornou-se catedrático de Anatomia e Fisiologia Patológicas daquela escola, da qual foi, inclusive, Vice-Diretor.

A Livre-Docência realizou na Faculdade de Medicina, em 1933. Já era, naquela época, um patologista renomado. Realizara muito no Laboratório da Saúde Pública. Publicara numerosos trabalhos, difundira a necessidade da Anatomia Patológica no Rio de Janeiro. Procurava diversos hospitais da cidade, pedia peças e biópsias para o diagnóstico e mostrava os resultados, despertando o interesse para os doentes, além dos de natureza científica. O seu laboratório passou a ser frequentado por numerosos colegas, que ali sempre encontraram generosa acolhida e o auxílio para as suas publicações, suas teses e o estudo de seus casos. Conseguiu o que mais desejava --- difundir, demonstrar a importância da anatomia patológica, o respeito pela especialidade, enfim, a sua valorização, no meio médico da cidade. Durante todo aquele tempo trabalhou no Hospital São Sebastião, pertencente à Saúde Pública. O Hospital São Sebastião teve importância fundamental no estudo da tuberculose e das outras doenças infecciosas e parasitárias. Ali, eram realizadas, as vezes, oito ou dez autópsias, a maioria feitas por ele. No seu laboratório fazia culturas e inoculações para complementação científica dos casos. Adquiriu, dest'arte, experiência enorme no campo daquelas doenças, tendo publicado intensamente. Tornou-se grande conhecedor da tuberculose, participando de numerosos cursos, dos quais se sobressaíam os realizados por Clementina Fraga. Já tomara parte em duas comissões no nordeste para o estudo de sua nosologia e da peste bubônica, inclusive participando na fabricação de vacinas. Como consequência, fez publicações, que, até hoje, são consideradas fundamentais e de grande valor. Assim, escreveu sobre a Nosologia do Nordeste, a febre-amarela, a espiroquetose ictero-hemorrágica, mostrando as diferenças macro e microscópicas das duas entidades, as riquetisioses, a difteria, a tuberculose, as micoses, especialmente as blastomicoses e numerosas outras infecções e a sífilis e a lepra. Tinha grande interesse no estudo da natimortalidade e no estudo das neoplasias. Por solicitação do Prof. Francisco Pinheiro Guimarães, instalou o laboratório de anatomia patológica na cátedra de Patologia Geral, ali trabalhando durante algum tempo. Também, por solicitação do Prof. Antonio Abreu Fialho, então Diretor da Faculdade de Medicina, assumiu o laboratório de diagnóstico anatomopatológico, que funcionava anexo e com a aceitação do Prof. Raul Leitão da Cunha. Em seguida, tornou-se assistente da Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológica. Em 1939, tornou-se o Patologista do Centro de Cancerologia, pertencente, também, à Assistência Hospitalar da Saúde Pública e é, por isso, considerado um dos fundadores do Instituto de Câncer, já que aquele Centro foi o núcleo de formação do Instituto. Lá, é seu o nome do Centro de Estudos e, durante muito tempo, o prêmio maior do Centro teve o seu nome. Trabalhando com o material do Câncer, ampliou o seu conhecimento sobre os blastomas. Sobre eles, muito escreveu e publicou, além de realizar inúmeras palestras e cursos, inclusive os que se fizeram para a especialização em Cancerologia. Interessou-se profundamente pela Patologia Óssea e, nesse caso, foi um dos seus primeiros cultores no país. Ensinou-a com carinho, tornando-a fácil, como gostava de dizer.

Em 1943, tomou posse, como Titular, na Academia Nacional de Medicina, apresentando a sua memória sobre o Tumor de células de Leydig. Após o seu discurso, realizou uma palestra sobre "Sarcomas retículo-histiocitários", um dos assuntos de sua preferência.

Em 1946, fez o concurso para a Cátedra de Anatomia e Fisiologia Patológicas da Faculdade de Medicina da então Universidade do Brasil, a sua querida Praia Vermelha. Tomou posse em 1947. O seu discurso de posse foi transformado em pequena publicação - A evolução da Patologia. Ali, demonstrou a paixão que teve pelo Paleopatologia. Estudou-a com carinho, tendo sido assíduo frequentador do Museu Nacional. A sua tese de concurso é, até hoje, considerada fundamental no estudo da patologia da Paracoccidiodimicose. Denominou-

se de “Localizações Pulmonares da Micosse de Lutz-Anatomia-Patológica e Patogenia”. No Instituto Anatômico, dependência da Santa Casa de Misericórdia, sede da Cátedra, reencontrou-se com o Serviço de Verificação de Óbitos. Criou centro de estudos sobre patologia fetal. Lá, eram, em média, realizadas 1.200 autópsias de natimortos, anualmente. Foi feito estudo minucioso sobre a sífilis congênita, à luz da anatomia patológica, com as impregnações necessárias para a pesquisa do Treponema, e da radiologia. As cifras da prevalência de 20%, baixaram sensivelmente quando foi feito convênio com o Serviço do Prof. Martagão Gesteira, catedrático de Puericultura. A patologia fetal, ali, teve um dos seus núcleos de origem, ainda por que, muitos outros aspectos foram estudados.

Na Cátedra, ao lado e além, da tarefa enorme que teve em restaurar o prédio do Instituto, modificou, de modo extremamente significativo, o ensino da Anatomia Patológica. Tornou-o mais atraente, mais prático, com a demonstração das autópsias e da sua aplicação à clínica. A microscopia era ensinada através de coleções de lâminas extremamente cuidadas e selecionadas. Foi um grande professor. Teve amor pelos seus alunos, sendo severo, bondoso e compreensivo. Entendia bem a mocidade, os seus anseios, a sua turbulência e sabia de suas necessidades. Com eles, pacientemente conversava, e orientava-os até em seus problemas pessoais.

Aposentou-se da Cátedra em 1959, tendo sido eleito Professor Emérito da Universidade do Brasil.

Com a transferência dos Serviços da Saúde Pública, para a Prefeitura do Distrito Federal, o seu laboratório da rua do Rezende, transportou-se para Departamento de Tuberculose e assim exerceu a sua chefia até a sua morte. Teve, desse modo, a felicidade de não ver a sua destruição total, com o enorme patrimônio que possuía, o que não aconteceu com outros renomados mestres da nossa terra.

Em julho de 1954, participou, no Paraná, de memorável encontro dos patologistas brasileiros, ocasião em que foi fundada a Sociedade Brasileira de Patologia. Foi eleito Presidente Honorário. Essa honraria o emocionou bastante e a considerou uma das maiores homenagens da sua vida, isso por que partiu de seus colegas de profissão e de especialidade. Era ele homem simples, sinceramente modesto, tendo pelos seus colegas grande apreço e respeito. E, recorde-se, ali estavam, além de jovens iniciantes na especialidade, que ele considerava como grandes esperanças, outros, mais idosos, companheiros da grande jornada da vida.

Amadeu Fialho pertenceu a várias Sociedades médicas, nacionais e estrangeiras. Foi Membro Honorário da Academia Brasileira de Odontologia e da Academia Brasileira de Medicina Militar.

Faleceu Amadeu da Silva Fialho, em 20 de outubro de 1961.

Morreu como vitorioso. Vitorioso até sobre a morte, por que sempre será lembrado pelo que realizou, pelo que semeou, pelo que ensinou, com devoção e interesse. Por que foi um exemplo de médico e de patologista. Porque, como homem, foi um legítimo e autêntico varão.

2- Período de (1956-1958) – Prof. Dr. Moacyr de Freitas Amorim



MOACYR DE FREITAS AMORIM 1942-1966

Moacyr Amorim nasceu em Serra Negra, no Estado de São Paulo, a 6 de dezembro de 1899. Após o curso ginasial ingressou na Faculdade de Medicina de São Paulo, em 1918 colando grau em 1924 e apresentado tese de doutoramento sobre pesquisa original de Histologia Normal.

Desde estudante, orientou-se para a pesquisa científica, tendo trabalhado com os Professores Alfonso Bovero, Carmo Lordy, Ludgero da Cunha Motta e, posteriormente, com o Dr. C. Tretiakoff no Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital do Juquerí.

Em março de 1933 dirigiu-se para a Alemanha, tendo aí trabalhado no Instituto de Patologia Cerebral do Prof. Spielmeyer e no Instituto de Patologia Geral do Prof. Marx Borst, na Universidade de Munich. No ano seguinte estagiou no instituto de Patologia da Universidade de Freiburg sob a direção do famoso Prof. Ludwig Aschoff.

De volta ao Brasil retomou o seu cargo na Faculdade de Medicina para, em seguida, desligar-se dessa Faculdade e organizar, em 1937, a Secção de Anatomia Patológica do Instituto Butantã. Ainda no mesmo ano organizou o Serviço de Autópsias do Hospital São Luiz Gonzaga, em Jaçanã.

Embora afastado da Faculdade de Medicina de São Paulo, concorreu em 1939 às provas de Docência Livre, tendo sido classificado em primeiro lugar. Em 1939, exerceu o cargo de Professor da Cadeira de Anatomia Patológica, da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo.

Vagando-se na Escola Paulista em 1942, o cargo de Professor da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas, com a volta para a Alemanha do Prof. Walter Bungeler, Moacyr Amorim foi convidado para regê-la, passando posteriormente a Professor Catedrático por concurso, posto que ocupou até 1966, época de sua aposentadoria.

Durante os 25 anos que permaneceu na Escola Paulista de Medicina, dedicou-se ao ensino e à pesquisa. Durante sua gestão formaram-se vários patologistas, entre eles dois Docentes Livres, Jorge Michalany e Mario Pasqualucci.

Apesar das dificuldades inerentes a uma Escola particular, como foi a Escola Paulista de Medicina naquela ocasião, Moacyr Amorim não descuidou da pesquisa e sobretudo da defesa da Anatomia Patológica como especialidade.

No memorável II Congresso Latino-Americano de Anatomia Patológica, realizado em São Paulo, Moacyr Amorim, na qualidade de Presidente, ressaltou o valor de Anatomia Patológica, como especialidade médica e a importância de seu conhecimento para a formação do médico geral.

Embora tivesse sido, por decreto federal, aposentado compulsoriamente, em 1966, não encerrou sua atividade científica. Incentivado por sua esposa Lucilia Maria Amorim, talentosa artista, o casal Amorim dedicou-se a divulgar o valor do desenho microscópico no ensino da Anatomia Patológica.

A produção científica de Moacyr Amorim é extensa com trabalhos publicados tanto no Brasil como no Exterior e muitos deles citados na Literatura Universal e compreendendo trabalhos de morfologia pura, experimental e de cunho anátomo-clínico.

Moacyr Amorim além do mais foi o pioneiro no estudo da Neuropatologia em São Paulo e das reuniões Anátomo-Clínicas que iniciou no Hospital do Jaçanã aplicando o que aprendera na Alemanha.

Conhecedor profundo da histologia normal e da histopatologia, Moacyr Amorim dedicou-se também ao estudo da técnica histológica que foi cultivada sobretudo pela sua esposa.

3- Período de (1958-1960) – Prof. Dr. Raimundo de Barros Coelho



Nasceu na cidade de Bonito (PE), em 1908, e faleceu em 1996. Foi diplomado pela Faculdade de Medicina do Recife em 1933. Iniciou sua atividade profissional na Cadeira de Anatomia Patológica, como assistente do Prof. Ageu Magalhães. Em 1936, conquistou o título de Professor Livre Docente, aprovado em concurso com a Tese “Sífilis e arteriosclerose da aorta – aspectos macro e microscópicos diferenciais da lesão íntima”.

Em trabalho realizado no Departamento de Histologia da USP, obteve o título de Prof. Livre Docente em Histologia. Publicou vários trabalhos nos Anais da Faculdade de Medicina do Recife, entre os quais destacam-se: Anatomia Patológica do Natimorto e Contribuição ao Estudo da Esquistossomose de Manson. Acompanhou o Prof. Ageu como seu primeiro assistente, a quem dedicava grande amizade até os últimos momentos de sua vida.

Em 1950 assumia a Cadeira de Anatomia Patológica, defendendo a tese Morfogênese das lesões hepáticas na esquistossomomansônica experimental.

Barros Coelho procurou seguir o mesmo caminho do Prof. Ageu sempre com otimismo e serenidade. Inicialmente, com os dois assistentes – Dr. Humberto Menezes, que havia ingressado em 1944 e posteriormente com Ageu Magalhães Filho, em 1947.

Com a transferência da Cadeira de Anatomia Patológica para nova instalação no Hospital Pedro II, desenvolveu o Departamento com entrada de vários patologistas, formando uma verdadeira Escola, diversificada em Cancerologia, Medicina Tropical, Patologia Ginecologia, Neuropatologia, Patologia Pediátrica, todos trabalhando no mesmo departamento, e ainda um Laboratório de Citopatologia.

Na sua gestão, 4 patologistas foram bolsistas nos Estados Unidos e ele próprio frequentou o Massachusetts General Hospital – Boston University.

Publicou vários trabalhos, inclusive uma monografia sobre “Anatomia Patológica das afecções hepáticas “e sobre “ Patologia Experimental da Esquistossomose Mansoni”.

Foi posto à disposição da Faculdade de Medicina de Londrina, no Paraná, convidado para organizar a Cadeira de Anatomia Patológica no período de 1974 a 1975.

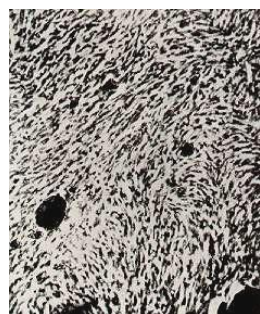
Foi presidente da Sociedade Brasileira de Patologistas (59-60).

Diretor do Centro de Ciências da Saúde (U.F.PE) período 1976 a 1980. Aposentando-se em seguida.

4- Período de (1960-1962) – Prof. Dr. Luigi Bogliolo



De origem italiana — mas brasileiro por adoção —, Luigi Bogliolo nasceu em 18/4/1908, na ilha da Sardenha, em Sassari (40° 44'N, 8° 33'E), principal cidade da província do mesmo nome, e morreu em Belo Horizonte em 6/9/1981. Primogênito de Enrico Bogliolo, ferroviário, e Maria Ruju, graduou-se em Medicina pela Universidade de Sassari em 1930, sendo considerado o melhor aluno da turma. Durante o curso médico, foi monitor da Cadeira de Anatomia e Histologia (1924-1927) e da Cadeira de Anatomia Patológica (1927-1930), sob a orientação do Prof. Enrico Emilio Franco, discípulo da Escola de Morgagni, que se tornou seu grande amigo e permanente inspirador. No biênio 1930-1932, foi assistente voluntário do Instituto de Anatomia e Histologia Patológica da Universidade de Sassari, dirigido por Franco. No final de 1932, transferiu-se, juntamente com o mestre, para a Real Universidade Adriática Benito Mussolini, sediada em Bari, tornando-se assistente efetivo, por concurso, da Cátedra de Anatomia Patológica. Em dezembro de 1936, mais uma vez seguindo os passos de Franco, transferiu-se para a Universidade de Pisa, na qualidade de Primeiro Assistente de Anatomia e Vice-Diretor do Instituto de Anatomia e Histologia Patológica. Ali, Bogliolo e Franco ligaram-se, afetiva e profissionalmente, ao regente da Cadeira de Patologia Geral, Prof. Cesare Sacerdotti, discípulo de Camillo Golgi (Prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina em 1906) e de Giulio Bizzozero (o descobridor das plaquetas que, por sua vez, foi discípulo de Rudolf Virchow, o "pai da Patologia Celular"). Numa demonstração do prestígio de que desfrutavam no meio universitário pisano, os três amigos — Bogliolo, Franco e Sacerdotti — eram cognominados "*I tre sofi*", ou seja, "Os três sábios". Em Pisa, Bogliolo obteve o título de Livre-Docente, mediante concurso realizado em 1938, e, nesse mesmo ano, casou-se com Geula Bennoun, estudante de Medicina de origem judaica, natural de Jaffa, cidade gêmea de Tel Aviv. Em janeiro de 1939, colhido pelas leis raciais — embora nascido na Itália, era também judeu —, Franco foi obrigado a exilar-se em Jerusalém. Em março do mesmo ano, Bogliolo foi demitido da Universidade de Pisa por sua posição antifascista agravada por sua íntima relação com o Prof. Franco e com Geula Bennoun, sendo forçado a abandonar o país natal. Depois de passar alguns meses na Bélgica, rumou, acompanhado da esposa, para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 5/1/1940.



Sarcoma fusocelular fasciculado produzido experimentalmente por Luigi Bogliolo mediante injeção de Thorotrast no Mus musculus var. alba. Notam-se glóbulos e grânulos de dióxido de tório (em negro) no parênquima tumoral. Foto extraída de: Bogliolo, L. Produzione col thorotrast di un sarcoma fusocellulare fascicolato nel mus musculus var. alba. Pathologica 29:372, 1937.



Da esquerda para a direita: Enrico E. Franco, Cesare Sacerdotti e Luigi Bogliolo - "I tre sofi". Pisa, março de 1938.

As publicações de Bogliolo, durante sua vida acadêmica na Itália, versam sobre temas variados da Anatomia Humana, Anatomia Patológica, Medicina Legal e Patologia Experimental, destacando-se as referentes às leishmanioses (nove trabalhos publicados entre 1934 e 1937) e, em especial, as relacionadas com a produção experimental, por meio de injeções de Thorotrast, de tumores malignos (sarcoma fusocelular fasciculado e sarcoma pleomórfico) no *Mus musculus*, var. *alba* (1ª nota, 1937) e no *Mus norvegicus* (2ª nota, 1938).

O Thorotrast (contraste radiológico à base de dióxido de tório radioativo, cuja meia-vida biológica, na espécie humana, é de 200-400 anos) foi introduzido, para uso clínico, em 1928, prestando-se, inicialmente, à realização de pielografias por via retrógrada e hepatolienografias por via endovenosa. Como era de se esperar, quase todo o dióxido de tório injetado era retido no organismo, sendo

que 70% depositava-se no fígado, 20% no baço e o restante no sistema reticuloendotelial da medula óssea e nos linfonodos periportais. A partir de 1931, o Thorotrast passou a ser utilizado pelo neurocirurgião português Egas Moniz para a visualização dos vasos intracranianos (angiografia cerebral), em substituição ao contraste iodado que utilizara até então com o mesmo objetivo. Apesar da qualidade das radiografias obtidas, a injeção extravascular acidental do contraste na virilha, na fossa cubital e no pescoço costumava provocar graves reações tóxicas – os chamados *thorotrastomas*: em resposta à radiação alfa emitida desenvolvia-se intensa reação fibrótica, com formação de massas endurecidas que determinavam limitação funcional das áreas acometidas e comprimiam as estruturas adjacentes. Porém, a consequência mais grave decorrente do uso indiscriminado do Thorotrast – perfeitamente previsível a partir dos trabalhos experimentais de Bogliolo – foi o aparecimento tardio, constatado a partir de 1947, de neoplasias malignas (em especial colangiocarcinomas e hemangioendoteliossarcomas hepáticos) em centenas de pacientes que receberam, às vezes mais de 40 anos antes, o contraste radiológico com finalidade diagnóstica. Mesmo assim, o Thorotrast continuou sendo utilizado até meados da década de 50 em instituições de grande prestígio, como o Massachusetts General Hospital (de Boston), a Lahey Clinic (também de Boston) e o University of Michigan Hospital (de Ann Arbor), de modo a configurar uma das passagens mais constringedoras da nem sempre gloriosa História da Medicina.

No Rio de Janeiro, Bogliolo tornou-se, a partir de janeiro de 1941, Chefe do Serviço de Anatomia Patológica da Quinta Cadeira de Clínica Médica da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, dirigida pelo Prof. Heitor Annes Dias, até a morte deste, ocorrida em 1943. Durante o período em que trabalhou naquela Faculdade, Bogliolo foi um grande incentivador das Sessões Anátomo-clínicas, as quais, além de seu extraordinário valor pedagógico, funcionavam, na medida em que punham a descoberto o diagnóstico correto, como um verdadeiro "controle de qualidade" do serviço médico prestado ao paciente. As autópsias dos casos apresentados eram realizadas pelo próprio Bogliolo, de modo que, uma vez discutido o quadro clínico e formuladas as hipóteses diagnósticas, cabia-lhe apresentar o laudo anatomopatológico e, mais que isso, fazer a grande síntese (epícrise), correlacionando, com grande propriedade, os achados *post-mortem* com aqueles observados durante a vida.



Em 1944, Bogliolo transferiu-se para Belo Horizonte, atendendo a um convite de seu compatriota Alfredo Balena, diretor da Faculdade de Medicina da UMG (hoje Faculdade de Medicina da UFMG), para reger a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológica. Na capital mineira, nasceriam três de seus quatro filhos (Ada, Rina e Anna Rosa), visto que o primogênito (Alexandre) nascera no Rio de Janeiro. Pelo fato de ser estrangeiro, foi obrigado, a despeito de sua titulação, a "revalidar" o diploma, submetendo-se, no período compreendido entre 1953 e 1957, a provas (práticas, escritas e orais) de todas as disciplinas dos três últimos anos do curso médico. Por conseguinte, apenas em 1958, obteve o título de Doutor em Medicina, defendendo a tese **Subsídio para o estudo anátomo-patológico da forma aguda toxêmica da esquistossomose mansônica**. Em 1959, após brilhante concurso, logrou atingir a Cátedra, "*il fine ultimo*", a ser perseguido obstinadamente — "*non si volta chi a stella è fiso*" —, como costumava dizer-lhe Franco, falecido em

Luigi Bogliolo e seus primeiros assistentes e colaboradores na Faculdade de Medicina da UMG. Sentados, da esquerda para a direita, aparecem: Iracema Baccarini (assistente voluntária); Luigi Bogliolo; Nello de Moura Rangel (assistente); João Henriques de Freitas Filho (assistente). De pé, da esquerda para a direita, aparecem: Maria Martins Gonçalves de Souza (secretária); doutorando Edmundo Chapadeiro (futuro assistente); Neuza Fontoura Dutra (técnica de laboratório); Helvécio Borges (acadêmico de Medicina); Júlia Saud (técnica de laboratório); Joaquim de Paula Sucupira (técnico de laboratório); Santos Soares (auxiliar de autópsias). Foto batida por Iaino Bonfioli, em 1949.

1950, em Jerusalém.

Em 1972, Bogliolo publicou, pela Editora Guanabara Koogan S.A., a primeira edição do livro **Patologia**, com a participação de seus assistentes e de professores de notório saber espalhados pelo país adotivo e pelo país natal; atualmente, o livro encontra-se na 5ª edição (1994). Em 1978, publicou, também pela Editora Guanabara Koogan, o livro **Patologia Geral Básica (Agressão. Defesa. Adaptação.Doença.)**.

Trabalhando na Faculdade de Medicina da UFMG até 1978, ano de sua aposentadoria compulsória, Bogliolo criou uma Escola de Anatomia Patológica que se imporia, por seu alto nível, no cenário científico do país adotivo. Seus primeiros assistentes foram Paulo Roberto Ferreira Borges (1944-1946), João Henriques de Freitas Filho (1946-1949), Nello de Moura Rangel (1948-1953), Edmundo Chapadeiro (1950-1954) e Iracema Baccharini. Contemplado com uma bolsa de estudos nos EUA, Paulo Roberto Ferreira Borges é o único a não figurar na foto aqui reproduzida, datada de 1949. Posteriormente, ou seja, a partir de 1952, vieram Washington Luiz Tafuri, Pedro Raso, Celso Pedro Tafuri, Pérsio Godoy, Alberto Nicolau Raick, José Geraldo Albernaz, Guilherme Cabral Filho, Abadio Marques Neder, Isauro Epiphaneo Pereira, Jaeder Teixeira de Siqueira, Evilázio Teubner Ferreira, Waldemar Ladosky, Aluísio Molinar, Neide Garcia de Lima, Ayrton Garcia Leão, Romeu Cardoso Guimarães, Luiz Otávio Savassi Rocha, José Eymard Homem Pittella, Alfredo José Afonso Barbosa, Eduardo Alves Bambirra e Geraldo Brasileiro Filho, além de Edison Reis Lopes, Fausto Edmundo Lima Pereira, Hipólito de Oliveira Almeida e Ademir Rocha (os quatro últimos discípulos de Edmundo Chapadeiro).

As contribuições da Escola de Luigi Bogliolo, reconhecidas internacionalmente, versam sobre temas os mais variados no âmbito da Patologia e disciplinas afins, destacando-se aquelas ligadas às chamadas doenças tropicais, particularmente a esquistossomose mansônica, a doença de Chagas, a blastomicose sul-americana e as leishmanioses. Merecem especial atenção as contribuições do próprio Bogliolo para o conhecimento da patologia das diferentes formas anátomo-clínicas da esquistossomose mansônica, na medida em que lhe foi possível, após muitos anos de estudo:

- caracterizar, de modo preciso, o quadro anatômico do fígado na forma hepatesplênica, notadamente na chamada "fibrose de Symmers", a qual, no entender de alguns, deveria ser denominada "fibrose de Symmers-Bogliolo";
- deixar claros os conceitos de *fibrose* e *cirrose*, aplicáveis às hepatopatias fibrosantes — que compreendeu como ninguém —, de modo a permitir a separação do quadro anatômico do fígado na esquistossomose mansônica hepatesplênica e na leishmaniose visceral daquele observado nas cirroses hepáticas;
- descrever, de forma pioneira, as alterações do hepatograma nos portadores da forma hepatesplênica da esquistossomose submetidos à esplenoportografia, alterações essas caracterizadas pela presença, ao lado da imagem mais nítida e mais densa dos ramos portais dicotômicos, de uma outra sombra, menos densa e de contornos imprecisos, correspondendo à rede vascular neoformada ao redor dos ramos dicotômicos ("sinal de Bogliolo");
- descrever, de forma minuciosa, o quadro anatômico da forma aguda toxêmica da esquistossomose mansônica, razão de ser de sua tese de doutoramento;
- descrever, pela primeira vez, o quadro anatômico do fígado na fase pré-postural da helmintíase, ao estudar punções-biópsia hepáticas realizadas cerca de três semanas após o banho infectante.

Não se pode deixar de mencionar, também, a descoberta devida a Washington Luiz Tafuri, discípulo direto de Bogliolo, enquanto trabalhava com o Prof. Herman Hager, no Instituto Max Planck (Munique), dos chamados grânulos elementares de neurosecreção das fibras nervosas

amielínicas intraganglionares do plexo mientérico de Auerbach (nota prévia publicada no periódico **Naturwissenschaften** 46:333, 1959). Tal descoberta representou um marco histórico, capaz de deflagrar um sem-número de pesquisas correlatas, uma vez que, até então, os grânulos elementares de neurosecreção eram considerados, pelos estudiosos em geral e por Bargmann e Palay em particular, específicos e exclusivos do trato hipotálamo-hipofisário, onde foram descritos por Scharrer, Gaupp e pelo próprio Bargmann.

A pós-graduação, tão valorizada ultimamente, já era, de certa forma, realizada por Bogliolo desde a década de 50; tratava-se, evidentemente, de uma pós-graduação *lato sensu*, sem regulamentação ou reconhecimento por parte das autoridades constituídas, uma espécie de "pós-graduação em espírito". Foi tão-somente em 1972 que a Coordenação de Ensino e Pesquisa da UFMG aprovou a criação do Curso de Pós-Graduação em Patologia (Mestrado e Doutorado), com três áreas de concentração: Patologia Geral, Patologia Especial Médica e Patologia Especial Odontológica. O curso foi reconhecido como "centro de excelência" (pelo CNPq) em 1973 e credenciado pelo Conselho Federal de Educação em 1978, por meio do parecer nº 7225/78. O Colegiado do Curso foi composto pelo próprio Bogliolo (coordenador) e pelos Profs. Washington Luiz Tafuri, Pedro Raso, Roberto Junqueira de Alvarenga (do Instituto de Ciências Biológicas), José Moreira dos Santos (da Faculdade de Odontologia) e Hélio de Senna Figueiredo (também da Faculdade de Odontologia).

Bogliolo foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Patologistas, ocupando praticamente todos os cargos, incluída a presidência (biênio 1960-1962). Sua presença marcante, sua verve, seu espírito crítico e seu estilo inconfundível faziam-se sentir nos congressos promovidos pela referida Sociedade. Foi também membro da Academia Mineira de Medicina, ocupando a cadeira nº 46, tendo como patrono seu amigo e colaborador José Aroeira Neves, discípulo de Ezequiel Dias.

Embora extremamente severo e exigente, a ponto de despertar indisfarçável temor naqueles que com ele conviviam, Bogliolo deixou uma marca indelével em seus alunos e colaboradores. Afinal, uma de suas grandes paixões – senão a maior – era investir na formação do jovem ávido de conhecimento, estimulando-o a exercitar o raciocínio, a desenvolver a consciência crítica e a "aprender a aprender", como fica evidente nos versos de um poema de sua autoria, redigido a lápis, em 1981, às vésperas de sua morte, por meio do qual ele faz uma reconstituição sumária de sua vida — uma espécie de "balanço": "*Pulsare ò fatto avidi cervelli di giovani e con le dita che sentivano, e con amore, con amore ò dato forma ad alcuni*" ("Fiz pulsar ávidos cérebros de jovens e com os dedos que sentiam, e com amor, com amor dei forma a alguns").

5- Períodos de (1962-1964 e 1987-1990) – Prof. Dr. Manoel Barretto Netto



O Professor Manoel Barretto Netto, nasceu em 17 de novembro de 1917, na cidade de Martins, Rio Grande do Norte, sendo filho de Leoncio Barretto e de Dona Maria Amélia Barretto. Iniciou seus estudos no Colégio Marista de Natal. Mudou-se para Ubá e finalmente completou o seu curso ginasial no Ginásio Mineiro em Belo Horizonte. Formou-se em Medicina na Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, em 1945.

Iniciou os seus trabalhos no Instituto Oswaldo Cruz, transferindo-se depois para a clínica de Neurologia, da Faculdade Nacional de Medicina que posteriormente foi transformada no Instituto de Neurologia.

Dirigiu o Serviço de Anatomia Patológica do Hospital Moncorvo Filho, tendo posteriormente trabalhado na Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro, onde permaneceu até a sua morte.

Foi professor de Histologia da Faculdade de Ciências Médicas, da Escola de Medicina e Cirurgia e professor de Anatomia Patológica da Faculdade de Ciências Médicas e da Nacional de Medicina. Exerceu ainda o Cargo de Professor Titular de Patologia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Bolsista da Fundação Kellogg, estagiou no Massachusetts Hospital da Universidade de Harvard.

Dirigiu o Hospital Universitário Antonio Pedro da UFF, tendo sido Reitor dessa Universidade no período de 1966-1970. Foi Chefe do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da UFF durante 17 anos (1970-1985).

Dirigiu o Serviço de Patologia da Santa Casa desde 1955.

Durante sua gestão como Reitor da Universidade Federal Fluminense, essa passou por profundas transformações: nesse período criou os quatro Centros que hoje possui, passando de 9 cursos superiores para vinte e três e aumentou o número de matrículas de cinco mil para onze mil.

Nesse período implantou a reforma Universitária e fez realizar Concursos Públicos para atrair novos professores. Ampliou a reforma administrativa na Universidade, criando e aprovando os Regimentos Internos das diversas Unidades, apesar do conturbado período político pelo qual passava o País.

Foi sócio fundador da Sociedade Brasileira de Patologia, tendo exercido a sua Presidência em dois Mandatos.

Sua produção científica iniciou-se quando ainda cursava o segundo ano do Curso Médico. O seu trabalho “Parkisonismo encefalítico” mereceu comentário do Year Book of Neurology. Seu trabalho “Blastoma de origem hipofisária” valeu-lhe o Prêmio Helio Povoas da Academia Nacional de Medicina, quando ainda acadêmico, o que suscitou muitos comentários.

O Professor Manoel Barretto Netto publicou 112 trabalhos científicos, apresentou 115 comunicações em Congresso e defendeu 4 Teses de Livre Docência. Participou de várias Bancas Examinadoras, sendo 17 para Professor Titular, 8 para Livre Docência tendo Orientado 26 Teses para Mestrado e Doutorado.

Recebeu do Ministério da Educação a Comenda da Ordem do Mérito Educacional e tomou posse como Membro Honorário da Academia Nacional de Medicina, em 15 de outubro de 1996. O Professor Barretto, foi também Prof. Emérito da UFF e Titular de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Fundação Educacional Souza Marques.

Faleceu, de modo inesperado, no dia 13 de julho de 1997, próximo de completar 80 anos.

6- Período de (1964-1966) – Prof. Dr. Zilton de Araujo Andrade



Zilton de Araujo Andrade nascido em 14 de maio de 1924, na cidade de Santo Antonio de Jesus, Bahia – Brazil, Chefe do Laboratório de Patologia Experimental do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz, Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), Ministério da Saúde, Brasil. Médico, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina, colou grau em dezembro de 1950. Especialidade: Patologia - Sub-especialidade: Patologia e Imunopatologia das Doenças Parasitárias.

Títulos Profissionais e de Pesquisa:

Residente em Patologia: Department of Pathology (Dr. Charles E. Dunlap). Tulane University School of Medicine, New Orleans, LA, USA (1951-1953).

Post-Doctoral Research Fellow: Department of Pathology (Dr. Hans Popper). The Mount Sinai Hospital, New York City, USA (1960-1961).

Doutorado: Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 1956.

Professor Livre-Docente: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina, Salvador, 1959.

Professor Visitante: Department of Pathology, Cornell University Medical College, New York, N.Y., 1971.

Professor Titular: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina, Salvador, 1974.

Pesquisador Titular, Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde, Brasil.

Desempenho de Funções:

1 - Professor Titular de Patologia, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Medicina, tendo sido sucessivamente: Auxiliar de Ensino, Professor Assistente e Professor Adjunto, sempre em regimen de tempo integral e Dedicção Exclusiva de 1953 até 1984.

2 - Pesquisador Titular, Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde de 1984 até 1994, quando aposentado compulsoriamente. Atualmente (DAS) Chefe do Laboratório de Patologia Experimental do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz (FIOCRUZ).

3 - Chefe do Serviço de Anatomia Patológica do Hospital Universitário Prof. Edgard Santos da Universidade Federal da Bahia. 1961-1973.

4 - Chefe do Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia, por dois períodos. 1974-1978.

5 - Diretor do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz da Fundação Oswaldo Cruz do Ministério da Saúde, 1980-1990.

6 - Função Atual: Chefe do Laboratório de Patologia Experimental do Centro de Pesquisas Gonçalo Moniz (FIOCRUZ), Salvador, Bahia - Brasil (1965-).

Serviços Temporários em Instituições Médicas e Educacionais:

1 - Organização Mundial da Saúde, Genebra, Suíça. Membro do Scientific Working Groups for Schistosomiasis and Trypanosomiasis (Chagas disease), Tropical Disease Research Program (TDR), 1967-1984.

2 - Organização Mundial da Saúde, Membro do "Expert Committee on Immunology and Parasitology", 1981 até o presente.

3 - CAPES - Conselheiro Presidente para a área médica, 1981-1982.

- 4 - CNPq - Membro do Comitê Assessor de Patologia (1980-1981) e do Programa Integrado para Doenças Tropicais (PIDE) (1985-1989).
- 5 - Membro do Conselho Técnico-Científico da Fundação Oswaldo Cruz (1980-1983) e do Conselho Técnico-Administrativo (1985-1990).
- 6 - Membro do Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia, eleito para o período 1964-1970 e uma segunda vez para: 1984-1990.
- 7 - Presidente da Sociedade Brasileira de Patologias: 1966-1967.
- 8 - Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia: 1976-1977
- 9 - Presidente da Sociedade Latinoamericana de Patologia (SLAP), 1986-1987.
- 10-Presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical: 1987-1988.
- 11-Membro da Academia de Medicina da Bahia a partir de 1985.

Prêmios

- 1 - Prêmio Alfred Jurzykowski, 1972, Academia Nacional de Medicina, por trabalhos nos campos da Esquistossomose e Doença de Chagas.
- 2 - Prêmio Nacional de Ciência e Tecnologia, 1985, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).
- 3 - Membro Honorário da Sociedade Argentina de Cardiologia, 1984.
- 4 - Professor Emérito, Universidade Federal da Bahia, 1985.
- 5 - Membro Honorário da American Society of Tropical Medicine and Hygiene, 1990.
- 6 - Fogarty Scholar-in-Residence, Fogarty International Center, National Institutes of Health, U.S.A., 1990/1993.
- 7 - Comenda Euryclides de Jesus Zerbini, 1994. Outorgado durante o 50º Congresso da Sociedade Brasileira de Cardiologia, Porto Alegre, RS.
- 8 - Agraciado com a Ordem Nacional do Mérito Científico, no grau de Comendador, pelo Exmo. Sr. Presidente da República, Brasília, Junho, 1995.
- 9 - Título de Sócio Emérito da Sociedade Brasileira de Patologia, outorgado durante o XX Congresso Brasileiro de Patologia, Belo Horizonte, MG, Agosto, 1995.
- 10-Medalha “José Silveira” outorgado pelo Rotary Club da Bahia, 1995.

Seis filhos (quatro vivos), 7 netos.

Aposentado, trabalha com DAS na Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde. Tem atividades administrativas (Chefe de Laboratório), Científicas (Pesquisa, orientador de Mestrados e Doutorandos) e didáticas (Professor de Pós Graduação do Curso de Mestrado em Patologia da UFBA).

7- Período de (1966-1968) – Prof. Dr. Fritz Koberle



A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi surpreendida na noite de 20.02 p.p. pela infausta notícia do súbito falecimento do Prof. Fritz Köberle. Nascido a 1º de outubro de 1910 em Eishgraben (Áustria), teve toda a sua formação humanística e profissional na cidade de Viena, cuja Universidade colou grau na condição de 1º aluno e se doutorou, recebendo o título *Doctoris Universae Medicinae* a 21 de dezembro de 1934. Desde 1932, ainda acadêmico, iniciara-se na Patologia na Policlínica de Viena sob a direção do Prof. Sternberg; durante esta fase foi também monitor de Pediatria e de Oftalmologia. Sua carreira profissional foi toda caracterizada pela dedicação à Universidade; já em janeiro de 1935 era admitido como Assistente Voluntário no Instituto de Patologia de Viena, onde galgou sucessivamente os postos de Assistente, Assistente-Científico, Assistente-Efetivo e Professor adjunto. Neste período trabalhou sob a direção do Prof. R. Maresch e posteriormente do Prof. H. Chiari. Durante a II Guerra Mundial serviu no corpo de saúde do exército alemão como patologista.

Em 1943 foi transferido para a Universidade de Münster, como Docente Livre, onde trabalhou sob a orientação do Prof. H. Siegmund, catedrático de Patologia, período considerado pelo Prof. Köberle como “a fase mais proveitosa e decisiva da minha formação científica”. Finda a guerra passou a dirigir o Instituto Patológico Bacteriológico e Sorológico de S^t Polten (Baixa Áustria), acumulando as funções de Perito Permanente de Medicina Legal e posteriormente a de Legista Chefe do Serviço Médico Legal e Perito-Médico da Rota Romana, cargos que ocupou até setembro de 1953.

A convite do Prof. Zeferino Vaz transferiu-se para o Brasil, para organizar o Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, cargo que assumiu a 20 de outubro de 1953. Atraíu-o a filosofia de implantação dessa Faculdade, que dava ênfase à associação Docência/Pesquisa através da dedicação plena dos seus professores.

A Faculdade de Medicina, instalada em Ribeirão Preto em 1952, já no ano seguinte tinha iniciado as atividades do Serviço de Verificação de Óbitos (S.V.O.), serviço que fazia parte do seu organograma conforme previsão da Lei 1467 (art. 15º) que a criou. Este fato foi importante para os acontecimentos que se seguiram, porque permitiu que se iniciassem os exames necroscópicos antes mesmo da instalação do hospital-escola (no S.V.O. são efetuadas autópsias em cadáveres de pessoas falecidas sem assistência médica). Este Serviço trouxe para a Faculdade um material de primeira ordem do ponto de vista da Patologia Geográfica, principalmente os casos de morte súbita, em indivíduos que muitas vezes nunca haviam frequentado consultórios médicos. Foi neste material, com diagnósticos assentados em exames necroscópicos, que se revelou a importância da Moléstia de Chagas em nossa região. Alicerçado nos numerosos trabalhos de Chagas, Köberle juntou um extraordinário volume de observações pessoais, adquiridas nos exames minucioso e intensivo de centenas de necropsias e elaborou uma conceituação totalmente nova a respeito da patogenia das lesões encontradas na moléstia de Chagas. O primeiro trabalho desta fase foi publicado em 1955 na Revista Paulista de Medicina em colaboração com Estevão Nador.

Os pesquisadores, que precederam Köberle, interpretaram a moléstia de chagas fundamentados na idéia de que a infecção pelo tripanossomo é um processo evolutivo, com manifestações sempre relacionadas à ação deletéria direta do parasita e aos processos inflamatórios dela decorrentes, os quais seriam os responsáveis pelas alterações morfológicas associadas.

Este conceito, clássico, foi modificado por Köberle. O novo conceito leva em conta que as manifestações das fases aguda e crônica caracterizam duas doenças totalmente diferentes. Na fase aguda, intensamente parasitária, peculiaridades clínicas e anatomopatológicas têm correlação com o parasitismo dos tecidos. A fase crônica, com baixo índice parasitário nos

tecidos, tem outras peculiaridades, com pouca ou nenhuma correlação com a infecção remanescente. Neste período há dois processos distintos evoluindo paralelamente: a infecção propriamente dita, inexpressiva, e as demais manifestações (cardiopatia, “megas”, etc.), com sintomas clínicos desproporcionais à intensidade da infecção. A observação de que a moléstia assume características diferentes nos dois períodos já fora feita pelo próprio Chagas, mas até a retomada da questão por Köberle a cardiopatia ficara com única manifestação reconhecida na fase crônica e as causas da diferença entre as fases aguda e crônica permaneceram sempre obscuras.

A contribuição fundamental de Köberle foi estabelecer o elo capaz de unificar a patogenia de todas as manifestações da fase crônica e explicar porque são tão exuberante, à vezes, e independentes da presença do parasita. Este elo foi assentado através da comprovação de que há uma acentuada redução numérica dos neurônios do sistema nervoso autônomo, como consequência da infecção pelo tripanossomo. Estes estudos relatados por Köberle e sua Escola com base em material necroscópico obtido de casos humanos e nos estudos realizados sobre a infecção natural de animais domésticos e a infecção experimental de animais de laboratórios. Tais trabalhos revelaram a extensão do comprometimento orgânico na fase crônica da doença de Chagas, até então considerado restrito ao coração. Os estudos sobre os “megas” viscerais constituíram outro capítulo de fundamental importância (megaesôfago, megacolon, etc) e abriram perspectivas que encorajam a criação de outros grupos de pesquisa dentro e fora de Ribeirão Preto.

As idéias de Köberle sobre a patogênese das lesões da moléstia de Chagas suscitaram intensa oposição dos meios científicos, relutantes ainda hoje em aceitar a sua teoria, que considera a fase crônica uma neuropatia predominantemente autonômica, constituída pelas seqüelas da destruição neuronal provocada pela infecção na fase aguda.

A frequência da moléstia de Chagas no material de necropsias durante as décadas de 50 e 60 em Ribeirão Preto, indicara desde o início uma flagrante discrepância em relação às estatísticas de outras cidades da América Latina. A investigação de Mortalidade Interamericana, patrocinada pela OPAS em 1962, ressaltou a surpreendente frequência da moléstia na região de Ribeirão Preto. Em indivíduos falecidos na faixa etária de 15-34 anos a frequência foi de 24,1%, na faixa de 35-54 anos foi de 22,4%, caindo para 6,4% na faixa de 55-74 anos. O fato, chocante, motivou a inclusão de Ribeirão Preto no roteiro dos Consultores de OPAS (Drs. Davies e Fejfar), com o objetivo de observar **in loco** a extensão do problema. Estes Consultores visitaram a América do Sul em 1964 detendo-se na Venezuela de 11 a 17 de novembro, no Chile de 23 a 27 de novembro, e no Brasil de 30 de novembro a 18 de dezembro. Neste país visitaram São Paulo, Ribeirão Preto, Araguaí, Goiânia e Brasília. O relatório destes Consultores sob o título “Chagas” disease in Brasil – A survey of clinical and pathological aspects “ foi publicado pela OPAS em maio de 1965 e apresentado à “IV Reunião do Grupo de Estudo sobre a Doença de Chagas” no mês de junho do mesmo ano em Washington. É interessante conhecer o seu conteúdo, considerando-se que os seus autores discutiram os problemas relativos à tripanossomíase americana em vários centros de estudo da moléstia. Comentá-lo detidamente, foge ao escopo deste texto. Ao nosso ver os seus pontos fundamentais referem-se à:

- 1- Alta prevalência de vetores infectados em algumas áreas da Venezuela e do Chile e em extensas áreas do Brasil.
- 2- Alta prevalência da moléstia de Chagas, avaliada em função da positividade da reação de fixação de complemento de Machado-Guerreiro.
- 3- Alta frequência da positividade da reação de Machado-Guerreiro em pacientes acometidos de megaesôfago. Davies e Fejfar baseiam esta observação, principalmente, nos estudos de Rezende em Goiânia, e nos de Porto & Porto em Araguaí. Concluem, que partindo apenas

dos indícios clínicos e epidemiológicos examinados, não há razões para dúvidas de que megaeosfago é produzido pela moléstia de Chagas;

- 4- Evidência de que ocorre destruição neuronal nos plexos intramurais dos órgãos musculares ocios. Estas observações baseiam-se nos estudos de Köberle e colaboradores em Ribeirão Preto, e nos de Okumura e colaboradores em São Paulo;
- 5- Evidência de que a cardiopatia chagásica é uma forma muito particular de cardiopatia. Davies salienta que jamais teve contacto com lesões cardíacas tão peculiares como as observadas na fase crônica da moléstia de Chagas, particularmente no que se refere à lesão apical dos ventrículos, habitualmente denominada “aneurisma da ponta”, durante os longos anos que exerceu sua atividade de patologista em outras regiões do mundo (África e Estados Unidos).

O peso das pesquisas dirigidas pelo Prof. Köberle sobre a moléstia de Chagas fez reavivar sua importância nosológica para o Brasil em termos nunca antes conseguidos desde a época de Carlos Chagas. Grande parte do processo de valorização e de conscientização concernentes à moléstia deve ser debitada com justiça ao seu trabalho, pois que juntamente com outros dedicados cientistas, entre os quais Pedreira de Freitas, bradou veementemente a extensão do problema. A sua atividade em nosso meio exorbitou dos limites locais e regionais para projetar-se nacional e internacionalmente. Ele chegara ao Brasil em um momento de organização da Patologia em nosso país. Naquela época os patologistas brasileiros começavam a organizar uma associação científica, a Sociedade de Patologistas (SBP), fundada em Curitiba, em 1954. Pode-se afirmar que aí também o trabalho do Prof. Köberle ajudou a fecundar esta fase da nossa Patologia. Os programas dos Congressos nacionais da SBP são um atestado da contribuição da Escola de Ribeirão Preto para o estudo do problema e da importância adquirida pela moléstia de Chagas no campo da Patologia.

O interesse despertado por estas pesquisas é também demonstrável pelas centenas de convites para Palestras que o Prof. Köberle proferiu no Brasil e no Exterior e pelas centenas de publicações do Departamento de Patologia referentes à patogênese da moléstia de Chagas. O Prof. Köberle dirigiu o Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto até Janeiro de 1976, quando se aposentou. Nesse período ele criou uma Escola com atividades sedimentadas nas áreas do Ensino, da Pesquisa e da Assistência à Comunidade. Após a sua aposentadoria manteve constante contacto com pesquisadores desta Faculdade e ainda passou a prestar serviços ao Instituto de Biologia da UNICAMP.

Köberle ressalva que a moléstia de Chagas, como problema de saúde, está afeita mais à Medicina Preventiva do que à Medicina curativa uma vez que a sua fase crônica é uma neuropatia autonômica, portanto, incurável. Para o patologista, todavia, ele a considerava um extraordinário modelo oferecido pela natureza, para identificar e estudar seqüelas das lesões do sistema nervoso autônomo, sobre cuja patologia os nossos conhecimentos são ainda precários. Sua obra científica ficou inacabada e fará muita falta aos seus seguidores a acuidade de suas observações. Ele deixou-nos como herança todo um programa de trabalho sobre questões objetivas e fundamentais para a abordagem da moléstia de Chagas como problema de saúde. Cito de passagem os aspectos não resolvidos, primeiro, da fase da infecção em que se dá a destruição neuronal e, sem segundo lugar, a avaliação do real papel do fator neurogênico nas manifestações da fase crônica. As aquisições recentes no campo da morfologia do sistema simpático e do sistema parassimpático tornam este campo promissor para o estudo daqueles problemas, cujos resultados, quaisquer que sejam, podem orientar nossas autoridades sanitárias a escolher o caminho mais racional para o trato deste assunto magno em Saúde Pública.

A Patologia e a Medicina brasileiras perdem com a morte de Köberle um dos seus mais fecundos Mestres. Esperamos que a semente por ele plantada no Brasil possa germinar e subsistir.

8- Período de (1968-1970) – Prof. Dr. Livino Virgínio Pinheiro



Amazonense do seringal Santa Clara, à margem esquerda do Juruá, nascido aos doze dias de novembro de 1905, tornou-se cidadão cearense em 1982 por ato da Assembléia Legislativa. Aposentado compulsoriamente da Universidade Federal do Ceará desde 1975, ganhava, então, o reconhecimento formal pelo que realizara em plagas cearenses.

A sua chegada ao Ceará remonta ao ano de 1915, de seca brava, conforme retrata Rachel de Queiroz (O Quinze). Os primeiros estudos, a iniciação no magistério, as lides na imprensa como repórter e revisor, desenvolveram-lhe as faculdades intelectuais e de liderança, a par de uma inquietação fecunda.

Formou-se em Medicina em 1933, no Recife. Aluno, sobressaiu-se. Foi o construtor da Casa do Estudante. Representou a classe acadêmica de Pernambuco e os ideais revolucionários de 30. Participou da luta armada em Recife e nos sertões nordestinos, até a queda do Presidente Washington Luís (fim das primeira República).

Deputado atuante, deixou Recife em 1937, em pleno Estado Novo, acompanhando o gesto de Carlos Cavalcante, seu mentor político, que se afastara do governo com a homologação da “Polaca”, a Constituição do Estado Novo, da qual discordava.

Fixou-se em Fortaleza, como dermatologista. Todavia, exerceu cargos e funções públicas multifárias, atuando como médico-generalista e médico-legista ou como administrador. Participou do grupo de médicos que pugnava pela criação da Escola de Medicina do Ceará, liderado por Jurandir Picanço. Assim, fundada esta em 1948, coube-lhe ir a São Paulo (Serviço do Prof. Cunha Mota) para adestrar-se na USP como Patologista. Desprendido, aceitou o desafio.

Pioneiro, assumiu a Cátedra de Anatomia Patológica, contribuindo de forma decisiva para o reconhecimento pelo MEC da novel Faculdade de Medicina do Ceará.

Além do apoio dos amigos que fizera em São Paulo, com destaque para o Prof. Lacaz de quem se fizera compadre, recebeu ajuda substantiva do Prof. Luigi Bogliolo, que aqui veio proferir palestras e montar o primeiro laboratório de histopatologia. Foi a oportunidade para que os seus primeiros discípulos tivessem acesso sucessivo à Faculdade de Medicina da UFMG, para a formação pós-graduada: Geraldo de Sousa Tomé, Francisco Valdeci de Almeida Ferreira, Eilson Góes de Oliveira, Albino Verçosa de Magalhães, Vera Maria Monteiro e Hugo Gabriele (já falecido).

Foi Diretor da Faculdade que ajudara a criar, o primeiro Decano do Centro de Ciências da Saúde (reforma de 1992/1973) e Diretor do Instituto Médico-legal do Ceará, sempre norteando as suas ações pelo compromisso com o desenvolvimento regional.

Chefiou o Departamento de Patologia e Medicina Legal até 1975, deixando a marca da inquietação científica, o zelo com a Instituição e com o social. Aposentado passou a assessorar o Programa de Ações Básicas de Saúde, pelo qual a UFC ampliava as ações de extensão, na área materno-infantil.

Foi sócio-fundador da Academia Cearense de Medicina e, grande tribuno, também, da Academia Cearense de Retórica.

Simple, nunca foi carreirista, nem fez fortuna; capaz, familiar e íntimo de políticos influentes e de governantes, tais como Castelo Branco, Waldemar Alcântara, Virgílio Távora e Flávio Marcílio (era con-cunhado destes dois último, pela sua segunda esposa, Cristina de Moraes Correia Pinheiro) sempre trabalhou em prol da Instituição que ajudara a fazer e do Estado que o acolhera. Destarte, passou a colaborar, também, na Imprensa Oficial do Ceará, como um dos seus diretores, por convite do então governador Waldemar Alcântara. Afastou-se

por doença aos 87 anos, não sem antes ter recebido o reconhecimento dos funcionários, que lhe escreveram e editaram a biografia. O título, *Perfil de um Mestre*, espelha a riqueza de sua vida e sua capacidade de aglomerar pessoas e ideais.

Justa, foi a homenagem que lhe prestou a Sociedade Brasileira de Patologia em 1997 (no XXI Congresso Brasileiro), como um dos seus fundadores e seu Presidente (1969/1970). Quase inválido, porém lúcido, a recebeu em casa pelas mãos de Albino Verçosa e Francisco Valdeci, que o haviam representado em Brasília.

Falecido em 13 de setembro de 1998, prestes a completar os 93 anos colhe, mais uma vez, o merecido pleito de gratidão dos seus discípulos e da SBP, que retoma e imortaliza a sua imensa figura de líder entre tantos outros que construíram a história da Patologia no Brasil.

9- Período de (1970-1972) – Prof. Dr. Paulo Dacorso Filho



“ Quando plantares para um ano, semeia o grão “

“ Quando plantares para uma década, planta uma árvore “

“ Quando plantares para a vida, educa a homem “

Dacorso plantou para a vida. Foi enquanto viveu, um educador de homens. No mais amplo e profundo sentido, o veterinário Paulo Dacorso Filho, o médico Paulo Dacorso filho, o patologista, o catedrático, o magnífico reitor, o conselheiro, o cientista, o presidente, o amigo, Paulo Dacorso Filho foi sempre e antes de tudo um grande mestre.

Exerceu sua cátedra de Anatomia Patológica na Escola Nacional de Veterinária da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro onde se aposentou como reitor.

Dacorso foi aluno brilhante. Formou-se em veterinária, em 1934 tendo obtido o primeiro lugar em todas as séries do curso o que lhe valeu um prêmio de viagem. Em 1945, concorrendo com cerca de quinhentos candidatos, obteve o primeiro lugar no exame de admissão à Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro em cujo curso conseguiu, também, o primeiro lugar em todas as séries. Formou-se em 1952.

Quando formou-se em medicina, Dacorso já havia obtido o grau de “ Master of Science “ em Patologia, conferido pela Universidade de Wisconsin, dos Estados Unidos em 1947.

Na mesma Universidade, foi aprovado nos exames preliminares para a obtenção de título de Doctor of Philosophy que não chegou a conseguir por ter tido que retornar ao Brasil.

Foi excepcionalmente brilhante a carreira de Dacorso simultaneamente nas patologias humana e veterinária, na pesquisa e no ensino, este, sua paixão maior.

No primeiro curso de aperfeiçoamento que fez - o de Biologista-Patologista, do grupo dos cursos de Aperfeiçoamento e Especialização de Ministério da Agricultura conseguiu a nota máxima em todas as provas.

Dacorso deixou mais de 60 trabalhos em que figura como autor e cerca de 15 nos quais prestou sua colaboração especializada.

Ele exerceu inúmeras e importantes atividades didáticas, inclusive fora do Brasil. Foi assistente da cadeira de Patologia Geral, da Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, tendo sido a seu cargo a parte de patologia comparada; realizou palestras em universidades e institutos do Brasil.

10- Período de (1972-1974) – Prof. Dr. Anchises Marques de Faria



Nascido na cidade de Morretes, Paraná, do dia 3 de julho de 1906, filho de Sebastião Gomes de Faria e Maria Theolides Marques de Faria, casado com Anita Branco de Faria, tendo três filhas, casadas.

Terminou o curso primário no Grupo Escolar de Morretes em 1918 e o curso ginasial no Ginásio Paranaense em 1923.

I – Cursos Realizados

Curso de Veterinária na Escola de Veterinária do Exército (1924-1926).

Curso de Medicina, na Faculdade de Medicina do Paraná (1930-1935).

II – Concursos Realizados

Para Professor Catedrático de Anatomia Comparada dos Animais Domésticos na Escola Superior de Veterinária do Paraná (1938).

Para Professor Catedrático de Patologia Geral na Faculdade de Medicina do Paraná (1950).

III – Diplomas e Títulos

Diploma de Veterinário pela Escola de Veterinária do Exército (1926). Diploma de Doutor em Medicina Veterinária pelo Curso e Médicos Veterinários da Escola Agrônômica do Paraná (1931).

Diploma de Médico, pela Faculdade de Medicina do Paraná (1935).

Título de Especialista em Patologia, pela Associação Médica Brasileira e Sociedade Brasileira de Patologistas.

IV – Cargos Exercidos e em Exercício

Ex-professor Catedrático da 12ª Secção, compreendendo a 12ª Cadeira de Parasitologia e Molestias Parasitárias e 17ª Cadeira Patologia, Propedêutica e Clínica Médica, I e II partes do Curso de Médicos Veterinários da Escola Agrônômica do Paraná (1931-1934).

Ex-professor Catedrático de Zootecnia, Exterior e Raças: Zootecnia e Geral e Genética Animal da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná (1935 -1954).

Ex-professor Catedrático de Anatomia Comparada dos Animais Domésticos da Escola Superior de Veterinária do Paraná (1938 -1945).

Ex-Superintendente do Serviço de Defesa Sanitária Animal e do Instituto de Biologia Agrícola e Animal da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Paraná (15/01/1942 a 07/12/1943).

Ex-chefe da Divisão Científica de Parasitologia e Zoologia do Instituto de Biologia Agrícola e Animal da Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio do Paraná (04/03/1942 a 08/12/1943).

Ex-Reitor do Instituto Técnico de Agronomia, Veterinária e Química do Paraná (09/12/1943 a 08/01/1945).

Ex-Diretor do Departamento do Ensino Superior Técnico e Profissional da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Paraná (20/11/1944 a 08/05/1946).

Ex-Diretor da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná (09/01/45 a 30/01/47).

Ex-Diretor do Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas do Paraná (09/05/1946 a 16/10/1946).

Professor Catedrático aposentado, de Anatomia Patológica da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Paraná (1954 -1962).

Ex-Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade do Paraná (21/03/1963 a 18/12/1970).

Professor Catedrático de Patologia Geral, em exercício no cargo de Professor Titular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.

Chefe do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná.

V – Vida Militar

Sentou praça em 20/04/1924 na 1ª Companhia de Estabelecimentos com destino à Escola de Veterinária do Exército, onde tinha sido matriculado em 06/03/1924, no primeiro ano, por despacho do Exmo. Sr. Ministro da Guerra.

Em 01/12/1926 terminou o Curso de Veterinária e em 16/12/1926 por de decreto do Exmo. Sr. Presidente da República foi nomeado 2º Tenente Veterinário do Exército, tendo sido classificado no 13º RI em Ponta Grossa.

Em 12/10/1929 foi transferido para o IV/5º R. C. D. em Curitiba.

Por decreto de 02/10/1934 foi promovido do posto de 1º Tenente Veterinário.

Em 03/01/1935 foi classificado no 5º G. A. Do. em Curitiba.

Em 20/08/1935 foi-lhe concedida a medalha militar de bronze (S-3) pelos serviços prestados.

Em 05/12/1936, foi designado encarregado do Posto de Monta do Canguiry.

Em 14/12/1936 foi esse Posto de Monta transferido para Tindiquera, Município de Araucária.

Em 15/01/1937 passou a direção do Posto de Monta do Tindiquera ao oficial designado para chefiá-lo.

Em 05/01/1939 com transformação do Posto em Coudelaria, passou a exercer o cargo de Sub-Diretor.

Em 16/01/1942 foi posto à disposição da Interventoria Federal do Paraná, para organizar e superintender o Serviço Sanitário Animal, tendo sido agregado ao respectivo quadro, por decreto de 20/03/42.

Por decreto de 25/03/1944 foi promovido ao posto de Capitão Veterinário.

Por decreto de 13/03/1947 reverteu a atividade tendo sido classificado no 3º R. A. M. em Curitiba major.

Em 22/01/1949 foi designado chefe do D. R. M. V. / 5ª R. M.

Por decreto de 06/12/1950 foi-lhe concedida a medalha de prata (S-2) por contar 20 anos de serviço, sem nota desabonadora.

Em 25/07/1951 assumiu a Chefia do S. V. R. / 5ª R. M.

Em 30/08/1951, foi público ter sido transferido para a reserva de 1ª Classe, com os vencimentos e vantagens do art. 290, observado o art. 291 da Lei nº 1316 de 20/01/1951, respeitado o art. 182 § 5º da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (sem remuneração) visto ter sido nomeado para cargo civil de provimento efetivo.

VI – Associações Profissionais

Sócio efetivo da Sociedade Paranaense de Veterinária (1932).

Sócio efetivo da Associação Médica do Paraná (1936).

Sócio efetivo da Associação Médica Brasileira (1954).

Sócio fundador da Sociedade Brasileira de Patologistas (1954) e seu secretário Geral.

Sócio efetivo da International Academy of Pathology (1956).

Sócio da Associação das Escolas Médicas do Brasil (ABEM).

Membro do Conselho Regional de Medicina (Paraná).

Sócio remido da Sociedade Brasileira de Genética.

Sócio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

VII – Participação em Congressos e Conferências

III Congresso Brasileiro de Veterinária Porto Alegre 1945.

IV Congresso Brasileiro de Veterinária Belo Horizonte 1946.

1º Congresso Brasileiro de Patologia, Porto Alegre 1956.

2º Congresso Brasileiro de Patologia, São Paulo 1958.

II Congresso Internacional de Patologia, São Paulo 1958.

3º Congresso Brasileiro de Patologia, Recife 1960.

4º Congresso Brasileiro de Patologia, Belo Horizonte 1962.

5º Congresso Brasileiro de Patologia, Nova Friburgo 1964.

II Reunião da ABEM Poços de Caldas 1965.

IV Conferência de Faculdades Latino-Americanas de Medicina – Poços de Caldas 1965.

III Reunião da ABEM Porto Alegre 1965.

6º Congresso Brasileiro de Patologia Salvador, Bahia 1966.

IV Reunião da ABEM, Salvador – Bahia, 1966.

I Conferência Geral de Educação Médica, Bogotá Colombia 1966.

Congresso de Patologia da Região Centro-Leste, Volta Redonda 1967.

7º Congresso Brasileiro de Patologia, Ribeirão Preto – SP 1968.

V Reunião da ABEM, Niterói -1968.

VI Reunião da ABEM, Brasília -1970.

VII Reunião da ABEM, Curitiba -1971.

Congresso de Patologia da Região Centro-Leste, vitória 1971.

VIII – Viagens de Estudo e Observação

1 – Viagem a Nova York, Washington, Chapel Hill, Gainesville, Miami, Cleveland, Buffalo, Toronto, de julho a setembro de 1965, com bolsa da CAPES para estudar as condições do ensino médico e das instalações das escolas médicas.

2 – Viagem a Montevideo e Buenos Aires, por conta própria, para observação das condições do ensino médico e das instalações das escolas médicas, (Janeiro de 1966).

3 – Viagem a Lima, Bogota, México, Los Angeles, São Francisco, Nova York, com auxílio da Universidade Federal do Paraná, para estudar as condições do ensino médico e das instalações das escolas médicas. (Agosto e Setembro de 1966).

IX – Honrarias

Professor Emérito da Universidade Federal do Paraná, (Faculdade de Veterinária)
30/12/1971.

Presidente honorário da Sociedade Brasileira de Patologistas.

11- Período de (1974-1975) – Prof. Dr. Ageu Magalhães Filho



Nascido em Olinda – PE, em 23.12.1923, filho de Aggeu de Godoy Magalhães (Prof. Anatomia Patológica, Faculdade de Medicina do Recife) e Henriqueta B. Magalhães.

Diplomado em Medicina UFPE, 1947 iniciou carreira universitária sob a direção de seu pai, passando a assistente em 1950. Estagiou no Departamento of Pathology – Washington University – USA, 1953/54.

Defendeu tese para concurso de Prof. Livre-Docente Morfogênese da Fibrose Hepática na Esquistosomose Mansonii – Fibrose de Symmers – 1955.

Chefe do Laboratório de Patologia Experimental do Instituto “Aggeu Magalhães”, fundado pelo Ministério da Saúde em Recife – homenagem a seu pai, falecido em 1950.

Nesse período, desenvolveu vários trabalhos de pesquisa em S. Mansonii –1951-1961.

Curso “post-graduation in immunology”, department of Tropical Medicine – Tulane University, 1962 tendo desenvolvido trabalho experimental (publicado no Am. Jour. Trop. Med. Hyg Vol. 14:(1): 84-89, 1965).

Instalou um laboratório de imunopatologia, anexo ao Departamento de Patologia da UFPE, em 1966. Desenvolvendo numerosos trabalhos em esquistosomose, destacando-se trabalho publicado na Rev. Sociedade Brasileira de Medicina Tropical, (3)2:111-125, 1968 (Prêmio Gerahrd: domagk, 1968).

Monografia: Esquistosomose Mansônica – Aspectos Imunopatológicos UFPE.

Participou do “International Course on Immunopathological research in parasitic diseases organized by W.H.O. – Faculty of Medicine, University of Geneva, Switzerland, 1974.

Diretor do Instituto Aggeu Magalhães (Fiocruz), 1978/87.

Autor do projeto e coordenador do Convênio de cooperação técnica Brasil / Japão, para desenvolver o laboratório de Imunopatologia da UFPE, assinado em maio de 1984 pelo Presidente da República em Tóquio.

Instalou o Instituto Aggeu Magalhães em novo edifício no campus da UFPE, em convênio com a Fiocruz, abrindo espaço para o Laboratório de Imunopatologia.

Autor de vários trabalhos publicados, destacando-se três experimentais no Am. Jour. Trop. Med. Hyg – 8 (5) 527-35 (1950), 10: 356-61 (1961), 21: 558-68 (1972) e mais cinquenta e dois trabalhos publicados em revistas nacionais.

Membro da Sociedade Latino-Americana de Patologia.

Professor titular da Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco.

Professor Emérito da UFPE, 1985.

Membro da Academia Pernambucana de Medicina, 1998.

Atualmente, professor mestrado de Patologia da UFPE, dirige o Laboratório particular de Patologia, à Rua João Asfora, nº 70 no Bairro da Ilha do Leite – CEP 50070-430 - Recife – PE – Tel/Fax: (0xx81) 423-3965.

12- Período de (1975-1977) – Prof. Dr. José Lopes de Faria



O Prof. José Lopes de Faria formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais em 1941, tendo sido assistente voluntário em 1942 e 1943.

Vindo a São Paulo, frequentou voluntariamente o serviço de Anatomia Patológica Escola Paulista de Medicina, ingressando logo após como assistente no Departamento de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

1954 foi particularmente importante para o Prof. Lopes, porque, neste ano, fez estágio no mundialmente conhecido Instituto de Patologia da Universidade de Freiburg, Alemanha, no serviço do Prof. Büchner onde desenvolveu pesquisas relacionadas com o colapso ortostático do coelho. Voltando ao Brasil, o Prof. Büchner, Diretor do Instituto de Patologia de Freiburg, escreve uma carta ao então Diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo em que num dos trechos diz: “O Prof. Lopes demonstrou em suas pesquisas uma sutilíssima capacidade no terreno da morfologia e da patologia experimental”. Em outra carta, endereçada ao Prof. Richter, diz: “o Prof. Lopes é um cientista e um professor de escola superior de primeira (até na ponta dos dedos). Chegou com admirável conhecimento da literatura científica alemã e com grande confiança inicial. Também estou certo de que ele sempre venerará, amará e reconhecerá a Alemanha como sua segunda pátria espiritual.

O talento do Prof. Lopes se manifestou desde os tempos de estudante na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. Publicou no decorrer de sua carreira mais de 80 trabalhos, cerca da metade em revistas estrangeiras. Teve 5 teses e monografias. É autor de 5 livros, destacando-se os “**Tumores de Pele**” em colaboração com o Prof. Aureliano da Fonseca e os dois livros “**Anatomia Patológica Especial**” e “**Anatomia Patológica Geral**”, este último já na 3ª edição. Em seus trabalhos constam pesquisas originais no campo da hanseníase, esquistossomose, aneurisma dissecante, alterações orgânicas no choque e aterosclerose.

Em 1965 iniciou as suas atividades na Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, onde fundou o Departamento de Anatomia Patológica. Chefe de Departamento rigoroso, conseguiu, em pouco tempo, projetar a UNICAMP no cenário da Patologia nacional. Foi também Diretor-Associado da FCM-UNICAMP no período de 1967 a 1969 e Diretor no período de 1972 a 1976. Transmitiu aos seus discípulos conhecimentos básicos e sólidos, sempre embasados na pesquisa aplicada ou experimental. Graças a isto, cada um de seus discípulos, pode se dedicar a uma especialidade de forma segura partindo dos conhecimentos gerais para os particulares.

Como professor é estimado por todos que tiveram o privilégio de serem seus alunos, tendo sido um homenageado crônico dos formandos da FCM-UNICAMP. Aposentou-se compulsoriamente em 1987, mas apesar disso, graças ao espírito dinâmico e sempre voltado ao trabalho, continua ativamente trabalhando, tendo lançado a 3ª edição do livro “**Anatomia Patológica Geral**” e, atualmente, revisando os manuscritos para a 2ª edição do livro “**Anatomia Patológica Especial**”.

O Prof. Lopes é exemplo raro de talento profissional, dedicação ao trabalho e amor ao ensino. Aprender e conviver com ele é um raro privilégio para os seus discípulos e orgulho para a Anatomia Patológica Brasileira.

13- Período de (1977-1979) – Prof. Dr. Humberto Torloni



Graduou-se em Medicina, em 1948, na Escola Paulista de Medicina, e após terminado o curso de dois anos de residência na mesma escola, completou seu treinamento em Anatomia Patológica na Universidade de Washington, St. Louis, Missouri, com os Professores Robert Moore e L. V. Ackerman.

Retornou ao Brasil em 1952 e desde este ano até 1962 ocupou cargos em instituições médicas e hospitais, onde desempenhou as seguintes atividades; ensino pré-e pós-graduado e programas de treinamento em Patologia; planejamento, organização e supervisão de serviços de laboratório em hospitais; publicações e edições de trabalhos de patologia.

Em 1962 iniciou sua carreira internacional, primeiro como médico patologista da Unidade de Câncer da Organização Mundial da Saúde em Genebra e, posteriormente, em 1969, como Chefe dos programas multinacionais de treinamento e pesquisas da Organização Pan-Americana da Saúde, em Washington, D.C.

Como membro da OMS e da OPAS, desempenhou as seguintes atividades: planejamento, organização e coordenação dos estudos realizados em 16 centros internacionais de referência em patologia do câncer. Em 1969, participavam desse programa, trabalhando na padronização de nomenclatura de tumores, cerca de 200 laboratórios de patologia em 40 países; planejamento, organização e coordenação da série de publicações da OMS – “*Classificação histológica internacional de tumores*”. Já foram publicados nove volumes e outros vão sendo publicados anualmente; trabalhos de consultoria e assistência técnica a escolas de medicina, departamentos de patologia, hospitais de câncer e registros de câncer em 27 países; autor e co-autor de 13 livros, 15 trabalhos científicos publicados em revistas médicas; desenvolvimento e utilização de novas tecnologia no campo da educação médica; planejamento e coordenação dos programas de treinamento avançado na OPAS; organização e participação de 31 reuniões científicas internacionais e de 2 seminários; assistência e participação em 104 reuniões científicas, onde apresentou 87 trabalhos.

Em 1974, retornou ao Brasil onde foi Diretor da Divisão Nacional do Câncer, Ministério da Saúde (1974-1980).

Em 1981 ingressou no Instituto Ludwig de Pesquisas sobre o Câncer como Coordenador de Programas (1981-1995).

Atualmente é Diretor do Centro de Pesquisas do Hospital A. C. Camargo, Fundação Antônio Prudente.

14- Período de (1979-1981) – Prof. Dr. Roberto Junqueira de Alvarenga



Nascido em Belo Horizonte, em 30.12.27, filho de Antônio de Mello Alvarenga e Chloris Junqueira de Alvarenga. Médico pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – 1952, pós graduação pela “STATE UNIVERSITY OF NEW YORK”- 1954/1955, Doutor em Anatomia e Fisiologia Patológicas pela Faculdade de Medicina da UFMG – 1957.

Livre-Docente de Patologia – Faculdade de Medicina da UFMG – 1960. Catedrático de Patologia – Faculdade de Medicina da UFMG – 1961, orientador de duas Teses de Doutorado – UFMG, membro de Banca Examinadora em Concursos.

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais – Belo Horizonte

- Mestrado – 1974 e 1975
- Doutorado – 1977 e 1989
- Livre-docência – 1977 e 1978

Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco – Recife

- Livre-docência – 1961 – 1964 – 1977 – 1997

Faculdade de Medicina Universidade Federal de Juiz de Fora – MG

- Livre-docência – 1978

Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

USP – Campinas – Livre-docência – 1995

USP – São Paulo – Mestrado – 1997

Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Paraná – Curitiba

- Professor Titular – 1978

Faculdade de Ciências Médicas de Porto Alegre – RS

- Professor Titular – 1991 e 1995

Membro de Bancas Examinadoras de Concursos promovidos pelas Sociedade Brasileira de Patologia e Sociedade Brasileira de Citopatologia, para obtenção do Título de Especialista em Anatomia Patológica e Citopatologia por diversas vezes.

- Vice-Diretor e Diretor em exercício da Faculdade de Medicina da UFMG – 1969 – 1970.
- Diretor em exercício do Instituto de Ciências Biológicas da UFMG – 1974.
- Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia – 1979 - 1981.
- Presidente da Sociedade Brasileira de Citopatologia – 1978 – 1981.
- Membro da Academia Mineira de Medicina
- Membro da International Academy of Cytology
- Membro da International Academy of Pathology
- Conta 35 anos consecutivos no Conselho Regional de Medicina do Estado de Minas Gerais como Conselheiro sendo Presidente três vezes. Atual Corregedor do CRM.
- Tem vários trabalhos publicados em Revistas Nacionais e Internacionais
- Apresentou mais de 100 trabalhos em Congressos Médicos Nacionais e internacionais
- Representou o Brasil no 1º Encontro Luso-Hispano-Brasileiro de Anatomia Patológica – Lisboa
- Agraciado com a MEDALHA CARLOS CHAGAS pela Universidade Federal de Minas Gerais
- Agraciado com a COMENDA CARLOS CHAGAS pelo Governado de Minas Gerais

15- Período de (1981-1983) – Prof. Dr. Getúlio de Oliveira Sales



O Prof. Getúlio de Oliveira Sales nasceu em Canguaretama, região do litoral sul do Rio Grande do Norte, localizada a cerca de 70 km ao sul de Natal, em 02 de outubro de 1927. Sendo o filho homem mais velho e tendo um irmão e duas irmãs, viu-se privado do afeto do seu pai, que falecera quando tinha menos de três anos de idade. Seu pai possuía um engenho para fabricação de açúcar e aguardente e uma pequena salina. Do segundo matrimônio, sua mãe teve mais três filhos. O seu padrasto, formado em direito, poeta, passou a tomar conta dos negócios da família.

Posteriormente, a família transferiu-se para Natal e o futuro Dr. Getúlio começou a estudar no Colégio Santo Antonio, dos Irmãos Maristas. Aos 14 anos de idade, foi convidado para estudar em Recife, na Casa de Formação dos Irmãos Maristas, em Apipucos, uma espécie de seminário. Lá viveu durante 4 anos. O "seminário" tinha normas muito rígidas, onde ele era obrigado a participar, além das aulas curriculares, das atividades de ensino. A língua oficial era o francês. Assim, logo cedo, começou a aprender outras línguas. Esse período em Apipucos exerceu uma grande influência positiva na sua formação, principalmente no que diz respeito ao aprendizado de disciplina, de organização e de pontualidade. Aos 15 anos, terminou o segundo grau. Nos anos seguintes, estudou Matemática e Física na Faculdade de Filosofia dos Jesuítas, durante a noite, enquanto durante o dia ensinava no curso ginásial de Apipucos. Em fins de 1945, convencendo-se de que aquela não era sua verdadeira vocação, volta para Canguaretama e assume a administração do engenho e de uma pequena salina, sustentos da família, já que seu padrasto, morando entre Recife e Canguaretama, além de não passar o tempo necessário para zelar pelos negócios, nunca fora homem com aptidão administrativa. Assim, tornou-se, ainda cedo, arrimo de família, reerguendo a pequena empresa e permitindo o sustento da família e a educação dos seus irmãos.

Já casado com Ivonete de Oliveira Sales, mudou-se para Recife, aos 21 anos, a fim de retomar os estudos. Por influência do padrasto, estudou Direito na tradicional Faculdade de Direito do Recife, formando-se em 1952. Mas, também não exerceu a nova profissão.

Em 1954, após a leitura de um livro em que se relatava, com detalhes, uma cirurgia, entusiasmou-se com idéia de fazer o curso de medicina. Sua irmã caçula, na época, estava estudando para o vestibular e, freqüentemente, lhe solicitava ajuda nos estudos. Aos poucos, foi sedimentando a idéia e, antes do encerramento da matrícula para o vestibular, resolveu fazer a sua inscrição. Aprovado no vestibular, começou o curso de medicina em 1955.

A princípio, viu-se atraído pela bioquímica, ministrada logo no primeiro ano. Logo em seguida, no segundo ano, o contato com a histologia despertou-lhe mais a curiosidade. Já era monitor de bioquímica, quando foi convidado para a mesma função em histologia. Nos anos seguintes, não houve matéria que lhe despertasse mais a atenção, excetuado o ensino de patologia geral do Prof. Bezerra Coutinho.

A seguir, veio a Cadeira de Anatomia Patológica, na qual se distinguiu. Mas, a essa época, começou a se desinteressar pelo lado da medicina, que de início o atraía: a cirurgia. Já estava voltado para a eletrônica e com a decisão quase tomada de abandonar a medicina, quando ocorreu um fato inédito, que o fez mudar de rumo definitivamente.

Cursava ele o quinto ano de medicina. Em um encontro casual com o chefe da Cadeira de Anatomia Patológica, o Prof. Barros Coelho, numa das principais ruas de Recife, deparou-se com mais um desafio. Convidado pelo Prof. Barros para se sentarem à mesa de um café, começaram a conversar sobre os seus planos após a conclusão do curso. De repente, O Prof. Barros lhe perguntou se ele gostaria de, depois de formado, ir para Natal e assumir a Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Apesar da surpresa inicial, o Dr. Getúlio, que já demonstrara grande interesse pela especialidade, aceitou a proposta e passou a se preparar de forma intensiva, durante os últimos dois anos do seu curso, com apoio do Prof. Barros.

Tendo se formado em 1960, mudou-se definitivamente para Natal, em junho de 1961, assumindo a chefia da Cadeira de Anatomia e Fisiologia Patológicas. Germinava, dessa forma, a semente da anatomia patológica no nosso Estado, responsável pelos atuais frutos, representados por quase todos os patologistas que integram a nossa classe médica estadual.

A dedicação do Prof. Getúlio às atividades do Departamento era tamanha que, mesmo aos sábados, viajava para Recife a fim de checar os casos mais difíceis de patologia cirúrgica da semana. Ministrava todas as aulas de patologia, tendo influenciado de forma contundente a formação de muitos médicos que atuam dentro e até mesmo fora do nosso Estado. Sempre gostou muito de ensinar e Deus lhe deu o dom de transmitir. Tendo recebido muitas homenagens de várias turmas de medicina, foi escolhido paraninfo da turma de 1965.

Na atividade prática da medicina, estimulou a realização de exames de necropsias, de biópsias e de exames de congelação. Instituiu no meio universitário a realização periódica de sessões anátomo-clínicas, discutindo ora casos locais, ora retirados da revista *New England Journal of Medicine*.

Soube escolher os seus auxiliares com o tino e o carisma de quem nasceu para liderar, estimulando aqueles que acreditava iriam vestir a camisa do Departamento e também tendo a sabedoria de testar mais demoradamente aqueles em quem não sentia tanta aptidão para a especialidade.

Organizou o *I Congresso Norte-Nordeste de Patologia*, em 1965, congregando vários patologistas brasileiros, muitos deles nordestinos, entre eles os Profs. Barretto Netto, Barros Coelho, Adonis Carvalho, João Plutarco Rodrigues de Lima, Vital Lira, Valdir Bandeira, Zilton Andrade e Roland Simon. No mesmo ano, viajou em companhia de sua esposa, num fusca, cerca de 28.500 km de ida e volta, para participar de um congresso de patologia em Lima, Peru. Em 1962, já participara do seu primeiro congresso internacional, em Zurich.

Em 1972, teve a oportunidade de trabalhar com vários patologistas americanos, no navio-hospital norte-americano do PROJETO HOPE, que esteve aportado em Natal durante dez meses e do qual recebeu o título de consultor. Após esse período, passou a estimular e participar do intercâmbio com alguns patologistas americanos, tendo trabalhado por alguns meses em Iowa com um dos patologistas americanos que esteve em Natal, Dr. David Holman.

Em 1975, participou da fundação da seccional Rio Grande do Norte da Sociedade Brasileira de Patologistas (atual Sociedade Brasileira de Patologia), tendo sido o seu primeiro presidente.

Em 1979, foi eleito vice-presidente da Sociedade Brasileira de Patologistas, durante o XIII Congresso Brasileiro de Patologia, realizado em Brasília. Em 1981, durante XIV Congresso Brasileiro de Patologia, assume a presidência com a incumbência de realizar o XV Congresso Brasileiro de Patologia, em Natal. O congresso foi um sucesso com grande o número de participantes e contando com a presença de nomes de expressão na patologia brasileira e norte-americana. Coordenou, durante a sua gestão, o estudo para a realização de importantes reformas do estatuto, já aspiradas pelos patologistas desde, o congresso em que tomara posse como presidente, em Belo Horizonte, em 1981. As reformas foram aprovadas e um novo estatuto foi distribuído aos sócios, ainda durante o congresso em Natal.

Foi pioneiro no uso de recursos de computação em um laboratório de anatomia patológica, desenvolvendo programas de arquivos, de emissão de laudos e de gerenciamento geral, a partir do ano de 1982, com o surgimento dos primeiros computadores CP-500. A seguir, durante três anos, foi presidente da Comissão Especial de Informática da UFRN.

Aposentado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como chefe do Departamento, continua à frente da administração do Laboratório Médico de Patologia, entidade privada que fundou em 1967.

16- Período de (1983-1985) – Prof. Dr. José Carlos Prates Campos



JOSÉ CARLOS PRATES CAMPOS nasceu na cidade de Araxá, Minas Gerais, no dia 7 de março de 1929 quando por pouco tempo seu pai, Mário Álvares da Silva Campos, médico, foi Prefeito daquela cidade. Com cerca de um ano de idade Prates mudou-se com a família para Belo Horizonte onde cursou o pré-primário no Jardim da Infância Bueno Brandão e fez o curso primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco e o Curso Ginásial e Colegial no Colégio Marconi. Em 1949 entrou para a Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais onde se diplomou em 1954. Quando cursava o quarto ano da Faculdade foi levado pelo Dr. Júlio de Abreu Junqueira, com quem trabalhava no setor de parasitologia do laboratório do Hospital São Lucas, para o laboratório de Anatomia Patológica da Santa Casa de Belo Horizonte, sob a direção do Dr. Moacyr de Abreu Junqueira, pioneiro da Patologia Cirúrgica em Minas Gerais e irmão de Júlio.

Naquela época não havia ainda na Faculdade o sistema de Residência. O Dr. Prates frequentou então o laboratório do Dr. Moacyr nos três últimos anos do curso médico, em período parcial durante o ano letivo e em tempo integral nas férias de julho e dezembro, participando ativamente dos exames macro e microscópicos de peças cirúrgicas e biópsias e das autópsias. Terminando o curso médico o Dr. Prates foi apresentado pelo Dr. Moacyr Junqueira ao Diretor do Hospital São José, em Belo Horizonte, onde montou seu primeiro laboratório de Patologia. Em 1955 casou-se com Maria Lúcia Viotti, professora de Inglês do Colégio Estadual e do Colégio Municipal de Belo Horizonte. Desta união nasceram cinco filhos e oito netos.

Em 1958 o Dr. Prates foi convidado para organizar e dirigir o Laboratório de Anatomia Patológica do Hospital Felício Roxo de Belo Horizonte onde permaneceu até 1963, tendo como colega de trabalho o Dr. Hugo Junqueira Silviano Brandão.

Quando foi fundada a Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais o Dr. Moacyr Junqueira exerceu o cargo de professor de Patologia. Naquela Faculdade o Dr. Prates, ainda estudante, foi monitor de Patologia e, depois de formado, lecionou na Cadeira de Histologia. Desde a sua formatura até 1963 – quando se transferiu para Ribeirão Preto como assistente da Cadeira de Patologia da F. M. R. P. da USP, sob a direção do Prof. Fritz Köberle, - o Dr. Prates trabalhou como Patologista do Laboratório de Anatomia Patológica da Secretaria de Saúde do Estado de Minas Gerais que realizava os exames anatomopatológicos dos Postos de Saúde do Estado. O Dr. Prates foi nomeado chefe deste laboratório quando da demissão do Prof. Luigi Bogliolo, até então diretor do Laboratório. O Dr. Prates permaneceu por cinco anos no Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto participando do Ensino da Patologia Cirúrgica e do rodízio nas autópsias. Neste período teve a oportunidade de fazer um estágio no Registro Latino-Americano de Patologia Ósteo-Articular em Buenos Aires, sob a direção do Dr. Fritz Schajowicz. Nesta época o Registro funcionava como Centro de Referência para a Classificação dos Tumores Ósseos da OMS. Esta experiência valeu ao Dr. Prates a responsabilidade no que dizia respeito à Patologia junto ao Departamento de Ortopedia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, onde realizava reuniões clínico-patológicas e ministrava cursos sobre neoplasias ósseas para os residentes. Mesmo depois de Ter deixado a Faculdade o Dr. Prates participou de bancas examinadoras de concursos de mestrado e doutorado no Departamento de Ortopedia da F.M.R.P., da USP.

Em 1969 o Dr. Prates deixou o Departamento de Patologia da F.M.R.P. para assumir a direção do laboratório de Anatomia Patológica do Hospital São Lucas de Ribeirão Preto, recém-fundado por um grupo de docentes e ex-docentes da Faculdade.

Em 1972, junto com outros colegas, fundou o Clube dos Patologistas do Interior do Estado de São Paulo que, em 1975, se tornou a Associação dos Patologistas do Estado de São Paulo (APESP). Esta associação vem realizando, desde daquela época até hoje, sem

interrupção, de seis a sete reuniões anuais para apresentação e discussão de casos de interesse geral além de palestras e seminários de lâminas ministrados por pessoas qualificadas nos diversos assuntos, tendo se transformado em verdadeira escola de educação continuada em Patologia Cirúrgica.

O Dr. Prates acredita que foi graças à sua atuação na APESP onde promoveu a especialidade médica da Patologia Cirúrgica que foi convidado a se candidatar a presidente da Sociedade Brasileira de Patologia, tendo sido eleito em 1981 e tomado posse em 1983 de acordo com os Estatutos vigentes na época. Seu mandato vigorou de 1983 a 1985. Neste período o Dr. Prates percorreu todo o país, junto com o Dr. Antônio Plácido Pereira, tesoureiro da Sociedade, conversando com os colegas sobre os problemas da especialidade e concitando-os a entrarem para a SBP, tendo conseguido ampliar consideravelmente o quadro social da Sociedade que em 1983 contava com cerca de 1000 sócios, o que possibilitou a realização do Congresso Brasileiro de Patologia em 1985 em Ribeirão Preto com recursos próprios. Os recursos oficiais obtidos que chegaram após a realização do Congresso, juntamente com a sobra de Caixa da Sociedade e do Congresso foram repassados para a Tesouraria da Diretoria seguinte.

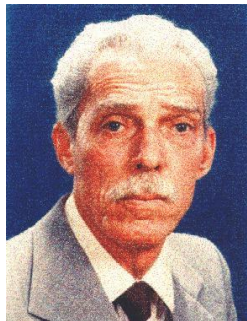
Ainda durante o mandato do Dr. Prates foram realizados dois Congressos Regionais da SBP, o que não ocorria há vários anos. Um realizado em Goiânia sob a presidência do Dr. Maurício B. Leite e outro em São Paulo tendo como presidente o Dr. Jesus Carlos Machado.

Além das atividades médicas exercidas, Dr. Prates teve duas outras atividades secundárias: música e fotografia. De sua mãe Honorina Prates Campos, professora de piano e canto, herdou o gosto pela música, tendo participado do conjunto “Menestrália” de música antiga de Ribeirão Preto com o qual se apresentou em vários recitais em cidades do Estado.

Dedicou-se à fotografia, revelando-as ele mesmo as em preto e branco, num pequeno laboratório fotográfico montado no Hospital São Lucas junto a seu laboratório. Obteve ótimas classificações em concursos fotográficos promovidos por diferentes entidades, incluindo o IV Salão Nacional de Arte fotográfica – Foto Clube de Londrina, em 1975.

Hoje o Dr. Prates continua exercendo a especialidade em seu laboratório particular que divide com seu sócio e colega o Dr. Dayr Kiomizu Kazava e onde foi admitido recentemente outro colega mais jovem, o Dr. Mateus Campos de Siqueira.

17- Período de (1985-1987) – Prof. Dr. Nestor Piva



Nascido em Salvador – BA em 13.06.1930.

Formado em Medicina na Faculdade de Medicina – UFBA em 1954.

Tese de dourado – 1961 “Esquistossomose do Aparelho Genital Feminino”.

Estágio em Histoquímica com o Professor Viali – Universidade de Pavia – Itália, de janeiro a junho de 1961 – Prêmio Pravaz.

Estágio em Patologia – National Institute of Pathology – prof. George Glenner – Bethesda – MD – USA – julho de 1955 a julho de 1956.

Professor adjunto de Patologia – Universidade de Brasília – 1974-1976.

Professor Titular de Patologia – UFS – Aracaju – SE – 1961-1991 (aposentado).

Pro-Reitor de Graduação e Vice-Reitor da UFSergipe.

Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Patologia Oral – UFRN – UFS –UNIT – Aracaju – SE – 1998-1999.

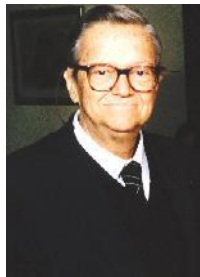
Trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras (Parasitology-USA, Acta Dermato Venereologia Scandinava, Riv. Italiana de Histochemica).

Sócio da SBP, SB Dermatologia, SBMed. Tropical, SB Mastologia, SBCancerologia.

Membro do corpo editorial da Revista Brasileira de Cancerologia.

Participação em Congressos Nacionais e Internacionais da especialidade.

18- Período de (1990-1993) – Prof. Dr. Jesus Carlos Machado



Nascido em Catanduva, aos 19 de novembro de 1929, o Prof. Dr. Jesus Carlos Machado cursou a Escola Paulista de Medicina (hoje Universidade Federal de São Paulo), tendo se formado médico em 1954.

Ainda estudante, atuou como monitor da Cadeira de Anatomia Patológica, junto ao Prof. Amorim. Depois de formado, foi contratado pela própria Escola Paulista de Medicina, como Assistente da Anatomia Patológica, onde permaneceu até 1990, quando se aposentou.

EM 1955, após dois anos prévios de estágio, foi contratado como médico patologista do Hospital do Câncer (Hospital A. C. Camargo – Fundação Antônio Prudente), onde especializou-se em Patologia Oncológica, sob a orientação do Dr. H. Torloni. Foi Superintendente do Centro de Pesquisas Haroldo Levy. Permaneceu nesse Hospital até 1990, como Chefe do Serviço de Anatomia Patológica.

Em 1958, foi Secretário-Tesoureiro do Comitê Organizador do II Congresso da Sociedade Latino Americana de Anatomia Patológica.

Em 1959, ingressou no Instituto Butantan, atuando como Chefe da Seção de Anatomia Patológica e, posteriormente, Diretor da Divisão de Patologia. Foi também Vice-Diretor dessa Instituição. Aí exerceu diversas funções técnico-administrativas relevantes, tendo se aposentado em 1995.

Em 1966, foi designado representante da América latina para participar da Reunião do Centro Internacional de Referência da OMS para a classificação de Linfomas e Leucemias, ocorrida em Paris, em setembro desse mesmo ano.

Em 1969, o Conselho Federal de Educação o aprovou como Professor Titular da Disciplina de Anatomia Patológica e Patologia Geral da Faculdade de Medicina de Catanduva, onde lecionou até 1984.

Reconhecido nacional e internacionalmente como grande estudioso dos Linfomas Malignos, o Prof. Dr. Jesus Carlos Machado foi designado, em 1977, Coordenador da Comissão Nacional de Linfomas Malignos (CNLM), da Divisão Nacional do Câncer, do Ministério da Saúde. Aí atuou em prol da formação e especialização de patologistas brasileiros, realizando Congressos e Tutoriais ministrados por patologistas de renome, trazidos através de intercâmbios científicos, principalmente com a França, Alemanha e Estados Unidos. Em contrapartida, promoveu a ida de brasileiros ao Exterior, para estágios de curta e longa duração criando, através dessas atividades, centros de referência de diagnóstico espalhados pelo Brasil.

Em 1983, foi designado Vice Presidente do International College of Science and Technology, com sede em Paris.

Durante sua vida científica, publicou vários trabalhos de relevância para a Anatomia Patológica.

Seu caráter de idealista, de espírito sempre aberto e grande visão, aliados aos seus princípios sólidos e grande habilidade política, asseguraram o sucesso dessa luta por ele engendrada, valendo-lhe em 1987 a comenda de Chevalier de l'Ordre des Palmes Académiques, outorgada pelo Governo Francês.

Em 1990, realiza seu grande sonho de ajudar a Patologia brasileira, através de sua eleição como Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia.

Empunhando uma bandeira de dedicação e luta, aí trabalhou incansavelmente, ao lado de outros patologistas, para reerguer, reestruturar e firmar em bases sólidas, o funcionamento

dessa Sociedade. Em 1992, inaugurou a sede própria da SBP em São Paulo, recuperando a História da Patologia brasileira até aquela data.

Em 1993, termina seu mandato como Presidente da SBP e, já debilitado fisicamente pela doença que o acometeu, não aceita sua indicação para a reeleição.

Veio a falecer aos 9 de fevereiro de 1996, deixando uma grande lacuna na Patologia brasileira.

19- Períodos de (1993-1995 e 1995-1997) – Prof. Dr. Marcello Fabiano de Franco



Nascido em 6 de junho de 1940, na cidade de São Paulo, graduou-se em Medicina, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), em 1964. Durante a graduação, foi monitor do Departamento de Patologia de FMUSP desde o terceiro ano do curso, tendo realizado Internato em meio período em Patologia. Logo após graduação, foi contratado como Instrutor de Ensino, em RDIDP junto ao Departamento, na época chefiado pelo Prof. Constantino Mignone. Permaneceu no departamento até final de 1967. Durante este período, teve importante influência em sua formação do Prof. Mignone e colegas do departamento, em especial da Dra. Darcy Marchioni, Dr. Kiyoshi Yriya e Dra. Maria Luiza Mercadante Tavares de Lima.

A seguir, transferiu-se para o Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina de Botucatu (FMB), UNESP, no final de 1967, a convite do Prof. Mário Rubens G. Montenegro, chefe da cadeira, onde permaneceu até 1997. Em Botucatu, desenvolveu toda sua carreira universitária até o título de Professor Titular. Fez seu doutoramento no Instituto de Medicina Tropical de São Paulo, em 1974, sob a orientação do Prof. Thales de Brito. Durante este período, foi também treinado em Patologia Renal.

Realizou treinamento em nível de pós-doutoramento no Kennedy Institute of Rheumatology, em Londres, serviço do Prof. Dudley Dumonde, por dois anos (1974-1976), em imunopatologia. Na volta, fez concurso de livre docência, em 1977, e para Professor Titular, em 1984, ambos na FMB-UNESP.

Em Botucatu, foi fundador do Grupo Multidisciplinar de Estudo de Paracoccidioidomicose do Campus de Botucatu, grupo que tem feito numerosas contribuições científicas na área desta importante endemia latino-americana. Como resultado, foi editor chefe do primeiro livro sobre a micose publicado em inglês, ao alcance do mundo científico internacional ("Paracoccidioidomycosis", CRC Press, 1994).

Durante os anos de Botucatu, suas principais linhas de atuação e de pesquisa foram:

- 1) Montagem, junto com os demais docentes, de um departamento de patologia moderno, ágil e com boa estrutura para pesquisar e ministrar cursos adequados de graduação e de pós-graduação, incluindo a Residência em Patologia;
- 2) Integração da Patologia com os demais departamentos, visando colocar a ferramenta "anatomia-patológica" à disposição de toda a pesquisa sendo realizada na Instituição,
- 3) Investigação anátomo-clínica, sorológica e experimental sobre paracoccidioidomicose, nefropatologia e patologia cirúrgica, com ênfase em mecanismos de lesões, patogénia, imunopatologia.

Em 1997, aposentou-se da FCM-UNESP, tendo recebido o título de Professor Emérito da Instituição. Após concurso público, tornou-se Professor Titular do Departamento de Patologia da Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo (EPM/UNIFESP), onde permanece até o momento. Na EPM, é responsável pelo setor de Nefropatologia, área para a qual tem, então, direcionado seus interesses investigativos.

Durante a carreira, publicou mais de 150 trabalhos científicos em revistas nacionais e internacionais, cerca de 13 capítulos em livros e editou 3 livros. Apresentou numerosos trabalhos em congressos científicos e participou frequentemente como conferencista de encontros nacionais e internacionais. Foi o organizador dos dois primeiros Encontros Internacionais sobre Paracoccidioidomicose, em Botucatu e Barra Bonita, estado de São Paulo. Orientou numerosos bolsistas de iniciação científica, estagiários, monitores, e alunos de pós-graduação, em nível de mestrado e doutoramento.

Paralelamente à carreira docente, desenvolveu numerosas atividades associativas, relacionadas com a atividade do patologista no nosso meio e no mundo. Assim foi Vice-Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia e a seguir Presidente por 4 anos. É atualmente Presidente da Divisão Brasileira da International Academy of Pathology (IAP) e Vice-Presidente da IAP para a América Latina.

20- Períodos de (1997-1999 e 1999-2001) – Prof. Dr. Fernando Augusto Soares



Fernando Augusto Soares nasceu em Santos (SP) em 28 de dezembro. Fez toda sua formação escolar e universitária na cidade de Santos, onde cursou a Faculdade de Ciências Médicas de Santos no período de 1975-1980. Durante o curso de Medicina participou ativamente da vida acadêmica, com envolvimento no Diretório e Associação Atlética daquela Faculdade. Teve a oportunidade também de trabalhar como técnico de laboratório clínico, atividade que o influenciou intensamente na escolha da carreira de patologista. O fato de ter feito seu curso médico em uma entidade de ensino privada, sem atividade de pesquisa, foi decisiva no sentido da decisão posterior de se tornar professor Universitário. Terminado o curso médico, se candidatou à residência de patologia, tendo sido aprovado em todas os exames que prestou, optando por realizar a sua formação na Faculdade de Medicina de Botucatu, serviço do prof. Emérito Mário Rubens de Montenegro. Após a sua residência, mudou-se para Ribeirão Preto em 1984, matriculando-se no curso de mestrado sob a orientação do Prof. Titular Dr. José Alberto Mello de Oliveira. Em maio de 1985, foi contratado como Docente em regime de tempo integral à docência e pesquisa naquela Universidade, onde foi professor até dezembro de 1996. Terminou seu mestrado em 1988 com a dissertação *Embolia Pulmonar Neoplásica* e seu doutorado em 1989, com a tese *Estudo da embolia pulmonar e das repercussões cardíacas no carcinossarcoma 256 de Walker*, seguindo então para seu estágio de pós-doutoramento. Em 1991, mudou-se para Hamilton (ON), Canadá, para trabalhar junto ao Prof. William F Orr, dedicando-se a pesquisa da ação dos oxidantes na facilitação das metástases. Este período foi fundamental em sua formação, pois como *Visiting Professor* da McMaster University teve a oportunidade de ver funcionando um sistema diferente de ensino. Além disso, pode participar da rotina de patologia cirúrgica com ênfase a patologia hematológica. Em seu retorno ao Brasil, em 1993, foi indicado como Coordenador e Supervisor do Serviço de Patologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, função que exerceu até sua saída da Universidade em 1996. Neste período teve ainda a oportunidade de reforçar sua formação em hematopatologia com estágios em Edmonton (AB), Canadá, junto ao Cross Cancer Institute, com o Prof. Sibrand Poppema, e junto ao Fred Hutchinson Câncer Research Center, em Seattle (WA), EUA, com os Drs. Howard Shulman, David Page and Robert Hackman. Em 1996, aceitou convite para mudar-se para São Paulo para trabalhar junto ao Departamento de Anatomia Patológica do Centro de Tratamento e Pesquisa Hospital do Câncer A C Camargo. Tornou-se diretor do Departamento em abril de 1997, cargo que ocupa até hoje.

Sua atividade acadêmica incluiu intensa atividade na formação de médicos residentes e pós-graduandos. Orientou mais de 65 médicos residentes de patologia que se encontram exercendo a especialidade em todos os recantos do País, além de colaborar na formação de residentes de hematologia. Teve também mais de 10 alunos de iniciação científica e formou cinco mestres em patologia, e tem, atualmente, sob orientação 10 alunos de mestrado e quatro de doutoramento. Publicou cerca de 75 trabalhos, a maioria deles em revistas de circulação internacional, sendo o tema predominante a disseminação vascular pulmonar em neoplasias malignas. Tem intensa atividade didática, tendo ministrado mais de 130 palestras e seminários de lâminas no país e 15 palestras no exterior. Atualmente participa intensamente do projeto câncer genoma humano.

Como Presidente da Sociedade Brasileira de Patologia, foi eleito em 1997 e reeleito em 1999 por aclamação. Teve a oportunidade de concluir o trabalho dos dirigentes que o antecederam, tendo inaugurado a sede própria da entidade em 7 de maio de 1999. Seu trabalho frente a SBP foi principalmente no sentido da organização administrativa, profissionalizando a atuação da SBP. Manteve intenso programa de educação continuada, com divulgação do conhecimento por praticamente todo o Brasil. Ainda teve como meta a divulgação e o reconhecimento da patologia brasileira no exterior, tendo conseguido para o Brasil a sede do II Congresso Intercontinental de Patologia. Durante sua gestão, o número de associados da

SBP duplicou e por sua atuação junto às associações estaduais deixou a SBP praticamente representada em todos os Estados da nação. Colaborou com o Ministério da Saúde na grande campanha de diagnóstico precoce do câncer do colo do útero em 1998, tendo trazido benefícios diretos ou indiretos para todos os patologistas do país. Finalmente, fundou a biblioteca da SBP, projeto que permitiu acesso às principais revistas de patologia por profissionais de todo país.